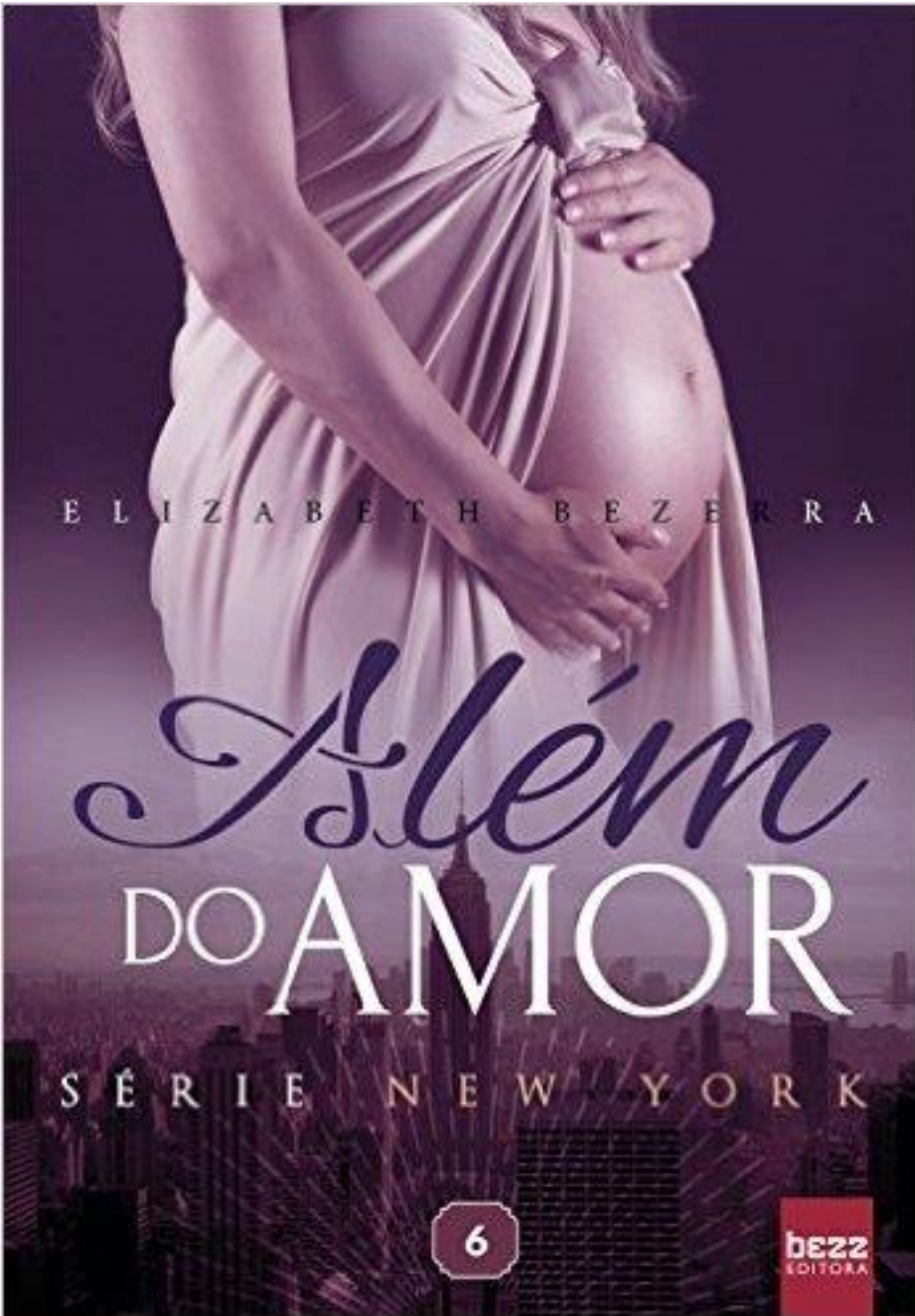




ELIZABETH BEZERRA

Além DO AMOR

SÉRIE NEW YORK

6

bezz
EDITORA



Além Do Amor

Série New York Livro 6

Elizabeth Bezerra

Penelope e Adam se apaixonaram à primeira vista. Viveram uma paixão explosiva e intensa. Mas nem mesmo a força desse amor foi capaz de impedir que mentiras e segredos do passado os atingissem.

Enquanto um fantasma do passado faz de tudo para separá-los, armando uma rede de traições para destruir tudo o que eles têm, Adam lutará até as últimas consequências para recuperar Penelope, mesmo sabendo que suas atitudes podem aniquilar suas chances de tê-la de volta.

Penelope receia entregar seu coração outra vez e se ferir, ainda mais quando algo muito importante está em jogo. Porém, não será fácil resistir a essa paixão que a faz se perder completamente no furacão de emoções que Adam desperta nela.

Uma viagem a trabalho reabrirá novas feridas e será impossível lutar contra o que sentem. Viver esse amor trará como consequência uma notícia que mudará suas vidas para sempre...

Prólogo

Adam

Vários homens caminham pelo apartamento, arrastando os móveis, mexendo na fiação, outros testam as câmeras. Eu acompanho tudo de perto, enquanto Peter supervisiona os demais detalhes. O que estou fazendo representa um risco, mas que estou disposto a correr.

— Tem certeza que quer continuar?

Peter dá voz ao que meu lado coerente insistiu em me dizer o tempo todo, na verdade, ainda diz.

— Ela não vai ficar contente com isso.

Ranjo os dentes. Ele já me perguntou isso umas vinte vezes, só nas últimas duas horas.

— Não importa. Você sabe que é para a segurança dela.

— O que eu sei é que ela também *é minha amiga*. —Peter coloca a mão entre as pernas, enquanto continua murmurando: — Além disso, ainda gosto das minhas bolas no lugar onde estão, então, deixe-me de fora quando tudo sair do controle. Por que eu sei que vai.

— Bundão.

Provoco-o tentando amenizar a tensão. Peter havia sido contra a minha ideia desde o início. Na verdade, foi muito difícil convencê-lo. Mas assim que ele disse que Charlotte havia pedido para que colocasse uma câmera de vigilância na porta de entrada do apartamento, imediatamente eu fui muito mais longe. Quando o assunto é Penelope e sua segurança, eu deixo de ser racional. E também, com ou sem a ajuda dele, eu colocaria em prática a minha decisão.

Ignorando-o, assim como ignoro minha consciência, sigo para o quarto. Os técnicos já haviam encerrado por lá. Verifico os equipamentos e me certifico de que estão funcionando corretamente.

— Sua última chance de voltar atrás.

Peter se escora na porta e me encara, sério.

— Isso é invasão de privacidade, Adam, você sabe disso.

— Como se você nunca tivesse feito isso antes.

Passo por ele e retorno à sala.

— É diferente!

Mesmo de costas, posso senti-lo revirando os olhos.

— Sabe disso.

Olho em torno da sala. Incrivelmente, não há mais nenhum vestígio que outras pessoas estiveram aqui, seus empregados já haviam ido embora, eles eram realmente muito eficientes.

— Merda, Adam! Isso vai dar merda. E das grandes.

— Eu sei.

Sorrio e seguimos até a porta.

— Merda, e das grandes.

Eu só espero ser capaz de limpar o lixo quando a bomba explodir. E que Penelope entenda.

— Tem que entender.

Minhas palavras ecoam no apartamento, antes de eu fechar a porta.

Capítulo 1

Penelope

Definitivamente, as pessoas não morrem de amor. Embora eu, incontáveis vezes, desejasse que sim. Eu já deixei de contar quantas horas, dias, semanas ou meses se passaram, desde que Adam e eu nos separamos. A dor que pulsa em meu peito é constante, imagino-a como um câncer, arrancando de mim todas as partes boas. Mas eu tenho sobrevivido e suportado cada dia.

Comer, dormir, trabalhar, e assim eu sigo para mais um dia

da minha vida insignificante.

— Almoço amanhã à tarde... — o sussurro rente aos meus ouvidos revela quem é meu interlocutor antes de entrarmos no elevador — E não aceito um não como resposta. Abriu um restaurante novo aqui perto, acho que você vai adorar conhecer.

Sorriso, mais por educação do que por vontade. Tenho feito muito isso também; aliás, descobri que sou uma ótima atriz, capaz de camuflar meus reais sentimentos por trás de um sorriso supostamente doce.

— Você sabe que eu não tenho um horário fixo, Max.

Não é exatamente mentira para me esquivar do convite para o almoço, mas é a desculpa perfeita para me poupar de uma hora fingindo que o ouço e acabar com o maxilar dolorido por manter um sorriso falso — O Sr. Durant anda meio preocupado nos últimos dias.

Na verdade, estou sendo gentil. Neil anda insuportável. Um grande projeto foi roubado da empresa há algum tempo, e não temos nenhuma informação de quem possa ter feito isso. Por sorte, era um projeto em iniciação e não houve grandes danos, a não ser uma leve queda na bolsa de valores, algo que meu chefe, com sua mente brilhante, conseguiu reverter.

No momento, a sede da DET anda com um clima carregado. Apesar de todos os esforços de Peter, que está à frente das investigações, não chegaram a nenhuma conclusão de quem

possa ser o espião.

No momento, verificam todas as cópias das fitas da segurança do prédio. Isso tem preocupado muitas pessoas, inclusive eu. Sempre que me lembro que em algum momento verão Adam e eu transado na garagem do prédio, eu sinto calafrios por todo meu corpo.

Se alguém teve dúvidas sobre nosso envolvimento, agora teria certeza. Outra vez, serei o alvo de fofocas e comentários irritantes. Eu não entendo a minha capacidade de fazer da minha vida um drama de novela mexicana.

— Você deveria largar esse trabalho maçante e vir trabalhar comigo — ele sorri, mostrando uma fileira de dentes perfeitos.

Estranhamente, havíamos nos tornado bons amigos. Max ajudou-me a não mergulhar no mar de tristeza e solidão que eu provavelmente teria me afogado. Claro que nas primeiras semanas eu não quis saber de ninguém, até mesmo cogitei a possibilidade de retornar para minha cidade e voltar a viver com os meus pais. Mas nada mudará o que sinto. Há dentro de mim um vazio que ninguém mais será capaz de preencher.

— Bem, se as coisas continuarem do jeito que penso, provavelmente aceitarei sua oferta muito em breve.

Respiro fundo e tento controlar uma nova onda de calafrios arrepiando minha pele, com a mera lembrança daquele dia.

Ah, quando penso na maldita gravação comprometedora. O

que o meu chefe dirá ao se deparar com aquilo? Eu me arrisco a dizer que já posso contar os minutos que ainda tenho na empresa.

Talvez ser despedida até seja algo bom. Eu não terei mais que encontrar com Adam na empresa, embora agora, suas visitas sejam bem menos rotineiras. Também não preciso mais ter que ouvir o som da sua voz aveludada ao telefone quando ele ligar, e nem ficar apreensiva com a ideia de que ele possa aparecer a qualquer momento, desestruturando meu dia.

— Penelope?

Uma parede de músculo tapa minha visão do corredor, assim que as portas se abrem.

Droga. Algo me diz que a pequena embalagem de papel pardo, dobrada ao meio, selará meu destino. Aconteceu bem antes do que eu imaginei. A reação de Neil deve ter sido realmente intempestiva, ao ponto de pedir que o amigo fizesse o papel de vilão ao me demitir.

— Posso falar com você? — indaga Peter, encarando Max com cara de poucos amigos.

A expressão em seu rosto faria qualquer um correr em busca da mãe como um garotinho, e foi exatamente o que Max fez; fugiu.

— Eu já sei o que tem a dizer.

Reúno o pouco que me resta de coragem e tento passar por

ele.

— Só vou arrumar minhas coisas.

— Do que você está falando? — indaga ele ao envolver suas mãos fortes em volta da minha cintura.

Eu sempre gostei do Peter. Ao contrário da sua aparência intimidante, ele sempre foi muito gentil comigo. Não entendo por que, justamente agora, ele queira o papel de torturador.

— É sobre a fita?

Indico o envelope em sua mão e olho para os meus sapatos, evitando encará-lo.

— O quanto você viu dela?

— O suficiente...

Aposto que o suficiente que ele disse foi exatamente tudo.

Merda. Ele não negou. Minha vontade é me enfiar debaixo das cobertas que eu havia deixado desarrumada em minha cama e ficar nela até o meu último dia de vida, e se eu tivesse alguma sorte, ela seria muito breve.

— Acho que isso pertence a você — murmura ele, estendendo o envelope em minha direção. — Não permiti que ninguém mais olhasse.

Quando eu ergo a cabeça, noto que agora é ele que foca o olhar em seus próprios pés. Quem poderia dizer que ele ficaria envergonhado diante de uma cena de sexo?

— Neil... ele... bem... — gaguejo, buscando palavras para a minha pergunta.

— Não, ele não viu.

Seus olhos encontram os meus e vejo um sorriso maroto, que ele tenta controlar em seus lábios.

Ah! Maldito pervertido!

Peter havia assistido Adam e eu fazendo amor, com toda certeza.

— Eu tenho que ir agora — diz ele, ficando sério.

Provavelmente, meu olhar fulminante tenha alertado a ele que uma mulher furiosa é mais perigosa que um homem armado.

— Se eu fosse você, teria cuidado com isso — Peter alerta antes de seguir pelo corredor — Não gostará que caia em mãos erradas.

Obviamente que eu vou destruir essa gravação na primeira oportunidade. O que ele pensa que eu faria? Que eu me jogaria em minha cama para assistir um dos momentos mais incríveis da minha vida?

Não mesmo!

— Penelope?

Pulo em meus saltos, impressionada por não ter me desequilibrado e quebrado a perna. O que há com as pessoas hoje para me assustarem a todo momento?

— Aline.

Guardo rapidamente o envelope em minha bolsa e dou a ela o meu melhor sorriso.

— Neil está procurando por você — murmura ela, sem fôlego — Sugiro que vá preparada, ele parece mais irritado do que de manhã.

Praticamente corro até minha sala, onde jogo a bolsa. Peter havia jurado que ninguém mais havia olhado a fita, mas não quer dizer que ninguém mais tenha assistido antes dele.

— Senhor?

Encontro-o andando de uma ponta a outra da sala. Ele parece perdido em seu próprio mundo, indiferente ao que se passa em volta dele.

— Ligue para o Crighton e peça que venha urgentemente — diz ele, e no mesmo momento, sinto minhas pernas tremerem como gelatinas.

Pior do que saber que Peter, meu chefe, e sei lá quantas pessoas haviam me visto em cenas muito íntimas e constrangedoras com Adam, é ter a presença dele me lembrando o quanto ele é capaz de virar minha cabeça, ao ponto de ser tão descuidada e imprudente. Sem contar o fato de que o ver sempre mexe comigo de uma forma inexplicável. Quem disse que as coisas não poderiam ficar piores?

— Senhor, eu...

— Não importa o que ele esteja fazendo — enfatiza ele, dessa vez olhando para mim. — Quero-o aqui!

— Sim, senhor — murmuro quase inaudível antes de sair.

Meus passos, gestos e movimentos ao seguir para minha sala e pegar o telefone são mecânicos. Eu deveria fugir. Sim, correr para o mais longe que eu conseguisse, mas, como sempre, eu opto pelo caminho mais difícil, que é enfrentar meus problemas de frente.

Tudo bem, eu havia agido de forma maluca, mas não é assim que agem os apaixonados? Resta-me agora reunir o pouco de orgulho que ainda tenho e sair dessa empresa de cabeça erguida.

— Crighton advocacia.

A voz de Veronica me tira desse estado de estupor.

—Olá, Veronica —pigarreio suavemente para diluir o nó em minha garganta — O Sr. Crighton se encontra?

Passei a falar diretamente com ela, sempre que era necessário entrar em contato com Adam. Não nos tornamos amigas, ou sequer um pouco mais íntimas, mas nós nos tratamos com respeito profissional. Sei que no fundo ela me acha patética, afinal, eu fui mais uma das mulheres iludidas que havia preenchido a lista do seu chefe. Provavelmente, ela e a irmã se sentem vingadas por eu ter me tornado apenas mais um número riscado na agenda dele.

— Saiu para o almoço há quinze minutos — murmura ela.

— Preciso que ele venha até a empresa imediatamente...
Quer dizer, o senhor Durant solicita.

Apenas para observar minha humilhação pública, completo mentalmente. Espantosamente, o fato de ter que o rever me abala mais do que os sermões e a carta de demissão que receberei do meu chefe. E, apesar de no momento eu o odiar como nunca odiei ninguém, há uma grande parcela em meu coração masoquista que insiste em querer vê-lo mais uma vez. Quem sabe a última. Sinto um aperto no peito diante dessa possibilidade.

— Entrarei em contato com ele — informa ela.

Murmuro um agradecimento e tento, apenas tento, voltar minha atenção para o trabalho. Eu posso dizer que, no momento, é o que me mantém sã. Mergulhar no trabalho é o que tem me dado forças para levantar da cama, afinal, a vida deve continuar. E a minha não ia parar por causa de um coração partido, por mais que, algumas vezes, principalmente durante as noites frias e solitárias, eu sinta que sim.

Estou em uma briga desleal contra uma gaveta na sala de

arquivos, quando os pelos da minha nuca ficam eriçados e sinto meu corpo inteiro arrepiar. Não que eu precise erguer o olhar para que eu identifique a pessoa em frente a mim. Algumas pessoas têm um magnetismo marcante. Adam, sem dúvida alguma, é assim, ou talvez seja o fato de que ele é mais importante para mim do que qualquer outra pessoa no mundo.

A dúvida entre encontrar seus olhos castanhos e lindos, e a vontade de ignorá-lo no intuito de me proteger, dividem-me ao meio. Mas o coração feminino é masoquista e traidor.

Incrivelmente, a primeira sensação que eu tenho é boa. Aquela felicidade que temos ao ver quem amamos, que é capaz de aquecer nosso coração como um dia ensolarado. São cinco minutos de felicidade, que logo são substituídos pela dura realidade.

Estamos separados.

Enquanto fagulhas de dor criam uma nova camada em meu peito, meus olhos não conseguem observar mais nada além do seu rosto lindo, que não estão focados nos meus como deveriam.

Adam está claramente devorando meus seios através do decote do vestido, que devido à minha posição inclinada contra a gaveta, deixa-os ainda mais expostos.

Malditos homens, *todos eles*. Enquanto minha preocupação é manter meu coração protegido, ele pensa em *sexo!*

Ergo-me apressadamente, ouvindo seu gemido de protesto,

e me sinto tão feliz como uma bruxa malvada, tirando o doce de uma criança. Ele constantemente me dizia o quanto meus seios o fascinavam, então, por um instante, eu tenho o delicioso sabor da vingança escorrendo pelos meus lábios.

— Precisamos conversar — murmura Adam, o som da sua voz causa um leve estremecimento em meu corpo.

Eu já deveria ser imune à sua presença, seu cheiro, seu toque; acima de tudo, meu corpo traidor deveria estar ao meu lado.

— Acho que já dissemos tudo — empurro a gaveta emperrada com força, mas tudo que eu consigo é me desequilibrar, fazendo com que ele venha ao meu socorro.

Quando os dedos escorregam pela pele nua dos meus braços e se fixam em minha cintura, unindo nossos corpos, todo autocontrole que acreditei existir em mim esvai-se como uma nuvem de fumaça.

Eu não deveria reagir dessa maneira ao toque de sua mão em minha pele; seus dedos me acariciando não deveriam causar essa sensação vertiginosa, e meu coração não deveria bater com tanta força como agora. Acima de tudo, eu não deveria desejar que Adam me beijasse como eu desejo. Não deveria desejar sentir nada mais do que raiva, a mesma raiva que me fez afastá-lo de mim.

— Por que se recusa a me ouvir? — indaga ele, frustrado e

com algo mais em seu olhar, que não sei definir muito bem.

Talvez dor? Arrependimento?

— Você pode não querer me ouvir — murmura ele, seu hálito quente acarinhando meu rosto — Mas o seu corpo fala. Ele sempre foi a parte mais comunicativa de você.

Ele tem razão, não importa que minha mente diga que devo afastá-lo de mim, que na verdade deveria mandá-lo ao inferno, meu corpo sempre reagiria de uma forma diferente, contrariando a razão.

Então ele me beija. Como algo pode parecer tão certo e tão errado ao mesmo tempo?

Enquanto sua língua passeia por minha boca, me arrancando suspiros, produzindo arrepios pelo meu corpo, tudo o que penso é como parecemos perfeitos quando estamos juntos.

Adam me encurrala contra as gavetas do armário e pressiona seu corpo no meu. Sua excitação é tão evidente quanto o palpitar entre minhas pernas. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, e o beijo se torna animalesco, carregado de fúria, e um desejo descontrolado que domina nós dois.

Ele agarra minha coxa, enroscando minha perna em sua cintura, enquanto esfrega seu membro em mim, duro como mármore. Sua mão desliza por minha perna, escorrega por minha coxa, e antes que eu possa impedir, ela está dentro da minha calcinha já úmida. E quando seus dedos dedilham, fazendo um

rastro tortuoso até meu clitóris pulsante, sinto minhas pernas cederem.

Eu só poderia estar ficando maluca. Mesmo sabendo que há uma gravação que certamente me dará demissão por justa causa, me encontro aqui, outra vez, derretendo nos braços do homem que provocou todo meu infortúnio. Que maldito poder ele pode ter sobre mim?

Eu poderia continuar navegando por esses pensamentos absurdos, se seus dedos ágeis não estivessem me fodendo de uma forma desnorteante.

— Oh, Deus!

O som agudo escapa da minha garganta, e logo sua boca cobre a minha, abafando os ruídos desconexos que brotam em meus lábios.

Adam me toma de todas as formas. Ele reivindica minha boca, meu corpo, mente, e até mesmo minha alma pertencem a ele. Não há nada que eu possa fazer, além de mergulhar no prazer que ele causa em mim. Eu explodo em um orgasmo que tira de mim todo meu autocontrole, gemendo seu nome em sua boca a cada espasmo de prazer.

Preciso de alguns minutos para recobrar a consciência e voltar a mim. Estou presa entre a realidade e a loucura que acabamos de viver.

— Então, agora irá me ouvir?

Encaro seu rosto lindo, mas com o leve olhar arrogante e vitorioso de quando o conheci. Uma tecla foi ligada em minha mente assim que ele proferiu as malditas palavras.

— Era isso o que você queria? — indago, furiosa.

Sentir raiva dele me dá toda força que eu preciso. Aprendi que sentir raiva é a única forma de mantê-lo distante, para assegurar que meu coração permaneça seguro.

— Fazer sexo comigo, e a estúpida fará tudo o que você quer?

— Sexo?

Adam me encara, raivoso.

— Isso não foi sexo, já que só um de nós dois sentiu prazer.

Mesmo contra minha vontade, meus olhos vagueiam até sua calça e constato o que ele me diz. É impossível não notar seu pênis excitado sob o tecido da calça. Alguém mais está tendo um momento difícil, além de mim.

— Bom, resolva com qualquer outra idiota. — Empurro-o para longe de mim, antes que meu corpo volte a ter vontade própria — Isso não deve ser um problema para você.

— Penelope!

Sinto sua mão em meu braço, impedindo que eu saia da sala e me faça escapar.

— Por que se recusa a me ouvir?

— O que tem a dizer, Adam? — viro-me para ele, pouco me importando em demonstrar toda dor em meu coração, não sou tão dissimulada assim — “Eu quero continuar a te foder, mas só podemos ser amigos?” Eu já sei, só que não estou interessada, mereço mais; eu quero mais do que isso. Eu não falo em casamento, estar juntos verdadeiramente. Desculpe, mas eu não sei e nem quero jogar o seu jogo.

— Não é um jogo, caramba! — suas mãos tentam me aproximar do seu corpo, mas sou resistente — Nunca foi um...

— Eu fui clara aquele dia — murmuro com a voz abalada — Não vou permitir que me magoe outra vez.

Não quero ouvir nada do que ele tem a dizer. Já falamos tudo o que precisamos ao outro. Volto para minha mesa e minha voz soa tensa ao telefone:

— Senhor Durant. O Dr. Crichton está aqui.

Observo Adam passar por mim. Seu olhar furioso em minha direção teria me assustado em outro momento; hoje, me encoraja a permanecer distante.

A hora seguinte passa se arrastando. A cada minuto, eu me pergunto quando será exigida minha presença, algo que não aconteceu ainda.

Quanto tempo precisam para ver e falar sobre a droga da gravação? Foi um momento incrível entre Adam e eu, mas não deve ter demorado mais de meia hora. O que tanto eles precisam

discutir sobre aquele dia?

Assim que concluo esse pensamento, a porta de Neil é aberta e observo os dois saírem. Ambos se encontram com a expressão fechada.

— Você tem que me livrar da minha mulher — ouço Neil dizer ao se aproximarem da minha mesa — Eu farei qualquer coisa por isso.

— Vou me empenhar nisso e recrutar a melhor equipe — murmura Adam em seguida.

Entre confusa e assustada, eu tento acompanhar o que eles dizem.

— Cancele todos os meus compromissos na agenda — Neil ordena a mim — Até amanhã, senhorita Walker.

— Amanhã? — pergunto confusa.

— Tem algo que a impeça de trabalhar amanhã?

Neil parece tão confuso quanto eu.

— Não senhor — Encaro Adam em busca de alguma informação, talvez ele tenha feito algo que impedisse minha demissão, mas ele parece apenas irritado em me ver — Pensei que, ao ver a fita...

Gaguejo e desvio meus olhos dos olhares penetrantes sobre mim. Certo, provavelmente me acham louca.

— Peter falou alguma coisa? — indaga Neil com a voz

ansiosa.

"Eu não mostrei para ninguém." Foi o que ele disse a mim.

— Não senhor — respondo aliviada — Estava apenas sendo curiosa.

— Nesse caso, até amanhã — murmura Neil, voltando ao assunto anterior.

Divórcio.

Assisto os dois saírem e me jogo na cadeira. Em menos de cinco horas, eu obtive cenas nada apropriadas com Adam no estacionamento, tive um orgasmo alucinante na sala de arquivos e descobri que não serei despedida como temi.

Quando a minha vida seria normal?

Essa pergunta martelou em minha cabeça pelo resto do dia. Nem mesmo o banho relaxante quando cheguei em casa conseguiu me desviar desses pensamentos.

Será que perder meu emprego não teria sido a melhor opção? Afinal, hoje eu tive a prova que, por mais que eu tenha armazenado dentro de mim toda raiva e ódio que poderia nutrir por Adam, no fundo, ainda o amo com loucura.

Frustrada e irritada comigo mesma, resolvo me distrair com a TV. Tenho um seriado novo. Definitivamente, *Friends* havia acabado para mim.

Antes mesmo de procurar o box com os filmes, lembro do

CD perdido em minha bolsa. Segundos antes de o destruir, opto por assistir. Deito na cama e espero enquanto as imagens vão surgindo.

Não há sons, nem mesmo as imagens são tão explícitas assim. Adam havia tido o cuidado de me proteger o máximo possível. Mas as imagens daquele dia são tão nítidas em minha cabeça, que pareço revivê-la a cada minuto.

Enquanto observo o casal que se entrega ao momento apaixonado, inconscientemente dou ao meu corpo o prazer que ele necessita, imaginando que, em vez de minhas mãos me tocando, são as de Adam me enlouquecendo como fez há algumas horas.

Não importa se estamos perto ou longe, ele sempre seria o único a me levar do inferno ao paraíso.

Capítulo 2

Adam

New York, 31 de dezembro 2012

21h10

Ajeitei a gravata pela última vez na noite. Olhei para o espelho, tentando reconhecer o homem refletido ali. Era muito diferente do que eu convivi por longos anos. Não havia mais a velha inquietude, a raiva reprimida, nem o peso da culpa empurrando-o para a densa e fria escuridão. O homem que via era mais sereno, tranquilo, e estava feliz. Graças a um anjo de lindos olhos claros, que o havia resgatado do vazio que chamava de vida.

—E aí, preparado?

Atendi a ligação de Liam ainda com o sorriso idiota no rosto.

—Eu poderia dizer que sim, se não temesse que ela me diga não.

Pendurei o terno em um lado dos ombros e saí do quarto.

—Por que ela diria não?

Diferente do habitual, não havia humor na voz de Liam, mas sim preocupação.

—O que você fez dessa vez, Adam?

Analisei todo o meu histórico em fazer burradas; a pergunta dele era completamente pertinente.

—Por que acha que eu fiz algo?

Coloquei o telefone no compartimento para celular do carro, liguei o viva-voz e dei partida.

—Conheço você...

—Eu não fiz nada, Liam, juro. — Apressei-me em responder.
—Penelope teve uma experiência ruim sobre casamento... — Fiz uma pausa para respirar profundamente. — E se o casamento não for uma opção para ela?

—Então mude de ideia. Você prometeu que eu seria o padrinho. Sabe como fico quando não cumprem as promessas.

—Liam?

Definitivamente, ele era o cara mais babaca do mundo, e eu o amava demais.

—O quê?

—Cresça!

Encerrei a ligação com sua risada repercutindo no carro. Se Peter Pan não fosse um personagem tão antigo, juraria que foi inspirado em Liam. Rindo da comparação absurda, voltei a me concentrar na estrada. Estou a caminho do salão de festas alugado para a festa da DET, oferecida por Neil. Meus pais também seguiriam para lá. Pedi que estivessem presentes, para quando fizesse o pedido a Penelope.

Não podia negar, estava nervoso, ansioso e com muito medo.

Eu, o cara que sempre se achou o mais poderoso de todos, estava com medo de uma rejeição.

Provavelmente, casamento é o desejo de 99% das mulheres, mas não quer dizer que ela deseja o mesmo. Afinal, Penelope é linda, inteligente e possui um excelente emprego, ou seja, totalmente independente, e somado a isso, havia a sua experiência amarga sobre a cerimônia.

O que eu faria se a resposta ao pedido fosse não?

Balancei a cabeça para afastar esses pensamentos ridículos, não era o momento para agir como um bebê chorão. Se tinha certeza de algo, é o quanto ela me ama. Não importava qual seria a sua resposta essa noite, pertencemos um ao outro, e isso é tudo o que realmente importa.

Já estava mais tranquilo, quando o som de mensagem interrompe meus pensamentos. Sorri ao deduzir que fosse Penelope, provavelmente inquieta com minha demora. Marcamos de nos ver na festa. Esse é o primeiro evento grandioso organizado por ela, e estive uma pilha de nervos nas últimas semanas. Por mais que eu tenha dado apoio e garantido que tudo daria certo, ela insistiu em acompanhar cada detalhe de perto, até o último segundo.

Assim que passei o sinal, reduzi a velocidade para verificar a mensagem.

Petrificado, desviei o olhar da foto, segundos antes de perder

o controle da direção...

New York, 2013

Estou furioso. Um pouco mais do que isso. Eu tenho uma incontrolável vontade de esganar essa mulher!

— O Dr. Crighton está aqui.

Ouçó-a dizer ao telefone que a comunica com a sala do Neil.

— Sim, senhor.

O sorriso ensaiado estampado em seu rosto se desfaz quando ela enfrenta o meu olhar firme.

— O senhor... o senhor pode entrar agora.

Ela volta a focar seus olhos na tela do computador e faz o que se tornou sua grande meta em sua vida: me ignorar. Sim, o desprezo é o melhor copo de veneno do mundo, além de irritante.

— Ainda precisamos conversar. Não terminamos ainda.

Alerto-a antes de passar por sua mesa.

— Não é possível terminar o que nunca começou.

Ouçõ sua voz ácida às minhas costas. Viro por um momento, disposto a mostrar o quanto ela está enganada. Posso dizer que minha fúria apenas aumentou. Odeio quando ela usa frases que eu disse no passado, com o intuito de me atingir.

Vejo-a pegar uma pasta e bater a gaveta com uma força admirável. Assisto-a caminhar altivamente em direção à sala de arquivos, seu esconderijo sempre que venho aqui. Como também estou fora de mim, opto por seguir para a sala de Neil e tentar me acalmar um pouco. Sei que se insistir em confrontá-la, provavelmente só farei ou direi algo que nos afastará ainda mais. E sou eu que estou em dívida com ela.

Preciso manter isso em minha mente o tempo todo.

Ligo o meu automático e respondo evasivamente os questionamentos de Neil sobre os avanços das investigações que estão acontecendo na empresa.

Quando ele pergunta sobre as câmeras de segurança, eu fico desconfortável.

— Estamos revendo as gravações dos últimos cinco meses, mas não encontramos nada ainda que prove quem possa ter roubado o projeto de sua empresa.

Na verdade, minha preocupação é muito maior do que essa. Pedi que Peter analisasse as imagens bem antes disso, e que ele apagasse qualquer coisa que pudesse constranger Penelope

diante de Neil e dos outros funcionários.

Até o momento, eu não obtive nenhuma resposta dele sobre aquele dia.

— Adam, preciso de ajuda em outra coisa.

— Claro! O que é?

— Eu vou me divorciar da Sophia.

Eu não poderia ficar mais pasmo e, ao mesmo tempo, contente por ele finalmente ter tomado essa decisão. Sempre esperei pelo momento que um dia ele se livrasse daquela megera, mas, devo confessar, com o passar dos anos, achei que isso jamais iria acontecer. Sophia é uma mulher fria e manipuladora. Ela sabe que o ponto fraco de Neil é Anne. E sabe muito bem como usar a menina para alcançar seus objetivos inescrupulosos.

— Por essa eu não esperava... Nós precisamos comemorar, então.

— Não vai ser tão fácil assim. Sophia não me dará o divórcio.

— Cadela!

Sinto vontade de esganar a maldita mulher com minhas próprias mãos.

Ele me conta tudo; as ameaças que sua mulher havia feito e seu medo de perder a guarda de Anne.

Não posso negar que há essa possibilidade, mas Sophia leva

uma vida desregrada, que coloca não só a própria segurança em risco, como ameaçaria a da menina. Nenhum juiz com um pouco de coerência permitiria que uma criança inocente fosse entregue às mãos de uma louca.

Enquanto tento acalmá-lo, eu explico a ele rapidamente todas as chances que temos para vencer ou perder essa guerra.

Por fim, decidimos comemorar sua decisão em um novo restaurante que há na cidade. Pertence a uma amiga, e soube que há uma nova cantora que vem recebendo grandes elogios dos frequentadores, devido à sua performance no palco.

Quem sabe um pouco de música e a excelente comida sejam a distração que eu preciso. Hoje estou inclinado a ignorar os vídeos das câmeras de segurança e fazer o que desejo todos as noites. Invadir o apartamento de Penelope e...

— Então, vamos?

Neil arranca-me dos meus pensamentos absurdos.

— Sim.

Ele passa as últimas orientações para Penelope, enquanto eu a encaro atentamente. Nunca me canso de observar como é linda e como é capaz de mexer comigo como nenhuma outra já fez. O cabelo está preso num coque comportado, mas alguns fios caem soltos, tocando seu pescoço. Isso me faz desejar afastar os fios suaves com meus lábios, deslizar minha língua em seu pescoço delgado e cravar os meus dentes nele.

Desço meus olhos um pouco mais e fixo meu olhar no decote da camisa de seda rendada. Quando ela se inclina para falar com Neil, eu tenho uma visão ainda mais privilegiada dos seios fartos. Lembro de quantas vezes eles já estiveram em minha boca, e isso me faz soltar um gemido.

Ambos me encaram por um breve momento, mas rapidamente finjo mexer em meu telefone. Ouço-a falar sobre a fita, e quando volto a encará-la, noto como seu corpo tensiona.

Quero poder dizer a ela que ficará tudo bem, que eu já havia cuidado de tudo, que sempre estaria aqui para protegê-la, mesmo ela não entendendo isso. Mas eu não posso, não sem levantar suspeitas de Neil. Mais tarde, entrarei em contato com Peter e irei questioná-lo sobre seus avanços, então poderei deixá-la tranquila.

O restaurante está cheio, reconheço algumas pessoas que vão me cumprimentando quando passamos. Somos recepcionados pelo solícito maître que nos conduz até a nossa mesa.

— Sr. Durant — diz ele ao me reconhecer — Sr. Crigton. É um prazer recebê-los.

Ocupamos nossos lugares e eu reinicio a conversa do escritório.

— Sophia está jogando sujo, não é?

A última notícia que soube dela foi através de uma foto estampada na capa de um jornal local, relatando como o amor da família havia feito com que se livrasse das drogas, e como está empenhada em voltar a ter um lar feliz com a filha e marido. Se eu não a conhecesse tão bem, ficaria sensibilizado com sua luta para ter a família de volta, mas Sophia é tão ardilosa como uma serpente rastejante.

— Você nem imagina.

Neil solta um suspiro de resignação e folheia a carta de vinho sem realmente prestar atenção. Eu não gostaria de estar na pele dele. Pelo menos, ele ainda não havia encontrado a mulher que o fizesse perder a cabeça, ao ponto que a segurança e felicidade dela estivesse acima de qualquer coisa, mesmo que isso significasse perdê-la, levando-o à mais profunda infelicidade. Ele não sabe como é amar alguém com todas as forças e ter que se manter longe dela.

— Tem saído com alguma mulher ultimamente? Não me leve a mal, mas, se ela jogar a merda no ventilador, pode querer usar isso contra você.

Ele parece pensar, vejo as rugas de preocupação se formarem em sua testa. Algo em sua expressão me incomoda.

Mas antes que eu possa sondar o que está acontecendo, o garçom se aproxima de nós. Neil seleciona quiche Lorraine, salada, e como acompanhamento, uma garrafa de vinho Chapoutie.

— E o Senhor?

O garçom, ao observar o menu fechado em minhas mãos, aguarda pacientemente minha decisão. Na verdade, não tenho apetite, não de comida, minha fome é outra.

— Pode ser o mesmo.

Devolvo o menu a ele, disposto a confrontar Neil em busca de algumas respostas. O fato de somente agora ele desejar se divorciar de Sophia é, no mínimo, curioso.

Ajeito-me em minha cadeira, tentando decifrar seu rosto, em busca da melhor maneira de levantar o assunto. Neil não é o tipo de pessoa que abre seus sentimentos para qualquer um, mesmo eu sendo um dos seus poucos e melhores amigos.

Enquanto ainda penso em uma forma de chegar até ele, a luz diminui, o ambiente passa a ficar mais intimista. Começo a me arrepender de ter insistido para que ficássemos próximo ao palco. Manter uma conversa enquanto o show estiver acontecendo seria praticamente impossível.

O pianista ocupa o seu lugar ao piano, organiza suas partituras, e logo a melodia começa a surgir. Prontamente, o garçom enche minha taça com vinho. Eu aprecio o sabor, ao mesmo tempo em que uma voz melodiosa surge da penumbra no

palco. Ela está cantando sua versão de *One And Only* da Adele.

Quando a iluminação muda e eu consigo enxergar o seu rosto, percebo que é uma jovem bonita, ruiva, e o som da sua voz combina perfeitamente com seus traços delicados. Conforme a música avança, eu tenho a sensação que ela dedica a música a alguém, talvez algum amor perdido. E é impossível que meus pensamentos não sejam dirigidos a outra pessoa.

— Nossa!

A imagem de Penelope sorrindo para mim se materializa à minha frente.

— Ela é realmente linda.

“Me dê mais uma chance...” Diz a música.

Quantas chances a vida pode dar? E quantas chances eu já tinha dispensado?

A jovem emite o último verso, e eu volto à realidade.

— Obrigada — ela agradece em uma voz tímida, após ser ovacionada pela plateia.

Música a música, eu vou montando minha trilha sonora com Penelope. A última canção diz que, quando um amor é forte e verdadeiro, vence qualquer barreira.

Será mesmo assim? No momento, é com isso que minha esperança se alimenta.

Não importa como... Eu a terei de volta.

— Linda apresentação, não é?

Encaro Neil, que parece ainda mais distante do que quando chegamos. Na realidade, seus olhos estão grudados no palco, onde a mulher continua a sua apresentação.

— Sim — ele sussurra.

Intrigado, pergunto sobre o trabalho, até mesmo cito a fita onde Penelope e eu demos nosso próprio show particular. Definitivamente, Neil não prestou atenção em nada do que eu disse. Eu poderia ter dado uma procuração onde ele me passaria toda sua fortuna, que ele sequer notaria. E se não fosse o fato de que ele nunca viu a mulher que parece o manter hipnotizado, arriscaria dizer que seu interesse por ela é mais profundo do que um fã impressionado.

A apresentação acaba, e vejo o gerente conduzindo a mulher pela escada. Enquanto eles passam de mesa em mesa, eu provo a comida que haviam acabado de servir.

— Não está com fome? — pergunto a Neil, ao observar seu prato intocado.

— Perdi.

Ele está emburrado, e eu não tenho a menor ideia do que possa ter contribuído com seu mau-humor. Sigo seu olhar, e noto que ele olha para a mulher acompanhada do gerente. Ele mantém as mãos nas costas dela, como se a estivesse amparando.

Talvez eles sejam um casal, embora eu não veja nada nela

que indique isso. Mas por que isso parece incomodar tanto o Neil? É completamente absurdo o que eu estou pensando, mas o que vejo é que o introspectivo, frio, e até então controlado Durant, está com ciúmes da jovem que se aproxima da nossa mesa.

É impressionante como a desgraça alheia de certa forma nos conforta. Eu posso viver no inferno, mas ele não parece diferente. Poderíamos nos unir e reclamar do nosso infortúnio. Sorrio. A ideia não é nada interessante.

— Linda, não é?

Agora entendo Peter e Liam. O diabinho em meu ombro sente grande prazer em torturá-lo um pouco mais. Há algo acontecendo aqui, meu faro não nega.

Neil bebe outro gole de vinho, querendo me fulminar com os olhos.

— Senhores.

O gerente agora está diante de nós.

— A senhorita Connor e eu queremos agradecer a sua presença essa noite. Esperamos que estejam tendo uma ótima noite.

Ela é cega!

Constato, coberto de surpresa. Talvez tenha sido sua postura altiva e independente que tenha mascarado sua deficiência, mas agora noto claramente.

Neil não está tão chocado quanto eu, na verdade, ele aparenta lidar tranquilamente com a situação.

— Jennifer, os senhores Durant e Crighton são clientes preferenciais.

É claro que ele deve dizer isso a todas as pessoas. Mas o que me intrigou mesmo foi a reação da senhorita Conner com a menção dos nossos nomes. Ela está visivelmente surpresa e incomodada.

— É um prazer conhecê-los, senhores — ela sorri educadamente.

— O prazer é todo nosso.

Obviamente que eu recebi um olhar mortal vindo do meu amigo.

A mensagem que eu vejo brilhando em seus olhos é: *Afastese! Ela é minha.* Como um animal em volta de sua fêmea.

— Obrigada, senhor... — inicia ela.

— Adam — murmuro com um sorriso amplo — Pode me chamar de Adam...

— Não! — esbraveja Neil — Claro que a Srta. Connor não ficará confortável com isso.

Ela confirma o que ele diz e pede ao gerente para que continuem a falar com outras pessoas. Sinto que ela esteja querendo fugir. Já Neil, quer acorrentá-la em nossa mesa.

— Espere! — seguro seu pulso e impeço que ela saia com tanta pressa — Fique com meu cartão. Se precisar de um amigo, um ombro amigo...

— Chega! — ruje Neil, batendo na mesa, totalmente fora de controle.

Eu diria que, nesse momento, ele está bem na linha do seu limite.

A taça em cima da mesa desaba, fazendo o vinho manchar a mesa, e teria feito o mesmo com minha calça, se eu não tivesse levantado a tempo.

— Diabos... — murmuro assombrado — Neil!

O gerente chama o garçom, que se apressa em limpar a mesa. Alguns clientes nos encaram curiosos, enquanto eu tento encaixar todas as peças desse quebra-cabeça.

— Temos que ir! — informa Neil.

Observo-o sair com pressa, como se demônios estivessem em seu encalço. Despeço-me da jovem e corro para segui-lo.

Encontro-o falando com seu motorista ao telefone.

— Neil, o que aconteceu lá dentro?

Ele parece encurralado.

— Se eu não tivesse certeza que não conhece a moça, juraria que teve um ataque de ciúmes.

Ele suspira.

— Você não sabe de nada.

Claro que não, imbecil. O que eu quero é entender. Se há algo além de uma mera atração física entre eles, eu preciso saber, afinal, ele irá enfrentar um difícil processo de divórcio brevemente.

— Quer uma carona para casa? — indaga ele.

— Neil, eu vim de carro, esqueceu? — pergunto impaciente
— Ainda me deve uma explicação.

Somos interrompidos por seu motorista.

— Eu explico depois, Adam.

Depois de ficar algum tempo parado na entrada como um idiota, eu sigo para o meu carro.

Minha primeira ação ao entrar no apartamento, que vem sendo minha residência nos últimos meses, é seguir para a sala de vídeo, onde estão as câmeras de vigilância. Esse passou a ser meu ritual de todos os dias.

Sei que Penelope chegou em casa bem, o segurança responsável por cuidar dela havia dado o alerta minutos antes de eu chegar no restaurante.

Seleciono a câmera em seu quarto. Apesar de ser mais cedo do que ela costuma ir para a cama, encontro-a dormindo. A TV está ligada, mas não há nada passando. Concluo que tenha adormecido vendo alguns dos seus seriados.

Toco o monitor, desenhando seu corpo com as pontas dos meus dedos. É a única forma de carinho que posso proporcionar no momento.

Saio da sala, incomodado com as reações que ela, mesmo à distância, causa em mim.

Tomo um banho frio. Irrequieto, retorno à sala de vídeo. Volto a gravação no ponto em que ela entra em casa. Para mim, de certa forma, é como se eu tivesse estado ali. Nós temos uma rotina, mesmo que ela não saiba.

— Como foi o seu dia?

"Estou cansada." Murmura ela, como se respondesse minha pergunta, antes de jogar sua bolsa no sofá.

Não é sempre que acontece essa afinidade, mas momentos como esse são tão importantes como todos os que já vivemos.

Seguimos assim, falando um com o outro, nessa conexão inexplicável.

Após ela colocar o CD no aparelho, eu faço um close em seu rosto. Gosto de vê-la rir, ou mesmo se emocionar com o que assiste.

Nos primeiros minutos, Penelope parece inquieta. Suas mãos vão até o pescoço e ela demonstra estar incomodada com o que vê.

Curioso, mudo de câmera, essa está direcionada para a TV.

Putá merda!

Os protagonistas na tela somos nós dois, transando na garagem da DET.

Observo o filme retroceder. Retorno para a gravação que me mostra Penelope.

— Porra!

Todo controle em mim se esvai. Ela está dando prazer a si mesma enquanto nos observa no vídeo. Eu não tenho outra escolha, além de fazer o mesmo.

Nós dois, embora em momentos diferentes, separados pela distância, não poderíamos estar mais unidos.

Capítulo 3

Penelope

31 de dezembro de 2012

Há um ano, eu estive nesse mesmo local com minha tia Charlotte. Eu não soube, aquele dia, que minha vida estava prestes a mudar radicalmente.

Hoje, ao invés de uma mera e tímida convidada, estou à frente da organização do evento. Isso me deixa um tanto nervosa.

Todos os anos, o Sr. Durant presenteia seus funcionários com uma grande festa de Ano Novo, e esse ano não pode ser diferente.

Eu sou a responsável para que, mais uma vez, dê tudo certo.

Eu vim acompanhar tudo de perto, desde a decoração, até a comida e bebida que serão servidas mais tarde.

—Acho que aqueles vasos ficarão melhores próximo à entrada — falo a uma das mulheres responsáveis pela decoração.

— Eu estava pensando justamente isso — a morena baixinha sorri para mim — Você leva jeito.

Antes que eu possa responder que passei anos com essa função na igreja, meu celular toca.

Eu já sei quem é antes mesmo de atender.

— Me fale que já terminou e está vindo para casa — ouço sua voz de menino birrento e mal consigo segurar o riso.

— Ainda há algumas coisas que eu preciso fazer — murmuro — Houve um problema com um dos ingredientes do prato principal, e estamos em busca de outro fornecedor.

O suspiro resignado do outro lado da linha me indica que essa não é a resposta que Adam quis receber.

— É só uma festa — resmunga ele — Dê comida e bebida às pessoas e elas ficarão felizes.

— Adam...

Eu não quero dizer que esse é o meu trabalho, e por isso sou minuciosa em cada detalhe. Não é apenas uma festa. É a maior festa da empresa, esperada por todos, e não quero arruiná-la de forma alguma.

— Desculpe — a sinceridade em sua voz é aparente, então deixo passar esse pequeno deslize. — Ficarei esperando você ansiosamente, como um cão dinamarquês à espera de comida.

— Seu bobo — sorrio encantada.

— Sabe que hoje é um dia especial, não é?

— É a véspera do Ano Novo, e faz um ano que nos

conhecemos — interrompo-o.

Há uma pequena pausa, e eu me pergunto se ele ainda está na linha.

— Não apenas isso — seu tom de voz parece tenso — Eu tenho algo importante a fazer.

— O que é? — indago, um pouco alarmada. — Adam?

— Vejo você à noite — diz ele rapidamente, desligando em seguida.

Eu teria retornado a ligação e insistido para que ele me revelasse o que o angustia tanto, se o chefe da cozinha não estivesse à minha frente com um olhar de peixe morto.

Com certeza, é outro problema à vista. Adam e os seus teriam que ficar para depois.

Após tudo resolvido, e já no fim da tarde, eu corro até o salão onde havia marcado hora com o cabeleireiro no dia anterior.

É óbvio que cheguei atrasada, e é mais claro ainda que recebi aquele sermão. Nada que uma carinha de choro e uma voz meiga não pudessem resolver.

— Está mais linda do que já é — Christopher admira sua obra prima em frente ao espelho amplo.

Meus cabelos estão presos acima da cabeça em um coque que parece uma flor, e cachos largos caem às minhas costas. Alguns fios de cabelos emolduram meu rosto. O penteado realmente está muito bonito.

— Os convites que prometi a você — entrego o envelope a ele antes de seguir para a recepção e fechar minha conta — Obrigada, Cris.

Saindo dali, corro até a boutique onde havia deixado o vestido para um ajuste de última hora. Esses dias de tensão me renderam uns quilos a menos, o que deixou Aline mordida de raiva quando citei o assunto.

Assim que entro na casa de Adam, o relógio na parede me alerta da hora. Começo a subir a escada correndo, mas não chego ao menos no terceiro lance.

Mãos fortes e firmes me param no meio do caminho.

O peito largo e os braços agora em minha cintura, fazem com que eu sinta uma leve embriaguez.

— Não tão rápido, querida — as palavras são sussurradas em minha orelha, causando arrepios em todo meu corpo.

— Senti saudade — viro-me para ele e capturo seus lábios para um beijo exigente.

Como sempre, é como se atuassem fogo em nós dois. Suas mãos percorrem meu corpo, e quando chega à minha cabeça, dou um pulo para trás.

Por sorte, estava no início da escada, e Adam me amparou antes de eu cair estatelada no chão.

— Meu cabelo não! — murmuro aflita, com medo que ele bagunce o meu penteado.

— Arg... — seu olhar é muito zangado. — Não terá cabelo se quebrar o pescoço!

— Desculpe — sorrio, voltando à escada — Você tira qualquer capacidade lógica que eu tenho.

Quer ver um homem sair do zangado para feliz, alimente seu ego. Embora na verdade não seja mentira, perto dele, principalmente quando está me beijando, eu perco qualquer chance de raciocínio.

— Quem precisa de lógica? — indaga ele, pegando-me em seus braços enquanto me carrega para o andar de cima.

No quarto, Adam me coloca no chão e volta a me beijar com a mesma fome de antes. Sinto a cama bater em minhas pernas, e logo sou empurrada sobre ela. Uso os cotovelos, evitando que a minha cabeça toque o colchão.

— Não Senhor — cravo meu pé em sua barriga, para impedir que ele avance sobre mim. — Não temos tempo para isso agora. Além disso, já fiz meu cabelo.

— Ainda são sete horas — ronrona ele ao tirar meu sapato e massagear meu pé — Temos muito, muito tempo.

O que eu quero é puxá-lo sobre mim e implorar que me dê todo prazer que ele sabe dar, mas eu não posso.

— Tenho que voltar para o salão e ver se tudo está indo bem.

Minha perna despenca na cama e presencio seu olhar animalesco, quase selvagem. Ao invés de sentir medo, a imagem me parece absurdamente sexy.

— Pensei que iríamos juntos.

— Eu sei que era o plano original — murmuro ao sentar na cama — Mas só ficarei tranquila depois que tudo estiver finalizado, afinal, Neil confiou em mim. Eu prometo recompensar você a noite toda.

Faço um carinho em seu rosto e deposito pequenos beijinhos nele.

— Que tal um banho na sua banheira? — continuo enchendo-o de beijos.

— Está dentro da parte que irá me compensar a noite inteira? — questiona ele, já me conduzindo para o banheiro.

— Digamos que seja um bônus — gemo ao sentir suas mãos em meus seios. — Se não estragar o meu cabelo.

— Mulheres... — sussurra Adam, antes de me beijar — Não é seu cabelo que eu quero estragar, meu amor.

Não foi uma tarefa fácil manter minha cabeça longe de suas mãos depravadas, mas espantosamente eu consegui.

E sim, houve mais do que uma parte minha devastada por ele.

Todo o meu corpo entrou em combustão.

Alguns meses depois

Enquanto Max fala comigo no restaurante durante o jantar, tudo o que eu consigo pensar é em Adam, em nossos últimos momentos felizes juntos. Naquele dia, eu acreditei que nunca mais existiria um dia de infelicidade e sofrimento para mim. É claro que eu sabia que enfrentaríamos barreiras, mas acreditei que nosso amor derrubaria cada uma.

— Por onde andam seus pensamentos?

Desvio o olhar do meu prato quase intocado sobre a mesa e o encaro.

— Perdão... — suspiro fundo — Eu não estou sendo uma boa companhia, poderíamos deixar esse jantar para um outro

dia?

— Ainda pensa nele, não é?

— Maxwell...

— Tudo bem, somos amigos, lembra?

— Eu não sei se quero falar sobre isso.

— Ok. Vamos embora.

Droga. Eu havia encerrado uma noite que poderia ter sido agradável, com um verdadeiro drama.

Não que eu esteja disposta a voltar a ter um relacionamento afetivo com Max, mas sei lá, eu gostaria de um pouco de normalidade.

Eu preciso sair dessa fossa e crise existencial que se tornou minha vida.

— A noite, ou que tivemos dela, foi divertida — Max sorri sem jeito, quando paramos em frente à minha porta.

Ele é bonito. Agora que ele descobriu a Penelope que realmente há em mim, e não aquela garota sem vida que foi sua noiva, temos um relacionamento muito melhor. Mas acho que nunca mais vou conseguir vê-lo além de um amigo. Não há atração e um forte magnetismo entre nós dois. Nunca houve.

Qualquer um pode achar estranho que eu o tenha perdoado. Mas se Maxwell não tivesse me abandonado naquela igreja, eu nunca teria descoberto o amor verdadeiro.

Embora esse amor hoje me cause dor.

—Eu sinto muito...

Ele toca meus lábios, impedindo-me de continuar.

— Nos vemos na segunda.

Guio o meu corpo até o sofá, onde fico por um bom tempo na escuridão.

Não acendi a luz, sinto que se iluminasse o ambiente, pudesse trazer todas as memórias de Adam e eu.

Os minutos se arrastam, e fico cada vez mais aflita.

Decido dar uma volta. As paredes, as lembranças, e todos os sentimentos esmagando meu peito começam a me sufocar.

Ando por alguns minutos, sem rumo certo a seguir. Olho os prédios, as poucas pessoas nas ruas seguindo para os seus lares, e tento manter minha mente vazia.

Quanto tempo será preciso para esquecê-lo? Na verdade, quando doeria menos me lembrar dele?

Talvez muito tempo, se eu continuar vendo-o em todos os lugares.

Droga. Eu havia saído de casa porque estava muito difícil lidar com lembranças tão vívidas. Então, por que em nome de Deus estou vendo-o sair do prédio à minha frente?

— Adam?

Seu olhar surpreso me diz que não é uma miragem. Por que uma alucinação se assustaria comigo?

— Penelope? — ele está realmente muito espantado em me ver — O que faz aqui?

Esse é uma pergunta que eu deveria fazer, afinal, sou eu quem moro a dez minutos daqui.

— Esse é o meu bairro, esqueceu? — indago incomodada. — O que você faz aqui?

Sinto-me idiota em perguntar. Obviamente que deve ter vindo atrás de outra, e fico encolerizada apenas em imaginar.

Enquanto eu sofro pelo desgraçado, ele se diverte com outra.

— Vim visitar um amigo — sua voz sai apressada.

— Amigo? — eu quis evitar, mas meu tom de voz está carregado de ironia. — Não sabia que tinha amigos por esses lados.

Fala sério. Muitas vezes andamos pelo bairro, fomos ao mercado, a algumas lojas, e até mesmo a um restaurante, duas ruas acima. Seria completamente natural que, em algumas dessas ocasiões, Adam tivesse citado esse amigo.

Ele está mentindo descaradamente, e isso só me causa mais ira.

— Er... — ele não me encara — Ele acabou de chegar do

Alaska.

Alaska? Sêrio?

— E qual o nome dele? — investigo.

Vamos ver até onde Adam irá com isso.

— Chandler Ford — murmura ele quase inaudível.

— Como? — questiono, certamente eu havia entendido errado.

— Chandler, ok — murmura ele, nervoso — É um velho amigo da faculdade. Chegou de viagem há alguns dias. Se você quiser, nos subimos e eu a apresento a ele.

Certo, o desgraçado havia passado a bola para mim. É claro que eu não acredito que esse tal Chandler, que por coincidência tem o mesmo nome de um dos personagens do meu seriado favorito, exista. Está mais para uma Rachel curvilínea e de pernas esguias.

E é claro, também, que eu não vou me arriscar a passar pelo constrangimento de que a história dele seja mesmo verdade. Meu orgulho próprio me impede de fazer isso.

— Talvez uma outra hora.

Esse é um daqueles momentos que você não sabe o passo seguinte.

— Eu vou seguir meu caminho — murmuro, sentindo pesar em ter que me afastar dele.

Sinto-me ridícula.

— Para aonde está indo? — ele parece nervoso.

— Para minha casa — suspiro, sem saber ao certo por que estou dando explicações — Só vim dar uma volta.

Já se sentiu de uma forma que não sabe o que fazer com os membros do seu corpo? É como se meus braços e pernas fossem tentáculos saindo do meu corpo e eu não tivesse a mínima ideia do que fazer com eles.

— Noite ruim? — indaga ele, há um leve sorriso estampado em seu rosto.

Um sorriso vitorioso, embora eu não saiba por quê.

— Quente... — murmuro — O apartamento estava muito quente. Bem, eu já vou indo.

— Vou acompanhar você.

Ele se põe ao meu lado. Estamos na rua. Há até mesmo uma brisa fria, mas eu sinto muito calor, apenas em tê-lo rente a mim.

— Por quê? — a pergunta soa ríspida, e eu me contorço.

Não quero que Adam pense que me afeta mais do que deveria.

Puff. A quem estou querendo enganar? Ele me afeta apenas por existir.

— Está tarde — diz ele — Não vou deixar que ande sozinha.

— Quanta consideração — murmuro amarga. — Por que ela não surgiu meses atrás?

Eu tenho vontade de me estapear. Há menos de quinze minutos eu tive uma crise de ciúmes, e agora me comporto como uma mulher desolada.

— Se você me deixasse explicar — murmura ele, rangendo os dentes. — Aquele dia, no hospital, eu...

— Não quero suas explicações, Adam — paro para encará-lo. — Eu esperei um pedido de casamento, como Liam disse que você faria, em vez disso, eu fui informada, não, me foi imposto a ficar longe.

— Eu não tive escolha! — ele se altera — Nunca me deixou explicar. Eu precisei...

— Não importa mais! — minha voz ecoa pela rua vazia — Só quero que me deixe em paz.

Luto contra as lágrimas teimosas querendo rolar pelo meu rosto.

— Eu sobrevivi a você, Adam. Foi difícil, mas eu consegui — dou as costas a ele — Deixe que eu continue viva, colando os pedaços que você deixou para trás.

Enquanto caminho, sinto sua presença às minhas costas. Eu gostaria de tentar entendê-lo, mas baixar a guarda de novo é o mesmo que enfiar uma estaca em meu coração. Eu não sobreviveria a isso.

Nós não poderíamos ser amigos como eu e Max. A diferença é que amo Adam demais. Eu o amarei por toda a vida.

Quando atravesso a porta que dá acesso aos apartamentos, arrisco-me em olhar para trás.

Lembro do dia que o encontrei na chuva com o ramalhete de flores.

Não há uma tempestade essa noite. Estranhamente, há uma linda lua e estrelas no céu. Mas quando eu fecho a porta, privando meus olhos dos dele, eu encontro a tempestade, ela é impiedosa dentro de mim.

Capítulo 4

Adam

01 de janeiro de 2013

Desperto, sentindo-me desorientado. Minha cabeça lateja, e tento entender onde estou. Levo alguns segundos para descobrir que é uma cama de hospital.

Lembro do que aconteceu, das fotos que recebi quando estava seguindo para a festa, e depois de ter perdido o controle do carro.

Penelope!

Tento me levantar, mas a dor na minha perna é lancinante.

— Está quebrada — Liam entra nesse momento, e seu olhar para mim é furioso.

— Penelope? — desejo informações sobre ela. Saber se está bem.

— Ela está lá fora, angustiada por notícias suas — murmura ele antes de arrastar uma cadeira e sentar em frente à minha cama — Foi difícil tirá-la daqui.

Graças a Deus, ela está bem e segura.

Apoio a cabeça no travesseiro, fecho os meus olhos e faço uma breve prece em agradecimento.

— Me diz que não fez isso? — indaga Liam, obrigando-me a abrir os olhos.

— Fiz o quê? — encaro-o, tentando desvendar o que ele diz.

— Que não jogou o carro contra o poste — sibila ele, agora de

pé — Em nome de Deus, me diga que não fez isso, Adam.

— Claro que não! — encaro-o com surpresa — De onde tirou isso? Por que eu faria isso?

— É o que todos estamos tentando entender.

Respiro fundo. Ótimo, minha família acredita agora que eu seja um suicida. Talvez não tivessem superado tão bem o que houve no clube meses antes, como acreditei.

— Foi um acidente, Liam — murmuro.

— Como você vai de um futuro pedido de casamento para uma cama hospitalar? — indaga ele, confuso.

— Lembra das ameaças que eu vinha sofrendo?

Ele me olha sério e volta a sentar-se.

— Celeste — murmura ele — Mas já resolvemos isso.

— Infelizmente, não — digo a ele, acomodando-me melhor na cama — Pegaram meu celular no carro?

— Que importância isso tem agora? — Liam parece confuso.

— Preciso te mostrar uma coisa. É importante.

— Certo, eu vou buscar.

— Antes de ir, me empresta o seu telefone — peço a ele, antes que alcance a porta.

Pego o aparelho e procuro o nome na lista.

— Liam?

Ele para, mantendo a porta entreaberta.

— Não deixe que Penelope entre ainda.

Ele apenas balança a cabeça, visivelmente contrariado.

Eu sei que minha pequena deve estar angustiada por notícias minha, mas eu preciso resolver um assunto importante antes. Saber o quanto daquelas fotos são reais. Se as minhas suspeitas forem verdadeiras, ela corre mais risco do que imaginei.

Porra! Eu não quero voltar por esse caminho.

— Alô? Peter?

Dias atuais

A sensação que eu tenho é que não é apenas uma porta entre nós. Há uma mensagem clara. Eu estou perdendo-a. Ao menos que eu faça algo para mudar isso.

Eu gostaria de ir até ela e revelar de uma vez o que está acontecendo. Sei que a verdade é o único caminho que irá permitir que continuemos juntos. Mas eu não posso. Não aqui, onde sei que estamos sendo vigiados.

Eu quis fazer isso no hospital. Mas Penelope foi irredutível em não me ouvir, estava mais do que magoada. Entendo a decepção em seus olhos.

Agora entendo o motivo de sua fúria. Liam e sua boca grande. Ela esperava um pedido de casamento, e outra vez eu citei o término da nossa relação, quando ela havia sido clara que não passaria por essa dor novamente.

Nos dias seguintes, ela também se recusou a me ouvir. Aproveitei o fato de estar imobilizado, devido à perna quebrada, para dar tempo para que se acalmasse. Até acreditei que a viagem que fiz ao Texas para visitar a família a ajudasse a pensar melhor. Como sempre, eu estive errado.

Inconformado por ter amarras em volta de mim, eu faço a única coisa que me é permitido: vejo-a através das câmeras.

O que é mais uma tortura para mim. Vê-la encolhida em sua cama, sofrendo, mais do que isso, saber que cada lágrima rolando por seu rosto é destinada a mim.

Eu queria fazer o mais honrado e deixar que ela siga com sua vida, como ela tantas vezes me implorou. Até mesmo essa noite, quando um dos seguranças mostrou fotos de Penelope e o maldito do ex-noivo, fizeram-me ter uma reação nobre e não interferir, mas quando recebi a foto seguinte dele entrando no prédio dela, foi o bastante para me desestruturar. O ciúme falou mais alto.

Eu estava disposto a invadir o apartamento e arrancar aquele cretino de lá.

Inicialmente, meu pensamento era de que ela poderia ficar com qualquer outro, menos ele. Não o desgraçado que a fez sofrer, abandonando-a na igreja.

Mas quem eu quero enganar? Qualquer homem, até mesmo Evan, que eu considero um cara bacana, ou qualquer outro desconhecido, me faria ter a mesma reação.

Meu amor não é um amor bonito. Aquele que se doa. Que procura a felicidade dela acima de tudo. Ele é egoísta, porque não aceito ninguém mais em sua vida que não seja eu.

Então, eu sou um grande canalha.

Preciso de ar. Preciso de alguém que me tire desse redemoinho insano.

— Você sempre tem que abrir a porta nu? — murmuro contrariado ao vê-lo sorrir sem o menor pudor — Precisa de doação de roupas?

— Para o que estava fazendo, eu não preciso delas — murmura Peter, dando espaço para eu entrar.

Somente quando invado a sala, noto as duas garotas, também nuas, fazendo carícias uma na outra. Minha presença, em vez de intimidá-las, parece fazer com que se animem ainda mais.

— Achou que eu fosse a moça da pizza de novo?

Indico sua falta de traje ao atender a porta, recordando-o da última vez que o encontrei em uma de suas noites agitadas. Se bem que, dessa vez, ele se superou. Duas mulheres.

A quem quero enganar, Peter é...

Peter é o Peter.

— Pensei que fosse a Ashley — diz ele, dando as costas, indo em direção às garotas.

— Outra? — o motivo do meu espanto, eu não sei. Em outro tempo, ficaria feliz em me juntar a eles. Hoje me parece algo frio.

— Eu não sei dizer não a um pedido tão doce — murmura ele com um sorriso cínico — Junta-se a nós, ou posso terminar o que comecei?

— Vou para sua sala de jogos — declino o convite.

— Certo — murmura ele — Esqueci que agora é alguém de respeito.

As mulheres riem e soltam gritinhos quando ele as beija.

— Queridas, não se entristeçam, tem homem suficiente para vocês.

É a última coisa que ouço antes de bater a porta. Ou ele é muito bom, ou muito arrogante. Arrisco dizer que ele é as duas coisas.

Digo e repito, mal posso ver a hora que ele se apaixonará por alguém e toda essa pose de fodedor descer ladeira abaixo.

Assim que entro, ignoro a mesa de bilhar e me acomodo no sofá em frente à TV. Por que eu havia ficado, em vez de ir embora? É o que me pergunto ao olhar em volta da sala.

Peter é um menino, na realidade. O tipo de cara fortão que só é músculos. Dou uma verificada em seus CD's de games. Todos de guerra, policiais, ou com extrema violência.

Ligo a TV para me distrair com alguma coisa e abafar alguns sons vindo da sala.

Será que as pessoas não podem fazer sexo sem barulho?

Eu posso ter me tornado um novo homem, mas ainda sou um homem. Um homem preso a uma porra de abstinência sexual, prestes a ficar maluco. A única vez que fiquei tanto tempo sem uma foda foi quando conheci a Penelope, e, naquela época, eu não sabia o quanto fazermos amor era bom, o quanto seu corpo me viciaria.

Mesmo que eu fosse até a sala saciar meu corpo com alguma daquelas mulheres, não seria igual. É como um viciado em uma droga potente, nada inferior poderia me saciar. Seria como oferecer um bombom de licor a um alcoólatra.

Como o jogo de baseball não está surgindo o efeito que eu gostaria, mudo de canal. Afinal, baseball é um dos esportes preferidos dela. Isso só me leva a lembranças doloridas. Como os dias que ficamos agarrados no sofá vendo algum jogo.

O canal de desenho passa o maldito desenho da Quadrilha Maluca.

— Droga!

Sintonizo em um noticiário japonês. Pelo menos isso não me lembra a nada, a não ser o quanto Penelope ama comida japonesa, e que frequentemente íamos a um restaurante próximo à sua casa.

Inferno!

Devo estar pagando por todos os meus pecados. Porque, embora eu nunca tenha enganado nenhuma das mulheres com quem saí, sempre fui muito prepotente em relação a elas. Uma até havia me acusado de frio e arrogante. Quando ela me disse que um dia eu me apaixonaria, eu não fiz mais nada além de rir. Aquela maldita só pode ter rogado uma praga ou feito feitiçaria.

Disposto a desferir minha raiva em alguém, envio uma mensagem a Liam.

"Você é um babaca, convite desfeito." Envio a mensagem a ele.

Sei que está de plantão, e não quero interromper caso esteja em alguma cirurgia importante, ele responderá assim que puder.

"O que eu fiz?"

Recebo a pergunta de volta alguns minutos depois.

"Penelope, Ano Novo, casamento. Isso te lembra algo?"

Eu tenho vontade de socar Liam, como não faço há muito tempo.

"Eu explico depois, há uma cirurgia de emergência."

Estou prestes a mandá-lo ao inferno quando recebo outra mensagem.

"Não pode retirar o convite. Já fiz meu discurso."

Eu odeio o Liam, porque eu não consigo odiá-lo.

Desgraçado.

— Então? — Peter surge à minha frente, graças a Deus, agora de robe — Está mais calmo?

Meu olhar responde tudo.

— Como é possível que não tenha encontrado nada ainda, depois de todos esses meses?

— Investiguei todas as pessoas que podem ser suspeitas.

Ninguém se manifestou. Parece que o que querem é os manter separados.

— Diga algo que eu ainda não sei — murmuro com sarcasmo.

— O que eu falo, é que ficar longe faz com que a pessoa se mantenha calada...

— E ficar com Penelope coloca a vida dela em segurança — esfrego meu rosto — Sabe o que aconteceu a última vez.

Fui eu a parar no hospital. E eu não consigo pensar na possibilidade de vê-la ferida ou morta. Prefiro um mundo que ela não esteja comigo, do que um mundo onde ela não exista nele.

— As câmeras de segurança, embora eu ache uma grande merda que ela não saiba, nos dá certa vantagem — diz ele — Mas precisamos que a pessoa aja para que dê um passo em falso. Você só tem feito o que ela quer.

— Eu amo aquela mulher, Peter.

— Nunca duvidei disso — ele me encara — Mas se quer mesmo ficar com ela, precisa agir logo.

Essa constatação atinge o ponto certo em mim. Assumo todos os riscos e posso perdê-la, ou continuo calado e a perco da mesma forma.

O que tem me deixado ensandecido é presenciar seu sofrimento dia a dia.

— Chegou a hora de abrir o jogo — murmuro, esperando que eu tenha tomado a decisão certa — Eu só preciso encontrar uma maneira. Um lugar neutro, onde não gere suspeitas até decidirmos o que fazer. O hospital teria sido oportuno, se eu tivesse tido tempo de explicar.

Não foi a raiva momentânea de Penelope que a fez ficar louca, foi a expressão em meu rosto ao dizer que tínhamos que nos afastar.

Embora eu estivesse disposto a explicar o porquê, que seria apenas por um tempo, a dor em meu olhar por fazer isso dizia outra coisa.

— Vocês podem conversar aqui — sugere Peter.

— Claro, isso não levantaria nenhuma suspeita — sou irônico.

— Não se estiverem apenas em uma festa. Ambos são meus amigos.

Talvez seja uma boa ideia. Se eu conseguir que Penelope me ouça sem levantar suspeitas, irá acabar com toda essa tortura e sofrimento em que vivemos. Poderíamos, em último caso, simular uma separação. Embora ficar tão perto e tão longe seja um tormento da mesma maneira, mas estou disposto a correr os riscos.

— Acha mesmo que isso pode dar certo? — indago, descrente.

— O que perdemos em tentar? — pergunta ele com um sorriso enigmático.

Ele eu não sei, mas eu, a minha vida. Porque é isso que Penelope significa para mim.

O meu tudo.

Capítulo 5

Penelope

01 de janeiro de 2013

Todas as pessoas que eu conheço ou que são importantes na

lista que eu havia recebido do setor de Relações Públicas, estão aqui, exceto ele.

Liam já havia chegado e está com os pais, conversam animadamente na mesa que eu havia reservado para eles.

Katty e as crianças passarão a virada de ano com os pais de Frank, então, a única pessoa que falta nessa bendita festa é o Adam.

Tem quase duas horas que ligo em seu telefone e não obtenho resposta.

Sinto como se eu voltasse no tempo. Há um ano, ele havia me deixado plantada esperando por seu retorno, quando saiu em busca de bebidas.

Certo, as circunstâncias agora são outras. Meu chefe se encontra do outro lado do salão, entretido com uma das suas "amigas". Portanto, não é atrás do socorro dele que Adam está. Então, onde diabos esse homem se meteu?

— Liam, posso falar com você um minuto? — pergunto, colocando um grande sorriso no rosto antes de encarar os pais deles. Não quero preocupá-los desnecessariamente, mas a ausência de Adam está me deixando aflita.

— Claro.

— Adam ainda não chegou? — Lindsay vasculha as minhas costas. — Já passa das onze horas.

— Deve ser o trânsito — sugiro, esperando que eu tenha soado bem mais convincente do que realmente estou — A última vez que falei com ele, estava a caminho.

— Eu só espero que ele não perca a virada do ano — ela sorri e encara o marido com olhar conspiratório — Sinto que acontecerá algo muito especial essa noite.

Se eu não estivesse tão tensa, aprofundaria o assunto, afinal, não é a primeira vez nessa noite que ela diz isso, é como se todos soubessem de algo que desconheço.

— Que tal dançarmos um pouco? — Liam se coloca ao meu lado e me guia até a pista — Você parece um pouco tensa. Relaxa, Charmosa, a festa está incrível.

Por sorte, a música lenta permite que fiquemos bem próximos, assim podemos conversar com mais tranquilidade.

— Eu não quis preocupar os seus pais — minha voz sai um pouco trêmula — Então, se nada aconteceu, onde o Adam está?

Vejo seu olhar ir em direção à entrada, e os meus olhos seguem o mesmo caminho. Nenhuma das pessoas paradas na soleira é quem eu gostaria de ver. Liam ainda não me encara, o que me leva a crer que ele sabe o que está acontecendo.

— Espero que ele esteja planejando algo grandioso — ele sussurra baixinho — Juro que eu vou matá-lo.

Minhas suspeitas de que todos sabem de alguma coisa que eu não sei se confirmam. O que todos escondem de mim?

Inicialmente, imaginei que ele apenas estivesse zangado comigo por ter passado a maior parte do dia trabalhando. Quando eu cheguei em sua casa para me arrumar para a festa, ele estava bem irritado pela mudança de planos, mas tivemos momentos tórridos e apaixonados, que me garantiram, nas horas seguintes, que havia ficado tudo bem.

— Onde ele está, Liam? — pergunto, alarmada — O que está acontecendo?

Noto-o suspirar antes de me olhar nos olhos. Ele parece em dúvida. Suplico com um olhar para que me conte a verdade. Seja qual for.

— Foi exatamente aqui, em uma mesma festa de Ano Novo, que vocês se conheceram, não foi?

Afirmo com a cabeça, minha garganta está ressequida, não sei se pela falta de líquido ou meu estado emocional provoca isso.

— Bem, ele vai me matar — ele suspira — Droga. Você me dá um minuto?

Quando ele me solta, sinto vontade de estrangulá-lo.

— O quê? Como assim? Liam...

Estou parada no meio da pista de dança, claramente furiosa, vendo-o caminhar apressadamente em direção à sacada, exatamente no local em que vi Adam pela primeira vez.

Malditos irmãos Crichton e sua capacidade de arremessar

meu juízo para longe. Eu preciso de respostas, e sei que Liam sabe o que eu preciso.

Encontro-o falando com ele mesmo ou com o telefone, não sei dizer ao certo, mas ele parece tão irritado quanto eu.

— Liam?

Vencido, ou por que não tenha outra opção, ele me encara.

— Inferno! — ruge ele, guardando o telefone em seu bolso — A culpa é toda dele.

— A culpa será sua se eu matar você — gemo de raiva — Pela última vez! O que está acontecendo? Onde Adam está?

— Eu não sei — ele parece sincero, o que só aumenta minha preocupação — Não consigo falar com ele.

O incômodo em meu peito começa a ganhar uma nova proporção.

— Se Adam não mudou de planos, algo aconteceu — murmura ele.

— Planos?

Outra vez, vejo um dilema brilhar em seus olhos. Liam tira algo do bolso do paletó e entrega uma caixinha preta. Minhas mãos estão trêmulas ao recebê-la. Não preciso de muita sabedoria para saber o que isso significa.

— Adam pediu que eu guardasse isso — continua ele com a voz lúgubre — Ele faria o pedido hoje. Eu prometi que guardaria

segredo.

Abro a caixinha. Dentro dela, está o anel mais lindo que já vi. Completamente diferente do anel ostentoso que Max havia me dado quando ficamos noivos, aquele anel era para exibir a importância de sua família à sociedade. O anel em minhas mãos é simples e delicado, apenas duas pedrinhas azuis do lado esquerdo.

“Eu e você. ” É o que está gravado no interior da joia.

— Ele desistiu? — indago com a voz hesitante — É isso? Ele... ele desistiu na última hora?

Fecho a caixinha, devolvendo a ele, enquanto tento lutar com essa dor que começa a ficar esmagadora em meu peito.

— Eu não sei — sussurra Liam, parecendo tão confuso como eu — Não consigo acreditar que seja isso.

— Diga a ele que isso não me importa — asseguro, resistindo às lágrimas que ameaçam cair dos meus olhos a qualquer momento — Não me importa um pedido de casamento. Eu nem mesmo quero um...

— Talvez seja isso que o preocupa — murmura Liam antes de me abraçar. — Olha, eu não deveria ter falado sobre isso. Tem que haver outra resposta...

A música lá dentro é suspensa e, como todos os anos, há uma contagem regressiva barulhenta e animada.

“Três, dois, um...”

Os fogos começam a explodir no ar. Luzes multicoloridas rasgando o céu coberto de estrelas. Como no ano anterior, estou em volta de um abraço protetor carinhoso. Mas esse não é nesses braços que eu gostaria de estar.

Não essa noite.

Dias atuais

Outra vez, eu me encontro remoendo o passado e tentando encontrar alguma coisa lógica que tenha levado Adam e eu ao que temos hoje.

Começo a me perguntar se eu não havia reagido ao fim do nosso já delicado relacionamento, de uma forma intempestiva demais. A única coisa em minha defesa é que o medo da dor, o desespero que me tomou e a angústia que me dominaram, eram intensos demais. Eu queria buscar forças dentro de mim que me mantivesse em pé, nem que toda a energia que eu precisava viesse da raiva. Foi com a ajuda dela que eu consegui virar as costas, sem ouvir mais nada do que ele quisesse me dizer.

Afinal, eu já tinha alertado ao Adam que não permitiria que outra vez ele brincasse com meu coração.

Agora, será que talvez eu deva dar a ele alguma chance de

explicação?

Não! Eu não posso fraquejar. Maldito homem, sempre que ele aparece, perco toda determinação que há em mim.

Nos primeiros meses, apesar de estar destruída por dentro, não o ver tanto ajudou a criar uma couraça em volta de mim. Ele quase não vinha à empresa, e quando aparecia, eu sempre dava um jeito de escapar, nem que precisasse usar como recurso alguma doença.

Hoje, depois do momento conturbado, mas quente, que tivemos na sala de arquivo, só me faz pensar o quanto eu sinto sua falta. Daria adeus ao que eu devo chamar de dignidade, apenas por alguns momentos como aquele. Por um único segundo em que seus lábios tocassem os meus.

Que sua mão deslizasse pelo meu corpo causando a eletricidade que eu conheço tão bem. Fundir nossos corpos, dando prazer ao outro com intensidade e paixão.

Droga! Eu preciso de sexo. Não, eu preciso de sexo com Adam. Preciso do amor que só ele sabe me dar.

Como é angustiante querer alguém que você sabe que não pode ter. A dor é insuportável. Adam e eu não fomos destinados a ficarmos juntos, e preciso fazer com que meu coração entenda isso logo.

— *Senhorita Walker?*

Como fazer um coração idiota deixar que a razão governe a

nossa vida? Eu...

— Penelope?

Saio do transe em que estive mergulhada e encaro meu chefe. Sinto meu rosto queimar. Não é a primeira vez que ele me pega tão dispersa.

— Senhor? — mexo nas pastas em minha mesa. Não para demonstrar eficiência, mas sim porque não sei onde enfiar a cara.

— Quero que providencie algumas coisas para mim — diz ele em uma voz branda.

Vejo que meu cérebro a quilômetros de distância não o afetou como de costume. Ele anda tão estranho ultimamente.

— Algo pessoal... — sussurra Neil, olhando de esgueira para os lados.

É como se ele temesse ser pego fazendo algo de errado. O que é logicamente um absurdo. Não é a primeira vez que me solicita para resolver um assunto "pessoal." Certamente, é encontro com uma das dezenas de suas *amigas*.

Isso também já é algo que não me choca.

— Quero que preparem o meu flat na Durant Plaza.

Eu sabia. Tem mulher envolvida nisso.

— Quero o melhor champanhe, um cardápio digno dos deuses, e muitas rosas...

Minha caneta quase fura o papel quando ele profere a última palavra.

O quê? Rosas?

Houve vestidos, sapatos de grife, joias, mas rosas, nunca. Nem mesmo para a insuportável Mila, irmã do Evan, que ele parece ter um relacionamento mais antigo.

— Rosas? — pergunto para ter certeza.

— Sim, rosas — ele me encara sem jeito — Vocês gostam de rosas, não é?

Meu chefe, controlador e distante, está mesmo perguntando se gostamos de rosas? Como se pedisse conselho a uma amiga?

— Eh... eu gosto — murmuro — Acho que todas gostamos.

Ele respira fundo. Parece aliviado com a minha resposta.

— Vermelhas — ele sorri como um menino — Significa paixão, certo?

Oh, Deus! Ele está mesmo perguntando a simbologia das rosas. Eu não sei quem é a mulher que está mexendo com ele dessa maneira, mas, nesse momento, não consigo sentir nada por ela além de inveja.

Tia Lola ficaria muito feliz em saber que seu menino de ouro talvez esteja abrindo seu coração.

Enquanto ele dita todas as suas exigências, eu me dou conta que sinto grande afeição por ele também. Desejo

sinceramente que seja muito feliz.

Alguém precisa ser feliz. Que seja ele, essa mulher misteriosa e a pequena Anne.

Eu percebi que alguma coisa estava errada no momento em que abri a porta. Eu não havia deixado a luz da cozinha acesa, e há ruídos vindos de um dos quartos. Automaticamente, o medo tomou conta de mim. Flashes do primeiro dia do ano invadem minha cabeça como disparos de câmeras de paparazzi.

Retrocedo, apesar das minhas pernas pesarem uma tonelada. Fecho a porta com cuidado e disparo em direção à rua.

Ajo totalmente levada por instinto, e quando me dou conta, já estou com o telefone.

— Penelope? — o som da sua voz parece tão tenso como eu estou.

— Tem alguém na minha casa — sussurro com medo que alguém me ouça. O que me parece ridículo, já que o invasor continua lá dentro.

— Onde você está? — indaga ele, dessa vez controlado.

— Em frente ao meu prédio — informo, olhando em direção ao meu andar — Não deveria ter ligado, Adam. Eu... eu só não

soube o que fazer. Devo ligar para...

— Fique aí, estou indo — diz ele antes de encerrar a ligação.

O quê? Ele só pode estar brincando. Da casa dele até a minha é um tempo relativamente longo para o homem lá dentro sair e eu virar apenas uma estatística da violência urbana. Eu não vou ficar na rua à espera de ser uma nova vítima.

No entanto, não quero sair daqui e deixá-lo em pânico quando não me visse. Mas também não posso deixar esse maluco enfrentar quem quer que seja que tenha invadido minha residência.

Torno a ligar, mas a mensagem na caixa postal é a única coisa que consegui. Então eu faço o que qualquer pessoa normal faria em uma situação como essa, e o que eu deveria ter feito desde o começo: ligo para a polícia.

A atendente informou que o carro mais próximo levará cerca de quinze minutos para chegar.

Inferno! Um dos infortúnios de se viver em uma metrópole é isso.

Estou encurralada entre o medo e a vontade de sair correndo. Decido esperar no vão entre duas lojinhas a dez metros do prédio. Não que seja seguro ficar ali, mas meu apartamento também não é. Além disso, posso ver o Adam ou a polícia quando chegarem.

Cada minuto passa com uma lentidão assustadora. Eu

estou ciente de cada sentido do meu corpo. Minha audição é capaz de detectar qualquer ruído, principalmente as batidas do meu coração. Meus lábios absorvem o gosto do medo enquanto minha pele hipersensível eriça à leve brisa noturna.

— Adam — sussurro seu nome assim que o vejo passar com um andar acelerado.

— Adam! — coloco mais potência em minha voz para que ele me ouça dessa vez.

Seus olhos me buscam na escuridão e eu saio do meu refúgio para que ele me veja.

— O que faz aqui? — indaga ele antes de me abraçar. — Sozinha.

Sinto o perfume em sua camisa e não consigo evitar que doces lembranças invadam minha mente.

É estranho. Há algumas horas, eu teria dado tudo por esse abraço. *Tenha cuidado com o que você deseja.*

— Eu não pensei em nenhum lugar para ir, e não iria embora antes de você chegar — não tenho porque mascarar minhas emoções agora. — Mas a polícia está chegando.

— Polícia? — ele parece tenso ao me afastar dos seus braços — Droga! Por que chamou a polícia?

Eu queria voltar para os braços dele.

— Porque era o certo a fazer — murmuro aflita, quando ele

segura meu braço e tenta me levar de volta. — E como chegou aqui tão rápido?

— Eu disse que estava a caminho... — responde ele — Estava por perto. Lembra a casa do meu amigo?

Ciúmes é a palavra correta para definir minha reação ao que me disse. É algo completamente irracional quando tenho um maluco vasculhando minha casa, mas mordida de ciúmes é como me eu sinto.

Ele estava a caminho para se encontrar com a outra!

Maldita hora que tive a brilhante ideia de ligar para ele. Eu poderia ter pedido ajuda a Max, por exemplo.

— E acha que vai fazer o quê? — caminhamos com pressa, e a cada passo, sinto que a minha aflição vai aumentando. — Não pode ir até lá. Não tem ideia do maluco que está lá dentro. É perigoso.

— Por que acha que há alguém? — ele para e vira o rosto em outra direção, fugindo de mim.

— Porque eu vi! — insisto, nervosa.

Eu sei que minhas emoções estão alteradas devido à tensão, mas eu posso jurar que vi um brilho de divertimento em seus olhos.

— Viu? — a pergunta tem um tom de ironia ou estou imaginando coisas? — Tem certeza?

— Eu ouvi — corrijo, agora incerta do que eu presenciei. —
Tinha alguém lá dentro.

Certo, nos últimos dias eu andei dispersa e com meus pensamentos distantes, mas não acho que estou maluca o suficiente para começar a inventar pessoas.

— Fique aqui. Eu vou dar uma olhada.

— Você só pode estar maluco — sussurro com medo de atrair atenção desnecessária para nós dois. — Adam!

Ignorando meu alarde, vejo-o subir as escadas, pouco se importando com os riscos em que ele está se colocando.

— Qual o problema? — indaga, no mesmo momento em que ouço a sirene se aproximando — Chamou a polícia. O que poderia acontecer?

Vejo-o seguir para a entrada. Nenhum som pode sair da minha boca, então permaneço na calçada com a respiração acelerada e rezando para que ele não faça nada de imprudente.

E foram trinta e cinco minutos constrangedores, seguidos de mais quinze minutos que eu não sabia onde enfiar meu rosto. Eu tive que explicar aos policiais pouco amigáveis, que o temível

invasor era nada menos do que minha prima maluca, enquanto Adam ouvia meu depoimento mal disfarçando o riso. O que me deixou ainda mais furiosa.

— Senhorita, tenha certeza se há mesmo perigo na próxima vez — o policial mais rabugento me encara rispidamente antes de ir para a saída — Perdemos nosso tempo, e alguém poderia precisar da nossa ajuda.

— Sinto muito — desculpo-me sem jeito. — Eu realmente lamento.

Esse é um dos momentos que você tem vontade de desaparecer.

— Ela fez o que precisava ser feito — Adam se coloca ao meu lado, abraçando minha cintura de um jeito protetor — Esse é o seu trabalho, não é?

— Cuide melhor da sua namorada, senhor. Esse deve ser seu trabalho — diz o oficial, resmungando com seu parceiro antes de cruzar a porta — Esses jovens de hoje...

Assim que eles vão embora, eu me afasto de Adam, evitando encará-lo.

— Desculpe. Eu não quis estragar sua noite — respiro fundo. Sou uma perfeita idiota — Eu só fiquei com muito medo. Depois do que houve, foi a primeira pessoa que eu pensei em procurar.

Mesmo de olhos fechados e de costas para ele, eu posso

sentir seu corpo rente ao meu.

— Estou aqui... — não sei se é a voz rouca ou seus dedos deslizando em meus braços que me causam esse estremecimento. O calor do seu corpo incendiando o meu — Sempre vou...

— Penny?

Juliene volta à sala, agora devidamente vestida. Quando cheguei com os policiais, usava apenas um robe que evidenciava ter acabado de sair do banho.

— Ainda está brava comigo?

Aproveito-me da sua interrupção e vou para longe dele. Eu só tenho forças quando estou longe.

— Não, mas precisamos esclarecer algumas coisas — coloco meu braço em volta dela e olho para Adam — Não vou retê-lo mais, pode seguir para o seu encontro.

— Penelope...

— Obrigada por ter vindo — caminho até a porta e mantenho-a aberta.

Seu olhar é irado em direção a mim. Estou tão zangada quanto ele. Na última meia hora, eu tive um suposto estranho invadindo meu lar, dois policiais me fazendo sentir idiota, mas minha única e verdadeira preocupação é com quem Adam irá se encontrar essa noite. Será que ela é bonita e agradável?

Indagações como essas, martelando em minha cabeça, me fazem perder a cabeça. Odeio imaginar que outra será dele essa noite.

— Tudo bem, cuide-se — sua mão toca o meu rosto e vejo-o sair.

Apesar de estar muito brava com minha prima, agradeço que ela esteja aqui comigo. Seria muito difícil passar mais uma noite sozinha, sentindo pena de mim mesma.

— Pode me bater se quiser — sugere ela com um sorriso travesso — Embora eu acho que queira fazer isso com outra pessoa.

— acredite, isso não está muito longe de acontecer — suspiro ao passar o ferrolho na porta.

— Pensei que tivesse virado a página — murmura ela, quando seguimos abraçadas até a cozinha.

É o que eu digo a ela sempre que nos falamos por telefone.

— Quem supera um homem como ele?

Posso ter mentido para Lola, Juliene, e até para mim, na tentativa de seguir em frente. Mas jamais vou me apaixonar assim novamente.

— Ainda bem que não existem muitos como ele por aí — murmura ela sorrindo — Destruidores de corações.

— Não diria isso se conhecesse o Liam — sorrio de volta.

Ele é mais despojado, engraçado e solto, mas eu diria que é tão letal como o irmão.

— Se ele for tão bonito quanto...

Por um breve momento, penso em Juliene e Liam como um casal.

Não. Isso não daria certo.

— Fique longe dele — interrompo-a com um olhar firme. — Agora me conte: por que veio até aqui?

— Já tenho 21. Está na hora de cuidar da minha vida.

— Fugiu de casa de novo, Juliene? — indago, incrédula.

Nada como um drama familiar para nos fazer esquecer dos nossos problemas.

— Não diria fugir — murmura ela, seu olhar esgueirando-se do meu — Agora sou adulta, lembra? Eu só quero dar um rumo à minha vida. Posso ficar aqui com você?

Não foi a pergunta que fez meu corpo arrefecer, mas meu sexto sentido me indicado que isso me traria problemas.

Capítulo 6

Adam

01 de janeiro de 2013

*—Preciso que você vá até lá e investigue o que aconteceu.—
oriento Peter pelo telefone. Se o desgraçado havia deixado alguma
pista, ele irá descobrir.*

Tem que descobrir. Já tive doses suficientes de insanidade.

—Retorno assim que eu tiver alguma informação. E, Adam?

—Sim.

– Não faça nada de idiota.

Foram suas últimas palavras antes de desligar.

*Liam retorna alguns minutos depois com meu celular, como
eu havia pedido.*

*Com as mãos trêmulas, vou direto para a galeria de fotos. As
mesmas imagens que haviam tirado meu foco do volante, trazem
uma nova onda de desespero em mim.*

—Essa porra não pode estar acontecendo.

Liam pegou o aparelho das minhas mãos e vociferou ao olhar as imagens.

– Celeste?

A pergunta me fez refletir por um momento. Peter monitorou sua saída do país. Celeste ainda está em uma clínica na Inglaterra. Não há possibilidade de que tenha sido ela.

Lembro de suas palavras quando fui com Liam desmascará-la.

"Não sabe de nada, meu querido. Os fantasmas sempre aparecem. Não terá paz por muito tempo."

Talvez eu deva fazer uma visita a ela. Quem sabe eu consiga as respostas que Peter não havia conseguido. Eu estou disposto a qualquer coisa.

Desligo o computador e deixo a minha sala com essa possibilidade criando vida em minha cabeça. Assim que eu contar a Penelope tudo o que está acontecendo, irei até Celeste e a obrigarei de alguma forma a contar tudo o que ela sabe.

Chego no restaurante, entrego a chave ao manobrista e sigo para minha mesa.

Quando Neil ligou, convidando-me para jantar no Supreme hoje, minha primeira reação foi declinar. Há uma pilha de processos para estudar em minha mesa, que, aliás, um deles o envolve. O trabalho é a única coisa que tem me impedido de procurar a minha Charmosa.

No entanto, hoje preciso muito me distrair. Mesmo que Neil esteja apenas me usando para ver a senhorita Connor. Eu mesmo havia o orientado para que ele mantivesse a relação deles a mais discreta possível, pelo menos até sair o divórcio. Espero que ele tenha mais sucesso em ficar com a mulher que ele ama do que eu. Tenho me empenhado muito para tirar Sophia da vida dele, e sem grandes consequências para Neil e Anne. Mas a víbora não tem feito do meu trabalho algo fácil. A mulher não dá trégua.

Então, se Neil precisa da minha ajuda para seus encontros furtivos, eu o farei. Algo me diz que precisarei do retorno em breve.

A apresentação termina. Como da outra vez, Jennifer é conduzida até nossa mesa, dessa vez guiada por Amanda, uma velha conhecida minha e dona do estabelecimento.

Conversamos brevemente, e sugiro a Amanda para sairmos dali. Não sei se ela não havia notado mesmo o interesse do meu amigo na jovem, ou o fato dela ser cega a desqualificasse para Neil. O que é uma idiotice, qualquer um pode notar que ele está

de quatro.

Após Amanda dar a Jennifer uma reprimenda sobre o perigo ao dar seu endereço a desconhecidos como na última vez que estivemos aqui, nós seguimos em direção à saída.

Assim que recebo o carro, sinto os flashes em meu rosto.

— O que é isso? — pergunto ao olhar para o homem que se afasta rapidamente ao encontrar meu olhar furioso.

— Paparazzi — responde Amanda, entrando rapidamente em meu carro.

Droga! Odeio a imprensa sensacionalista. Mesmo quando saía com outras mulheres, mantinha minha vida o mais privado possível. Nenhum cliente confiaria em um advogado metido a playboy.

Minha sorte é que Penelope odeia revistas como essa, ou estaria em sérios problemas. Ela é tão ou mais ciumenta que eu.

— Pensei que iríamos a uma boate — indaga Amanda, ao me ver parar em frente ao seu prédio.

— Estou apaixonado por outra pessoa.

Devo ser honesto com ela. Preciso ser honesto com alguém. Eu havia encorajado suas investidas apenas para desviar seu foco de Neil e Jennifer, mas não encerraria a noite com ela em minha cama.

— Me desculpe.

Ouço seu suspiro profundo. Espero pelas queixas e lamentações, mas elas não veem.

— E porque não está com ela agora?

— É complicado explicar — suspiro, fazendo a mim mesmo a mesma pergunta. *Por que eu não estou com ela?*

— Como todo homem, você fez merda — ela sorri, na verdade, ri alto — Desculpe, mas é muito reconfortante ver cafajeste cair rendido.

— É isso que pensa sobre mim? — pergunto, contrariado.

— Admita, nunca foi santo — ela limpa os olhos e me encara — E toda aquela pose de “eu nunca vou amar ninguém”. Veja agora.

Sorrio ao ver que ela está certa. Sim. Eu havia sido um belo filho da puta.

— Ao contrário de muitos homens que eu conheci, você era um cafajeste muito doce. Bem diferente de alguns canalhas que conheci. Você foi honesto comigo. É isso o que toda mulher deseja. Seja para uma foda de uma noite, ou uma vida inteira junta — sinto sua mão em minha bochecha — Recupere sua mulher e sejam felizes. O mundo já tem pessoas infelizes demais.

Mesmo tendo agido com sinceridade com ela e todas as mulheres com quem dormi, eu sempre as vi como um objeto. Era mecânico. Sexo era tudo o que importava. Hoje, olhando para Amanda com outros olhos, vejo a mulher incrível que há por trás

da jovem afetada e de aparência fútil. Talvez ela se esconda nessa casca para se proteger, como eu havia feito ao me refugiar na imagem de conquistador.

— Ainda posso te levar para dançar, se quiser. Sem segundas intenções.

— Querido, já teve problemas demais essa noite — ela balança a cabeça — O paparazzi, lembra?

Porra. Havia me esquecido do desgraçado do fotógrafo.

— Você sabe de que jornal ou revista ele é?

— Com tantas celebridades indo ali, não faço a menor ideia, mas posso passar uma lista depois.

— Eu gostaria muito. Talvez eu consiga comprar as malditas imagens.

— Querido, estamos na era digital — ela balança o seu celular em minha frente — A essas alturas, já está na rede. Uma vez na internet...

Na internet para sempre, concluo ao vê-la sair.

E eu que acreditei que a minha maré de azar tivesse me abandonado.

Cacete!

Capítulo 7

Penelope

01 de janeiro de 2013.

Algumas pessoas costumam dizer que notícia ruim chega cedo. A minha chegou às 00h42.

Eu tentei manter a calma enquanto Liam dirigia até o hospital para onde Adam foi levado, mas era muito difícil.

Acidentes de carro pareciam me perseguir, como um carma que cedo ou tarde eu teria que enfrentar.

O do Cory, o meu até então não "acidente", e agora o Adam. Eu nunca acreditei muito que sorte ou azar existissem, mas minha vida tende a pender para um deles, e acho que esse último gosta

mesmo de mim.

Pedi fervorosamente a Deus que, assim como me deu a dádiva de continuar viva, fizesse o mesmo com o homem que eu amo. Em troca, eu faria qualquer coisa.

—Pode me devolver o anel?

Pedi quando estacionou em frente ao hospital.

Ele parecia reticente, brigando com ele mesmo.

O receio em seu rosto era justificável, afinal, Liam revelou o segredo que o irmão havia confiado a ele, só que eu precisava ter a joia comigo, lembrando-me o quanto eu estive a um passo de ser feliz, algo que agora está ameaçado por incertezas.

—Por favor!

—Tudo bem. — Liam entregou quase que em um suspiro. — Eu já vacilei mesmo.

Agarro a caixinha, como se dela dependesse minha própria vida.

Os pais de Liam chegaram exatamente no mesmo momento que descemos do carro. Uni-me a Lindsay para lhe dar conforto, mas sentia que eu que precisava de ajuda.

Liam e o pai seguiram na frente, em busca de informações.

Cada minuto do relógio pareceu uma tortura interminável, e cruelmente nos castigou.

Quando Liam finalmente retornou, dizendo que Adam estava bem, foi uma verdadeira festa. Até mesmo Roger rendeu-se à emoção.

Não pude vê-lo imediatamente como queria, pacientemente esperei que seus pais fossem na frente. A caixinha presa entre minhas mãos.

–Por que VOCÊ não faz o pedido?

Liam sugeriu ao sentar ao meu lado, na sala de espera.

–Está dizendo para eu pedir seu irmão em casamento?

Olhei-o como se fosse louco.

–Qual o problema? Por que o pedido tem sempre que vir do homem? Já sabe que a resposta dele é sim, o anel é uma prova disso. Mulheres modernas tomam atitude.

Mulheres modernas são ousadas e destemidas, eu sou apenas uma garota simples e apaixonada.

Mas, por que não? Por que não o surpreender com um pedido de casamento? Certamente o deixaria feliz.

–Eu farei isso.

Prendi a caixinha em meu peito.

–Vai logo, garota. – Liam me empurrou para o corredor. — Mulheres decididas são sexy demais!

Ainda rindo, encontrei o Sr. e Sra. Crighton saindo do quarto,

em seus rostos, um sorriso aliviado que fez palpitar meu coração.

Mas foi o olhar dele que fez meu corpo afundar em um mar de areia movediça.

Coloco o anel em meu dedo como fiz tantas vezes. Lindo, delicado e frio. Assim como ficou meu coração quando ele disse não.

Ainda dói.

— Oi, gatinha — ergo meu olhar rapidamente e escondo minha mão embaixo da minha mesa.

— Oi, gato — brinco de volta, tentando aparentar tranquilidade.

— Sentiu saudades? — Peter se escora na ponta da mesa, exibindo um sorriso sedutor. Fico surpresa que o móvel não rache devido ao peso dele.

— O Sr. Durant não está aqui — informo a ele — Almoço de negócios.

— Não vim atrás do Neil — ele afasta uma mecha do meu

cabelo, fazendo charme, e coloca um envelope em cima da mesa — Meu objetivo é você.

Não, não bonito, isso não cola comigo.

— Antes que me pergunte — início rindo — A resposta é não.

Vejo-o suspirar e fazer cara de gatinho sem dono.

— Tenho que aceitar que eu nunca tive chances. Mesmo que eu tivesse, alguém me mataria. — lamenta ele, entortando a boca.
— Mas, uma vez na vida, deixe que eu acredite que sim.

— Querido, esse alguém não se importa com *ninguém* além dele mesmo.

Disfarçadamente, joga o anel em uma das gavetas.

— Nunca estive tão longe — diz ele — Mas não fique irritada, não vim fazer o papel de casamenteiro. Quero fazer um convite.

— Convite? — indago, intrigada.

Estamos mais próximos agora. Já saímos para almoçar ou tomar café quando ele vem à empresa, gosto de sua companhia e das tentativas hilárias de me conquistar. Eu sei que não levaria isso a fundo. Ele e os amigos aparecem ter algum código de honra. Mas jogar galanteios em mim é algo que ele não consegue evitar, não por muito tempo.

Isso é injusto demais. Eu sei, ele é um galinha, mas um mulherengo lindo que qualquer mulher gostaria de tirar proveito,

menos a idiota aqui.

— Para uma festa esse fim de semana.

— Uma festa?

— É, uma festa, bebidas, mulheres — ele sorri preguiçosamente e eu vejo o quanto é encantador. Deve ser por isso que nenhuma de suas amantes parece sentir raiva dele. Está escrito “conquistador” em sua testa. — Mais mulheres. E algumas mulheres também.

Faço cara de deboche, o que só o faz rir ainda mais.

— Quem estará lá, além das suas mulheres?

Eu deveria ter perguntado se Adam estará presente, mas além de ser óbvio que sim, eu não quero dar o braço a torcer ao me mostrar interessada.

— Liam irá — Peter responde.

— Peter!

— O Neil não vai. — ele tem um olhar de desgosto — Você deve saber bem o motivo.

— Peter!

— Adam irá — com sua mão em meu queixo, ele obriga-me a olhar para ele — E você também.

Claro que eu não vou. Já provei que não sou capaz de resistir àquele homem.

— Já tenho compromisso. — minto sem a menor dor na consciência.

Afasto-me dele e vou para a sala do Neil. Preciso de ar e espaço.

— Eu nem falei qual dia será — ouço sua voz atrás de mim.

— Tenho compromissos até o fim do ano.

Bato uma das gavetas, já com a outra gaveta como alvo da minha raiva momentânea.

— E se eu disser que é muito, mas muito importante que você vá? — ele sussurro ao pé do meu ouvido. — Faça isso por mim, Charmosa.

Que homem infernal!

— Pensei que não era casamenteiro, Peter. — encaro-o, sentindo-me frustrada. — Achei que só se preocupasse com sexo.

— Alguém precisa procriar ou a humanidade se extingue. Que sejam vocês.

Ah. Que cretino. Desejo muito arrancar esse sorriso lascivo em seu rosto com um esfregão. Por que eu tenho que estar cercada de homens fascinantes e irritantes como Adam e seus amigos convencidos?

Essa é mais uma prova de que a vida não é justa.

— Será nesse sábado. E leve a gatinha da sua prima com você.

— Como você sabe sobre a...

Vejo-o erguer a sobrancelha com um certo olhar cafajeste, antes de colocar os seus óculos aviador e sair sem me dar uma resposta.

Eu me pergunto o que mais ele sabe que eu não sei.

Bato a gaveta outra vez. Pois ele que espere sentado. Nem eu e Juliene iremos a essa festa ridícula. Eu já vi o Peter em ação, e seu amigo não fica tão longe assim, como astros de futebol rodeados de mulheres fúteis. Uma coisa é eu imaginar a cena, outra é presenciar isso acontecer bem debaixo dos meus olhos.

Eu seria capaz de arrancar os olhos de cada uma delas. O que só me colocaria em uma situação embaraçosa. Ele já não é mais meu. Acho que nunca tenha sido realmente.

“Um dos solteiros mais cobiçados da cidade parece ter encontrado um novo amor, ou talvez reencontrado o velho. Adam Crighton, um dos mais renomados advogados da cidade, foi visto ao lado de seu antigo caso amoroso, a linda e loira platinada socialite Amanda Dalson. Os pombinhos deixaram o restaurante em clima de romance, rumo a um destino desconhecido, mas sem dúvida regado de amor e, claro, sexo, se levarmos em conta a vasta lista desse conhecido conquistador. Rumores diziam que ele esteve fora do mercado, mas como todas nós sabemos, feras como ele não podem ser domadas. A Srta. Dalson certamente

agradece isso. Resta-nos apenas sentir inveja. Isso é o que acontece em NYC.”

Aline coloca o telefone em minha mesa, para que eu confira com meus próprios olhos o que ela acabou de ler.

— A vida não é mesmo justa, não é? — suspira ela, fazendo bico. — Adam esteve tão perto de nós e escorregou pelos nossos dedos.

Eu deveria simplesmente ignorar e continuar meu trabalho, mas mesmo contra minha vontade, meus olhos caem sobre o artigo.

Isso não deveria me surpreender. E também não deveria machucar tanto como machuca.

Observo Adam ao lado da loira bonita e sorridente. Na foto, eles formam um casal bonito, mas ele não me parece feliz.

Seria essa a mulher que ele visita naquele prédio?

Descarto a possibilidade. De acordo com a roupa e joias que estava usando, essa deve morar em algum apartamento de luxo na parte mais nobre de Manhattan.

— Por que está me mostrando isso? — estendo o aparelho para ela — Sabe que não gosto desses sites de fofocas. Nada disso me importa. E você não deveria perder tanto o seu tempo com porcarias como essa.

Obviamente, minha voz trêmula e meu olhar arrasado desmentem o que eu afirmo.

— *Life in NYC* é o melhor site sobre os ricos e famosos da cidade. Como acha que vou conseguir um marido milionário se eu não ficar antenada em tudo o que acontece? — Aline suspira, pegando o smartphone de volta — Já que Adam está fora de circulação, acho que vou investir mais no Peter.

— E eu vou voltar ao trabalho — fixo meu olhar na tela do computador — Não me deixará rica, mas certamente garante meu emprego.

Espero que com isso ela tenha entendido que quero encerrar a conversa.

— Tem algum problema se eu sair mais cedo hoje? Preciso de um vestido novo para esse fim de semana. Foi convidada para a festa do Peter, não é?

— Sim, eu fui.

— Você vai?

A pergunta ronda em minha cabeça, mesmo depois de Aline sair.

Impulsivamente, pego meu telefone.

— Max?

Ouçõ sua voz surpresa do outro lado da linha. Desde o fiasco do último jantar, tenho evitado me encontrar com ele.

— O que fará nesse fim de semana?

— Pensei em visitar meus pais, mas a ideia me agrada menos a cada minuto.

— Quer ir a uma festa comigo? — há mais sorriso em minha voz do que em meu próprio rosto.

— Eu adoraria — responde ele.

— Então, suba para pegar o convite e eu explico tudo.

Eu não vou passar o fim de semana em casa escondida como uma garotinha boba, nem lambendo minhas feridas como um animalzinho ferido. Se Adam está seguindo em frente, eu farei o mesmo e terei grande prazer em esfregar isso na cara dele durante a festa.

Eu tenho que virar a página.

— Por que tinha que convidá-lo? — questiona Juliene pela décima vez, só na última meia hora — Aliás, por que ainda olha na cara dele, Penelope?

— Max e eu fomos noivos... — respondo antes de pagar o táxi e sair.

Mesmo que eu tenha pedido outro convite a Peter para Juliene, minha prima ficou muito descontente ao saber que não apenas convidei Maxwell, como dei a ele o convite que pertencia a ela, e para evitar causar mais tensão entre os dois, resolvi marcar de nos encontramos aqui.

— E ele a abandonou na igreja, caso tenha esquecido — resmunga ela ao descer e se colocar ao meu lado na rua. — Traiu, fugiu com outra e...

O assunto Max é esquecido quando nos deparamos com a linda mansão erguendo-se diante de nós. Fica a meia hora da saída de New York, as árvores em volta dão um certo ar de isolamento.

Nos portões, há duas esculturas em mármore de leões rugindo. Um homem com cara de poucos amigos confere os convites e libera nossa entrada. Cada vez que nos aproximamos mais, noto que a casa é ainda mais bonita de perto. É trabalhada em tijolos, ardósia e cobre, e há um magnífico jardim inglês.

— Caramba, isso é incrível — Juliene sussurra impressionada.

O som da música alta nos recepciona assim que atravessamos o hall, e noto que não há móveis ao redor, não pelo menos no cômodo onde estamos. Uma escada em forma de U dá acesso ao andar de cima. Observo que a sala é anexa a outro cômodo, que juntos formam uma ampla pista de dança, onde algumas pessoas parecem se divertir sob as luzes coloridas e com

efeitos caleidoscópios.

Há muitas pessoas circulando. Muitas mulheres, como Peter disse que teria. Meus olhos vagueiam da esquerda para a direita, observando cada detalhe. Na verdade, buscam o Adam, mas eu me recuso a admitir.

— Pensei que vocês não viriam mais — Max toca meu braço e viro para encará-lo.

Ele está muito bonito de jeans e camiseta branca. Os cabelos loiros, penteados para trás, deixam seu rosto esculpido à mostra. Não tenho dúvida de que ele poderia se sair bem com qualquer mulher disponível hoje, aliás, algumas passam por nós pouco se importando que ele esteja ao meu lado, ao demonstrar interesse.

Isso não me incomoda. Não da mesma forma que me sinto agora ao presenciar Adam do outro lado, conversando com a mulher que reconheci da foto. Essa cena, sim, deixa-me insana.

— Quer dançar? — falo alto o suficiente para que Max me ouça e indico a pista.

— Vamos.

Enquanto ele me conduz pela mão, eu tento controlar meu desejo de olhar para o outro lado e ver o que Adam e a loira estão fazendo.

A música é agitada, e eu agradeço. Não quero outras mãos tocando meu corpo de forma tão íntima.

Eu sorrio para Juliene, que nos acompanhou, e logo me vejo dançando e me divertindo muito, pelo menos é isso que tento transparecer.

É engraçado ver minha prima empurrando Max para um grupo de garotas cada vez que a música troca a batida.

— Não há muitos homens aqui, e ele está queimando nosso filme — resmunga ela quando colamos nossos corpos em um ritmo sensual. — Por que tinha que trazer esse inútil?

— Max e eu somos amigos — sorrio para ele e tento me desculpar com o olhar.

— Não. O que você quis foi fazer ciúmes — diz ela com um olhar divertido — E eu acho que conseguiu. O senhor confusão vem vindo.

Antes que eu possa argumentar que ela está sendo ridícula, e que não sei do que ela está falando, vejo-me ser arrastada para outra direção. Estou tão surpresa que nem ao menos consigo reagir, então deixo-me levar.

— O que está fazendo? — Adam pergunta.

Ouçõ a porta bater atrás dele e encontro o olhar furioso. Juliene estava certa, eu quis mesmo provocar ciúmes. E parece que havia conseguido.

— Eu estava dançando, e você? — pergunto de um jeito provocativo. — É isso que se faz em uma festa.

— Com ele?

Eu já o vi irritado algumas vezes, mas, nesse momento, vejo-o perto de perder o controle. Não entendo essa reação, não quando está acompanhado de outra mulher. Seu novo ou velho caso amoroso, como o tabloide disse. Essa constatação me deixa tão ou mais irritada que ele.

Ciúmes é uma merda mesmo. É como se houvesse um bichinho descontrolado dentro de mim.

— Não há muitas opções aqui essa noite — ironizo, empinando o queixo — Todos os homens estão acompanhados, não é?

Noto-o respirar fundo antes de olhar para mim.

— Eu não vim com ela...

— Não me importa com quem você veio.

Afasto suas mãos de mim. Percebo que estamos em um banheiro, e eu nem notei como chegamos aqui.

— Saia da minha frente. Deixa-me sair — tento demonstrar uma determinação que na verdade eu não tenho. — Eu quero voltar para a festa.

Ao invés de se afastar como eu pedi, assisto-o colar seu corpo ainda mais ao meu. Dou alguns passos para trás e sou seguida por ele. Passo a passo, sou encurralada contra a porta de um dos boxes.

— Tudo é por você — Adam murmura, deslizando seu dedo em meus lábios. — Até mesmo essa festa ridícula.

Eu poderia perguntar de que merda ele está falando. Mas seus lábios tomam os meus, e é inevitável que todo o resto perca a importância.

Já fiz mil juramentos e dezenas de promessas que seria imune a ele. Que meu coração não bateria tão forte em meu peito, e que não sentiria como se meu estômago quisesse saltar pela boca. Que meu corpo não iria incendiar com o toque de suas mãos, e que não o desejaria tanto como o desejo agora.

Tudo isso imaginei em minhas noites solitárias e tristes. A realidade é outra.

Eu deveria lembrar de como ele me feriu. Como meu coração ficou dilacerado, mas quando se ama alguém como eu o amo, razão e emoção transitam por caminhos diferentes. Você só recorda das coisas boas, as que a fizeram se apaixonar. Como esse beijo, por exemplo.

Como não sentir o coração palpitar quando se é beijada dessa forma? Todas as mulheres do mundo deveriam ter essa experiência pelo menos uma vez em suas vidas. Sentir que seu corpo é literalmente transportado para outro lugar.

Enquanto sua língua baila com a minha em um compasso lento, suas mãos acariciam meus cabelos de um jeito extremamente sensual.

Nossos gemidos ecoam juntos, e é como se nos inflamasse ainda mais.

— Desculpe — ouço o clique da porta, seguido de uma voz de mulher atrás dele — Eu não sabia que estava ocupado.

Fico nas pontas dos pés e vejo o rosto de Aline.

— Eu iria embora, mas estou mesmo apertada — choraminga ela — Muita cerveja hoje.

Sinto Adam se contrair e apertar minha cintura levemente. Talvez, se ela tivesse demorado mais alguns minutos, a cena que presenciaria, certamente, seria muito constrangedora.

— Porra! — Adam sussurra ao apoiar a cabeça em minha testa — Precisamos conversar. Encontre-me lá em cima em 15 minutos. Última porta à esquerda.

Agora que já não estou cativa do seu feitiço, eu deveria recusar o pedido. O que há para dizer ao outro que já não tenhamos dito? Além disso, sempre acabamos brigando e comigo de coração partido.

— Por favor — ele sussurra em meu ouvido — É importante.

Balanço a cabeça, já que sinto que é impossível algum som sair da minha garganta, e vejo-o ir embora.

Aline caminha até um dos boxes e eu faço o mesmo que ela. Sento no vaso e tento controlar minha respiração acelerada.

Deus, apenas com um simples beijo esse homem abala

todas as minhas estruturas. Talvez seja por isso que, para mim, é tão difícil esquecê-lo. Por mais que eu tente, nunca parece dar certo.

Sou arrancada desses pensamentos quando sinto minha bunda tremer.

"Noite quente."

Leio a mensagem de Aline no celular.

"Agitada."

Envio de volta.

Levanto e encontro-a retocando o batom.

— Eu vi que ele estava com aquela mulher — disse ela ao me olhar pelo espelho.

Abro a torneira e busco uma resposta para dar a ela.

— Não fica chateada, eu só não quero vê-la sofrer.

— Eu não vou — murmuro baixinho — Não mais.

Isso porque acredito que já havia sofrido o necessário para uma vida inteira. O que mais poderia acontecer?

— Você é uma garota incrível, sabia? — sussurra ela ao me abraçar.

A porta é aberta e duas garotas entram, cantando e rindo.

— Retoque o batom — Aline sugere, estendendo o dela.

Coloco o celular na bancada e aceito sua oferta.

Assim que finalizo, encontro o olhar de uma das garotas em mim.

— Ficou muito bonita — diz ela — Deixe alguns daqueles homens lá fora para nós. Já viu tanta mulher reunida?

— Peter — respondo a ela, e o nome é suficiente para qualquer explicação.

Todas saímos rindo, a música e o ar quente nos recepcionam de volta.

— Ele fez alguma coisa com você, Penny?

Um Maxwell extremamente nervoso me encara, antes mesmo de voltar para o lugar onde o havia deixado.

— Se fez, foi algo muito bom — Juliene responde por mim. Seus olhos buscam os meus e sinto minha pele queimar — Veja só o sorriso dela. Você nunca a fez sorrir assim, Max.

— Juliene! — falamos juntos.

Ele visivelmente irritado, eu envergonhada porque, na verdade, ela tem toda razão. Adam pode ser um maldito filho da puta, mas me faz me sentir como nenhum outro já fez.

Por que nós sempre nos apaixonamos pelos canalhas?

— Eu estou bem — informo a ele, exibindo um sorriso despreocupado — Se importa de pegar algo para bebermos?

— Eu já volto.

Assim que ele sai, arrasto Juliene para um canto menos barulhento, perto da escada que leva ao andar superior.

— Adam quer falar comigo — aviso, esperando pelos seus gritos animados, que realmente vieram. — Pode distrair o Maxwell para mim?

— Por quê? — ela revira os olhos — Não tem nada com ele e não deve nenhuma explicação. Aliás, essa seria uma ótima oportunidade de dar o troco.

— Juliene?

Eu já me sinto culpada o suficiente por admitir que o usei para atingir o Adam. Vingança nunca me passou pela cabeça, nem antes, nem agora.

— Somos amigos, eu já lhe disse. Todos erramos às vezes.

— Eu desisto — ela me empurra e, sorrindo, caminho entre as pessoas em direção à escada. — Vá logo encontrar seu homem.

Assim que eu alcanço o topo, eu estaco. Há seis portas à minha frente. Três em cada lado ao longo do corredor.

Um casal passa por mim se beijando. Sigo para o quarto que Adam havia informado.

Respiro fundo antes de abrir a porta. Essa é a última chance que temos para nos entender, e eu desejo desesperadamente que isso aconteça.

Entro no quarto à penumbra e tento adaptar os meus olhos à falta de claridade. Da janela entreaberta, eu vislumbro a lua redonda que ilumina a cama com dossel. Caminho até ela e sento.

Enquanto espero, as lembranças de Adam e eu no banheiro me invadem. E eu tento entender o efeito que esse homem tem sobre mim.

Eu deveria ter mais autoestima, controle sobre mim mesma, e não tremer como gelatina sempre que ele me toca.

Vou ignorar os desejos do meu corpo traidor e silenciar a voz do meu coração idiota.

Ouviria tudo o que Adam tem a dizer e sairia ainda mais forte do que entrei.

Eu posso fazer isso.

Quarenta minutos depois, eu desço a escada, furiosa.

— Pela a sua cara, a conversa não foi muito boa — diz Juliene, assim que me uno a ela e mais dois rapazes ao seu lado.

Pelo visto, ela não vem tendo a mesma dificuldade que muitas jovens aqui: conquistar a atenção masculina.

— Não teve uma conversa — aproveito que um garçom está passando e pego um dos copos com uma espécie de bebida colorida — Já que ele não apareceu.

— Está me dizendo que ele te deu um bolo?

Viro o copo e bebo tudo em um só gole. O drink é adocicado, mas não menos potente. Rapidamente, ele começa a ter efeito sobre mim.

— Com chantilly e uma enorme cereja — falo enquanto troco de copo — Onde está o Maxwell?

Ela me puxa para um canto e me encara com um olhar zangado.

— Eu não vou deixar você chorar suas mágoas com ele.

— Esse é o problema, Juliene — murmuro com a voz fraca — Estou cansada de chorar.

Não houve um único momento em que circulei pelo salão e que minhas mãos estivessem vazias.

— Procurando alguém? — Aline surge à minha frente — Eu o vi sair há uma hora com a namorada.

Minha primeira reação é querer jogar o meu copo vazio na cara dela.

— Eu não tenho culpa se Adam nunca deu uma chance a você — inspiro profundamente antes de continuar — Não tinha a mínima ideia de quem ele era quando o conheci. Eu sei que deveria ter lhe falado antes, não sou a vadia traidora que você provavelmente pensa. Mas estou cansada de suas insinuações. Então, para de jogar seu veneno sobre mim, quando sabe que isso vai me machucar.

Se há alguma parte boa em ficar bêbada, é que o álcool lhe dá coragem de falar o que muitas vezes você receia.

Afastei-me dela, temendo que eu faça algo que eu possa me arrepender depois.

Caminho de forma trôpega, tentando evitar esbarrar nas pessoas.

A música, a agitação e o ar abafado começam a ter seu efeito sobre mim.

Adam.

Escoro na parede mais próxima enquanto procuro me orientar.

Preciso encontrar Juliene.

De repente, tudo à minha volta começa a girar.

— Penelope?

Eu reconheço a voz, mas as luzes ofuscantes me impedem de olhar em seu rosto.

Meu mundo volta a girar quando sinto alguém me amparando antes de desabar.

Capítulo 8

Adam

"Mantenha a calma e não faça nada de idiota."

Foi o que Peter disse assim que cheguei a casa. Quando ele me sugeriu que daria uma festa para que eu pudesse falar com Penelope sem uma navalha em nossos pescoços, imaginei que seria uma reunião entre amigos, no apartamento dele, e não em um casarão com dezenas de pessoas.

Mesmo ele tendo colocado câmeras por todos os lados e garantido que tudo estivesse sob controle, não consegui ficar tranquilo.

E fiquei ainda mais irritado quando a vi dançando com aquele desgraçado do Maxwell.

Eu não tive outra alternativa, além de tirá-la de lá. Minha intenção era levá-la até o banheiro e contar toda a verdade de uma vez. E que tudo mais se fodesse! Contudo, bastou dois minutos com Penelope para que toda a raiva e ciúmes que eu sentia se transformassem em um desejo incontrollável. Tanto

minha razão como meu controle foram diretos para o inferno. E a saudade que meu corpo sentia dela falou mais alto.

Ainda sinto o gosto da sua boca na minha e o cheiro do seu corpo impregnado em minha pele. Apenas essas lembranças são suficientes para me deixar duro e cheio de tesão. E há muito desejo reprimido em mim.

Controle-se! Ordeno a mim mesmo.

Preciso me controlar e contar a verdade a ela antes de tudo. O grande impasse é que não sei o quão forte eu consigo ser quando estou com ela. Se Aline não tivesse chegado e nos interrompido, certamente eu teria a possuído no banheiro. Eu sei que Penelope precisa disso tanto quanto eu. Agora poderíamos estar nessa cama, planejando como seguiríamos em frente antes de mergulharmos na paixão outra vez.

Sinto meu pau contrair quando a imagem de nós dois nus passa diante dos meus olhos.

Acalme-se!

Esfrego minha calça, imaginando que é as mãos dela me tocando ali.

Eu preciso foder. Não uma fodinha em busca de um orgasmo qualquer, mas a porra de uma boa transa que causa um prazer tão intenso ao ponto de te deixar imóvel.

Estou cansado de brincar de cinco contra um, vendo-a através das câmeras de vídeo. Penelope tomando banho... Sim,

eu fui um filho da puta pervertido e pedi para instalar câmeras lá também. E é uma tortura assisti-la trocando de roupa, e completamente insano para mim observá-la se masturbando e gemendo meu nome quando chega ao orgasmo, sozinha na cama onde tantas vezes fizemos amor.

Eu preciso dela.

A mulher está no meu sangue, como se fosse uma parte do meu DNA.

Começo a andar pelo quarto, buscando pensar em outras coisas. Por que eu tinha dado 15 minutos para que se encontrasse comigo? Eu deveria tê-la arrastado até aqui e finalmente termos uma conversa franca, que certamente nos levaria para cama.

Droga.

Eu também preciso parar de pensar em sexo e cama o tempo todo. Bom, ter escolhido um quarto escuro para esse diálogo não me parece ter sido uma ideia muito inteligente.

O telefone em meu bolso vibra. Tendo a ignorar, não quero nada desviando minha atenção de Penelope. Sempre que precisamos nos acertar, algo acontece, atrapalhando tudo.

Mas poderia ser o Peter com alguma informação nova, então, mesmo contrariado, resolvo verificar a mensagem.

"Não quero conversar aqui. Venha me encontrar nesse endereço. Estou te esperando."

Não é a mensagem que leio que me deixa atônito, mas o endereço anexo à mensagem.

— Que porra você está fazendo? — indago, completamente confuso.

Por que Penelope escolheu justamente esse lugar para falar comigo?

Ligo para ela e fico frustrado ao ouvir a mensagem de voz na caixa postal.

Impaciente, desço a escada, trombando com algumas pessoas.

— Já vai? — Amanda me intercepta assim que alcanço o hall.

— É, eu tenho um compromisso de última hora.

— Também estou indo.

Saímos juntos, mas seguimos em carros diferentes. Devido às malditas fotos, prefiro evitar mais problemas, já tenho motivos em demasia para que Penelope fique furiosa comigo.

Dirijo o mais rápido que é permitido. Conheço o caminho como a palma da minha mão. Estive ali muitas vezes.

Estaciono e sigo em direção ao portão. Desde que me despedi de Cecília, quando assumi meus sentimentos pela Charmosa, não venho ao cemitério.

Eu tinha quebrado esse ciclo. Então, por que Penelope

escolheu esse lugar para conversarmos?

Talvez ainda acredite que minha ex-noiva seja o empecilho entre nós dois. O que não faz o menor sentido. Não depois que contei sobre Celeste e meus reais sentimentos por Cecília.

A menos que ela estivesse aqui contra sua vontade.

O pânico me domina. Sinto o gosto amargo do medo em minha boca, e com minhas mãos trêmulas, eu volto a ligar para Penelope.

Novamente, ouço sua mensagem de voz na caixa postal, então eu corro. Todos os meus sentidos parecem aguçados. Ouço os grilos em sua sinfonia noturna. Sinto o cheiro de flores peculiar em cemitérios. E enquanto meu coração bate desenfreado em meu peito, faço uma prece silenciosa.

Por favor, Deus!

— Peter, preciso que você venha imediatamente — ele não faz perguntas. Passo o endereço de onde estou e imploro para que ele não demore.

Volto a correr ansiosamente. Quando alcanço o túmulo que por tantos anos eu visitei, meus joelhos cedem e eu caio no chão arenoso.

— Não!

O grito angustiado que escapa dos meus lábios faz com que os pássaros nas árvores alcem voo na noite escura.

Toco a placa em mármore, que fora colada em cima da antiga.

Penelope Walker

+ 1988 a 2013 +

Rugidos estrangulados saem da minha garganta. As lágrimas queimando pelo meu rosto como se, de dentro de mim, houvesse uma tempestade de dor e angústia.

Encaro a sepultura semiaberta. O caixão marrom e desgastados pelos anos desafia-me a encará-lo. Eu não tenho forças para isso. Eu não tenho forças sequer para ter alguma reação.

— Não!

Uma, duas horas, não sei quanto tempo eu passei prostrado, apático, perdido nessa esfera de desespero, até sentir o toque em meus ombros.

— Adam?

Só noto que é Peter junto a mim no chão quando recebo seu abraço e sua voz afirmando que está tudo bem.

— Ei, ela está segura — murmura ele, obrigando-me a voltar à razão — Estava na festa quando eu saí de lá, fique calmo.

Volto a chorar sem me importar que eu pareça fraco e patético. O desespero é substituído pelo alívio em saber que ela está bem.

Mas a cena macabra que presenciamos, ainda faz meu corpo sacudir. Saber que eu poderia ter me deparado com o corpo dela, sem vida, como encontrei seu nome na lápide, deixa-me transtornado.

— Isso foi longe demais.

Peter ruge alto ao se levantar. O som da tampa da lápide voltando ao lugar, após chutá-la, corta o silêncio da noite.

— Recebi uma mensagem da Penelope para que a encontrasse aqui... — informo ao encontrar seu olhar contrariado.

— Espera! Uma mensagem dela? Você tem certeza?

Jogo meu celular para ele e aguardo enquanto ele verifica.

— Já reparou que o infeliz tem acesso direto a ela? Primeiro o apartamento, agora isso...

— Aonde quer chegar? — os últimos minutos carregados de tensão roubaram minha capacidade de pensar racionalmente.

— Quem planejou isso esteve na festa.

Usando um lenço, ele arranca a placa do túmulo, enrola e

guarda no bolso da jaqueta.

— Também pegou o telefone dela.

— Porra!

Levanto para encará-lo de perto.

— Penelope deve ter ido atrás de mim. Tem certeza que ela está bem?

— Um segundo.

Peter pega o seu telefone e liga para alguém.

— Toddy? Como isso aconteceu? Certo, fique de olho neles.

Eu não gostei do olhar que ele me deu ao encerrar a ligação.

— Peter?

— Ela está bem — ele desvia o olhar. — Wade está com ela.

De repente, é como se eu encaixasse todas as peças desse quebra-cabeça.

— Maxwell está por trás de tudo isso — aviso, angustiado
— Foi ele no Ano Novo, e foi ele que me atraiu até aqui.

— Acha que ele a quer de volta?

— Não vou permitir isso. Por que nunca desconfiamos dele?

Nos últimos meses, procuramos desesperadamente quem pudesse querer vingança contra mim. Até mesmo cogitei voltar a procurar Celeste para saber se, de alguma forma, ela continuava

agindo.

Wade nunca me pareceu uma ameaça, afinal, fora ele que havia ferrado com o casamento dos dois. E quando Penelope me contou que ele havia se arrependido, achei natural que o idiota percebesse a burrada que fez. Mas nunca me passou pela cabeça que estivesse obcecado ao ponto de fazer tudo para tê-la de volta.

— Onde eles estão agora?

— Ele as levou para casa.

Agora me lembro de Juliene. Respiro aliviado, pois sei que ela nunca deixaria a prima desprotegida.

— Eu quero o endereço dele.

Exijo, sentindo a raiva voltar a tomar conta de mim.

— Dá para agir racionalmente uma vez na vida, Adam? Precisamos de provas antes de confrontá-lo.

— Razão não tem nada a ver com isso!

— Quer que ele a machuque? — Peter me olha com determinação — Foi por isso que deixou que ela fosse embora meses atrás. Não foi para protegê-la que se manteve distante?

Embora a fera dentro de mim estivesse prestes a perder o controle, sei que Peter tem razão. Wade, com isso, provou ser capaz de tudo. Eu posso suportar tudo, menos que alguém faça mal a ela, isso é, e sempre foi, meu maior temor.

— Quanto tempo você precisa? — indago, abatido.

— Eu não faço ideia. Semanas, meses, eu não sei! — Peter sacode os ombros — Eu gostaria muito de poder ajudar, Adam. Wade pode ser tão perigoso quanto Celeste. O que aconteceu hoje superou até mesmo as sandices dela. E estamos trabalhando com possibilidades. Algo ainda não me cai bem.

— Quem mais poderia querer tirar Penelope de mim? — indago, transtornado.

—Estou indo mais fundo. Você tem uma lista bem interessante de quem pode odiar você. Tem levado sua carreira brilhantemente, mas deixou muitas pessoas descontentes.

— Por que eu não me tornei um médico como meus pais esperavam? Não vejo Liam passando algo como isso.

— Volto a repetir, não quero esse tipo de problema em minha vida — murmura ele, apertando meu ombro — Mas como se apaixonar não é uma questão de escolha, você tem que manter a calma.

— Calma? Quanto tempo você acha que ela vai suportar? Que eu foda todos os dias com a cabeça dela?! E se isso nunca tiver um fim? Se eu ficar preso a essa chantagem para sempre? Se o único intuito seja me enlouquecer? Eu garanto que estou bem próximo a isso.

— Adam, mesmo você parecendo um cretino, ela te ama. Estou com você nisso e irei até o fim. Eu gostaria de resolver tudo como mágica, mas algumas coisas só funcionam

em série de TV. Estão sempre um passo à nossa frente.

Caminho em direção aos nossos carros. Olho para o local que havia sido meu inferno por seis anos. De forma alguma eu passaria por isso de novo.

Chego ao apartamento, e a primeira coisa que faço é ir para a sala de vídeo. É claro que assistir Wade chegando Penelope em seus braços me deu muita raiva, e que duas cadeiras sofreram as consequências da minha frustração. Mas o que mais me encolerizou foi saber que eu fui o responsável por ela ter sido inconsequente essa noite, e que não é Wade com suas armações que a afasta de mim. Sou eu. Peter está certo, estão sempre a um passo à frente, e eu pareço jogar muito bem esse jogo.

E é esse sentimento de impotência que me levou até ela. Eu precisava tocá-la. Ter a certeza de que estava bem.

Essa foi a primeira vez que fui além das câmeras. Minha consciência acusa o quanto isso é errado, mas eu já havia quebrado todas as regras. Já havia ultrapassado o limite. E mesmo sabendo que cedo ou tarde me traria consequências, mesmo assim não me importei.

— Eu não vou deixar que ninguém faça mal a você — afasto uma mecha de cabelo em sua testa e deposito um beijo — Eu prometo.

Assim que o juiz anuncia a sentença, eu saio do tribunal. Deixo os cumprimentos e tapinhas nas costas para Savannah, que foi a maior responsável por termos vencido mais um caso. Isso vem acontecendo com frequência.

Por mais que eu me dedique ao trabalho e use-o como muleta, manter a concentração em alguns momentos é uma tarefa exigente.

Respiro fundo quando saio do prédio e uma lufada de ar frio toca minha pele. Isso me lembra Penelope, e de como ela gosta de dias assim. As inúmeras desculpas que ela inventava apenas para sairmos para caminhar. De como eu a abraçava e ela encostava a cabeça no meu ombro enquanto falávamos de coisas sem importância.

Hoje, eu vejo que cada minuto foi importante e único.

O telefone toca, tirando-me dessas lembranças.

— Dr. Crighton?

Meu pulso acelera e meu corpo reage ao som da sua voz.

— Penelope...

— O Sr. Durant precisa falar com você — ouço sua voz firme e distante. — Acho que é urgente.

Nós não conversamos desde a maldita festa. Não que eu não

tenha tentando, mas ela havia erguido uma muralha em volta dela, que a cada dia fica mais alta. Eu não quero forçar a situação. Não enquanto minhas mãos continuam atadas. Então eu me contento com algumas visitas noturnas. É o mais próximo dela que eu consigo. Por sorte, Juliene voltou para o Texas. Seria no mínimo embaraçoso explicar minhas idas até o apartamento, e com certeza ela não guardaria segredo.

Tenho uma vaga consciência de que estou agindo como um lunático. Mas eu preciso desse ritual sempre que a saudade é forte demais para controlar.

— Adam!

— Neil? — indago preocupado.

Ignorando a decepção em não continuar a ouvir a voz dela, foco na voz aflita que ele demonstra.

— Dê um jeito em Sophia — ouço em sua respiração acelerada que ele está mesmo furioso — Ou eu juro que vou matá-la.

— O que aconteceu?

Ao contrário dele, prefiro manter a calma, nada do que Sophia faça me surpreende.

Enquanto ele relata brevemente o que aconteceu, eu retifico o que pensei sobre Sophia. A víbora é capaz de qualquer coisa, inclusive atacar uma jovem cega e inofensiva como a Jennifer.

Tento acalmá-lo de alguma forma, embora eu entenda bem o que ele está passando. Somos como primatas defendendo a mulher que amamos.

— Estou indo até aí, e você me conta direito o que aconteceu.

— Paige está aqui. Ela pode passar todas as informações que precisar — depois de uma breve pausa, ouço sua voz angustiada — Preciso falar com Jennifer e saber como ela está.

— Espere! Quem é Paige?

— A melhor amiga da Jennifer — murmura ele de forma apressada — Não posso explicar agora. Ela o aguarda na empresa.

— Tudo bem. Vou pedir uma ordem de proteção contra Sophia.

— Obrigado.

Ele desliga. Faço um sinal para o táxi, e antes de entrar, ligo para meu escritório e falo para Seth que inicie o processo.

— Certo, Seth.

Tapo o bocal do telefone e dou o endereço da DET ao motorista.

— Em breve eu darei maiores informações, até logo.

Assim que deixo o elevador, a adrenalina já corre solta pelas minhas veias.

Irei vê-la.

Precisei ir a Dubai por alguns dias para resolver alguns problemas causados por manifestantes, então, meu primeiro encontro com Penelope, sem ser através das lentes das câmeras de segurança, será hoje, após um tempo que considere interminável.

Sigo direto para a sala do Neil. Vejo-a em frente à janela. Cada músculo tenso em seu corpo mostra que já sentiu a minha presença, mas prefere me ignorar.

Cacete.

Ela sabe muito bem ser a rainha do gelo quando quer, e eu prefiro mil vezes que me ataque com palavras duras do que essa receptividade fria.

— Paige? — encaro a morena bonita que, em outra época, me faria jogar todo meu charme contra ela, mas que agora não me desperta nenhuma reação sexual.

— Sim.

— Se eu imaginasse que era tão linda, eu teria voado até aqui.

Dirijo-me a ela, mas meu olhar está focado em outra pessoa. Uma que no momento está bem furiosa. Merda. Na mesma hora em que proferi aquilo, vi que tinha feito merda.

O que posso dizer em minha defesa? Eu queria que Penelope

reagisse a mim. Ótimo, Adam, seu babaca. Agora ela está com muita raiva.

— Com licença!

Assisto-a passar por mim como um furacão. Eu quis uma reação e consegui apenas complicar ainda mais essa relação. Sinto um impulso de ir atrás dela, mas acho melhor deixar que se acalme, e eu ainda nem pensei em uma explicação plausível para minha atitude idiota.

— O que precisa de mim? — indaga Paige.

— Só preciso dos seus dados pessoais e algumas informações.

Ela relata o que aconteceu no restaurante entre Sophia e Jennifer, e eu procuro ser o mais profissional possível.

— Paige Fisher.

Repito distraído, batendo no meu bloco de anotações.

Paige Fisher.

Será a mesma Paige do Richard? A que vinha deixando o meu sempre centrado e controlado amigo completamente maluco?

— Vai ficar repetindo meu nome como um idiota ou irá fazer alguma coisa?

Eu tenho que admitir, a mulher é atrevida.

— Espirituosa, bonita e boca dura — não posso evitar sorrir
— Deve ser a mesma.

— Precisa de mais alguma informação? — ela bufa, impaciente.

— Já tenho tudo o que eu preciso. Seria testemunha, se for necessário? Não presenciou a cena, mas encontrou a vítima ferida.

— Sim, com certeza.

Balanço a cabeça. Eu só preciso de uma última confirmação.

— Você tem namorado?

— Vá para o inferno! — vocifera ela, saltando da cadeira.

— Não, espere!

Tento explicar sob seu olhar fulminante:

— Eu só queria saber se...

Atônito, vejo-a mostrar o dedo do meio para mim e caminhar tão irritada como Penelope havia saído.

— Se era a Paige do Richard.

Concluo para a sala vazia.

Eu poderia usar essa informação como arma para me justificar com a Charmosa que, aliás, parece bem longe de parecer charmosa ao me encarar com um olhar furioso, assim

que eu deixo a sala.

— Sobre o que aconteceu lá dentro...

Início, mas sou interrompido por sua voz apressada e com toque de amargura.

— Sabe, você poderia ter eliminado algumas etapas — seu olhar é tão frio e magoado que sinto pontadas em meu estômago.

Grande, eu mereço o troféu do babaca do ano.

— Ao invés de flores, declarações ao luar, bailes, passeios de fazer saltar o coração, você poderia ter ido direto para a parte do cafajeste — seu queixo está tremendo, e sinto uma urgência em apertá-la em meus braços. — O cafajeste cretino em busca de cama.

— Eu sei que eu mereço...

Começo a me explicar, mas ela ignora minhas palavras, pegando o telefone com as mãos trêmulas.

— Oi, Max.

Enfurecido, observo enquanto ela fala ao telefone com uma voz doce e derretida.

— Sobre o jantar hoje à noite? É, eu mudei de ideia. Não, no meu apartamento.

Ela me encara com um olhar determinado e orgulhoso, o sorriso alargando a cada frase que diz.

— Sabe que eu adoro cozinhar...

Continua ela em uma voz macia.

— Farei aquela torta, receita de família, que você ama.

A torta? A mesma torta que ela havia levado no dia de Ação de Graças, e que havia deixado Delia e minha mãe ainda mais impressionadas com ela?

— A gente assiste um filme depois...

O riso teria me deixado feito bobo, se não fosse direcionado a outro.

— Você não vai... — inicio ao vê-la encerrar a ligação. Estou bem próximo ao descontrole.

— Trabalhar até tarde hoje? — indaga ela, interrompendo-o, ao pegar a bolsa — Não vou mesmo. Eu tenho um jantar muito especial para fazer. Até logo, Sr. Crighton.

Enquanto ela caminha sorrindo diabolicamente, eu sinto que dentro de mim habita um vulcão. E ele está prestes a entrar em erupção.

Peter eu estamos fazemos de tudo para mantê-la afastada e segura quanto às ameaças de Wade, e a infeliz vai direto para a toca do lobo.

Só que, nessa história, eu sou o Lobo Alfa. De forma alguma esse jantar irá acontecer.

Não se eu puder evitar.

Ligo para o Seth como prometi, passo as informações que ele precisa, e começo a elaborar o meu plano. Essa será uma noite divertida. Pelo menos para mim.

Ok. Estou agindo como um adolescente irracional de 15 anos, que pede ajuda aos amigos para ferrar com o capitão do time de futebol e impedir que ele leve para o baile a garota mais bonita da escola. Ou literalmente havia perdido todo o juízo que restava em mim.

Então, ter pago a alguns garotos do condomínio do Wade para que esvaziassem os pneus do carro dele, em cima da hora para o jantar, teria sido divertido se eles não tivessem atacado o carro errado. Afinal, qual era a importância de os garotos estúpidos verificarem a placa antes de executar o bendito plano?

É óbvio que eu fui obrigado a recorrer a Peter, mas o desgraçado está viajando. De acordo com ele, está prestes a pôr as mãos em algumas provas que colocariam fim a esse meu tormento. Então o seu conselho foi: Pare de agir como um imbecil.

Só que ele não tinha visto o olhar determinado que ela me deu. E não existe nada, exatamente nada mais perigoso, que uma mulher querendo vingança.

Eu iria enlouquecer por ter sido um cretino, e Penelope lamentaria por ter agido sem pensar. Além disso, há uma grande probabilidade de que eu cometa assassinato. E eu sei perfeitamente quantos anos de cadeia isso me dá.

Por alguns minutos, eu optei por manter a calma e assistir ao tal jantar idiota. Na perfeita calma, como se eu visse uma comédia romântica na TV.

Vi Wade chegar em uma camisa estampada ridícula e em uma calça ainda mais bizarra, que o fazia parecer como um desses integrantes de *boy band* que fazem garotinhas gritarem e desmaiarem. Que tipo de retardado vai em um encontro vestido daquela maneira?

Claro, ele também levou o vinho. Duas garrafas!

Porra. Exatamente duas garrafas de vinho. E ele deve saber a baixa tolerância que ela tem à bebida. E focando a câmera no rótulo, deduzo que Wade não sabe nada sobre bebidas ou realmente quer deixá-la muito à vontade.

Esfrego minha sobrancelha e tento novamente manter a calma. Afinal, Penelope é adulta e sabe se cuidar. E eu conto com o que sente por mim. Ela até pode estar usando Maxwell para me provocar, mas sou eu quem ela ama.

Bom, eu pensava assim até assisti-los terminar o jantar e ir para a sala sentar no sofá, onde tantas vezes fizemos amor. Wade está poluindo tudo.

Eu noto na expressão de Penelope que ela também se lembra de nós dois ali, corpos suados, gemendo de prazer e paixão.

Noto-a colocar uma distância segura entre eles. Além do seu corpo tenso falar mais do que mil palavras.

Contudo, minha confiança foi pelo ralo quando Wade derramou propositalmente vinho na camisa. Obviamente que ele foi obrigado a tirar, para que a gentil Penelope levasse aquela afronta à humanidade para a máquina de lavar.

Não! Isso foi a gota d'água para mim. Há um limite para tudo, e o meu já tinha ultrapassado quando deixei que ela levasse adiante esse jantar dos infernos.

Eu deveria ter batido na porta do Wade, dado um murro naquela cara de debiloide de academia que ele tem, e ter exigido que ele ficasse bem longe da minha mulher. Um continente de distância, por exemplo.

E puta que pariu!

É exatamente isso o que eu irei fazer. Arrastar aquele filho da puta para fora, pelo nariz.

Pego as chaves do carro e saio do prédio o mais rápido que consigo.

Até o apartamento dela, não devo ter demorado mais do que dez minutos. E acho bom que Maxwell ainda esteja conservando suas calças.

Assim que subo os lances de escada, eu procuro me controlar só um pouco. Primeiro porque não quero ser preso por assassinar um verme como Wade, por mais que ele mereça esse fim. Além disso, qualquer ação impensada arruinaria completamente minha chance de felicidade com a Charmosa.

Depois, mesmo que eu não o mate, sem sombras de dúvidas eu a deixarei ainda mais furiosa comigo do que ela já está, por atrapalhar sua noite pateticamente romântica.

Se por uma brincadeira tola ela nos colocou nessa situação, imagine o que faria quando eu fizesse uma arruaça em seu apartamento. E também há o fato de que ele pode estar mesmo por trás de todas as ameaças. Portanto, ele não hesitaria em revidar da forma mais vil.

Droga, pense!

Estou queimando por dentro ao imaginar o que pode estar acontecendo lá dentro.

Wade beijando-a. Wade tocando-a como tantas vezes eu fiz e dizendo o quanto ela é linda.

Wade e Penelope. *Juntos.*

Eu havia sido o primeiro homem da sua vida. E vou continuar sendo o único.

Chispas de fogo saltam dos meus olhos enquanto tento manter o controle.

Fogo!

Essa é a solução, talvez não brilhante, mas me daria algumas horas de vantagem, até pelo menos arquitetar outro plano.

Quinze minutos depois, ouço o sinal de alerta. As pessoas começam a deixar seus apartamentos. Alguns de pijama e com olhar confuso. Sinto arrependimento quando vejo uma mãe descer a escada com seus filhos.

Ter acionado o alarme de incêndio e ter ligado para os bombeiros não me parece uma ação correta agora. Mas quando vejo Penelope e Wade saírem, meu lado cretino muda de ideia.

Logo os bombeiros chegam e vão verificar os andares do prédio. Escondo-me entre as pessoas aflitas, mas estou perto o suficiente para ouvir o que Penelope e Maxwell conversam.

— O que será que aconteceu? — Maxwell indaga, puxando-a para seu peito. — Não vejo sinal de fumaça.

Por que o estúpido ainda não colocou a porra da camisa?

Noto-a estremecer. Não sei se é de repulsa ou devido ao frio, mas fico com a primeira opção. Ele esfrega os braços dela. Fico

cego por alguns segundos.

Sou eu que deveria estar ali consolando-a.

— Não gosto disso — ela murmura — Me trazem lembranças ruins.

Sei que ela fala da noite do Ano Novo e tudo o que aconteceu. Outra vez, o arrependimento me bate.

Tudo que faço, de uma forma ou de outra, causa sua dor. Estou pensando sobre isso quando um dos bombeiros retorna.

— Não se preocupem. Foi apenas um alarme falso. Voltem para seus lares e tenham um fim de noite tranquilo.

É exatamente isso que eu faço. Retorno para o que tenho chamado de lar. Há a possibilidade de que o casal volte para dentro e deem continuidade ao que eu havia interrompido. Isso já não tem importância. Eu tinha jogado minha oportunidade pela janela quando, no início do ano, havia dito não ao seu pedido de casamento e ter permitido que fosse embora sem explicação.

Agora sou eu a ter que lidar com a dor.

E puta merda, dói feito o diabo!

Capítulo 9

Penelope

01 de janeiro de 2013

Saí do carro assim que Liam estacionou no meio fio. Aquela sensação de que algo ruim tinha acontecido veio sobre mim como um trem em alta velocidade.

Assim que desci do carro, vi Peter conversando com um policial e senti minhas pernas oscilarem. Imediatamente, pensei ter acontecido algo aos meus pais. Bom, eu já tinha perdido o homem que eu amava. Pelo visto, esta é mesmo a minha sina, perder todos que amo.

—Peter?

—Olá, querida.

O olhar consolador que ele me deu provou que eu estivera certa, algo grave tinha mesmo acontecido.

—A senhora é a proprietária do 38?

Afirmar que sim com a cabeça, esperando o momento que ele me daria a notícia trágica.

—Fique calma, tudo bem? Não é tão grave quanto parece.

Peter envolveu meus ombros com o seu braço, enquanto sentia meu coração saltar em meu peito, e perguntava-me se algo havia acontecido a Lola.

Quando cruzei a porta, a cena que presenciei me deixou estarrecida.

Destruído!

O apartamento estava completamente destruído. O computador caído no chão. A mesa totalmente quebrada. Todas as plantas espalhadas pela sala. Terra por todos os lados. Na cozinha, panelas amassadas no chão e o vidro da janela estava quebrado. Cacos de pratos e copos encobriam o chão.

–Oh, não!

Desolada, corri até o conjunto de porcelana chinesa que Lola adorava e que havia ganhado do filho, que adquiriu em uma de suas viagens. Tudo arruinado.

–O que aconteceu aqui?

Meus olhos estavam marejados quando perguntei a Peter

–Quem fez isso?– Liam perguntou, furioso.

–Esperamos que a senhora possa ter algumas respostas.

Disse um dos policiais ao tomar nota. Enquanto o policial ia falando comigo, eu tentava entender algo do que aconteceu.

–Um assalto?

Minha pergunta soou irreal até para mim. Esse é um bairro relativamente calmo. Nunca ouvi falar de algo parecido desde que tinha me estabelecido.

–Não há sinal de arrombamentos. Quem fez isso tinha livre acesso ao apartamento. A senhora conhece alguém que tenha raiva de você o suficiente para querer assustá-la dessa forma? Veja bem, nada foi roubado. Isso soa mais como uma ameaça.

Sentia minhas pernas trêmulas e o sangue correr velozmente em minhas veias. Só havia uma pessoa querendo meu mal.

–Celeste!

Respondi ao policial, mas foi direcionado ao Peter.

–Não acredito que seja ela. Ainda está na Europa, fazendo tratamento.

–Ela deve ter pago a alguém!

Celeste me quer longe de Adam. E nem mesmo sabe que não precisava chegar tão longe. Como ela me disse uma vez, ele havia se cansado de mim, como se cansou de todas as outras.

–Pois eu tenho certeza!

Afirmei ao policial. Ele me disse que poderia prestar queixa, mas que não havia acabado ainda. Segui-os até o meu quarto.

–Isso é...

Não consegui concluir. Estava aterrorizada.

–Sangue.

Peter concluiu por mim e se colocou ao meu lado.

Jezebel!

Vá embora!

As palavras pichadas na parede, com sangue, fizeram com que eu desse vazão a todo estresse que senti naquela noite.

–Porra!

Foi a última palavra que ouvi de Liam antes de chorar nos braços dele.

No momento em que eu deixei Adam sozinho no escritório, soube que não tinha sido uma boa ideia usar Maxwell de novo. Isso estava se tornando um hábito desonesto da minha parte, principalmente quando sei que não poderá ter nada entre nós dois.

Um dia talvez eu aprenda a amar outro homem, eu me dê uma nova oportunidade de ser feliz, mas Max não é essa pessoa, não é certo usá-lo como estou fazendo.

Eu tentei encontrar uma forma de falar com ele durante o jantar e pedir desculpas. Cada vez que eu tentava tocar no assunto, ele era gentil, o que me desencorajava a continuar.

Por fim, disse que deixaria a noite seguir como bons amigos. Se eu evitasse o vinho e ele não avançasse o sinal, ficaria tudo bem.

Quando fomos para a sala, tentei manter o máximo de distância possível. Pensei em diversas desculpas para fazê-lo ir embora, mas nada me veio à cabeça.

Cólica, dor de cabeça, cansaço. Sempre que abria a boca, ele enveredava em uma conversa. E quando manchou sua roupa de vinho, eu soube que tinha que pôr um ponto final à noite, que já prometia ser desastrosa.

Foi constrangedor voltar à sala e encontrá-lo meio despido. Mais constrangedor ainda foi o olhar cobiçador que ele lançava a mim.

Com uma desculpa qualquer sobre a máquina quebrada, voltei para a lavanderia, onde fiquei até ter a roupa lavada e seca.

Para minha sorte ou azar, o alarme de incêndio soou, e tinha à minha disposição a desculpa perfeita.

— Bom, ainda bem que não foi nada.

Max me acompanha ao apartamento, após termos autorização dos bombeiros para voltar.

— Podemos ver aquele filme?

— É melhor deixarmos para uma outra hora, Max. Estou cansada, e isso, de certa forma, me afetou um pouco.

Contei a ele o que aconteceu quando voltei das férias. O Sr. Durant gentilmente me deu alguns dias de férias para cuidar do apartamento e me recuperar do choque.

Aproveitei para visitar meus primos e Lola. Confesso que ficar alguns dias no Texas, com minha família e longe do Adam, era tudo o que eu precisava na época. Voltei mais forte, foi o que eu pensei.

Minha tia deixou a casa aos cuidados de Peter. Ele colocou uma câmera na porta de entrada, só assim ela permitiu que eu retornasse. O que eu entendo.

— Tudo bem.

Ele suspira, vejo que parece frustrado com minha decisão em encerrar a noite.

Despeço-me dele, e assim que entro, vou para a cozinha cuidar da pequena bagunça que deixei por lá. Faço o mesmo com a sala. Preciso manter minha mente e corpo ocupados.

Quando termino, tomo banho na esperança de relaxar. Não ajudou em nada. Lembro da garrafa de vinho. Talvez uma taça

seja tudo o que eu preciso para me ajudar a dormir e a esquecer.

Outra vez foi uma péssima escolha. Nos últimos dias, eu tenho feito muito isso, escolhas ruins. Como não comprar um celular novo, depois que perdi o antigo naquela festa. Disse a mim mesma que queria ficar um tempo isolada. As pessoas poderiam me encontrar no trabalho ou ligar para casa se fosse algo importante.

Pergunto-me se é muito tarde para ligar para Juliene. Já me sinto embriagada, e não quero preocupá-la à toa. Quando Juliene esteve aqui, era tudo mais fácil de suportar. Mas, por mais que nesse momento eu só queria um amigo, não me parece uma boa ideia incomodá-la.

Eu venho pensando muito em ir morar com minha tia e meus primos. Adoro o meu trabalho. Amo New York, mas eu amo o Adam muito mais. Ter que vê-lo constantemente e presenciá-lo com outras mulheres machuca demais. Eu odiei a amiga da Jennifer. *Paige*. Eu a odiei e odiei o fato de Adam dar em cima dela na minha frente. E me odeio ainda mais por não conseguir arrancar esse desgraçado do meu coração. Devo ter uma propensão ao masoquismo e gostar de sofrer.

— Eu vou te esquecer, nem que seja a última coisa que eu faça.

Finalizo a segunda garrafa que Max havia trazido, jogo-a em algum canto no chão, sento no sofá, abraçando os meus joelhos, e faço o que há muito tempo não venho me permitindo: eu choro.

Por um tempo longo demais, mas que ao mesmo tempo parece que nunca será suficiente. Estou tão perdida em mim mesma, que saio do transe quando sinto as mãos em meu queixo, me obrigando a erguer a cabeça.

— Não chora. Eu suporto qualquer coisa, menos ver você chorar.

Há alguns minutos, eu dizia fervorosamente que não havia pessoa no mundo que eu desprezasse mais.

— Adam?

— Eu estou aqui. Eu sempre estive com você.

No momento que seus lábios tocam os meus, eu sei que não há pessoa no mundo que eu ame mais.

Capítulo 10

Adam

No caminho de volta, fui decidido a destruir todas as gravações e pôr fim a esse comportamento irracional. Porém, assim que eu a vi sozinha, sofrendo, não consegui me conter e pensar em mais nada além de consolá-la.

— Eu estou sonhando?

O medo de que estarmos juntos, nos braços do outro, seja ilusório, é tão visível que uma fígada atravessa meu peito, causando uma dor quase agonizante.

— É a mais perfeita realidade.

Deslizo os meus dedos abaixo dos seus olhos, secando os rastros de lágrimas de seu rosto.

— Já percebeu que a vida só é perfeita quando estamos juntos?

— É por isso que eu não consigo te esquecer?

— Não. É porque estamos destinados a ficarmos juntos. Nessa e em outras vidas.

Ela me olha, surpresa. Talvez eu tenha sido romântico ou intenso demais, mas no momento em que eu coloquei os meus olhos nela, eu soube que seria assim.

— Pensei sobre isso algumas vezes. Quem sabe seja realmente assim.

Sua testa toca a minha. Na sala silenciosa, é quase possível ouvir as batidas sincronizadas dos nossos corações, pulsando juntos, vivos. Eu sei que o meu bate em um ritmo muito mais acelerado.

— Adam?

Abro os meus olhos e encontro o céu.

— Me beija.

Toco seus lábios com meus dedos trêmulos. Eles são macios e quentes.

—Eu preciso te dizer...

Seus dedos me selam.

—Não agora. Não hoje, apenas me beija.

Fico em pé, olho para ela por alguns segundos, guardando em minha memória cada detalhe do seu rosto lindo. Talvez amanhã seja tarde demais. Talvez amanhã eu a perca, mas... Hoje, hoje eu a tenho comigo. Ela é minha.

— Farei mais do que isso — sussurro em seus lábios.

O caminho até o quarto é regado de beijos e carícias. Senti saudades da forma que Penelope agarra meus cabelos quando está excitada. São leves puxões que refletem a urgência de finalmente sermos um só.

Coloco-a no chão e escorrego o robe pelos seus ombros. Meus olhos fazem festa ao ver seu corpo nu diante de mim. Meu pau pulsa tanto quanto minhas veias, onde meu sangue corre desenfreadamente.

— Não consigo me segurar — murmura ela, apoiando-se em meu peito.

Minha consciência acusa que Penelope está sob o efeito do vinho que havia bebido, e que estou tomando proveito disso. Mas a parte de mim que a ama com toda sinceridade e intensidade, prefere acreditar que seja eu a causar esse efeito. Preciso dela como o ar que me mantém vivo. Contra isso, eu nunca seria capaz de lutar. Lidaria com as consequências depois, no dia seguinte. Agora preciso estar embriagado do seu amor.

— Não se segure — joga-a na cama com certa delicadeza — Vem comigo. Fica comigo.

Seu riso faz a minha própria alma levitar de encontro a ela. Tiro minhas roupas em uma velocidade espantosa. Estou ansioso para me ver enterrado dentro dela, possuindo-a, fazendo-a minha como deve ser, mas também quero que esse momento perdure o máximo que eu puder e que, acima de tudo, seja especial.

Fico de joelhos no chão, toco sua perna, acaricio seus pés, dando vez ou outra pequenas mordidas. Subo lentamente, deposito um beijo na curva de seu joelho e continuo pela parte interna de suas coxas. Seus gemidos vão ficando mais altos e ritmados.

Algo como um som gutural sai de minha boca. Há uma urgência dentro de mim.

Passo minha língua em torno da sua virilha e vejo-a convulsionar. Estimulado, toco seu clitóris com a ponta da língua, fazendo movimentos circulares.

— Adam...

Eu sempre enlouqueço quando ela geme meu nome quando estamos fazendo amor, me excita ainda mais. Introduzo um dedo dentro dela enquanto a observo derreter em meus braços. Intercalando entre minha boca e minhas mãos, vou levando-a a um prazer que a faz implorar por mais, e exige de mim muito mais controle do que eu realmente tenho.

No auge, quando já não podemos mais suportar tanta paixão reprimida, afasto-me rapidamente em busca do preservativo. Coloco-o com a mesma pressa de um iniciante na arte do sexo, depois tomo seus lábios em um beijo profundo.

Algumas vezes, não é preciso expressar nossos sentimentos em palavras. O que estamos fazendo, sentindo e proporcionando ao outro, é a mais pura declaração de amor. Enterro-me fundo dentro dela. Suas pernas envolvem minha cintura. A cada arremetida, eu me declaro.

— Oh... — seus grunhidos descontrolados expulsam meu autocontrole. Meu corpo e todas as sensações explosivas que ela causa em mim me guiam — Adam... eu...

— Eu sei...

Estoco uma e outra vez, tomando, exigindo, dando-me, implorando.

Eu te amo. Foi o que nossos corpos gritaram quando atingimos o ápice do prazer. Cada um entregando uma parte de si para o outro.

Ninguém fica como entrou. Eu estou entregando a ela a melhor parte de mim. A parte que a ama, sempre vai amar, eternamente.

Acordo com o som do celular tocando no chão. Deslizo rapidamente para fora da cama. Não quero acordá-la, mas não resisto esfregar meu nariz levemente em sua nuca antes de levantar.

— Sai logo dessa cama, que tenho boas notícias.

— Peter?

— Não, é o príncipe Charles.

Ouçõ seu riso debochado do outro lado e sorrio. Esqueço

que quando estou feliz, relaxado, e principalmente com ela, não sou o homem mais inteligente do mundo.

— Já voltou? Como sabe que estou na cama?

— Porque estou aqui fora te esperando. E eu leiloaria meu pau na internet se você não estiver na cama com ela nesse momento. Agora anda logo. Eu estou com pressa e sem comer há horas.

— Não podemos conversar depois?

Aliso os cabelos macios e toco levemente sua pele de seda.

— Eu não interromperia algo sagrado como sexo se não fosse importante.

Não, ele não faria isso. Existem três coisas importantes na vida dele: sexo, comida e trabalho, exatamente nessa ordem. Às vezes, ele encaixa os amigos em alguns momentos.

— Está bem. Eu estou indo.

Visto minhas roupas com a mesma euforia de um condenado em direção à forca. Embora a noite tenha sido inesquecível, fizemos amor uma única vez. O cansaço e o álcool, além de mim, a deixaram exausta. Eu não me importei, mesmo tendo meu pau implorando por ela durante a noite toda. Bastava-me tê-la junto comigo, seu corpo aquecendo o meu.

— Então é assim? — a voz trêmula faz com que me vire — Você vai embora?

— Eu não vou embora.

Toco seu rosto e beijo seus lábios.

— Peter está lá fora, precisa falar algo urgente.

— Nós também precisamos conversar.

— Nós vamos conversar. Eu voltarei e explicarei tudo.

Beijo-a com mais paixão dessa vez, procurando afastar qualquer medo ou desconfiança do seu olhar.

— Confie em mim.

Esfrego as costas dos dedos em sua bochecha antes de sair.

Acho bom que Peter tenha realmente algo muito importante para me dizer.

Olho para os documentos e fotos em minhas mãos e tento fazer relação com os últimos acontecimentos em torno da minha vida. Ligar Wade ao que me obrigou a manter minha Charmosa a distância.

— Isso prova que Wade...

— Vem roubando a família há algum tempo.

Concluiu Peter, ao entregar a última pasta.

— A ex-mulher descobriu quando ainda eram amantes, por isso ele aceitou a chantagem do casamento. Mas a família dela é, digamos, desajustada. Dinheiro era tudo o que queriam. Então, ele só precisou se arriscar um pouquinho mais. Um novo escritório, negócios de risco, uma boa forma de lavar dinheiro.

— Essa empresa de investimentos...

Aponto para o principal cliente da carteira dele.

— Fantasma. E olha essas fotos aqui.

Peter seleciona algumas fotos. Uma ilha exuberante, com uma casa bonita ao fundo. Mas o que realmente me impressionou foi o nome inscrito no iate branco ancorado na praia.

Lady Penelope.

— Que porra é essa!?

Derrubo as fotos como se me queimassem.

— Wade parece bem empenhado em tê-la de volta, como você já percebeu.

— Isso só prova que ele está por trás das últimas ameaças.

— Eu não consigo pensar em mais ninguém — diz Peter, curvando os ombros. — Mas eu não sei...

— Ele esteve na festa. Foi ele que roubou o celular e enviou a mensagem para mim.

Ao mesmo tempo que sinto alívio em ver que essa insanidade terá um fim, uma grande fúria vai se espalhando pelo meu corpo.

— Vamos até ele. Vou matar esse desgraçado.

— Não quer contar a ela primeiro?

Peter indica o prédio com o dedo.

“Preciso resolver algo urgente. Volto antes que possa perceber que saí.”

Envio a mensagem antes de encará-lo novamente

— Depois que eliminar esse verme. Teremos todo tempo do mundo.

Enquanto Peter dirige, eu me forço a pensar em tudo o que Maxwell havia feito, é o combustível que preciso para manter a carga de energia correndo em mim.

Entramos no condomínio sem o menor problema. Peter sempre alega que não faz mágica em seu trabalho, mas eu não vejo assim. Dez minutos depois, tenho um cachorro enorme sendo contido por ele e meu antebraço na garganta de Maxwell, enquanto o encurralo contra a parede.

— Acreditou mesmo que nunca descobriríamos o que você fez?

— Não sei do que estão falando — Wade gagueja, e eu dou uma joelhada em suas bolas, fazendo-o curvar-se e gemer.

— Droga, seu filho da mãe. Eu vou processar você. Vou arrancar cada centavo que tem.

Estou pronto a voltar a atacar quando Peter me empurra para longe.

— Você xinga como uma menininha — ele diz ao Wade — E você bate como uma donzela.

Antes que eu possa rebater o que ele disse, vejo-o desferir um soco potente em Maxwell e o arremessar para o outro lado da sala.

Ele se arrasta pelo chão como a serpente que é, manchando o tapete branco com o sangue que roja do seu nariz.

— Sabe o que eu vou fazer? — em dois segundos estou sobre ele, arrastando-o pelos cabelos. — Vou retalhar o seu corpo e dar para aquele cachorro enfurecido no quarto comer. Ninguém saberá que estivemos aqui. O que acha de usarmos seus jogos insanos?

Toda raiva, frustração e angústia causados por ele nos últimos meses converte-se em golpes que desfiro nele.

Por ele ter abandonado Penelope no altar. Pelo o que fez à casa dela. Por aquela noite no cemitério. Como um covarde, ele nega cada acusação, o que me faz ter ainda mais raiva. Há um leão dentro de mim, sedento por sangue e vingança.

— Já chega!

Peter me afasta e encurrala Maxwell contra o sofá.

— Não viemos fazer justiça com nossas mãos, viemos dar um recado.

Maxwell se encolhe mais quando o homem enorme parece crescer ainda mais sobre ele.

— Vocês estão acabados — murmura ele.

— Achou que ia ameaçar, ferir e chantagear meus amigos e deixaria alguém como eu quieto.

Algo em Peter teria causado desconforto até em mim se não fôssemos amigos. Eu sou levado pela fúria, mas Peter tem algo muito mais ameaçador em seu olhar

— Eu vou dizer o que vai fazer, Maxwell...

O tom que ele usa é passivo, mas muito potente.

— Você irá rastejar pelo apartamento, chorando até à noite. Fará sua mala, pegará um avião, que o levará para aquela ilha que acabou de comprar, e nunca mais colocará os seus pés imundos nessa cidade.

Quando Peter ameaça desferir outro soco em sua cara, ele começa a chorar e vergonhosamente, vejo-o molhar as calças. Teria rido de como ele é covarde, se minha raiva por tudo o que ele fez não fosse mais forte que eu.

— Tem mais sujeira aí do que nos esgotos imundos de New York.

Observo Peter tirar o envelope de baixo da sua jaqueta de couro e jogar sobre ele.

— Se você sequer imaginar voltar para esse país, irá direto para a cadeia, que é o seu lugar. Aqui tem provas que darão a você alguns anos de prisão.

Sendo o caso um roubo contra a família dele, cabia aos pais processá-lo ou não. Poderiam fazer vistas grossas, como imagino que certamente farão.

Com um olhar, Peter me diz que o siga para a porta.

— Nós vamos embora assim? Deixando que ele fuja e viva em uma bela ilha?

— Você quer o quê? Dar um tiro na testa dele? Desculpe, a comida da cadeia não é agradável, e também não tem mulher.

— Peter!

Ele usa o humor, mas sei que está tão fora de si quanto eu.

— O homem já está acabado. Enviei uma cópia para o pai dele. Além disso, aquela ilha pode ser tão difícil como qualquer prisão. Longe de casa, dos amigos, com o pai o desprezando. Acabou tudo para ele.

— Um minuto.

Volto para a sala, e Maxwell voa para perto da janela quando me vê.

— Apague o nome naquele iate ou o afundo com você

dentro. Sabe, Maxwell, eu adoraria te ver na cadeia, apodrecendo, mas é gratificante saber que ficará sozinho naquela ilha, imaginando o quanto Penelope e eu somos felizes. Essa é a melhor vingança que eu poderia ter.

— Você pode não acreditar, Crigton, mas eu a amo de verdade.

Por um segundo, eu vejo verdade em seus olhos. Mas isso não me importa. Ninguém jamais vai amá-la como eu.

— A diferença entre nós dois, Wade, é que eu nunca coloquei minha felicidade acima da dela.

Caminho até a saída, sentindo-me absurdamente calmo dessa vez.

— Você me dá garantias que ele nunca mais irá se aproximar de nós?

— Todas.

Ele cobre o braço com a camiseta, mas percebo a mancha de sangue.

— Está tudo bem com você?

— Aquele cachorro maldito me mordeu.

— Precisa ir ao médico.

— Não, está tudo bem.

— Peter!

— Está bem, vou te deixar em casa e eu vou.

— Não! Eu vou te deixar no hospital, e depois vou procurar Penelope.

— Não vai tocar no meu carro.

— É sério isso? Com a quantidade de sangue que sai de você, não ficará vivo para ter um carro.

— Merda!

Sorrio da indignação dele. Assim que o deixo no hospital, meu humor é bem diferente. Havia chegado a hora mais difícil e complicada.

Contar tudo a ela.

Capítulo 11

Penelope

Já olhei para a porta, acho que umas vinte vezes. Não sei qual sentimento me domina mais: saudade daquele desgraçado, decepção, ou raiva porque Adam foi embora *de novo*, sem nenhuma explicação.

Eu consigo me lembrar de poucas coisas da noite anterior. Do jantar com o Max? Brevemente. De como me senti desconfortável com a presença dele? Muito. E do alarme de incêndio e de ter bebido muito.

Depois, quando despertei, não sabia o que era sonho ou realidade. Pareceu muito real para mim que Adam tivesse surgido e feito amor daquela maneira, de uma forma tão intensa e apaixonada.

O peso da realidade me atingiu quando senti sua mão em meu cabelo, o toque dos lábios em minha nuca me despertando, a mão em minha pele trazendo sensações indescritíveis. Não era um sonho como todos os outros que tive muitas vezes. Ele estava aqui e nos amariamos de novo. Mas o celular tocou e ele partiu, deixando-me excitada e frustrada ao mesmo tempo.

O que aconteceu com o homem que acreditei conhecer? Será que estive tão desesperada e carente de amor que imaginei um homem que nunca existiu?

Eu sei que essa relação destrutiva tem que acabar. Eu só

preciso manter essa indignação dentro de mim o maior tempo possível. Resistir ao charme e à forte atração que ele tem sobre mim e esquecer de todos os momentos especiais e incríveis que nós tivemos. Não pode ser tão difícil assim.

E se nada disso der certo, eu posso ir embora e recomeçar. Gostei do Texas, da calma da fazenda e de ter minha família por perto. Talvez isso seja realmente o que eu preciso para esquecê-lo.

Mas então, por que essa possibilidade causa uma dor tão aguda em meu coração?

Passei a manhã toda desconcentrada, irritada, mal-humorada, e sendo uma pessoa muito difícil de se conviver. Eu diria que uma cópia feminina do meu chefe em seus piores dias. E olha, não fico assim nem no meu período fértil. O problema é que Adam é minha própria TPM, causando dores terríveis.

Claro que eu havia me arrependido por ter sido indelicada com o rapaz da correspondência, de ter brigado com uma assistente do marketing e ter sido ríspida com Aline por ela ficar rindo ao telefone, quando se tem tanto trabalho a fazer. Ela é desatenta às vezes, na verdade, muitas vezes, mas, na maioria,

cumpria bem o seu papel. Como ela havia conseguido o trabalho na DET, eu não faço ideia.

O que a fez permanecer só pode ter sido as vistas grossas de Charlotte e pena que sei que o Neil tem, por ela ser órfã e não ter ninguém na cidade, além do irmão. Mas isso precisa mudar. Se eu sair da empresa, não acredito que minha substituta será tão condescendente com ela.

Vou até a sala de arquivo, tentando encontrar um contrato que havia pedido a Aline antes dela sair para almoçar, e isso tinha sido há duas horas.

— Não é possível que seja tão complicado assim.

Bato a gaveta assim que encontro a pasta. Alguém precisa dar um jeito nela.

— Sabia que fica linda quando está zangada?

Meu corpo enrijece ao ouvir sua voz.

Seja forte! Lembre-se de tudo o que ele já fez.

— O que você quer aqui, Dr. Crighton?

— Dr. Crighton?

Adam parece ter sentido a frieza contida em minha voz e olhos, pois o sorriso em seu rosto esvaiu-se imediatamente.

— Eu disse que voltaria.

— Bem, essa não é a minha casa.

Seguro a pasta como se fosse um escudo. Caminho até a porta, e é impossível evitar que nossos corpos se toquem. Sinto o perfume masculino e cheiro de creme pós-barba invadindo meus sentidos. Um leve tremor me invade.

Seja forte, repito mentalmente.

— Por que está tão arisca? Eu disse que voltaria assim que pudesse.

Ele me para no meio do caminho, e sou obrigada a olhar para ele. Seus olhos castanhos, fixos nos meus, alterando minha batida cardíaca. Minha respiração passa a ficar acelerada.

— Então, o que eu deveria fazer? — Puxo o meu braço e volto a caminhar. — — Esperar pacientemente em casa até você estar disponível para uma nova trepada de manhã, ou seja lá quando quisesse?

— Penelope!

— Me solta!

Eu não vou chorar. Não vou bancar a garotinha frágil de coração quebrado. Não para ele, não agora. Nunca mais.

— Penelope?

Aline retorna, e não sei se me sinto chateada por sua interrupção ou agradecida. Obviamente, eu não conseguiria sustentar toda essa minha segurança por tanto tempo.

— Tudo bem?

— Está sim. O Sr. Crighton veio procurar o Neil, mas já avisei que ele não está.

Viro para Adam, esperando que ele entenda minha vontade que ele vá embora.

— Avisarei que estive aqui, Senhor.

— Não sairei sem conversarmos.

Sua voz é baixa, suave, mas a determinação em seu olhar me relata que não vou me ver livre dele tão cedo.

— Penelope, quer ajuda? — insiste Aline.

— Cuide da sua vida, intrometida!

O olhar que Adam a encara faz com que ela recue um pouco. Seus olhos sobre mim também me fazem ficar acuada.

— E *você* irá me ouvir agora!

Mesmo que eu quisesse protestar, não conseguiria. Suas mãos são como algemas em minha pele. Ele nunca havia sido agressivo comigo, mas algo me diz que a fúria que sente deixa-o muito próximo a isso.

Permito que ele me arraste até a sala do Neil. Vejo-o trancar a porta, anulando qualquer possibilidade de fuga.

— Por que foi me procurar? E como entrou na minha casa?

De alguma maneira, eu acredito que o ataque é a melhor defesa. Enquanto eu sentir raiva, a probabilidade que eu me

renda aos seus encantos é menor. A verdade é que estou cansada de me sentir frágil e idiota, principalmente de sofrer.

— Não me diga que deixei a porta aberta, porque não deixei.

Vejo certa indecisão em seu olhar, mas me mantenho firme. Ele nunca facilitou nada para mim, por que deveria ter piedade dele?

— Peter me deu... a chave.

Levo alguns segundos para assimilar o que ele disse.

— Peter deu a chave do *meu* apartamento para você?

Provavelmente foi quando ele tinha instalado a câmera na porta...

— Mas isso foi há meses!

Ele se aproxima mais.

Concentre-se na raiva, medito de novo. Pense na raiva.

— Por que está tão brava? Já trocamos as chaves antes, lembra? Você ainda tem a chave da minha casa.

Droga. Isso é verdade. Eu nunca havia devolvido, assim como o anel em minha bolsa.

— Porque eu não tive a oportunidade — minto. Entregar a chave para ele é como pôr um fim definitivo a essa relação — E não estamos juntos, se é que um dia estivemos.

— Não acredito que estamos brigando por causa de uma

maldita chave!

Adam esfrega o rosto e parece tentar manter a calma.

— Não é apenas uma chave. Isso se chama invasão de privacidade. Que merda de advogado você é? Isso daria a qualquer pervertido um belo processo.

Noto-o ficar pálido e se afastar. Certo, eu havia pegado pesado quando insinuei que ele fosse um pervertido. Afinal, Adam só havia ficado com a chave. Não é como se me vigiasse ou coisa assim.

— Isso será difícil — murmura ele para si mesmo e apoia as mãos em cima da mesa. — Eu só estava tentando te proteger. Lembra do que aconteceu no Ano Novo? Do meu acidente?

— Não quero falar sobre isso.

Sua rejeição ainda me fere. Viro em direção à porta, mas paro ao tocar a maçaneta.

— Eu vi o que fizeram no seu apartamento, Penelope. Recebi as fotos no caminho para a festa, por isso perdi o controle do carro...

Sinto seu corpo atrás do meu, e quando ele toca meu ombro, todas as minhas defesas começam a desmoronar.

— A mensagem dizia que era um aviso de que algo muito ruim poderia acontecer a você, se eu insistisse em ficarmos juntos.

— Foi por isso que me mandou embora?

— Eu não mandei — ele me gira para ele — Você foi embora. Acreditei que precisava de um tempo para se acalmar. Até pedi que Liam fosse atrás de você. Mas quando saí do hospital, dois dias depois, você já tinha saído da cidade. Eu tentava entender o que estava acontecendo, quem poderia estar por trás de tudo isso.

— Celeste! Eu soube disso no mesmo momento.

— Não foi ela...

Afasto-o de mim, sem conseguir acreditar que ele esteja defendendo a víbora.

— Vai defendê-la agora? Sêrio? Para mim? Não há ninguém mais no mundo que me odeie tanto quanto ela.

— Não é quem te odeia, mas quem te ama e faria tudo para tê-la de volta. Custe o que custar.

— Eu não entendo. Meu pai?

Meu pai talvez um dia tenha me amado, mas hoje parece não se dar conta que eu existo.

— Wade! Foi o maldito Maxwell Wade!

Encaro-o, perplexa. O que ele diz não faz o menor sentido. Maxwell havia me abandonado na igreja. Tudo bem, ele deixou claro seu interesse em reatarmos nosso relacionamento, mas daí a planejar e executar um plano tão sórdido para alcançar esse

objetivo é demais para mim. Além disso, somos amigos, não somos?

— Por que ele faria isso?

— Está obcecado por você. Eu até acredito que realmente a ame, ao ponto de fazer tudo para ter você de volta.

Caminho até o sofá e tento digerir tudo o que ele diz.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Desconfiei no dia da festa do Peter. Seu apartamento não foi invadido. Vocês trabalham no mesmo prédio, era muito fácil que ele conseguisse as chaves. Também saíram para almoçar algumas vezes...

Como ele sabe de tudo isso? Estava prestes a perguntar, quando um fato inusitado me vem à memória.

— Eu perdi a minha chave uma vez e precisei fazer outra cópia.

Quando tudo parece fazer sentido, o terror me assola. Na noite passada eu levei Maxwell para minha casa. Só Deus sabe o que poderia ter acontecido se o alarme não tivesse disparado.

— Wade tem desviado muito dinheiro do banco da família dele.

Adam entrega uma foto que me deixa apreensiva.

— Essa é a ilha que ele comprou e acredito que a levaria para lá. O iate era para você.

Lady Penelope.

Seria uma homenagem linda se viesse de Adam, por exemplo. De Max, causa-me apreensão.

— A culpa foi minha.

Devolvo a foto e fixo meu olhar nas minhas mãos trêmulas.

— Sua culpa?

— Eu não devia ter o encorajado tanto... — Levanto e caminho até a janela. — Para provocar você.

A vista da cidade é linda daqui. Consigo ver a Estátua da Liberdade ao fundo e as centenas de arranha-céus que fazem dessa cidade encantadora. O cenário faz bem aos meus olhos, mas minha mente está ocupada com outros acontecimentos.

— Por que não me contou nada?

— Eu quis falar com você por semanas. E depois, aquele dia, durante a festa, recebi uma mensagem sua, pedindo que a encontrasse em outro lugar...

— Eu fui até aquele quarto, mas você não apareceu.

A longa pausa me faz virar para ele. Noto-o distante, seu semblante aflito indica que lembra de algo angustiante para ele.

— Era o cemitério onde Cecília está enterrada, porém, no lugar do nome dela, era o seu na lápide.

Solto um grito apavorado ao ouvir essa declaração. Não

consigo acreditar que Max tenha feito algo tão vil.

— Meu Deus!

— Não se preocupe. Peter e eu já demos um jeito nele, não irá nos ameaçar nunca mais.

— O que vocês fizeram?

Ele caminha até mim e me abraça forte. Eu retribuo sem pestanejar. Preciso dele, preciso da segurança que ele me passa.

— Minha vontade era matá-lo. O que fez em sua casa daria um bom tempo na cadeia. Mas eu não quero que mais nada respingue em você.

Acredito que ele queira dizer: se meus pais ou alguém da cidade soubessem disso. O que ele não percebe é que nada disso me importa. Eu queria que ele tivesse tido confiança em mim e parasse de me esconder as coisas.

— Demos uma lição que ele se lembrará por muito tempo. Além disso, Peter mandou algumas cópias ao pai dele, que provam o que ele vinha fazendo. Se ele irá preso ou não, é um problema deles.

— Não pode ficar querendo me proteger o tempo todo.

Afasto-me. Estou magoada, decepcionada, e sou envolvida por tantos sentimentos que não sei colocar em palavras.

— Primeiro com Grace, depois Celeste, agora com Maxwell. Quem virá depois? Algum cliente zangado? Sempre irá me afastar

com a desculpa que quer me manter viva?

— Eu amo você. Enlouqueceria se...

— Se eu morrer? Se eu me apaixonar por outra pessoa?
Se...

— Não! Você não vai, nada disso. Nós sempre acabamos aqui. *Juntos*.

— As coisas não são como você quer, Adam. Não pode me tratar como sua bonequinha fria de porcelana. Ao contrário dela, eu tenho um coração que você maltratou muitas vezes. Não foi Max que nos afastou, foi você.

— Eu só quis...

— Me proteger?

Encaro o chão, porque presenciar seus olhos tristes está me matando também.

— Não adianta nada quando apenas me fere o tempo todo. Se não há confiança, o amor não sobrevive.

— Está terminando comigo?

Sua voz é praticamente um sussurrar. Sorrio sem vontade. Há algum tempo, eu fiz a mesma pergunta.

— É isso?

— Terminar o quê? Não temos nada, certo?

— Penelope, ouça...

Ele avança e eu me afasto. Dessa vez, chego à porta. Sinto como se a maçaneta fria queimasse minha mão, mas me mantenho firme.

— Eu preciso de tempo para pensar.

Vejo-o caminhar até mim através da cortina de lágrimas em meus olhos. Noto o mesmo sofrimento nos dele.

Eu preciso me manter firme.

Adam precisa entender que a confiança é a base de tudo. Ele poderia ter sido honesto, encontraríamos uma forma de enfrentar isso juntos. E não sei se posso continuar vivendo com essa insegurança, do que poderá acontecer, até ele decidir me afastar de novo.

— Eu espero — seus dedos tocam meu rosto — Sempre estive ao seu lado, mesmo quando não me via lá.

Um leve toque em meus lábios faz toda minha dor desaparecer. É como se ele fosse o remédio que curasse e causasse efeitos colaterais ao mesmo tempo.

Quando abro meus olhos, ele não está mais aqui.

Capítulo 12

Adam

Eu havia fodido com tudo. Fui muito presunçoso em acreditar que o amor que ela sentia por mim seria maior do que todo o sofrimento que a deixei passar. Que bastaria palavras bonitas e um pedido sincero de desculpas e Penelope iria me perdoar. Mas, como ela afirmou, a vida não pode ser conduzida do jeito que eu quero.

Eu nunca estive no controle de nada, e por causa da minha arrogância, posso perder a única mulher que já amei em toda minha ridícula existência.

Dei o tempo que ela me exigiu. Uma semana. Depois disso foram ligações, flores, convites para jantar. Um a um sendo recusado por ela.

Eu acredito que esteja me castigando. E até aceito que eu mereça isso. Mas, um dia, essa tortura tem que acabar.

Não como direito, não consigo trabalhar, e minhas noites são povoadas com sonhos eróticos com ela.

E ainda nem tive a coragem de falar sobre as câmeras. Porra, isso só inflamará ainda mais sua raiva.

Como punição a mim mesmo, desativei todas elas. No entanto, continuo no apartamento. Passo em casa uma vez ou outra, para trocar a mala de roupa suja por limpas.

Por mais que eu queira estar por perto de alguma forma, hoje é um dia que preciso desse distanciamento.

Ou seria capaz de invadir sua casa outra vez. Eu havia prometido que daria espaço. O problema é que essa maldita promessa está acabando comigo, com nós dois.

Uma hora, eu sei que ela irá ceder. Até posso ter sido arrogante, mas sei que a única coisa que nos separa é o medo que sente de voltar a abandoná-la, aliado a um orgulho idiota.

Passei em casa apenas para pegar algumas roupas e entregar as usadas para minha empregada. Estou no meio da escada quando a campainha toca.

— Olá, querido.

Fico sem reação por um segundo ao ver a mulher diante da minha porta.

A jovem morena e bonita sorri para mim como um gato diante do prato de leite.

— Quem é você?

— Eu sou Helena, lembra?

Antes que eu possa me refazer do choque, ela deposita um beijo em minha boca, atravessa a porta, joga o casaco bege na

mesinha e caminha até o sofá, onde se esparrama, o vestido vermelho e curto não escondendo praticamente nada.

— Sou tão fácil assim de esquecer?

— Mas... que porra é essa? Saia da minha casa!

Sabe quando dizem que desgraça anda em dupla? É essa sensação que tenho quando a campainha toca outra vez.

— Podemos conversar?

Richard.

Respiro aliviado quando o vejo. Eu já tive desgraças demais nas últimas semanas para ter Penelope aqui, imaginando algo que não existe.

— Agora?

— Bem, se está ocupado, eu volto em outra hora.

— Não, espere.

Puxo-o quando faz menção de ir embora.

— Você parece péssimo, homem. Entre, vamos conversar.

Eu não sei o que deu na mulher maluca para ter vindo até minha casa sem convite. Nem ao menos me lembro dela, mas Richard não poderia ter surgido em um momento melhor.

— Oh! Desculpe, não sabia que tinha companhia.

— Stela já está de saída — caminho até o casaco e entrego a ela.

— É Helena! Como assim, estou indo embora?

— Ligue para o Peter. Ele irá resolver seu problema. Mas um dia, quem sabe... — Conduzo a jovem queixosa até a porta.
— Eu ligo para você.

Volto para sala, e Richard me encara com olhar acusador.

— Quê? Ela queria sexo. Em outro momento, eu também...
Nunca prometi flores e sinos de igreja.

O contraditório é que a única mulher que estive propenso a oferecer isso não me quer mais.

— Quanto ao amor e companheirismo, família...

— Um grande pé na bunda. Envolve amor em um relacionamento e, ou você se machuca, ou machuca quem diz que ama, simples assim.

— Bem, quanto a isso, eu não tenho argumentos.

Sua aparência é tão miserável quanto a minha.

— Está apaixonado? Caindo de amor?

Neil, Richard, eu. O único que não parece sofrer desse mal é Peter. Há Liam, mas não consigo entender seu relacionamento com Nicole. Não acreditei que a relação deles durasse, mas depois do que soubemos sobre Cecília, ele parece empenhado para que o noivado dê certo.

— Ela está grávida.

— Nicole?

— Quem é Nicole? Estava ouvindo o que eu dizia?

— Desculpe. O que dizia?

Esfrego meu rosto e sento.

— Paige está grávida.

Ele relata o que havia acontecido mais cedo. O fato de tê-la encontrado com o ex-namorado no apartamento dela e a revelação sobre o bebê.

— Deixe-me adivinhar...

Caminho até o bar e preparo uma bebida para nós dois.

— Você foi um verdadeiro babaca?

— O que queria que eu fizesse?

Ele ignora o copo em minha mão.

— Voltei para o apartamento dela, porque Paige nunca havia dito que me amava, mesmo eu dizendo diversas vezes. Pensei que ela se sentisse insegura, ainda mais depois que me contou sobre os pais dela.

Richard está realmente infeliz.

— Achei que se a pedisse em casamento, dessa vez de verdade, ela diria o que eu precisava ouvir. Mas o que ouvi é que está grávida, e ainda encontrei aquele babaca no apartamento dela.

— Acredita que o filho seja seu?

Ele me encara, cheio de fúria.

— Não seja idiota, Adam! Claro que é meu filho. Fiquei surpreso no começo, mas sei que é meu filho.

— Então, que porra você está fazendo aqui?

Eu vejo como se meu passado estivesse refletido nele.

— Escute aqui, garoto, se algo acontecer a essa criança ou à mãe dela, eu posso garantir que nunca terá um minuto de paz na merda da sua vida.

Ele sabe do que eu falo. Sabe o quanto eu me puni pelo que acreditei ter feito a Cecília.

— Eu estraguei tudo, não é?

— Volte lá e conserte isso. Você tem muita sorte. Não jogue isso pela janela.

— Sério? E quanto ao fato do amor ser um pé no saco?

— Não é uma regra. Só porque não funciona para mim, não quer dizer que será o mesmo com as outras pessoas.

— Só acho que você não encontrou a pessoa certa.

Não, eu a deixei escapar. Mas não quero falar sobre isso essa noite. Ele precisa mais de apoio do que eu.

Por incrível que pareça, o fato dele ser pai me causa uma grande inveja.

Nunca imaginei que diria isso algum dia, mas eu queria estar no lugar dele.

— Não estou no mercado para isso. Vá procurar sua namorada e resolva sua vida.

— Ela deve estar muito irritada agora. Farei isso amanhã cedo, quando nossos ânimos estiverem mais calmos.

— Covarde.

Provoco-o. Sei bem o que é uma mulher furiosa.

— Amanhã pode ser muito tarde.

— Posso passar a noite aqui? Minha casa está impregnada de lembranças, e preciso pensar um pouco.

— Você já estragou a minha noite com Stela. —Sorrio da minha piada — Então, tanto faz.

— Helena.

— Um mero detalhe, caro Richard. Você viu os seios dela?

Não é elogio. Silicone nunca foi meu forte. Prefiro os naturais como os da Penelope, eles são lindos. Eu sou fissurado nos seios dela.

— Poupe-me disso — Richard revira os olhos.

— Mas ela era gostosa — provoco, fazendo o volume dos seios com as mãos.

— Paige é mais bonita.

Claro que ele acha isso. Eu só queria vê-lo admitir.

— Há um quarto de hóspedes lá em cima. Vou pegar as cervejas.

Essa é uma noite em que vamos precisar. Dois imbecis que fizeram merda enchendo a cara.

Caramba. Richard vai ser pai. Isso é incrível.

— Onde você está?

Algo no tom na voz de Liam me põe em alerta.

— Saindo do escritório.

Coloco no viva-voz para vestir o terno.

— Você pode vir até o hospital?

Prendo o telefone com tanta força que não duvidaria se ele desintegrasse em minha mão. Minha respiração imediatamente se altera, seguindo a mesma frequência do meu coração.

— O que aconteceu?

— Neil sofreu um acidente.

Eu deveria me envergonhar que, por um momento, eu tenha sentido alívio. No entanto, foi impossível frear esse sentimento.

Penelope está bem, respiro aliviado.

— O que aconteceu?

Hoje deveria ser o dia mais importante da vida dele. Jenny voltaria a enxergar.

— Um acidente de carro.

— Mas ele está bem?

— Não. Ele não está. Na verdade, eu não sei muito bem qual é o quadro, mas ele não me parecia nada bem.

— Qual hospital ele está?

Por sorte, é o mesmo hospital em que Liam trabalha.

— Estou indo até aí. Como a Jenny está?

Deve estar desolada. Pelo que sei, um acidente de carro foi o responsável por ter ficado cega, e outro coloca em risco a vida do homem que ama. Nenhum dos dois merece passar por esse sofrimento agora. Não quando Neil finalmente havia se livrado da Sophia e conseguido o divórcio.

A vida, às vezes, é uma puta cruel.

— Também não sei o que dizer sobre isso. A cirurgia foi um sucesso, mas começo a achar que teria sido melhor que não.

— Liam!

Tirando o Neil, ele era o mais empenhado para que tudo ocorresse bem.

— Vem para cá que eu te explico.

Enquanto eu dirijo, milhares de pensamentos rondam minha cabeça. Neil e Jenny. Todos os planos que ele me confidenciou. A felicidade transparente em seu rosto quando entreguei os papéis do divórcio. Seus planos em pedi-la em casamento.

— Tem alguma notícia?

— Ele está em cirurgia agora.

Afasto-me do meu irmão e caminho até Peter, que está próximo à janela.

Liam e eu estamos abalados com o estado de Neil, mas o Peter... Ele parece destruído.

Peter me encara, e eu vejo muito mais do que angústia em seus olhos.

— Você acredita em sexto sentido, premonição, essas coisas?

Não sou supersticioso. Nem posso dizer que sou religioso, embora minha família seja, eu sempre fui mais pragmático. O que eu sei sobre fê, hoje, foi Penelope que me ensinou.

— Acho que eu acredito.

— Algo me diz que as coisas ficarão muito piores.

— Ei, ele ficará bem.

Ele balança a cabeça quando toco seu ombro.

— Não falo sobre isso, sobre o acidente.

Peter se afasta e vejo-o caminhar até a porta.

— Aonde você vai?

Eu preferia mil vezes o Peter furioso que enfrentou o Maxwell do outro dia, do que esse controlado, circunspecto, de olhar intimidante de hoje.

— Preciso verificar uma coisa.

Algum tempo depois, Liam havia me colocado a par de tudo o que aconteceu mais cedo. A reação de Jenny ao ver o Neil pela primeira vez, e de como ele ficou desolado quando ela pediu que ele fosse embora.

Enquanto Liam cuidava da parte médica, eu me ocupei com a burocrática e familiar. Já havia avisado aos pais dele, que estão a caminho de New York, e agendado uma coletiva com a imprensa para a manhã seguinte.

— Adam?

Viro em direção à voz suave e doce de Penelope. Em seu rosto, há uma expressão de tristeza, e ao fixar seus olhos nos meus, pude sentir nossa perfeita conexão restabelecer.

Peter tem razão. Não importa o quanto babaca eu possa ser, quantas pessoas tentem nos separar, ela me ama tanto quanto eu a ela. Isso nunca mudaria. E farei tudo para tê-la de volta.

Se é preciso ter mais paciência, eu terei. Se for preciso reconquistá-la, eu farei disso meu único objetivo na vida.

— Como o Sr. Durant está?

— Saindo da cirurgia. Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?

Como o que atingiu a nós dois, gostaria de completar.

— Para percebermos o que temos de precioso, ou talvez para nos tornar mais fortes. Quem sabe.

O sorriso, mesmo que fugaz, é o sorriso mais lindo do mundo. Do meu mundo. Eu caminho até ela, como se um imã me impulsionasse para junto dela.

— A cirurgia acabou.

Liam surge, quebrando o nosso momento.

— Ele ficará bem.

A sensação que tenho não é apenas alívio porque meu amigo venceu outro obstáculo, é também um tipo de esperança de que, de alguma forma, tudo ficará bem. Tem que ficar.

E já sei por onde começar.

Capítulo 13

Penelope

— Já que o Sr. Durant está fora de perigo, eu vou indo. Vejo que amanhã teremos um dia atribulado na empresa.

— Eu te levo para casa — Adam prontamente se coloca ao meu lado.

Para qualquer outra pessoa, seria uma oferta gentil e educada. Para mim, significava mais de uma hora com Adam seduzindo-me e eu lutando com esse sentimento. Um duelo entre minha vontade de me jogar em seus braços e a parte ferida em meu peito, que me alerta do quanto essa relação pode ser destrutiva.

— Não é necessário. Eu pegarei um táxi.

— Estou indo na mesma direção. Não faz sentido você pegar um táxi.

Despeço-me de Liam e permito que ele me guie até o elevador.

Apenas porque eu sou, sei lá, patética? Ou porque o ambiente exige respeito, além de que, a última coisa que quero é fazer um escândalo. É o que eu tento assegurar à minha consciência acusadora.

O elevador está relativamente cheio, isso me ajuda a manter distância. Embora seus olhos fixos em mim tenham os mesmos poderes que suas mãos teriam sobre meu corpo. É um daqueles olhares carregados de paixão e promessas. O tipo de olhar que afeta todas as suas funções motoras.

De repente, o pequeno elevador parece uma caldeira. Abro os botões do casaco para me refrescar. Quando os olhos dele caem sobre o vestido, vejo que não havia sido uma boa ideia. Sob o casaco azul, há um vestido preto de alças fininhas, com renda no decote e na barra. Lembro da primeira vez que usei. Adam praticamente havia me atacado quando saí do quarto, e fizemos amor contra a parede no meio do corredor, minutos antes de sairmos para o trabalho.

Volto a fechar o casaco, e felizmente o elevador para no térreo. Saio com pressa, mas sinto-o atrás de mim o tempo todo.

Como o gato à caça do rato.

— Espera!

Segurando meus cotovelos, ele me para. Sinto seu peito em minhas costas. Seu membro tocando minha bunda, denunciando sua excitação. Ele se aproxima ainda mais, eu fico mole como alguém acabando de acordar. Em um estado semiconsciente. O calor que senti no elevador se multiplica e se espalha por cada partícula do meu corpo, intensificando-se ainda mais.

—Eu disse que vou te levar para casa...

A voz chega rouca, sussurrada em meus ouvidos, e suas mãos pressionam minha cintura, mantendo-me firme contra ele. Eu quero me virar, passar minhas mãos em volta do seu pescoço. Nós nos livrariamos das nossas roupas, Adam me ergueria em seu colo e eu passaria as pernas em sua cintura. Nos beijaríamos com paixão e...

— Não!

Com pouca determinação, ou quase nada dela, eu me afasto. Deus, o que passa por minha cabeça? Estou tendo fantasias eróticas com ele no meio da rua, sem me preocupar de estarmos chamando atenção.

— Eu... eu vou de táxi.

— Penelope...

Adam me olha com aquele olhar de quem não gosta de ser

contrariado, e isso apenas me dá coragem.

—Pare de decidir as coisas por mim! Pare de achar o que é certo ou errado, como se o que eu quero ou pensasse não importa. Eu tenho direitos às minhas escolhas, e uma delas, nesse momento, é ir embora *sozinha* e de táxi.

Normalmente, quando eu ficava irritada com ele, eu me retraía. Sempre fui compassiva, calma e sensata. Agora eu me sinto impelida a reagir de outra forma. Ser a boazinha que todos esperavam nunca me ajudou em nada, só trouxe mágoas e decepções.

Aceno para o primeiro táxi que aparece. Apesar de ter assegurado a ele que o queria longe, existe essa força esmagadora em mim, que me faz olhar para trás. Essa parcela sem pudor em admitir que há, em mim, desespero por tê-lo comigo.

Ele foi embora. Entro no táxi, afirmando a mim mesma que tinha sido melhor assim.

Eu perdi a droga da hora, porque eu havia passado praticamente toda a noite em claro, rolando na cama. E as quatro horas que consegui dormir tinham sido povoadas por sonhos com

Adam, que me fizeram acordar suando da cabeça aos pés.

Após chutar as cobertas e correr até o banheiro para o banho mais rápido da minha vida, escolhi a primeira roupa do meu guarda-roupa. Uma saia cinza chumbo e uma blusa branca, que apesar do decote profundo, os babados em volta davam certa discrição, apenas insinuando parte dos meus seios. Vestida, opto por maquiagem leve e mais fácil de aplicar. Coloco os sapatos altíssimos, algo me diz que hoje preciso de toda autoestima que eu conseguir.

Corro até a cozinha, pego maçã e iogurte, e saio apressada.

A primeira coisa que noto, quando chego ao prédio da DET, são os repórteres.

Passo por eles e sigo para o escritório. Cruzo com alguns funcionários, que me encaram com uma expressão interrogativa. O acidente do Sr. Durant já é assunto dos principais jornais, e certamente todos estão apreensivos em relação à empresa e seu futuro.

Coloco uma expressão neutra em meu rosto e continuo andando. Até que eu fale com o diretor de relações públicas, não darei qualquer informação a ninguém. Neil sempre foi muito reservado sobre sua vida, e sei que quer que continue assim.

Chego à minha mesa dois minutos atrasada. Normalmente chego uma hora mais cedo para organizar meu dia. Bem, quando estava com Adam, essa rotina era mais difícil de seguir. Sair de

casa sem sexo era uma possibilidade quase inexistente.

Droga. Eu tenho que parar de ficar comparando-o com cada momento do meu dia.

— Está atrasada, senhorita Walker.

Ao som dessa voz, eu sinto todo o meu corpo enrijecer. Fecho meus olhos e respiro fundo. Isso não está acontecendo. É apenas fruto da minha imaginação devido à tensão das últimas vinte e quatro horas.

— Quando estiver pronta, entre, preciso que me atualize sobre a rotina.

Levo cerca de dez segundos para me ajeitar na cadeira e abrir os olhos. Encaro a porta fechada e me pergunto se isso realmente está acontecendo.

Toco na maçaneta, e um pequeno tremor começa a me dominar.

— Pensei que não viesse nunca.

Na cadeira do meu chefe, sorrindo abertamente, e com um olhar sugestivo sobre mim, está o homem que nas últimas horas fez da minha vida miserável.

— O que está fazendo aqui, Adam?

— Aqui, é senhor Crighton...

Ele alarga ainda mais o sorriso meio preguiçoso, meio debochado, e completamente lindo.

— Vamos trabalhar juntos. Não está feliz?

É o apocalipse!

Isso é o que minha mãe sempre dizia quando algo terrível acontecia. É o mais próximo que eu consigo definir diante dessa tragédia em que minha vida está prestes a se transformar.

Adam e eu juntos, diariamente?

Definitivamente, sim, e como diria a minha mãe: *é o meu próprio apocalipse em forma de homem.*

Quer conhecer alguém, se case com ele. Quer conhecer um homem, torne-o seu chefe.

Ele é irritante! Insuportável! E odioso!

No mínimo, deve ter um prazer indescritível em me deixar irada, não apenas zangada ou bravinha, mas furiosa.

— Srta. Walker, venha até a minha sala, por favor.

Minha sala? Humf.

Sala do Neil! Eu quero dizer, igual a uma criança birrenta que reivindica um brinquedo. Desmemoriado e sem previsão de retorno, pensar nisso me faz querer sentar no chão e chorar.

— Senhor.

Rangendo os dentes, eu coloco as mãos na minha cintura. O vestido de linho vermelho que estou usando impede que eu fira a pele com as minhas unhas. Tenho usado esse recurso para evitar cravar minhas unhas nos olhos dele.

Ele consegue ser milhões de vezes pior do que o Neil. A cada meia hora, sou chamada na sala dele para tirar alguma dúvida a respeito de algo. Eu até havia sentido pena da Grace, e eu odeio aquela mulher.

— Você sempre trabalha assim, Penelope?

Srta. Walker, estou tentada a dizer. Por que eu tenho que agir com tanto formalismo quando ele foge do protocolo o tempo todo? Começando por esse olhar devasso sobre meu corpo.

— Como assim, Sr. Crighton?

Não há nada de errado com a minha roupa. Eu havia tomado todo o cuidado essa manhã, escolhendo algo que não revelasse nada. O vestido é de mangas até o pulso, com a gola rolê, e o comprimento vai até os joelhos. Certo, ele é muito justo, praticamente uma segunda pele, mas não há nada que me desqualifique a usá-lo.

— Vermelho não é a cor da paixão?

Se é da paixão eu não sei, mas certamente é da vergonha, pois foi exatamente desse tom que ficou o meu rosto.

— Quer falar algo comigo, além de moda ou as cores do amor? Eu tenho uma pilha de relatórios que o Sr. exigiu que eu refizesse, e já teria terminado se não me chamasse a cada meia hora.

Ele sorri e, cinicamente, coloca suas mãos atrás da cabeça e volta a deslizar seus olhos sobre meu corpo.

— 15 minutos. Faz 15 minutos que a chamei pela última vez.

Maldito! Como eu havia me apaixonado por esse homem insuportável? Não, o pior, como eu não havia percebido esse detalhe insuportável da sua personalidade?

— Venha até aqui, há algo nessa planilha que não consigo entender.

Por que eu vejo divertimento em seu olhar, caminho até a mesa dele me sentindo derrotada. Por tudo o que vivemos, acredito que Adam deveria ter mais consideração comigo. Não que eu queira uma vida fácil, trabalhei muito duro para conseguir a confiança do Neil, ainda hoje tento sempre me superar, possuo grandes ideias de carreira. Talvez, algum dia, após me especializar, eu possa abrir uma empresa de consultoria financeira. Então, fazer corpo mole e conseguir privilégios por termos nos relacionado efetivamente não é o que eu quero, mas Adam está empenhado em fazer desses dias uma verdadeira tortura.

– As cores no gráfico não batem com as da tabela de investimento.

Sua mão desliza por minha cintura e pousa na parte superior da minha bunda. Pressiono minhas pernas, tentando impedir o formigamento que se inicia dentro de mim. O que foi uma péssima ideia, apenas intensificou a sensação de prazer, fazendo-me desejar que ele me jogasse sobre a mesa e fodesse comigo.

Concentre-se no trabalho, ordeno ao meu cérebro traidor. As mulheres realmente preferem os cafajestes, porque o quanto mais cretino ele é comigo, mais atraída eu pareço ficar com ele, mesmo que na maioria das vezes eu tenha vontade de matá-lo.

— Eu acho que troquei as cores do gráfico.

Adam faz movimentos circulares, em uma carícia vertiginosa.

Eu nunca tinha feito um erro tão grotesco como esse. Minha única desculpa é que minha cabeça estava muito longe quando fiz. Sem dúvida alguma que estivera pensando nele.

— Desculpe eu... eu vou... Vou refazer. Não sairei para o almoço hoje.

Recolho todas as folhas com pressa e me afasto dele.

Se meu corpo falasse, com toda certeza estaria gritando comigo por privá-lo do toque das mãos de Adam.

— Isso não será possível. Temos um almoço com o representante da W&S às duas horas.

— Pensei que Wright cuidaria disso. O Sr. Durant já aprovou o projeto, e você entregou o contrato há duas semanas.

Ouç-o pigarrear e inclinar a cabeça em direção à pasta em cima da mesa.

— Encontrei pequenos detalhes que estão me incomodando. Fique pronta em meia hora.

Esse era o sinal de dispensa. Caminho até a porta, contrariada. Não existe motivo algum para que eu o acompanhe nessa reunião. Ele conhece o projeto melhor do que eu.

— Eu não me lembro de ter agendado nada.

— Pedi que Veronica cuidasse disso, a senhorita anda bem ocupada.

— Babaca!

Eu juro que imaginei que havia apenas pensado, mas o som da risada dele soando antes de fechar a porta, me confirma que eu realmente disse isso.

Já estamos na sobremesa, e ninguém da W&S havia

aparecido.

— Essa linha mostra que o setor B é o que tem mais clientes insatisfeitos com o último software.

Enquanto eu falo, os dedos sobem e descem por minha perna. Ajeito-me na cadeira e cruzo as pernas para afastar sua mão.

Encaro-o furiosamente. As quase duas horas que estivemos no restaurante tinham sido assim. Eu me esforçando ao máximo para me manter distante e Adam procurando todos os motivos para tocar em mim.

— Parece que teremos que remarcar esse almoço, se é tão importante assim.

Eu posso jurar que não foi apenas um pretexto para almoçarmos juntos. Quanto mais eu tento ficar longe dele, mais ele busca motivos para me atrair.

— Que surpresa agradável.

Desvio meus olhos de Adam e encontro um Evan sorridente, olhando para nós dois.

— Evan!

Levanto para cumprimentá-lo e recebo seu abraço afetuoso.

— Há quanto tempo eu não o vejo.

— Um homem sabe quando deve se retirar, não é, Crighton?

— Esse seria um bom momento para você ir, Parker.

Sabe quando você tem a sensação de que todos falam algo que você desconhece? Como quando você conhece pela primeira vez os amigos de infância do seu namorado.

Evan passa a mão em seu queixo, e eu tenho a impressão que eles se comunicam com o olhar.

— Certo, não quero interromper o interlúdio romântico.

Romântico? Ele acredita que Adam e eu somos um casal?

— Não. Esse é apenas um almoço de negócios. O Sr. Crigton é apenas meu chefe.

Evan parece confuso. Seus olhos vagueiam entre Adam e eu.

— Você é esperto, mas lento.

Adam o encara feio e coça a sobrancelha como sempre faz quando fica muito nervoso.

— Adam está substituindo o Sr. Durant.

— Claro. Eu o visitei ontem.

Há aquele clima onde ninguém sabe o que dizer. Eu quero matar o Adam, ele quer matar o Evan, por um motivo que não sei qual, e Evan, não tenho a mínima ideia do que está pensando.

— Nós poderíamos sair qualquer dia desses — digo a ele.

Gosto do Evan, ele é uma companhia agradável, e já que eu

não tenho amigos na cidade, seria divertido passar algumas horas com ele. E se quero esquecer o Adam, preciso ampliar meu círculo de amigos e começar a ter uma vida social.

— Eu ligo para você. Infelizmente, tenho um compromisso de negócios.

Concordo com a cabeça e prefiro ignorar Adam, que se coloca ao meu lado, rodeando minha cintura de forma possessiva.

— Lembra do que eu disse, Crighton?

Evan sorri para ele. Outra vez, eles têm uma comunicação só deles.

— Você não cumpriu sua parte.

— Não ouse, Parker.

Eu posso sentir a eletricidade passando de um para o outro.

Evan sorri. Adam parece querer avançar sobre ele.

— Até logo, Penelope.

— Até breve.

Assim que Evan sai, Adam faz sinal para o garçom.

— Vamos. Você tem muito trabalho a fazer.

Ele caminha à minha frente. Eu posso estar errada, ou seja uma grande pretensão minha, mas foi como se eu tivesse presenciado um duelo onde o prêmio seria eu.

Não. Sacudo a cabeça e afasto esses pensamentos antes de entrar no carro.

É difícil manter uma vida social quando sua vida profissional exige muito de você. Todos os almoços e jantares que marquei com Evan precisaram ser demarcados. O motivo?

Ou eu não podia sair para almoçar naquele dia, ou não podíamos jantar naquele dia. Ou estava cansada o suficiente para não sair de casa.

No primeiro fim de semana, Peter apareceu em minha casa, precisando trocar a câmera e, no segundo, Liam tivera uma crise com a noiva.

— Já está pronta?

Salto na cadeira ao sentir Adam atrás de mim.

— Estou sim.

Estamos a caminho da casa de Neil. Ele precisa assinar alguns documentos e começar a interagir com o trabalho.

Incrivelmente, nos dias que seguiram ao nosso encontro com Evan, sua atitude comigo havia mudado. Adam deixou de

ser um babaca. Isso automaticamente me fez agir com mais naturalidade. Erros bobos como a troca de cores em um gráfico nunca mais haviam acontecido. Havíamos criado algum tipo de coleguismo, mas também ele colocou um certo distanciamento. Até mesmo deixou de vir ao escritório com tanta frequência, alegando que eu poderia cuidar de tudo sozinha, e que havia casos importantes em sua empresa.

Isso me abalou. A quem quero enganar? Desejo-o sendo um babaca, sedutor ou cafajeste. Eu o quero ao meu lado, nem que seja durante o trabalho, e sempre que ele não vem, eu sinto sua falta.

— Podemos ir.

Quando ele toca minhas costas, guiando-me até o elevador, gostaria de ter suas mãos nas minhas como sempre fazíamos, sempre que caminhávamos.

Mordo meu lábio e impeço minhas lágrimas de caírem.

— Você está bem?

Ele toca minha mão assim que a porta se fecha. Até o térreo, são no máximo dois minutos, se não houver paradas significativas do elevador. Foram os dois minutos mais especiais após semanas.

Assim que saímos, voltamos a nos distanciar.

É a primeira vez que visito a casa de Neil. É muito bonita e elegante. A governanta nos conduz até a sala. Passamos pela escada que leva ao andar de cima e pelo elevador preto e redondo. Acredito que tenha sido instalado para Anne, mas deve ter ajudado Neil nos primeiros dias de recuperação.

Alguns minutos depois, uma jovem ruiva aparece. Ela é bem diferente do que imaginei, e o oposto das mulheres que o Sr. Durant costumava se encontrar. Suas roupas são simples e discretas. Mas seu jeans e camiseta lhe dão um frescor juvenil que a torna ainda mais bonita do que já é.

— Olá, Adam.

Ela o cumprimenta, mas seus olhos azuis estão fixos em mim.

— Como está? Ainda é muito cedo para isso, mas havia alguns documentos urgentes no escritório que precisam ser assinados. Trouxe Penelope para ajudar.

— Como vai, Penelope?

Eu gostei dela se referir a mim pelo primeiro nome. Não sei explicar muito bem, mas há algo nela que me faz simpatizar. Jenny é uma dessas pessoas que você tem vontade de conhecer

um pouco mais ao primeiro contato.

— Bem, Srta. Connor. Fico feliz que tudo tenha ocorrido bem em sua cirurgia, e espero que o Sr. Durant se recupere logo. Ele faz muita falta no escritório.

Algo no que eu disse parece tê-la incomodado.

— Com certeza que tudo ficará bem em breve. Por favor, fiquem à vontade, eu vou ajudar o Neil a descer.

Enquanto ela segue para o elevador, Adam e eu nos instalamos no sofá. Ele mantendo a maior distância possível. Eu tentando evitar que isso me magoe tanto.

Quando Neil desce, ele pede que nós o acompanhemos até o escritório.

Coloco-o a par de tudo o que aconteceu na empresa enquanto ele esteve fora. Embora sua perda de memória seja de conhecimento de todos, ele nos surpreendeu ao fazer alguns questionamentos sagazes. Inconscientemente, o CEO brilhante se manifestava.

Adam, por outro lado, passou as duas horas seguintes praticamente calado.

— Acho que em breve posso voltar ao escritório, mesmo que eu ainda não lembre. O médico disse que quanto mais normal seguir a minha vida, mais fácil será minha recuperação.

Ele está muito animado com essa perspectiva. Confesso que

desejo que ele volte logo. Somos bons trabalhando juntos.

— Falando em trabalho. Sobre Dubai, preciso que Penelope me acompanhe.

Neil o encara, ele parece confuso. Eu estou chocada.

— É aquele complexo que Richard me falou? A inauguração não é no mês que vem? Algo está errado?

Essa é uma pergunta que eu me faço. Embora Neil seja sócio desse grande empreendimento, ele havia entrado mais como um investidor. O grande responsável por tudo acontecer era Richard e sua equipe. Isso em nada tem a ver com a DET e o meu trabalho.

— Alguns detalhes precisam ser vistos de perto...

Adam explica, desviando os olhos de mim, como se estivesse me evitando.

— Tivemos alguns problemas com alguns manifestantes. Todo cuidado é pouco. Eu preciso de uma assistente comigo, minha secretária estará de licença.

— Neste caso, não vejo problema algum. Poderia fazer isso, Srta. Walker?

Balanço a cabeça, afirmando que sim, mas minha mente grita desesperadamente que não.

Neil sorri, indiferente ao meu olhar de pânico.

— Então, problema resolvido. O lugar é lindo, certamente

também irá se divertir.

Quando saímos de sua casa, meu último pensamento é diversão.

— Por que fez aquilo? Por que inventou essa viagem absurda?

— O que faz pensar que eu inventei tudo isso? Houve mesmo problemas que precisam de minha atenção.

Certo, ele chegou a viajar até Dubai. Alguns manifestantes haviam sido agressivos demais. Em um desses conflitos, Richard foi atingido e acabou sendo hospitalizado. Soube disso porque foi noticiado no jornal. Na época, fiquei apavorada de que algo acontecesse ao Adam.

— Por que eu? Não sei nada sobre o complexo.

Assim como a companhia de aviação que Neil tem com Evan, ele pouco se envolve nos negócios. Ele diz que são investimentos, mas, na verdade, acredito que quis ajudar os amigos em suas empreitadas.

— Você realmente não sabe?

Adam caminha em direção a mim. Em poucos segundos, estou sendo prensada entre ele e o carro.

— Não, eu não sei...

Seus lábios estão tão próximos aos meus, que se eu inclinar apenas um pouco mais a cabeça...

— Primeiro, você age como um idiota. Depois me ignora completamente. Que inferno quer comigo? Por que não me deixa em paz?

— Quer que eu a deixe em paz? É isso mesmo que você quer?

Há uma agressividade em seus olhos, não de um jeito que queira me machucar. Eu vejo paixão.

— Eu... eu quero.

Seu dedo toca meus lábios, separando-os. Fecho meus olhos, degustando da carícia suave.

— Sua boca fala uma coisa.

Seus dedos escorregam de uma ponta a outra dos meus lábios entreabertos.

— Seu corpo diz outra.

Suas mãos tocam as minhas, que estivera segurando firmemente seu paletó.

Abro meus olhos e encontro os deles cheios de promessa. Eu sei que ele irá me beijar. Meu coração saltando em meu peito antecipa esse momento.

Os segundos seguem em uma tortura angustiante. E nada acontece.

— Vejo você depois.

— Aonde você vai?

A pergunta que eu realmente queria fazer é: por que não me beijou, seu imbecil?

— Se eu entrar nesse carro, não respondo por mim.

Completamente chocada, frustrada e decepcionada, vejo-o seguir na calçada.

Antes de abrir a porta, vejo o motorista disfarçar um sorriso divertido.

Merda. Eu havia esquecido que ele estivera ali presenciando tudo.

Minha vida havia mudado muito desde que Adam surgiu nela. Algo que nunca mudou, e parece que nunca mudaria, é o fato de que perco a noção do mundo quando estou em seus braços. Tudo deixa de existir.

Eu ainda penso naquele quase beijo e sinto minha raiva por aquele homem aumentar. Eu tenho, não, preciso encontrar alguma maneira de expulsá-lo da minha vida. Não deve ser algo

tão impossível assim. Fala sério. A quem eu quero enganar?

Adam estava impregnado em mim como uma segunda pele.

Inconformada comigo mesma, reúno as pastas em minha mesa com certa agressividade. Desde que o conheci, tenho a tendência em descontar as minhas frustrações em relação a ele em todos os objetos que encontro pelo caminho.

Sorrio das minhas próprias tolices, e quando eu ergo o olhar, deparo-me com Paige, analisando-me.

— Srta. Fisher? — sorrio, surpresa com sua presença — Como vai?

— Nós já passamos dessa formalidade, Penelope — diz ela. Seu olhar é amigável. Cordial demais, eu diria. — Paige, apenas.

— Certo, Paige. Deseja contato de outro buffet ou a organizadora que indiquei não alcançou suas expectativas?

— Não! Ela é ótima. Na verdade, é um outro assunto — diz ele, brandamente. Conheço essa voz e o jeitinho de quem quer alguma coisa. Juliene sempre usa essa tática comigo — Eu preciso muito da sua ajuda.

Na mosca. Escuto atentamente enquanto ela diz calmamente que seu objetivo é descobrir onde será realizada a despedida de Richard.

— Você quer que eu descubra onde será a festa? — pergunto alarmada — Como espera que eu consiga isso?

— Agora que Neil está afastado da empresa, Adam tem vindo bastante aqui, não tem?

Não tanto quanto eu gostaria e quisesse admitir.

— Sim, mas... — sinto meu rosto pegar fogo.

— Com jeitinho — ela acrescenta com uma voz branda — Você consegue algumas informações. Por favor! — ela implora com cara de choro — Meu casamento depende disso.

Olho para ela, nem um pouco impressionada com seu teatro dramático. Mas decido ajudá-la. Eu sinto que esses homens precisam de uma lição. Acho que Paige é a pessoa adequada para ensiná-los uma ou duas coisinhas.

— Certo, eu quero dar uma lição neles — ela lê minha mente — Por favor. Mulheres unidas.

— Está bem, farei o que posso. Mas eu não prometo nada.

Paige dá pulos em direção a mim e me arrasta da cadeira, dando-me um abraço apertado.

— Você é maluca — rio com ela.

Definitivamente, Paige Fischer é uma mulher maluca, como todos dizem. E eu decidi que gosto dela.

Capítulo 14

Adam

"Pare de decidir as coisas por mim!"

Foram essas palavras pronunciadas com determinação que fizeram com que eu recuasse. Nos últimos meses, eu tinha ditado o que era ou não bom para ela. Todas as escolhas e decisões estiveram em minhas mãos. Agora eu vejo que estive errado o tempo todo. Fui eu que a afastei quando oculte a verdade. Eu fiz uma besteira atrás da outra, agarrado ao medo do que poderiam fazer contra Penelope. Fora eu que, com minhas atitudes, havia a afastado de mim. Eu a magoei, eu a feri, eu estava jogando Evan nos braços dela.

Assim que ela jogou essa verdade em minha cara, compreendi o grande tolo que venho sendo. Então, eu fiz o que me pediu e dei o espaço que reivindicou.

Essa determinação durou até o dia seguinte. Quando eu a vi, linda, parada na minha frente, qualquer pensamento lógico foi embora.

Eu quis dizer algo, além de tirar sua roupa e deitá-la na mesa. Penelope é diferente, ela não quer ser apenas fodida. Então, dizer que ela estava atrasada, foi tudo o que passou pela minha cabeça oca. Não que eu realmente estivesse preocupado com isso, mas porque passei a maldita meia hora aguardando sua chegada, ensaiando o que dizer a ela, e dois minutos de atraso havia sido uma eternidade passando diante dos meus olhos.

Daí por diante, eu passei a agir insanamente. Eu precisava tê-la próximo a mim de qualquer maneira. Precisava esclarecer o que houve. Contar sobre as câmeras em seu apartamento. Dizer que eu não quis tirar sua privacidade, embora literalmente foi exatamente o que fiz. Eu só queria estar com ela de alguma forma. *Não*. Nada justifica o que fiz, e isso é o que me deixa mais aterrorizado.

Procurei todos os motivos ridículos para atraí-la até minha sala. Um erro idiota de digitação. Um contrato que conhecia de olhos fechados. Até a porcaria de um lápis quebrado fora motivo suficiente para a atrair. Mas sempre que isso acontecia, eu travava. Parecia um menino mimado querendo chamar a atenção, e quando conseguia, não sabia o que fazer com ela. Não quando Penelope insistia em me tratar com a mesma frieza de um iceberg. Claro que eu revidava tentando provocá-la. Cheguei até mesmo a retrucar sobre sua roupa. Não havia nada de errado com o vestido vermelho, ele era elegante e discreto, mas se moldava em seu corpo como uma segunda pele. O desgraçado era

sexy para cacete. E assim que ela saiu, fui obrigado a me trancar no banheiro do escritório e me livrar daquela ereção que, posso jurar, porra, duraria a semana toda.

No escritório, seria impossível ter algum tipo de diálogo. Com a mesma determinação que ela possuía para ficar longe de mim, as outras pessoas tinham para nos atrapalhar nas horas mais improváveis, fazendo-a fugir. Aline, então, aquela era recordista, parecia que sempre sabia o momento propício para surgir.

Então eu inventei aquele almoço de negócios. Teria sido perfeito, eu contaria a verdade e a faria entender o quanto a amo. Eu me ajoelharia diante de todos, se necessário, em busca do seu perdão.

Isso até o Evan aparecer, estragando tudo. O desgraçado ainda teve a ousadia de me fazer lembrar de um acordo que fiz há muito tempo.

Minha vontade foi de ir atrás dele e exigir para que ficasse longe. Durou até eu me lembrar do que ela pediu.

Mesmo havendo a possibilidade que Penelope jamais me perdoe. A decisão de ficar ou não com ele pertence a ela. São suas escolhas, e devo aceitar, mesmo que isso me destrua por dentro.

A verdade é que eu só queria uma segunda chance. Inferno, eu merecia isso. Por tudo o que vivemos, o que sofremos para ficarmos junto. Nada nessa vida me parece mais correto do que

nós dois juntos.

Então não me senti culpado em pedir que estudasse um projeto até tarde quando a ouvi marcando um jantar com Parker. Nem que Liam fosse ao apartamento dela estragar a noite, ao ouvir Aline fofocando com uma amiga quando achou que eu não estivera ouvindo. Até Peter foi obrigado a interceder.

É, eu estava agindo como um maluco. Contradizendo meu lado racional para que a deixasse tomar suas decisões, sem mais nenhuma interferência minha.

Contudo, uma coisa é o que diz a mente, outra é o que diz meu coração estúpido. E ele grita: *lute por ela, não importa quais armas precise para entrar nessa guerra.*

Afastar-me para que Penelope enxergue que estou respeitando sua vontade, e tempo para pensar, foi a única solução que pensei. Ficar dia a dia com ela, sem poder tocar, abraçar, beijar e mergulhar nessa paixão tão evidente de quando estamos próximos, não me ajudava em nada a manter as mãos longe.

Passar mais tempo na minha empresa, embora me torturasse, impedia que eu cometesse mais uma besteira.

Eu sou recordista em fazer besteira sempre que estou perto dela. Isso porque essa é a única mulher capaz de abalar todas as minhas estruturas.

Deus, se ela ao menos soubesse o poder que tem sobre mim,

minha vida passaria desse purgatório para um inferno sem fim.

Eu pularia de um prédio de cem andares se ela dissesse *se joga*.

Por isso a viagem até Dubai é tão importante. Longe de tudo e todos. Primeiro, eu vou reconquistá-la e provar que esse distanciamento é ridículo. Eu a amo e sei, sem sombras de dúvidas, que ela me ama também.

E mesmo que ela quisesse fugir, não teria para onde correr. Essa seria a última vez que tomaria a decisão de suas mãos. Depois disso, falaria sobre as câmeras, e Penelope teria minha garantia que jamais agirei de forma tão leviana, e que tampouco ignorarei o que ela pense de novo.

O voo parte em dez minutos, e Penelope ainda não deu sinais. A comissária já havia me dado o último aviso para entrar a bordo. Não é preciso dizer que quase gritei com ela ao dizer que não íamos a lugar algum sem ela. Afinal, esse não é um avião comum, é o avião do Neil, então que todos esperassem. Se eu tivesse que ir até o apartamento de Penelope e arrastá-la pelos cabelos, eu faria isso. Aliás, esse pensamento começou a fomentar em minha cabeça e ganhar mais força quando a vi surgir arrastando sua pequena mala.

Não sei se o sorriso bobo em meu rosto é devido ao alívio ao vê-la ou por causa da delicada mala em sua mão.

Não importa, meu coração está tocando a 5ª sinfonia de Beethoven.

— Está atrasada.

Certo, o babaca do ano tinha voltado. Tudo o que eu preciso é que ela arremesse a mala em minha cabeça e vá embora. O que há nessa mulher que me faz um tonto?

— Isso ainda me soa ridículo.

Observo-a enquanto entrega a mala e verificam se tudo está certo para partimos.

— Eu já disse, preciso de uma...

— Não ria da minha inteligência, Adam. Sabe muito bem que eu não preciso estar aqui. E pedir para que o Sr. Durant me pedisse isso como um favor pessoal foi golpe baixo...

Inferno, eu realmente fiz isso, após ela ter indicado outra funcionária, no dia seguinte à nossa visita ao Neil.

Sugeri no dia que jogamos pôquer na casa dele. O médico havia sugerido que ele tivesse o máximo de normalidade possível para que recuperasse a memória, e mesmo eu sabendo de sua condição, não hesitei em deixar claro que me devia inúmeros favores.

— Espero que você tenha um motivo para ser tão... tão...

– Idiota? Imbecil? Babaca?

Vejo-a revirar os olhos e soltar os dedos que antes estiveram enterrados nas palmas de suas mãos.

— Só não me faça me arrepender!

Enquanto ela segue pisando duro, eu vejo o porquê eu sou louco por ela. A mulher me faz tomar vinho no inferno e, ainda assim, acho isso maravilhoso.

— Não irá se arrepender.

Disse ao sentar ao seu lado. Estou tendo mais uma chance. E não vou desperdiçá-la.

Capítulo 15

Penelope

Somos direcionados para dentro do jatinho, e eu só consigo

pensar em como sou uma grandíssima tola. Provavelmente a mulher mais tola do planeta. Primeiro, porque eu me apaixonei por ele. Depois, porque ainda continuo irrevogavelmente apaixonada, e por talvez jamais conseguir deixar de ser. E, claro, por ter aceitado fazer essa viagem.

Vamos ser realistas; na verdade, sendo honesta, eu seria muito inocente se eu não soubesse que Adam tem segundas ou muitas intenções. E obviamente chamaria qualquer um de burro, se não confessasse que eu desejo muito que ele esteja tentando uma reaproximação.

Certo, ele foi um filho da puta quando me afastou em nome dessa tal segurança. Mas, vergonhosamente depois que a minha raiva e desapontamento iniciais foram passando, isso deixou de ter importância. Tudo bem, ele mentiu, ou como prefere dizer, omitiu a verdade, mas tudo isso porque me amava, certo?

Não é que ele estivesse buscando motivos o tempo todo para ficarmos separados, não é?

Então, são essas dúvidas martelando em minha cabeça que me fazem ficar receosa.

Acomodo-me no longo sofá de suede marrom escuro, ele é macio e aconchegante. Assim que Adam senta ao meu lado, eu começo a observar ao redor. O tom predominante é bege. Toda parte de madeira é de cerejeira. Há duas poltronas de espaldar longo em frente a nós, entre elas uma mesa redonda giratória, também de madeira. Adiante, noto uma porta onde imagino ser

uma suíte, já que a comissária levou minha mala para lá. Em um dos balcões, ao lado do sofá, está um vaso com flores, orquídeas, as minhas preferidas. São lindas, e eu me pergunto como elas se sustentarão quando o avião decolar.

— Champanhe?

Encaro a comissária e respondo negativamente com a cabeça. Ignorando minha recusa, Adam pega duas taças e entrega uma a mim.

— Só porque vamos trabalhar, não quer dizer que não possamos nos divertir um pouco. Além disso, será uma viagem longa.

O primeiro toque de suas mãos em minha perna quase me faz convulsionar.

Eu tinha criado uma lista de cinco motivos que me manteriam segura contra as investidas dele.

Primeiro: não olhar muito tempo para os olhos dele, há mais calor ali do que em um vulcão.

Segundo: nunca focar meus olhos em sua boca, ela me lembra de sensações maravilhosas.

Terceiro: o som da sua voz tem o poder de me incendiar, então eu deveria ficar o mais distante possível e não permitir que ele me envolva como um flautista encantando a serpente.

Quarto: sob hipótese alguma devo chegar ao estágio que ele

me toque. Apenas isso me faz esquecer todas as outras.

E quinto...

Quinto... Ah, o quinto...

– Sabe que bebida é eu...

Sua mão acariciando meu joelho tira completamente minha concentração.

Droga! Por qual motivo não usara calça quando escolhi o que vestir quatro horas atrás?

Simples: Adam adora saias e vestido, dizia que era mais prático e me deixava ainda mais bonita. Então, quando coloquei o vestido vinho, não foi porque gostei de como se ajustou perfeitamente em meu corpo, eu vesti porque sabia que ele iria aprovar. Inconscientemente ou não, me arrumei cuidadosamente para ele.

Até a mala rosa foi proposital. Há tempos que não me chama de Charmosa, mesmo nunca querendo admitir, o apelido carinhoso sempre me encantou.

Pego a taça de suas mãos e viro rapidamente. De repente sinto muita sede e um imenso calor. O gosto adocicado e coceguinhas do borbulhar do champanhe trazem-me algo de refrescante e ilusório. Claro, ainda ferve por dentro.

Adam volta a encher minha taça, dessa vez procuro ir mais devagar. Minha baixa tolerância ao álcool não é segredo para ele,

e até ter nossa situação bem resolvida, prefiro estar consciente. Apenas a presença dele é suficiente para me embriagar.

Afasto sua mão, agora em minha coxa, e olho-o firme.

— Por que não me coloca a par do que eu devo fazer?

Isso, falar sobre trabalho o manterá distante.

— Tudo bem.

Seu sorriso é carregado de sagacidade. Obviamente ele notou quais eram minhas intenções.

Assim que ele caminha até o quarto, eu pulo para uma das poltronas em frente. A mesa que ficaria entre nós dois ofereceria barreira o suficiente.

Adam retorna com uma pasta. Ignorando seu olhar desapontado ao ver que mudei de lugar, sorrio abertamente e da maneira mais profissional que consigo lembrar.

Não, bonitão, não será tão fácil assim. Pelo que eu saiba, essa viagem foi um embuste. E por mais que meu coração batique em meu peito de ansiedade, pelo momento de estar em seus braços, não vou facilitar em nada para ele. Afinal, são 12 horas de viagem.

Minha única dúvida é: Eu seria capaz de resistir 12 horas ao lado dele?

Ele senta e inicia as explicações técnicas sobre o trabalho. Sua voz sedutora vai infiltrando-se em minha mente,

desconectando-me de tudo ao redor. Percebi que a comissária retornou, agora com a garrafa de champanhe, no momento que ela me serviu.

Aceito a taça, agora sem pestanejar. O sorriso humorado que ela mal disfarçou ao me flagrar olhando para ele fez minhas bochechas queimarem.

Ela me oferece algo para comer, mas recuso. O que é, sem dúvida, uma estupidez.

Continuo ouvindo-o e bebendo, uma taça ou outra para afastar o nervosismo.

Estou muito ciente da presença dele, mais do que eu gostaria. A forma como o canto dos seus lábios se curvam quando ele sorri. O jeito que fecha os olhos quando lembra de algum detalhe importante. O seu olhar compenetrado em mim para saber se estou acompanhado o que fala.

Claro que eu não estou. Passei quase as duas horas seguinte admirando-o. Se eu fosse uma artista, conseguiria passar para tela cada traço de seu rosto e corpo perfeitos com os olhos fechados.

— Bem... Isso tudo é muito chato.

Adam sorri, sem graça. Como um garoto que levou a namorada para o quarto e passou a tarde toda falando sobre seus games.

— Então me conte a parte divertida.

A mulher simpática retorna e reabastece o balde com a bebida. Adam levanta e volta para o sofá. A batidinha ao lado dele é um convite para que eu me sente ao seu lado.

Talvez porque eu já me sinta mais leve ou simplesmente porque eu quero estar mais próxima a ele, eu aceito.

Ele torna a falar, dessa vez de como o projeto havia nascido, em uma mesa de jogo na casa do Neil. De como eles tinham achado a ideia de Richard incrível, e a surpresa dele em saber que todos embarcariam nesse sonho.

Eu só notei que sua mão segurava a minha quando seus dedos iniciaram uma carícia suave em minha pele.

Imediatamente, um calor começou a subir pelo meu corpo.

— Então, você também é sócio?

— Sim.

— Mas isso vale...

— Milhões. Mas também é um investimento com um risco de milhões.

Eu trabalhei um bom tempo com finanças no banco, sei bem do que ele está se referindo. Apesar de fantástico, esse empreendimento poderia se tornar um grande elefante branco, se não fosse gerenciado corretamente.

— Richard é um idealizador.

— E você é seu amigo.

Algo que eu sempre admirei é a fidelidade entre eles.

— Acredito no que ele está fazendo.

Apoio minha cabeça em seu ombro. Adam narra sobre mais alguns detalhes. Rio muito de algumas passagens cômicas sobre sua última visita a Dubai. Ele me ajeita confortavelmente em seu peito, e suas mãos iniciam um cafuné em minha cabeça.

Não sei se é a bebida que começa a surtir efeito, se foi a noite em claro que me deixou exausta, ou o carinho gostoso em meus cabelos, mas meus olhos começam a ficar pesados.

Desperto nua e completamente confusa. Levei cerca de dez segundos para compreender onde estou.

Sento na cama e cubro meus seios com o lençol. Passo a mão por meu cabelo desgrehado e forço minha mente a lembrar do que aconteceu.

Estou nua, então...

O alerta soa em minha cabeça. Minha última recordação vivida foi quando me aconcheguei em Adam e fechei meus olhos para descansar um pouco. Nós... nós dois...

— Não aconteceu nada.

Sigo meu olhar em direção à voz e vejo-o sair do banheiro. Cabelos molhados, peito nu, e uma toalha ao redor da cintura.

Não consigo evitar que meus olhos se deleitem com a linha quase imperceptível de pelos que descem pelo abdome definido e desaparece debaixo da toalha. Minha boca se enche de água, e eu levanto o olhar rapidamente, encontrando seus olhos.

— Nós não...

Olho sorrateiramente para a cama, tentando visualizar nós dois em momentos tórridos de paixão.

— Não transamos ainda, se é o que quer saber.

— Eu estou nua.

—Imaginei que ficaria mais confortável assim.

Ele solta a toalha, que cai aos seus pés no chão. Seu sorriso é cínico, e o olhar quase tátil sobre mim me faz soltar um gemido frágil.

Oh, Deus! Seja misericordioso comigo. Eis que tenho um homem incrivelmente lindo, nu e excitado diante dos meus olhos. Isso não deveria estar acontecendo, afinal, ele acaba de sair do banho.

— Acho que eu preciso de um banho, também.

Levanto, desajeitada, o lençol enroscando-se em minhas pernas. Eu me desequilibro, caindo nos braços dele. Apoio

minhas mãos em seus bíceps rijos.

— Você está bem?

A voz deliciosamente rouca invade meus sentidos. É como se alguém apertasse o botão do desejo e ele se espalhasse por todo meu corpo, deixando-me mole.

— Não, eu não estou.

Deixo o lençol cair, unindo-se à toalha, e corro apressada até o banheiro.

Agora eu entendo porque o banho não havia o ajudado a controlar seu desejo. O mesmo acontece comigo. Ainda sinto esse inquietante formigamento em meu corpo.

Chego ao quarto, ele está arrumado. Coro ao imaginar o que os funcionários do avião devem pensar do que acreditam que houve aqui.

Visto-me formalmente: vestido azul marinho, com decote meia canoa e sapatos de salto baixo. Fico contente que o movimento em meu estômago seja de fome, e não uma reação involuntária do desejo que Adam desperta em mim.

Encontro-o em uma das poltronas com o laptop aberto. Há comida na mesa: frutas, suco, torradas, iogurte, geleia e alguns pãezinhos.

— Dormiu bem?

O sorriso é tão gentil e sincero que não posso deixar de retribuir.

— Muito. Ainda temos quanto tempo de voo?

Sento e pego um dos pães, que me parecem apetitosos. Coloco uma grande camada de geleia de morango e o levo à minha boca, apreciando o sabor delicioso.

— Aterrissaremos em quarenta e cinco minutos.

Tusso ruidosamente e Adam me serve um copo com suco. Bebo e massajeio o pescoço. Conversamos por mais ou menos três horas, isso significa que dormi por oito horas seguidas.

— Por que não me acordou?

— Parecia muito cansada — ele balança os ombros.

Eu realmente estive. A tensão pré-viagem. Os dias que antecederam a ela. Todo trabalho que venho tendo no trabalho, além da minha vida sentimental, haviam exigido muito esforço de mim, física e mentalmente.

— Obrigada.

Continuo com meu café, e ele focado no computador. Somos dois dissimulados. Aposto que ele presta atenção na tela da

mesma forma que me lembro o que comi há cinco minutos.

Resolvo olhar através da janela. Uma cidade vai surgindo. Admiro o oceano e, por um tempo, fico perdida na paisagem criando forma.

Ouçõ o comandante dar as orientações para o pouso, e quando me viro, Adam está olhando para mim. Há quanto tempo ele me observa?

Sem jeito, ele levanta e segue para o quarto.

No carro, permanecemos em silêncio.

—É lindo.

A empolgação diante do que vejo faz com que eu dê o primeiro passo.

Do aeroporto até a Delaney Center, não levou mais do que vinte minutos. As palmeiras gigantes circulando a rua, os metros intermináveis de praia e o mar azul e límpido, fazem desse lugar um verdadeiro paraíso na terra.

O complexo é como uma pequena cidade. O hotel é ainda mais bonito do que eu vi nas imagens.

— Vamos.

Enquanto Adam me conduz, eu me sinto como uma criança na loja do M&M's, e eu sou louca por eles.

Ele sorri e usa a desculpa de me guiar para me deixar ainda mais próxima dele. Eu não me importo, sinto-me feliz. Quando se está feliz, fazer todas as pessoas à sua volta feliz é tudo o que importa.

— 304. Esse é o nosso.

Nosso?

— Há um quarto conjunto. Pensei que seria melhor ficarmos juntos. Você sabe, por causa do trabalho.

Ham ham. E ele deveria ganhar o troféu de mentiroso do ano. Ah, quem se importa. Tudo que eu quero é que Adam termine logo com esse jogo e se renda a essa eletricidade entre nós dois, desde que coloquei meus pés naquele avião.

— Essa é a sua suíte. Logo atrás daquela porta fica o meu quarto.

— É linda.

A suíte é toda branca e prata. Elegante, e de uma forma que eu não sei definir muito bem, também é sexy. A janela de vidro, que dá para a varanda, ocupa meia parede. Consigo visualizar a mesa redonda e o mar mais à frente.

— Logo trarão nossas malas. O jantar inicia às oito horas. Ainda temos quatro horas. Você pode descansar um pouco.

Frustrada, assisto-o atravessar a porta que nos separa. Homens! Quem consegue entendê-los?

Primeiro Adam inventa essa maldita viagem, depois praticamente me obriga a vir até aqui. Quando eu finalmente começo a baixar a guarda, ele age como se estivéssemos aqui apenas por trabalho.

Isso é irritante. Depois dizem que as mulheres que são incompreensíveis.

Como não há o que fazer, além de admirar o quarto, eu sigo o conselho dele: tomar banho e relaxar um pouco.

Antes de ir para o banheiro, paro um segundo para admirar o quarto. A cama branca e imensa. Pensamentos pouco descentes me vêm à cabeça. Todo o ambiente grita luxúria. A banheira é tão convidativa que em instantes estou dentro dela, imaginando Adam nu na banheira em seu quarto. Estaria pensando em mim como eu penso nele? Estaria se tocando em busca do mesmo alívio que eu procuro?

Fecho meus olhos e o visualizo comigo.

Droga!

Desperto, sobressaltada. Como eu havia dormido depois das oito horas em que dormi no avião, eu não sei.

Corro até o quarto, e a mala está ao lado da cama. Minhas roupas não estão lá, acredito que estejam no closet.

Quando abro a primeira das seis portas do closet, quase

caio para trás ao verificar a quantidade de vestidos ali.

O relógio na parede anuncia 6h37. Não tenho tempo de imaginar o que aconteceu. Se é obra de Adam ou mais um serviço do hotel, afinal, pessoas que frequentam um lugar como esse só podem ter muito dinheiro. Esse é tipo de lugar onde as coisas acontecem.

Em meio às araras de roupas, encontro um vestido tubinho nude, com pedrinhas brilhantes na saia. É como se uma delicada cachoeira de fogo descesse até a barra. Calço um stiletto, faço um rabo de cavalo e passo batom. Olho no espelho pela última vez. Gosto do que vejo. A garota refletida nele é delicadamente sexy e bonita. Não há tempo para o blush, então dou pequenas batinhas em meu rosto. É um truque antigo, mas ainda funciona.

Saio apressada, mas um muro de músculos e a surpresa me fazem parar.

— Opa. Vai aonde?

O aroma almiscarado tem sobre mim o efeito de sempre.

— Desculpe, eu me atrasei.

— A mesa foi reservada para às 8h30.

Ele coloca um fio solto atrás da minha orelha, e seu olhar é carregado de carinho. Meu coração está dando saltos em meu peito.

— Mas se o motivo for esse...

Suas mãos deslizam pelos meus ombros, braços, e chegam à minha cintura, deixando um rastro de fogo incendiando minha pele sob o vestido.

— Valeu cada minuto.

Sua boca reivindica a minha, e logo estamos conectados. Presos um no outro, apenas nós dois no mundo. O beijo possui tanta suavidade e doçura que sinto como se as asas de um beija-flor tocassem meus lábios.

— Se não formos agora...

O beijo é interrompido, e nossas testas estão grudadas. Sua respiração é tão irregular quanto a minha. Apoio minha mão no peito dele, buscando me recuperar.

— Não iremos nunca mais.

Seguimos para o restaurante. Descubro que realmente as peças no closet é obra dele.

— Não tem que ficar com todas elas, apenas as que mais gostar. A loja mandará a conta para mim.

— Está maluco? Elas não têm preço na etiqueta.

Estaco em frente a ele assim que deixamos o elevador.

— Então veja como um uniforme de trabalho.

— Não estamos aqui a trabalho. Ambos sabemos disso.

— E o que estamos fazendo aqui?

Tanto o corpo viril como a voz sexy ao pé do ouvido me encurralam.

— Está tentando me seduzir.

Minha voz soa trêmula, e caminho de costas até bater na parede.

— E eu estou conseguindo?

— Responda você.

Outro beijo, outra forma de me enlouquecer. Dessa vez, o beijo é urgente. Seus dentes beliscam minha boca, chupando, provando.

— Diria que estou no caminho certo.

Foi preciso que Adam me conduzisse até a nossa mesa, eu já não sabia se era capaz de fazer algo tão simples como caminhar.

O jantar transcorreu como nos velhos tempos. Para qualquer curioso, parecíamos um casal apaixonado, desfrutando de uma noite agradável.

Conversamos sobre trabalho, de como eu estava me saindo bem sem Neil na empresa, sobre o acidente e sua falta de memória.

— Tem um jardim lindo lá fora, quer caminhar um pouco?

— Eu adoraria.

Há três entradas no restaurante, uma que dá acesso ao hospital, uma que leva até a praia e a que nos leva até um lindo jardim.

Os bancos foram espalhados de forma que seguissem um caminho floral. No centro, há uma fonte com cinco anjos onde a água cai em cascata.

Assim que eu me sento, Adam segura firmemente a minha mão.

— Preciso dizer algo que eu deveria...

Seu tom de voz parece apressado e urgente. Os olhos cobertos de angústia e ansiedade anunciam que a nossa noite perfeita está em risco.

— Inicialmente, talvez você não entenda...

O som do telefone tocando interrompe o que ele diz. Observo-o desligar e ficar em pé.

— Ouça...

Outra vez, sua voz é interrompida pelo som insistente.

— Por que não atende? Pode ser importante

Indico o telefone e sorrio para alertar que está tudo bem.

Seu olhar é indeciso, mas, por fim, atende.

— Crighton. O que ele fez? Droga!

O que quer que tenha acontecido foi relativamente grave.

Adam encontra-se extremamente nervoso ao encerrar a ligação.

— Um dos seguranças atirou em um manifestante que invadiu a ala leste. Amanhã é a grande inauguração, e se a imprensa souber disso...

— Há algo que eu possa fazer?

Levanto e me coloco ao seu lado.

— Eu preciso fazer algumas ligações e colocar panos quentes, até saber a gravidade da situação.

Sua mão toca meu rosto em uma carícia singela.

—Voltarei em alguns minutos. Temos que conversar.

Maneio a cabeça e vejo-o sair apressadamente.

Vou para o meu banco, onde decido ficar até ele retornar. Uma questão ronda minha cabeça: o que é tão importante para me dizer? O que o perturba tanto?

Nos minutos seguintes, esses são os únicos pensamentos povoando minha mente. Nem mesmo a lua brilhante no céu foi suficiente para me distrair.

No entanto, o flash às minhas costas tirou-me desse momento introspectivo.

— Desculpe, não pude resistir.

— Evan?

Não tenho certeza se estou em choque em vê-lo ou pela foto

que tirou sem minha permissão.

— O que faz aqui?

— Vim para a inauguração, e você?

— A trabalho.

Se houvesse um alarme que anunciasse quando estivéssemos mentindo, o meu estaria sendo ouvido daqui a New York.

— Crighton?

Ele senta ao meu lado, e eu olho para outra direção.

— Meu chefe também é sócio desse lugar.

— Claro, eu me lembro.

Ficamos em silêncio. Estou constrangida, não temos nos falado muito nas últimas semanas, na verdade, tenho o evitado.

Sei que Evan tem interesse em mim, ele nunca escondeu. Houve momentos que eu cogitei dar-lhe uma oportunidade, mas hoje...

O fato é que talvez eu nunca mais seja capaz de entregar meu coração a mais ninguém. Evan é gentil, inteligente, engraçado, merece muito mais do que metade de mim. Alguém melhor do que eu. Alguém que realmente o ame. Eu não aceitaria menos.

— Evan, eu...

— Olha. Uma estrela cadente. Faça um pedido.

Olho para o risco cruzando o céu. Fecho os meus olhos e peço com toda força para que Adam me ame.

— O que você pediu?

Seu olhar endiabrado e sorriso são contagiantes.

— Não posso contar.

— Quer saber o que eu pedi?

— Se me disser, pode não se realizar. Sabe disso.

— Não acho que irá se realizar de qualquer jeito.

Ele inspira profundamente e toma minhas mãos.

— Pelo sua expressão, acho que era muito importante. Então, o que pediu?

— Você.

Dito isso, seus lábios tocam os meus. Não é um beijo arrebatador. O toque é suave e gentil. No entanto, não tenho nenhuma reação, além de surpresa. Que é substituída pelo horror com a cena que se segue.

— Filho da puta! Tira as mãos dela!

Capítulo 16

Adam

Como uma noite que eu havia planejado com tanto cuidado para ser a noite única, perfeita, se transformou em um dos meus piores pesadelos?

Ver outro homem com ela em seus braços... Eu não estou apenas furioso, estou enlouquecido, fora de mim, coberto de uma ira capaz de aniquilar esse maldito apenas com um olhar mortal.

— Afaste-se dela, Parker!

— Ou o quê?

Avanço em direção a ele. Seu cinismo e arrogância inflamam ainda mais minha ira.

Evan sorri e desliza o polegar em seus lábios, simulando limpar uma mancha de batom.

— Eu vou matar você!

Meu olhar é tão intimidador como a ameaça contida em minha voz, eu realmente sinto que sou capaz disso. Triturar Evan como carne no moedor, e eu só me cansaria quando visse todos os seus ossos esmagados.

— Adam, não!

Estou tão louco que não notei quando Penelope se colocou ao meu lado, agarrando meu punho pronto para o ataque.

— Evan, por favor, vá embora.

— Eu vou porque *you* está pedindo, Penelope.

Estou literalmente rosnando para ele, e se ela não houvesse se colocado entre nós, impendendo-me, eu partiria a cara dele e apagaria esse sorriso cínico do rosto.

— Vejo vocês na inauguração amanhã. Senhores.

Fazendo um floreio com a mão, ele se retira.

— Adam, o que deu em você?

Hã? Ela está mesmo me fazendo essa pergunta?

— Eu saio por alguns minutos e aquele infeliz está agarrando você!

Ela me olha de esguelha. Vejo divertimento brilhando em seus olhos. A infeliz se diverte com meu inferno interior.

— Foi só um beijo inocente. Por que está com ciúmes?

— Porque você é minha.

Seguro seus braços com força e puxo-a para mais perto de mim. Seus seios eriçados raspam meu peito, em segundos, meu corpo desperta para o dela. Olhos nos olhos, respiração suspensa, e a mesma batida do coração.

— Eu sou?

A pergunta me soa mais como uma afirmação. Eu me sinto um pavão exibindo suas asas. Ela é minha, sempre foi e sempre será. Não sei explicar como, apenas sei disso.

— Sim, você é minha. Completa e irrevogavelmente... Minha.

Levado por uma necessidade desenfreada, eu a beijo. Com paixão, com urgência, como desejei durante todas as horas que passei naquele avião, tentando bancar o cavalheiro, e durante a tarde, quando jurei a mim mesmo que estava fazendo o certo. Mantendo distância até recuperar sua fé e confiança em mim.

Que se dane o cavalheirismo e o que é certo. O errado nunca me pareceu tão bom. No amor não há lógica. Eu não consigo pensar racionalmente quando a tenho entregue em meus braços.

— Temos que sair daqui.

Mordo-lhe o lábio levemente e arranco um gemido seu. O som me deixa embriagado.

Praticamente corro com ela para dentro do hotel. Seus risinhos diante do meu ímpeto me excitam ainda mais.

Chamo um dos elevadores. Volto a tomá-la em meus braços. Suas costas coladas na parede e eu pressiono meu corpo no dela. Minhas mãos ansiosas exploram seu corpo. A cada toque, um novo gemido dos meus lábios, dos dela.

— Senti falta do seu cheiro.

Deslizo o nariz em torno do seu pescoço e o aroma adocicado mexe com todas as minhas terminações nervosas.

— Da sua pele...

Deixo um pequeno rastro de beijos, começando pelos ombros, até invadir sua boca macia e sedenta por meus beijos.

O elevador chega, eu me afasto, e cada célula minha parece protestar de dor e desejo.

Entramos e a mantenho em frente a mim, meu pau tocando sua bunda. Estou com as mãos em sua cintura quando, na verdade, elas gostariam de estar dentro da sua roupa e saber se Penelope está tão enlouquecida e pronta para mim como estou por ela.

O mero pensamento me faz soltar um grunhido.

Maldito elevador lento! Malditas pessoas no elevador, que me impedem de tomá-la como anseio, e malditas as pessoas que param a porra do elevador, prolongando ainda mais essa tortura.

Assim que saímos, eu a pego em meus braços.

— Adam...

— Não pense! — aqui mesmo no corredor, começo a remover-lhe o vestido, e ela a minha camisa, com as mãos trêmulas — Depois tudo fará sentido. Só sintá isso.

Não é apenas sexo. Não são apenas duas pessoas em busca de alívio sexual. São duas almas se reencontrando. A minha só

está em paz quando encontra a dela.

Quando entramos no apartamento, as únicas peças de roupas separando nós dois são as íntimas, que logo voam em alguma direção.

Apoio-a contra a porta. Ela geme sobre a madeira fria. Afasto-me um pouco para admirá-la. Os cabelos desfeitos, os olhos injetados e a boca inchada irradiam sensualidade.

— Linda — passo o meu dedo em sua boca, separando os seus lábios. — Perfeita. Minha.

Ela chupa meu dedo, e o gesto atea fogo dentro de mim. Meu pau incha e Penelope sorri, satisfeita com as reações que ela me provoca.

Sedento, começo a explorar seu corpo com meus lábios, primeiro nos seios intumescidos. Lambo, sugo e esfrego minha língua sobre eles, até seus gemidos implorarem por mais.

Entusiasmado e integralmente focado em lhe dar prazer, deslizo minha boca por sua cintura e seu ventre. Fico de joelhos e exploro suas coxas com minha mão, deliciado com a maciez que encontro nelas. Seda, lembra-me a mais pura seda.

— Oh, senhor — ela geme ensandecida, quando volto a substituir minhas mãos pela minha língua.

— Adam...

Inflamado de desejo e luxúria, eu provo seu sexo. Separo

um pouco mais suas pernas e posiciono uma delas em meu ombro. Fodo-a com minha boca, até seus gemidos e espasmos revelarem que havia atingido o gozo que estive empenhado em dar a ela.

Ergo-me e a beijo, seu gosto passando dos meus lábios para os delas. Massageio minhas mãos nos cabelos delas, agarro-os, puxando-a para mim. Meu pau esfregando em sua entrada. A leve fricção arranca gemidos profundos de nós dois. Essa doce necessidade é tão prazerosa quanto a posse em si.

Estou ardendo, queimando por dentro e por fora. Incapaz de me controlar, afundo-me dentro dela. Seu interior é como uma fornalha me aquecendo.

— Adam.

Ela se agarra a mim, implorando por mais, suas unhas cravadas em minhas costas exigindo mais. Apoio a testa na sua. Preciso de um segundo para controlar essa explosão de sensações dentro de mim.

— Senti falta disso — sussurro em seu ouvido — Senti falta de como meu pau parece perfeito dentro de você.

Saio de dentro dela e a viro de costas, essa posição me permite que eu me movimente melhor. Essa pequena interrupção gera um protesto.

— Senti falta de como fica molhada para mim e do gosto delicioso que você tem.

Fricciono seu clitóris com meu dedo, levo-o à minha boca, provando seu suco. Estoco mais uma vez, dessa vez com força, fazendo-a ficar na ponta dos pés.

A cada movimento, nossos gemidos ecoam pelo quarto. Nossos movimentos são rítmicos, febris, ardentes e vigorosos.

Dentro e fora. Dentro e fora. Nós nos entregamos de uma forma avassaladora.

— Ah! Porra!

Apoio a cabeça na curva do seu pescoço.

– Oh, Adam... Adam...

Os soluços desnorteados gemendo meu nome e os espasmos internos em volta do meu pau fazem meu orgasmo muito mais intenso. Desvairado pela luxúria, derramo-me dentro dela.

Horas depois, luto contra o sono que parece ganhar cada vez mais força sobre mim. O fato de Penelope passar uma mecha de seu cabelo em meu peito também não está ajudando. Não depois de termos acabado de fazer amor de novo. Perdi a conta de quantas vezes buscamos saciar nossa fome, e meu desejo por ela só aumentou, no entanto.

— Estamos bem agora, não é?

A voz é sonolenta, mas carregada de expectativa.

— Mais do que bem.

Coloco-me sobre ela, beijando-a com entusiasmo renovado.

— Adam, eu não consigo...

Ela geme quando a toco intimamente. Está inchada e dolorida. Isso faz o meu pau despertar. Assim como eu, ele quer mais, precisa de mais.

— Consegue. Vamos com calma dessa vez.

Lenta e cuidadosamente, vou me aprofundando dentro dela. Suas unhas cravam em meus braços. A cada centímetro, eu vou afundando no poço infinito de prazer.

O som do celular tocando em algum lugar do quarto me desperta. Penelope resmunga, mas vira para o outro lado da cama. Sorrio, orgulhoso em saber que o motivo de sua exaustão tinha sido eu.

O som continua insistente, então pulo da cama e procuro por minhas roupas espalhadas.

— Crighton.

— Senhor, temos problemas.

Reconheço a voz do funcionário com quem falei à noite.

Merda. Não foi assim que programei começar o meu dia. Faríamos amor de novo assim que ela acordasse. Em seguida, tomaríamos café e eu contaria a ela sobre as câmeras. É a última barreira entre nós dois. Por isso a trouxe até aqui. Para que eu tivesse paz e tranquilidade para explicar, sem que ela fugisse de mim, levada pela raiva.

Isso terá que esperar, talvez seja melhor esperar até o fim da festa.

Agora, Richard precisa da minha ajuda. É um dia importante para ele.

— Eu estou a caminho.

Tomo uma ducha rápida e me arrumo. Um pesar imensurável em deixá-la me assola.

Ajoelho na ponta da cama e esfrego o nariz no pescoço dela. Adoro fazer isso, sentir o cheiro adocicado que ela exala.

— Ei, dorminhoca.

Mordo sua orelha e regozijo quando os seios reagem em resposta.

— Por favor, só mais cinco minutinhos.

O tom enrouquecido e a voz manhosa me fazem desejar ignorar minhas obrigações.

— Preciso resolver um problema. Volto assim que puder. Não saia desse quarto.

— Amor, eu já nem sei se serei capaz de andar.

O sorriso frouxo e satisfeito aquece meu coração. É essa imagem que me acompanhará enquanto estivermos longes.

— Seja quem for que o tirou de mim, diga que eu agradeço.

—Então aproveite o pouco tempo que tem. Quando eu voltar, será ainda melhor.

— Maldito.

Ela ronrona, fechando os olhos.

— Gostosa.

Beijo seus cabelos e vou em direção à minha pasta. Antes que eu chegue à porta, Penelope está dormindo, dessa vez com um sorriso devasso em seus lábios.

Cacete! Por que eu decidi ser um advogado?

Por volta das duas horas, eu retorno ao hotel. Após um longo diálogo com o homem que levou um tiro de um dos seguranças, ele aceitou o acordo oferecido e decidiu não expor o ocorrido à imprensa. Tanto a vítima como seu advogado receberão uma quantia bem generosa para arquivar o caso.

Uma nova reunião, feita por Neil e Richard, instruiria os

chefes de segurança a uma nova postura em casos de conflitos diretos e invasão. Dispensei o encontro, não havia necessidade da minha presença, já que isso não envolvia um aspecto legal.

O único pensamento em minha mente agora é a imagem de Penelope e seu sorriso safado.

Assim que atravesso a porta, procuro por ela. Estou prestes a atravessar a porta conjunta quando visualizo o bilhete na mesa.

"Estou na piscina do hotel. Obrigada por acabar comigo."

Sorrio, doce e deliciosamente impertinente.

Troco de roupa e vou para a piscina. Não demoro muito a encontrá-la. É como se tivéssemos um radar que pudesse identificar o outro.

Aproximo-me no exato momento que um jovem se afasta de sua espreguiçadeira com um olhar desapontado.

— Ah, não me olha assim.

Seu sorriso acalma parcialmente a raiva dentro de mim.

— Assim como?

— Como se quisesse matar o pobre rapaz.

— Mas eu quero!

Tenho ímpetos de ir atrás do rapazote e colocá-lo no seu devido lugar. Uma mulher como Penelope precisa de um homem como eu, que a faça esquecer de andar, por exemplo.

— Sabe de uma coisa, Sr.?

Ela fica de pé, acariciando meu peito nu com um olhar que sugere inocência.

— Precisa esfriar a cabeça.

Segundos depois, estou flutuando na piscina.

— Trapaceira!

Vou até a borda e puxou-a pelo tornozelo. Em seguida, estamos nos beijando apaixonadamente.

As vozes ao nosso redor ficam mais distantes. Há apenas ruídos misturando-se aos sons emitidos de nossas bocas.

— Vamos sair daqui.

Levo-a para uma ala interna, onde há vários compartimentos com jacuzzi. Entro na sala mais vazia, onde há cinco banheiras, apenas duas estão ocupadas.

Seguimos para a mais distante, próxima a uma parede.

A água imediatamente aquece nossa pele já em chamas. Coloco-a sentada sobre mim, e logo as carícias que interrompi na piscina ganham força.

— Senti sua falta — sussurra ela, contorcendo quando lhe agarro os seios. — Adam.

Provoco o mamilo e enlouqueço com o rubor queimando em seu rosto.

— Adam...Aqui?

Afirmo com urgência, nada me faria parar, não posso.

Acaricio seu clitóris sob o tecido da calcinha do biquíni, vendo-a morder o lábio, reprimindo um gemido.

— Não tem quase ninguém, e não estão olhando para nós. Esconda o rosto no meu pescoço.

Ela obedece, e o mais discreto possível, escorrego para dentro dela. A água borbulhando permite que eu possa ditar o ritmo lento sem levantar suspeitas.

— Eu quero mais — ela geme e exige, guiada pelas sensações que provoco nela. — Mais rápido, por favor.

Olho para a jovem em outra jacuzzi. Está de costas para nós, curtindo sua música no celular. O outro casal presente está mais preocupado com ele mesmo; de qualquer maneira, isso não me importa.

Seguro sua cintura e conduzo os movimentos dentro dela.

— Aquele menininho jamais teria coragem para isso.

Arremeto com força, e Penelope solta um gemido involuntário

— Nenhum outro a fará se sentir dessa forma.

Remexo, buscando o ponto certo que a faz delirar.

— Assim como nenhuma outra me faria cometer uma

loucura como essa. Somos perfeitos juntos. Isso é tudo o que realmente importa.

Ela volta a esconder o rosto em meu pescoço e acompanha meus movimentos.

O fato de a qualquer minuto sermos pegos, o perigo, e termos que controlar a paixão correndo solta pelos nossos corpos, é uma tortura deliciosa.

Mordo minha língua para não me denunciar. Dor e prazer disputam espaço em mim.

O prazer vence, claro.

Capítulo 17

Penelope

É impressionante como não damos importância para pequenos detalhes da vida. Como esse deslumbrante pôr do sol no fim tarde, por exemplo. Aqui, ele tem algumas tonalidades de laranja. Um dégradé tão sutil, que basta eu apenas fechar um

pouquinho os meus olhos para me sentir aquecida.

Ou talvez deva atribuir essa sensação gostosa ao homem sentando à minha frente. Colo meus lábios em suas costas largas e estreito ainda mais meu abraço ao redor de sua cintura, só para confirmar que o calor irradiando dele é o que realmente mantém o meu corpo aquecido. Ele é meu próprio sol, transmitindo calor e luz.

Seus dedos fecham em torno das minhas mãos, e ele leva uma delas até sua boca.

— Penelope, eu preciso dizer...

— Caramba! — salto para trás, quase caindo da espreguiçadeira.

As últimas horas foram tão perfeitas que não é eufemismo dizer que esqueci do mundo exterior. Ele causa esse efeito em mim. Transitamos em um mundo egoistamente só nosso. Um mundo perfeito.

— Tenho horamarcada no salão do hotel, estou atrasada.

Nua e descabelada, eu corro para o meu quarto à procura de algo decente para vestir. 17h48, meu horário é às 18h:05, sem possibilidade de um novo agendamento para hoje, foi o que a atendente me disse. Devido ao evento de hoje à noite, todos os horários foram preenchidos. E eu só havia conseguido esse espaço na agenda porque usei o nome do Sr. Durant. Alguns nomes são como abracadabras, e todas as portas são abertas.

— Por que não fica aqui e conversamos? Você não precisa de um salão de beleza. Você já é naturalmente linda.

Passo o vestido tomara que caia rapidamente pelo meu pescoço e viro para olhá-lo. Embora as palavras tenham sido as mais fofas que eu já ouvi na vida, não, ele não tem razão. Esse é um baile de gala oficial. Haverá imprensa, fotógrafos e muitas pessoas influentes e bonitas. Os artistas selecionados para tocar no evento eram dignos das premiações que eu assistia na televisão, então, de forma alguma eu apareceria ao lado dele feito a irmã esfarrapada da Cinderela. Não quando haverá mulheres nada menos que deslumbrantes jogando charme para cima dele.

— Isso foi muito encantador, mas quero ficar ainda mais bonita para você.

O pequeno toque que dei em seus lábios rapidamente se transformou em um beijo quente, arrebatador.

— Adam — sussurro em sua boca, que devora a minha.

Certo, o fato dele ainda estar nu e excitado, não está ajudando muito. Preciso de uma dose reforçada de determinação para me afastar dele e do seu corpo divino.

— Eu tenho mesmo que ir!

Fujo de sua tentativa de agarre e pego minhas sandálias perto da porta.

— Ei? Não está esquecendo de nada?

Tremo da cabeças aos pés ao ouvir sua voz rouca e carregada de malícia às minhas costas. De jeito nenhum irei retornar para um beijo de despedida. Não tenho tanta resistência assim.

— O quê?

Falo por sobre os ombros e me delicio com a imagem do corpo nu que deixaria David de Michelangelo fugir humilhado.

— A calcinha?

Patife!

Vejo-o girar a calcinha vermelha em seu dedo indicador, enquanto exibe um sorriso safado.

Algo como um grunhido frustrado escapa da minha boca.

— Vou sem ela. Não combina com meu vestido.

— Penelope!

Saio rindo do rosnado que ele emitia.

Senhor, estou mesmo andando pelos corredores do hotel sem calcinha? O que mais me deixa envergonhada é a pequena palpitação e umidade entre minhas pernas. Além do calor absurdo. Eu não deveria me sentir assim, quando passamos quase o dia todo fazendo amor.

E nunca tinha sido ousada assim.

Ha-ham. Minha consciência dá batidinhas no meu ombro.

Mentirosa.

Você fez amor com ele no estacionamento do prédio onde trabalha e foi pega pelas câmeras de segurança — ela me acusa. Fizemos amor em uma praia nem tanto deserta, continua ela. E gozou como nunca, há poucas horas, em uma jacuzzi onde havia pessoas ao seu redor.

Senhor, estou me tornando uma messalina como meu pai havia profetizado.

Eu me sinto completamente à vontade com isso. Amo fazer amor com Adam, em qualquer lugar que estivermos.

Amor.

É um tanto meloso, mas não consigo definir o que compartilhamos com outras palavras.

Eu amo esse homem. Amo muito.

Às 9h30, eu tento colocar os brincos enquanto Adam me desconcentra, depositando vários beijinhos em meu ombro, subindo pelo pescoço e chegando ao meu queixo.

Droga! Errei o buraco de novo. Os brincos balançaram em minhas mãos.

— Não senhor! Nós já perdemos o jantar. Não podemos perder o discurso também.

Curvo para trás, evitando que ele borre meu batom.

— Não pode usar esse batom vermelho sangue e esperar que eu fique imune. É cruel e desumano.

Isso foi o que ele disse há uma hora, quando veio até a suíte verificar se eu já estava pronta. É óbvio que eu não resisti à investida dele. Passei o tempo todo no salão desejando estar no quarto com ele, fazendo coisas muito melhores que escovar o cabelo.

Quando a cabeleira perguntou que roupa usaria hoje, achei que foi demasiadamente exagerado o conselho que me deu em seguida, para que usasse um batom vermelho com o vestido preto. Mas a mulher sabia do que estava falando. O vestido, apesar da cor neutra, é lindo, moldando-se em meu corpo e com cauda rabo de sereia. O batom havia realçado mesmo o tom da minha pele.

— Acha que eu estou bonita?

— Bonita? Mulher, eu quero te arrastar para aquela cama, chupar essa boca gostosa. Chupar você todinha, até seus olhos saírem de órbita, gemendo meu nome. Depois...

— Já chega — abano meu rosto e limpo a fina camada de

suor que inicia em meu pescoço — Ainda quero continuar bonita até a noite. Você não está contribuindo.

Empurro-o em direção à cama. Equilibrando-se em meus saltos da melhor maneira possível, corro até o banheiro para fazer o que Adam me impedia há quase vinte minutos: colocar os malditos brincos.

O salão de festas é enorme e está perfeitamente decorado. Um DJ faz as pessoas na pista de dança se acabarem. Dezenas de garçons caminham pelo ambiente. Há muitas mesas espalhadas.

Ocupamos nossos lugares. Do outro lado do salão, avisto Neil em sua mesa. Ao seu lado, está uma mulher morena; Mila, o nome dela. Reconheço-a prontamente. Era uma das muitas mulheres com quem ele saía. Procuro pela senhorita Connor, mas não a vejo em parte alguma.

— Champanhe?

Encaro Adam por um segundo e digo que sim com a cabeça. Volto o olhar para a mesa do Neil. Ele não parece feliz com os sorrisos que a mulher dispensa a ele. Em seguida, vejo-o afastar a mão dela e sair, mancando em sua bengala.

Apesar de ficar curiosa com o que possa ter acontecido entre Jennifer e ele, Adam exige minha atenção. Bebemos e comemos um pouco. O jantar principal, assim como o discurso de abertura,

já havia acontecido, mas os petiscos servidos durante a noite eram igualmente saborosos.

Dançamos, rimos, nos beijamos e dançamos um pouco mais.

— Preciso ir ao toailete — digo indicando meus lábios inchados, assim que voltamos à nossa mesa.

Ele me puxa para um beijo e olho ao redor. A sensação que eu tenho é que Adam está me marcando, colocando um sinal para que os outros homens fiquem longe. Sorrio em seus lábios e retribuo o beijo. Se há alguém para se preocupar essa noite, essa pessoa sou eu. Ele está nada mais que irresistível em seu terno cinza. Não foi uma ou duas vezes que notei outras mulheres com um olhar invejoso sobre ele.

Tive vontade de ir até cada uma delas e dizer que podiam espumar à vontade. O homem mais lindo essa noite é todinho meu.

Cinco minutos depois, eu tento encontrar uma forma de usar o banheiro sem estragar o vestido. Quando encontro uma posição confortável, uma conversa entre amigas me chama atenção. Mais por causa dos nomes e da voz de uma delas que reconheci prontamente. De todas as amantes que Neil teve, essa foi a mais pegajosa e insuportável.

— Não sei o que Neil viu naquele bicho do mato. Ela pode se cobrir de ouro, que continuará sendo sem graça. Quando se

cansar dela, virá até mim, escreva o que eu digo, Leticia.

Sabe o velho ditado: quem desdenha quer comprar?

Pois é exatamente isso que sinto na voz desprezível dessa mulher, pura inveja. Afinal, Jennifer conseguiu em poucas semanas o que ela não conseguiu em anos: fazer o meu chefe enlouquecer de amor.

— E a mulherzinha com Richard? Disseram-me que foi prostituta, acredita? O namorado da minha irmã já a viu num clube vulgar. É lamentável que homens tão respeitáveis circulem com mulheres tão vulgares.

A outra mulher fala, e eu me pergunto se a mulherzinha que ela se refere é a Paige.

— Sexo, minha querida. Essas mulheres fazem coisas sujas. Embora eu tenha feito algumas coisas diferentes com Neil, há coisas que eu não aceito.

Tipo, fazer um bom oral e ver seu companheiro perder as estribeiras gritando seu nome? Fazer sexo em uma garagem ou durante o dia em uma praia quase deserta?

Continua pensando assim, sua tonta, e realmente nenhum homem verá graça em você, além desse rostinho bonito. Não que eu seja uma especialista em sexo, não sou, mas tudo que faz Adam feliz, me faz também. Nem eu que fui criada com normas tão rígidas tenho a mente tão fechada como essas duas.

— Será que Richard sabe quem ela é? Ou os riscos que está

correndo?

Eu já não odeio Paige. No fundo, ela é uma pessoa boa. Tudo bem, sendo honesta, Paige é uma pessoa incrível. O que me fazia ter raiva dela era o ciúme que eu tinha, e que rapidamente passou quando soube que ficou noiva de um dos melhores amigos do meu chefe. Até mesmo estou ajudando-a a conseguir o endereço onde Peter está organizando a festa de despedida de solteiro.

Arrumo o vestido, e estou disposta a dizer umas boas verdades para essas duas. Todo esse veneno me lembra uma conversa que ouvi acidentalmente entre Teresa e Angelina sobre mim. Saber que há pessoas falando de você pelas costas, não deveria, mas magoa muito. Ainda mais quando são mentiras infundadas.

Assim que toco no fecho da porta, outra voz exaltada me paralisa.

— Eu não tenho que dar explicações alguma a vocês duas. Saibam que Paige e eu não somos prostitutas. E mesmo que tivéssemos sido, ainda somos melhores que vocês duas juntas! Prostitutas vendem seus corpos para sobreviver, vocês corrompem e vendem suas almas.

Eu literalmente dou pulinhos. Bravo, Senhorita Connor, essas duas despeitadas merecem ouvir tudo isso.

Admiro a coragem de Jenny, gostaria de ter tido a mesma coragem quando peguei Teresa Silver falando de mim.

— Podemos não ter dinheiro ou não vir de uma família respeitável como vocês duas, mas temos um coração...

Jenny segue valente, colocando todos os pingos nos *is*. Abro uma pequena fresta na porta. Eu gostaria de assistir de camarote, mas o pouco do que vejo dos rostos assustados vale mais do que uma sessão exclusiva.

— De uma vez por todas, Milla, afaste-se do Neil. Ele me ama e ficaremos juntos, você gostando ou não. Agora saiam daqui antes que eu faça uma coisa que a mãe de vocês deveria ter feito há muito tempo.

Jenny se inclina em direção a elas, os punhos cerrados.

— Dar-lhes uma boa surra!

Sabe o momento que você sente que se apaixonou por alguém? Pois eu acabei de perceber que eu gostaria muito que fôssemos amigas. Amigas de verdade. Não para falar de assuntos bobos sem importância, ou apenas pensar em baladas como Aline. Mas uma amiga que você sabe que estará com você, independente das circunstâncias. Que não usará contra você coisas que a magoam.

— Selvagem! — Milla sai pisando duro.

— Foda-se! — Jenny grita ao fechar a porta e apoiar-se sobre ela — Foda-se, sua cretina.

Apesar da coragem que ela enfrentou as duas, noto que ficou abalada. Palavras ferem mais que um tapa no rosto. Eu tive

muitas palavras ferinas jogadas na minha cara.

— Jenny?

— Penelope? Não sabia que estava aqui na festa.

Entendo agora porque não a vi na mesa com o Sr. Durant, com certeza Milla deve ter soltado seu veneno muito antes.

— Vim acompanhar o Adam de última hora.

Noto a surpresa em seu rosto e resolvo mudar o foco. Eu sei que o Sr. Durant desconfiou, ou teve certeza da relação que Adam e eu tivemos, mesmo que nunca tenha comentado nada. Agora, com sua amnésia, não sei exatamente o que devo dizer.

Nem sei como nós estamos. Tivemos dois dias incríveis, mas fico apreensiva. Sempre que damos um passo para frente, recuamos dois. Tenho tentado pensar em nada mais além do hoje.

— Está tudo bem com você? Eu ouvi parte da conversa. Não dê importância, Jenny. Conheço o Sr. Durant há dois anos. Conheço a lista de mulheres com quem ele saiu. Como sua secretária, eu tive que marcar alguns encontros...

Eu procuro por palavras que não soem tão agressivas, reveladoras, ou possam machucá-la ainda mais. Também não posso revelar o que me foi confiado. Mas, de alguma forma, desejo tranquilizá-la. E há fato de que até pouco tempo Neil ainda era casado. Não deve ter sido fácil para eles. Ter que lidar com o acidente, a falta de memória, a cobra da Sophia rondando os dois.

Definitivamente, a senhorita Parker não precisa jogar mais merda nessa relação.

— Tudo bem, Penelope, não tem que me dizer nada que não possa.

— O que eu quero dizer, é que nunca o vi como está agora. Tão relaxado e feliz. Todos na empresa notaram a diferença. Não que antes fosse um patrão ruim, mas parecia inalcançável. Então, não desperdice essa oportunidade. O amor de vocês dois é tão bonito.

Ela começa a chorar, e eu fico apreensiva. Não costumo me intrometer na vida alheia, e receio que tenha ido longe demais.

— Não chore — abraço-a, incerta do que fazer — Desculpe, eu não quis perturbar você.

Ficamos abraçadas, até ela voltar ao normal.

— Não me perturbou. É que... Todo esse mundo, esse dinheiro e essas mulheres. Às vezes, eu fico insegura.

Entendo o que ela quis dizer. Neil é um homem influente, rico e seguro de si. Poderia ter qualquer mulher aos seus pés. Além disso, o meio que ele vive é muitas vezes cruel e preconceituoso.

Talvez eu nunca tenha dado ênfase a isso, porque sempre lidei com esse tipo de pessoas. Primeiro quando fui noiva do Max, depois trabalhando com Neil.

Mas, com Adam, meus receios nunca tinham sido esses. A família dele é também uma das mais importantes, mas havia me tratado como igual, acolhendo-me com carinho.

Agora, pensando bem, nunca tivemos mesmo uma vida social. Nunca fomos a festas como essas, e eu nunca fui vista com ele na alta sociedade. Nossa relação sempre foi nós dois, como se vivêssemos em uma redoma de vidro. Isso nunca me incomodou até agora.

— Em relação ao amor, sempre há inseguranças, independente de dinheiro, posição social, raça ou opção sexual. Qualquer mulher ou homem apaixonado tem suas inseguranças. A diferença é como se constrói a relação. Vocês podem trabalhar dia a dia ou deixar que as dúvidas destruam tudo isso. A vida não é perfeita, Jenny. Não espere isso, o amor e o companheirismo nos ajudam a superar dia a dia. Confie em vocês dois.

Não são palavras apenas para confortá-la. Eu acredito fielmente que honestidade e confiança são as estruturas de um bom relacionamento. Se Adam tivesse contado tudo, nenhum de nós dois teríamos sofrido tanto.

— Nossa, você é tão segura. Seu namorado deve ser um homem de muita sorte.

— Será, quando eu o encontrar — penso em Adam lá fora. Voltamos a ser namorados? — Não é fácil encontrar o amor verdadeiro.

E mais difícil ainda perdê-lo.

— Ou talvez já tenha encontrado e só precise de um empurrãozinho.

O que será que ela sabe? Bom, sendo noiva de Neil, eles não devem ter nenhum tipo de segredos.

— Talvez — estendo a mão para ela — Vamos voltar para a festa?

Mal nós nos viramos para sair, e Paige surge na porta, exaltada.

— Achei você! Neil está completamente maluco procurando por você. O que estão fazendo aqui?

Jenny e eu nos encaramos rapidamente. Certamente ela também se lembrou das palavras maldosas de Leticia sobre Paige.

— Nada. Estávamos refazendo a maquiagem e conversando um pouco.

— Vou aproveitar e retocar o batom — Paige corre até o espelho com um sorriso maroto — Preciso estar linda para o que vem a seguir.

— Do que está falando?

Não é apenas Jenny que está curiosa. O pouco que sei de Paige já me provou que ela é bem maluquinha.

— Não posso contar. Prometi ao Richard que não falaria.

Enquanto elas conversam, aproveito para retocar o batom. Paige pergunta a Jenny sobre um homem que ela os viu conversando. Konrad, foi o que Jenny disse, e Paige alertou que Sophia também está presente.

Voltamos para o salão. Adam me encontra no meio do caminho, tirando-me para dançar. Foi difícil não notar sua impaciência.

Se as duas ficaram surpresas, eu não sei. Quando estou nos braços dele, como agora, não há dúvidas, temores ou inseguranças. Só há nós dois, sempre.

Estamos na metade da música, quando ela é interrompida. Neil surge no palco.

— Há nessa sala uma mulher linda e maravilhosa...

Ele inicia um dos discursos mais lindos que já ouvi na vida. E olha que, quando é para ser romântico, Adam sabe ser imbatível.

Quando Jenny pondera sobre o pedido de casamento, todos no salão ficam em silêncio com a respiração suspensa. Como em um desses filmes que vemos nas telas de cinema.

Senti um enorme aperto no peito quando o Sr. Durant foi deixando o palco, arrasado por ela não ter dado o sim.

Ah, Jenny não faça isso com ele. Encaro Adam e ele está com um olhar fixo em mim. Suas mãos deixam minha cintura e entrelaçam meus dedos. Eles estão frios.

— Sim... Eu aceito.

O salão vem abaixo. Adam e eu continuamos conectados. Eu vejo um brilho intenso em seus olhos. Aquela emoção que, você sabe...

Oh, meu Deus. Ele iria fazer o pedido?

— Penelope...

— Tenho que ir ao banheiro.

Solto suas mãos e me afasto um pouco, estou sufocando e suando frio.

— Você acabou de voltar de lá — Adam me olha incrédulo e um pouco decepcionado.

— Estava cheio. Aqui está lotado e quente, e há pessoas por todos os lados e...

Dou-me conta que não falo nada com nada. A única coisa em minha cabeça é *lâmpada vermelha piscando*.

— Eu já volto.

Tento me virar, mas ele agarra meu braço.

— Estou no jardim te esperando.

Seus lábios tocam os meus de uma maneira sôfrega, carregada de necessidade. Quando ele se afasta, vejo em seus olhos milhares de promessas. É incrível e assustador.

Caminho rapidamente até o toalete. Assim que fecho a porta

e o burburinho lá fora diminui, meu coração volta a bater mais devagar.

Olho para a garota assustada no espelho. Ela me pergunta o que estou fazendo aqui. Há um homem encantador lá fora, me esperando para pedir minha mão.

— Ele não é o Max. Não fará o mesmo comigo, deixando-me sozinha no altar.

Mas Adam já tinha ido embora tantas vezes. Todas elas doeram mais que o dia em que me vi sozinha e humilhada no altar.

— Adam não é como Max — repito e repito.

Nenhuma das vezes que foi embora foi por que quis. De certa forma, eu consigo entender. Faria tudo para protegê-lo se também acreditasse que estivesse em perigo.

— Então eu vou até lá e direi sim. Eu o amo e vou dizer sim. Sim, eu aceito.

Rindo de mim mesma, de uma jovem que me encara como se me achasse maluca, eu saio.

Caminho determinada até o jardim. Vejo Adam de costas para mim e Peter na frente dele. Ambos parecem tensos. Provavelmente devem estar ensaiando o que ele dirá a mim.

— Sim. Sim. Sim.

Vou sussurrando enquanto suas vozes vão ficando mais

audíveis.

Sim.

Capítulo 18

Adam

Eu faria o pedido naquele momento. Já havia adiado e esperado o momento ideal por tempo demais. A coragem do Neil alimentou a minha. Mesmo sem uma aliança, eu ia pedir que Penelope fosse minha esposa. Que juntos formássemos uma família. É engraçado como, há dois anos, *filhos* era uma palavra feia em meu vocabulário, mas com Penelope, com ela, eu quero e preciso de tudo.

Sigo para o jardim, pensando em como devo pedir que se case comigo. Vi medo e insegurança transpassando em seu rosto, foi o que me fez permitir que ela fugisse buscando um tempo. Claro que antes precisei beijá-la, tentar passar através dos meus lábios como a amo e que ficará tudo bem se estivermos juntos.

— Então, o casal 20 voltou à ativa.

Peter surge atrás de mim, interrompendo meus pensamentos.

— Quase isso.

— Fico feliz por vocês dois, e que Penelope tenha passado por cima de tudo, principalmente por mim, afinal, fui eu que instalei as câmeras de segurança.

Viro, dando as costas a ele e ao salão. Estou tenso. Tenho receio da reação dela a isso.

— Não é bem assim.

Ele me olha confuso.

— Droga, ela não me perdoou. — Peter coça a cabeça e parece bem chateado — Deveria saber que não seria tão fácil assim. Eu a entendo.

— Eu não contei, Peter!

— Como assim, não contou? — ele fica de frente a mim. Eu encaro o chão.

— Ia contar ontem, então adiei para hoje, e depois para depois da festa.

— Porra, Adam! Você sabe que tem que contar.

Peter me olha furioso, na realidade, possosso.

— Sabe que o que fizemos com Penelope não foi correto. Tem que contar isso logo antes que piore, cara. Não faça com os

outros o que não quer que façam com você. Eu odeio mentiras, não sei ainda porque eu concordei com esse plano que é, no mínimo, idiota.

— Você acha que eu não quero? O que acha que eu devo dizer? “Ah, querida a propósito, Peter instalou várias câmeras em seu apartamento e eu a assistia todos os dias do apartamento que aluguei próximo a você.”

— Adam...

Sua voz é cautelosa. Sei que quer me acalmar, mas eu estou assustado e furioso comigo mesmo. Sinto-me como um animal encurralado, sem ter para onde ir.

— Ou: “a propósito, eu vi você tomando banho, trocando de roupa, eu me masturbei quando você se masturbava gemendo meu nome. Eu vi você chorar e sofrer todas as vezes...”

— Porra, Adam, cala a boca!

Vendo seu protesto como uma aversão sobre minha vida íntima, resolvo continuar. Preciso desabafar isso de alguma forma antes de contar a ela.

— Devo dizer que eu acionei o alarme de incêndio quando o Max esteve lá? E que aquele dia não foi a única vez que entrei à noite no apartamento dela? É isso que você quer que eu diga, não?

— Não é necessário mais — ele está olhando por cima dos meus ombros — Você já disse tudo.

Nesse momento, é como se estivesse em frente ao seu médico, esperando o resultado de um exame, no qual ele confirma que meu estado é terminal. É o mais próximo que consigo explicar a sensação que eu tenho ao dar um passo para o lado e encontrá-la, completamente chocada, olhando para mim, com seu olhar devastado sobre mim.

Eu havia recebido a sentença de morte.

— Querida...

Eu queria encontrar um caminho para explicar que não tive intenção alguma de machucá-la. Nunca quis ver esse brilho magoado em seus olhos.

— Para!

Não foi o pedido fervoroso que me fez recuar. Foi a dor em sua voz.

— Pare de me machucar.

— Penelope, por favor, ouça...

A cada passo que dou em direção a ela, vejo-a recuar. Seu rosto é uma cascata de dor e desilusão.

— Não! São mentiras em cima de mentiras, Adam. Eu já não sei se conheço você.

Se ela dissesse que não me amava, não teria doído tanto quanto essa declaração amarga.

A barreira que ela ergue entre nós é tão alta e

intransponível, que não consigo imaginar como alcançá-la de novo.

Eu fico estático, impotente, desesperado, vendo-a partir para longe de mim.

— O que eu fiz, Peter? — minha voz é quase um sussurro flutuando na noite, que agora está totalmente fria. Eu deveria ter forças e correr atrás dela, mas meus pés estão colados ao chão. Sinto-me petrificado.

— Merda. Foi o que você fez, uma grande merda— apesar da ironia, seu semblante está sério — Não é isso o que fazem todos os tolos apaixonados? Vamos ajeitar tudo isso. Ela vai entender.

Sinto a mão pesada em meu ombro; ao contrário do que ele deseja, não tem o poder de me confortar.

— Pelo menos, agora ela sabe de tudo. Não há nada mais separando vocês.

Apenas mais uma das minhas mentiras. Que homem de merda eu sou? Quem ama não mente, não esconde a verdade, não fere como eu fiz.

Mas, mesmo carregado de todos esses defeitos, mesmo não merecendo que ela sequer volte a me encarar, não posso deixar que saia da minha vida sem implorar seu perdão. De um jeito certo ou errado, eu a amo. Isso nunca foi falso.

— Eu vou atrás dela!

Retorno ao salão com Peter em meu encalço. Procuramos por toda a festa, em todos os lugares que imagino que ela possa ter procurado um pouco de paz.

— Ela deve ter voltado ao hotel — informo a ele — A limusine não está mais aqui. Preciso encontrá-la, Peter.

— Escuta, Adam — ele me para, assim que chamo um táxi.

— Seja paciente com ela, está bem? E se ela quiser te bater, você deixa e fica calado.

Infeliz. Se eu não tivesse tão paralisado de medo, eu o mandaria calar a boca. Mas não tenho forças nem mesmo para isso.

Não respondo e entramos no carro. Ele continua sua ladainha, dizendo tudo que eu deveria deixar Penelope fazer, além de me bater. Gritar comigo ou me xingar se fosse o caso. E, principalmente, que eu a fizesse de tudo para ela entender que ele era inocente naquela história. Caramba! Eu me rastejaria aos seus pés se fosse preciso.

Chegamos ao hotel e dou graças a Deus pelo término do seu falatório.

Praticamente voo até os elevadores, deixando Peter para trás.

Sigo direto para o quarto dela e bato na porta algumas vezes. Encosto a testa na madeira fria.

— Penelope? Ouça-me, por favor.

Eu não conheço você...

Essas palavras estão martelando em minha cabeça.

Bato outra vez na porta. Repetidamente. Nada.

Sigo para o bar. Talvez ela só precise de um pouco mais de tempo.

Pego a garrafa de uísque, mas paro antes mesmo que uma única gota caia no copo. Não é dessa forma que vou resolver esse problema.

Retorno à porta adjunta que separa as suítes. Escoro minha testa na madeira lisa e deixo que meus sentimentos falem por mim.

Eu tenho que tentar recuperá-la.

— Eu fui um idiota. Eu sou um idiota. Mas sou um imbecil completamente e irrevogavelmente apaixonado por você. Você foi... — respiro fundo — Você é meu primeiro amor. Estou aprendendo a amar com você. Então me ajuda a fazer o que é certo.

Giro a maçaneta, disposto a tudo para convencê-la do quanto estou sendo verdadeiro.

— Me dê outra chance.

Estive preparado para sua recusa, acusações, cobranças, até mesmo sua raiva, mas não estive preparado para encontrar o

quarto tão vazio como ficou meu peito ao constatar que ela partiu.

Inundado pelo desalento, abro todas as portas do closet, apenas para confirmar o que aflige meu coração.

Penelope havia ido embora.

Embora minha vontade seja apenas ajoelhar e entregar-me ao sofrimento, algo maior e mais forte dentro de mim ordena que eu lute por ela.

Lute. Apenas lute. Enquanto essa chama ainda arder em seu coração.

Corro de volta para os elevadores. Entro no primeiro que surge, sem conferir se ele sobe ou desce. A sorte parece estar do meu lado dessa vez.

Chego à recepção, e afortunadamente, Peter ainda está por ali, conversando em um canto com um dos atendentes.

— Uma loira e uma morena — ele murmura — Talvez uma ruivinha.

— Está mesmo procurando prostitutas?

Senhor, meu mundo está acabando e ele pensando em como irá encerrar sua noite.

— Prostitutas, não — ele gesticula de uma forma que denuncia seu lado inglês — Damas de companhia, já que eu não vou retornar à festa. Não me olha assim. Resolvi arriscar um... Delivery?

Olho para o teto e conto até cinco. Deus, eu quero dar um murro na cara dele.

— Senhor, pode procurar pela senhorita Walker? — dirijo-me ao homem na recepção — Penelope Walker.

Ele olha em seu computador e fala o número da nossa suíte.

— Não essa suíte. Escuta, somos namorados e tivemos um desentendimento. A mala dela não está mais no quarto. Deve ter pedido outro quarto. Olhe novamente nos seus registros, por favor.

Ele volta a olhar e balança a cabeça, negando.

— É impossível, senhor. Todos os quartos foram reservados. Talvez tenha ido para outro hotel.

Uma cortina de desespero me cobre. Para onde ela iria em um país que ela não conhece, sozinha e transtornada como estava?

— Por favor, tente de novo.

Sinto a mão do Peter em meu ombro. Afasto-a, o repelindo. Não quero ter que lidar com ele e o *eu te avisei* que certamente viria.

— Não há ninguém, senhor — responde o recepcionista, alguns minutos depois.

— Venha, eu sei como descobrir para onde ela foi.

Eu não ando, Peter me arrasta. Chegamos à sala de

segurança. Ele conversa com um dos funcionários por alguns minutos. Como sua empresa coordena a segurança, não tivemos problema em entrar, e logo estamos diante de um painel onde surgem várias imagens gravadas. Por um momento, tenho vontade de me afastar. Foram vídeos como esse que me afastaram dela. Mas como minha preocupação com a segurança de Penelope é mais forte que meus escrúpulos, sigo em frente.

O homem avança um pouco mais a fita e eu me concentro em cada detalhe.

— É essa aí! A loira com o vestido preto.

Peter informa, assim que a avistamos na tela.

Por favor, não dê zoom.

Infelizmente, ele não notou meu pedido mudo. Assim que meus olhos focaram seu rosto banhado de lágrimas e coberto de dor, minhas pernas perdem a força e desabo na cadeira em frente ao painel.

Vejo-a encolhida em um canto no elevador. Fazer as malas com dificuldade, tamanha a tristeza que carrega, é impossível que seu sofrimento não me atinja.

Alguns minutos depois, Penelope sai com a mala. A forma trôpega em nada tem a ver com o peso da pequena mala, mas sim com o peso em seu coração. Minha pequena está sofrendo, e isso me aniquila ainda mais.

O segurança avançou a gravação mais um pouco. Assisti-a

conversar com um dos recepcionistas do hotel, não o que falou comigo. Ele balança a cabeça, ela parece insistir. Desanimada, ela caminha até o sofá que há na recepção, escondendo o rosto entre as mãos. Um homem surge ao lado dela, reconheço-o prontamente.

— Não!

Toda a minha dor começa a se transformar em fúria.

— Parker! — Peter fala por mim.

Eles conversam por alguns minutos e saem.

Então foi Evan que a levou de mim. Meu bem mais precioso, ele arrancou dos meus braços. Vê-la sair amparado por ele, foi como uma mão de aço arrancando meu coração do meu peito.

Por que é tão fácil amá-la e tão devastador perdê-la todos os dias? É como se a cada segundo a felicidade escorresse por meus dedos, como areia em uma ampulheta.

Quando volto ao meu quarto, derrotado, permito o que tentei esconder diante de Peter e do segurança. Deixo que as lágrimas desçam livremente pelo meu rosto. A solidão e a dor tornam a ser minha única companhia. E é como se um grande buraco negro me consumisse, corroendo-me de dentro para fora.

Duas horas depois, ainda me encontro no aeroporto à espera de voo. A calma de Peter ao meu lado me enerva. A má vontade da atendente em nos encaixar em outro voo me irrita, e todas as mensagens que enviei para o celular dela, e que não tiveram resposta, me deixam em desespero.

Não consegui usar o avião em que viemos, já que Evan, como sócio de Neil, tem total acesso a ele.

— Nosso voo sai em 15 minutos — Peter ressurge logo atrás de uma funcionária da companhia aérea de pequeno porte — Então se apresse, se quer sair daqui ainda hoje.

Olho para a jovem, que indica o caminho e ajeita os cabelos discretamente. A roupa um tanto desalinhada, amarrotada para uma aeromoça.

Estou impressionado que Peter tenha ido foder a jovem mulher em algum canto escuro do aeroporto, enquanto estive sendo torturado pelos meus demônios internos.

— Não vou perguntar como fez isso — balanço a cabeça.

— E eu não vou dizer — ele pega a sua mala e segue a jovem sorridente — Apenas agradeça a sorte que tem.

Poderá passar milhares de anos, e nunca entenderei a necessidade animal por sexo que ele tem. Mas visto que seu apetite sexual foi em benefício a mim, deixo todas as interrogações passarem, pelo menos por agora.

— Obrigado.

O voo de volta foi uma mistura de lembranças de todos os momentos que Penelope e eu compartilhamos juntos no dia anterior. Eu me sinto como em uma esteira, correndo atrás da felicidade, mas não saio do mesmo lugar.

Por que sempre tenho que ir do céu ao inferno em uma velocidade espantosa? Há algumas horas estive no paraíso, agora vejo somente um buraco negro no qual mergulho cada vez mais. Cada vez mais frio e profundo. Eu já estive lá antes. Era apenas um quarto escuro e vazio, eu quis estar ali, sentia que merecia. Essa cratera não; é fria, e não apenas perturba minha alma, arranca de mim a fé e a esperança de novamente eu poder sentir calor.

Intermináveis horas depois, chegamos a New York. Deixamos o aeroporto e continuo ligando insistentemente. Sei que estou sendo mais do que ignorado, é um pedido silencioso para que eu fique longe. A realidade é mais dura do que qualquer sensação que pudesse imaginar sentir.

Entramos no táxi e um telefone toca. Não é o meu. Encolho no banco do táxi com um suspiro frustrado.

— Querida, onde você está?

Corrijo minha postura, tensiono meus ombros. Não é preciso que Peter fale seu nome, eu sei que é ela. Estamos a caminho do seu apartamento. Ver que entrou em contato com ele, de certa forma, reacende uma chama de esperança em mim.

Peço que ele me passe o telefone; irritantemente, ele faz sinal para que eu espere.

— Eu sei que é difícil compreender agora — murmura Peter pausadamente, o tom de voz parecido com o da minha mãe quando fala com uma das gêmeas — Adam está preocupado...

Ele continua ouvindo. Aproximo-me mais dele e consigo detectar o tom de voz exaltado. Antes Penelope estivera magoada, agora parece colérica com nós dois.

Ouçó dizer cada ponto onde ele havia instalado as câmeras. A cada uma, a raiva sobre mim mesmo aumenta.

— Penelope — agarro o telefone de Peter, meu tom de voz é evidentemente desesperado, refletindo exatamente como estou — Meu amor...

Capítulo 19

Aline

Eu nunca trabalhei tanto em minha vida. Nem mesmo durante os quase três anos que estou na DET. De alguma forma, eu sempre consegui enrolar a chata da Charlotte e o insuportável do meu chefe. Agora, Penelope me cobre.

Odeio meu trabalho, odeio essa empresa e todas as pessoas que trabalham nela. Por todo esse tempo, eu tive que forjar sorrisinhos e cumprimentos educados. Tudo em nome do plano de destruir o Crighton e seus amigos malditos. Na verdade, seus amigos pouco me importam, meu objetivo é, e sempre foi o Adam.

Não há ninguém no mundo que eu odeie tanto quanto ele. Aquele desgraçado arruinou minha família, levou meus pais à morte, e eu almejo para ele o mesmo destino.

Desejo sua ruína, como ele foi o responsável pela minha. Por causa dele, meu pai perdeu todos os nossos bens, foi preso e sucumbiu a um infarto naquela cela imunda.

Minha mãe não aguentou a dor de perder o marido e seu lar logo depois. Resolveu seus problemas com um vidro de comprimidos. Eu acabei sozinha, perdida, sem minha casa, na qual cresci e fui imensamente feliz. Até meu noivo havia me virado as costas.

Dean jamais poderia unir-se a uma mulher com um passado manchado como o meu. Adam tirou tudo o que eu tinha

— minha família, minha fé e a minha dignidade. Eu tinha que dar o troco de alguma forma.

E a ajuda para conseguir isso surgiu de onde eu menos imaginava.

Lembro-me de quando nos vimos pela primeira vez, como se fosse ontem.

Chovia muito naquele dia. Eu estava sentada, encolhida na escada, dentro da minha casa vazia, observando os trovões, quando aqueles homens horrendos apareceram. Era o meu vigésimo primeiro aniversário, e não sabia se teria outros. Naquele dia, eu arquitetava várias maneiras de dar fim à minha vida, como fizera minha mãe no dia anterior.

— O que faz aqui, garota? — um deles pergunta, encarando-me de forma nada amistosa.

Um homem enorme, tanto em tamanho como em altura.

— Está chovendo muito lá fora — eu não quis que minha voz tivesse saído tão trêmula, e nem quis demonstrar a fraqueza que me abalava — Eu não tenho para onde ir. Deixa eu passar essa noite aqui, senhor. Prometo que amanhã eu irei embora.

— Acorda, moça, o conto de fadas acabou — o segundo homem, da minha altura, mas bem musculoso, cravou seus dedos nojentos em meu braço e me fez levantar — A casa já foi vendida. Suma daqui de uma vez. Em outro momento eu teria te oferecido minha cama, mas ela não está à altura de uma riquinha

esnobe como você.

— Riquinha? — o grandalhão me encarou com uma risada debochada — Ela terá sorte se um mendigo quiser dividir seu jornal com ela essa noite. E ouvi dizer que será uma das noites mais frias do ano.

Naquele momento, eu senti o que o gostinho da vingança pode fazer a uma pessoa. Aqueles homens estavam se vingando de mim, por ter sido rude com eles há alguns dias. O que eu poderia fazer? Estavam roubando minha casa. O único lar que conheci. Todas as lembranças de felicidade estavam ali.

— Não volte mais aqui, ou chamaremos a polícia — ele urrou.

Com toda brutalidade, fui jogada na rua. A chuva torrencial em minha cabeça era o menor dos meus problemas. Caminhei lentamente pela rua longa, não havia lugar para ir.

Demorei a perceber o carro vermelho seguindo-me.

Claro que, inicialmente, tive receio de quem estava dentro do carro. Já começava a escurecer quando ele surgiu ao meu lado. A possibilidade de que fosse um maníaco era gigante. Se ele me arrastasse para dentro do veículo, me violentasse e jogasse meu corpo sem vida em uma vala qualquer, ninguém notaria minha ausência. Não há ninguém mais que se importe comigo. Mas, pensando bem, talvez aquele fosse o fim que eu pedi a Deus, morrer dessa forma não seria menos humilhante que viver na

obscuridade.

Então, quando a porta foi aberta, eu entrei.

— Olá, Allyson.

E a pessoa que encontrei, sorrindo para mim naquele carro, mudou minha vida e destino completamente.

— Quem é você e como sabe meu nome?

Deixo esses pensamentos de lado e procuro a chave do loft na bolsa. Odeio esse apartamento como detesto a DET. Em comparação com a mansão na qual cresci, isso aqui é ridículo. Um cubículo nojento.

— Droga! — esbravejo quando deixo a chave cair no chão.

Só em pensar em ter que abaixar, faz meus músculos protestarem. Tive que correr o dia todo para encontrar pessoas que me ajudassem nas minhas funções. Todos homens, claro, já que as mulheres pouco fazem umas pelas outras, nem adiantou eu bancar a chefe substituta, são todas umas vadias frustradas. O resultado disso é que ficarei devendo favores a muitos assistentes em vários departamentos. Isso quer dizer cama e sexo. Eu não me importo, já fiz isso antes.

— Está atrasada, Allyson. Sabe que eu odeio atrasos.

Salto para trás, quando me deparo com a última pessoa que esperava ver.

— Não me lembro de termos agendado nada.

Inferno. Péssima hora para minha voz assustada de garotinha perdida surgir.

— Você chega todos os dias às seis. São seis e trinta e cinco.

Jogo minha bolsa em cima da mesinha e sigo para uma poltrona. Tiro meus sapatos enquanto penso no que vou responder.

— Isso é culpa da Penelope e sua repentina viagem de lua de mel. Fui obrigada a fazer todo o trabalho dela.

O olhar enfadado e pouco convencido com minha justificativa me irrita, mas mantenho a calma. Eles controlam todos os meus passos, sabem tudo da minha vida, me conhecem do avesso. São pessoas perigosas, que não desejo de forma alguma aborrecer.

Se tenho um teto hoje, foi graças a eles. Se tenho alguma chance de dar o troco em Adam, é graças a eles, então, não é o momento ainda de ter rebeldia.

— Penelope. Ah, doce Penelope. Você já deveria ter resolvido isso. Nada do que combinamos seguiu em frente. Não conquistou o Crigton, como agora temos mais uma para tirar do nosso caminho.

O plano era infiltrar-me na DET, conquistar o Adam, e acabar com ele de uma vez por todas. Meu prêmio, todo o dinheiro dele, que herdaria como a viúva arrasada.

Passei um ano investindo nele. Saí com Peter em busca de

algumas informações, mas aquele não me ajudou em quase nada. Essa parte até que foi boa. O homem sabe como enlouquecer uma mulher na cama, e eu até gosto dele.

Além disso, só piorou a minha situação, porque o fato de ter dormido com um dos amigos do Adam, surpreendentemente, me afastou ainda mais dele. O que é no mínimo irônico, já que eu sei que, algumas vezes, eles transaram com a mesma mulher, até no mesmo dia e quarto.

Eu fui tola ao acreditar que com um pouco mais de insistência e paciência, eu conseguiria chegar em meu objetivo. Eu só precisava de uma oportunidade. Tinha decidido que seria na festa da DET, no fim do ano passado.

Daniel, o idiota que finge ser meu irmão, até havia conseguido algo para eu colocar na bebida dele, se fosse necessário.

Passaríamos uma noite juntos, e se não fosse suficiente, o velho truque da gravidez iria prendê-lo a mim. O trauma que ele carregava por um filho morto, que nem era dele, o teria convencido a se casar comigo.

Tudo estava meticulosamente planejado, se Penelope não tivesse surgido do nada e arruinado meus planos.

Odiei vê-los naquela cidade. Sendo felizes. A declaração estúpida que ele fez a ela. Eu quis pegar aquele microfone e dizer a todos o grande mentiroso que ele é. Mande as fotos, envie as

mensagens, fiz tudo o que me instruíam, mas eles sempre voltam. Malditos!

Fiz de tudo para atrapalhar o relacionamento deles. Primeiro usando Grace. Colocar na cabeça dela que teria alguma chance foi fácil, essa era apaixonada por ele como todas as tolas que cruzaram seu caminho. Sugerir que ela contribuísse com Celeste para afastar todas as outras me ajudou a derrubar qualquer adversária a caminho. A velha era obcecada pela filha morta.

Mas isso não funcionou com Penelope. O jeito foi a tentativa de atropelamento. Afortunadamente, caiu nas costas da velha louca, ninguém jamais pensaria em mim. Teria um fim maravilhoso se Penelope tivesse morrido naquele dia.

Mas eu estive tão nervosa, que não calculei muito bem a velocidade e o impacto do carro sobre ela.

A infeliz sobreviveu.

A única parte boa dessa tentativa foi observar, de longe, como Adam sofreu ao imaginar perdê-la. Eu senti nos meus lábios o primeiro gostinho da vingança. É doce, muito doce, e eu amei.

Depois veio Maxwell. Aproximei-me dele e fiz de tudo para incentivá-lo a tê-la de volta. Claro, ficar amiga dele e dar todas as dicas para que ele a conquistasse outra vez era um bom plano. Ele até comprou uma ilha com iate no nome dela. Aquele

era tão apaixonado quanto imbecil.

Tudo o que fiz, todos os riscos, não valeram de nada. Roubar a chave do apartamento dela. Escrever aquelas coisas horríveis. Diverti-me muito destruindo seu apartamento. Foi como lavar minha alma. Acreditei que isso a fizesse fugir assustada.

Não aconteceu.

Quando pensei que havia me livrado dela, ela voltou.

Então, precisámos tomar medidas extremas. O que aconteceu no cemitério não foi algo meu. Meus benfeitores são bem mais macabros, mas eu não posso negar que me delíciei, vendo-o escondida. O desespero em sua alma. Lembrei da promessa que fiz ao meu pai em um cemitério como esse. Vingar sua morte.

Mas essa viagem repentina promete estragar tudo de novo. Preciso de mais tempo para envenená-la como tenho feito. Tentei dificultar a relação deles nos dias que Adam trabalhou na empresa o máximo que pude. Nunca os deixando sozinhos, soltando os encontros com Evan, acreditando que despertaria a raiva dele, mas foi exatamente o oposto. O ciúme o fez ficar ainda mais determinado.

O que há nessa mulher que o faz reagir tão irracionalmente? Nunca o vi assim antes. E o que vejo, é que ele está decidido a tê-la de volta. Devem estar, a essas alturas, suando na cama.

Desgraçados.

— Não tenho culpa se cada tentativa que temos de separá-los, acabamos unindo-os ainda mais — resmungo sem muita paciência — Por que não o matamos de uma vez e acabamos logo com isso? Eu só quero que ele pague o que ele fez.

O dinheiro que disseram que meu pai roubou nunca foi localizado, o que, para mim, só prova a afirmação que ele era mesmo inocente. Meu pai havia se encontrado com Adam antes de ser preso, dois dias antes de morrer. Ele havia traído sua confiança, denunciando-o quando disse que o ajudaria.

— Qual a graça da vingança, se não podemos degustar do sofrimento do nosso inimigo? — O sorriso perverso me causa certa apreensão, devo reconhecer — Pensei que seu objetivo fosse fazer Adam pagar por tudo o que te fez. Temos uma ideia do que fazer para afastar a loirinha definitivamente. E essa é sua última chance. Lembre de onde você estava antes de ter ajuda, e onde pode chegar se tiver sucesso.

Lembrar de onde estava, do que eu fiz, e para onde irei.

Uma vida de luxo em que cresci ou a sarjeta que evitei por tanto tempo?

Escuto a voz ao longe enquanto medito sobre o meu destino incerto.

— Procure não fazer nenhuma besteira, enquanto isso. Verei como as coisas andam em Dubai. Garantiu que eu estaria lá, não é?

Apenas meneio a cabeça, não sei sobre o que concordei, já estou presa em meu próprio mundo. Ele não é bonito.

— Eu voltarei em breve com novas instruções — ouço antes do leve bater de porta.

O lado ruim de vender sua alma ao diabo, é que cedo ou tarde ele vem atrás de você, cobrando a dívida.

E o meu saldo é muito grande.

Capítulo 20

Penelope

Eu não pensei em mais nada quando presenciei a conversa entre Adam e Peter, além de fugir, desaparecer, me esconder. Ir para qualquer lugar em que eu tivesse paz. Que a minha tristeza fosse embora como uma nuvem de fumaça, mas ela apenas se torna mais densa e escura.

Quando Evan me resgatou, todos os meus sentimentos e pensamentos eram confusos e sem direção. Nas horas de voo que

sucederam, eu mergulhei em uma piscina de desespero e incredulidade.

Adam mentiu, ele sempre mentiu. Tantas vezes eu pedi que não o fizesse. Não ele.

Se Evan não estivesse ali comigo, mesmo que em silêncio, apoiando-me, estaria provavelmente vagando por aí, sozinha, desorientada. Sucumbindo à dor e desesperança que rasgam meu peito.

— Obrigada, Evan.

Saio do carro assim que ele estaciona em frente ao meu prédio. Eu sei que deveria, no mínimo, dizer algo a ele. Mas as horas que se seguiram à minha saída de Dubai foram centradas em minha dor.

— Tem certeza que ficará bem sozinha? — sua voz é tão branda e carinhosa, que outra vez tenho vontade de chorar, já que lágrimas não me faltam; eu tenho um arsenal que a cada minuto se renova — Eu posso ficar, se quiser.

— Obrigada, ficarei bem — dispenso-o com um falso sorriso.

Ainda estou tentando digerir tudo o que aconteceu. Adam não apenas traiu a minha confiança, ele violou minha privacidade. Ele me viu nua, de alma, sem reservas, cada defeito e mania que tentamos manter para nós mesmo.

Pego meu celular assim que tranco a porta.

— Peter. Onde elas estão? — pergunto, meu olhar percorrendo por toda sala em busca das câmeras.

— Querida, onde você está?

— New York. Onde estão as câmeras? — exijo, encorajada pela raiva e indignação.

Como ele pôde ter feito isso comigo? Pensei que fôssemos amigos. Que tipo de jogo perverso eles têm?

— Eu sei que é difícil compreender agora. Adam está preocupado...

— Eu quero que Adam e você se danem! Podem...podem — eu nunca fui muito boa com xingamentos, mas nesse momento, gostaria de ter a boca mais suja que um marinheiro — Onde estão as malditas câmeras, Peter?

Não quero saber o que minha fuga pode ter causado a eles. Adam presenciou cada vez que chorei chamando por ele. Enquanto Peter me direciona a cada micro câmera escondida, minha raiva vai intensificando, e dezenas de lembranças giram em minha cabeça.

— Há duas no quarto, perto do quadro, e outra próxima à TV e, hamm... Não fica nervosa...

— Fala, Peter!

No total, foram seis câmeras: duas na sala, duas na cozinha, duas no quarto. Minha casa tinha virado um aquário, e o

peixinho dourado havia sido eu. Quantas vezes ele deve ter se divertido comigo? O sentimento de traição cresce em mim assustadoramente.

— Porra! Certo. Tem uma no banheiro.

Paro no centro do quarto, completamente boquiaberta.

— O que você disse?

— Olha, princesa, vendo por esse lado, foi algo terrível, desculpe. Eu jamais deveria ter concordado com isso.

—Onde ela está?

—Uma no canto do box e outra no armário. Eu sinto muito mesmo. Perdoe-me, é tudo o que eu peço.

— Não posso — murmuro com a voz falha — Eu...

Encaro o teto fixamente, tentando veementemente impedir que a tempestade de lágrimas transborde dos meus olhos.

— Penelope, meu amor...

Reconheço sua voz angustiada.

— Não me procure mais — as palavras saem arrastada, com ele não consigo controlar minhas emoções — Não quero vê-lo.

Meu coração falha, morre, desintegra. Ele implora que eu o ouça. Meus lábios dão o basta.

— Nunca mais.

Desligar o telefone não fez com que minha dor fosse embora.

Apenas a tornou mais viva.

Pois é, minha carruagem havia se transformado em abóbora, e eu acordei do que não poderia ser nada mais que um lindo conto de fadas. Na vida real não existem princesas e nem príncipes. Só dragões para enfrentar.

— Por que esse rostinho parece tão triste?

— Evan?

Ele sorri encantadoramente e retribui por educação. Por que eu não me apaixonei por ele? Essa é uma pergunta que sempre me fiz. Minha vida teria sido tão mais fácil com ele.

— Eu preciso agradecer devidamente por aquele dia... Por ter me trazido de volta, sem nenhum questionamento.

— Não fiz nada, além de ajudar uma amiga que precisava.

— Eu sei que te devo algumas explicações.

Saio da minha mesa e caminho até ele. Toco seu ombro e penso em uma forma de explicar que aquela mulher maluca e desnortado não era eu, não totalmente. Aquela era uma mulher ferida.

— Você não me deve nada.

Sua mão desliza em meu rosto.

— Não precisa me explicar nada, querida. Alguém que sofre como você sofreu, também deve amar com a mesma intensidade. Eu entendo.

Pisco, segurando as lágrimas que as palavras dele me trazem. Ele tinha presenciado uma mulher aniquilada e sem esperança. Meu mundo outra vez havia ruído diante dos meus pés.

— Sabe, eu achei que eu teria alguma chance, e agora eu vejo que não. Talvez um dia, quando seu coração voltar a pertencer a você.

— Eu sinto muito. Quando meu coração voltar para mim...
— abraço-o apertado por um longo tempo — Eu posso te dar essa chance, se você ainda quiser.

É nesse momento, quando abro os meus olhos, que eu o vejo. Olhando para mim.

— Adam.

— Desculpem. Eu não deveria ter vindo.

Antes que ele se vire para ir embora, Evan faz aquilo que eu deveria ter feito: se afasta.

— Eu vou deixar que vocês conversem em paz — Evan caminha até minha mesa e coloca uma pasta que só agora notei

em sua mão — São os relatórios que Neil pediu. Vejo você depois.

Não notei exatamente quando Evan saiu. Ou o que mais ele me disse. Minha atenção está focada em Adam. Eu sabia que esse momento chegaria em breve. Apenas não estou preparada para isso ainda.

— Tem algo a me dizer? — seu olhar para mim é duro, frio, distante.

— Não sou eu quem deveria perguntar isso?

Nós tivemos muitos atritos em nosso relacionamento, muitas mágoas e desentendimentos, mas, agora, sinto como se caminhássemos para o fim. Eu tenho essa horrível sensação que esse pode ser um caminho sem volta.

— Não quando você não está interessada em ouvir. Não quando você não ficou lá para ouvir tudo o que eu tinha para dizer. Agora entendo tudo perfeitamente.

— O que você entendeu, Adam? Que sou uma mulher ferida, tentando encontrar alguma forma de se reerguer?

Respiro fundo e enfrento seu olhar com coragem. Ele não pode simplesmente chegar aqui e jogar toda essa merda como se fosse minha responsabilidade.

— O que eu não consigo é associar o homem que mente, engana, usurpa todos os meus direitos, com o homem que tantas vezes me fez acreditar em seu amor! Nem mesmo meu pai, com

todo seu controle sobre mim, havia ido tão longe.

— Usurpar? Controle?

Ele dá dois passos mais perto, eu dou dois passos para longe.

— Sim! Você decidiu, controlou, manipulou minha vida, como se nada do que eu pensasse ou sentisse tivesse alguma importância.

— Eu protegi você.

— Eu não preciso ser protegida!

Estamos frente a frente. Duelando, acusando, conduzindo essa dança perigosa, que certamente só trará mais mágoas e desentendimentos.

— Eu sofri tanto ou mais a cada dia, a cada minuto de separação. Você não sabia porque eu tinha me afastado, eu sofria com o que me obrigava a ficar longe. Tendo você tão perto e tão distante diante dos meus olhos e não poder te tocar, não como eu queria. Eu me martirizei com todas as coisas que fiz. Sabendo que, mesmo com todas as minhas boas intenções, os meus atos algum dia iriam magoar você. Por tantas vezes eu quis contar...

— Mas não disse! — toda minha fortaleza começa a desmoronar — Não confiou em mim. Observou cada dia de sofrimento, de tristeza, de solidão. O mais importante era o controle que você tinha. O que você quis, como quis e quando quis.

As palavras saem tão duras dos meus lábios como realmente as sinto em meu coração.

Eu quis magoá-lo tanto quanto ele me feriu. Isso não faz de mim alguém melhor do que ele. Ao mesmo tempo, me fere muito também. Como chegamos ao ponto de apenas causar dor um ao outro?

— No meu aniversário de quinze anos, eu perguntei ao meu pai porque ele havia mudado tanto — digo a ele em uma voz branda — Ele me disse que as pessoas não mudam. Que elas revelam o que são. Eu idealizei um homem que nunca existiu. Só em meus sonhos.

Vejo-o se afastar, como se o que eu disse tivesse a força de uma chicotada.

— Em todo esse tempo, o que me manteve em pé foi a esperança — a voz é controlada, mas o olhar fala mais do que ele, eu vejo tristeza — Esperança de que eu, quem sabe, também merecesse a felicidade, talvez merecesse você. De que o que sentíamos fosse forte o suficiente para suportar tudo, mas não foi. Talvez eu tenha mesmo tentado ser alguém que eu não sou...

Estacas vão se cravando em meu peito, uma mais letal do que a outra, acabando com o pouco que restava de mim.

— Por você. Porque foi a única coisa boa em minha vida toda. Eu realmente sinto muito em tê-la feito tão infeliz. Você merece alguém que faça todos os seus dias perfeitos, e não

apenas alguém que tente. Minha felicidade nunca esteve acima da sua, e da sua segurança.

Eu queria gritar para que ele parasse. Dói. Dói tanto.

— Se eu menti, manipulei, usurpei todos as suas escolhas e decisões, não foi porque não a respeitasse. Mas foi porque eu a amei intensamente. Meu medo de perdê-la foi muito maior, em consequência, mais irracional. Essa é a minha forma de amar. Talvez não seja a melhor ou a mais bonita, mas tudo que fiz foi por amor a você.

— Não! Foi porque você foi egoísta. O tempo todo só se preocupou com os seus sentimentos. Com a dor que poderia ter se me perdesse, que não suportaria ter que passar pela perda de novo. Mas eu perdi você, eu sofri, eu me senti desolada. Proteger-me da forma que acreditou ser a certa só trouxe conforto e tranquilidade a você. À sua própria consciência. E se esqueceu que não sou uma coisa, um objeto. Eu era a pessoa que disse ser a que mais amou na vida.

Quantos anos precisariam passar para ele continuar bancando a vítima e se culpar por matar outra pessoa?

— Eu também estava morta, Adam, por dentro, e nem isso foi suficiente para me resgatar. Como pode falar em esperança, quando levou embora as minhas? Se meu sofrimento não foi capaz de vencer seu modo egoísta? Espero que a minha indiferença seja. Eu não preciso desse tipo de amor, do avesso, egoísta, e que só traz sofrimento. Esse amor que magoa, destrói,

leva embora todos os sonhos.

— Então eu a liberto. Dê a chance que prometeu a Evan, pode ser que ele seja capaz de fazer o que eu não consegui: ser o homem perfeito para você.

Ele caminha em direção à porta. Gostaria de poder dizer que ninguém jamais irá conseguir ocupar o seu lugar em meu coração. Eu dei a ele de uma forma irrevogável.

— O amor nem sempre é perfeito. Ele tem seu lado feio também, mas o meu, ainda assim, foi verdadeiro.

E foi assim que eu o vi indo embora. Deixando para trás nada mais do que uma casca vazia.

Ele acredita que não é o homem que eu preciso. Certamente, eu o empurrei nessa direção. Mas eu sei a mulher que sou sem ele comigo.

Incompleta.

Os dias passam.

As horas passam.

Vazio, tristeza, solidão — essas são as únicas palavras em meu vocabulário. Os únicos sentimentos que eu conheço.

O trabalho tem me mantido sã. Neil pouco a pouco foi retomando suas responsabilidades. Estou acompanhando-o em uma reunião importante. Mas embora eu procure me manter concentrada, está sendo difícil. Meus dias se tornaram difíceis.

— Senhorita Walker — uma das recepcionistas na porta chama minha atenção discretamente.

— Sim.

— Há uma moça lá fora que diz ser a noiva do Sr. Durant.

— Jenny? Por que não a deixaram entrar?

Fecho a porta atrás de mim e sigo-a até a sala presidencial. Estaco ao ver que Adam está com ela. Desde que nos despedimos daquela maneira que não o vejo. Inevitavelmente, meu coração se enche de dor e alegria. Meus sentimentos por ele continuam intensos.

— Que prazer revê-la, Jenny. Por que não espera lá dentro? O Sr. Durant está terminando uma reunião com a diretoria, mas deve voltar em breve. Vou avisar que está aqui.

Ignorar Adam, como ele faz comigo, só me machuca mais. Mas não tenho outro caminho além desse. De amantes para meros desconhecidos.

— Preciso resolver algumas coisas no setor jurídico —

murmura ele antes de beijar o rosto dela. O gesto, mesmo que fraternal, causa-me grande inveja — Nos vemos em breve.

Conduzo Jenny até a sala do Neil, tentando esconder o desapontamento evidente em meu rosto.

— Deseja alguma coisa, senhorita Connor?

Ofereço, desejando que ela peça algo que me obrigue a me afastar por um longo tempo. Preciso mais do que nunca ficar sozinha e encontrar uma forma de lidar com a minha dor.

— Café? Chá, um copo de água?

— Pode me chamar de Jenny. Chá está bom para mim.

Saio rapidamente. Pego o telefone, e com a voz engasgada, solicito que chá e biscoitos sejam providenciados.

Ao retornar à sala de reuniões, seco severamente meu rosto antes de entrar e avisar Neil que Jenny espera por ele.

Consigo ser forte, digo a mim mesma.

— Como vão as coisas entre você e Adam?

A pergunta de Jenny me pega de surpresa.

— Prefiro não tocar nesse assunto.

Estou na defensiva. Noto que ela percebeu isso em meu tom de voz. Falar sobre ele ainda machuca. Tudo sobre ele machuca. E ando mais emocional que o normal. Talvez porque a realidade de que não nascemos para ficar juntos seja cada dia mais forte.

— Ah, desculpe-me. Foi uma indiscrição da minha parte.

— Não se desculpe. Apenas não há o que dizer. Se não se importa, tenho algumas ligações para fazer.

— Não quero atrapalhar seu trabalho.

Os minutos seguintes foram, digamos, um pouco conturbados. Após conversarem por alguns minutos, assisto Neil sair furioso de sua sala, com uma Jenny apreensiva atrás dele.

— Jennifer, vá para casa.

Neil saiu como um furacão, e não foi preciso encará-la para saber que algo de muito grave tinha acontecido.

— Neil! Penelope, faça alguma coisa!

Encaro-a, perdida. Já presenciei meu chefe impaciente, pouco tolerante, e algumas vezes nervoso. Mas ele estava com um olhar assassino. Seja lá quem possa tê-lo aborrecido, deve temer encontrar-se com ele.

— Ligue para o Adam, Peter, ou qualquer pessoa com quem consiga falar. Temos que o impedir. Neil matará a Sophia.

Droga, isso explica tudo. Essa megera é a única pessoa que traz esse lado sombrio em Neil. E pela forma que o vi sair, Sophia deve ter feito merda das grandes.

Antes que eu possa investigar o que aconteceu, presencio Jenny desmaiar em meus braços. Senhor, o que eu faço agora?

Arrastou-a até uma poltrona e pego o telefone em minha

mesa.

— Adam! Preciso que você venha agora.

— Achei que... Não importa, estou indo.

— Penelope... — murmura assim que cruza a entrada. Seus olhos completamente fixos nos meus.

Perdoe tudo o que eu disse. Ainda amo você e não suporto essa separação que impus.

É o que meu coração gostaria de dizer. Mas meus lábios estão selados.

— Sophia voltou a aprontar. Neil saiu furioso — indico Jenny desacordada na poltrona atrás de mim — Ela está desmaiada, e não sei o que fazer.

Vejo um breve lampejo de frustração passar em seus olhos, mas logo sua atenção é voltada para Jenny.

— Tente localizar o Neil e o Peter — Adam caminha até ela, pegando-a em seus braços. Ser filho de médico às vezes ajuda em alguma coisa.

Ele segue para a sala do Neil, onde a deita no sofá confortável.

Retorno para minha mesa e faço o que ele pediu.

Localizar Peter foi fácil. Contei a ele tudo o que aconteceu. Ele ficou de procurar Neil, já que minhas tentativas foram nulas.

Ao voltar para a sala, vejo Adam saindo do banheiro. Há um frasco em suas mãos, acredito que seja álcool.

— Conseguiu falar com o Neil, Penelope?

Ele passa o vidro próximo ao nariz dela e me encara.

— Não, o telefone está fora de área.

— E quanto ao Peter?

Ele continua a passar o frasco delicadamente no nariz dela e vejo seus cílios tremerem.

— Está a caminho da casa dos pais de Sophia. De acordo com Peter, Neil deve ter ido para lá.

Jenny desperta aflita, e uno-me a Adam ao lado dela.

— Neil? Onde ele está?

Quando ele consegue acalmá-la, dizendo que tudo está sob controle, nós a convencemos a levá-la para casa.

O caminho foi feito com Adam o tempo todo ao telefone e Jenny apoiada em mim, suas mãos estão frias como gelo.

Richard e Paige chegam em sua casa uma hora depois. Todos estão tensos, mas Jenny saltava cada vez que alguém entrava ou saía pela porta. E quando Neil finalmente surgiu, são e salvo, acompanhado de Peter, ela sucumbiu à pressão.

Aproveito o momento de reencontro para sair à francesa. Mas mal chego à calçada, à procura de um táxi, quando sinto

Adam atrás de mim.

— Vem, eu levo você.

Sigo-o até o carro. Estou exausta, física e mentalmente, pelo menos é essa justificativa que me dou para não declinar da oferta gentil. Além disso, não precisamos ser inimigos, precisamos? Nós nos veremos regularmente, não dá para ficar soltando farpas.

Mesmo com toda mágoa ocupando uma parte do meu peito, não consigo odiá-lo. Sequer sentir desprezo.

Ao invés disso, estou muito consciente do cheiro gostoso do seu perfume, conforme ele se movimenta enquanto dirige. Das mãos delgadas que tocaram cada parte do meu corpo, conduzindo o volante. E como essa boca sexy, agora rija, arrancou suspiros de mim.

O quanto eu gostaria de apoiar minha cabeça em seu peito, e ter de volta a sensação de felicidade e segurança.

— Eu a acompanho até a porta.

Sorrio ao notar a ansiedade em sua voz, ela reflete a minha.

Outra vez, vamos dizer adeus. Outra vez, parte de mim se vai com ele. Será sempre assim?

Caminhamos em silêncio. Na verdade, há uma parte dentro de mim gritando por ele sem cessar.

— Obrigada.

Estou incerta do que fazer com minhas mãos, por isso

agarro firmemente minha bolsa.

— Eu espero... — diz Adam, indicando a porta fechada.

— Ah, claro.

Procuro a chave. Para o meu desapontamento, não foi difícil achá-la.

Eu sei, pareço ridícula. Fui eu que o mandei embora. Sou eu que não sabe como pedir para ele ficar. Meus sentimentos são tão contraditórios como são intensos e inexplicáveis.

Onde está minha autoestima, amor próprio, dignidade? Estão sufocados por um sentimento chamado amor.

— Espera!

Acompanho tudo em uma sincronia perfeita. Suas mãos em meus ombros, dois passos que dou em direção a ele. A respiração morna em meu rosto e os lábios que se movimentam de uma forma hipnótica.

— Sei que não tenho direito algum de exigir nada — os olhos castanhos, doces, quentes, têm poder suficiente para fazer-me esquecer do resto do mundo. Meu lugar feliz é aqui, nesse momento, com ele — Posso fazer o último pedido?

— O quê?

— Um beijo.

Então, sem esperar por minha resposta, ele o faz.

Quem disse que seria fácil? Por que eu, ao menos, cogitei afastá-lo? Seria algo possível?

Como em todas as outras vezes, Adam me marca. É o beijo mais incrível da minha vida. Carregado de paixão e desespero. Amor e pesar. Tem gosto de céu e de despedida.

— Desculpe — a testa toca a minha e tentamos recuperar o fôlego — Não foi planejado...

O quê? Fazer meu coração ganhar vida de novo? Pois é assim que eu me sinto. Viva, após muito tempo. Tempo demais. Uma vida inteira.

— Eu juro que não premeditei isso — suas mãos correm sôfregas em meus cabelos — Desculpe. Por favor, me desculpe.

Fale! Diga alguma coisa. Renuncie ao orgulho.

— Eu...

— Tudo bem — o leve sussurrar mal chega aos meus ouvidos. O batique em meu peito é ensurdecido — Adeus, Charmosa. Seja feliz. Não há pessoa no mundo que mereça isso mais do que você.

Com lágrimas embaçando meus olhos, eu observo meu primeiro e único amor partir da minha vida.

Não há volta.

É dia de Ação de Graças. Jenny me convidou para passar a comemoração com ela, quando soube que ficaria em casa vendo TV. Inicialmente, eu quis recusar. Mas ficar em casa, presa a recordações, não é o que eu quero hoje. Nada de pensamentos tristes em uma data tão especial como essa.

Termino de embrulhar a torta e tento ignorar a pequena bagunça na cozinha, esperando minha volta.

Eu quis fazer algo diferente, como um bolo canela. Mas o cheiro do condimento atacou meu estômago como um pugilista. Há dois dias que meu corpo reage de forma estranha. Nada parece ficar muito tempo dentro de mim. Acho que os efeitos do forte resfriado que tive há alguns dias ainda estão sobre mim. Culpa disso foi minha insistência em curá-lo em casa, sozinha.

Deixo essas conjecturas para depois, já estou atrasada, e não quero que todos fiquem esperando por mim.

Chego à casa do Sr. Durant ensaiando o sorriso que sustentarei enquanto permanecer aqui.

— Oi, senhorita Penelope. Jenny está na cozinha e pediu que eu atendesse a porta. Você está muito bonita hoje. Viu meu vestido novo? Foi a Jenny que escolheu para mim.

É Anne que vem me receber, e seu tagarelar empolgado me contagia. Ela me arrasta pela casa enquanto vamos conversando.

Jenny cumprimenta-me, e entrego a travessa a ela.

— Foi muita gentileza sua, Penelope. Já temos tanta comida, não deveria ter se incomodado com isso.

— Não foi incômodo algum. Eu tenho que admitir, foi difícil de fazer. Pensei ter pegado uma virose, ficar na cozinha foi complicado, mas cozinhar é uma distração para mim. Espero que tenha valido a pena.

— Outro motivo para não ter se incomodado. Você está bem?

— Estou ótima — minto, sustentando um sorriso — Foram apenas alguns enjoos, e passaram tão rápido como surgiram.

Conversamos um pouco mais. Paige logo se une a nós, e o almoço é servido assim que Kevin, o irmão de Jenny, chega.

O clima amistoso e familiar, em vez de me deixar triste e nostálgica como imaginei que ficaria, fez-me sentir acolhida.

Talvez porque tenha falado com a minha mãe no dia anterior. Meu pai gostaria que fosse visitá-los nesse Natal. Eu fiquei surpresa com essa tentativa de reaproximação, após tanto tempo longe.

Assim que terminamos o almoço, vamos para fora. Anne está empolgada em fazer seu boneco na neve. Tivemos sorte de a neve ter vindo cedo esse ano. Nos divertimos com o pedido de Jenny, para que a menina não corra de um lado para o outro.

Mas quando o assunto Adam, casamento e filhos entram em cena, eu encontro uma desculpa qualquer para escapar. A deliciosa refeição que tive há pouco vai parar direto no vaso sanitário mais próximo.

Alegando uma dor de cabeça, eu volto para casa, para minha manta quentinha no sofá, e a solidão que faz parte de mim como uma segunda pele.

Aqui é difícil não pensar em Adam e sua família. Há um ano estivemos todos juntos, felizes. Eu, nos braços dele, dançando e acreditando que minha vida seria sempre assim, perfeita como um dia fora.

Meus dias têm sido cansativos, exaustivos e agitados. Alguns dias de mal-estar matutino e choradeira à noite. Até eu acho impossível conviver comigo mesma. Minhas alterações de humor são notáveis, até meu chefe, que havia retornado ao trabalho, havia notado isso.

Eu culpo Adam, pela energia que tenho dispensado em não tentar pensar nele, em não sofrer, em controlar meu coração que insiste em continuar apaixonado. Nada do que eu faça consegue preencher essa lacuna que a ausência dele me deixou.

— Passando mal outra vez?

Vejo Aline atrás de mim, através do espelho, observando-me atentamente. Ignorando-a, eu fecho a torneira e dou batidinhas molhadas em meus pulsos e nuca. Ajuda a me refrescar, mas dentro de mim, parece haver um furacão. Não há nada dentro de mim que precise ir embora, mas meu estômago não quer saber disso.

— Acho que ando bem estressada — seco minhas mãos e evito olhar para ela — Eu só preciso diminuir o ritmo e me alimentar melhor.

Comida. Apenas a palavra faz meu estômago dar saltos duplos. Tento disfarçar meu desconforto, mas pelo olhar que Aline lança, sei que falhei vergonhosamente.

— Vai precisar se alimentar mesmo — ela caminha até o espelho e começa a retocar o batom — A não ser que queira que esse bebê nasça sem cérebro como a mãe.

Quinhentas toneladas caíram em minha cabeça. Não sei se foi a insinuação ou a maldade expressa nela que me deixou perplexa.

Congelada.

— O que disse? — mal consigo balbuciar a pergunta.

O certo é que nem sei o que devo dizer. Aline não foi apenas cruel comigo, ela foi desumana.

— Querida, é óbvio que está grávida — Aline vira para encarar-me mais de perto, encurralando-me com seu olhar astuto — Quem é o pai? Adam? Ou Evan? Um terceiro? Ah, não me olha assim, não. Eu nunca entendi essa dinâmica de vocês. Viaja com um, volta com o outro. E eu que pensei que a minha vida fosse badalada.

— Você não sabe do que está falando. Evan é apenas um amigo. Por que é sempre tão venenosa comigo?

Eu pensei que, ao sair de Edgartown, deixaria para trás esse clico de intrigas, invejas e maus entendidos. Pessoas más, que só querem magoar sem motivo, pelo simples prazer de ferir alguém, existem em qualquer lugar.

— Porque eu sou sua amiga — Ela abraça meus ombros, mas não sinto calor sendo transmitido dela — Amigas dizem a verdade uma para a outra. E você deveria ter se cuidado melhor, querida.

Talvez, em algum momento, Aline tenha tentando ser minha amiga. Tudo mudou quando Adam cruzou meu caminho. Não sei se posso continuar a confiar nela. Aliás, Adam havia me ensinado, duramente, que não posso confiar em ninguém.

— Aline, eu não sabia que ele era o seu Adam. Não no início — respiro fundo antes de encará-la — E depois, aconteceram tantas coisas, é tão difícil de explicar. Não tive a intensão de magoar você. Só que nós não podemos continuar assim. Eu não mereço e nem quero esse tipo de tratamento vindo de você.

Acredito que o que disse deve ter surtido algum efeito. Seu rosto muda de aborrecido para de arrependimento rapidamente. Ou eu acho que é arrependimento, nunca fui boa em desvendar as pessoas.

— Confesso que fiquei bem desapontada quando soube que estavam juntos. Mas as coisas mudaram. Desculpe ser tão ranzinza. Vai precisar de uma amiga agora. Tirar um bebê não é uma decisão fácil. Eu já passei por isso. No fim, tudo ficará bem.

— Eu não estou grávida! — digo exaltada e muito perto do descontrole — E se estivesse, não faria um aborto. Adam, nós sempre... Isso não é possível.

Meu coração bate tão acelerado que não seria nenhuma surpresa se, de repente, ele saltasse pela minha boca. Há uma grande, na realidade, uma gigantesca possibilidade de que Aline tenha razão e eu esteja mesmo grávida. Não foram todas as vezes que fizemos amor em Dubai que Adam usou proteção. Na Jacuzzi, por exemplo, no banheiro, na banheira da suíte, nenhuma dessas vezes nos preocupamos com isso. Aline está certa, eu fui totalmente irresponsável e descuidada.

— Mas é cedo ainda — falo comigo mesma — Não pode ser isso...

A primeira vez que tive algum indício foi dias atrás, no dia de Ação de Graças.

— Um bebê? Com cada mulher, a gravidez reage de um

jeito. Algumas não sentem nada. Outras enjoam os nove meses. Acho que esse deve ser o seu caso. O bom é que, quanto mais cedo você souber, mas rápido dará um jeito nisso.

Ela aponta meu ventre, e eu me encolho em um instinto protetor.

— Já disse que não farei isso!

— Vai contar ao pai do bebê? Não sei se lembra, mas Adam nunca quis filhos. A menos que fale que é do Evan. Esse parece querer ter uma família grande e feliz.

Isso foi antes, quis gritar para ela. Adam agora é outra pessoa. Alguém que eu já nem sei mais como desvendar, minha consciência perversa acusa.

De todas as crueldades que Aline me disse hoje, em uma ela estava certa. Adam nunca quis um bebê. O Adam frio, amargurado, e que carregava um grande peso em seus ombros, não desejava isso. Mas, e o Adam carinhoso, romântico e feliz que aprendi a amar? Receberia esse bebê de coração aberto?

— Pode me deixar um pouco sozinha? — meu pedido é quase uma súplica.

— Claro. Só vim dizer que Peter ligou e retornará em vinte minutos — Aline alisa meu cabelo como faria uma boa amiga, mas eu repudio o gesto de carinho — Desculpe ser tão dura com você, mas já que seus pais pouco se importam, e duvido que ficarão felizes, alguém precisa orientá-la. Só não quero que sofra

ainda mais. Estarei aqui para qualquer decisão que tomar.

Meneio a cabeça e a espero sair. Arrasto o meu corpo até um puf e cubro meu rosto com as mãos enquanto choro.

Todos os "ses" invadem minha cabeça.

Se estou realmente esperando um filho do Adam. Se ele irá rejeitar o bebê. Se eu devo contar aos meus pais, e se a reação deles será como Aline sugeriu. Se eu terei forças para enfrenar tudo o que vem pela frente caso essa gravidez se confirme. Se, se, se...

Mas ficar chorando e sofrendo antecipadamente não me ajudará em nada, preciso ter certeza. Por isso, dez minutos depois, retorno à minha mesa. Todas as questões ainda sem resposta e um destino incerto.

— Escritório do Sr. Durant.

— Oi, princesa.

Peter. Ouvir a voz dele me faz ter uma nova vontade de chorar.

— Não me chame assim.

— Isso quer dizer que ainda não estou perdoado?

— Não.

É um não com vontade de dizer sim.

— Mas não é por esse motivo que preciso falar com você.

Preciso do endereço de onde será a festa.

— Que festa? — ele desconversa.

Lealdade masculina piscando.

— Peter!

— Ah, já sei, já sei. Paige? Eu não vou deixar que aquela maluca estrague minha despedida.

— *Sua* despedida?

— O que ela irá aprontar?

— Não tem nada a ver com a Paige — minto. — Preciso falar com o Adam.

— Em uma festa...

Por que ele sempre tem que estar pronto para uma resposta?

— É complicado explicar. Peter? Você me deve essa.

Nada como ter algo para jogar na cara.

Ouçoo seu suspiro e tenho vontade de rir. Sinto a falta dele. Droga, por que ando tão sentimental?

— Diga a Paige que estou de olho nela. Anota o *de olho nela*.

Ninguém fica de olho na Paige. Ele já deveria saber disso.

Com questões mais importantes a resolver, peço a Neil para sair mais cedo. Passo as orientações do dia para Aline e deixo o

escritório.

Sigo para o outro lado da cidade e desço no primeiro shopping que encontro. Seria mais fácil comprar o teste na drogaria que há em um dos andares do prédio da DET, mas eu não quero esbarrar em outros funcionários. Já basta Aline, deixando-me louca.

Olho em todas as direções antes de me aproximar do balcão. Pareço louca, eu sei. Eu me sinto louca, tensa, desesperada. Minha vida pode mudar drasticamente, e não sei o que farei em seguida.

— Em que posso ajudar, senhorita?

— Você tem um teste de gravidez?

Vou direto ao ponto. Embora esteja muito nervosa, preciso me livrar dessa suspeita.

— Eu tenho alguns, alguma preferência?

Ante a minha negativa, a vendedora apresenta algumas marcas; após a sua explicação, opto pelo mais vendido, mas, infelizmente, só restava mais um na prateleira. Então peço duas embalagens de alguns similares e entrego o cartão para que ela feche a compra.

— Ah, vejo no nosso sistema que tem mais dois daquele no estoque. Você quer um? — respondo que sim, ela me entrega a sacola e some por uma porta — Vou pegar para você, fique à vontade.

Ficar à vontade... Solto uma risada nervosa. Como alguém pode ficar à vontade com a possibilidade de uma gravidez não planejada?

— Penelope?

Oh, Deus. Por favor, não! Eu não vim de tão longe para encontrar a única pessoa que eu não deveria.

— Como vai, Jenny?

Escondo a sacola atrás de mim, mas não sei se fui rápida o suficiente.

— Você está bem?

— Sim. Eu... — começo a gaguejar, procurando uma forma de fugir antes que a vendedora retorne — Meu shampoo acabou eu só encontro a marca aqui.

Se os olhos falassem, os da Jenny gritariam: — *Mentirosa!*

Preparo-me para ir até a saída, quando a vendedora me chama.

— Senhorita? Esqueceu seu teste de gravidez. Os outros são bons, mas esse é o melhor.

Merda, ótima hora para a vendedora simpática aparecer.

— Ah... — pigarreio para dar mais firmeza à minha voz — Minha amiga vai gostar de saber sobre isso.

A vendedora me parece confusa, e Jenny chocada.

— Eu tenho que ir, Jenny — falo apressadamente, eu vejo todas as interrogações surgindo na testa dela — Foi bom rever você.

— Espere, eu...

Corro mais rápido que o Papa-Légua. Não estou pronta nem para assumir essa possível gravidez para mim, quanto mais ter que passar por seu interrogatório. Ela certamente chegaria ao ponto que Adam é o pai.

Minha vida está caminhando de infeliz para desastrosa.

Quando finalmente chego em casa, todos os meus músculos estão tensos. Não posso mais protelar sobre isso. É o momento de saber se Adam e eu teremos um filho.

E eu estou apavorada.

Capítulo 21

Allyson

Raiva, ódio, indignação e um profundo desejo de vingança. Esses são sentimentos que conheço e venho alimentando há muito tempo, mais do que qualquer pessoa suportaria antes de enlouquecer.

E só existe uma cura para esse mal: cumprir a minha missão.

Por esse motivo, encontro-me debaixo dessa ponte imunda, esperando alguém tão desprezível quanto o lugar coberto de lixo, impregnado de ratos, e com um odor insuportável.

— Trouxe o que eu pedi? — seguro minha bolsa rente ao meu corpo, ao ver o homem em seu moletom com capuz surgir das sombras.

Apesar de ter um aspecto lamentável, o homem apareceu exatamente no horário combinado.

— Você trouxe o dinheiro?

Meneio a cabeça positivamente. Mas só tiro o envelope da bolsa quando ele tira o dele de dentro da roupa.

— Por mais cinco mil, eu faço o serviço para você, gata.

Nem ao menos reflito sobre sua oferta. Primeiro porque não tenho todo esse dinheiro; depois porque eu sigo os conselhos do meu pai: Se você quer um trabalho bem feito, faça-o.

Eu havia confiado neles para me vingar de Adam. E isso não

aconteceu. Eu só tive a minha alma vendida.

Agora, com aquela cadela grávida, uniria ainda mais o casal. Uma linda e perfeita família feliz. E eu não posso permitir isso.

Um filho pelo outro. Se eu não tenho o meu pai perto de mim, esse filho também não terá um pai.

— Obrigada — digo ao homem ao trocarmos os envelopes — É apenas para minha proteção.

— Se é o que diz — ele sacode os ombros e guarda o envelope com o dinheiro no mesmo local onde estivera o outro envelope — Sabe onde me encontrar, caso precise.

Observo-o seguir pela mesma penumbra que ele surgiu e saio o mais rápido que eu posso, ignorando os moradores de ruas e viciados como se fossem pragas.

Avisto um ponto de táxi a uns vinte metros. Já anoiteceu, essa região ao redor do Brooklyn é perigosa demais para uma garota como eu circular a essa hora.

Caminho rapidamente, o som dos sapatos quicando no asfalto combina com a batida frenética do meu coração.

Noto um carro logo atrás de mim. Avanço meus passos. Flashes de uma noite parecida como essa vêm à minha cabeça.

— Allyson — a porta é aberta e um sorriso gélido me recepciona — Entre!

Não tenho outra alternativa a não ser fazer o que me é

exigido, porque embora o tom de voz tenha sido gentil, eu havia recebido uma ordem.

— O que pensa que está fazendo, Allyson?

— Eu não sei o que está dizendo.

Dedos rudes pressionam meu queixo.

— O que é preciso fazer para que entenda que sei tudo o que você faz? Dê-me a sua bolsa.

Mantenho-a presa a mim. Não podem fazer isso. É minha única esperança de vingança. É tudo o que tenho para continuar sã.

— Se você fizer o que pretende, aquele detetive irritante chegará até você, e logo até mim. Não vou permitir que arruíne meus planos agora.

— O plano era eu o destruísse!

— Faremos isso no momento certo — o rugido é pouco paciente — Você ainda tem o celular da garota? Aquelas fotos podem nos ajudar por agora. Ela não suportará que fotos tão íntimas sejam espalhadas.

— Isso não vai importar. Não agora — murmuro irritada — A vagabunda está grávida! Grávida! Isso só irá uni-los ainda mais.

Não posso identificar se a risada histérica é de escárnio ou de raiva. Já eu, não consigo ver nenhum motivo para sorrir.

— Você não vê? — a pergunta é feita como se a resposta estivesse diante dos meus olhos — É a vingança mais perfeita que você poderia ter. O Crichton não vai suportar perder outro filho. Penelope jamais o perdoará por tê-la deixado sozinha em um momento tão importante. Nem se nós tivéssemos planejado seria tão perfeito.

— Eu não entendo. Já insinuei para que fizesse um aborto. Está decidida a ter esse bebê.

— Ela pode perder. Existem meios muito eficazes para isso.

— Mas, certamente, Penelope logo contará a verdade para o Adam, e ele jamais a abandonaria.

— Não, mas podemos fazê-la pensar que sim.

— Envenenando-a com mais mentiras? — acho o plano tão ridículo como realmente soa — Já insinuei isso também. Ela não vai acreditar que ele não deseja essa criança.

— Irá, se ela ouvir dos próprios lábios dele.

Não é apenas a curiosidade sobre o novo plano que me impulsiona a obedecer.

Ainda não tenho escolha. Mas se eu tiver minha vingança realizada, pouco me importa os meios, desde que eu tenha o Adam aos meus pés.

— Agora, me dê esse revólver e deixe que eu explique tudo.

Capítulo 22

Penelope

Positivo!

É o mesmo resultado de todos os testes que fiz. Cada um gritando orgulhosamente que eu estou *definitivamente* grávida.

Com as mãos trêmulas e olhos arregalados, eu analiso o último teste, ainda sem conseguir acreditar.

Grávida. De um filho do Adam. Uma parte *dele*, dentro de mim. Crescendo e ganhando vida.

Eu deveria estar desesperada, chorando, arrancando todos os meus fios de cabelo, mas eu não estou.

Não consigo sentir nada além de uma imensa felicidade. Obviamente que eu deveria estar assustada, com medo do que o futuro reserva para mim e esse bebê. Mas há apenas uma paz inexplicável, levitando em torno de mim.

Não me importa a reação que Adam terá em relação ao filho. Ele é meu e vou protegê-lo.

Eu nunca mais estarei sozinha no mundo. Chega de noites solitárias. Nada de dias festivos dependendo da caridade alheia para me sentir melhor. Agora eu tenho alguém com quem eu posso dividir todos os momentos especiais que a vida oferece — festas de aniversário, natais, dia de Ação de Graça.

— Eu já amo você — toco meu ventre, uma cascata abundante de lágrimas banha meu rosto — Nunca o deixarei se sentir sozinho ou que não é amado. Eu sempre vou respeitar suas escolhas, e não haverá ninguém no mundo que eu amarei mais. Ninguém jamais irá te ferir, porque eu não permitirei. Se sentirá seguro e feliz todos os dias.

Pode ser demasiadamente exagerado, ou impossível para algumas pessoas compreenderem, mas, nesse momento, eu sinto como se eu realmente estivesse criando uma grande e profunda conexão com o meu filho. Um laço tão forte que ninguém poderá desfazer.

Todos os meus receios foram embora. Na verdade, é como se nunca tivessem existido.

Meu filho. Alguém para eu chamar de meu.

Sustento esse sorriso em meu rosto quando a campainha toca, quebrando esse momento mágico.

Olho para o relógio. Já passa das oito. Intrigada, eu

caminho até a porta e checo pelo olho mágico.

Meu sorriso se amplia ainda mais.

— Juliene!

Assim que eu abro a porta, ela pula em meus braços, sua espontaneidade me contagiando.

— Por que não entrou?

— Eu tentei — ela balança as chaves antigas em frente ao meu rosto.

Esqueci que ainda não tinha enviado as novas chaves do apartamento para Lola. Queria entregar pessoalmente quando fosse visitá-las, mas acabei protelando esse momento.

— Mas o que aconteceu? — Juliene me encara atentamente — Você parece radiante, mas e esses olhos vermelhos de chorar?

Seguro sua mão e puxo-a até o sofá. O teste está sobre a mesinha de centro, mas Juliene sequer olhou para ele. A vida é realmente irônica. Se eu quisesse esconder, certamente ela já teria encontrado.

— Eu tenho algo a dizer...

Não consigo continuar. Um grande nó se forma em minha garganta. Não um desses nós doloridos que doem tanto ao ponto de nos fazer parar de respirar. É um nó causado pela imensa felicidade que transborda do meu coração.

— Está doente?

— É, eu me sinto doente às vezes — rio ao lembrar dos enjoos matutinos — Mas nunca estive tão bem.

— Aconteceu algo com os seus pais?

— Eu espero que não.

Meus pais. Como encarariam a chegada do neto? Meu pai certamente ficará furioso.

— Olha isso.

Pego a resposta para as suas perguntas e entrego a ela, em expectativa.

— Quem está grávida?

Julienne me encarou perplexa quando coloco o objeto em suas mãos. Não me admira que ela esteja com dificuldade de assimilar que o resultado da gravidez seja meu. Eu sempre fui a garota perfeita, que seguia todas as regras.

— Eu — toco meu ventre ainda liso e imagino como ele estará em alguns meses — Eu estou grávida.

— Não brinca!

Julienne salta do sofá como se ele estivesse em chamas.

— Há outros testes no banheiro que provam que sim.

— Ah!

O grito estridente que veio em seguida, se não me deixou surda, provavelmente nada mais no mundo o fará.

Nós rimos, pulamos abraçadas e giramos até eu ficar tonta.

— Já contou para o Adam? — pergunta Juliene assim que caímos no sofá.

— O que a faz acreditar que é dele?

Desvio o olhar para a porta.

— Se não for dele, então você é a encarnação da virgem Maria.

— Juliene! Não se brinca com essas coisas.

Embora ela não seja muito religiosa, da minha maneira, eu sou.

— Então, contou ou não para ele?

Respiro fundo e olho para as minhas mãos.

— Ainda não. Acabei de descobrir.

— Então ligue e conte.

Levanto e começo a andar pela sala, o nervosismo começando a me abalar.

— Não se dá uma notícia dessa por telefone.

— Então vá até lá e conte.

— Não posso!

Jogo-me no sofá e escondo meu rosto em minhas mãos.

— Como assim não pode?

— É complicado.

Conto a ela sobre Dubai. Sobre as câmeras, e que dessa vez minha relação com Adam tinha acabado definitivamente.

— Eu acho que teve todo o direito de se sentir magoada. Certo, ele foi meio maluco, mentiroso. Mas a situação agora é outra. Tem uma criança envolvida. Esqueça tudo isso e dê outra chance a ele. Por você e pelo bebê.

Eu não vou dizer que o que ele havia feito não me magoou. Ainda me causa uma leve revolta, mas diante de algo tão especial crescendo dentro de mim, tudo perde a importância.

Adam tinha sido um verdadeiro filho da puta, mas também me deu o que é, agora, o mais precioso em minha vida — o nosso filho. Eu serei grata por isso eternamente. Juliene tem razão; ele tem o direito a saber, mas, por outro lado, eu não me sinto pronta para falar.

— Eu preciso ter certeza.

— Você fez mais de um teste. Pensei que fossem confiáveis.

— E são. Eu só preciso ir ao médico e ter a certeza de que tudo está bem. Conhece o passado do Adam.

— Tudo bem — murmura ela — Promete que conta depois?

Faço um juramento com figa e voltamos a rir.

Marcarei uma consulta no dia seguinte. Se as notícias médicas forem as que imagino, já sei quando direi a ele.

— Agora me diga: o que faz aqui?

— Eu saí de casa.

— Fugiu outra vez, Juliene?

— Já tenho vinte e um — ela levanta, exaltada — Não preciso fugir.

Sei que isso a irrita profundamente, mas, assim como os irmãos de Juliene, não consigo vê-la além de uma garotinha.

— Certo — decido ser cautelosa — O que aconteceu?

Vejo seu queixo tremer e os olhos ficarem marejados. Poucas vezes vi Juliene chorar, e isso corta meu coração. Amo-a como se fosse minha irmã.

— Meu pai é um grande mentiroso, e os meus irmãos são iguaizinhos a ele.

Difícilmente ela não está brava com eles por algum motivo. Nesse caso, ela parece profundamente magoada.

— O que aconteceu, querida?

Puxou-a para os meus braços e a prendo fortemente, apoiando meu queixo no topo de sua cabeça.

— Paula é minha irmã — sussurra ela em tom choroso.

Agradeço por Juliene não ser capaz de olhar em meu rosto. É puro choque.

— Sabia que Charlotte e papai eram apaixonados desde a

adolescência? Parece que cada um seguiu seu caminho, mas nunca esqueceram um do outro.

Ouvi conversas paralelas entre meus pais, mas nunca tive coragem suficiente para perguntar para minha tia. Ela sempre foi muito reservada sobre o passado.

— Eles se encontraram algumas vezes, foi quando ela ficou grávida. Papai ia pedir o divórcio a minha mãe, mas ela procurou Lola e disse que também estava grávida. O resto você já sabe.

Juliene soluça, e eu não sei o que dizer a ela.

— Paula não foi para a fazenda por causa do marido dela. Foi por causa do meu pai. Para conhecê-lo melhor e ficar perto dele. Todos já sabiam disso, menos eu.

Ela levanta, e assim como fiz há pouco, começa a caminhar sem direção.

— Papai teve um caso com Charlotte quando ainda eram casados! Ele é um grande mentiroso. Nunca amou minha mãe como eu acreditei. Sabe por que ele nunca casou novamente?

Seu rosto está carregado de dor e tristeza.

— Por que ele nunca esqueceu a Charlotte e tinha esperança de voltar para ela. Eu sempre acreditei que ele amou minha mãe intensamente. Agora ele tem aquela filha e a mulher que tanto ama.

— Está infeliz por que ele mentiu sobre o passado ou por

que há outras mulheres na vida dele?

O olhar dirigido a mim é furioso.

— Não estou com ciúmes, Penelope. Estou desapontada, ferida. Todos sabiam, menos eu. Sabe como eu descobri?

Balanço a cabeça em resposta.

— Ouvi uma conversa entre Austin e Dallas no celeiro. Iam me contar depois do Natal, porque papai e Charlote marcaram a data para se casar. Será depois do Ano Novo. Queriam me preparar.

De certa forma, eu sei o que se passa dentro dela. Ninguém merece ser enganado. A verdade, por mais dura que seja, ainda é melhor.

— Eu posso ficar aqui com você? Só por um tempo. Até conseguir arranjar um emprego e um lugar para ficar.

— Não é melhor conversar com eles antes de tomar qualquer decisão precipitada?

— Não vou voltar para a fazenda — ela caminha até a mala que deixou na porta — Tudo bem, eu me viro. Você tem muito mais com o que se preocupar agora.

— Pode ficar onde está.

Bufando, vou até ela e tiro a mala de suas mãos.

— Não vai a lugar algum. Ficará comigo o tempo que quiser. Só acho que deveria conversar com eles.

— Não conversaram comigo quando tiveram a chance. Eu não quero saber agora.

— Tudo bem — aliso seu ombro e dou um sorriso gentil — Por que não toma um banho enquanto preparo algo para nós duas comermos?

— Farei isso. Estou bem cansada.

Assim que ela se acomoda no quarto de hóspede e escuto o som do chuveiro, eu volto para a sala.

Mesmo me sentindo uma traidora, sinto que preciso fazer o que meu coração manda.

— Alô.

— Dallas?

— Penelope! Juliene está com você?

A urgência na voz me diz que tomei a atitude correta. Por mais que Juliene se sinta ferida, tanto meu tio como os irmãos dela são loucos por essa garota.

— Está sim — sussurro para ele — Devem estar preocupados. Já sei o que aconteceu.

— Na verdade, imaginamos que ela estivesse com você. Austin está a caminho do aeroporto.

— Acho melhor que ele não venha. Pelo menos por agora. Dê um tempo a ela. Juliene precisa digerir tudo o que aconteceu.

— Papai está arrasado, e Charlotte quer cancelar o casamento.

Para mim é uma grande tristeza vê-los assim. Sempre admirei, e, de certa forma, invejei o carinho entre eles.

— Escuta, ela está comigo. Prometo que cuidarei dela. Juliene ama todos vocês. Assim que ela estiver pronta, irá voltar para casa. Deem apenas um tempo.

Ouçõ o suspiro resignado e sinto pesar por ele. Dos três irmãos, é o mais apegado a ela devido à proximidade de idade. Quando Juliene nasceu, Dallas tinha quatro anos.

—Ok. Vou convencer Austin a voltar.

Bom, esse será mais difícil de dobrar. É o irmão mais velho e xerife na pequena cidade do Texas. Eu me pergunto como Dallas irá convencê-lo a deixar sua irmãzinha aqui.

Despeço-me dele e vou para a cozinha. Por sorte, à noite o bebê fica tranquilo. Só agora noto como estou faminta.

Faço sanduíches de queijo, salada de frutas e suco de laranja natural. Dou-me conta de que agora preciso cuidar melhor da alimentação.

Comemos praticamente em silêncio. Assim que terminamos, Juliene segue para o seu quarto e eu vou para sala ver um pouco de TV, onde acabo dormindo.

No dia seguinte, deixo um recado para Juliene, dizendo que

fique à vontade e que me ligue se precisar.

Chego no trabalho mais cedo. O bebê, como em toda manhã, dá sinais de vida. Depois de quase vinte minutos no banheiro, finalmente ocupo minha mesa.

Faltam alguns minutos para Aline e os outros funcionários começarem a surgir. Aproveito o pouco do sossego que tenho e procuro a agenda que Charlotte deu a mim assim que cheguei.

Nela tenho todos os telefones que preciso para o Sr. Durant, tanto profissionais como pessoal.

O telefone da pediatra da Anne está destacado logo no início. Obviamente que é muito caro, mas gostaria que ela me indicasse alguém confiável e dentro dos meus limites.

Após uma rápida conversa, a médica indica o consultório de uma amiga obstetra. Ligo imediatamente e agendo uma consulta para o dia seguinte.

Logo o dia se inicia. Para o meu espanto, Aline foi o tempo todo dócil e prestativa. Em nenhum momento tocou no assunto do bebê ou foi venenosa. Nem mesmo quando eu fugia para o banheiro no decorrer do dia.

Parece que meu pequeno é tão exigente como o pai. Agora que já tenho certeza, ele se faz presente a cada hora. O que pode ser um problema. Não posso sair de uma reunião importante com meu chefe para ir vomitar. De qualquer forma, falarei com a médica, que provavelmente terá algo que faça esses enjoos

passarem.

Assustei-me com Neil parado em frente à minha mesa. Ele tinha um sorriso de fazer inveja a um ganhador de loteria.

— Eu vou ser pai — o orgulho em sua voz fez meus olhos marejarem — Não é incrível? Vou ser pai outra vez.

— Parabéns, senhor! Jenny deve estar radiante.

— Nós estamos. Anne está feliz. Eu estou muito feliz. Eu nunca fui tão feliz em minha vida.

A declaração é empolgada. Por muito tempo ele foi um homem sozinho e amargurado. Jenny mudou sua vida completamente.

Ainda sustentando o sorriso bobo, ele seguiu para sua sala.

— Eu também vou ser mãe — sussurrei para a porta fechada — Ah, e seu amigo é o pai.

Gostaria de poder dividir com ele a minha felicidade. Bom. Isso terá que esperar um pouco.

Quando volto para casa, encontro Juliene na cozinha. O cheiro da sopa inunda a casa. Meu estômago revira levemente,

mas dessa vez é de fome.

— Que bom que chegou — Juliene sacode a colher no ar e me recepciona com um enorme sorriso — O jantar já está pronto. Não sou tão boa cozinheira como você, mas imaginei que chegaria cansada. Também não havia nada para fazer aqui o dia inteiro, além de ver TV e navegar na internet.

— Prometo que serei rápida no banho. E o cheiro está ótimo.

Assim como prometi, tomei banho de chuveiro e vesti um pijama.

Relato a Juliene sobre o meu dia. Sobre os enjoos e a consulta no dia seguinte. Ela insiste em ir comigo, e agradeço por isso.

— Vou comprar um mapa e andar pela cidade — informa ela ao soltar a colher no prato vazio — Deve ter algo que eu possa fazer.

— Eu posso ver algo na DET para você.

— É muito gentil, mas quero tentar sozinha, se não se importa.

Sacudo meus ombros. Foi o meu discurso para Lola quando cheguei. Bom, estarei sempre pronta para ajudá-la.

Estou exausta, por isso, assim que eu deito, o sono me pega. Nem consegui falar com o bebê como fiz na noite anterior.

"Mais alto, papai."

A criança berra alegre em seu balanço, enquanto mãos fortes empurram o balanço para o alto.

Reconheço as mãos, mas não consigo ver o rosto, nem da criança, nem do homem atrás dela.

No entanto, eles parecem felizes. Eu me sinto feliz.

Mas, apesar do sonho bom, acordo com lágrimas nos olhos.

A criança seria meu filho? O homem seria o Adam? Esse é algum tipo de sinal ou apenas minha mente pregando peças?

Não tenho tempo para essas conjecturas. Levanto rapidamente e debruço sobre o vaso. Indícios da sopa de Juliene colorem a água. Quando sinto que estou melhor, dou descarga e tomo meu banho, pedindo a Deus que isso não dure por toda a gravidez.

— Acha que consegue encontrar o consultório? — pergunto a Juliene antes de beijar sua testa — Deixei dinheiro para o táxi.

— Eu tenho dinheiro — ela sorri encabulada — Quebrei o Rony.

Rony é um porquinho de dinheiro que dei a ela quando fez dez anos. Íamos juntar dinheiro para comprar uma casa e morarmos juntas. Inicialmente, esse era o plano.

— Pobre Rony. Bem, estamos juntas agora.

— E somos três.

Sorrio encantada.

— Vejo você no consultório. E depois podemos sair para almoçar — sugiro ao pegar minha bolsa — Se esse rapazinho deixar.

— Acha que é um menino?

Uma menina seria uma companheira mais divertida. Salão de beleza em casa, noites do pijama, mas sempre que penso no bebê, imagino um menino.

— Acho que é instinto materno.

— Um pequeno Adam. Jesus, que as futuras garotas protejam os pobres corações.

Saio sorrindo. Há muito tempo que não sorrio tanto.

Impulsivamente, pego meu telefone. Essa não é uma notícia para dar ao telefone, mas...

Depois de ouvir a mensagem na caixa postal, ligo para o escritório.

— Crighton advocacia.

— Olá, Veronica. O Dr. Crighton já chegou?

— Viajou para uma conferência.

— Ah, certo — tento camuflar o desapontamento em minha voz — Certo, obrigada.

Desligo e sigo o meu destino. Uma leve tristeza pulsa dentro de mim. De alguma forma, me parecia certo tê-lo comigo hoje. É a minha primeira consulta médica. Seria incrível se Adam estivesse comigo.

O início da manhã não foi diferente dos anteriores. Enjoos e eu tentando disfarçar meu mal-estar de todas as pessoas, colocando a culpa em uma virose, como toda mentirosa faz.

— Perdão, querido — apoio minha cabeça na tampa fria do vaso e acaricio meu ventre — Mamãe precisa apenas de um pouco mais de tempo. Não tenho vergonha de você. Eu nunca terei, não importa o que aconteça.

Quando volto à minha mesa, encontro Aline me esperando com uma xícara nas mãos.

— Trouxe um chá para você — ela me entrega a xícara — Tive uma amiga grávida. Conte para ela o que está acontecendo

com você e ela me disse que esse chá sempre ajudava.

— Obrigada. Foi muita gentileza sua.

Estou, de certa forma, surpresa. Aline realmente mudou comigo. Talvez ela só tivesse ficado magoada e eu tenha sido dura demais com ela.

— Tem que tomar tudo — instrui ela, assim que levo o líquido adocicado à boca — Tome todos os dias um pouquinho, e se sentirá bem.

Tem um gosto bom, e o calor faz bem ao meu estômago destruído. Depois de tomar tudo, agradeço novamente e voltamos ao trabalho. Minha consulta é às três. Como não é muito longe do trabalho, encerro às duas. Passo a agenda do restante do dia para a Aline e saio.

Sinto uma pequena tontura ao sair do elevador, mas acredito que seja outro indício da gravidez, e ignoro.

Julienne já está me esperando na clínica. Assim que eu preencho a ficha, converso com a médica e ela me informa quais exames preciso fazer.

O de sangue demora um pouco mais, então eu e Julienne resolvemos comer em um restaurante ao lado da clínica.

Escolho salada, e minha prima uma massa com molho branco. Conto a ela que liguei para o Adam, sobre a gravidez da Jenny e a mudança de comportamento da Aline.

— Eu não gosto dela.

Desde a festa do Peter que minha prima não esconde sua aversão por Aline.

— Com certeza está se fazendo de sua amiga para roubar seu emprego na licença maternidade.

Enrugo o nariz ao pensar sobre isso. Embora seja lógico, não acredito.

— Não acho. Aline teve a oportunidade dela quando Lola saiu e não quis.

— Porque ela queria o Adam. Agora sabe que não pode ter. Então, o seu emprego é o máximo que irá conseguir.

Penso sobre isso quando voltamos para o consultório. Será que Juliene tem razão?

Não posso pensar sobre isso por muito tempo. Os exames estão prontos e estou ansiosa.

Como eu já tinha certeza, a médica confirma a gestação. E pela data, tenho certeza que fiquei grávida em Dubai.

É algo muito importante para mim. O bebê foi feito com muito amor. Ele é o fruto do meu amor pelo pai dele.

Pergunto sobre os enjoos, e ela avisa que dura o primeiro trimestre, mas que em alguns casos pode durar os nove meses. Receita um remédio para ajudar a controlar e algumas vitaminas.

Remarco a nova consulta e fico aliviada quando ela diz que

posso ligar se tiver qualquer dúvida.

Antes de sair, pergunto sobre o chá que Aline me deu. Ela ordena que eu evite algumas ervas, e diz as que posso tomar sem receio. Chá e torradas ajudariam a amenizar o estômago.

Perguntaria depois o que Aline havia me dado. Não me ocorreu que um simples chá pudesse fazer mal ao bebê. De qualquer forma, não deu nada nos exames, então me sinto tranquila.

Eu comprarei meus próprios chás de agora em diante.

— Então? Como se sente?

Juliene senta ao meu lado no banco do metrô. Ainda me sinto andando sobre as nuvens.

— Completamente grávida.

— Vai contar para o Adam agora?

— Quando ele voltar de viagem.

Será que ele ficará feliz como o Neil? Algo dentro de mim diz que sim.

— Você já tem uma mãe que te ama muito — falo baixinho, apenas para ele ouvir — Logo seu papai irá te encher de amor.

Algo dentro de mim diz que sim.

Capítulo 23

Adam

Quem disse que ninguém morre de amor, mentiu. Sou como uma sombra pálida de mim mesmo, transitando sem uma direção certa a qual seguir. Eu havia perdido minha bússola. O meu norte. Estou perdido e sozinho outra vez.

— Sentimos sua falta no dia de Ação de Graças — resmunga Katty, assim que me coloco ao seu lado na igreja.

É o último ensaio para o casamento de Richard e Paige. Eu gostaria de estar em qualquer lugar, menos aqui.

— Também sentimos sua falta nas semanas seguinte e no almoço de domingo. Quer me dizer o que está acontecendo?

— Andei ocupado.

Eu não preciso dizer a ela o que aconteceu, Liam deve ter contado nos mínimos detalhes. Aliás, esse se recusa a falar

comigo.

A vergonha por tudo o que fiz me impedia de encarar os meus pais, meus irmãos, e ver nos olhos deles o fracassado de homem que me tornei. Pior que isso, o filho que eles desconhecem.

Então, decidi passar alguns dias no campo, sozinho.

— Ocupado para a sua família?

Afasto-me, tenso. Estou farto de brigas e desentendimentos. Acima de tudo, estou cansado de magoar as pessoas que eu amo.

— As meninas sentem sua falta.

— Podemos conversar sobre isso depois?

— Vai se fechar de novo, Adam? — o tom magoado é visível em seus olhos, como no tom da sua voz — O antigo Adam voltou?

Ele nunca foi embora, querida. Esteve apenas escondido enquanto o outro brincava de ser feliz. Quis dizer isso a ela, mas me mantive calado.

— Por favor, Katty...

Nossa conversa é interrompida pelos lamentos de Paige, que logo se acalma com a chegada de Richard. Mas Paige sendo Paige, logo encontrou outro alvo para seus devaneios. No caso, Nicole e Liam.

— Eu não entendo você e o Liam — Katty volta a resmungar — São os homens mais lindos, inteligentes e especiais que eu

conheço. Por que fazem tanta merda em relação a relacionamentos?

— É algo que eu também gostaria de saber.

Pareço sarcástico, mas, no fundo, é uma pergunta que eu sempre me faço.

— Não. É sério. Liam noivo daquela cadela e nem sei o porquê — ela respira fundo antes de continuar — E *you* perdeu aquela garota maravilhosa, Adam. Ela te amava tanto.

Maravilha. Preciso mesmo que minha irmã jogue na minha cara, que sou o maior responsável por ter afastado a mulher da minha vida.

— Almocei com ela semana passada — ela para à minha frente, e seu olhar é zangado para mim — E sabe de uma coisa? Embora ela tenha preferido mudar de assunto, foi impossível não perceber o quanto ainda te ama. Precisava ver como os olhos dela se iluminavam quando falava de você.

— Ela vai aprender a deixar de amar — as palavras saem como ferro quente da minha boca.

— E você? Será capaz de esquecê-la?

Mas que inferno de garota! É claro que não. Jamais esquecerei minha Charmosa. Eu só preciso aprender a lidar com a dor que a distância provoca. Contudo, a cada dia que passa, se torna mais difícil.

Afasto-me de Katty, a caça fugindo do caçador. Ela não me deixará em paz, até que eu prometa fazer algo para mudar minha vida.

E eu prometi a Penelope que a deixaria seguir a dela em paz. O gesto mais nobre que já tive, e que ironicamente tranca-me no buraco mais profundo do inferno. Mas enquanto eu tiver as doces lembranças dela comigo, conseguirei sobreviver.

— Desculpe o atraso, Paige. Mas tenho más notícias. Nicole precisou ir para a Itália a negócios. Acho que não virá para o seu casamento.

Conheço Liam como a palma da minha mão. Ele está mentindo. O porquê eu não sei, mas algo me diz que, dessa vez, Nicole fez algo grave.

— Não faz mal — Paige fala com uma calma fingida, pois seu olhar fulminante assustaria o mais seguro dos homens — Penelope fará par com você.

Uma luz acendeu em minha cabeça. Todos os meus sentidos ficam em alerta.

Penelope e Liam?

— Penelope? — pergunto exaltado.

Encaro Liam. O sorriso dele diz muitas coisas. Sim. Ela vai usá-la para me atingir.

Filho da puta.

— Acho melhor Kathy fazer par com Liam, e eu faço par com a Penelope — sugiro rapidamente.

Por que merda eu havia feito isso, não posso explicar. Foi uma reação automática. Liam é bonito, engraçado, inteligente, e creio que em muito breve ficará solteiro. Qualquer mulher se apaixonaria por ele. Qualquer mulher, menos ela. Obviamente que esse é um pensamento insano, egoísta e completamente sem sentido. Se eu pudesse desejar alguém ocupando meu lugar no coração de Penelope, Liam seria a escolha perfeita. Mas eu não posso. Já é difícil imaginá-la com outro. Com Liam, seria meu fim.

— Por que isso agora? — pergunta Paige.

Porque eu tenho ciúmes de qualquer homem que passe mais do que cinco minutos ao lado dela, mesmo ele sendo meu irmão. Porque seria uma tortura para mim ter que vê-los juntos a noite toda e ter que manter distância. Ou talvez ser um babaca seja tudo o que eu consiga ser.

Estou prestes a jogar isso nela quando Jenny vem ao meu socorro.

– Adam tem razão. Penelope conhece Adam melhor que o Liam. Acho que ela ficará mais confortável. Visto que hoje é o último ensaio, e ela não participou de nenhum.

Não compreendo os motivos que levaram Jenny a me socorrer, mas sinto um profundo agradecimento. Poderia beijá-

la, se não corresse o risco de Neil socar minha cara.

Enquanto Liam e Paige discutem sobre Nicole e o quanto ela é uma bruxa, eu aproveito para sair.

— Eu preciso ir. Acho que não sou mais necessário aqui.

Já que Penelope será o meu par, então precisamos ajeitar alguns detalhes.

— Mas, Adam!

Durante o caminho, tento me convencer de que não estou sendo ridículo, mendigando um pouco ou qualquer atenção da mulher que eu amo.

Chego a questionar se isso não é castigo pela forma que tratei todas as mulheres que passaram em minha vida. Certamente uma boa parte delas, se pudessem me ver agora, se sentiriam vingadas.

Por outro lado, se isso fosse alguma garantia que Penelope voltaria para mim, aceitaria meu castigo com resignação.

Chego ao apartamento, e minha coragem vai ladeira abaixo quando penso que não planejei o que eu ia dizer.

Toca a companhia e deixo o destino decidir por mim. Ando a passos curtos pelo corredor. Estou nervoso como um garoto em seu primeiro encontro.

Incomodado com a demora, aperto o botão outra vez.

Não há ninguém em casa. O destino está mesmo contra

mim.

Não quero voltar para minha casa vazia. Resolvo procurar o Liam.

— Onde você está?

— Na garagem. E você?

— Mamãe está em casa?

— Saiu com o doutor para um jantar de gala.

O doutor, como ele gosta de chamar, é o nosso pai. Isso havia começado quando ele iniciou seu estágio no mesmo hospital que papai. Claro que o velho odeia.

— Peça pizza — murmuro ao estacionar em uma loja de conveniência — Eu compro as cervejas.

— Quem disse que eu quero falar com você?

— Liam, pode me ouvir pelo menos?

— Sabe a marca que eu gosto. Traga aquelas batatas que gosto também.

— Algo mais?

Estou sorrindo e aliviado por ele ceder. Amo o Liam e sinto a falta dele. Não posso perder mais ninguém.

— E aquelas balas de goma e chocolates.

Compro tudo o que ele solicitou e um pouco mais. A casa parece vazia sem as gêmeas correndo e gritando por todos os

lados.

Encontro Liam na sala vendo TV.

No exato momento que coloco as cervejas na mesa, a campainha soa. Ainda me ignorando, ele passa por mim para atender a porta. As pizzas chegaram.

— Sério, Liam? — pergunto rindo ao olhar os sabores.

Ele havia escolhido pizza de anchovas. Odeio pizza de anchovas. Se eu estivesse com fome, jogaria a caixa na cabeça dele. Em vez disso, jogo uma garrafa de cerveja e sento ao lado dele, que mal disfarça o sorriso enquanto abre um saco de batatas. Ele odeia anchovas tanto quanto eu.

Ele havia feito isso propositalmente, apenas para me castigar.

— Quem vai comer tudo isso?

Encara as caixas intocadas com um certo pesar.

— Papai! — respondemos juntos.

Se tem algo que nosso pai detesta como nos dois a essa pizza, são os eventos sociais que mamãe o obriga a ir com ela, e que servem, de acordo com ele, comida de passarinho.

Ele ficará feliz em devorar uma das pizzas. Pego as caixas e levo para a cozinha. Guardo-as no forno e deixo um recado para quando ele chegar.

Ao retornar, encontro Liam esparramado no sofá, vendo a

reprise de um jogo na TV, enquanto devora um enorme pacote de batatas.

Pego minha cerveja e vasculho a sacola de compras.

— Ai!

Algo pontudo acerta minha mão, antes mesmo que eu pegue o outro pacote.

— Tira as mãos da minha batata!

Inspiro fundo e solto o pacote. Sento na quina do sofá e o encaro duramente.

— Até quando vai ficar de birra?

— Até quando vai ser um idiota? — ele revida.

Touché!

— Foi ela quem terminou comigo, Liam, e não o contrário — vejo-o se erguer e curvar-se em minha direção, como um felino pronto ao ataque.

— Se uma maluca invadissem a minha casa, colocasse câmeras em meu apartamento e controlasse a minha vida — ele volta à posição anterior, e com o polegar apontado para o teto e o indicador para mim, ele mira em minha direção — Daria um tiro na cabeça dela.

Cuspo a bebida que acabara de ingerir. Liam escolhe os melhores momentos para dizer as coisas mais absurdas.

— Está sugerindo que Penelope deveria ter atirado em mim?

— Eu não a culparia — ele dá de ombros — Mas te dar um pé na bunda doeu muito mais.

Rosno. Liam é o único que me faz querer socar a cara de alguém. Sempre foi assim.

— Se tivesse me contado o que iria fazer — Liam dá um longo gole em sua cerveja, como se ela o pudesse acalmar — E o Peter... Aquele babaca. Ela não merecia isso, Adam. Não mesmo.

Eu sei que Liam tem um carinho especial por Penelope, mas ele é meu irmão.

—Não deveria estar do meu lado?

— Não vem com essa. Você errou feio e sabe disso.

Aparentemente para ele, sou um livro aberto. Ou talvez me conheço melhor do que eu mesmo.

— Ferrei com tudo de novo — deposito a garrafa na mesa. O gosto começa a ficar amargo. Ou talvez seja eu que me sinto assim — Perdi a única pessoa capaz de me fazer feliz.

— Só não há jeito para a morte. Ambos estão vivos e agindo estupidamente. Qualquer um consegue ver que são malucos um pelo outro.

— Eu prometi que a deixaria em paz.

— E desde quando faz o que os outros querem?

Irrito-me novamente. Liam sabe como ser insuportável quando quer.

— Foi pensando assim que a perdi.

— Você a perdeu porque fez tudo errado — ele me analisa com olhar de superioridade. A mesma de um mestre instruindo o aluno — Começou como um cafajeste e terminou apaixonado. E agiu como um burro.

— E o que acredita que eu deveria ter feito? Não, melhor. O que acha que devo fazer?

Ele levanta, pega outra cerveja e volta a sentar. Continua me olhando e elevando meu mal humor.

—Ser amigo dela.

— O quê?

Seus olhos reviram e ele me encara com pouca paciência.

— Começar do início, como todo mundo. Seja amigo dela. Faça-a voltar a ter confiança. Faça-a se apaixonar novamente. E se tudo isso não der certo, engravide-a.

Embora o Liam seja o mesmo espertinho de sempre, vejo uma grande possibilidade no que me disse.

— Acho que pode dar certo — sorrio pela primeira vez, e de verdade, após muito tempo.

— Vai engravidá-la? — ele cospe a bebida como fiz há pouco.

— Tentar ser seu amigo. O Evan caminhou por esse lado e parece dar certo.

— Evan? Evan Parker?

— É uma longa história. Vou fazer o que você sugeriu. Na pior das possibilidades, seremos amigos. Prefiro isso do que ficar longe dela.

Que ela me ame como um amigo, mas que ainda me ame.

— Um brinde a isso.

Pego minha garrafa e toco na dele.

— Quando ficou tão sábio?

— Eu sempre fui — ele finge estar ofendido — Vocês que nunca me dão valor. Caramba, eu sou médico. Sabedoria é meu nome do meio.

— Seu nome do meio é Pateta.

Imediatamente, uma almofada voa até meu rosto.

— E o seu é ingratitude.

Gargalho. Abro outra garrafa e pego o pacote de batatas. Dessa vez não houve protesto.

— Adam?

Paro uma pequena porção a cinco centímetros da minha boca e olho para ele.

— Por que insistiu que Penelope fizesse par com você no

casamento do Richard?

Devolvo o salgadinho na embalagem e reflito sobre sua pergunta.

— Queria ficar perto dela — respiro fundo — Poderia ser a última vez.

— Eu fico aliviado.

— Também senti ciúmes de você.

— Adam! Jamais faria algo que o magoasse.

— Você é um cara incrível, Liam. Bonito, inteligente, e a faz rir — olho para o chão sem conseguir olhar em seu rosto — As pessoas se apaixonam. Acontece.

— Jamais faria algo que o magoasse.

— Eu sei disso.

— Então pegue essa nova chance, e pela minha sanidade, seja feliz. E se for fazer merda, pergunte para mim primeiro.

— Sim, senhor. Sabe que eu amo você, certo?

Suas bochechas incendeiam. Eu gosto disso. Deixá-lo desconcertado. É uma ótima vingança.

— Idiota.

Outra almofada voa sobre meu ombro.

— Imbecil — revido, acertando sua cerveja.

— Burro!

Continuamos assim por um longo tempo, até nosso vocabulário de xingamentos ficarem limitados. No fundo, somos dois bobões que se amam e desejam a felicidade um do outro.

Posso não ter tanta sorte no amor, mas tenho amigos incríveis. Liam, sem dúvida, é o melhor deles. Isso vai muito além dele ser meu irmão.

Capítulo 24

Penelope

Três dias para o casamento da Paige, e eu ainda não consigo acreditar que ela está prestes a arruinar a despedida de solteiro do noivo.

Conseguir o endereço com Peter não foi nada difícil, usei de chantagem. O homem encontra-se desesperado pelo meu perdão. Algo que não darei tão cedo, mas o fato é que me ajudou a conseguir o que eu queria.

Obviamente ele acredita que eu desejo uma reaproximação com Adam. Nem de longe eu pensei nisso. Certo, talvez eu tenha pensado um pouco. Mas é só porque agora eu tenha um motivo.

— Obrigada por fazer isso por mim, Penelope.

Todas as vezes que titubeei em relação a isso, Paige me vem com um sorriso doce.

— Ainda dá tempo de desistir dessa loucura. Richard não vai gostar.

— Ele vai amar — ela diz, como se tivéssemos comprando um terno Armani para ele, e não prestes a arruinar sua noite.

— Você só tem que mantê-la aí dentro, até que a música comece.

Quando ela me disse que o plano era entrar de forma despercebida, encurralar, amarrar e emordacar a dançarina que

Peter havia contratado para o show, eu imaginei que não teria possibilidade alguma desse plano acontecer.

Não apenas deu tudo certo, como agora estou atemorizada com uma garota chorando ao meu lado, certamente pensando que somos lunáticas.

— Não a deixe sair — instrui Page, enquanto coloca o robe preto de seda. — Se ela tentar, quebre aquele vaso na cabeça dela.

Ham? O quê? Acho que eu nunca matei uma barata na vida, quanto mais agredir alguém propositalmente.

A jovem olha para nós duas com olhos saltando do rosto.

— Paige! Você não poderia ter oferecido dinheiro a ela? — me escoro contra a bancada, em busca de apoio — Eu não me sinto bem.

Obviamente, usar o dia de hoje para ter uma conversa com Adam sobre o nosso filho não foi a melhor decisão da minha vida. A começar por eu ter passado todos os dias, após a consulta médica, sob tensão. O que só deixou meu estado emocional ainda mais abalado. Depois, embarcar na mais recente loucura da senhorita Fisher prometia desastre na certa. E, aliando a tudo isso, há dias que não me sinto bem. Até cheguei a procurar a minha médica, que me tranquilizou dizendo que a fadiga e o mal-estar que venho sentido são naturais no início da gravidez – de acordo com ela –, logo isso passará. Eu realmente não me sinto

assim. Nesse momento, sinto como se fosse desmaiar a qualquer minuto.

—Sente-se aqui — ela me conduz até uma poltrona ao lado da dançarina — Só não a deixe sair, está bem? Não até a música começar a tocar.

Balanço a cabeça e fecho meus olhos. Ouço a porta bater, inspiro e expiro algumas vezes, pelo menos até ter a ligeira sensação que a tontura foi embora.

Abro meus olhos e olho a jovem assustada. Eu me sinto mal novamente. No amor e na guerra vale tudo, mas Paige havia ido longe demais.

—Eu vou soltar você — sussurro ao levantar, sem saber ao certo por que eu estou sussurrando — Vou tirar a mordaça, por favor não grita, está bem?

Desfaço o nó que Paige havia feito. Para minha surpresa, a jovem fica calada, mas seu olhar furioso vale mais que mil gritos da mocinha de Psicose. Desfaço os nós nos seus pés e nos pulsos, no mesmo momento que a música começa.

Ouço a voz da Beyonce ao fundo, mas não sei identificar a canção.

—Vou dar parte das duas à polícia, assim que conseguir encontrar o Peter!

Ela caminha apressadamente até a porta. Usando uma força que não sabia ainda existir em mim, afasto-a e me apoio

contra a porta, impedindo que ela saia.

— Ah, não, por favor — imploro com a voz chorosa — Ela não fez por mal. Paige é louca pelo noivo, completamente apaixonada, e muito intensa às vezes, mas ela não é má.

— Ela mandou quebrar um vaso na minha cabeça!

— Eu não faria isso — apresso-me a esclarecer esse ponto — E ela estava brincando. Ouça, já recebeu o dinheiro, e nem vai precisar fazer o trabalho. Além disso, vai receber um bônus.

Ela me encara desconfiada, mas um leve sorriso surge em seus lábios pintados.

— Bônus?

— Sim — afasto-me da porta e caminho até minha bolsa.

Por sorte, eu havia sacado dinheiro para fazer compras para casa no dia seguinte.

— Cem dólares? — tanto o olhar da mulher como o som de sua voz apresentam desdém.

— É só um adiantamento — digo com pressa — Se puder deixar seus dados bancários, farei o restante amanhã.

Ela reflete por um ou dois segundos e caminha até a bancada. Escreve tudo o que preciso para a transferência.

— E de quanto será o restante do bônus?

— Cem dólares?

—Duzentos dólares o total? — ela bufa alto — Sabe quanto vale minha noite?

Mordo meus lábios. *Pode esquecer um lindo presente de casamento, Srta. Fisher* — digo mentalmente.

— Tudo bem. Cem dólares agora e mais trezentos amanhã.

— Quatrocentos dólares? — estou impressionada com a sua indignação, isso é mais do que um trabalhador ganharia em uma semana.

— Ouça bem — agora me encontro furiosa. O que há em mim, que faz as pessoas acreditarem que sou estúpida? — Recebeu por algo que não fez, e ainda ganhará extra apenas por ficar sentada, olhando para minha cara.

— Eu fui sequestrada, amarrada e torturada psicologicamente.

— Então vá à polícia — cruzo meus braços e a encaro firme — Meu namorado é advogado, acho que consigo sair dessa.

Adam não é meu namorado, mas ela não precisa saber disso, nem o delegado, nem o juiz.

— Então é os quatrocentos dólares ou nada — estico os cem dólares a ela, e me surpreendo por minhas mãos não estarem tremendo — O que me diz?

— Está bem — ela empina o queixo antes de sair — Espero o restante amanhã.

Desabo na cadeira. Eu sinto uma leve vontade de esganar alguém.

A música ao fundo é interrompida. Aproveito para ligar para Juliene, que havia ficado no carro esperando-nos, para o caso de precisarmos fugir.

— Juliene?

— Oi, prima. Tira as mãos daí, seu safado!

— Juliene? — pulo da cadeira, assustada — Onde você está?

A resposta demora longos segundos, o que me deixa aterrorizada. Pego minha bolsa e caminho até a porta a passos largos e vacilantes.

— Aqui dentro. Caramba, isso aqui está ficando divertido.

— Juliene, não era para você esperar no carro?

— E perder o show? Essa sua amiga é mesmo doida. Nossa! Vai dar merda... Como diria sua mãe: É o apocalipse!

No instante seguinte, tudo parece virar uma confusão. Ouço gritos, palavrões e sons de vidros quebrando.

— Fique onde está — ordeno antes de desligar — Estou indo até aí.

Se o inferno existe, eu havia encontrado o caminho até ele. O salão está completamente em polvorosa. Homens socando uns aos outros, algumas mulheres escoradas contra a parede com medo, garrafas voando pelo ar e... aquilo era uma cadeira?

Procuro por Juliene, mas não a vejo em parte alguma. Vejo Paige e Richard vindo da direção do palco. Adam junta-se a eles, diz alguma coisa e arregaça as mangas. Aproximo-me deles com pressa. Quando o casal passa por mim, vejo uma garrafa voando acima da cabeça deles.

— Adam! — meu berro é tão alto que tenho a leve impressão que, por um momento, o salão silencia, prestando atenção em mim — Cuidado.

Meus olhos estão presos em Adam, os deles nos meus. Ele se desvia do objeto em direção ao seu rosto, mais por reflexo do que pelo alerta que dei, mas ainda assim ela toca seu rosto, fazendo-o se curva.

Corro até ele, alarmada. Só noto que havia prendido a respiração durante o percurso quando meu peito começa a arder e ameaça explodir.

— Adam?

Toco seu ombro com minhas mãos vacilantes. Náusea, pânico, e uma leve vertigem tomam conta de mim. Quando ele se ergue, noto o filete de sangue escorrendo por seu rosto.

—Eu estou bem — ele diz, tocando meu rosto — Vamos sair daqui. Você parece que vai desmaiar.

Não é comigo que estou preocupada, ele está ferido. Mas estou tão amedrontada, que o deixo me conduzir pelo salão. Procuro por Juliene, e vejo-a sair debaixo de uma mesa com

Liam.

Mas... O que os dois faziam debaixo da mesa?

Deixo essa pequena confusão mental de lado. Liam é uma boa pessoa e cuidará bem dela. Escrevo uma breve mensagem a ela, dizendo que estou indo embora com Adam.

Desviamos de mais algumas pessoas, e logo a brisa da noite nos recepciona. O ar puro abastece minhas energias. Olho para Adam, preocupada. A parte atingida de seu rosto está voltada para outra direção, mas as gotas de sangue em sua camisa me preocupam.

— Ainda está sangrando — digo aflita, assim que alcançamos o seu carro — Temos que ir para um hospital.

Ele toca meu rosto, como havia feito lá dentro. Seus olhos vagueiam sobre mim. Escuto-o soltar um palavrão e abrir a porta do carro.

— Não preciso de um médico. Você está pálida e tremendo. Vou te levar para sua casa, e lá você faz um curativo, é só um corte bobo.

Eu vejo o assombro em seu rosto, e acredito que devo parecer horrível. Não apenas pelo o que aconteceu. Para uma grávida, eu me sinto horrível. Estou mais magra do que o habitual, devido aos enjoos, e o cansaço é evidente em meu rosto, até meus cabelos haviam perdido o brilho.

— Está bem.

Assim que entramos, movida pelo instinto, retiro minha camiseta e faço uma compressa na sobrancelha onde deriva o sangue em seu rosto. Vejo surpresa e algo mais em seus olhos, ao olhar para o meu corpo seminu.

— É para... para estancar o sangue.

Minha voz falha e desvio meu olhar para o outro lado da rua. O rugido angustiado me faz voltar a encará-lo, mas quando foco em seu rosto, Adam está concentrado em dirigir.

O caminho só não é feito em silêncio porque ele havia ligado o rádio. Vez ou outra, a câimbra em meu braço me fazia revezar a posição. Cada vez que eu fazia isso, sentia seu corpo enrijecer. Igualmente tensa, rezava para que o caminho fosse o mais curto possível. Também pedia que nenhum carro patrulha passasse por nós, seria um tanto complicado explicar o que eu fazia vestindo apenas sutiã, com minha camisa no rosto de um homem ferido.

Senhor. Por que as coisas mais absurdas acontecem comigo?

Assim que entramos em meu apartamento, eu sigo para o banheiro em busca do kit de primeiro-socorros. Separo gases, algodão, antisséptico e uma pomada para dor.

Entro na sala e o encontro estirado no sofá; suas mãos estão pousadas na calça, tentando esconder...

Ele está excitado?

Pressiono minhas pernas uma na outra e sinto o calor queimar o meu rosto. Eu não deveria ficar excitada por vê-lo excitado por mim. Droga. O homem está ferido!

Aproximo-me dele, coloco os utensílios no sofá, enquanto abro o vidro de antisséptico.

— Ham... — pigarreio chamando sua atenção — Pode arder um pouco.

— Está ardendo há muito tempo — diz ele ao fechar os olhos.

Por um motivo óbvio, sinto que ele se refere a outra coisa, na verdade, a uma parte bem específica do seu corpo. Uma parte que faz o meu próprio corpo arder e ansiar pelo toque dele. Instantaneamente, me vejo sendo agarrada por ele. Suas mãos cravando em minha cintura, enquanto sua boca devora a minha com fúria.

Solto um gemido rouco e abro meus olhos. Encontro os dele fixos nos meus, em chamas.

Irritada com minha falta de tato, umedeço rapidamente o algodão e começo a limpar a região do ferimento. Sou obrigada a inclinar mais o corpo para dar mais atenção à sobrancelha. A cada movimento que dou, sinto seus olhos em mim, em meu corpo.

— Pronto — dou o último ponto falso e finalizo com a pomada para aliviar a dor — Ainda acho que deveria ir ao médico

e levar pontos de verdade. Não foi profundo, mas...

— Estou bem — suas mãos seguram as minhas — Obrigado.
Liam pode dar uma olhada depois.

Liam, Juliene!

Pego meu celular na bolsa e verifico a mensagem dela.

Está tudo bem. :) É hoje!

É hoje o que?

Talvez ela se refira ao bebê e ao fato de que eu tenho que contar a verdade para o Adam. Embora eu tenha ensaiado e imaginado esse momento diariamente, dizer ao homem que amo que teremos um filho, comigo de sutiã, não estava nos planos.

— Só um minuto — levanto num salto súbito— Eu já volto.

Avanço para o meu quarto. Apoio-me contra a porta e respiro fundo. Estou em pânico, mas sei que não posso protelar isso por mais tempo. Com uma coragem que estou longe de ter, procuro outra camiseta no guarda-roupa, pego a primeira que vejo – por sorte uma das que mais amo –, visto-a e retorno à sala.

Adam encontra-se em pé, próximo à porta. A mão na maçaneta indica que está pronto para sair.

— Adam, eu preciso...

— Eu estava indo embora — sua mão levanta em defensiva — Já entendi que entre nós dois não pode haver nada. Isso... Nós dois...

Ele gesticula a mão entre nós dois, dando ênfase no que diz, e eu só consigo me sentir confusa. Do que ele está falando?

— Não deu certo, e parece que nunca irá funcionar.

— O quê?

— Mas eu acho que podemos ser amigos — ele se apressa em dizer — Por causa do Neil. Você sabe... O trabalho, ainda vamos nos ver muitas vezes. E tem o casamento da Paige, seremos os padrinhos.

— Amigos?

Amigos não têm bebês — sinto vontade de gritar. Mas me calo. Parece que uma grande e forte mão de aço envolve minha garganta.

— Sim, amigos. Sei que parece complicado, mas a sua amizade é tudo o que eu espero agora. Bem, pelo menos, pense sobre isso.

Seus lábios tocam minha testa, e em seguida, ele atravessa a porta.

— Amigos... — sussurro pela décima vez ao cair em minha cama, ao menos notei como cheguei ali — Ele quer ser meu amigo.

Estou entorpecida pela raiva, decepção, tristeza. Como eu conseguirei ser apenas amiga dele, com o seu filho crescendo em meu ventre?

—Eu amo você, seu idiota!

Soco meu travesseiro, desejando que fosse ele. A última coisa que quero no mundo é ser uma das amigas do Adam. Jamais suportaria isso, não quando nossos destinos estarão conectados para sempre.

Droga!

Ele tinha ido embora, e eu não disse o mais importante.

Capítulo 25

Adam

Nós somos perfeitos juntos. Tudo o que há em mim, ama tudo o que há em você. Viver para mim tem um nome: Paige. Suas imperfeições é o que a tornam perfeita para mim. Amo você hoje, eu vou amar para sempre. Porque é esse amor que faz meu coração bater todos os dias.

Enquanto Richard e Paige trocam os seus votos, e diferente

de todos na igreja concentrados no casal, meus olhos estão em Penelope.

Desejando que fôssemos nós dois a trocar juras de amor e receber a benção do padre e todos os nossos amigos.

Eu tenho feito o que o Liam sugeriu. Mantive-me afastado e focado em ser apenas um amigo. Uma promessa nunca me custou tanto.

Ignorar meu desejo por ela no dia da despedida de solteiro quase me enlouqueceu, literalmente. Tentar mostrar indiferença, e, principalmente, soltar aquele discurso ridículo, exigiu mais de mim do que imaginei. Praticamente saí de lá fugido.

Mais cinco minutos com Penelope tão linda e sedutora faria minha determinação findar.

Preciso manter o foco e seguir um passo de cada vez.

Primeiro voltar a ter sua confiança, e depois reconquistar seu amor. É isso que me faz levantar todos os dias.

A esperança. Fé e esperança. O que é a vida sem os dois? Nessa minha jornada, eu aprendi o valor dos dois, pois um não sobrevive sem o outro, e sem isso não somos nada.

Quando a cerimônia termina, partimos para o salão onde haverá a festa oferecida pelos noivos. Felizmente, não é muito longe. Já foi muito difícil controlar meu amor por Penelope no altar. Evitei encará-la ao máximo. Ali eu não poderia mentir ou negar os meus sentimentos. Não diante de Deus e tantas

testemunhas.

Eu havia pedido que Liam a buscasse na última hora e a levasse para a igreja. Sabia que assim que a visse, tão linda como está, eu não seria capaz de resistir. Ainda não sei se eu posso. Tenho medo que, a qualquer minuto, eu ignore todos os esforços que venho fazendo para ser apenas um amigo e a prenda em meus braços, sem a possibilidade que fuja de mim novamente.

A lembrança do nosso último encontro me incomoda. Eu tinha vislumbrado uma certa tristeza em seu rosto. De alguma forma, eu senti que havia feito algo de errado. Eu sempre estou fazendo algo de errado, mesmo quando todas as intenções são as melhores possíveis.

Não posso errar.

Não posso errar de novo. Venho cantando esse mantra todos os dias.

— Foi um lindo casamento — digo a Penelope, assim que ocupamos nossa mesa.

Ela parece tensa e nervosa. Inicialmente acreditei que fosse devido à cerimônia, afinal, ela não havia participado de nenhum ensaio. Mas tudo tinha ocorrido perfeitamente. Então, porque ela agia tão estranhamente essa noite?

— É, foi sim, Paige estava linda.

Os noivos surgem e os gritos ovacionais me obrigam a calar. Katty pergunta alguma coisa sobre a cerimônia, e logo as duas

enveredam por uma conversa típica de mulheres. Na mesa ao lado está Neil, Jenny, Peter e Paul, com suas acompanhantes.

Após os noivos passarem em todas as mesas e tirarem as fotos, o jantar é servido. Observo Penelope ir relaxando conforme a noite avança, o mesmo acontece comigo.

Os discursos iniciam, Jenny finaliza o dela, e fico em pé para dizer o meu. Tiro o papel do meu bolso do terno, mas algo me leva a seguir meu coração, e não as palavras ensaiadas que fiz há dois dias.

— Richard, eu quero fazer um brinde a você e essa mulher incrível que você passará a chamar de esposa — levanto meu copo em direção a eles — Você é um homem de muita sorte. Muitas pessoas passam a vida procurando sua outra metade, algumas fugindo dela, e outras terminam sua jornada sem saber o quanto amar alguém e ser amado de volta é precioso.

Desvio dos olhos do casal e direciono a Penelope. Cada palavra minha é para ela.

— A vida só fica completa quando é compartilhada. Quando sua outra metade completa você. Na alegria, na tristeza, na dor. Em cada fase da vida, você saberá que ela estará lá com você. Sorrindo, chorando e ajudando-o a suportar a dor quando necessário. Então, faça a felicidade dela a meta da sua vida. O sorriso dela refletirá o seu. E como uma árvore que cresce, o amor de vocês fique mais forte e floresça todos os dias. Felicidades.

Se as pessoas em volta notaram que meu discurso foi mais uma declaração de amor propriamente dita, não me importa. Se Penelope compreendeu a veracidade e intensidade em cada palavra, já faz do meu dia feliz.

— Bem... — ela levanta, olhando em volta, sua mão tremendo levemente — Foram discursos tão lindos, que qualquer coisa que eu falar, será simplório.

Deixando-me levar pela impulsividade, seguro a mão pendendo embaixo da mesa. Vejo-a sorrir, mesmo sem me olhar, e sei que meu gesto lhe dá a coragem que precisa.

Na dor, na tristeza, e sempre que precisar de mim — é o que meus olhos falam, mas ela não está olhando para mim.

— De tudo que já foi falado, espero que sejam amigos — ela sorri timidamente — Os melhores amigos que alguém pode ter. Deixe o outro seguro do amor que sentem e sejam felizes. Obrigada por me deixar presenciar um momento tão importante, e que momentos como esse sejam abençoados por Deus e compartilhado por nós muitas vezes. Felicidades.

Todos aplaudem. A música volta a tocar e Paige e Richard abrem o baile com a dança dos noivos. Aos poucos, os casais seguem para a pista. Katty puxa Frank, e Liam dança com Anne.

— Quer dançar? — ela me olha com algo que acredito ser indecisão — Amigavelmente.

— Adam, sobre...

— Vamos — puxo-a, impedindo que dê seguimento ao protesto — É uma festa, vamos nos divertir. É isso que os amigos fazem.

— Quer parar de dizer isso!

— Vamos dançar, então — sorrio e prendo-a mais junto a mim.

A música é uma balada romântica. É a desculpa perfeita para ter seu corpo colado ao meu. Sem nenhuma dúvida, eu tiro proveito da situação. Minhas mãos deslizam pela lateral de seu corpo através do vestido de seda. Quando ela apoia a cabeça em meu peito, deixando-se levar pela música, sinto o perfume que emana dela, e cada célula do meu corpo se acende para ela.

Afasto um pouco o quadril, estou excitado, e dificilmente conseguirei esconder a reação do meu corpo por muito tempo. Tudo nela inflama meu desejo: a maciez da sua pele, seu perfume adocicado, a forma que sua pele arrepiava ao meu toque.

A música termina e outra mais agitada e irritante inicia.

— Preciso de uma bebida — diga a ela ao nos afastar — Quer alguma coisa?

— Nada alcoólico, por favor — a apreensão que vi nela quando chegamos, volta a brilhar em seus olhos.

— Suco de laranja?

— Suco de laranja não é bebida — diz ela, também havia

recordado de quando nos conhecemos.

— Volto em um instante.

A caminho do bar, eu tento imaginar o que Penelope precisa me dizer que a incomoda tanto. Será que finalmente havia decidido dar ao Parker a oportunidade que ele queria? É esse o real motivo de seu desconforto hoje?

— Mais uma dose, dupla.

Uma voz conhecida me faz voltar à Terra.

— Savannah?

— Oi, Adam.

— Não sabia que estava aqui, não a vi na igreja.

Se bem que não prestei muita atenção à minha volta. Só tinha olhos para Penelope ao meu lado.

— Cheguei há pouco, decidi de última hora — ela sorri fracamente e entorna a bebida que o barman entrega a ela — Péssima decisão. Tenho feito muitas na vida.

Conheço Savannah há tempo suficiente para saber que, por trás da advogada durona, existe uma garota amável e delicada, que poucos tem a chance de conhecer.

— Richard garantiu que ele não estaria aqui.

Acompanho seu olhar e vejo Charles em um canto, olhando para nós. Seu semblante é duro, mais para furioso.

— Eu preciso ir embora — ela me diz ao pegar a bolsa no balcão.

— Não tem que ir embora por causa dele — coloco-me em frente a ela

Irrita-me que Charles aja assim, como se as outras pessoas, o que elas sentem, não tivesse importância. Apesar que hoje havia ganhado alguns créditos comigo, ao surgir na igreja conduzindo Paige.

— Faço isso por mim, Adam.

— Você ainda o ama?

— Por que está perguntando isso?

— Porque vejo isso claramente em seus olhos, e pela forma que ele está olhando nós dois, não parece tão indiferente.

— Charles não ama ninguém além dele mesmo... eu tenho que ir.

— Fica — seguro seu braço, impedindo-a de sair — Talvez você possa me ajudar.

— Quer falar de negócios? — ela sorri, dessa vez com sinceridade — Hoje?

Coço minha sobrancelha e sorrio de volta.

— Não é isso. Eu e Penelope. Nós dois entramos nessa de amigos. Estou tentando reconquistar a confiança dela.

— E onde eu entro nessa história?

— Há um cara. Eu acho que ela está disposta a tentar com ele. Eu sinto que é isso que ela quer me dizer hoje. Preciso evitar esse momento ao máximo. Liam disse que deveríamos ser amigos, mas isso não está dando certo.

— Porque simplesmente não diz que a ama e pronto? — ela suspira — Não dá para ser amigo de quem se ama.

— Acredito que é exatamente isso que ela está pensando — esfrego a cabeça — Preciso da sua ajuda.

— Adam Crichton com medo de ser dispensado. Seria cômico se não fosse trágico. Vamos lá. Só penso no que diria suas ex-namoradas.

— Engraçadinha.

No fundo ela tem razão. Todas as mulheres que passaram em minha vida provavelmente fariam uma festa ao presenciar o estado em que me encontro.

Peço as bebidas e conduzo Savannah para minha mesa. Liam e Penelope conversam animadamente. Ele diz algo em seu ouvido que a faz rir.

—Liam, lembra-se de Savannah?

— Claro que sim. Olá, Savannah.

Ela o cumprimenta com um beijo no rosto e ocupa a cadeira ao lado dele.

— Essa é Penelope — apresento-as — Savannah é uma grande amiga, e trabalha comigo no escritório.

O clima é bem diferente do que imaginei. Penelope permanece calada. Savannah desconfortável. Liam é o único conduzindo a conversa, contando casos engraçados do hospital.

— Com licença — Penelope levanta, desviando seus olhos dos meus — Preciso ir ao toalete.

Um chute em minha canela me faz saltar para frente.

— Vá atrás dela — Liam gesticula com os braços.

Olho para Savannah, me sentindo culpado. Havia pedido para que ficasse, e agora iria deixá-la sozinha.

— Eu vou dançar com Liam e depois ele me leva para casa.

Agradeço-a com um beijo em sua testa.

Após esperar longos minutos em frente ao toalete feminino, e pateticamente pedir a uma jovem que procure lá dentro, volto para a festa. Avisto Neil carregando Anne em seus braços. Estou prestes a perguntar se ele a viu, quando a avisto indo em direção à porta.

— Aonde você vai?

Viro-a para mim, a obrigando a me olhar. Vejo-a olhar por sobre meus ombros. A expressão de surpresa muda para um misto de fúria e determinação.

— Não podemos ser amigos — agarrando meu terno, ela me

puxa para mais perto dela — Cruzamos essa linha há muito tempo.

Para minha surpresa, seus lábios tocam os meus. O beijo é exigente e apaixonado, e eu não hesito em corresponder. Almejei isso a noite toda. Desde o dia que sai de sua casa, para ser mais exato.

Somos duas metades que se completam.

Capítulo 26

Penelope

Passei boa parte da cerimônia tensa, idealizando o momento certo em que eu teria a coragem para o momento ideal para contar a Adam sobre o bebê. Mas a cada minuto, a minha coragem esmorece. Eu teria contado mais cedo, se não fosse Liam a me buscar para o casamento. Eu teria contado no carro, se o

caminho até onde seria realizado a festa não fosse tão curto como minha determinação. Eu teria contado depois que dançamos, se ele não tivesse se afastado subitamente, com a desculpa que precisava de uma bebida. Eu teria contado, se ele não tivesse voltado com aquela mulher a tiracolo. Eu vinha ensaiando esse momento nos últimos três dias. Dizer ao homem que você ama, e que já não sabe mais se nutre os mesmos sentimentos por você, que está grávida, não é uma tarefa fácil. Não seria fácil, nem mesmo se ainda estivéssemos juntos. Dizer em uma festa de casamento também não é o local ideal. Eu teria esperado o momento que fôssemos embora. O convidaria para entrar e jogaria a bomba em sua cabeça. Esse era o plano original, até vê-lo ao lado dela.

Savannah Hernandez é tão linda quanto inteligente. Os poucos minutos que passei na mesa com ela foram suficientes para entender porque Adam a admira tanto. Ele já havia me falado sobre ela antes, sempre que falávamos de trabalho. O que eu não imaginava é que ela fosse tão encantadora. É claro que o ciúme me corroeu. É claro que os ver juntos, a sintonia entre eles, me incomodou mais do que eu consigo explicar. Ainda mais agora que Adam e eu somos apenas amigos.

Eu precisei de qualquer desculpa para me afastar. Imagens ensandecidas começaram a surgir em minha cabeça assim que ela ocupou um lugar em nossa mesa. A forma que ela ria para o Adam. Será que sempre sorria assim quando estavam conversando? A forma que inclinava a cabeça para ouvi-lo

melhor, revelando parte do seu decote. Como seriam os dois no trabalho? Quantas vezes essa cena se repetia ao estudarem um processo?

A gota d'água transbordou do meu copo da impaciência, quando a mão delicada e perfeita tocou o braço dele ao rir de algo que Liam falou. Foi impossível para mim continuar observando tudo calada. Decidi que a detesto, com todas as minhas forças. Detesto-a mais ainda, porque sei que não há motivos para sentir antipatia por ela. O tempo todo foi amável comigo, lançando sorrisos gentis e tentando me incluir na conversa, que não precisei de muito esforço para ignorar. O ciúme fazia com que eu visse tudo desfocado. Então, para que eu não cometesse algo impensado, como jogar minha bebida em cima dela e arrastar Adam para longe dessa festa feito uma maluca, eu preferi me afastar. Sair, respirar um pouco de ar puro, e me dar conta do quanto estou sendo ridícula.

Por que eu deveria me sentir tão insegura? Sou eu esperando um filho dele. Um laço eterno que, não importa o que aconteça, nos ligará para sempre.

Jogando todas essas inseguranças de lado, decido que devo voltar para a mesa, reivindicar o que é meu. Ao homem que eu amo e acredito que me ame também. Talvez eu tenha sido dura demais. Pressionado demais, ao ponto de levá-lo a acreditar que o nosso futuro juntos se resumiria a uma simples e cordial amizade. Não, já havíamos pulado essa valsa faz tempo.

Então eu engoliria o orgulho e o ciúme e voltaria para a mesa, onde colocaria meu plano inicial em prática.

Foi essa determinação que me levou a dizer a ele que não quero sua amizade ou qualquer merda que ele tenha planejado. Eu o queria, com todas as minhas forças.

Ver Savannah se aproximar de nós inflamou minha necessidade de posse. Então o beijei. Sim, com uma necessidade irracional e primitiva de marcá-lo. De dizer com esse beijo a ela, e a qualquer outra mulher, que ele é meu.

Talvez seja os hormônios da gravidez, pode ser o ciúme ou medo de perdê-lo que me fez agir assim. Qualquer que tenha sido o motivo, isso não me importa. Quando estamos juntos, nada mais faz tanto sentido quanto nós dois.

— Adam! — a voz insistente de Savannah alfineta essa bolha que nos protegia e, aos poucos, voltamos à realidade à nossa volta — Preciso da sua ajuda. Eles vão se matar.

Levou um ou dois segundos para os olhos castanhos, surpresos e com vestígios de desejo, afastarem-se dos meus.

— O que disse? — pergunta Adam, confuso — Eles quem?

— Charles e Liam — ela dá meia volta, esperando que ele a siga — Estávamos dançando quando ele surgiu. Nem sei de onde veio...

Presto pouca atenção em sua narrativa. Sigo-os de volta para o salão, sentindo uma necessidade mortal de esganar esse

tal de Charles, caso Liam já não tenha feito isso.

Quando chegamos, não os encontramos engalfinhados como imaginei. Mas uma mesa com a perna quebrada e a boca de um e o nariz do outro sangrando, revela que a luta foi acirrada. De um lado, dois homens segurando um Charles exaltado e furioso. Claramente percebe-se que ele havia abusado da bebida. Do outro lado, um homem prendendo Liam enquanto ele ri de forma provocativa, o que só adiciona mais raiva no irmão do noivo.

Graças aos céus, Paige e Richard já haviam partido para a lua de mel, e não presenciaram essa cena deplorável.

— Olha só — Charles balbucia — O outro irmão Crighton. Começaram a dividir a mesma mulher agora? Ou já faziam isso quando nos conhecemos? Eu sempre desconfiei que não fossem apenas amigos. Os dois, Savannah? Pensei que amasse só um deles. Doe menos aceitar isso.

Seus olhos passam de Adam para Savannah.

— Deixem-me dizer, senhores. Ela não vale a pena. Não passa de uma vagabunda sem classe que vai para cam...

A frase é cortada pelo som do tapa estridente que Savannah desfere em seu rosto. Não há um ruído em volta de nós. Charles se solta, esfrega o rosto marcado, e vai embora.

— Tudo bem, pessoal, vamos continuar com a festa — Vivian, a mulher responsável pela organização da festa, aos

poucos vai dispersando as pessoas em volta.

A música retorna, e os convidados voltam a se divertir. Exceto Adam, Liam, Savannah e, claro, eu. Foram os dez minutos mais tensos e reveladores da minha vida.

— Eu o odeio tanto — ela soluça, escondendo o rosto entre as mãos, entregando-se a um choro compulsivo.

Adam a consola, Liam desaparece com a desculpa que irá procurar gelo, e eu apenas observo a cena, incerta do que fazer.

Adam e Savannah juntos? Como um casal? A relação vai muito além de amizade e trabalho. Eles tinham um passado.

Eu não deveria pensar sobre isso, não deveria estar me corroendo por dentro. Savannah havia passado por um momento humilhante, mas como dizer ao meu coração que presenciar os dois juntos não deveria doer? O amor não é racional, pelo menos, não o meu.

— Eu quero ir embora — ela sussurra algumas vezes.

Adam me encara. Há um pedido mudo de desculpas em seu rosto. Uma fisgada atravessa meu peito.

— Pode encontrar o Liam para mim?

Aceno brevemente e me afasto. Savannah não é a única a ter o coração destroçado essa noite.

Onde você está?

Recebo a mensagem após ter ignorado todas as suas ligações. Eu não tinha forças para ouvir o que ele tinha a dizer. Eu vi o pedido de desculpas nos olhos dele, antes mesmo de ter pedido que eu fosse atrás do Liam. Não deveria, mas saber que Adam sairia da festa com ela, dói. Mais do que eu consigo controlar e do que deveria doer.

Só responde isso, por favor!

Por que ele está preocupado?

Estou em um táxi, indo para casa. Cuide da sua amiga, ela parece precisar de você. Boa noite.

É Savannah que precisa dele, certo? Aperto a maldita tecla verde, e assim que mensagem é enviada, o arrependimento me abate. Estou jogando-o para os braços dela e o afastando de mim.

Tudo bem. Boa noite.

Encosto minha cabeça no banco, olhando pela janela, e através dos meus olhos inchados e úmidos, sinto que não é apenas os prédios, carros que eu deixo para trás. Algo muito mais importante havia ficado pelo caminho.

Claro que eu não consegui relaxar com o banho, assim que cheguei ao apartamento. A xícara de chá aqueceu meu corpo,

mas o coração, esse continua frio, e minha mente só conseguia dizer o quanto eu fui estúpida, deixando-me levar pela raiva e ciúmes.

O que eles estariam fazendo nesse momento? Descobrimo que têm mais em comum do que a escolha da carreira?

Talvez ele apenas a tenha deixado em casa e partido, irritado pela forma que eu fui embora. Ou talvez estejam bebendo, consolando um ao outro. Esses pensamentos rondaram por minha cabeça nas horas seguintes. Nem o livro que tentei ler, ou o filme que coloquei na TV, eram distração suficiente para afastar os pensamentos mais absurdos da minha cabeça.

Agir feito uma idiota fez mal apenas a mim mesma.

O clique da maçaneta me faz virar em direção à porta. Pela iluminação da TV, vejo a silhueta de Juliene entrando.

— Olá, está acordada? — vejo-a acender a luz e tirar o colete do seu uniforme — Na verdade, imaginei que não estaria em casa.

Ela tira os sapatos e mexe os pés com cara de dor. Juliene havia conseguido um emprego temporário em uma lanchonete especializada em fast-food, que paga tão mal quanto ela trabalha duro.

— Aconteceu alguma coisa? Você está bem? Como foi o casamento?

Não sei qual das perguntas responder primeiro. Então, vou pela mais fácil.

— Foi maravilhoso, Paige estava linda. Pena você não ter ido —
— afasto-me um pouco para que ela sente ao meu lado —
Aconteceram muitas coisas, e eu não estou bem.

Reviver o que aconteceu não foi mais brando do que horas atrás. Ainda me sinto magoada, frustrada e uma grande tola.

— Não contou para ele de novo? — o tom acusatório de Juliene me retrai.

— Não é que eu não queira — cruzo meus braços, na defensiva — Já reparou que todas as vezes que eu tento, acontece algo? Ele vai embora, uma ex-namorada aparece...

— Tem que contar a ele — ela insiste — Talvez o Adam fique surpreso no começo, até aborrecido, mas não fugirá de sua responsabilidade.

— Eu não quero ser uma responsabilidade — murmuro ferida — Nem que meu filho seja. Eu não quero alguém presente apenas fisicamente. Sei o quanto a falta de amor machuca. Não vou deixar meu bebê passar por isso.

— Ele não é o seu pai, Penelope. Pense nisso. Não pode protelar isso por mais tempo.

Talvez eu esteja fugindo ou adiando o inevitável. Mas a realidade é que eu tenho medo. Estou verdadeiramente assustada e confusa. Eu me adaptei rapidamente ao fato de estar grávida. Mas enquanto esse segredo é meu, sinto que nada de mau pode nos atingir. Adam não irá nos virar as costas como

realmente temo. Meus pais não ficarão furiosos comigo. As pessoas no meu trabalho não vão me julgar. Nem perderia o emprego que amo.

É uma falsa e ingênua sensação de segurança. Porque eu tenho uma leve inexplicável intuição de que meus problemas estão apenas começando.

Desperto com a leve batida na porta. Olho para o relógio na cabeceira e vejo que perdi a hora.

— Você está bem? — o rosto de Juliene aparece no vão — Quer que eu ligue e avise que ficará em casa hoje?

— Não! — levanto o mais rápido do que deveria e volto a sentar ao sentir uma tontura — Apenas perdi a hora. Preciso ir, tenho muito...

Como em todas as manhãs, a náusea me faz correr até o que vem sendo meu melhor e fiel amigo: o vaso. Cada vez eu me sinto mais cansada. É como se o bebê sugasse minhas energias. Estou esgotada física e mentalmente, e ainda nem havia passado do primeiro trimestre de gestação.

—Tem certeza, Penny? Está muito pálida.

A preocupação em sua voz me obriga a levantar e estampar um sorriso corajoso em meu rosto.

— Há a festa do início do ano — murmuro com a voz enrouquecida, devido ao gosto ácido em minha boca — Além disso, eu vou ter aquela conversa.

Depois do trabalho, irei até a casa do Adam. Não posso adiar mais o momento, sentindo medo ou não. É egoísta, e seria injusto com ele e nosso filho. Além disso, não posso sofrer por antecipação.

Um passo de cada vez. Foi o que disse durante a noite que passei em claro.

Um passo de cada vez.

— Prepara o café para mim?

— Suco e torrada, certo?

— É a única coisa que ele deixa.

Juliene sai rindo. Havíamos feito uma aposta. Eu tenho certeza que era menino. Ela acredita que seja uma menina. Há uma lenda que ela viu na internet que garante que meninas fazem as grávidas enjoarem mais.

Alguns minutos depois, estou enfiando o último pedaço de torrada na boca, rezando para que ela permaneça em meu estômago, quando o telefone toca.

— É para você — Juliene estica o fio o máximo possível em

minha direção.

O semblante contrariado e a forma que ela entorta a boca, revela que a pessoa do outro lado não a agrada.

— Penelope?

— Mãe?

Busco prestar atenção em sua voz, enquanto a surpresa e minha respiração suspensa me impedem de proferir qualquer palavra. Desde que meu pai literalmente me expulsou da igreja, não temos mantido contato. Não que eu não houvesse a procurado, mas todas as minhas tentativas foram frustradas por seu silêncio.

— Eu preciso pensar — respondo com a voz branda — Até logo.

O olhar interrogativo e inquieto de Juliene me faz a pergunta que seus lábios não fazem.

— Ela quer que eu passe o Natal com eles.

Como um peixe fora da água, a boca de Juliene abre e fecha várias vezes. Eu sei, também estou surpresa.

— Você irá?

— Ainda não sei. Preciso contar a eles — aponto para o bebê em meu ventre — Talvez seja uma boa oportunidade para isso.

— Quer que eu vá com você? Estou escalada no trabalho, mas posso tentar uma folga.

— Não irá para casa?

— Não tenho mais casa — ela senta no sofá onde estivera minha bolsa e me entrega.

— Precisa falar com seu pai, Juliene — encaro-a firmemente. Sei que está magoada, mas o pai e os irmãos são loucos por ela.

— Vou dormir um pouco. Pego mais cedo no trabalho hoje, troquei com uma garota que precisava ir na festa da escola do filho. Tranque a porta quando sair — ela deita e coloca a almofada em seu rosto.

Esse é meu sinal que a conversa havia acabado. Como eu sei que não adianta pressionar, resolvo deixar que ela se dê conta por ela mesma. Manter a família longe apenas a deixará mais ferida e magoada.

O dia corre agitado. São as últimas reuniões do ano, balanços, relatórios, além da festa da empresa para organizar. Embora esteja tudo sob controle, entro em contato com a empresa e lembro-os das pequenas falhas do ano anterior.

— Eu lido com ele mais tarde. Eu não quero saber o que ele acha, façam o que eu ordenei.

Entrego a pasta para Neil assim que ele deixa sua sala. Ele tem um almoço com empresários alemães, onde ele pretende abrir uma filial. Sussurro um boa sorte, embora saiba que ele

não vai precisar. Ele se despede com um aceno de mão e caminha em direção aos elevadores.

— Penelope, a Chelsea do RH está procurando você, acredito que seja urgente — Aline me avisa alguns minutos depois.

Ela parece nervosa, então resolvo verificar o que possa acontecer. Aline não é o tipo de pessoa que saiba agir sobre pressão.

Encontro Chelsea falando com um funcionário irritado, e aguardo até que ela o dispense.

— Dia difícil? — sorrio assim que o homem sai.

— É tudo culpa do RH — ela sorri de volta — Precisa de alguma coisa?

Eu fico confusa.

— Não me chamou até aqui?

Ela fica confusa.

— Não. Fim de ano é complicado, mas ainda posso lidar.

— Estranho, Aline disse que queria falar comigo.

— Talvez ela tenha me confundido com outra pessoa, aquela garota é avoada — ela se inclina para cochichar — Ainda não sei como conseguiu o emprego. Eu tive uma licença médica, e quando vi, ela já estava aqui.

Como não tenho defesa para Aline, mas também não quero

acrescentar nada sobre o que as outras pessoas pensam dela, encerro minha conversa com Chelsea e volto para a minha sala.

— Aline, Chelsea disse que...

— Que bom que você voltou — ela me interrompe, torcendo as mãos — O Sr. Durant está lá dentro e parece muito aborrecido. Sabe que não sei lidar com ele.

— Mas ele acabou de sair.

— Mas voltou, parece que não encontrou o contrato.

Ela balança o contrato que ele discutiria durante o almoço e me encara, apreensiva.

— Não entendo, eu tenho certeza que coloquei na pasta — pego o documento de suas mãos e caminho em direção à sala de Neil.

— Talvez tenha se confundido. Eu encontrei na sua gaveta. Bem, você anda bem cansada ultimamente.

É possível que ela tenha razão. Mas ainda assim, acho muito estranho. Eu nunca tinha cometido uma gafe como essa. Nem mesmo em meus primeiros dias na empresa. E posso jurar que coloquei o contrato na pasta dela.

Não bato na porta, já que ela está entreaberta. Neil está em frente à janela, olhando seu reflexo no vidro, enquanto arruma a gravata. Estou prestes a me fazer presente quando ele fala.

— É claro que ser pai novamente me assusta, Adam — dessa

vez, ele coloca as mãos no bolso e observa a cidade — Mas é emocionante também. Eu sei o que pensa sobre ter filhos, mas isso foi há tanto tempo. Nunca pensou em mudar de ideia?

Eu não deveria ficar ouvindo a conversa entre eles. Eu deveria me fazer presente, entregar o contrato e ir embora.

— *Não...*

A resposta veio como um veneno potente e paralisante. Enquanto eu ouvia dos lábios dele todos os meus temores revertidos em palavras, o chão sob meus pés e todo o meu mundo começam a desmoronar.

São as últimas batidas do meu coração. Ele está morrendo.

Lentae
dolorosamente.

Capítulo 27

Allyson

Eu soube assim que eu entrei naquele carro que não haveria

retorno. A estrada que eu havia escolhido me levaria à ruína e destruição; ao abismo. Esse é um caminho sem volta, minha alma já foi corrompida.

— Querida Allyson — o sorriso vitorioso me recepciona assim que eu abro a porta — Esqueceu o champanhe? Eu fiz uma performance brilhante, não acha? Muito melhor do que Shakespeare. Sabe, meu pai sempre dizia que eu tinha uma veia dramática.

A risada maléfica causa arrepios, e não consigo impedir que um leve arrepio toque a minha pele. Medo? Prazer? Não sei qual sentimento me impulsiona mais para ele, talvez os dois, incitado por esse sentimento obscuro dentro de mim, e que admira esse lado negro que irradia nele.

— Acha que funcionou?

Ele para a cadeira que havia começado a girar e me olha fixamente. O sorriso alargando ainda mais.

— Não viu como ela saiu daqui? — ele balança a cabeça, a expressão em seu rosto tão falsa como seu lamento fingido — Inconsolável.

— É, você foi bem cruel.

— Eu não fiz nada. As pessoas atribuem uma culpa que eu não tenho — a voz é carregada de deboche e satisfação — Foi o Adam, a dizer coisas tão dolorosas para ela.

— Foi uma jogada de mestre, devo admitir. Mas e se ela for

procurá-lo?

Ele suspira, colocando os cotovelos na mesa, e apoia a cabeça em suas mãos.

— Então, aquele revólver terá serventia para alguma coisa, afinal.

Com o indicador, ele faz sinal para que eu me aproxime da mesa.

— Você terá sua vingança, e eu tudo o que me pertence de volta em breve. Tenha paciência, Allyson. Só precisamos mover mais algumas peças.

— Eu daria fim a tudo isso agora mesmo. Pode fazer isso quando quiser.

— Mas não seria tão divertido. O que é a vida sem um pouco de festa? Gosto de estar no controle. É como um show de marionetes. Eu posso tudo sempre — em um movimento ágil, ele me coloca em cima da mesa — Além disso, precisei mudar um pouco os meus planos. Eu quero a ruivinha comigo. Nunca quis tanto alguém como eu a quero.

A última declaração me fere. Não deveria, mas fere. Não posso permitir que seja mais que desejo entre nós. Eu já havia entregado a ele a minha alma. Meu coração não está no acordo.

— Talvez ela não queira você, Nathan — tenho-o agora dentro de mim, impiedoso. Há uma agressividade luxuriosa em cada arremetida que me faz delirar.

Desejo sexual é o único sentimento que me permito sentir por agora. E ele sabe como explorar isso muito bem. Há uma ferocidade em seu olhar sombrio que me excita.

— Ela será minha! Eu a quero, e isso não é uma opção para ela.

Não, não é.

O demônio não pede, ele toma. Até que não reste mais nada além de um deserto vazio e sem vida.

Capítulo 28

Penelope

Não lembro exatamente como cheguei em casa. Se eu vim de táxi, se havia me arrastado até a estação de trem, ou se alguma alma caridosa havia percebido meu estado alterado e me

levado embora.

Eu só consigo me lembrar... pensar... e pensar em tudo o que ouvi.

Esfrego meu peito, com a vã esperança de que a dor, cada vez mais intensa, vá embora.

Encolho-me ainda mais. Outra vez, eu penso na conversa que eu havia presenciado sem Neil perceber.

Eu só consigo pensar na voz. A voz que eu tanto amava, que naquele momento eu faria qualquer coisa para que fosse de outra pessoa.

Curvo meu corpo, na esperança das lembranças irem embora.

Eu tento não pensar. Aquelas palavras. As palavras de Adam, elas me destruíram.

“Nunca pensou em mudar de ideia?”

“Não. Eu não sinto que eu posso, não quero”.

“Mas pensei que você e Penelope, vocês pareciam tão...”

Essas palavras são punhais, que por horas vem martelando em minha cabeça, batendo... batendo. Cada palavra cravando em minha cabeça, rasga uma parte do meu coração. Como se ele fosse o mais fino papel. Milhares e milhares de pedaços de um coração se desfazendo em minhas mãos.

“Quero apenas que sejamos amigos, nesse momento é

necessário. Magoamos demais a nós dois. Fui idiota em insistir até o último momento”.

“É uma pena que não tenha dado certo entre vocês, Adam. Pareciam tão felizes juntos. Mas a vida sempre dá uma segunda chance. Ainda poderá ter filhos com outra mulher um dia, talvez”.

“Filhos... Não quero filhos. Nunca desejei isso com ninguém. Com Cecilia ou com Penelope... Não sei explicar, é egoísta com Penelope... mas eu não quero. Melhor deixá-la ir embora, seguir em frente. Talvez tenha achado que a amava de verdade... mas ficaríamos preso a uma relação frustrada e sem amor... seríamos infelizes, Neil. Não sei como explicar, mas um filho nosso...não. ”

“Adam, deixe que o tempo resolva,ele é o melhor remédio... ”

“Não vou mudar de ideia, Neil. ”

“Certo, vamos mudar de assunto. Sobre a festa da empresa, virá esse ano? ”

“Claro que irei... ”

*“Adam! Não quero um clima entre você e a minha secretária.
”*

“Talvez eu consiga que Savannah me acompanhe...depois do que houve na festa... eu gosto dela. ”

“Viu? Eu disse, a vida sempre nos dá uma segunda chance. Savannah não terá ilusões a seu respeito. Ela já tem um filho, não tem? ”

Não pude ouvir o resto, não consegui. Eu corri. Corri o máximo que eu pude. Ignorando todos à minha volta, todas as pessoas que pudessem supor que eu era louca. Eu estava louca, louca de dor, de desilusão e centenas de sentimentos que ainda sou incapaz de descrever.

Sentia como se as paredes e tudo à minha volta me sufocassem. Ainda tenho essa sensação agora. Estou sufocando, me afogando em lágrimas e desespero.

Ele não quer nosso bebê. Ele não me quer.

Nunca quis.

Apenas amigos, foi o que ele disse. Só amigos.

Enquanto minha mente me obriga a ouvir e dar voz à realidade, meu coração luta desesperadamente contra. A realidade machuca. Fere como uma lâmina afiada.

Talvez tenha achado que a amava de verdade... seríamos infelizes... um filho nosso...não.

Um filho nosso, não! Ele não quer! Meu bebê.

— Penelope! — alguém grita, meus braços lutam contra suas mão. Não quero que me toque. — Está me assustando.

— Ele não quer!

Soluço, gemo, grito. Gritos que só agora percebo tê-los emitido por tanto tempo, e eles misturam-se aos de Juliene, ecoando pelas paredes, voltando para mim. Lamentos doloridos

que fluem do fundo da minha alma.

Estou no chão. Em todos os sentidos.

Desejando desesperadamente que a única coisa fria em mim, fosse o chão duro sob minhas pernas trêmulas. Mas não, meu coração está sendo tragado por esse imenso e frio buraco negro. São densas camadas de dor envolvendo cada parte do meu corpo.

— Precisa respirar, querida — Juliene segura meu rosto, mas não consigo vê-la — Respira!

Eu não consigo.

Respirar dói, pensar dói, lembrar dói, amar dói.

E eu só consigo sentir a dor arrancando todo o amor em meu peito, dilacerando meu coração com punhos de ferro.

A dor... ela chicoteia impiedosamente dentro de mim, sem cessar, sem trégua.

Tudo bem, vai ficar tudo bem, isso, respira, vai ficar tudo bem. Estou aqui, Penny.

Ouçó sua voz ao longe. Eu estou em seu colo. Ela me balança, ela me abraça. Eu busco o calor. Eu não sinto nada, nenhuma chama para aquecer meu coração congelando.

Para frente, para trás. As mãos deslizam em meus cabelos.

Nada. Só tristeza e dor. Assim como meu corpo sendo embalado, a dor vai e volta.

Mais forte, mais dolorida.

Vai ficar tudo bem.

Não vai. Nada mais vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem, repete e repete.

Nunca mais vai ficar tudo bem.

Eu dormi por horas após me desintegrar nos braços de Juliene. Mas eu poderia dormir por semanas. Seria necessária uma vida para me recuperar, acho que nem assim seria suficiente. Pois é quando eu fecho meus olhos que eu tenho paz. Sem sonhos bons ou ruins. Foram apenas horas e horas de pleno vazio e silêncio.

Eu gostaria de continuar na cama, mas Juliene não deixou.

— Pense no seu bebê. Tem que se alimentar, tomar banho, alguém tem que se preocupar com essa criança.

Sua reprimenda, apesar de ter me magoado, fez com que eu ficasse de pé. Meu bebê. Meu filho. Ele só tem a mim agora.

— Eu não acredito que ele possa ter dito isso — Juliene brada, inconformada — Tem certeza que era ele ao telefone?

Talvez você não tenha ouvido direito.

Contei o que havia me deixado ensandecida. Amargamente, as palavras saíram como fel em minha boca.

— Era a voz dele, estava no viva-voz, mas... — engulo o nó se formando em minha garganta, obrigo o nó a retornar — Além disso, Neil falou o nome dele o tempo todo. Eu reconheci a voz, reconheceria em qualquer lugar. Acho que eu nunca serei capaz de esquecer. Havia tanta emoção. Isso é o que mais me doeu, Juliene. Havia verdade e intensidade em sua voz. Ele não nos quer. Não como precisamos.

— Não posso dizer que não me surpreendo. Mas veja o meu pai. Um grande mentiroso também. O que você pretende fazer agora?

— Ainda não sei — sufoco um gemido — Eu só quero que essa dor passe. Eu só quero que ela vá embora.

Não posso chorar, embora essa seja minha única vontade na vida. Eu preciso encontrar forças em alguma parte de mim. Há uma vida que precisa que eu seja forte.

Por ele, eu coloquei meus pés no chão. Eu empurrei o meu corpo até o banheiro, arrastei os pés até a cozinha e comi a sopa que Juliene deixou pronta. Por ele eu sentei ao lado dela, fingindo que via TV. Por ele eu voltei para o trabalho um dia depois. Eu sorri quando precisava. Eu falei quando deveria.

Adam havia ligado duas vezes. Eu não quis atender.

Jantar amanhã?... Amigos saem às vezes. :D

Desculpe, irei jantar com o Evan, enviei de volta.

Evan?

Sim. Amigos saem às vezes. :D

Bom jantar, então.

Não é preciso dizer que eu não fui jantar com o Evan. Eu poderia, mas não fui. Não faça com os outros o que não quer para você mesmo. Não é correto eu dar falsas esperanças a ele. Mas também não me senti mal em usá-lo como muleta. Desde que ele não saiba, tudo bem.

Não estava pronta para o que Adam tinha a dizer. O fim definitivo a essa relação. Eu sei o que aconteceria, eu me despedaçaria sob seus pés. Contaria sobre o bebê no pior momento. Seria uma briga acalorada. Eu não suportaria. Ainda estou quebrada por dentro.

Um dia de cada vez. Esse tem sido meu mantra, um dia de cada vez.

E foi assim que acabei aceitando o pedido de minha mãe, para que eu fosse para casa nesse Natal. Eu já não sabia que desculpas dar para declinar o convite da Jenny para passar o natal com eles. Odiaria ter que mentir para ela, fingindo que teria um natal feliz, quando passaria o dia em casa, comendo pipoca e vendo TV. Então agarrei-me ao convite da minha mãe.

Agora, encontro-me aqui, tentando criar coragem para tocar a campainha. Foram tantos meses longe. Tantos meses sem contato algum e sem nenhuma palavra de carinho, e, apesar de todas as nossas diferenças, eu gostaria de ter os meus pais comigo.

Reunindo-me de coragem, toco a campainha e aguardo nervosamente. Demorei muito a me decidir, e na última hora, optei por dar uma nova oportunidade aos meus pais. Carrego comigo apenas uma mochila com poucas peças de roupas e minha bolsa. Ainda não sei como será nosso reencontro, por isso preferi estar preparada para partir repentinamente, se for o caso.

— Oi, querida! — minha mãe abre a porta, sorridente, e em seguida me puxa para dentro — Entre, está muito frio aí fora. Por que não usou sua chave para entrar?

— Bem... — titubei, confusa com sua receptividade calorosa. Talvez não fosse tão ruim, talvez algo de bom aconteceria em minha vida, sei lá, para equilibrar as coisas — Essa já não é mais a minha casa.

Eu nem ao menos lembrei de pegar a chave que eu havia jogado em uma caixa com minhas lembranças. Não via mais a casa dos meus pais como o meu lar.

— Será sempre a sua casa — murmura mamãe, pegando minha mochila antes de subirmos a escada, rumo ao que tinha sido meu quarto por anos — É a nossa filha.

A filha que vocês ignoraram e praticamente expulsaram das suas vidas? É o que esteve na ponta da minha língua para dizer. Contudo, resolvo esquecer. Se estão dispostos a recomeçar, eu farei um esforço também, por meu filho. Afinal, são avós dele.

— Cadê o papai? — pergunto assim que entramos em meu pequeno quarto.

Ela coloca minha mochila em uma poltrona e senta em minha antiga cama. Parece realmente feliz em me ver, isso me leva a pensar que eu havia tomado a decisão certa em vir para casa nesse Natal.

— Está na igreja, preparando o sermão de amanhã — ela suspira e olha para as próprias mãos — Essa noite resolvemos que a ceia deve ser comemorada com as famílias. Então, seremos só nos três. Espero que não fique desapontada.

— Está perfeito para mim. Prefiro assim.

Com toda a certeza, todos ficariam curiosos com meu retorno. As duas senhoras que encontrei no caminho foram prova o suficiente de quão desastrosa a minha noite seria. Elas haviam perguntado sobre a minha vida em New York. Se o homem charmoso que me fez aquela linda declaração já havia colocado a aliança em meu dedo.

Curiosidade, falta de algum assunto picante para fofocar, qualquer que seja o motivo, trouxeram lembranças que eu luto bravamente para enterrar.

— Bem, mas você deve estar cansada. Guarde suas coisas, tome um banho se quiser, parece cansada. Estarei na cozinha, tenho que ficar de olhar no forno.

Pego uma camiseta confortável, a primeira peça de lingerie que vejo, e vou para o banheiro. Decidi que não vou tirar as roupas da mochila. Visto a mesma calça jeans com que cheguei, considerando que minhas opções são reduzidas.

Encontro minha mãe meia hora depois. Está terminando de preparar o purê de batatas. Ofereço ajuda, e juntas preparamos a salada de vagem, o cranberry sauce e o molho gravy. O peru já está pronto e enfeitando a mesa na sala. De sobremesa teremos ginger cookies, biscoitos de gengibre no formato de árvore de natal, e a famosa pumpkin pie, receita antiga da minha avó.

Mesmo os diversos aromas de comida causando um leve desconforto em meu estômago, meus lábios ficam ansiosos para prová-la. A ceia é simples, mas faz maravilhas aos meus olhos. Tenho vivido de crackers, sopas e comidas leves, e ter comida de verdade me anima profundamente.

Estamos rindo de uma travessura que fiz na infância, quando ouço a porta da frente bater. Imediatamente meu sorriso vai embora. Minha mãe parece tão tensa quanto eu.

— Stephanie, já cheguei.

Eu posso imaginar o que desenrola na sala, assim que ele entra. Primeiro papai irá tirar os sapatos e calçar o chinelo, que

estivera em um canto próximo à porta. Colocará o cachecol e casaco no gancho e a bíblia descansará em cima do balcão perto da escada. Tudo levava, no máximo, quarenta segundos. Mais quinze segundos para vir até a cozinha, cinco para notar minha presença.

Prendo minha respiração e cravo minhas unhas nas palmas das mãos. Mais alguns segundos intermináveis para alguém falar alguma coisa.

Tensão.

— Então você veio?

Simples assim, seco e direto. Não que eu esperasse uma corrida lenta e um abraço afetuoso como nos comerciais da TV. Mas essa recepção fria, de alguma maneira, doeu.

— Eu fui convidada — olho para minha mãe — Eu acho.

A pergunta muda, se eu havia sido convidada ou foi apenas uma tentativa de minha mãe em uma reaproximação, circulou por minha cabeça por um breve momento. Isso explica a reação surpresa do meu pai ao me ver?

— Certo... — papai pigarreia, chamando minha atenção de volta para ele — Eu vou me arrumar para a ceia, então.

Certo, não foi exatamente a resposta que eu esperava, mas também ele não havia me expulsado aos gritos, como cogitei a caminho daqui. Se essa é a forma dele virar a página, eu farei o possível para que não cause ainda mais desconforto para

nenhum de nós três.

Quatro, corrijo-me. Seremos quatro essa noite. Isso atenta que brevemente teria que dar a grande notícia, de que em alguns meses eles seriam avós. A verdade é que eu me sinto apreensiva, que mais uma pessoa que eu amo possa virar as costas a mim e ao bebê. Mas hoje é natal, talvez um milagre possa acontecer.

Duas horas depois, estamos à mesa. Meu pai concentrado em sua oração de agradecimento, minha mãe o acompanhando, soltando um sussurro e outro. Eu estou sendo tragada por lembranças, por um natal bem diferente do que estamos compartilhando hoje. Não há música embalando a casa, não há vozes de crianças correndo em torno de nós, não há nem mesmo o som da TV. Apenas o tic tac do relógio, a voz do meu pai falando suas últimas considerações e os meus suspiros.

Não consigo deixar de comparar o clima festivo e animado na casa do Adam, com essa apática reunião de família.

O que eles estariam fazendo agora? Assistindo à TV como no ano passado? E o Adam, estaria dançando com alguém? Savannah? Ou teria levado outra pessoa para comemorar com eles?

Eu não deveria estar me torturando com pensamentos como esse, mas é quase como uma força poderosa demais que me prende, arrasta-me para lembranças doces e, ao mesmo tempo, tão dolorosas.

Aproveito que meus pais ainda estão de olhos fechados e seco meu rosto com pressa. Respiro fundo e obrigo as lágrimas teimosas a voltarem de onde vieram.

— Amém — meus pais dizem juntos e eu imito-os logo em seguida.

A refeição não foi muito diferente. Manter a boca cheia foi a melhor opção. Normalmente passávamos o natal na igreja. Talvez tenha sido por isso que eu nunca tenha notado como era triste essa data para nós. Sem qualquer tipo de calor humano.

— Então, querida? — minha mãe inicia a conversa, assim que me serve um pedaço de torta — E o seu noivo? Não quis trazê-lo com você?

Noivo? Ergo o olhar do prato e encaro-a com surpresa. Não é possível que meus pais não saibam o que Maxwell aprontou com a família.

— Stephanie — o olhar do meu pai é rude e impaciente — Já discutimos isso.

— As pessoas me fazem perguntas — ela volta a me encarar — Afinal, aquele homem fez a declaração para toda a cidade, e a Harriet disse que...

Harriet, a ex-mulher ardilosa e intrometida do Max? Esse veneno só poderia ter vindo dela. E desde quando minha mãe vem tendo contato com Harriet?

— Está falando do Adam, suponho? — interrompo-a sem conseguir acreditar no que ela está dizendo.

— Não gostei muito dele, nem da forma que nos tratou...

Ela serve um pedaço de torta e entrega a papai com muita naturalidade. Estou confusa e perdida. Como é que Adam havia se tornado o assunto principal dessa noite?

— Mas ele demonstrou que realmente gosta de você. Dei-me conta, já que não há alternativa. E eu já sei que ele é de uma boa família tradicional e de respeito, um bom advogado, bem colocado na vida...

— Você quer dizer rico, mamãe? — retruco, amarga — De uma família cheia de dinheiro.

— Sei também que ele é um grande advogado, bem de vida...

— Foi por isso que me convidou?

Agarro a borda da mesa. Mesmo estando sentada, a sensação que tenho é de que estou caindo. Minha mãe nunca escondeu que o grande motivo de querer me ver casada com o filho dos Wade, era o seu passaporte para a alta sociedade. Agora ela havia transferido suas ambições para os Crighton?

Tenho vontade de rir. Sim, a família do Adam tem muito

dinheiro e prestígio, mas eles estão muito longe de ser o povo esnobe e metido a besta que minha mãe certamente imagina. Ao contrário dos Wade, e até mesmo nós, os Crighton são uma família unida e feliz.

Sinto pena do meu filho, pela família tão disfuncional que herdará de mim. E raiva de mim por ser tão burra e ingênua, principalmente em relação à minha mãe.

— Eu deveria ter imaginado — solto um riso irônico — Minha mãe interessada em mim? Infelizmente milagres não acontecem, não é? Lamento dizer que seu sonho em me ver bem casada está muito longe de se realizar. Adam e eu temos mais nada, se é que algum dia nós tivemos alguma coisa. Mas eu estou grávida. Vim exclusivamente para dizer isso. Lamento causar tanta decepção.

Foi como se eu tivesse jogado uma bomba em suas cabeças. Eu vejo o rosto dela desfigurar. Incredulidade, surpresa, e algo muito além de desapontamento. Não consigo encarar o meu pai. Mas pela forma que a cadeira tomba para trás, causando um ruído ensurdecedor na sala silenciosa, eu sei que não é com entusiasmo e alegria que ele havia digerido o que acabei de dizer.

Sem dizer qualquer palavra, observo meu pai se levantar e sair, ficando apenas eu e minha mãe, e um grande silêncio e tensão pairando sobre nós.

— Grávida?

Aceno com a cabeça. Seco meu rosto, as lágrimas teimam em descer, incontrolláveis, marcando minha pele em misto de dor, vergonha e ressentimento.

— Eu pensei que você não podia nos envergonhar ainda mais. Eu estive errada. Depois de tudo o que ensinamos a você, sobre o que é certo e errado. Seu pai tinha razão, aquela cidade a transformou em uma...

A palavra não dita doeu tanto quanto a intenção por trás dela. Eu não sou a pessoa que ela julga que eu seja. Meu único, e talvez grande erro, tenha sido amar demais.

— Suponho que aquele jovem não seja o pai? Foi por isso que ele deixou você?

Raiva, desilusão, decepção, tomam o lugar da tristeza em meu peito.

— É, não é dele.

— Não pode contar isso ao seu pai, seria demais para ele — o olhar cheio de acusações nem chega perto da dor que seu julgamento sobre mim me provoca — Nós ainda podemos dar um jeito nessa situação.

— Não vou abortar!

Por que todas as pessoas que tomam conhecimento sobre minha gravidez acreditam que me livrar do meu filho, como se fosse uma coisa, seria a solução para os meus problemas?

Ele pode ter vindo em um momento errado, de forma precipitada, e até mesmo virando o meu mundo de cabeça para baixo. Mas é a única parcela de felicidade em minha vida. Por ele, tenho me mantido viva.

— Não disse que fizesse isso — ela parece, de certa forma, ultrajada — Mas há um casal na igreja que não pode ter filhos e deseja muito adotar uma criança.

— Está sugerindo que eu dê o meu filho?

A sensação que eu tenho é a mesma de quando acordei no hospital quando fui atropelada: choque, confusão mental; é como se tivesse me chocado contra um muro de concreto.

— O que fará naquela cidade com um bebê? E sem pai? Porque eu duvido que o pai dessa criança esteja interessado. E você não parece nem capaz de cuidar de você mesma. Não me olha assim, sabe que é o melhor. Crianças precisam de uma família, um lar...

— Que não depende de se ter um pai e uma mãe. Eu nunca tive um lar de verdade. Meu filho poderá ter só a mim, mas ele sempre saberá que eu o amo. Eu nunca o machucarei dessa forma.

Eu desabo literalmente. Mal consigo enxergá-la. Nem pelos meus olhos, nem pelo meu coração.

Levanto e corro para o meu quarto, jogo todos os poucos objetos que havia deixado na cama de volta à mochila. Ouça a

voz da minha mãe, seguida da voz impaciente do meu pai. Tapo os ouvidos e deixo minha desilusão molhar o meu rosto.

— Aonde você vai? — é a voz do meu pai me chamando.

Ignoro-o e desço as escadas. Nem tenho mais energia para enfrentar o que ele tem a dizer.

— Para um hotel — murmuro antes de abrir a porta, a lâmina em meu coração cortou o último laço entre nós — Acho que essa é a última vez que nos vemos. Eu lamento. Ainda te amo muito, papai, mas eu não posso mais viver assim.

Há um limite de sofrimento que uma pessoa é capaz de absorver. Eu já havia tido muitos, mais do que qualquer pessoa suportaria uma vida inteira.

Capítulo 29

Adam

Uma garrafa de Jack, dois cubos de gelo, e uma fúria incontrolável rasgando por minha garganta, queimando muito mais forte que o malte envelhecido.

Irei jantar com o Evan.

Amigos saem às vezes.

Olho pateticamente para a tela do celular, conferindo a mensagem pela centésima vez, lendo e relendo. Oscilando entre a ficar em casa, permitindo que o velho Jack fizesse companhia a mim, ou deixar que a raiva e ciúmes me guiem até ela.

O Jack venceu.

Minhas quantidades de estupidez atingiram o limite máximo. Se Penelope prefere passar a noite ao lado de Parker, era uma escolha dela. Não posso condená-la por isso. Eu a guiei nessa direção. Praticamente jogando-a nos braços do Evan.

Eu sei que ela havia entendido tudo errado em relação ao que ouviu na festa, sobre o meu passado. O desapontamento era visível em seus olhos quando pedi que ela procurasse Liam. A ideia inicial era que ele levasse a mulher chorosa em meus braços. Eu pretendia explicar tudo se ela tivesse me dado a chance. Que o que ela ouviu era muito diferente da realidade distorcida que Charles, levado pelo orgulho ferido e ciúmes, havia despejado sobre nós.

Fiquei irritado quando a procurei pela festa e descobri que tinha ido embora. Frustrado, para dizer a verdade. Ainda me

sinto assim, totalmente impotente. Eu nunca sei o que fazer, o que devo dizer, qual passo dar em relação a ela. Todas as minhas tentativas sempre falham.

Eu tentei proteger. Tentei ser sincero, depois de tudo o que eu havia feito. Tentei ser seu amigo. Esse último realmente não dará certo, não funciona. Há sentimentos demais, desejo demais, amor demais.

Entretanto, minha conversa com Neil havia me aberto os olhos. Se eu a quero de volta, preciso lutar por isso. Parker teria a tão sonhada chance, como tantas vezes eu tive e desperdicei. Mas se ele falhasse, eu iria com tudo, como um trator.

Eu tenho a festa de Ano Novo na DET ao meu favor. Parker poderia ter uma ou duas vantagens sobre mim agora, mas eu tenho lembranças. Dezenas delas. Passamos por momentos difíceis, mas não existe casal que funcione melhor que nós dois.

Eu só preciso encontrar uma forma que ela enxergue isso. O relógio corre, e eu tenho a sensação que a minha vida está paralisada.

Caminho pela festa, a música não é nada mais do que um

zumbido estranho em meus ouvidos. E as pessoas são apenas borões em torno de mim. Uma ou outra, uma pessoa me cumprimenta. Respondo automaticamente e continuo minha busca.

Vejo Neil e Jenny em sua mesa. Ela acena para mim, respondo ao convite para que me una a eles com um sinal que faria isso depois.

Não demoro muito a encontrá-la. Penelope está em pé ao lado da mesa, rindo de algo que uma amiga do trabalho diz a ela. Eu sei, nesse breve momento, que isso é o que senti falta durante os dias que estivemos longe. O brilho do seu sorriso. Como ela parece ainda mais linda do que é.

E como se notasse minha presença, seus olhos encontram os meus. O sorriso dissolve, morre com ele a alegria que antes estivera em seu rosto. O brilho é substituído por um olhar carregado de angústia.

Meus lábios tremem, minhas mãos, minhas pernas, todo meu ser treme diante dela.

— Podemos conversar?

Uma pequena mulher, mas que tem tanto poder sobre mim. Um poder que ela ao menos imagina possuir.

— Não temos mais nada a dizer.

— Isso é o que você pensa!

Agarro-a pelo braço e guio-a para um canto mais distante da música e de olhares curiosos.

— Ouvi sua conversa com Neil ao telefone — ela briga para fugir das minhas mãos, mas mantenho-a firme — Foi o suficiente!

— Você ouviu tudo o que eu disse? Cada palavra?

Eu estou gritando, não por causa da música, nem porque eu esteja irritado como deveria, mas sim porque é um pedido desesperado para que ela ouça a voz do próprio coração. Se não o dela, o meu.

— E não se importa com nada?

— Por que eu deveria me importar? Não quero mais....

Seus olhos fogem dos meus. Eu vejo carga de sofrimento em seu olhar.

— Não quero mais isso, Adam. Que me deem tão pouco. Que tirem demais. Estou cansada de deixar que as pessoas me firam como você faz!

— E o que acha que está fazendo comigo? Eu não escolhi isso. Eu não escolhi te amar, mas...

Esfrego meu rosto, tentando manter a calma. Eu não havia escolhido me apaixonar por ela. Simplesmente foi inevitável.

— O que disse ao Neil aquele dia, sobre mim? Sobre filhos? Era verdade? Ainda pensa da mesma maneira? Nada mudou?

— Sim, eu fui honesto, em cada palavra que eu disse a ele.

Mais do que sincero, eu desnudei minha alma. Como ela pode ser imune a isso? Tudo o que vivemos não pode ter ido embora. Será que me conhece tão pouco assim? Não está evidente em meus olhos a profundidade dos meus sentimentos por ela?

— As coisas ficaram muito claras agora. Por favor, me deixa sozinha.

Minha confusão e estarrecimento são tão evidentes quanto a imagem de dor em seu rosto. Eu queria poder ter o poder de desvendar o que passa em sua mente e coração. Sei que fiz muitas coisas erradas, mas eu posso me redimir se ela deixar.

— Eu sei que deveria ter sido honesto antes. Desculpe, eu...

Seguro seu ombro, mas ela se esquivava, como se minhas mãos tivessem o poder de queimá-la ou feri-la de alguma forma. Afasto-me, magoado.

— Se um dia me amou, nem que seja um pouco...

— Eu amei — meu descontrole já está na superfície — Eu ainda...

— Então nos deixe em paz. Chegamos a um ponto onde apenas ferimos um ao outro. E nós dois não somos as únicas pessoas que importam.

Há lágrimas em seu rosto, muitas delas. Há uma grossa camada em meus próprios olhos.

Não somos as únicas pessoas que importam.

Então Evan havia conseguido mesmo a sua chance com ela. Eu a tinha perdido, como no fundo eu sabia que iria acontecer. Por que o melhor em mim é afastar quem eu amo. É um ciclo vicioso que nunca termina, por mais que eu tente mudar.

— Eu disse que nunca mais iria tirar seu direito de escolha. Acho que acabou, afinal.

Eu havia perdido a batalha. Uma batalha que apenas eu tinha acreditado que eu podia vencer. Afasto-me, ela se abraça, protegendo-se da dor, enquanto um imenso buraco vai abrindo meu peito. As minhas escolhas erradas tiram de mim o que de melhor aconteceu em minha vida. As delas destruíram nós dois.

Quando a vi pela primeira vez, nesse mesmo local, em uma noite parecida com esta, soube naquele minuto que essa mulher seria minha ruína. Eu não tinha ideia, na época, do quanto eu estaria certo.

Não houve despedida ou um abraço apertado, um sorriso amigável, ou desejos de boa sorte. Apenas cada um seguindo seu caminho. Cada vez mais longe.

Havíamos chegado ao fim, onde começamos.

Fim.

Três letras, uma sílaba, uma simples palavra, mas que possuía um significado enorme. O fim é quando algo acaba. Mas eu sinto que, para mim, esse era o começo de algo muito doloroso e sem fim.

Os fogos me recebem assim que alcanço a rua. Milhares de fogos brilhando no céu. Faíscas muito diferentes explodem em mim. Ao contrário das luzes no céu, que se multiplicam, as minhas se apagam uma a uma.

Joguei a mala em cima da cama com fúria. Sem prestar muita atenção no que eu fazia, apenas despejando minhas roupas dentro dela. Não via se era roupas de calor ou de frio. Sociais ou esportivas. Eu só precisava fazer alguma coisa. Fazer as malas pareceu bom. Eu nem tinha ideia para aonde ir. Apenas sabia que precisava ir embora.

Joguei a última peça de roupa na mala. Eu também não havia calculado a quantidade que eu havia colocado lá dentro dela. Apenas fui colocando, e assim como está a minha vida, parecia um emaranhado bagunçado e sem sentido algum. Sentei sobre ela. Eu poderia usar a segunda mala, mas eu queria aquela. Eu queria aquela maldita mala onde não cabia mais nada. É como se essa mala representasse fielmente a minha vida. Não cabe mais nada dentro dela.

Amaldiçoei umas dez vezes antes de ter que me render e tirar algumas peças. Uma camiseta de uma banda de rock que ela gostava, e que claramente ficava melhor nela do que em mim.

Ainda tem o cheiro dela.

Eu preciso da maldita camiseta. Como eu preciso da calça que usei no dia que viajamos para Edgartown e eu me declarei a ela. Outra camisa que me faz lembrar os olhos dela. O perfume que havia passado a usar frequentemente, porque era seu preferido também, precisa ir para a mala. Um amontoado de coisas indispensáveis e que não cabiam em um espaço tão minúsculo.

Como o peso em meu peito. Grande demais, forte demais, intenso demais para eu carregar.

Solucei, tentei refrear o choro. Eu não fui capaz. Homens não devem chorar.

Não sou um homem de verdade. Homens não choram, porque homens de verdade não falham como eu falhei.

Sou apenas um nada. Nada, é o que a minha vida passou a ser.

Um nada, triste e vazio. Eu tinha esquecido como era estar ali.

Agora dói muito mais do que antes. Antes eu não conhecia a beleza da vida.

Foi assim que eu deixei o quarto. E em cima da cama, dezenas de coisas indispensáveis e que eu não poderia carregar comigo. E tantas outras carregando em meu peito.

Algumas bagagens você carrega com você, não importa para onde se vai.

Capítulo 30

Penelope

Mais um dia, mais um dia...

Eu retornei da casa dos meus pais achando que eu estava mais forte. Quebrada, mas, mais forte. Eu consegui pegar todos os pedaços estilhaçados e ligá-los de volta. Da mesma forma que ainda havia cicatrizes abertas, pulsando em meu peito, eu via uma pequena chama de coragem flamejando dentro de mim, dizendo que eu era forte o bastante para continuar.

Ser forte. É tão difícil ser forte quando tudo está contra você. Quando só há lutas e inúmeras batalhas. E eu sinto que nunca venço nenhuma delas. Hoje eu havia perdido mais uma. Talvez a maior de toda a minha vida. Mas mesmo que essa batalha me soe completamente perdida, mesmo que eu me sinta no chão, vencida, ainda há uma esperança.

Todas as lágrimas que verti hoje serão transformadas em amor. Porque eu ainda sou capaz de amar.

— Penelope?

A voz da Jenny, seguida da batida na porta, pedem minha atenção. Dou-me conta de onde estou e do tempo que estive aqui, sufocando minha dor e tristeza. No banheiro, na festa da empresa, sozinha.

— Penelope? Sei que está aí, se não abrir, eu vou pedir que o Neil entre aqui e arrombe essa porta.

Eu sei que ela seria capaz disso. Não quero um escândalo,

não quero chamar mais atenção sobre mim, e não quero ver o Adam agora. Ainda tento digerir tudo o que ele disse. Uso todas as minhas forças, e que não é muita, para continuar em pé.

Respiro fundo algumas vezes e abro a porta. Encontro o olhar gentil da Jenny. Na verdade, um olhar compadecido. Não quero a piedade dela e nem a de ninguém.

Nós deveríamos estar trocando confidências sobre a gravidez. Falar sobre o quanto isso é especial, e como a espera de finalmente ter nosso precioso milagre nos braços nos faz feliz.

Mas não será assim, não hoje, não nos próximos meses. Jenny tem ao seu lado o homem que ela ama. Que deseja e sonha com seu bebê tanto ou mais do que ela. E pela forma que Neil é com a Anne, não há dúvidas de que ele será um pai incrível para esse bebê.

Também entendo que não deveria soar tão invejosa, mas é impossível olhá-la e não fazer a comparação. Mais difícil ainda é isso não me machucar.

— Você está bem?

— Eu vou ficar — tento sufocar as emoções em minha voz, mas sinto que não tive muito sucesso — Não se preocupe.

Sigo em direção à porta, decidida a voltar para a festa, mas ela me impede, segurando meu braço.

— Você contou para o Adam? Contou sobre o bebê?

— Não sei do que está falando — balanço a cabeça, evitando que novas lágrimas caiam dos meus olhos.

É claro que não tinha conseguido enganá-la com a história pífia do shampoo. Eu só queria ter um pouco mais de paz e sossego, pelo menos até saber exatamente o que fazer da minha vida.

— Você pode mentir o quanto quiser.... A menos que pretenda tirar esse bebê, não é algo que consiga esconder por muito tempo.

Por que as pessoas parecem me conhecer tão pouco?

Esse filho é o que me mantém viva. Entrelaçado ao único fio de esperança de um dia voltar a sorrir.

— Eu jamais faria isso! — no momento em que fiz tal negação, eu soube que havia me denunciado. Embora não adiantasse tentar negar o óbvio

— Jenny, não conte a ele.

Ela suspira e me olha com reprovação.

— Não vou fazer isso. É algo que só diz respeito a vocês dois. Mas o Adam tem o direito de saber, Penelope.

Sei que ela está certa, mas não suportaria, como não posso deixar que meu bebê cresça com a indiferença do próprio pai. Eu caminhei por essa estrada solitária por longos anos. Só quem já sentiu o peso do desprezo e da indiferença sabe o quanto dói.

— Eu vou contar.

Minha voz soa vacilante, até mesmo para mim. Eu vou contar, afirmo a mim mesma. Quando eu estiver pronta.

— Eu espero que sim. Um pai tem o direito de saber sobre seu filho, pense nisso.

— Eu sei.

Mesmo correndo o risco de ter novamente meu coração esmagado, esse é um direito que não posso roubar dele.

— Vamos voltar para a festa?

— Estou um pouco cansada — dou um sorriso de quem pede desculpas — Se não se importa, eu vou para casa.

— Vou pedir que o motorista a leve.

— Não é preciso. Eu vou de táxi.

Enquanto eu penso em algo plausível para declinar a oferta, Juliene surge e me arrasta em direção à saída. Mesmo agradecida pela interrupção, não consigo evitar em ficar apreensiva do que a tenha feito sair fugida daquele jeito.

— Não devia terminar o seu turno?

Conseguí esse trabalho para ela, pois ela tinha perdido o anterior, quando foi se encontrar comigo, assim que sai da casa dos meus pais. Não havia mais ninguém a quem pudesse procurar ou que eu quisesse ao meu lado naquele momento. Eu precisava muito de alguém que me desse a sensação de porto

seguro.

— Não vão me pagar de qualquer forma. Não depois do que eu fiz. Eu nunca imaginei que ele estivesse aqui hoje. Mas eu deveria imaginar — ela esconde o rosto nas mãos ao entrarmos no táxi e começa o monólogo que só ela entende — Ele esteve na despedida de solteiro, claro que essa era uma grande possibilidade. E olha ele, é tão... tão, tão... Hah! Eu não consigo definir. Com ele, simplesmente perco o controle. Já se sentiu assim? Ah, claro que já sentiu. Eu só não quero ter um coração partido também.

Essa é uma história que eu gostaria de saber. Quando você está focada nos próprios problemas, notar os dos outros não é sua prioridade. Juliene não me contou nada sobre aquele dia com Liam, e eu também não me interessei. Seria ele o mesmo homem que parece tirar sua calma? Eu fervorosamente desejo que não.

Merda, estou me tornando uma cretina egoísta que só pensa em si mesma.

— Quer conversar sobre isso? — pergunto, tocando seu ombro com gentileza.

— Eu não quero. Não hoje — ela suspira — Eu vi que conversava com Adam. Pelo seu olhar, vejo que não terminou bem.

— Apenas terminou — é tudo que consigo dizer, com um sorriso fraco, ao segurar suas mãos — Mas eu estou bem. Nós

vamos ficar bem.

Ela não insistiu no assunto, o que me deixou grata. Tinha seus próprios dilemas a resolver. E eu, por enquanto, prefiro não pensar nos meus.

Acordo suando frio e uma forte contração em meu ventre. Por alguns segundos, não consigo fazer nada além de me manter quieta na cama. Com a esperança de que se não me movesse e pedisse com todas as forças que fosse apenas um pesadelo, eu acordaria desse sonho cruel.

Mas novas contrações sacodem meu corpo, obrigando-me a agir.

Não. Por favor, não. Por favor, não.

Afasto as cobertas com certa dificuldade, para constatar a pequena mancha no lençol, em minha camisola, agora em minhas mãos. Com minhas pernas tão vacilantes como as batidas do meu coração, eu me arrasto até o quarto ao lado em busca de ajuda.

— Juliene? —sacudo-a forte. O mesmo desespero em minha voz corre livremente pela minha circulação sanguínea — Juliene,

acorda.

— Penny? — ela me encara confusa, o desespero em meu rosto e minha fala desconexas a fazem despertar de vez.

— Sangue! — mostro meus dedos trêmulos, manchados pelo líquido escarlate — Acho que eu perdi meu bebê. Eu perdi meu bebê.

Enquanto ela me conduz, o choro compulsivo dá vazão à grande tristeza em meu peito. Eu consigo ver a garotinha dentro de mim, encolhida em um canto, fugindo da dor. Havia ido embora meu único motivo de voltar a sorrir. Minha única lembrança de um amor perdido.

— Nós vamos para o hospital. Fique calma.

Nas horas que seguiram, eu acompanhei tudo vagorosamente, de forma automática. Juliene ajudou-me a trocar de roupa e a entrar no táxi que nos levou até o hospital. Respondi as perguntas que me eram feitas quando cheguei lá. Senti a picada no braço, a cama macia ao me deitar nela, ouvi as vozes apaziguadoras, depois a escuridão.

Eu tive novamente aquele sonho. O balanço, a criança brincando no parque. Eu ainda não consigo ver o rosto. Mas o sorriso é tão contagiante. Ele me acalma, me dá esperança. Enche meu peito de amor. Tão doce como surgiu, e sob uma nuvem de fumaça densa e escura, o sonho começa a ir embora, levando meu pequeno com ele.

— Não!

A voz carinhosa e a mão gentil em meu rosto dão o golpe final, puxando-me de volta, cada vez mais longe desse sonho bom.

— Penelope?

Abro meus olhos, a luz forte faz com que eu pisque algumas vezes. Reconheço Juliene, o local. Ao lado dela, uma mulher com olhar gentil e sorriso doce — minha médica.

— Está tudo sob controle — ela me tranquiliza — Não perdeu seu bebê.

— Mas...

O sangue. Ainda posso senti-lo queimando em minha mão. As lágrimas, grossas, pesadas, agudas, rolam dos meus olhos livremente.

Alívio e felicidade permutando a surpresa que a notícia me traz. Eu não o perdi. Meu pequeno foco de luz continua aceso dentro de mim, brilhando. Aquecendo meu coração e alma. Meu pequeno milagre. Minha salvação.

— Mas requer cuidados, Penelope — continua a médica quando volto a olhar para ela — Acredito que anda em um constante estado de tensão.

Não nego. Ela encara Juliene rapidamente, e me pergunto o que minha prima pode ter falado a ela. Teria dito que Adam não

deseja o filho, ou que meus pais não haviam reagido bem à minha gravidez?

Freio a pontada em meu peito assim que ela ameaça surgir.

— Eu vou perder o meu filho?

— Os três primeiros meses são os mais delicados. Os riscos de aborto são maiores. Além disso, sua pressão arterial anda um pouco alta, e isso é bem precoce, normalmente esses sintomas surgem mais para frente. Também encontramos uma alteração no seu sangue, que ainda não conseguimos identificar o que é. Teve sorte dessa vez, mas se tiver outro sangramento como esse...

Ela não conclui a frase, mas algo dentro de mim se despedaça. Sorte é uma palavra que não tem ficado muito tempo em meu vocabulário, sequer em minha vida.

— O que eu tenho que fazer, doutora? — perder esse bebê, sem sombra de dúvidas, me destruiria.

— Eu vou cortar alguns alimentos por causa da hipertensão e receitar uma nova medicação para controlar a pressão. E terá que tirar uma licença do trabalho.

— Deixar o meu emprego? Já?

Eu já havia decidido sair da DET em dois ou três meses de qualquer forma. Mas contava com o salário extra que reservaria para pagar a maternidade e iniciar o enxoval do bebê, sem ter de precisar mexer na pequena economia que eu havia feito no último ano.

— Eu vou ser bem objetiva com você, Penelope. Tem que escolher entre seu emprego e essa criança. Não pode ficar com os dois. Se tiver outro risco de aborto, ele não irá resistir — ela aperta levemente minha mão, confortando-me — Evite situações de stress enquanto isso. Se tiver alguém que possa cuidar de você nos meses que segue, é o ideal. Seus pais, talvez.

Meus pais? Eles não se importam comigo.

— Descanse o máximo que puder. Assim que tivermos algum resultado do exame de sangue, comunicarei a você. Vou deixá-la em observação por mais um dia, e pode ir para casa depois.

— Não quero que nada de ruim aconteça ao meu filho — murmuro com a voz falha — Farei o que for preciso.

Eu não choro como tenho vontade. Sei que todas as minhas emoções afetam o bebê. Então eu me obrigo a permanecer calma.

— Penelope? — a voz apreensiva de Juliene me faz desviar os olhos da janela, onde estive perdida no tempo — Eu fiz algo que talvez não venha a gostar.

— O quê?

— Procurei o Adam — ela se aproxima da cama, torcendo as mãos — Eu sei que não deveria ter feito isso sem te consultar, mas eu estava aflita.

— O que ele disse?

Há tanta esperança em minha voz, como há em meu coração.

É inevitável.

— Nada. Bem, eu deixei algumas mensagens na secretária eletrônica. Como não tive nenhuma resposta, eu desisti. Sinto muito.

— Tudo bem, Juliene — estendo minhas mãos para ela — Não estou brava com você. Nós ficaremos bem.

— Desculpe.

E fui eu a ter que acalmar uma Juliene desconsolada.

Ao contrário dos meus pais, minha tia Lola, seu novo futuro marido e meus primos valentões, eles não ficaram chocados ou desapontados comigo quando eu disse sobre o bebê e o risco que eu tinha corrido.

Então, depois de afirmar que nós dois estamos bem, de ter pedido uma licença no trabalho, eu passarei um tempo com minha tia, enquanto ela cuida dos preparativos para o seu casamento em algumas semanas.

— Você vai para o casamento, não é, Juliene?

Ela fecha minha mala, evitando assim olhar para mim.

— Eu disse que vou pensar.

— Juliene, é o seu pai. Tia Lola. Pessoas que te amam. Lembra?

Observo seu queixo tremer. Eu sei que, no fundo, ela sofre com esse distanciamento. Ela nega que não, mas sei que o que sente é ciúmes.

— Eu tenho que ir para a minha entrevista de emprego — desconversa ao levar a mala para a sala — Que horas que o Dallas disse que chegaria?

Olho para a mensagem em meu celular mais uma vez.

— Disse que em quinze minutos ele estaria aqui. Já deve estar chegando.

— Ótimo, então eu vou indo. Não quero encontrá-lo.

Meu olhar falou mais que meus lábios poderiam dizer. Mas Juliene é cabeça dura demais para admitir que sente, sim, falta do pai e dos irmãos.

— Vejo você em breve — abraço-a outra vez — Lembra do que pedi a você?

— Está aqui na minha bolsa. Farei isso ainda hoje.

— Obrigada.

Sempre tivemos uma ligação muito forte, e que agora havia se intensificado mais.

— Cuida do meu bebezinho — ela toca meu ventre, que imperceptivelmente começa a dar evidências.

Enquanto espero Dallas chegar, vou para a cozinhar preparar um chá.

Ando pelo apartamento, guardando cada detalhe.

Eu fui feliz aqui. Sorrio chorosa. Muito feliz, na verdade. Aqui eu me entreguei ao homem que eu amo. Descobri o amor. E tivemos momentos que sempre estarão nas partes mais doces da minha memória.

O apito da chaleira me traz de volta, ao mesmo tempo que a campainha toca. Atendo primeiro a chaleira e depois a porta.

Secretamente, desejei que parado do outro lado fosse o Adam, com o seu sorriso lindo, pedindo que eu não fosse.

— Oi, querida.

E, diante de mim ao abrir a porta, encontro um sorriso igualmente arrasador, mas não é o dele.

— Oi, Dallas.

O abraço de urso que recebo me tira do chão e o ar, ao me girar algumas vezes.

— Está pronta?

Ele ajeita o chapéu de cowboy que tem grande orgulho em usar.

Diante de mim, um modelo perfeito de um lindo e sensual fazendeiro do Texas, exalando uma sensualidade e masculinidade impossíveis de ignorar.

— Estou, sim.

Ele olha em volta. Eu sei quem ele procura. Sinto pesar.

— Juliene foi em uma entrevista de emprego.

— Certo.

Enquanto ele pega as duas malas como se pesassem uma pena, aproveito para olhar o apartamento mais uma vez antes de acompanhá-lo.

Espero que Juliene tenha mais sucesso dessa vez, do que quando fez sua primeira tentativa no hospital, e entregue a carta que escrevi a ele.

Não sei se já voltou de viagem. Havia retornado apenas para o casamento da Jenny e do Neil, mas retornado no mesmo dia para onde estive.

Quando tranco a porta, a sensação de que tenho é de que o chá, que mantive intacto no fogão, não é a única coisa que estou deixando para trás. Algo muito mais importante havia ficado: parte do meu coração. Talvez eu nunca mais a tenha de volta.

Mas mesmo que pareça errado, e como disse na carta que

enviei, eu estarei esperando.

Nós dois estaremos.

Parte

II

Capítulo 31

Penelope

As semanas passaram depressa. Eu completei o primeiro trimestre de gestação sem grandes sustos. Os enjoos continuaram, potentes. Eu costumo dizer que essa é a forma do bebê dizer “*Eu estou aqui, mamãe*”; como se meus seios assustadoramente maiores e doloridos não fossem um lembrete suficiente. Ou talvez ele seja bem mais parecido com o pai do que eu suponho.

Eu havia saído oficialmente do meu trabalho. Dallas me levou de volta a New York, já que estava proibida de pegar voo. Sobre Adam, eu não o vi, mas sei que Juliene havia entregado a carta que eu pedi, não entrei em detalhes.

O senhor Durant, apesar de desapontado, aceitou gentilmente meu pedido de demissão. De qualquer forma, ele irá morar na França com Jenny e a pequena Anne, então não me senti tão em dívida com ele, como estivera nos dias que precederam a viagem. Ele me deu um generoso bônus pelo tempo que trabalhamos juntos, o que me deixou extremamente no céu. Eu posso fazer o enxoval do bebê sem peso na consciência, e quando eu digo fazer o enxoval, é comprar tudo o que meus olhos podem ver e que meu filho merece. Havia começado com algumas coisas básicas e unissex; macacões, sapatinhos, luvinhas, e uma manta linda, artesanal, e toda bordada a mão. Daqui a algumas semanas, eu finalmente saberei o sexo, embora eu tenha total certeza que é um menino.

O fato de não ter que me preocupar onde irei viver, de certa

forma, é algo que me conforta. Eu insisti em contribuir com as despesas na fazenda, mas sempre que eu faço alguma contribuição, milagrosamente, dezenas de coisas para o bebê surgem em minha cama.

Cogitei a possibilidade de morar em alguma casa pequena nos arredores da fazenda, mas de forma alguma tia Lola e tio Raul permitiriam que eu ficasse sozinha. Além disso, eu sou tão mimada por eles todos os dias, pelos meus primos, que é muito difícil me imaginar em algum lugar que não seja aqui. Principalmente depois que o meu novo médico, o Dr. Ritter, havia reforçado as instruções da minha antiga obstetra, sobre os cuidados com minha gravidez. Sobre o exame de sangue, nada foi encontrado, mas os riscos continuam os mesmos.

Riscos. Odeio essa palavra. Risco de não levar a gestação até o fim. Riscos de acabar tendo que passar os meses seguintes no hospital. Risco de ter complicações no parto. Risco é uma palavra que definitivamente eu quero riscar do meu dicionário. Eu prefiro pensar em felicidade, esperança, fé. Esperança de que o pequeno cresça seguro e forte dentro de mim. Felicidade em ver como o tempo corre e logo eu poderei tê-lo em meus braços. E fé que nada de mal irá acontecer. São palavras tão mais bonitas. E eu havia aprendido que “felicidade”, apesar de quase sempre ser momentânea, está sempre comigo. E que existem inúmeras formas de ser feliz.

Claro que eu sofro por Adam, eu ainda choro por ele, e às

vezes, no meio da noite, eu chamo por ele também. Mas então eu me lembro de todos os motivos do mundo que eu tenho para ser feliz. Aí eu sufoco essa dor aguda, e que parece me sufocar às vezes em um lado bem profundo em meu peito.

Eu digo a mim mesma que felicidade e infelicidade são dois bichinhos famintos eu meu peito, e que eu só preciso escolher a quem eu quero alimentar mais. No momento, as coisas andam meio equilibradas. Talvez eu goste um pouco mais da que me causa dor.

Mas hoje é dia de felicidade, e resolvi que não irei pensar em nada triste, pelo menos até descansar meu corpo em minha cama.

— Um pouco para o lado, Austin. Isso aí, em cima — solto as instruções finais a ele, voltando ao meu foco, que é a decoração da festa.

Dou dois passos para o lado e admiro a trança de flores enfeitando o topo da grande entrada do celeiro. Os rapazes haviam feito um bom trabalho, removendo todo o feno e limpado o lugar. A decoração delicada havia transformado o ambiente em um lindo salão para festa. Nenhum deles cogitou a possibilidade de alugar algum salão mais elegante na cidade. Eles amam essa fazendo, como se cada parte dela estivesse enraizada em seus corações.

— Você tem talento para isso, pequena Penny — Clyde se aproxima e abraça meu ombro ao me conduzir até uma das

cadeiras rústicas, espalhadas pelo salão improvisado dentro do celeiro. Não importa o quanto eu diga que daqui a alguns meses eu estarei enorme. Eu continuo sendo a pequena Penny para ele. Agora eu entendo o que a Juliene dizia sobre proteção excessiva. Eu havia passado a ser o bibelô da fazenda, sem qualquer possibilidade de retrucar.

— Mas acho que chega por hoje, está cansada — ele me senta em uma das cadeiras como se eu fosse uma criança indefesa

— Eu gosto de festas, e eu não estou cansada — murmuro rindo — As de casamento são minhas preferidas.

Não sei se estou sorrindo porque eu realmente gosto de festas, ou se rio da sua preocupação excessiva comigo.

Olho em volta. As toalhas florais cobrindo as mesas, os arranjos de laranjeiras enfeitando-as, as pétalas cobrindo o chão, tudo parece muito simples, mas dão um clima romântico e acolhedor.

Mais do que gostar de festas, eu aprecio as festas que fazem aqueles que eu amo felizes.

— Acha que Juliene virá? — Clyde senta ao meu lado — Você teve notícias dela?

Encaro o homem de cabelos castanhos e olhar tão doce como chocolate. Clyde é o verdadeiro homem do campo, como ele costuma dizer, com seus impressionantes 1,88m e 90 quilos bem

distribuídos em massa e músculos definidos. O trabalho árduo com o gado e os hectares de terra para cuidar, deram a ele um bronzado tão bom quanto o de um surfista da Califórnia, e o corpo definido, que ele adora exibir sem camisa quando está trabalhando na fazenda, fazem qualquer frequentador de academia sentir inveja. Ele é lindo, devo dizer, não aquela beleza angelical de cegar os olhos, mas dificilmente alguma mulher conseguiria passar por ele sem olhar duas vezes. Mas o que mais chama atenção é a pequena falha no queixo quadrado, que faz com que pareça um menino levado, sempre que ele sorri.

— Trocamos algumas mensagens — não quero dar falsa esperanças a ele — Talvez ela venha, mas conhece Juliene melhor do que eu.

— Sinto a falta dela. Não é a mesma coisa sem ela aqui. Não consigo provocar Dallas tão bem quanto ela — ele sorri, comprovando meu último pensamento — Dallas está muito irritado com a teimosia dela. E quando ele fica irritado...

Ninguém é melhor para substituir o meu tio como xerife da cidade do que seu filho mais velho, Dallas. Ele é marrento, pulso firme e ama o que faz. Assim como Clyde, bonito de fazer molhar as calcinhas, como dizia Aline. Olhos azuis, como os da mãe, cabelos castanhos como o pai. É dois dedos mais alto que Clyde, e corpo tão bem definido quanto o irmão. Ele não tem a falha no queixo, mas tem as mãos grandes. E é o terror da cidade, de acordo com Clyde. Certa noite, tio Raul disse, à mesa do jantar,

que uma garota maluca por ele havia roubado uma loja de roupas, apenas para passar algumas horas com ele. Dallas havia garantido que não era bem assim a história, mas a forma que seu rosto ficou enrubescido, disse-me que havia muito mais nessa história do que ele quis revelar.

— Vou dar uma olhada se Lola e Paula precisam de ajuda lá dentro. Quer alguma coisa?

— Cerveja bem gelada, mas deixa que eu pego — diz ele, apontando as costas para mim — Sobe nas minhas costas. Eu carrego você.

— Está maluco? São apenas alguns metros até a casa.

— O médico disse nada de esforço físico — ele coça a cabeça abaixo do chapéu.

— Andar é uma capacidade humana, Clyde. Não é como se eu fosse correr uma maratona.

Por falta de uma pessoa para me acompanhar à última consulta médica, eu havia conseguido três. Clyde, porque supostamente não tinha nada melhor para fazer na fazenda; Austin, porque tinha que encomendar ração para os animais, e Dallas, bom, esse alegou que já que não estava acontecendo nada que exigisse a sua presença, ele havia passado para dar um oi.

Três lindos homens e uma grávida. E se o doutor Ritter não os conhecesse tão bem, aos quais ele chama de seus garotos, e eu não houvesse sido rápida o suficiente para deixar claro que

Dallas, Austin e Clyde eram meus primos, preocupados demais com a minha segurança, provavelmente o médico estaria se perguntando, até hoje, qual deles seria o pai do meu bebê. O que seria cômico, se a situação não fosse, digamos, um tanto embaraçosa.

— Austin pode fazer isso, então — seu olhar é endiabrado. Nada irrita tanto Austin do que sair de perto dos seus cavalos, e eu já havia praticamente obrigado o pobre a me ajudar durante toda a manhã e boa parte tarde com os preparativos para a festa — Ou o Dallas pode te levar no carro patrulha.

Definitivamente, chegar em uma viatura não estava nos meus planos quando acordei essa manhã.

— Tudo bem. Você venceu. Mas quem irá reclamar a noite toda de dor nas costas e se lamentar disso por não tirar nenhuma jovem bonita para dançar é você.

Subo nas costas dele, e ele carinhosamente coloca o seu chapéu em minha cabeça. Ainda estou me acostumando com o clima do lugar.

— Seria estranho você ficar aborrecida por não tirar uma moça para dançar — ele graceja, e geme ao sentir meu pequeno golpe em suas costas enquanto anda — Mas eu conto com isso para fugir de algumas jovens, digamos, casamenteiras.

Rio descontroladamente. Eu adoro os homens do Texas, três deles especificamente.

E Clyde não usou apenas a suposta dor nas costas por carregar uma grávida no colo, para fugir das jovens solteiras em busca de casamento. Ele me usou literalmente para espantar cada uma delas.

De jeans, terno e chapéu de cowboy, os três homens lindos impediam que qualquer homem também se aproximasse de mim para uma dança. Algo que, sinceramente, e sem que eles saibam, agradei.

Foi um casamento lindo, apesar de tudo. Depois de mais de trinta anos, Lola e tio Raul têm o seu felizes para sempre. Charlotte estava linda em seu vestido creme com algumas rendas discretas, e Raul igualmente sedutor em seu terno novo prata, e, de acordo com ele, um Armani legítimo. Juliene havia aparecido no último momento, apesar de querer ficar distante, mas a celebração não teria sido a mesma sem ela.

Eu comi muito, festas em fazendas são regadas a muita comida. Ri como nunca pensei que seria capaz, e dancei com os três homens mais lindos da festa, talvez de todo o Texas.

De uma forma surpreendente e estranhamente inacreditável, meus dias aqui têm sido felizes. Porque, por mais que acreditemos que tudo na vida perdeu o sentido, pessoas incríveis nos fazem enxergar que há milhares de motivos para continuar vivendo. A melhor de todas elas nem havia nascido, mas já me ensina muito. Eu tenho uma família. E eles completam essa lacuna em meu peito. São eles que alimentam o meu

bichinho bom, chamado *felicidade*.

O melhor momento da minha vida tinha chegado. Saber o sexo do bebê.

— Então? — o Dr. Ritter sorri ao colocar o aparelho frio em meu ventre — Estão prontos?

— Estamos!

Três vozes masculinas se unem à minha em expectativa.

— Vamos lá, Srta. Walker — o médico vai explicando as imagens na tela — Temos aqui um lindo menino.

Os urros de contentamento se misturam às minhas palavras de que eu já sabia. Eu sempre soube que era um menino.

Embora os meus primos estejam aqui comigo, e que não tenham me deixado em nenhum momento até agora, há apenas uma pessoa que eu desejaria que estivesse ao meu lado, segurando a minha mão.

Todos imaginam que minhas lágrimas sejam de felicidade. Deixo que eles acreditem que sim.

Ninguém precisa saber que, na verdade, eu choro

silenciosamente à noite. Que sinto tanta falta dele quando sei que não devo sentir.

Adam não se importa. Se é menino ou menina, não faz diferença para ele.

— Não precisa dele, Penny — Clyde me para no meio do corredor.

De alguma forma, ele havia captado a tristeza em meus olhos.

— Você tem a nós. Não precisa dele para nada.

Eu não tinha falado absolutamente nada para eles sobre Adam. Mas eles haviam feito seus próprios julgamentos. Não eram bons ou amigáveis.

— Tem razão.

Abraço-me a ele enquanto saímos do hospital. Mas, ao contrário do que eu disse a ele, preciso de Adam sim, mais do que ele imagina, e mais do que eu deveria admitir.

Paula tinha acabado de sair com sua filha. Gosto de tê-la por perto mesmo que não me deixem segurá-la tanto como eu

gostaria. Decidi continuar na varanda da casa grande olhando as terras em volta, admirando as pastagens ao longo da fazenda, enquanto converso e aliso o meu ventre abaulado.

Se o doutor Ritter não tivesse afirmado com tanta certeza que há apenas um bebê dentro de mim, eu poderia jurar que eram três. O inchaço e quantidade de líquido que meu corpo retém me fazem parecer maior. Estou enorme. Uma patinha fofa, assim diz o Austin.

Com a pressão explodindo, um risco de descolamento da placenta, eu fui obrigada a ficar de repouso absoluto. Era permanecer o maior tempo possível deitada, ou completar a gestação no hospital. Poucas vezes me deixavam sentar um pouquinho na varanda, apenas para não enlouquecer.

Lola já voltou da longa lua de mel, então não fico sozinha em nenhum momento. Ao mesmo tempo que me alegra ter tanta atenção, às vezes sinto que vou pirar. Mas aí eu me lembro de como todos me receberam de braços abertos, de como o bebê é amado, e deixo a sensação ir embora.

Eu penso no outro lado da família do bebê. Às vezes eu falo com ele sobre os avós, os tios, e nas primas dele. Então, algo similar ao arrependimento me abate. Eu tenho que dar a opção de eles quererem ou não fazer parte da vida do meu filho.

— Tenho uma surpresa para você — Austin se aproxima, carregando um objeto relativamente grande coberto por um lençol, as formas desproporcionais me impedem de imaginar o

que é — Fecha os seus olhos.

Faço que me pede, mas antes mesmo dele colocar o objeto no chão, minha curiosidade faz com que eu trapaceie e abra meus olhos antes do tempo.

Para minha surpresa, um lindo balanço de madeira, em forma de cavalo, tremula assim que Austin afasta o lençol.

— Ah, é tão lindo — tento me levantar, mas ele me impede.

— Sei que vai demorar para ele usar. Mas ainda vou pintar. Eu que fiz, levei algumas semanas esculpindo — ele parece tímido, mais para envergonhado — Bom, acha que ele vai gostar?

— Ele vai gostar muito, Austin — afirmo com um choro na voz.

Ele bagunça os cabelos de um jeito desconcertado. Eu tenho tanta, tanta sorte. Não acho que nenhum bebê no mundo tenha mais amor do que esse.

Então, minha decisão estava tomada. Assim que eu tivesse o bebê e pudesse viajar novamente, eu o levaria para que o outro lado da família o conhecesse. Não importa o quanto o pai dele possa se sentir incomodado com isso. Há no mundo dezenas de pessoas que nos amam. Isso é tudo o que importa.

E se as coisas em New York ficarem muito difíceis, nós sempre teremos um lar para voltar.

— Er... — Austin me pega no colo. Ah, se ele não fosse meu

primo... Ele é terrivelmente encantador —Acho que é hora de voltar para dentro.

Ele me carrega como tem feito todos os dias quando volta dos estábulos. O cheiro de torta de maçã nos recepciona. Não há nada melhor no mundo do que essa sensação gostosa de estar em casa.

Capítulo 32

Adam

— Então, ele posicionou a espada com a ponta afiada voltada para o dragão, e mesmo sentindo o medo correr por suas veias, o guerreiro sabia que tinha que enfrentar a terrível fera.

— Tio, ele vai matar o dragão agora? — Lauren serpenteia à minha volta, querendo desvendar o final do livro.

— Lauren, se você parasse de falar, ele já teria terminado

— Lily retruca antes de bocejar e se aninhar ainda mais em meu colo — Você sempre faz isso e eu nunca consigo saber o final.

Essas duas, apesar de gêmeas, são como água e vinho. Enquanto Lily sempre adormece antes do fim de cada história, Lauren fica cada vez mais eufórica com o desfecho do livro.

— Continua, tio Adam.

Sorrio ao vê-la sentar no chão em frente a mim.

— Gilbert sabia que era sua última chance de vencer o raivoso dragão e ter de volta seu amor perdido. Ele correu o máximo que conseguiu. Com um salto maior do que ele pôde imaginar conseguir, lançou a espada direto no coração do dragão, que surpreso com o ataque, foi incapaz de resistir ao duro golpe — continuo narrando, enquanto Lauren rói suas unhas de forma apreensiva — Gilbert havia vencido. Estava eufórico com sua proeza, e por finalmente poder reencontrar sua companheira perdida. Foi então que um grande buraco negro foi se formando no céu, semelhante a uma tempestade no mar revolto. Uma densa bruma foi envolvendo o corpo do dragão, impedindo-o de ver além. E assim, tão rápido como começou, pouco a pouco a bruma foi diminuindo. O céu voltando ao normal. E, diante dele, para os olhos inacreditáveis de Gilbert, onde estivera o dragão ferido, estava o corpo de Hanna, com a espada cravada em seu peito. O grande e feroz dragão que o perseguiu por tanto tempo, na verdade, era sua querida Hanna. O temível dragão, que sempre surgia em sua batalha, era sua amada o protegendo, seu

único e verdadeiro amor... Mas Gilbert estava cego demais para perceber.

Minha narrativa é interrompida pelo choro desconsolado de Lauren. Um choro tão sentido que chegou a dar físgadas em meu peito.

— Tadinha da princesa Hanna — ela pula em meu peito, chorosa — Eu sabia que o dragão era bonzinho. Eu não quero que ela morra.

O choro baixinho, mas vindo de seu coração, fez o meu se apertar. Não é uma história que tenha um final feliz. Nem era uma história de criança. Eu tive que adaptar muitas partes para a idade delas. Há quase dois meses, quando fui obrigado a visitar minha família depois de um longo tempo fugindo dela, tudo o que eu queria era ficar longe. Longe de questionamentos, longe da compreensão e carinho deles, longe da piedade em seus rostos.

Então, quando as gêmeas pediram em uma certa tarde, que eu lesse uma história para elas, usei-as como desculpa para não ter que falar com mais ninguém. Foi assim que havia iniciado nossa relação. Eu nunca fui muito próximo delas. Depois que Penelope entrou em minha vida, até havia me aproximado um pouco mais, mas não tínhamos esse contato, esse tipo de ligação que temos agora.

— Isso é história para contar para crianças? — minha mãe pega a menina, que nesse momento soluça afligida.

Minha mãe afasta a pequena chorosa de perto de mim e começa a sussurrar palavras doces no ouvido dela.

O que eu posso dizer em minha defesa? Não conheço histórias de ninar. Nunca vou conhecer. Eu havia selecionado o primeiro livro que vi na biblioteca dos meus pais. Para mim, logo elas ficariam entediadas, e como todo o resto da minha família, acabariam me deixando em paz. Mas isso não aconteceu, havíamos criado um momento só nosso. E eu apreciava isso. Antes eu não queria filhos porque eu estava me punindo. Agora eu não quero, porque a mulher que amo não deseja ao menos ficar ao meu lado.

Claro que ainda sou jovem, talvez em um futuro distante eu volte a abrir meu coração, mas, no momento, ele está fechado. Então, para que alimentar sonhos que nunca irão acontecer? Mas diferente de como eu agi no passado, gosto de ter as gêmeas comigo. Nesse momento, são as únicas pessoas que eu quero ao meu lado.

— Vou colocar Lily na cama — digo antes de subir para o quarto, com a menina sonolenta em meus braços.

Afortunadamente, Lily não ouviu o fim da história, ela é ainda mais emotiva que a irmã. Eu não seria um bom pai. Dou-me conta disso, e novamente aquela pontada em meu peito.

Os pais das meninas haviam viajado para umas pequenas férias, e só deles. Meus pais ficaram incumbidos de tomar conta das duas. Por isso eu tenho vindo mais até aqui e contado essa

história.

Coloco Lily na cama, no mesmo quarto que foi da mãe delas. As duas preferem ficar nesse quarto do que no delas. Talvez porque aqui tenha muitas lembranças da mãe. As paredes forradas de pôster de um astro de cinema, que Katty amava. Os patins rosas debaixo da escrivaninha. Os pompons da liga de torcida, em um canto do quarto. Tudo aqui lembra a Katty.

Tiro os sapatos de Lily. Ela remexe na cama. Abre os olhos, me olha por alguns segundos, reconhecendo-me. Sorri e volta a dormir. Na última semana tem sido assim. Todas as noites.

Noto a presença da minha mãe após tirar os sapatos de Lily, e começo a cobri-la com a coberta. Ouço-a sussurrar algo baixinho para Lauren e sair.

— Tio? — a vozinha procura-me no quarto em penumbra
— Você fica comigo até eu dormir?

— Claro que sim.

Vou para cama ao lado, e Lauren se afasta para que eu deite perto dela. A posição é meio desconfortável, mas eu aguento.

— Está triste por causa da história? — eu sou um misto de arrependimento e incerteza do que fazer.

Sinto-me um verdadeiro filho da puta em tirar as ilusões de uma criança tão doce como ela. Ê, eu realmente não sou uma boa pessoa. Talvez seja por isso que afaste as pessoas.

— Por que não tem final feliz na história? — ela funga dolorosamente, senta de lado e apoia a cabeça nas mãos para me olhar.

Uma miniatura engraçada de gente grande.

— Então, não tem final feliz na sua história também.

— Na minha? — pergunto surpreso.

Ela parece pensar. Como se estivesse juntando peças de algum quebra-cabeça difícil.

— Antes você era triste e não gostava da gente. Depois a Penelope chegou e você gostou da gente. Estava feliz. Agora você ainda gosta da gente, mas está mais triste que antes, porque ela foi embora. Então, como vai ter final feliz?

Crianças e sua forma de olhar o mundo. Assim como na história que eu contei há pouco, o herói havia sido responsável por perder a mulher que amava. Exatamente como eu fiz.

— E se eu disser que tem um final feliz?

— Não tem. Eu vi que acabou o livro.

— Tem aqui, oh — coloco sua mão delicada em minha testa — Na minha cabeça. Quer ouvir?

— Eu quero sim.

O olhar tristonho aos poucos muda para de expectativa. Talvez eu não fosse um cara bom, mas pelo menos a história do livro eu conseguiria mudar.

Enquanto eu narro como o herói moveu céus e terras para ter seu amor de volta, secretamente eu desejei que minha vida fosse como a história que acabei de inventar. Cheia de altos e baixos, mas com um incrível final feliz. Mas antes de eu dar o desfecho emocionante, Lauren já havia pegado no sono.

Saio do quarto nas pontas dos pés, deixando a luz do abajur acesa, caso elas acordem no meio da noite, assustadas. Volto para a sala, onde encontro minha mãe fingindo ver algo na TV.

— Eu já estou indo embora — aviso-a, mas ela continua a olhar para a frente, algum documentário sobre o reino animal desenrola na tela — Ainda está zangada?

— Por que eu estaria zangada? — seus olhos lacrimejantes enfrentam os meus — Por você contar aquela história horrível para uma criança de seis anos? Ou por você ter ficado mais de um mês ignorando meus telefonemas? Talvez porque, quando lembrou que ainda tem uma família e aparece ocasionalmente, prefira veementemente nos ignorar? Porque nós passamos anos tentando fazer com que se aproximasse das meninas, e agora parece que são as únicas pessoas que existem para você. Nem quando Cecilia morreu você se isolou tanto, meu filho. E eu nunca fiquei tão preocupada...

Suas palavras terminam em um gemido vindo do fundo de sua alma.

Sou culpado de tudo o que ela acabou de despejar. Não tenho sido um bom filho. Na verdade, não tenho sido nada do que

um bom homem deve ser. No passado, eu tinha encontrado apoio e forças em minha família. Hoje, tudo o que quero é ficar longe e em paz, sozinho.

— Eu precisava de um tempo, mamãe.

Passei alguns dias visitando amigos em Washington, outros isolado na cabana de caça do Peter. Pensei até mesmo em mudar meu escritório para Washington. Ainda pondero sobre essa possibilidade. Mas onde quer que eu vá, essa tristeza não me liberta. Liam, nas poucas vezes que eu tinha falado com ele, surgiu com qualquer baboseira de talvez eu precisar de ajuda médica. Por isso o tenho evitado, mais do que todo mundo. Sei que ele se ressentia por outra vez eu me isolar. Mas o que eu preciso, é me acostumar e viver com essa dor. Esse vazio no peito.

— Eu preciso do meu filho de volta — murmura ela, a voz carregada de dor e ressentimento — Sinto como se eu estivesse de luto. Você não vive, Adam, você vegeta. Não sorri mais, não fala, não se aproxima. Então é por isso que eu estou tão zangada.

Eu queria dizer a ela que tudo iria mudar. Mas não posso. É minha forma de enfrentar tudo isso.

— Eu vou tentar me esforçar mais — as palavras saem tão mentirosas da minha boca, como um viciado afirmando que seria a última dose.

O grunhido que ela solta me diz que minhas palavras não haviam convencido nenhum de nós dois. Eu sinto por causar

essa mágoa a ela.

— Eu vou tentar, mamãe — insisto e beijo-a carinhosamente na testa — Eu juro que eu vou tentar.

Talvez eu devesse me esforçar um pouco mais. Nem que seja para fingir melhor.

Despeço-me dela em seguida e sigo para a minha casa. Tenho ficado pouco tempo por lá, também. Acabei por optar em colocar a casa à venda. Mas a cada novo comprador, eu busco motivos inexplicáveis para reprovar cada um. Não é porque quero me ver livre de todas as lembranças que qualquer pessoa poderá ocupá-la. Dolorosas ou não, são preciosas para mim.

Há um casal, sem filhos, iniciando a vida e visivelmente apaixonados, que havia informado que deixaria a casa como está. Eu venho protelando minha decisão há uma semana. Preciso me decidir logo, não vão esperar tanto tempo.

Assim que eu entro, vou direto para o bar. A última garrafa do velho Jack, pela metade, é bem convidativa. Encaro a garrafa de uísque por alguns minutos. Meu desejo era deixar que cada gota aquecesse meu corpo, já que minha alma parece inalcançável. Mas nem mesmo toda a bebida que eu tomasse afastaria os fantasmas da minha mente.

E havia consumido boa parte do meu bar, até concluir que me tornar um alcoólatra só traria mais dor à minha família. Eu já joguei merda demais em cima deles.

Jogo as chaves em cima do balcão ao lado de algumas correspondências, que há meses descansam ali. Provavelmente catálogos e panfletos promocionais. Nada que me interesse.

Vou para a cozinha, coloco qualquer comida congelada no micro-ondas e subo para tomar um banho. Como um autômato, entro em meu quarto. A mala ainda está em cima da cama, exatamente como a deixei. Quando a empregada havia questionado sobre ela, em uma das vezes que liguei, havia ordenado para que deixasse do jeito que está. Sem dúvida deve acreditar que enlouqueci. Talvez eu tenha.

Mas eu apenas não consigo desfazer a maldita mala. Estou preso nesse mundo entre passado, presente e nenhuma perspectiva de futuro. Desfazer a mala significaria o fim. Eu havia mergulhado no fim, mas não quer dizer que esteja preparado para suportá-lo.

Vou para o quarto de hóspede, onde eu tenho ficado, lá as lembranças são mínimas. Tomo um banho longo. Deito na cama ainda de toalha, a comida me espera no micro-ondas. Mas preciso apenas de alguns minutos para descansar o meu corpo.

Acordo horas depois, assustado e meio desorientado. A

claridade vinda da janela, entre a persiana, me desperta de vez. Permaneci com a toalha emaranhada em meu corpo. Esfrego meu rosto, tentando lembrar da noite anterior. É a primeira vez que tenho um sono pesado e tranquilo.

Levanto com pressa. Apesar de ser sábado, eu já tenho a manhã comprometida. Visto moletom e camiseta. Após escovar os dentes e pentear os cabelos de qualquer maneira, vou para o meu destino.

Tenho ido lá todos os sábados há mais de um mês.

Eu refiz a lista de coisas que Penelope fez logo que chegou a cidade. Fui ao zoológico, patinei no gelo, comprei uma camiseta do pato Donald que combinaria perfeitamente com sua camiseta da Margarida. Em cada um desses momentos, era como se eu tivesse uma pequena parte dela comigo. Provavelmente eu esteja agindo como um lunático como todo mundo acredita. Mas essas são as únicas vezes em que, por um momento, apenas um momento, eu me sinto vivo. Que eu me permito ter esperança. Sei lá, na vida.

Assim que eu entro na sala simuladora de voo, Sheldon, um dos instrutores, vem me recepcionar.

— Então Crighton, vai saltar hoje?

Eu tenho adiado o momento todas as vezes. Fiz e refiz as aulas tantas vezes, que a brincadeira na escola era que poderia ministrar aulas para iniciantes com toda tranquilidade.

— É para isso que estou aqui, não é? — respondo grosseiramente.

Sheldon me olha sério, coça o queixo, analisando-me, e lança um sorriso compreensivo. O tipo de sorriso com intensão de te confortar.

Caralho! Não quero a porra do ombro amigo de ninguém. Eu só quero saltar de paraquedas.

— Você sempre vem, mas nunca chega nem perto do avião.

Isso porque minha aversão à gerigonça que ele chama de avião sempre foi mais forte que eu. É vergonhoso dizer, mas tenho medo de altura, como um bebê de dois anos tem pavor do bicho papão debaixo da cama.

Ainda não entendo porque eu havia iniciado isso. Talvez porque tenha sido a única coisa na lista dela que eu não consegui fazer. É vívida a lembrança de como fiquei em pânico quando a vi saltar, e o alívio que senti quando a tive de volta em meus braços. Talvez eu tenha vindo aqui por isso. Quero essa sensação de volta. De tê-la em meus braços.

— Eu vou saltar — digo convicto.

— Tudo bem — murmura ele com um olhar encorajador — A primeira turma sai em dez minutos. É melhor você se apressar.

Vou até o instrutor que verifica os equipamentos. Converso com ele por um instante, recebo as últimas instruções, e obrigo meu corpo em direção ao grupo eufórico de pessoas. São três

homens e uma mulher. Quatro amigos. Dois deles já estão acostumados a saltar e tranquilizavam os demais. Prefiri ficar distante o máximo que pude. Não quero conversas, nem ouvir confidências.

— Você consegue — fui narrando a mim mesmo enquanto entrava na nave.

A primeira etapa havia tido sucesso. O avião decolou e eu não me atirei pela janela. Embora, pensando bem, essa seria uma boa opção para os meus problemas. Ou talvez não abrir o paraquedas no momento devido.

Bom, eu posso ser um imbecil, mas não sou suicida.

As duplas foram sendo formadas, e quando a nave atingiu o limite, a porta foi aberta. Os dois amigos pularam sozinhos. A garota pulou logo mais, com um dos instrutores. Um a um eles foram saindo, gritando, felizes. Cada um que saltava, eu ia me encolhendo em meu canto, cada vez mais.

— Está pronto, Crighton?

Crighton? Crighton? Tudo bem?

Não, eu não estou pronto. Eu não posso saltar. Não sem ela.

E pela primeira vez, após muitos dias segurando todas as emoções em meu peito, eu me permiti chorar. Vergonhosamente, como um garotinho. Não estou pronto para pular, não por causa do medo, mas porque Penelope não estaria lá, me esperando.

Capítulo 33

Penelope

Acordo com o coração disparado e aquela sensação de que alguma coisa está para acontecer. É só uma sensação esquisita, mas incomoda o suficiente para interromper o meu sono no meio da madrugada. O barulho típico de fazenda, como o chiado do vento, o canto das cigarras, o pio da coruja, nunca foi tão incômodo como hoje.

Sento na cama e olho para os meus pés inchados; parecem duas bolas de boliche. Mas não doem muito, já que passo a maior parte do tempo deitada ou na cama. Algo que não consigo fazer no momento. Então eu levanto. A jarra de água que Charlotte deixa para mim todas as noites está quase vazia.

A primeira pontada surge quando eu chego na porta. Tão repentinamente que a jarra escapa das minhas mãos, causando

estrondo, molhando meus pés e carpete. Quase que instantaneamente, Dallas, que ocupa o quarto ao lado do meu, surge confuso e sonolento. Seu rosto muda para de pânico quando ele encara a poça em volta de mim.

—Você vai ter o bebê?

Estava pronta a dizer que não, quando outra pontada em minhas costas me faz envergar, dessa vez mais intensa. Eu sinto algo correr por minhas pernas, e o líquido se mistura à água no chão.

— Eu não posso ter o bebê, Dallas — agarro ao batente da porta o máximo que eu consigo para não cair — Ainda faltam dois meses.

Eu tento lutar contra a dor, contra o desespero que começa a ganhar força dentro de mim. Contra todos os pensamentos pessimistas que me dizem o quanto isso parece errado. Acabei de chegar ao sétimo mês de gestação. Definitivamente, não é o momento certo para o bebê chegar.

— Vamos para o hospital.

Dallas me pega em seu colo, e pelo caminho vai gritando por todos os habitantes da casa. Em poucos minutos, tenho minha tia de camisola, meu tio amarrando o robe desajeitadamente, e os rapazes sem camisa, indo de um lugar ao outro. Não consigo ver humor nessa grande confusão, meu desespero é muito maior.

Quando a nova pontada me faz gritar, são as contrações

cada vez mais cadenciadas. Eu não tenho mais dúvidas, meu bebê vai nascer, e a única coisa que consigo fazer enquanto sou carregada para fora, é rezar para que nada de mau aconteça a nenhum de nós dois.

— Dallas? — apesar das minhas mãos trêmulas, eu seguro firmemente sua camiseta — Escolha meu filho.

Estamos a meio caminho da viatura, e ele estaca ao ouvir o que eu disse. Eu sempre soube dos riscos dessa gravidez. Eu soube amargamente que haveria uma possibilidade dessa luz dentro de mim se apagar, mas eu aguentei firme, nós aguentamos firme, então, se houver alguma probabilidade de escolha, que seja pelo bebê.

— Não diga isso, querida — ele apoia a cabeça em minha testa, sinto sua respiração tão irregular quanto a minha — Nada vai acontecer. Ninguém aqui vai escolher nada.

Ele avança os passos, e em seguida, estou no banco de trás da viatura. Austin ocupa o banco da frente com Dallas, e Clyde senta atrás ao meu lado, ordenando o tempo todo para que eu não tivesse o bebê no carro, no meio do nada.

— Pode acreditar, querido... — mais uma contração, mais forte — Se eu tivesse escolha, ele não nasceria agora.

Charlotte e Raul informam que seguiriam logo atrás.

— Eu nasci de oito meses — Dallas me encara através do espelho retrovisor — E veja, sou lindo e forte.

Não consigo não rir. Ele é mesmo lindo e forte. Eu sei que nesse momento eu preciso de calma, quanto mais nervosa eu ficar, mais agitado ficará o bebê. Então eu converso com ele. Falo o quanto eu estou feliz por, mesmo que cedo demais, poder olhar para o seu rostinho e tê-lo em meus braços. Clyde me ajuda, dizendo todas as coisas que ensinaria para ele, e conta que havia terminado o balanço no dia anterior.

Somos um grupo estranho na viatura, que ultrapassa todos os limites de velocidade com suas luzes piscando e sirene ligada. Embora essa hora da manhã as ruas estivessem desertas, nada convence ao xerife que a ação não é necessária.

Chegamos ao hospital quando o dia já começa a clarear. Uma enfermeira reconhece Dallas, e logo corre até mim com uma cadeira de rodas. Eu sinto como se estivesse pressa em uma caixa, mal posso respirar, e o medo que controlei como pude volta com força total.

Sou encaminhada para a sala de parto imediatamente. Alguém diz que tentará localizar o Dr. Ritter. Eu luto contra as lágrimas que descem abundantemente pelos meus olhos. Tudo à minha volta parece em câmera lenta. Sinto o quarto girar e girar.

Deus, proteja meu bebê.

Eu rezo e rezo incessantemente.

Alguém diz que apenas um dos meus primos pode me acompanhar. Penso em Adam imediatamente. Era ele que deveria

estar comigo agora. É ele que eu quero segurando minha mão. E uma dor aguda rasga meu peito.

— Vamos ter que fazer a cirurgia...

A máscara de oxigênio é fixada em meu rosto. Ouço as vozes exaltadas, mas as pessoas são meros borrões em volta de mim.

— Batimento caindo...

— Penny, você consegue — uma voz conhecida sussurra em meu ouvido — Fica aqui, pense em algo bom. Vamos lá, você consegue.

Eu penso nele. Em fogos de artifício. Em um olhar castanho e um sorriso que sempre me encantou.

— Tragam o desfibrilador...

As vozes ficam distante, a luz em minha cabeça vai perdendo a intensidade.

Eu te amo, foi a palavra solta em meus lábios, antes de ser envolvida pela escuridão.

Acordo em um daqueles momentos em que você não sabe se está vivo ou não. Se tudo o que tem percepção é fruto da sua

mente. Eu ouço as vozes, mas meus olhos pesam. Talvez seja a claridade ou, quem sabe, seja eu que não tenha forças o suficiente.

— É melhor você contar a ela.

Contar o quê? De quem eles estão falando?

— Por que eu tenho que contar, Clyde? — a voz parece angustiada — Eu não sou o médico. É ele que fará isso.

— Eu sei, mas alguém precisa estar presente com ela — ouço algo como um suspiro pesado de descontentamento.

Minha cabeça pesa, e eu me sinto entre grogue e consciente. Vasculho a minha mente para entender o que aconteceu. Lembro da fazenda, lembro do céu estrelado, enquanto alguém me carregava no colo. O céu estava bonito, agora eu percebo, sem nuvens. Milhares de vagalumes no céu.

— Mas você é o xerife, Dallas. Sabe lidar com momentos como esse. Se alguém tem que contar, então conta você.

Meu bebê.

O pensamento vem como um trem desgovernado. Estava sendo carregada por Dallas na noite anterior porque minha bolsa rompeu. Cedo demais. Ainda faltavam dois meses. Dois meses para proteger o meu filho no calor do meu corpo. Mas eu não fui capaz disso.

— Charlotte não tem forças para isso, você viu como ela ficou

quando soube — Clyde parece mais exaltado dessa vez — Por favor, Dallas, eu não saberia. Eu não posso.

O que ele não pode me dizer? O que aconteceu com meu bebê? Movo meus lábios, mas o som ecoa apenas em minha cabeça.

— Droga! Eu vou estar junto com ela, então.

O que aconteceu com meu bebê? O que aconteceu, Dallas?

— Shii... Tudo bem, querida, descansa.

Não! Eu preciso saber sobre o meu filho.

Descansa...

Mesmo lutando para continuar consciente, as palavras carinhosas sussurradas em meu ouvido têm o efeito desejado. Eu caio no sono.

A primeira pessoa que vejo ao abrir os olhos é o meu primo Dallas. Ele está de olhos fechados, sentado de uma forma esquisita e bastante desconfortável em uma poltrona, perto da janela. Ao lado dele há uma mesa redonda de vidro, em cima dela, um vaso transparente com um buquê de girassóis, que

provavelmente tinham sido colhidos na fazenda.

— Como você está?

Com sede de água, de notícias, de qualquer informação que acalme meu coração aflito. Olho para frente e encontro o Dr. Ritter. Foi ele que falou comigo. Ele sustenta um sorriso gentil. Não sei se fico feliz ou devo me preocupar.

— Você acordou.

Dallas levanta e se coloca ao meu lado na cama.

— Meu bebê? — toco meu ventre vazio.

Sinto minha alma tão vazia quanto essa parte do meu corpo.

Eu tenho fragmentos da conversa que Dallas teve com Clyde, antes de perder os sentidos. Eles temiam dizer algo a mim.

— Ele está bem — Dallas pressiona meus dedos com certa delicadeza — É um menino lindo.

Pisco meus olhos, freando as lágrimas de emoção. Meu filho é lindo, ele acabara de dizer.

— Onde ele está? — a pergunta é feita ao Dr. Ritter, mas é Dallas a me responder.

— Está na UTI Neonatal.

— O que você teve foi o amadurecimento precoce da placenta, devido à hipertensão arterial, que levou à ruptura na placenta — o Dr. Ritter responde ao caminhar para o outro lado

da minha cama, e assim como Dallas, ele segura minha mão com carinho — Também houve o fator do diabetes gestacional, que complicou seu período de gestação. O aumento de glicose no organismo interferiu no crescimento de alguns órgãos do bebê. O fígado foi um deles.

Não, eu não quero que ele continue dizendo essas coisas. Eu tinha feito tudo o que me pediram. Tomei todos os cuidados para que meu filho crescesse bem e saudável. Eu não quero saber nada disso. Quero meu bebezinho comigo. Meu bebê seguro em meus braços, como ele esteve durante os sete meses que pude protegê-lo.

Tão cedo ele veio, e tão cedo ele poderá ir embora?

Não! Não posso aceitar isso.

Desabo como se uma tempestade estivesse se formado dentro de mim. Dallas me sustenta em seu peito, mas nada seria capaz de impedir essa dor dilacerante em meu peito. Uma dor tão forte e intensa, capaz de me tirar o ar. Sufoco em minhas próprias lágrimas, que descem abundantemente, lavando meu rosto. Ah, que elas pudessem levar com elas toda essa dor oprimindo o meu coração.

— Eu quero vê-lo! — soluço, dando vazão a todas as minhas emoções. Tento me levantar, mas uma pontada aguda em meu ventre me faz soltar um gemido de dor — Eu quero ver meu bebê. Por favor, deixem eu ver meu bebê.

— Você vai ver, querida — Dallas tenta me acalmar, empurrando-me de volta para cama — Você tem que se acalmar e ser forte. Nesse momento, ele precisa de você, e nós estamos aqui. Não está sozinha.

Por que ele diz isso? Por que não me falam de uma vez o que há de errado? Afirmam que está tudo bem, mas não tenho meu filho em meus braços. Eu nem consegui ver o rosto dele ainda, sentir o cheiro bom e tão peculiar dos bebês.

— Como eu disse, seu filho está em desenvolvimento, um bebê de 27 semanas requer muitos cuidados, por isso a UTI Neonatal é necessária. A incubadora proporcionará ao seu filho um ambiente termoneutro, e controlará fluxos de ar, umidade e temperatura, além de auxiliá-lo com a respiração.

— Ele vai ficar bem? — eu consigo movimentar os meus lábios, embora eu suspeite que todo o meu corpo esteja paralisado — Eu vou perder o meu filho?

— Uma má formação do fígado pode provocar a perda da função hepática ou uma cirrose crônica. É algo preocupante, mas estamos dando toda assistência para que seu filho fique bem. Vamos ter pensamentos otimistas. Tenha fé, querida, enquanto há vida, sempre há esperança.

— Ei, Penny, seja forte — sinto as mãos de Dallas correrem afoitas em meus cabelos.

Eu queria que o gesto carinhoso e suas palavras de apoio

tivessem o poder de me acalmar, mas não tem. Estou mergulhando em um precipício sem fim. Medo e desesperança ameaçam me dominar.

— Que tal ver seu bebê agora? — o Dr. Ritter diz as palavras mais importantes para mim no momento — Acho que isso a fará se sentir melhor e mais calma.

Ver meu bebê. Esperei sete meses por isso, não há nada mais que eu queira tanto no mundo.

Dallas me ajuda a sentar na cadeira de rodas. Soube, com surpresa, que já fazem três dias desde a cesariana. E como fiquei desacordada nesse período, preciso de tempo para a recuperação.

Seguimos por longos corredores até a UTI. Na ala, há uma imensa janela de vidro e uma porta por onde uma enfermeira sai, fazendo suas anotações; duas permanecem lá dentro, monitorando tudo.

Vejo em torno de oito incubadoras, na terceira está meu principal motivo de sorrir. Por quem eu continuei viva.

Ele está sozinho no quarto. Não há outros bebês nas incubadoras, apenas meu pequeno e frágil bebê. Pressiono meu punho fechado em meus lábios, para impedir que o corte à navalha em meu peito reverberasse através dos meus lábios, enquanto outra vez eu faço a promessa de que eu jamais o deixaria se sentir só.

— Que nome pretende dar a ele? — Dallas toca meu ombro,

tirando-me desse estado de devoção.

— Benjamin — toco sua mão em meu ombro — Vou chamá-lo de Benjamin. Significa filho da felicidade. Um ser tão pequenininho e indefeso, mas que significa tanto para mim. Significa tudo.

O Dr. Ritter permite que eu entre por alguns minutos. Novas lágrimas resvalam dos meus olhos, dessa vez de alegria. Meu peito está explodindo, tamanha é a felicidade em meu peito. Eu pensei que eu o amasse quando estive em meu ventre, mas nem de perto chega ao que eu sinto agora. Qualquer mulher pode ser chamada de mãe, poucas delas possuem o dom de amar incondicionalmente, se apaixonar perdidamente, de conhecer o amor verdadeiro. Eu fui agraciada com esse dom. O dom de amar. É um amor que não cabe em mim.

Coloco minhas mãos trêmulas pela abertura redonda que há no vidro e toco o pé pequenino e delicado. Ele está de bruços, com o rosto virado para mim. Não seria necessário DNA, todos os sinais do Adam estão ali presentes. A cor dos cabelos, o formato do rosto, os cílios que sempre me causaram inveja, e a boca, definitivamente dele.

— Meu amor por seu pai é tão grande, que foi muito além disso... E ele me deu você. E por isso eu o amo ainda mais, é o mais precioso da minha vida, meu filho. Não vá embora. Não me deixa também.

Eu deveria sentir ressentimento por Adam não estar aqui,

conosco, mas eu não sinto. Talvez porque eu sou grata a ele por fazer de mim uma mulher completa. Ou eu jamais seja capaz de sentir por ele algo além de amor. Talvez eu esteja errada ou me iludindo, mas eu sei que quando ele vir o filho, quando não for uma imagem apenas em sua cabeça, tenho certeza que tudo mudará. Quem não amaria esse bebê? Ele ficará bem. Nós sairemos desse hospital logo e começaremos uma vida nova.

Pelos pouco minutos que foi permitido que eu ficasse ali, criando essa conectividade tão importante com Benjamin, eu transmiti a ele todo o meu amor. Em palavras, com minhas mãos vacilantes tocando cada pedacinho possível do seu corpo frágil.

De todas as formas que eu fui capaz.

Capítulo 34

Adam

Tive a pior noite da minha vida. Foi coberta de sonhos, nos quais eu não consigo lembrar com exatidão. Só sei que eu havia sonhado com ela. Acabei perambulando pela casa, e depois, após continuar muito inquieto, eu saí para correr. Corri até me cansar, corri até sentir o ar faltar em meus pulmões, corri até sentir que minha cabeça iria explodir. E ainda que eu tenha chegado em casa exausto, a impressão esquisita não foi embora. É como desejar comer alguma coisa que você não sabe o que é. Ou como se algo importante estivesse acontecendo, mas você não tem a menor ideia do que seja.

E mesmo passando-se uma semana, esse estranho incômodo persiste. Todas as noites eu acordo sobressaltado, suando frio.

Talvez eu deva procurar o Peter. Retomar minha vida, como era antes. Ele anda distante e bem irritado comigo, após a distância que eu impus. Eu não conseguia conversar dois minutos com ele, sem que começássemos a brigar sobre o porquê Penelope havia ido embora. Que merda eu tinha feito de novo? Por que ela foi embora sem se despedir dele? Isso durou algumas semanas, e depois, acho que ficou concentrado em seus próprios problemas, já que eu deixei muito claro que não queria nenhum tipo de interferência dele. Ela quis ir embora, recomeçar em outro lugar, e embora saber que seu amor por mim não tenha sido

suficiente para perdoar todas as merdas que fiz, eu desejo sinceramente que ela encontre a felicidade. Um de nós dois teria que merecer isso. Que seja ela, então.

— Adam? Desculpe fazê-lo esperar.

Afasto-me da janela e encaro Neil. Em suas mãos, há uma pasta preta com o logo em dourado da DET.

— Tudo bem, estava olhando a cidade — aponto para o objeto nas mãos dele — É algo sobre a filial na França? Por isso me chamou, surgiu algum empecilho?

Ele caminha até sua mesa e indica que eu me acomode na cadeira à sua frente. Devido ao que aconteceu com o Konrad e as ações de Sophia, Neil havia cedido aos pedidos de Jenny para que fossem embora. Talvez eu devesse ter feito isso também, ter levado Penelope comigo e termos reconstruído a vida em algum lugar, longe de tudo e todos que pudessem nos fazer mal. Agora é muito tarde. O irônico é que ela foi embora de qualquer forma.

— Eu quero que você assine isso — ele me entrega a pasta e começo a folhear a papelada lá dentro.

— Isso significa o que eu estou pensando? — encaro-o, completamente atônito.

— É uma procuração que te dá plenos poderes aos meus negócios, o autoriza a cuidar da Anne e dos gêmeos, caso algo aconteça a mim.

— Mas Neil...

É algo completamente arriscado e absurdo. Eu poderia matá-lo na semana seguinte, e tudo o que ele tem ficaria sob meu controle. Eu tenho posses, vim de uma boa família, e meus negócios vão muito bem, mas eu ficaria bilionário em questão de minutos.

— Eu confio no Peter, mas ele não tem vocação para esse tipo de negócios. Liam é médico. Richard está fazendo seu próprio caminho. Além de você e Peter, não há ninguém mais que eu confie mais. São como irmãos para mim— há emoção em sua voz, a mesma que me abala por dentro — Konrad, Sophia, essa pessoa misteriosa. Não consigo sequer imaginar algo acontecendo a Jennifer. Eu morreria antes que isso aconteça. Ir embora é o melhor que temos a fazer, mas quero estar preparado para tudo.

— Neil, eu zelaria pelos seus filhos... — um nó se forma em minha garganta — Não preciso de um papel para isso.

— Vamos fazer da maneira correta — ele me entrega a caneta prata — E confio em você, Adam.

É muito mais do que confiança. Somos muito mais do que amigos. Somos irmãos.

— Eu desejo nunca precisar fazer uso desse papel — assino rapidamente.

Naquele momento, eu soube que eu não gostei de como aquilo me soava. O que eu não sabia era que, cumprir o desejo dele, estava mais perto que imaginámos.

Veríamos do mal. E ele é hediondo. A maldade pura convertida em uma pessoa medonha.

Assim que o juiz decreta seu veredicto, eu pego a minha pasta, depois felicito meu cliente pela causa ganha. Ele inicia um discurso eufórico, retribuo com meia dúzia de palavras e deixo-o. Mais uma vitória, e eu me sinto como se não tivesse ganhado nada.

— Parabéns, Dr. Crichton — Savannah cumprimenta-me na saída.

Sorrio em agradecimento. Eu não teria chegado nem perto desse resultado sem ela. Apesar de ter sua carteira de clientes, ela havia me dado todo suporte enquanto perambulava pelo escritório.

— Sabe que sem você... — ligo o celular e ele toca segundos depois — Um minuto.

— Adam! Ajude-me, por favor!

Eu tento processar o que a Jenny me diz. Mudo e totalmente estarecido. Ao que parece, Sophia havia aprontado de novo. E pelo desespero evidente na voz aflita, Neil realizaria o que sempre

prometeu à víbora: esganá-la com as próprias mãos.

— Eu vou atrás dele — determino antes de desligar.

Desculpo-me com Savannah e praticamente corro em busca de um táxi. Prefiro não dirigir do jeito que estou.

Ligo para o Neil, e a mensagem automática me faz soltar impropérios, que deixariam minha mãe envergonhada, ou lavaria minha boca com ácido.

Peter também não atende, o que eu acho estranho.

Ligo para Veronica e peço que ela me informe o novo endereço de Sophia e entre em contato com os pais dela. Informo ao taxista impaciente para onde quero ir e peço que seja o mais rápido que ele puder.

O telefone volta a tocar meia hora depois. Não sei se estou contente ou apreensivo ao identificar o nome do Neil na tela. O motivo da ligação é porque ele precisa da minha ajuda por ter cometido algo insano, ou ele deseja que eu o impeça a dar uma lição na víbora da sua ex-mulher?

— Adam, onde você está?

— Estou próximo ao apartamento da Sophie. Não consegui entrar em contato com os pais dela, mas minha secretária continuará tentando. Tem certeza que quer continuar a fazer isso? O que ela fez dessa vez?

— Sophia foi longe demais, hoje. Prefiro falar pessoalmente

a respeito disso. Está acontecendo alguma coisa em frente no prédio dela, pois tive que estacionar um pouco longe, por não achar uma vaga mais próxima.

Eu noto a agitação das pessoas, há carros de polícia com os faróis girando. Digo ao motorista apreensivo que vou descer, e informo a Neil que o encontrarei em breve.

Mesmo com a pequena multidão de curiosos, não consigo nenhuma informação plausível com o que eles murmuram.

Visualizo Neil, ele está conversando com um senhor que parece vidrado com o que diz a ele.

— Oi, Neil — aponto em direção ao edifício — O que há ali?

— Um caso de assassinato, acho que vamos ter que esperar um pouco esse tumulto passar para entrar.

— Pelo que vejo, vai demorar muito. Eu vou até lá saber o que aconteceu. Tenho alguns amigos na polícia, talvez eu tenha alguma sorte.

Praticamente salto de exaltação quando vislumbro um velho contato que tenho. Lee e eu temos um velho relacionamento. Ele agiliza algumas coisas que eu preciso, e eu consigo algumas pistas para ele através do Peter.

Ele conversa com outro oficial. Espero-os finalizar e me aproximo em seguida.

— Lee? O que aconteceu aqui? — opto por ser direto.

— Uma socialite foi encontrada morta no apartamento — ele olha para a prancheta em suas mãos — Sophia Campbell, é o nome dela.

— Você tem certeza? Sophia Campbell?

Informo o número do apartamento de Sophia para saber se não houve algum engano.

— Apartamento 76 — ele confirma, logo fala rapidamente o que havia acontecido. Ela tinha sido esfaqueada e abandonada para morrer — Desculpe, eu preciso entrar e falar com algumas testemunhas.

Não me despeço, estou estarecido demais para pronunciar qualquer palavra. Sophia está morta. Não, ela havia sido assassinada. Um fim trágico, mas de certa forma merecido, para alguém tão má quanto ela.

Pasmo, dou a notícia a Neil, que parece tão surpreendido quanto a mim.

Sondei onde ele esteve, o que fez durante a tarde. Como ex-marido, que sempre deixou clara a aversão que tem contra a vítima, ele se tornaria o principal suspeito.

— Vamos para casa, que no caminho eu respondo tudo o que você precisa saber — algo em seu olhar me alerta que há muito mais do que momentaneamente ele deseja revelar — Jennifer deve estar preocupada porque, nessas alturas, a notícia deve estar em todos os jornais.

Durante o percurso até a casa dele, Neil me diz onde passou a tarde, no caso, seu escritório, que havia almoçado por lá mesmo, e tido uma reunião importante com os funcionários que movimentaria a sede da empresa enquanto ele estivesse em Paris. Também me fala sobre Peter, que ele foi atropelado quando saía do escritório dele.

Assim que chegamos, Jenny salta em seus braços, chorando. Neil a conforta com palavras carinhosas. Observando a cena romântica, um nó se forma em minha garganta.

— Preciso de um drinque — informo, seguindo até o bar.

O casal continua em seu momento idílico. Jenny insistindo no que aconteceu, enquanto Neil titubeia em sua resposta.

— Fale de uma vez — dou um longo gole, esvaziando o copo, e caminho até ela — Ela irá saber, de qualquer forma. Não tem porquê protelar isso por mais tempo.

— Eu sei — Neil admite.

Ele a prepara com palavras carinhosas e lembra que Jenny precisa manter a calma por causa dos bebês. Será um choque para ela, com toda certeza. Sophia morta, o marido prestes a ter a culpa sendo jogada sobre ele, se o verdadeiro culpado não aparecer, e Anne que precisará de todo apoio quando souber o que aconteceu com sua mãe. Sophia podia ser uma vaca, mas ainda assim, era mãe da menina. Meu Deus, quantas coisas essa menina é obrigada a suportar. Um peso demais até mesmo para

um adulto.

— Sophia está morta — Neil informa, raivoso — Alguém a matou.

Jenny fica pálida e vejo seu corpo começar a tremer.

— Neil é o principal suspeito — informo, e pelo olhar de Neil, se ele pudesse, me mataria também.

Ele se curva sobre ela, preocupado, testa contra testa. Não há uma maneira de informá-la sobre isso. Jenny saberá cedo ou tarde através dos jornais, então que fôssemos nós a dar a notícia.

Jenny defende o marido, dizendo que ele jamais cometeria tal ato. Sou obrigado a dizer como tudo funciona. Sabemos que Neil é inocente, mas a suspeita pairaria sobre a cabeça dele.

— Não se preocupe — Neil volta a tranquilizá-la — Tudo irá se resolver, e logo estaremos longe daqui.

— Eu não aconselharia a viajar tão cedo — alerto-os rapidamente.

Garanto que farei de tudo para provar a inocência de Neil. Oriento-os para, no momento, evitarem a imprensa especulativa, e que fugir seria um atestado de culpa que apenas agravaria a situação.

— Como Sophia morreu? — Jenny questiona. Há uma guerra interna dentro dela.

Neil me encara, mas prefiro que seja ele a dar tal

informação. Ele conta o que sabe, o que eu havia descoberto através de Lee. A cada segundo, eu percebo-a perder a cor. Seus olhos horrorizados estão prestes a saltar de órbita.

— Você está errado, Adam! — ela se ergue, sua voz apenas um sussurro fraco — Virão atrás de mim.

Completamente atônito, vejo-a desmaiar diante de nós.

— Adam! Faça alguma coisa. Chame a ambulância.

Enquanto ele tenta reanimá-la, eu observo a cena, tentando encontrar alguma lógica no que ela disse.

— Que porra está acontecendo aqui? — encaro-os com um olhar furioso. Jenny, que havia recobrado a consciência, parece um cachorrinho assustado — Neil?

— Nada de importante — ele desvia seus olhos dos meus.

— Eu estive no apartamento da Sophia e...

— Jennifer!

— Eu preciso falar — ela se encolhe, abraçando o ventre — É importante, Neil.

Ele consente, e eu sei que a resposta da pergunta que farei a ela mudará tudo.

— O que você foi fazer lá, Jennifer?

O caos se instalou a partir dali. Neil pediu que Georgia encontrasse a médica de Jenny, apesar dos seus protestos contra

a medida.

Peço que ela continue relatando o que aconteceu no apartamento enquanto ela esteve lá. E como suspeitei, Jenny ter sucumbido às ameaças de Sophia e os objetos que deixou no ambiente do crime – a bolsa, celular e as digitais na faca que levou Sophia à morte –, a coloca como a única suspeita. Ela havia deixado um rastro de provas que, com toda a certeza, a incriminaria.

Os minutos seguintes foram um verdadeiro caos. Nem a advertência da Dra. Moore para que Jenny não viajasse, e meu alerta para que Neil não fugisse, foi suficiente para convencer meu amigo que esse gesto impensado só os prejudicaria.

Mesmo tentando fazê-lo agir com racionalidade, eu o entendo. Não sei ao menos que eu faria diferente. Se fosse Penelope e meu filho em seu ventre, eu moveria céus e terra para garantir que eles ficassem seguros e longe de toda essa merda desabando em nossas cabeças.

Liguei para o Peter, como ele pediu. Providenciamos tudo o que precisava ser feito para que Neil e Jenny saísse do país rumo à Rússia, onde Peter tem alguns amigos influentes. Não perguntei que amigos eram esses, mas sei que são barra pesada. Seria mais fácil uma guerra entre os dois países, do que a polícia os resgatar de volta.

Isso me lembra que talvez essa seja a última vez que os vejo de novo. Peter talvez conseguisse entrar em contato. Ele sabe

como aparecer e desaparecer como um camaleão. Eu não posso arriscar todos os sacrifícios que tivemos.

— Obrigado, Adam — Neil tenta sorrir, mas vejo que não consegue — Espero reencontrá-lo um dia.

— Tenham cuidado. Espero que estejam fazendo o certo. Vocês têm vinte minutos para sair.

Retiro-me da casa rapidamente. Posso querer parecer durão, mas a verdade é que parte de mim está destruída. Estou perdendo dois amigos estimados.

Como foi combinado, eu saí com o carro de Neil para despistar os repórteres lá fora. Como moscas, eles me seguiram até o hospital onde Peter está. Ficaram visivelmente frustrados quando me viram sair do carro. Tive uma imensa vontade de fazer um gesto obsceno para aqueles abutres, mas não seria algo maduro ou profissional. É preciso saber lidar com a imprensa, por mais nojentos que alguns profissionais da área possam parecer.

Encontro Peter concentrado no telefone. Está dando ordens em alguém. Examino-o de longe. Ele tem uma tipoia sustentando o braço direito e algumas escoriações pelo corpo. É engraçado vê-lo naquela camisola ridícula hospitalar. Acho que deve ter captado o motivo do meu meio sorriso. Peter me encara feio e mostra o dedo para mim. Rio ainda mais. Somente esse babaca em forma de músculo para me fazer sorrir.

Afasto a cortina e olho para fora, disposto a deixar que ele continue sua ligação em paz. A maioria dos fotógrafos que me seguiu até aqui havia partido, mas dois ainda rondam o prédio.

— Filhos da puta — sussurro, desejando que eles pudessem me ouvir — Desgraçados nojentos.

A família, amigos e todos envolvidos com o casal, serão monitorados de agora em diante. Eu já sabia disso, mas ainda assim, é algo que me deixa bastante incomodado.

— Ok, me mantenha informado. Até logo — Peter finaliza a ligação e começa a levantar da cama.

— Acha que eles conseguirão, Peter?

Ele tira a roupa hospitalar, ficando completamente nu à minha frente. De forma alguma ele se sente constrangido com o ato.

— Farei tudo o que eu puder para que sim.

Ele caminha até uma poltrona onde está a calça dele e uma camisa rasgada.

— O que está fazendo? — pergunto ao vê-lo colocar a calça com certa dificuldade. Ele é orgulhoso demais para pedir ajuda, mas vejo que sente dor ao menor movimento.

— A não ser que seja legal andar nu por aí, estou colocando minhas roupas.

— Já está de alta?

— Estou me dando alta — diz ele, como se fosse completamente natural sair do hospital todo remendado como ele está.

— Está maluco?

Ele me encara, sério. Algo raivoso brilha em seus olhos. Maluco ou não, eu não conseguiria impedi-lo de sair. Ele é tão ou mais teimoso quanto o Neil.

— Olha só. Isso está fedendo, e está fedendo muito. Tem alguma coisa errada aí. Eu vou acompanhar tudo de perto — ele enrugando a testa, como se falasse consigo mesmo — Não é estranho que eu tenha sofrido o acidente, minutos antes da Jenny procurar a Sophia. Queriam me tirar do caminho, e quero descobrir o porquê.

— O lógico não é fazer isso quando estiver recuperado?

Ele ri, um riso de deboche. Como se eu fosse um menino inocente aprendendo sobre a vida.

— Pode acreditar, passei coisas piores que esse aranhão no ombro.

— Peter, você tem uma costela deslocada e....

Ele termina de colocar a camisa rasgada e dá as costas para mim.

— Vai vir comigo ou ficará aí se lamentando?

Não sei se foi a sua cara de poucos amigos, ou a afirmação

categórica de que não passaria nem mais um segundo no hospital, que levou o médico a dar a alta que o permitia sair.

Dez minutos depois, estamos a caminho do seu escritório.

— Obrigado pela carona — ele salta do carro assim que estaciono.

— Eu espero o que tem que resolver lá dentro e te levo para casa.

— Não precisa, eu pego um táxi se precisar.

Claro que ele precisaria de um táxi ou alguém que o levasse para casa. Mas com toda certeza não era isso que ele iria fazer.

— Tudo bem, só não se mate, ok.

Decisões erradas levam a fins desastrosos.

Vou direto para minha casa e ligo para os pais de Neil. Eles viriam ficar com Anne. Nesse momento, Paige já deve ter chegado por lá e recebido a carta que deixaram para ela.

Ligo para Savannah, ela é uma das melhores advogadas da área. Assim como eu, acredita que a fuga do Neil os prejudicou absurdamente, talvez de uma forma irreversível. Agora é torcermos para que eles realmente tenham conseguido fugir.

Faço um rascunho do que tenho que falar à imprensa quando a bomba explodir. Após o banho, sigo direto para minha cama, mas dormir é algo impossível de se fazer.

Faz duas semanas que Neil e Jenny fugiram. Lamentavelmente, eles não tinham conseguido deixar o país. Todos os dias, o caso deles era especulado pela imprensa. A DET está em polvorosa. Funcionários, diretores, acionistas e clientes estão preocupados com seu destino incerto. O mundo literalmente está de cabeça para baixo. Além de tentar obstinadamente encontrar um caminho para tirar meus amigos dessa tragédia que os cerca, ter que lidar com a DET a caminho de um colapso está me deixando louco.

Não posso cuidar dos dois sozinho. Peter está na corrida de provas que inocentem Jenny, enquanto Savannah e minha equipe estudam uma linha de defesa.

— Aline?

— Sim, Adam.

Odeio a forma que ela finge esquecer do protocolo e se refere a mim de forma tão informal. Mesmo que eu não seja o dono dessa empresa, estou representando o chefe dela. Aliás, cada dia perco um pouco da paciência que tinha com ela. É totalmente desatenta. Sempre chega atrasada e insiste em uma aproximação comigo além de chefe e secretária.

— Venha aqui, por favor.

Movimento meu dedo, massageando-o. Havia pressionado o botão do telefone com muita força.

— Em que posso ajudá-lo?

Ela apoia-se contra a porta, em uma postura sensual. Nem mesmo Grace, no tempo que trabalhou comigo, tinha sido tão descarada.

— Esse não foi o contrato que eu pedi — falo seco, esperando que ela entenda que não estou disposto a entrar no seu jogo.

O melhor que eu tenho a fazer é demiti-la. Mas eu já tenho problemas demais. Até conseguir contratar outra secretária em meio a esse turbilhão, seria um grande problema. Já tenho problemas demais, além disso, confiar nas pessoas não é um luxo que podemos usufruir no momento. Então tento contornar suas investidas de alguma forma.

— Deixa eu ver — ela caminha até mim, exibindo um sorriso cínico.

Analiso-a enquanto ela se aproxima da mesa, o batom tão vermelho quanto o seu vestido. Parece que o seu cabelo está mais claro que o habitual. Nada nela me parece sexy como ela tenta. Talvez porque seja essa a sua intenção.

— É verdade — ela se inclina contra a mesa, revelando o profundo decote do vestido, os seios praticamente saltam em meus olhos — Desculpe, querido. Ando meio distraída.

Ranjo meus dentes, pronto a dar-lhe uma boa resposta. Aline está mesmo empenhada em me irritar.

— Vejo você tão tenso — seus dedos deslizam pelos meus cabelos, e agora o seu rosto está a centímetro do meu — Eu fico tão preocupada. Sabe que tem em mim uma amiga, não sabe?

Levanto, afastando-a bruscamente.

— Não preciso de uma amiga — empurro-a em direção à porta — Não me faça perder a cabeça e despedi-la. Faça o seu trabalho e ache o maldito contrato.

Bato a porta em sua cara atônita. Esfrego meu rosto, procurando manter a calma. É impossível sustentar essa situação. Só há uma pessoa capaz de me ajudar. Eu tenho pensado nela todos os dias. Se há alguém que conhece a empresa tanto quanto Neil, seria ela. Os dias que trabalhamos juntos, quando Neil tinha ficado sem memória, havia provado isso.

A pergunta é: ela faria isso por mim? Se não por mim, o carinho que sente por Neil e Jenny seria suficiente para fazê-la voltar?

Não tenho tempo para conjecturas. Preciso convencê-la e trazê-la de volta. Preciso dela aqui comigo, e não apenas como minha secretária. Nem que eu passe a vida toda tentando, preciso tê-la de volta. Pelo Neil e por mim.

— Penelope? — minha mão treme assustadoramente ao segurar o telefone, à espera de ouvir sua voz, enquanto meu

coração corre de um lado ao outro em meu peito.

— Adam?

Capítulo 35

Penelope

Quando Lacy, uma das enfermeiras, informou que o doutor Ritter queria falar comigo a respeito do estado de saúde do Benjamin, praticamente saí correndo pelos corredores. Já faz quase dois meses que ele está no hospital. Eu tive alta quatro dias depois. Meu coração ficou aos pedaços todas as vezes que eu era obrigada a deixar meu bebê sozinho, mesmo que todas as enfermeiras tenham um carinho especial e cuidem muito bem dele. Eu sou a mãe, passei todos os momentos ao lado dele. Voltava para casa apenas para tomar banho e descansar um pouco quando meu corpo exigia por isso, ou era praticamente obrigada por Lola e algum dos meus primos.

Lacey afirmava todos os dias como Benjamin estava ficando cada dia mais forte e ganhando peso.

Bato na porta e aguardo a ordem para que entre. Estou muito nervosa. Embora grande parte de mim tenha esperanças de uma notícia boa, há aquela parcela de medo querendo se infiltrar em meu peito.

— Olá, Srta. Walker — ele se levanta assim que entro e oferece a cadeira para que eu sente — Tenho notícias para você.

Eu sento, minhas pernas precisam desse apoio.

— Eu sei que tem sido difícil para você todos os dias aqui. Mas eu trago notícias boas — o sorriso gentil se amplia e meu corpo vai relaxando — Vou dar alta ao Benjamin ainda hoje. Ele ganhou o peso necessário. Mas...

Sempre tem um *mas*. E quando tem um *mas*, nem sempre vem coisa boa.

— Ele está evoluindo bem, ganhou o peso necessário para sair do hospital. Está com 34 semanas. O fígado, apesar de estar completamente formado, ainda requer cuidados. E vai precisar de acompanhamento médico.

— Mas o Benjamin ficará bem?

— Claro que sim.

Eu escuto cada orientação com muita atenção, embora eu brigue contra a vontade de correr até meu bebê e poder levá-lo

logo para casa. Poder ficar todos os dias com ele, sem o receio de que toda vez que eu fosse embora algo grave pudesse acontecer.

— Lembre-se, qualquer alteração no quadro dele deve entrar em contato imediatamente.

— Obrigada, Dr. Ritter — impulsivamente e levada pela emoção, eu o abraço forte — Obrigada por tudo.

Quando eu me afasto, não vejo nele nenhum sinal de constrangimento. Acho que deve estar acostumado a esse tipo de reação vindo de seus pacientes. Serei sempre grata a ele e sua equipe. Todos foram muito bons comigo e meu filho.

Antes de seguir para a UTI Neonatal, ligo para Dallas. Ele fica eufórico com a notícia. Informa que infelizmente está em uma ocorrência, mas que Austin virá me buscar.

As enfermeiras me recebem com festa quando disse que teríamos alta. Passei tanto tempo ali que me senti tão paciente quanto Benjamin. Vi crianças entrando e saindo, e espero com toda ansiedade a nossa vez

— Estou muito feliz por você — Inez, a mãe de uma garotinha, veio me abraçar. A filha está ali há pouco mais de uma semana.

— Eu sei que sua filha irá para casa em breve.

Ajudo Lacey a aprontar o bebê com minhas mãos trêmulas de emoção. Ele está lindo com um macacão vermelho e branco, o tecido tão macio quanto a pele dele.

— Eu vou dizer uma coisa — Lacey pega a bolsa enquanto acomodo Benjamin em meus braços — Já passaram muitas crianças por aqui, mas algumas são especiais. Eu vou sentir muita falta dele. Traga-o de vez em quando para nos visitar.

Ela brinca com as bochechas dele, que a encara com seus olhos castanhos, sempre atentos a tudo.

— Eu o trarei sim, também podem ir na fazenda dos meus tios.

Austin chega quando estamos nos despedimos. Ele se oferece para carregar Benjamin, mas eu recuso; passará meses, e acho que serei incapaz de me separar dele de novo.

— Srta. Walker?

Um homem calvo, por volta dos cinquenta anos e olhar sério, se aproxima de nós assim que saímos do hospital.

— Donovan Cooper — ele mostra sua credencial e para à minha frente, impedindo que eu continue — Investigador.

Só há um motivo para que a polícia venha atrás de mim: Neil e Jenny.

Foi há uma semana, enquanto estive na cantina do hospital comendo um lanche, que eu fiquei sabendo da notícia que Jenny estava sendo acusada da morte de Sophia, e que ela e Neil haviam fugido. Provavelmente eles acreditam que estão comigo. A fazenda seria um bom lugar para se esconderem. Embora eles estejam certos no raciocínio, e claro que eu teria acolhidos os

dois, não poderiam estar mais longe da realidade. Não dei abrigo aos dois, como estou muito preocupada que Jenny esteja passando apuros, estando grávida e com medo do que possa acontecer. O pior medo de uma mãe é que tirem o seu filho dela. Eu quase perdi o Ben, sei a dor gigantesca que eu senti, não posso sequer imaginar a possibilidade de arrancarem meu filho dos meus braços.

— Sim, sou eu — Austin coloca-se ao meu lado e abraça meu ombro em um gesto protetor. Sorrio para ele em agradecimento. Saber que minha família sempre estaria comigo me traz segurança.

— Vejo que está de saída — ele aponta para a bolsa no ombro de Austin — Não se incomoda se a acompanharmos até sua casa, não é?

Donnovan aponta para um carro 4x4 preto na rua, mas não consigo visualizar muito bem quem está lá dentro.

— Claro que não, senhor Cooper.

Eu gostaria de poder dizer que eu me importo sim, que eu só quero poder finalmente ir para casa e ficar com meu bebê, para recuperar todo o tempo perdido, mas isso apenas levantaria suspeitas. Quanto antes eles soubessem que não sei nada sobre Neil e Jenny, mais cedo eles me deixariam em paz.

Com a ajuda de Austin, eu coloco Benjamin na cadeira de bebê e prendo o cinto. Como ele disse que não se importa, resolvo

ir no banco de trás. Por todo o caminho, eu bloqueio as coisas ruins que estão acontecendo e dedico toda a minha atenção ao bebê, conversando com ele o tempo todo. Talvez todas as mães digam: *Ele é tão esperto e atento a tudo à sua volta.*

O quarto foi todo preparado para ele. O berço branco ao lado da minha cama, dezenas de brinquedos espalhados pelo chão e o cavalo de balanço feito por Austin, agora pintado e polido.

— Olha ele para mim, Lola? — pergunto assim que o acomodo e coloco o mobile para girar. Imediatamente os olhinhos curiosos estão voltados para o brinquedo.

— Nem que você não me pedisse — Lola usa o berço como apoio, onde fica admirando Benjamin.

Na sala, além de Austin, está o investigador Cooper e um homem mais jovem, alto e de cabelos claros. Os dois estão em pé. Austin do outro lado da sala, também em pé, mas de braços cruzados, encarando os dois como se tivessem alguma doença contagiosa. Em momentos como esse, eu entendo as queixas de Juliene. Eles levam esse assunto de proteção muito a sério, afinal, mesmo que eu também não tenha ido com a cara do Sr. Cooper, ele é da polícia. Que mal poderiam fazer a mim?

Ao contrário deles, eu caminho até uma poltrona e sento. Estou preocupada com meus amigos, porque é assim que os considero, mas não tenho nada a esconder.

— Senhorita Walker, trabalhou para o Sr. Durant, não foi?

— Sim, senhor, por quase dois anos.

— Sabe o que aconteceu à família Durant, não é mesmo?

— Infelizmente eu sei, sim — minha boca treme. Não é justo que isso tenha acontecido a eles. Sophia procurou o fim que teve, sempre foi uma verdadeira cobra com Neil e Anne — Mas Jenny não teve nada com aquilo. Estão cometendo um terrível engano.

— Isso a justiça que irá resolver, senhorita — diz ele com a expressão de que não dá crédito algum ao que eu disse — Mas fugir foi uma péssima ideia. Teve em contato com a senhora Durant nos últimos dias?

— Não.

— Não viu ou falou com eles depois de que tudo aconteceu?

— Não.

As perguntas se repetiam uma atrás da outra, a forma mudava, mas a questão era a mesma – se eu estava acobertando os dois.

— Vocês não se importam se olharmos pela fazenda, não é? — a pergunta é educada, mas eu sinto o tom de ameaça em seu olhar — Afinal, é uma fazenda grande. O casal pode ter se lembrando que você veio para cá. Há muitos lugares para se esconder sem que ninguém suspeite.

— O Sr. tem um mandado judicial? — Austin caminha até mim, seu olhar frio e perigoso — Meu pai foi xerife do condado,

meu irmão é o atual xerife, eu sei que não pode fazer o que quer.

— Deixe-o, Austin —seguro a mão dele — Não temos nada a esconder, deixe que eles comprovem com os próprios olhos.

Ele assente, mas vejo, pela forma que tensiona os ombros, que não está nem um pouco à vontade com a situação.

Quase duas horas depois, Cooper e seu companheiro vão embora, insatisfeitos com o resultado que obviamente não os agradou. Eu faço uma oração silenciosa para que Jenny e Neil estejam bem. Acredito que ela está prestes a dar à luz. Penso no meu próprio parto, em como foi difícil. Mesmo sendo em um hospital, Benjamin correu sérios riscos. Que a Jenny tenha mais sorte e tranquilidade do que eu.

Uma semana se passou. Benjamin definitivamente é um bebê especial. Todos na casa são apaixonados por ele. Há até brigas para ficar com ele. E por mais que eu fale que ficar no colo de alguém por muito tempo o deixará mimado, nenhum deles se importa.

Hoje o dia está mais tranquilo. Austin e Raul foram a cidade comprar suprimentos para a fazenda. Charlotte está na cozinha

com Juanita, a cozinheira, tentando aprender uma receita nova. Benjamin e eu estamos na sala, passando o tempo.

Ele está no cercadinho improvisado que fiz para ele, vários ursinhos espalhados pelo tapete, enquanto eu conto uma história infantil.

Demorou três toques no telefone para eu perceber que era meu celular tocando na mesinha. Raramente recebo ligações, só tenho recebido de Juliene, mas ela tem preferido falar por mensagens. Eu baixei o Whatsaap, então sempre mando fotos e vídeos do Benjamin para ela.

— Alô — respondo com a voz um pouco acelerada.

— Penelope?

Meu coração deu um salto gigantesco no peito, e por alguns segundos, esqueci até mesmo de respirar. Eu sempre reconheceria aquela voz. E foram muitas as vezes que me perguntei se, além de todas as características físicas, Benjamin também herdaria do pai aquela voz.

— Adam?

— Você tem um minuto?

Balanço a cabeça que sim, então me lembro que estamos no telefone.

— Si-im — engulo seco — Claro.

Sento no chão mesmo, porque a essas alturas, minhas

pernas são incapazes de me sustentar. Será que ele tinha lido a carta? Será que está arrependido e tenha enfim desejado conhecer o filho?

Não posso evitar, lágrimas deslizam dos meus olhos. Mesmo que eu tenha negado, desejei isso por muito tempo. Ainda tenho em mente levar Benjamin para que conheça sua família materna, mas se Adam antecipar o assunto, me sentiria menos culpada e constrangida pelos meses em que ficaram sem saber da existência dele.

— Prometo que serei rápido — ouço o leve pigarrear desconfortável — Já deve saber o que aconteceu com Neil e Jenny?

— Sim, eu soube — digo com pesar em minha voz — Eu sei que ela é inocente.

— Eu fico aliviado que pense assim. É por esse motivo que estou ligando.

— Como?

Sabe quando você é criança e vê aquele bolo de chocolate maravilhoso na mesa e sua mãe vem com o prato de algo que você mais detesta para comer? Não é bem o que sinto, embora parecido, o meu desapontamento é muito maior.

— Eu não estou conseguindo lidar com tudo — ele lamenta — Tentar encontrar uma forma de ajudar a Jenny, lidar com a DET, e Aline não tem sido de grande ajuda. Você conhece a

empresa tão bem quanto Neil. Eu não posso perder tempo, se quero ajudá-los...

— Deixa ver se eu entendi —digo, tentando controlar a tremedeira em minha voz — Quer que eu volte para ajudar na empresa? Por nada mais?

O silêncio dura um pouco mais de dez segundos, e nesses poucos segundos, eu tenho esperanças.

— Por que mais eu deveria? — há hesitação em sua voz, certamente com receio que eu interprete seu pedido de outra forma — Eu preciso de você aqui, Penelope.

— Sabe que as coisas são diferentes agora...

— Damos um jeito. Se não quiser fazer isso por mim, que faça pela Jenny, por favor.

Eu tenho um grande carinho por Neil, e gosto muito da Jenny. Se fosse em outras circunstâncias, tenho certeza que seríamos grandes amigas. Nossos bebês cresceriam juntos, seriam amigos. Mas a vida e suas tragédias abateram-se sobre nós. Eu ainda tenho muita sorte, apesar de tudo, Benjamin está ao meu lado. Jenny havia se separado da Anne, e com o risco de perder seus filhos.

Mas eu preciso pensar no Ben. O Dr. Ritter disse que ele precisa de cuidados. Não sei se dará permissão para que eu viaje com ele. E sem meu filho eu não vou a lugar algum.

— Eu preciso pensar. Não posso decidir assim.

— Entendo — a decepção é clara — Se decidir vir me avisa, então. Penelope?

— Sim.

— Eles precisam da gente.

Foram as últimas palavras dele ao desligar.

Eles precisam da gente.

— Nós também precisamos, não é, Benjamin? — pego o bebê em meu colo, só ele consegue amainar essa dor queimando em meu peito — Nós também precisamos.

O Dr. Ritter deu permissão para que viajássemos. Seria uma viagem curta, e desde que eu tivesse alguns cuidados, não haveria problema. Ele também deu cópias do estado clínico de Benjamin, já que eu informei que não sabia quando iria voltar, para que a médica que me seguiu no início da minha gestação pudesse acompanhá-lo enquanto eu estiver lá.

Não liguei para o Adam dizendo que estava indo, prefiro avisar quando estiver lá. Por mais que eu saiba que esteja fazendo o certo, ainda estou vacilante com a decisão que tomei. Talvez seja o medo de reencontrá-lo. Que o amor que eu sentia por ele volte com força total. Ou, pior ainda, que o descaso com o filho

me machuque ainda mais. Uma coisa é eu estar ciente disso enquanto ele era apenas um fruto crescendo em meu ventre, outra é tê-lo real em meus braços. Mas o que Adam disse é certo. Neil precisa de mim, não posso virar as costas em uma hora dessas.

Então, que Deus me ajude a suportar tudo o que vier pela frente.

— Vamos sentir falta de vocês — Charlote fala, segurando o pranto.

— Pode voltar quando quiser — tio Raul faz cara de durão, mas vejo seus olhos marejados.

— Eu vou mandar o cavalinho pelo correio, ele gosta de ver balançar — Austin murmura, também se fingindo de forte.

— Cuida bem dele, Penny — murmura Clyde.

Todos vieram até o aeroporto, exceto Dallas, ele se despediu na fazenda. Disse que tinha trabalho burocrático acumulado, mas a forma que saiu deixou claro que, na verdade, ele queria evitar uma cena.

— Obrigada a todos vocês — eu sou a única que não se importa em chorar.

Tenho muito a agradecer a todos eles. Cheguei aqui perdida e completamente quebrada. Do jeito deles, cada um foi responsável por eu estar inteira hoje. Nunca eu terei palavras suficientes para agradecer.

— Austin, instala o maldito Whatsaap no seu telefone — beijo a bochecha dele.

Vou para o lado de Clyde e faço o mesmo: — E você, compre um telefone ou aprenda a usar o Skype.

Nesse momento, Charlote está agarrada a Raul, já não freia mais suas emoções.

— Eu prometo ligar sempre, Charlote — ela faz carinho no bebê e volta a soluçar — Obrigada, Raul. Obrigada por ser um pai quando eu mais precisei.

Há um abraço em conjunto. Nesse abraço, eu sinto o quanto eu e meu filho somos amados. Não importa o que aconteça, eu sempre teria um lar para voltar. Casa temos em qualquer lugar, mas lar só temos com aqueles que nos amam.

A despedida foi dolorosa. Eu sei que, de certa forma, a presença do Ben ali supria a saudade que eles sentiam da Juliene. Eu me sinto terrível por, mesmo que seja por uma boa intenção, eu esteja tirando isso deles.

Assim que o avião pousa, eu faço uma prece de que eu tenha tomado a decisão certa.

Localizo Juliene me esperando no desembarque. Seus cabelos estão mais curtos, mas ela continua linda.

— Não acredito que está de volta! — Juliene me abraça e pega o bebê dos meus braços — Bem-vinda.

Agradeço à funcionária que me ajudou com a mala e vamos em busca de um táxi.

De volta a New York. Respiro toda a vivacidade que há aqui. A primeira vez que estive aqui eu era uma garota sozinha e desiludida, agora eu sou mulher, mãe, e com novas esperanças.

Juliene desfaz as minhas malas enquanto dou de mamar para o Benjamin. Essa é a melhor parte do meu dia. O momento em que estamos trocando sentimentos. Improvisamos um cercadinho na cama, assim que ele pega no sono, coloco-o lá. Deixo a porta aberta para escutar qualquer movimento vindo do quarto e uno-me a Juliene na cozinha. Ela está fazendo um lanche com peito de peru e queijo para nós duas.

— Como andam as coisas por aqui?

Ela balança os ombros e entrega meu prato.

— Por que não me disse que o seu Liam era o meu Liam?

Ela está aborrecida.

— Primeiro eu teria que saber que o seu Liam era o meu

Liam — defendo-me — Faz algum tempo que não me conta nada.

Ela se joga na cadeira à minha frente, o olhar focado no vazio.

— Estou apaixonada... — abro a boca, mas ela me impede com a mão erguida que eu profira qualquer palavra — Não. Não é uma paixãoite juvenil ou um capricho. Depois que você foi embora, eu tive que me virar sozinha. Opção minha, eu sei, mas eu tive.

Sinto-me mal por tê-la deixado aqui. Por mais que meus pais controlassem minha vida, eu sempre estive por conta própria; Juliene não, ela foi superprotegida. Deve ter sido difícil encarar a loucura que é New York.

— Ele me disse claramente que não suporta mentirosos. Acho que deve ser por causa da ex-noiva do seu irmão. Ou porque ele simplesmente não suporta mesmo. A verdade é que começou como uma mentirinha inocente, e quando eu vi... — ela segura o choro — Depois tem você, o Benjamin. Ele não vai me perdoar.

Algo me disse, no dia que os vi naquela festa, que aquilo não iria funcionar. Depois disso, eu fui para a fazenda, Juliene mais evasiva, e eu preocupada em colar minhas partes quebradas.

— Sobre o Benjamin, eu sei que estive errada — de repente, a comida perdeu a aparência apetitosa. Afasto o prato para o outro lado — Sobre Liam, ele é um cara legal. Seja lá o que você tenha feito, ele irá perdoar.

— Vai perdoar o Adam?

Se eu iria perdoá-lo? Essa é uma pergunta que tenho feito desde que pisei no aeroporto.

Ainda não tenho uma resposta.

Eu olho para o céu. O imenso arranha-céu recebe-me com a mesma imponência da primeira vez que eu o vi. Mas há em mim um nervosismo diferente do meu primeiro dia de trabalho. Sinto que eu sou a mesma, mas ao mesmo tempo, diferente.

— Bom dia, senhorita Walker — Hugh, um dos recepcionistas, cumprimenta-me.

— Eu vim para falar com o senhor Crighton.

Arrependo-me imediatamente de não ter avisado ao Adam que já estou na cidade. Conhecendo todo o protocolo que há na empresa, terei que esperar no mínimo uns quinze minutos até ter permissão para subir.

— Pode entrar — surpreendida, vejo-o me entregar o cartão de visitas — É sempre bem-vinda, senhorita.

Eu gostaria de falar que, em momentos de crise como essa,

todo o cuidado com a segurança seria pouco. Mas as intenções dele são boas, ou está de sobreaviso. Então usufruo de sua gentileza e sigo em frente.

— Obrigada, Hugh.

Pelo caminho encontro vários colegas de trabalho. Todos se mostram felizes em me ver. Perguntam se voltei definitivamente, mas preferi deixar a resposta em aberto. Eu não sabia que eu era tão querida e que realmente havia deixado muitos amigos para trás.

Rever minha sala me traz alegria e um sentimento nostálgico. Lembro-me de cada detalhe dela. Embora algumas coisas tenham mudado, assim como eu. O Bonsai que eu havia ganhado de um cliente satisfeito com meu trabalho. Na mesa que já fora minha está Aline, resmungando contra o computador.

Algumas coisas não mudam.

— Oi, Aline.

Ela sobressalta, levando a mão ao peito.

— O que você faz aqui? — o tom da sua voz expressa a surpresa e descontentamento em seu rosto — Você foi embora.

— Mas eu voltei, precisam de mim aqui.

— Quem disse isso? — seu tom é de deboche.

Sei que ela deve estar se sentindo ameaçada. Mas eu não vim roubar o lugar dela de novo, como deve pensar. Muito pelo

contrário. Antes de vir, Dallas ofereceu um emprego na fazenda para administrar toda a parte burocrática atrasada que eles não dão conta, desde que o antigo contador da família faleceu. Meu plano é, assim que puder, voltar para o Texas e criar o meu filho em paz.

Antes que eu possa responder à sua pergunta ferina, uma voz grave soa às minhas costas.

— Eu pedi — Adam fala com ela, mas ao me virar, vejo que os olhos estão fixos em mim — Na verdade, eu implorei para que viesse.

Merda. Tinha esquecido de como ele era lindo, sendo que bloqueei essa informação. Apesar de me parecer mais magro, ainda é o mesmo homem sexy que eu conheci.

Obrigo meu coração a parar de palpitar como se o Ringo Star estivesse ditando o compasso.

— Para quê? — ela insiste — Ela nem deve conhecer mais o trabalho. Tem coisas mais importantes para se preocupar, não é?

— Não creio que mudou muito, Aline. E esse é um assunto importante, como muitos que eu tenho na minha vida...

— E isso não é da sua conta! — Adam olha irritado para ela, que se encolhe no lugar. Eu já o vi bravo, mas ele está ao ponto de esganá-la — Vamos para a sala do Neil.

Se olhar matasse como dizem, minha família estaria providenciando o velório. Mas eu não ligo. Parei de me encolher

sob o olhar de qualquer pessoa, meu filho precisa de uma mulher forte.

— Ah, me dê seu casaco.

— Obrigada — fico rubra.

É muito idiota me incomodar com isso, mas eu não tinha recuperado totalmente meu corpo de antes da gravidez. Se ele notou, eu não sei, pois quando os dedos gelados tocam meu pescoço acidentalmente para tirar o casaco, e a sua respiração cálida por cima, fazem minha pele arrepiar. Tudo o que eu consigo pensar é na vertigem que o pequeno toque causou em mim.

Senhor, se com um simples encostar de dedos eu fico completamente fora de mim, o que eu faria se ele me beijasse?

Balanço a cabeça, espantando esses pensamentos. Passaram-se dez minutos ao lado dele e eu já estou pensando em beijá-lo.

— Sente-se, por favor.

Acomodo-me na cadeira indicada por ele, em frente à mesa. Estou nervosa. Noto que ele está nervoso, pela forma que coça fervorosamente a sobrancelha. Pergunto-me se Benjamin também herdará dele esse tique nervoso.

— Neil ficaria feliz em saber que...

— Uma pena o que aconteceu com a Jenny.... — falamos

juntos.

Eu me calo, olho para o telefone em cima da mesa, preciso de um ponto para olhar. Essa não é a parte que eu deveria estar furiosa? No entanto, não sei o que dizer. Estou nervosa, como se essa fosse minha primeira entrevista de emprego, aquela que você tem toda a convicção que mudará sua vida e que faria qualquer coisa pela oportunidade. Nem quando Neil me entrevistou fiquei tão inquieta. E, no caso, eu que decidirei se quero ficar ou não. A decisão está em minhas mãos. Então, por que eu me sinto como se estivesse a caminho do desfiladeiro?

— As damas — ele me dá a palavra, com um sorriso mal contido.

Isso está errado. Não era para ficarmos brincando de sedução. Já passamos por isso. Temos um filho que, aliás, ele faz questão de ignorar.

— Eu preciso dizer que isso — giro em torno da sala — Essa situação não é permanente. Ficarei até o Neil voltar ou precisar de mim.

— Tudo bem — ele diz, neutro, impassível.

— Também só posso ficar meio período — continuo pontuando minhas exigências — Você deve entender, de manhã é melhor, não sei como foi com Katty, mas de manhã as coisas estão mais calmas...

Estou me atropelando nas palavras. Pensar em deixar

Benjamin, mesmo que por pouco tempo, corta meu coração.

— Como? — ele parece confuso, aéreo — O que você quiser. Revezamos os horários. Posso me dedicar ao caso do Neil pela manhã e à noite.

— Acha que eles sairão dessa? — pergunto preocupada.

— Estamos trabalhando arduamente para que sim.

Não consigo deixar de ficar triste. Penso na Jenny. Duas garotas simples que se apaixonaram por dois homens com tantos demônios para exorcizar. Nossas vidas foram marcadas e mudaram drasticamente.

— E Anne?

Ele pega uma porta-retratos com a foto dela. O olhar é carinhoso, da mesma forma que me toca, causa-me revolta.

— Você não...

— Tenho dado o suporte que eu posso — de novo falamos juntos — É difícil mantê-la protegida de todas as fofocas, mas ela sente muita falta dos pais e não entende nada.

Meu coração se contrai. Neil e Anne não se amam apenas, eles se adoram. Eu fiz certo em voltar.

— Então está decidido, assim — ele parece ansioso — Começa amanhã?

— Sim, quanto antes eu voltar a me inteirar da rotina, é melhor — levanto apressada e vou até meu casado.

Não é que eu tenha medo dele voltar a me tocar, desejo isso demais para que a decepção disso não acontecer me abalar.

Ele abre a porta. Sua outra mão está fechada em um punho cerrado. Está tenso, é palpável. Há uma carga elétrica. Desejo e ansiedade levitando em torno de nós dois. Isso também não mudou em nada com a distância e o tempo que ficamos longe.

— Até manhã, então — saio; não, fujo dele, de mim, de qualquer coisa que me coloque em risco de me quebrar outra vez.

— Você vai voltar? — Aline sorri, sorriso o qual não acredito mais — Para me ajudar, suponho. Pode ficar com a minha mesa, se é o caso.

— Estou no lugar do Neil — Adam diz a ela de maneira rude — E Penelope ficará em meu lugar sempre que estiver ausente, naquela sala, da presidência. E quando eu estiver, nós dois trabalharemos lá. Algum problema?

— Não, senhor — Aline murcha como um pimentão estragado.

Eu sorrio discretamente. É estranho que eu só tenha percebido alguns detalhes sobre ela quando estive longe, pensando friamente, e tive muito tempo para pensar.

— Até amanhã — respondo aos dois.

Ele que lide com ela.

Caminho até o elevador, aliviada, mas ao mesmo tempo

incompleta. Aliviada por ter conseguido lidar com tudo muito bem. Acho que posso fazer isso. Não houve hostilidade entre Adam e eu como temi inicialmente, podemos trabalhar civilizadamente. Talvez eu consiga introduzir Ben na vida dele lentamente, uma foto, alguns comentários sobre ele, uma visita inesperada de Juliene. Talvez eu esteja errada em mendigar um pouco de atenção, mas, por meu filho, eu faço qualquer coisa.

Chamo o elevador. Está certo, não é momento para orgulho.

— Faço tudo por você, Ben — sussurro baixinho, renovada de coragem.

Quando eu me viro, Adam está ali. Seu olhar penetrante em mim. Um ar de pesar.

— Obrigado por ter vindo, Penelope — ele finalmente fala.

— Pelo Neil? — lembro-me do que ele disse no telefone — Pela Jenny?

Ele me olha firmemente. Eu vejo em seus olhos o brilho de quando ele disse a centenas de pessoas que me amava.

— Por mim.

Apoio-me contra o metal frio e pergunto quem me engana mais: minha cabeça que diz que estou vendo coisas, ou meu coração que insiste em afirmar que nosso amor não tinha morrido como achei, ele apenas havia se encolhido para descansar, ganhar forças, voltar maior do que era antes.

Qual dos dois eu devo dar voz?

Então as portas do elevador se fecham.

Obviamente eu recebi uma enxurrada de perguntas de Juliene quando cheguei. Primeiro eu disse que cuidaria do Ben. Depois de banhá-lo, dar de mamar e colocá-lo para dormir, sentamos na sala com ele no carrinho. Meus primos ficaram de enviar todas as coisas dele, como o berço, mas pedi que esperassem um pouco mais.

— Então? — Juliene já não aguenta mais esperar — Ele perguntou do menino?

— Não. Mas Juliene? Você entregou a carta que eu pedi?

— Sim — ela enrugou a testa, forçando as lembranças, afinal, passaram-se meses — Fui duas vezes na casa dele e não o encontrei. A empregada disse que tinha ido viajar, sem data para retornar. Então deixei a carta com ela.

E se ele não.... Ah, não importa, com ou sem carta, Adam poderia ter me procurado, se assim ele quisesse.

— Mas você falou sobre o Ben?

— Não... — ela começa a protestar — Não diretamente. Eu disse que precisava trabalhar de manhã. Ben é mais calmo de manhã. Citei a irmã dele como exemplo, sabe, não sei como foi com as gêmeas. Ele parecia aéreo, não prestou atenção no que eu disse, ou só quis mudar logo de assunto, mas concordou com o horário. Então, se para você não tiver problema...

Ela faz uma careta engraçada.

— Está brincado? Eu vou ensaiando com ele.

— Ensaizando?

— Test drive — ela sorri — Para os meus próprios bebês.

Apesar de sorrir, ela parece triste. Como posso ajudar minha prima nas questões do coração, se não consigo me ajudar?

Os irmãos Crighton e o poder de arrasar os corações femininos.

Então eu me dou conta que eu tenho um mini Crighton. Pela choradeira das enfermeiras quando fomos embora, não é preciso que ele chegue aos 18 anos para arrasar corações.

— Meu pequeno Ben — seguro a mãozinha enluvada — Não herde isso do seu pai também.

Embora eu não queira ver muitos corações partidos por causa dele, há pouca convicção em minha voz.

Capítulo 36

Adam

Eu poderia cair de joelhos e lamentar pelo resto da vida o quanto eu fui idiota, estúpido, um burro. Mas, dessa vez, eu resolvo lutar. De todas as coisas que eu aprendi com o Neil, a mais importante é que eu devo lutar pela mulher que amo. Ele nunca desistiu, nunca fraquejou, nunca olhou para trás, com medo do que pudesse acontecer.

Mesmo agora, com Jenny presa e ele destruído, o desejo que ele tem em tê-la de volta é maior do que tudo.

O mundo ruiu sobre as nossas cabeças, no mesmo dia que Penelope foi ao escritório. Eu fui atingido por uma bala. Na verdade, metralhado diretamente no peito quando cheguei e a vi ali, ainda mais linda do que eu me lembrava.

Primeiro eu pensei que tivesse sido alguma alucinação

causada pelo estresse. Mas não, ela estava diante de mim, tornando realidade os meus pedidos mais suplicantes.

Eu não sabia o que fazer na hora, como agir, o que eu deveria falar. Eu só sabia que essa poderia ser a minha única chance. Não de apagar o passado, mas construir uma nova história com ela.

Não sou muito bom em deixar que emoções e sentimentos falem por mim. Geralmente faço merda quando isso acontece. Passei a vida inteira atropelando as coisas. Então, dessa vez, usarei da calma e todo autocontrole que eu puder.

Foi difícil ouvir o nome de outro quando não resisti ao impulso e fui atrás dela no elevador. Foi mais do que um ciúme bobo, era o pânico tomando conta de mim. O medo de ter perdido todas as chances. Depois de todos esses meses, seria ingenuidade demais acreditar que não haveria ninguém em sua vida, que ela também estivesse fechada para o mundo como eu estive. Não posso sequer culpá-la. Não posso culpar nem a esse Ben. Ela é uma mulher incrível. Ele deve ser um cara legal.

Mas se a energia que eu senti entre nós, e se o brilho que notei nos olhos dela for tão real como eu notei, eu vou lutar. Com todas as minhas forças.

Não se desiste de quem se ama, nunca. Eu teria corrido até o seu apartamento aquele dia e desnudado minha alma, se Jenny não tivesse sido presa, derrubando o resto das estruturas de todos. Ela precisava de mim, foi desolador presenciar arrancarem

os bebês dos seus braços. Neil precisava de mim como nunca precisou antes.

Então eu encaro isso como sinal de que eu devo ir com calma. Enquanto isso, cada gota de energia que tenho será usada para ajudar Savannah a defender Jenny. Eu tenho a sensação absurda de que se eu conseguir isso, Penelope me veja com outros olhos. Como um herói? Talvez, mas com admiração, certamente. Quem sabe todos os meus pecados sejam perdoados.

— Conseguiu pensar em alguma coisa?

Entro na sala de Savannah sem bater. Não há tempo para formalidades. A cada segundo no relógio corre dez vezes mais rápido. Como a areia na ampulheta em sua mesa.

— Ainda nada — ela tira os óculos e esfrega o rosto — Não quis dizer isso na frente do Durant, ele já parece bem desesperado, mas provar a inocência dela... Talvez possamos conseguir uma pena menor.

— Vamos continuar tentando — sento ao lado dela e começo a analisar o caso.

Tem sido difícil. Muita adrenalina, pouco sono, muito trabalho duro e pouco descanso. Tomamos café como se fosse água, e raramente comemos. Estamos nos dedicando com afinco, mas como Savannah disse — provar a inocência da Jenny é como morrer e voltar para saber se o paraíso realmente existe.

Ainda há o fato do Hurt, um policial de moral duvidosa,

estar assediando Jenny moralmente. Tanto eu como Peter usamos de nossa influência na polícia para tentar mantê-lo longe dela, mas nunca se sabe o que pode acontecer. E Neil, sendo excessivamente protetor em relação a ela, poderá fazer qualquer merda.

Ouçoo um objeto bater na mesa, ergo o olhar para ver o que é, e vejo que ela havia acabado de virar a ampulheta.

— Também se sente assim? — pergunto a ela, indicando o objeto — Como se o tempo estivesse esvaindo entre seus dedos, como essa areia.

— O tempo nunca foi nosso amigo — ela concorda — Ou corre demais ou arrasta-se lentamente. Depende de como se olha. Preciso ir para casa, ver o meu filho, tomar um banho, comer...

Somente agora reparo no conjunto de terno amassado e o quanto ela parecesse exausta.

— Dormiu aqui? — é mais uma afirmação do que uma pergunta.

Se há alguém empenhado tanto quanto eu, ou talvez mais, é Savannah. Talvez porque ela também seja mãe.

— Dormir não é exatamente o termo. Preciso apenas de algumas horas — ela toca meu ombro — Cuide-se também.

É como dizer a uma criança em frente a uma mesa repleta de doces que ela não pode pegar nenhum. Quando ela sai, já estou mergulhado no caso de novo. As gravações do elevador

mostrando a hora que Jenny entrou e saiu do prédio. A testemunha no elevador. A faca com as digitais da Jenny, o celular e a bolsa esquecidos no local do crime, e o agravante de ter fugido. Todas essas provas giram em torno dela. Andamos em círculos, e eu não consigo ver a luz.

Meu telefone toca, atendo antes do terceiro toque.

— Crighton?

— Sim.

— Pode vir até a delegacia?

— O que aconteceu?

— O Durant atacou o Hurt.

Neil havia enlouquecido completamente. Sabemos muito bem qual linha policial que o Hurt segue. Fui obrigado a pedir que Savannah cuidasse do assunto, ou eu mesmo terminaria o serviço que o Neil começou, ao negociar com o filho da puta. O desgraçado conseguiria uma boa quantia para que ficasse de boca calada, mas, pelo menos, o caso de Jenny não complicaria ainda mais, se Neil fosse preso por agressão.

Descubro onde Neil está e vou direto para o escritório dele. Abro a porta num rompante. Então, reúno toda a revolta e raiva que sinto por essa situação absurda e despejo em cima da sua grande cabeça dura. Não posso ajudar alguém que não ajuda a si mesmo.

— Neil! Você é imbecil por natureza ou está fazendo doutorado?

— Adam, eu...

Eu tenho que ser duro com ele. Alguém tem que fazê-lo agir com racionalidade. E talvez eu tenha mais sucesso dessa vez, do que quando eles fugiram. Preciso que colabore comigo. Não posso passar o tempo todo imaginando ou temendo o que ele possa fazer.

— Por que diabos você achou que agredir um policial iria passar despercebido? Estou cansado de limpar suas besteiras. Nem seus dois filhos juntos fazem tanta merda assim!

Avanço dois passos. Se for preciso, eu racho a cabeça dele ao meio ou dou uma bela surra para que aprenda. Eu sinto raiva o suficiente para isso. É como ver todo o trabalho que Savannah e eu temos feito descer pelo ralo. Eu vou socar esse desgraçado, até ele entender.

É aí que eu vejo um par de olhos cristalinos parando-me. Não foram suas mãos delicadas em meu peito que me fizeram recuar. São os olhos dela. Eu poderia me perder ali, sem saber o caminho de voltar para casa.

— Eu sei que isso foi idiota, mas... — Neil puxa minha atenção de volta para ele.

— Sua sorte é que ele estava mais preocupado em recheiar a conta bancária. Um belo processo é o mínimo...

— Dá para calar a boca e me ouvir? Hurt e todas as outras coisas podem ir para o inferno. Tenho algo mais importante aqui.

Retruco que o principal objetivo de todos é livrar Jenny da cadeia, e que eles não dividirão a cela, caso isso tenha passado isso por sua cabeça. Ainda tão enfurecido quanto eu, Neil joga o celular em minhas mãos.

Contrariado e disposto a dizer algumas verdades, olho para o aparelho. Uma foto de Sophia ilustra a tela. Mesmo estando de costas, eu a reconheço. Na mesma foto aparece Jenny, com uma expressão de assustada, as duas parecem brigar.

Neil explica que quer eu use a foto como prova de que sua esposa foi apenas mais uma vítima, mas não é tão fácil como ele imagina. Há muitas maneiras de interpretar uma imagem. E, no fim, poderia ser mais uma prova de que Jenny havia mesmo matado a Sophia.

Peter chega logo depois. Analisa a imagem, a mensagem que veio com ela e o celular.

Eu tenho o que você quer.

Uma coisa é certa. Alguém sabe de algo e está jogando conosco.

— A Sra. Hernandez está aqui — Penelope anuncia pouco depois.

Noto em seu olhar a irritabilidade que Savannah causa nela.

Ciúmes ou apenas implicância sem sentido?

Quando Savannah entra, avisa que o juiz recusou o pedido de fiança. O clima volta a ficar tenso. É como se andássemos em um campo minado.

Peter decide ir até New Haven investigar sobre a morte de Nathan.

O homem escondido atrás da máscara, e que havia colocado Neil e Jenny nessa grande confusão, está diretamente ligado ao passado deles. A suspeita de que Nathan esteja vivo não é apenas irreal, como assustadora. Então ele irá investigar isso de perto, do início de tudo, falando com a enfermeira que cuidou de Nathan em seus últimos momentos de vida.

Enquanto isso, Savannah irá anexar a foto como uma nova prova ao processo e insistir para que o apartamento de Sophia seja averiguado novamente.

Eu vou mergulhar de cabeça no que já temos, deve ter alguma saída que nós estamos deixando passar despercebido.

Todos saem, exceto eu. Eu olho para as pastas em cima da mesa, organizadas uma ao lado da outra. Analiso uma a uma. Assino alguns papéis, recuso outros para uma outra análise. Penelope é eficiente, talentosa, inteligente. Minha admiração por ela apenas aumenta.

Não nos vimos mais desde que ela voltou. Faltou oportunidade, coragem...

Olho para o relógio. Será que ainda está aqui? Seu turno havia acabado há mais de duas horas.

Levanto rapidamente e sigo para a sala dela, conjunta a de Neil. Quem sabe hoje a sorte esteja comigo?

Ela está ao telefone, falando baixinho, mas com um grande sorriso em seu rosto.

— Já estou voltando para casa, meu amor — diz ela em uma voz muito doce — Também te amo, Benjamin. Amo mais que....

Não consigo continuar escutando. Retorno à sala do Neil. Fecho a porta com mais força do que deveria e solto o ar que havia prendido.

Também te amo, Benjamin.

Tantas vezes que sua voz ecoou em minha cabeça, eu soquei a parede com força. Eu sabia dos riscos quando a deixei ir embora e quando eu pedi que voltasse. Isso não ameniza a dor em meu peito ou me preparou para ela.

Em casa, estou como um animal ferido e enjaulado. As linhas são um emaranhado de letras distorcidas. Ando por todos os cômodos sem saber ao certo de estar ali. A cena se repete

dezenas de vezes, e em minha cabeça, há apenas aquela frase martelando, como uma dor de cabeça insistente e enlouquecedora.

Quando a campainha toca, eu sei que é ela. Tinha ligado mais cedo e informado a Aline que precisava de um contrato urgente, e que Penelope deveria trazer em minha casa, assim que saísse do trabalho.

Eu preciso encurralá-la, ter a certeza de que essa força esmagadora, quando estamos juntos, não é apenas algo que somente eu sinto.

— Oi. — o murmuro mal sai dos meus lábios.

Admiro-a abertamente, das sandálias pretas e delicadas ao decote singelo do vestido azul, que perfeitamente combina com seus olhos.

Os cabelos estão soltos como eu gosto. Noto que estão um pouco maiores do que lembrava. Eu gosto da forma como caem pelos ombros e deslizam por sua pele, como uma leve carícia, que gostaria de ter o privilégio de fazer. Posso sentir, mesmo de longe, a maciez em minhas mãos, de como eu amava enroscar as mechas em meus dedos quando a beijava.

— O contrato... você disse... — ela gagueja, mordendo os lábios — Acho que precisa dele.

Nervosa.

Isso é bom? É uma demonstração do que ainda sente por

mim e tenta esconder? Ou apenas desconforto por voltar à minha casa?

— Entre.

A imagem que forma em minha cabeça quando ela passa por mim, exalando perfume e sensualidade, é como eu deveria agarrá-la com força, em um abraço que faria nós dois fundirmos em um só. Eu beijaria seu pescoço, imaginando a reação em seu rosto, diria o quanto eu a acho linda, e que embora ela possa não acreditar, não houve nenhuma outra para mim em todo o tempo em que ficamos separados. Então eu a viraria para olhar em seus olhos, ela confessaria que tentou me esquecer, mas nenhum outro homem teve poder suficiente para me arrancar de sua cabeça e coração. Mais do que uma tatuagem que pode ser removida, nós fomos marcados com ferro e fogo, até os ossos.

— Quer beber alguma coisa?

Sua mão vai ao pescoço enquanto ela pondera.

— Água.

— Fique à vontade — indico o sofá e vou em direção à cozinha — Eu já volto.

Bebo dois copos de água, como um perdido no deserto. E é assim mesmo que eu me sinto. Eu tinha todo um discurso em minha cabeça, e as palavras simplesmente fugiram, desapareceram assim que abri a porta para que ela entrasse. Como alguém pode ter tanto poder sobre você? Até mesmo em

coisas tão simples como falar e raciocinar normalmente.

Volto à sala. Penelope está no sofá, na ponta, as mãos cruzadas nos joelhos, encarando a porta como se estivesse pronta a fugir.

— Aqui, sua água — sento-me o mais próximo a ela que eu consigo.

Pouco me importa se estou sendo invasivo demais, cruzando o limite, cada um usa as armas que tem. Eu só conheço essas.

Estendo meu braço, inclino meu corpo contra o dela. Alcanço o contrato que ela havia depositado do outro lado.

— Acho que eu já tenho o que eu quero — murmuro a um centímetro da sua boca.

Deixo o contrato cair no sofá, no carpete, não importa. Quando nossos lábios se tocam, é como se o tempo não tivesse passado. Todos os meses de separação são uma pálida lembrança, voltamos ao início de tudo, onde só o que sentimos pelo outro importa.

E é impossível que esse beijo, tão carregado de sentimentos e paixão, seja fruto apenas da minha cabeça. Nada mudou, nada do que sentimos mudou, podemos até estar diferentes, mas nossos corpos ainda falam a mesma língua. Se comunicam e encontram felicidade como antes.

— Diga que me ama! — mordo seu lábio e acaricio com a ponta da língua — Diga que me ama, Penelope.

Puxo-a para meu colo. Afundo meu rosto na curva do seu pescoço. Sinto-a tremer em meus braços, ou talvez seja eu. Subo lentamente com minha língua, provando o doce sabor de sua pele. O gemido que escapa dos seus lábios me faz delirar.

— Diga! — sussurro em seu ouvido.

Minhas mãos trêmulas fazem tour pelo seu corpo, eufóricas, ansiosas por mais. Desejando mais, implorando por isso.

— Eu te amo.

Meu coração se aquieta, e por alguns segundos, essas três palavras são tudo o que importa. Ela me ama. Arrogantemente ou não, eu sempre soube disso.

— Benjamin... — inicio incerto se vale a pena destruir esse momento. Talvez ela o ame, não da mesma forma. De maneira alguma ela o ama do mesmo jeito que me ama.

— Quer falar sobre ele?

Sua testa está encostada na minha, mas seus olhos estão fechados. Um leve sorriso desenha seu rosto e sinto vontade de mordê-los novamente.

— Na verdade, não quero.

Ele não importa, sou eu que a tenho aqui comigo. É nos meus braços que ela geme.

— Não?

Ela se afasta, me olhando de pé.

— Por que não? Não pode falar sobre ele e mudar de ideia, Adam.

— Quer falar sobre ele? Está bem — levanto, pronto para ouvir sua negativa — Você o ama, não é?

Talvez seja melhor mesmo resolvermos logo esse assunto.

— Claro que eu amo. Que pergunta mais estúpida é essa?

É possível amar mais de uma pessoa? Por que eu não consigo enxergar a possibilidade sem enlouquecer.

— Mais do que eu?

— De forma diferente. Se você o conhecesse...

— Mais do que eu? — insisto.

Meu maxilar, meus punhos, todo o meu corpo está rijo, à espera de uma resposta que pode mudar tudo.

— É disso que se trata? — sua voz soa tensa — De quem eu amo mais? Isso é tão absurdo, você deveria...

— Responda! — interrompo, cheio de ira. Ela só precisa dizer não.

Não importa nada o que tenha acontecido entre eles. Estou disposto a deixar isso de lado.

— Amo.

Congelo. É como se eu esfriasse de dentro para fora.

O que eu significava, então? Sexo barato? Apenas uma

atração? Ou um teste para saber o que ainda sente por mim? Ama outro, mas é a mim que ela deseja. Que espécie de relação maluca e destrutiva nós havíamos mergulhado? Como em uma dessas tragédias gregas românticas, onde ninguém acabava bem.

Estou disposto a arrancar isso dela quando a campainha soa. Não apenas um zunindo em minha cabeça como inicialmente acreditei, em meio ao turbilhão de pensamento que fogem ao meu controle. Mas o som insistente repercute pela casa.

Luto contra a vontade de atender e ignorar. Ouço a voz do Neil.

Merda!

— Aconteceu alguma coisa?

Recepciono um Neil consternado, parado à minha porta.

— Prefiro mostrar lá dentro — ele passa por mim em direção à sala.

— Nei, eu não estou... sozinho.

— Desculpe se eu interrompi algo — ele parece desconcertado agora — Mas é realmente importante. Adam, eu não viria se...

— Tudo bem, Neil. Eu já estava de saída — diz ela.

— Neil? — pergunto, irritado.

E por que eu deveria me irritar pela forma que se tratam agora, quando ela havia admitido na minha cara, há poucos

minutos, que ama outro? No mínimo, é ridículo.

— Sim, Dr. Crichton, algumas coisas mudam, outras continuam iguais. Eu não deveria ter vindo aqui.

Eu me desarmo com a ideia de que ela vá embora assim, sem termos resolvido nada, apenas tendo jogado mais mágoas em cima do outro. Claro que eu estou enfurecido. Resolveria tudo com Neil, e em seguida, terminariamos nossa conversa. Porra, estou até mesmo disposto a mergulhar nessa relação tripla, ou seja lá o que essa merda pareça, se esse é o desejo dela. É completamente insano, e nos levaria certamente à destruição, mas não há nada que eu não faça para tê-la de volta. Rastejaria, se fosse preciso.

— Fica, não terminamos ainda. Não temos segredos para você.

— Eu não posso — observo, impotente, ela pegar a bolsa no sofá e passar por nós dois — Esperam por mim em casa.

— Então vá! — urro e me viro, exaltado.

Mando-a ir, meu coração quer que eu peça que fique, mas o orgulho fala mais alto.

Estive ao ponto de jogar todas as minhas crenças e convicções pela janela por alguém que não está nem aí.

— Você não se importa, não é?

Eu não a reconheço. Eu não me reconheço. Estou

completamente perdido.

— É, eu não me importo.

— Realmente, as coisas não mudam. Fui uma tola em acreditar que sim.

Viro para dizer que o único tolo havia sido eu. Acreditei que reencontraria a mesma garota doce que eu conheci.

— Certo. Vá atrás dela. Eu procuro a Savannah.

— Você veio até aqui, deve ser importante — sacudo meus ombros como se não significasse nada, quando, na verdade, significa tudo — Ela teria ficado se quisesse. Há coisas mais importantes esperando por ela em casa.

Mais importante do que eu.

—O que você tem aí?

Ele me entrega o envelope. São fotos de Jenny no apartamento de Sophia. Capturas de tela, na verdade. Ele quis que fôssemos diretamente à polícia, mas expliquei que precisamos estudar como apresentar a nova evidência.

Fui até a casa de Savannah, como prometi a ele. Discutimos em que essas imagens poderiam nos ajudar. Não muito, a não ser a certeza de que há uma gravação do que realmente aconteceu naquele dia, mas sem a posse dela, não há muito o que se possa fazer.

— Alguém te ligou quando foi ao banheiro — Savannah

aponta o telefone em cima da mesa — Desligou quando atendi. Acho que era a Penelope.

Inferno! Desconfiada do jeito que é, deve ter tirado outras conclusões. Verifico nas ligações recebidas. Estou prestes a retornar quando vejo a mensagem na tela; suponho que seja dela, mas era do Neil.

Droga. Qual a parte que *deve confiar em mim* Neil tem que entender? O imbecil havia colocado a vida em risco de novo.

— Eu tenho que ir — encaminho a mensagem a ela e pego meu terno em uma cadeira — Ligue para a polícia.

Dirijo feito louco, pedindo a Deus que Neil não tenha sido maluco o suficiente para ir a esse encontro sozinho, ou que houvesse chamado a polícia antes de mim.

Quase uma hora depois, o GPS me leva até um galpão sujo e abandonado. No insuportável silêncio, vez ou outra há apenas o barulho dos ratos fuçando o lixo. Avanço guiado pela parca iluminação, perguntando-me se não havia parado no lugar errado. Algo como um tambor caindo e sons de passos se arrastando me fazem correr para uma outra ala.

— Neil!

Corro até ele, que cambaleia, uma mão apoiando o ombro ferido.

— A prova que você precisava.

Sua voz é pouco mais do que um sussurrar.

— Foi o Konrad, ele está lá dentro — Neil entrega o pen drive e desmaia em meus braços.

As horas seguintes são completamente malucas. Neil no hospital, Konrad preso e completamente alienado. Já amanhecia quando o agente Müller nos chamou até a sala dele e apresentou a prova que esperamos por tanto tempo: a gravação onde Jenny e Sophia aparecem brigando no apartamento. A hora em que ela foge, deixando Sophia ainda viva e bem. Konrad entrando pela janela da varanda. E, para surpresa da própria vítima, a forma trágica como ele a matou.

— Seu desgraçado! — avanço sobre Konrad quando ele aparece algemado, algumas horas depois.

Eu teria o matado, se Savannah e outros policiais não tivessem impedido.

Savannah me afasta para longe dele, que é conduzido para a cela provisória.

— Acabou, Adam. Isso é o que importa.

Acabou, mas não sem marcas e um rastro de sujeiras provocado por ele. Konrad quase havia destruído uma família, por vingança. Para vingar a morte de Nathan a quem amava e que jamais se importou com ele. Sophia, Neil, Jenny, foram apenas um brinquedo no jogo macabro que ele criou.

— Temos que libertar a Jenny.

Ela tem razão. Temos algo mais importante para nos preocupar. Mesmo agora, com todos conhecendo a verdade, que Jenny é mesmo inocente, ela continua enjaulada. É preciso que seja emitida a autorização dando liberdade a ela.

— Cuida da papelada, vou dar a notícia a ela.

Pena que essa felicidade seria ofuscada pelo fato de Neil encontrar-se no hospital. Mesmo que seu estado não seja grave, como afirmou Liam, isso deixaria Jenny maluca. O mais importante é que tudo havia acabado.

Mas, ao mesmo tempo em que eu me sinto feliz, outra realidade me abate. Não há mais nenhum motivo para Penelope continuar na cidade. Ela voltará para o Texas, para o Benjamin. E ao menos que eu faça alguma coisa, esse será o fim definitivo para nós dois.

Tudo acaba bem quando termina bem, exceto para mim.

Enquanto Neil recupera a saúde e o tempo perdido com sua família, após o reencontro emocionante, eu procuro manter o tempo ao meu favor, mas ele corre, como um cavalo na pista de corrida em busca do pódio. Eu sou o cavalo mais lento, o último

da fila, aquele em que ninguém apostaria um dólar. É a última volta até o canhão do revólver explodir.

— Deixe-me ver se eu entendi direito — Peter me encara com um olhar mordaz — Está querendo que eu a sequestre?

Remexo na cadeira, desconfortável. Certo, da forma com que ele fala, parece uma ideia absurda.

— Eu só preciso falar com ela em paz — insisto veemente — Parece que falamos outra língua, e sempre surge alguém ou alguma coisa para atrapalhar.

— Primeiro você pede que eu a siga, depois que instale câmeras de segurança em sua casa; depois, quando vira uma grande bola de neve fedendo a merda, como eu disse que acabaria, me faz perder uma grande amiga e culpa-me por isso no final. Fica meses me ignorando e quer que eu me intrometa de novo? Invadindo o apartamento para levá-la para um país distante contra a sua vontade.

Droga. É uma ideia absurda, vendo sob essas circunstâncias. Soube disso desde o momento que ela passou por minha cabeça. Mas eu sou um homem desesperado.

— Deu certo com o Richard, não deu?

Ele fecha os olhos e aperta o nariz com força, como se estivesse contando para controlar a raiva.

— Isso porque a Paige é uma mulher completamente maluca! E não se esqueça que ela quase o matou, de verdade!

— Não precisa ser um país distante — insisto com pouca veemência dessa vez — Pode ser o chalé do Neil em Vermont, ou até mesmo sua cabana. Eu só preciso ficar com ela a sós, sem interferências.

— Em nome de Deus! — ele clama — Por que ainda dou ouvidos às loucuras que vocês pedem?

— Então, você concorda? — começo a sorrir.

— Vai me deixar fora dessa, não importa quais sejam os resultados — Peter levanta as duas mãos em sinal de rendição — Eu sou completamente inocente. Ainda tenho medo do que a Paige fará comigo, por aquilo e pela despedida de solteiro. Pelo o que eu bem me lembro, a sua amada a ajudou com aquilo. Penelope pode ter a carinha de anjo, mas a mente é do capeta.

Eu sei, é estúpido, eu vou me arrepender em algum momento, mas como Richard diria, situações desesperadoras exigem medidas extremas.

— E quando faremos isso?

— Me dê dois ou três dias, preciso finalizar sobre Konrad.

— Pensei que estivesse acabado. Ele confessou tudo. É lamentável que tenha dado fim à própria vida, por mim ele apodreceria na cadeia.

— Alguma coisa está errada nesse suicídio — ele caminha pela sala — Alguma coisa não se encaixa. Percebeu como Neil ficou estranho quando demos a notícia? Não parecia nem mesmo

surpreso.

— Você acha que ele...

Não consigo acreditar que Neil tenha mandado liquidar Konrad. É claro que ele odiava o homem profundamente, mas daí a ordenar que alguém o executasse, não faz o estilo dele.

— O que fará se ele estiver envolvido de alguma maneira?

— O que acha que eu vou fazer?

Encobrir a sujeira. Quem poderia condenar Neil por fazer justiça com as próprias mãos? Quem poderia julgar Peter por eliminar qualquer prova que pudesse incriminá-lo?

Eu, certamente, não.

Vi meus amigos sofrerem o suficiente por causa da crueldade de Nathan, Sophia e Konrad. Todos eles mereceram o fim que tiveram, e, mesmo mortos, continuam assombrando a vida de inocentes.

— Ah, antes que vá embora, tenho algo que talvez interesse a você — ele abre a gaveta, procura alguma coisa e me entrega um cartão SD — É uma conversa entre você e Neil. Você sabe que Konrad tinha escutas na casa do Neil e na empresa. Ainda não sei como ele conseguiu isso, o que só me deixa ainda mais intrigado. Não há nada de interessante aí, além de uma conversa melosa sobre filhos e bebês. Vocês se apaixonam e logo querem aumentar a população mundial.

— Acha que está imune?

— Farei 35 em breve. Acho que estou imune o suficiente.

Guardo o cartão em minha maleta, não vou discutir com ele.

Lembro-me vagamente dessa conversa. Neil havia ligado para desabafar comigo sobre a assustadora notícia de que seria pai novamente. Eu havia despejado todos os meus sentimentos por Penelope em cima dele. Foi uma conversa longa, onde eu tinha admitido minha vontade de me casar com ela e termos um filho. Agora, os poucos momentos que tive com os gêmeos dele, trouxeram essa vontade com força total.

Em algum momento, Penelope e eu havíamos nos perdido. Pode ser que ela tenha aprendido a amar esse Benjamin de alguma maneira. Talvez ele tenha trazido a paz que ela precisou. Mas a nossa relação, a nossa história, é mais intensa. Ela pode tentar burlar o próprio coração, mas o seu corpo, seus olhos, não mentem. Havia verdade quando disse que me amava. E é por isso que eu vou lutar. Não importa quantos Max, Evans ou Benjamins apareçam.

Eu vou ter o que é meu de volta.

A minha paz. A minha felicidade. A mulher que eu amo. Se eu tiver que trancá-la em algum lugar para que enxergue e aceite a verdade diante do seu nariz, que me ama também, farei isso, sem culpa.

Capítulo 37

Penelope

A MAIS IDIOTA DO MUNDO — é o que deveria estar tatuado em minha testa. Uma tatuagem profunda e que fosse impossível de remover, ou que nem o New York Ink conseguisse colocar outra em seu lugar, apagando assim todas as marcas doloridas.

Quando o Adam começou a falar sobre o Benjamin, as borboletas coloridas e adormecidas em meu estômago fizeram festa. Mas, em seguida, toda a minha alegria e felicidade foram substituídas pela decepção.

Ele não está apenas desinteressado no filho, está vendo-o como um rival. Em uma competição ridícula de quem devo amar mais. Eu já li um artigo sobre esse comportamento ciumento,

que alguns homens têm em relação ao nascimento dos bebês, mas já que ele esteve ausente durante toda a minha gravidez e nascimento do Ben, não sei por que se sentir ameaçado. Nada disso faz o menor sentido.

Além disso, meu maior desapontamento é comigo mesma. Foi tão fácil me render após alguns beijos apaixonados, ficar hipnotizada por sua voz adocicada e macia, tremer com as mãos possessivas e exigentes pelo meu corpo, provocando arrepios incontrolláveis em minha pele.

Onde estava a mulher segura, decidida, forte, que eu havia jurado ter me transformado?

No fundo, ainda continuo a mesma tola apaixonada de sempre. A que deixa o coração falar mais alto que a razão, que permite que os sentimentos governem sua vida. Mas eu não posso mais continuar a ser assim. A coitadinha, a frágil, a insegura, que foge para chorar no quarto escuro e sozinha.

Agora eu tenho o Benjamin a quem pensar, e de todas as pessoas no mundo, ele é a única que eu não quero desapontar, nunca.

E é com esse pensamento em mente que saio do quarto — telefone em mãos — decidida a dizer ao Adam que para mim já basta. Que ele pode até não se importar com o filho, pode ignorá-lo, mas a promessa que fiz na fazenda ainda está de pé. O Ben tem uma família encantadora que, eu sei, irá aprender a amá-lo como eu amo. Ele gostando disso ou não.

— Alô?

— Desculpe — digo à mulher do outro lado da linha — Acho que liguei errado.

Com certeza, devido à pressa e o nervosismo de finalmente falar com ele tudo o que eu preciso.

— Quer falar com o Adam? Esse é o telefone dele, aqui é a Savannah, ele está...

— Não é necessário. Foi um engano.

Desligo rapidamente. Respiro firme para sufocar a dor comprimindo o meu peito. Ele havia ido atrás da Savannah. Depois de tudo o que aconteceu entre nós, no fim, ele tinha ido atrás dela.

Droga. Se Neil não tivesse aparecido, nós dois ainda estaríamos juntos, em sua cama, mas ele está com ela.

Minha reação pode até ter sido irracional, afinal, Savannah está ajudando-o no caso da Jenny, mas eu também lembro tudo o que ele disse sobre ela, aquele dia para o Neil. Nunca fui capaz de esquecer aquela conversa.

Talvez eu consiga que Savannah me acompanhe...depois do que houve na festa... eu gosto dela.

Eu gosto dela. Estariam juntos todo esse tempo?

Raiva e ciúme me fazem tremer.

Hipócrita, cretino, mentiroso!

Vou para a sala pisando duro. Mordida de raiva e ciúme.

— Então? — Juliene pergunta quando me sento ao lado dela.

— Ele não pôde atender — respondo, fingindo um pouco caso que estou longe de sentir.

Reinício o filme que ela havia pausado, sem prestar atenção em nada. Meus pensamentos estão muito longe.

Termino de vestir o Benjamin, quando resolvo comunicar minha decisão para Juliene, já que, de alguma forma, isso poderá afetá-la.

— Eu vou levar o Ben para conhecer a família do pai dele, Juliene. Vou contar ao Liam primeiro, pedir que me ajude, preparando os seus pais e irmã. Sei que inicialmente ele ficará bravo, mas já evitei isso tempo demais.

— Acho que está tomando a decisão certa — diz ela — Benjamin é o mais importante aqui.

Sei que essa decisão pode colocar uma barreira ainda maior entre Liam e ela. Mas Ben precisa estar cercado de quem o ama. Os dias tumultuados e de sofrimentos em volta da família Durant haviam passado. Apesar de Jenny ter sido encontrada e presa, a

verdade não demorou a surgir. E com tudo esclarecido, meu tempo está acabando. Logo Neil voltaria para a empresa, e eu teria que tomar minha decisão. Ficar na cidade ou começar a planejar meu retorno à fazenda.

Só que, a cada dia, minha vontade de retornar para o Texas enfraquece mais. Amo todas as pessoas que deixei por lá, eu não teria sobrevivido sem elas, mas eu também queria que Ben tivesse mais contato com os avós paternos, eles serão os únicos que ele terá na vida. Não quero simplesmente apresentar o bebê e sair como uma fugitiva.

Meu trabalho na DET continua disponível, caso eu decida ficar, foi o que Neil havia me garantido. Posso ficar no apartamento de Charlotte como antes, sei que ela não se importaria, e Juliene pode continuar a cuidar do Ben.

O plano seguiria perfeito, se o mundo outra vez não tivesse desabado em cima de nós. Após várias tentativas de falar com Liam, quando finalmente tive a coragem necessária, recebi a notícia que tirou o chão sob os meus pés.

Foi através de uma Delia chorosa ao telefone que eu soube que ele tinha sido baleado. Agora encontra-se hospitalizado, correndo risco de morte.

Não o Liam. O palhaço da turma. O das piadas ridículas, o cara do coração mais amoroso que já conheci. O tio do Ben.

Ter que dar a notícia a Juliene quase acabou comigo. Ela

ficou em pedaços. Não consegui contê-la. Saiu assim que informei sobre o ocorrido. Nem mesmo tive tempo acompanhá-la até o hospital.

Avisei a Aline que me ausentaria pelo resto do dia. Ela pareceu estranha e fez muitas perguntas, que em sua maioria nem soube responder. No fim, concluí que fosse apenas curiosidade, afinal, a notícia já começou a se espalhar em todos os meios. Despedi-me dela com meias palavras e desliguei.

Não me restava nada a fazer, a não ser esperar e rezar.

Rezava fervorosamente quando ouvi o barulho da porta batendo.

— Juliene, como Liam está?

— A cirurgia acabou há algumas horas, mas o estado dele ainda é delicado — ela soluça, jogando-se em meus braços — Ele não pode morrer, Penelope. Eu nunca vou me perdoar se ele morrer sem saber o quanto eu o amo.

Tento consolá-la, mas é difícil segurar a dor. Choramos juntas no chão. Liam é como um irmão para mim, e eu o amo muito também.

— Ele ficará bem e ficará feliz quando conhecer o Ben.

— Eu preciso que ele fique bem — seu desespero corta meu coração — Dói tanto.

Conheço a dor que ela sente, o medo de perder um grande amor. Diante disso, todos os desentendimentos na vida perdem a significância.

Cuido dela, como tantas vezes estive ferida e foi ela a cuidar de mim. Ajudo-a com o banho, forço-a a comer, e a obrigo a dormir um pouco. Garanto que avisarei caso qualquer notícia apareça. Prometo que no dia seguinte iremos vê-lo.

Penso em Adam, deve estar arrasado. Eu sempre admirei a amizade e o carinho entre os irmãos. Ligo para ele, porém, as cinco tentativas que fiz caíram na caixa de mensagem. Queria abraçá-lo. Queria estar ao seu lado e dizer que ficaria tudo bem, como fiz com Juliene. Não poder fazer isso me aniquila ainda mais.

No dia seguinte acordo tensa, ao som da campainha tocando. Passei praticamente toda a noite entre meu quarto com Ben e o quarto de Juliene.

Levanto com pressa, coloco o robe e corro para atender a porta. Não quero que o barulho assuste o bebê e nem acorde Juliene. Embora ela tenha fingido dormir, boa parte da noite escutei-a chorar baixinho.

— Já estou indo — sussurro para a porta fechada.

A primeira coisa que vislumbro é um cavalinho marrom de madeira. Logo em seguida, o enorme sorriso de Austin.

— Surpresa!

— Austin! — praticamente salto em seu peito e ele me sustenta no ar.

— Iríamos enviar suas coisas, mas precisei resolver algo por essas bandas — ele informa e mostra as caixas atrás dele — Então resolvi passar por aqui e aproveitar para ver o bebê, se não se importa.

— Claro que não me importo — tento ajudá-lo com as caixas, mas ele se nega — Ben vai adorar te ver.

Enquanto Austin cuida das caixas, alimento Benjamin, dou banho e coloco um macacão amarelo.

Deixo Austin brincando com ele na sala e vou preparar o café da manhã. Conto o que houve nas últimas semanas, inclusive sobre Liam e Juliane.

Terminamos, faço uma bandeja com café da manhã, e resolvo acordar Juliene, para avisá-la que Austin está aqui.

Não é uma surpresa entrar no quarto e encontrá-lo vazio. Há um bilhete na cama, dizendo que foi para o hospital.

Volto para a sala e me uno ao Benjamin.

— Seu tio ficará bem, meu amor — brinco com as perninhas dele, enquanto ele balbucia, fazendo bolhas de saliva— Você irá

conhecê-lo, e ele vai te adorar, você vai ver.

Juliene retorna. Ao contrário do que imaginei, ficou muito emocionada ao ver o irmão. Apesar de não ter visto Liam, disse que o médico garantiu que ele já está fora de perigo. Logo ele seria transferido para o quarto, e as visitas seriam liberadas.

À tarde, enquanto Austin fica com Ben, vou até o hospital com Juliene. Na recepção, nos informam que Liam está no quarto 210. Subimos e nos deparamos com Neil e Jenny entrando no quarto. Adam está parado à porta. Ele olha seriamente para Juliene, depois para mim, e entra.

Respiro fundo para manter a calma e sigo em frente.

Juliene estaca ao meu lado no meio do caminho e me olha com pânico.

— O que aconteceu, Juliene? — pergunto ao segurar suas mãos frias — A enfermeira lá embaixo garantiu que Liam está bem.

— E se ele não quiser me ver? — ela funga e seca os seus olhos — Eu fui tão idiota, Penny.

— Claro que vai querer te ver— sorrio, fazendo carinho em seu rosto — Por que não entramos e você diz a ele tudo o que sente?

— Depois que todos saírem — ela sussurra — Por favor, vá você primeiro. Não estou pronta, caso ele me mande embora.

— Está bem.

Eu entro. Liam sorri para mim. É a primeira pessoa no meu campo de visão. Sorrio de volta. Apesar da aparência cansada e abatida, continua o mesmo brincalhão de sempre. O médico avisou que não era para todos estarmos ali, mas Liam foi insistente e insuportável.

— Médicos são os piores pacientes do mundo — explica o doutor antes de sair resmungando.

Todos riem das caretas do Liam — o mesmo menino em um corpo de homem. Olho para Adam de relance. Ele continua a me olhar firmemente.

Acho que não me quer aqui. Não me importa. Liam é meu amigo e tio do filho dele, terá que aceitar isso.

— Por que fez isso, seu idiota? — pergunta Neil ao dar um tapinha de leve na cabeça de Liam — Queria uma vaga como Superman? Sinto informar, mas ele não faz parte dos Vingadores, terá que se empenhar mais se quiser se juntar à equipe.

— Hã hã — Liam revira os olhos — Tony Stark e seu bom-humor.

— Nunca mais faça uma loucura como essa! — Jenny o repreende. — É importante demais para nós.

— Você tem seus filhos, Jenny — Liam a encara com carinho e pesar — Uma família. Eu não tenho nada a perder.

Ah, Liam, você tem família, amigos queridos, e agora um sobrinho lindo esperando para te conhecer. Tem muitas coisas a perder.

— Não tem nada? — Adam pergunta zangado, dando voz aos meus pensamentos — E os nossos pais, nossa irmã, seu fil...

O olhar ferido desvia de Liam e enfrenta o meu. Parece angustiado, perdido.

Quando ele sai, eu o sigo.

— Entre, Juliene — sua voz vacila e ele me olha — Conte tudo para ele.

Contar ao Liam sobre o Ben? Era isso que ele estava sugerindo a ela?

Meu coração salta com essa remota possibilidade. Não houve um dia, desde que soube sobre o Benjamin, que eu não tivesse sonhado com esse momento.

— Adam?

Vacilo dois passos em direção a ele. Eu vejo a mágoa e desesperança em seus olhos.

— Liam tem tudo o que eu sempre quis. Não acredito que não saiba a sorte que tem — diz ele antes de me dar as costas e sair, deixando-me sozinha e perdida.

A que ele se refere? O que tanto inveja? Um amor como o de Liam e Juliene? É isso que ele almeja?

— Eu estive o tempo todo aqui, Adam — murmuro ao vazio, com lágrimas nos olhos — Eu e o seu filho. E ainda estamos.

Parece que o que aconteceu a Liam tinha finalmente o feito enxergar o que realmente importa na vida — a família.

Capítulo 38

Adam

Foram os dias, as horas, os momentos mais terríveis da minha vida. Uma sucessão de acontecimentos enlouquecedores. Eu só conheci esse medo uma vez, quando quase perdi Penelope naquele acidente.

Quando cheguei ao hospital com Liam quase morto, senti que perderia minha sanidade. Ele poderia ter sido mais uma vítima das crueldades do Nathan. Sempre que penso sobre isso,

minha raiva aumenta. E eu nunca senti tanto ódio por alguém como senti por ele.

Nathan é um psicopata egoísta. Criador de caos e destruição por onde andava. Um ser desprezível de quem ninguém sentiria falta. Pelo contrário, sua morte finalmente daria paz a todas as pessoas a quem prejudicou. E se ele já não estivesse morto quando cheguei no hangar, se aquele desgraçado não tivesse voltado para o inferno de onde nunca deveria ter saído, eu teria sido capaz de matá-lo com minhas próprias mãos. Eu vingaria o Neil, Jenny e meu irmão.

Penso na angústia dos meus pais, da Katty, dos nossos amigos, o meu próprio desespero, enquanto esperávamos amedrontados por alguma informação.

Só fui para casa após a cirurgia. Isso porque, após ver o Liam por alguns minutos, meu pai exigiu que eu fosse embora.

— *Liam ficará bem — ele garantiu — Agora vá para casa, tome banho, se alimente e descanse um pouco.*

Foi o que eu fiz. Após quase 48 horas exaustivas, velando por meu irmão, pude finalmente dormir um pouco. Mas no dia seguinte, nos primeiros raios da manhã, estava de volta ao hospital.

Como Liam pode dizer que não tinha nada a perder, quando tem tanto? E de certa forma eu o invejo. A lembrança do que ouvi Juliene dizer enquanto ele esteve desacordado não saiu da minha

cabeça em nenhum momento do dia.

— *Pode entrar, mas só podem ficar duas pessoas de cada vez — a enfermeira informou assim que eu cheguei — À tarde ele será transferido para o quarto, e as visitas serão liberadas. A namorada está com ele, mas ele está dormindo.*

Sigo para o quarto de Liam. O Dr. Martin estava saindo. Fiz algumas perguntas e ouvi atentamente sobre o progresso dele.

— *Liam ficará bem — foi o que ele disse. Liam é um homem forte. Liam foi corajoso. Liam foi um grande herói. Sim, ele é tudo isso e um pouco mais.*

Ele é mais do que um irmão querido. É o meu melhor amigo, sempre foi. O garoto que me carregava nas costas, quando eu tinha medo de subir em árvores. Que me defendia na escola, mesmo se seu oponente fosse maior que ele. O amigo que esteve em silêncio ao meu lado, quando minha culpa era grande demais para suportar, que compartilhou minha dor sempre quando era mais forte que eu. O cara que, mesmo que eu tenha tentado afastar, daria a vida por mim e pelas pessoas que ama. E tenho a plena convicção de que qualquer um de nós faria o mesmo por ele.

— *Você não pode me deixar, Liam — Juliene chorava baixinho, rente à cama dele — Eu te amo tanto. Eu preciso de você. Está me ouvindo?*

Parei na porta, observando a cena, indeciso se deveria ficar

ou sair. Esse era um momento deles, mesmo que Liam estivesse inconsciente, sinto como se invadissem algo especial.

— Há tantas pessoas que te amam também — ela soluçou, levando a mão dele aos seus lábios — E tem o bebê, pense nele, querido. Tem que ficar bem para conhecê-lo. Então fique bem, fica com a gente, por favor.

Retrocedi, assustado com que ouvi. Bati contra a porta entreaberta. Voltei a olhar para eles e deparei-me com a expressão de tristeza e angústia de Juliene.

Suas palavras caíram sobre mim como um meteoro, explodindo em minha cabeça.

Juliene grávida de Liam. Um filho que ele correu o risco de jamais conhecer.

— Desculpe — murmurei apressado e saí, tropeçando em minhas pernas.

Abalado pela notícia, eu caminhei pelos corredores, sem rumo. Não lembro como cheguei em casa, apenas que chorei, agradeci pela vida dele, por sua nova família. E clamei a Deus que, embora talvez eu não merecesse, mas que também olhasse por mim. Uma ovelha desgarrada, tentando encontrar seu caminho de volta.

Naquele momento, senti inveja de Liam; eu desejei fervorosamente, e com todo o meu coração, a dádiva que ele recebeu.

Penelope, eu... um filho.

Todos nós juntos.

Então eu saí do quarto — na verdade, fugi — porque precisava de ar. Por ter que encarar Penelope e sem saber se seria capaz de segurar o desejo de dizer a ela tudo que estávamos perdendo, por um orgulho sem sentido.

Saí, porque a revelação sobre o bem mais precioso que Liam receberia teria que partir de Juliene, não de mim, e estive a segundos de revelar tudo, tamanha era minha revolta com ele.

Entre, Juliene. Conte tudo para ele. Pedi a ela já com o meu coração despedaçado.

E embora eu tenha visto em Penelope a insegurança miscigenada a um fio de esperança, sabia que aquele ainda não é o momento para declarações e promessas.

Temos muitas questões a serem resolvidas.

Segui direto para a minha casa.

— Peter? Onde você está? Estou indo para casa, preciso

falar com você.

Deixei a décima mensagem em sua caixa postal. Com tudo o que havia acontecido com Neil e Jenny, a ajuda que pedi a ele teve que esperar. Agora eu acredito que seja o momento para colocarmos o plano em prática.

Se quero algo como o Liam tem, não posso entregar os pontos e ficar lamentando a minha vida eternamente. Então, é apenas uma questão de tempo para provar a Penelope que o que sentimos também é forte para superar tudo o que já enfrentamos.

Vou direto para o meu escritório em casa. Concentrei-me em arrumar a bagunça que deixei por ali. Tempo eu tinha. O que precisava era ocupar a cabeça e segurar a onda.

A noite caíra quando Peter chegou. Exausto, ele desabou no sofá enquanto fui buscar algo na cozinha para ele comer. É um homem forte, mas vejo que também está esgotado.

— Desculpe não ter vindo antes — ele murmura de olhos fechados — Estive resolvendo algumas coisas.

Coloco o prato em cima da mesa e sento ao lado dele no sofá. Peter não é um homem que fala muito dos seus problemas. Pelo que lembro, nunca o vi citando algum, mas sempre esteve presente para todos nós, seja para um caso profissional, ou como ele diz: para as nossas loucuras.

— Quer conversar?

Ele me olha, mas não sei se me enxerga exatamente.

— O peixe morre pela boca — ele sussurra, como se o que disse fosse uma revelação até mesmo para ele.

— Como?

Seus olhos piscam e agora me olha.

— É só uma expressão popular — noto-o ficar desconcertado, e sua atenção vai para o prato à sua frente — Cereal? Não é comida de bebê?

Ele sorri e curvo meus ombros em uma desculpa muda. É só o que tenho a oferecer. Cozinhar não é o meu forte. E não tenho inspiração para o pouco que sei.

— O que queria falar comigo?

— Liam vai ter um filho — revelo orgulhoso, como se eu mesmo fosse o pai.

Peter cospe, manchando minha camisa de leite e cereal.

— Que porra você disse?

Limpo a camisa e olho para ele.

— Liam e Juliene terão um bebê. Todos os nossos amigos estão bem. Então, podemos colocar aquele plano em prática?

— Adiantaria eu se disser que não?

— Adiantaria, se achar que é loucura — suspiro, esfregando meu rosto — Não quero fazer merda outra vez.

— Já fez tantas — ele provoca, afastando o prato das minhas mãos vingativas — Uma a mais, uma a menos, não faz diferença.

Sim, eu já fiz muita merda. Falhei mais vezes do que consigo enumerar, e havia desistido quando deveria ter continuado lutando.

Mas Neil e Jenny passaram por tanto caos e desgraça e continuam juntos e felizes. Richard fez loucuras e lutou por Paige, e Liam se apaixonou.

Acredito que todos eles tenham feito merda em algum momento. Além disso, que diferença faria? Não posso perder, pois já não tenho nada.

— Tá bom, chega de comida de bebê — levanto, lembrando que deixei o celular no escritório — Pega as cervejas, que vou pedir as pizzas.

Não falamos de problemas, de trabalho ou toda a loucura dos últimos dias. Apenas sentamos lá como nos velhos tempos. Como fazíamos antes, apenas dois caras vendo um jogo na TV.

Embora eu acredite que nenhum de nós dois esteja realmente prestando atenção em nenhum lance.

Tudo igual, mas de certa forma, tão diferente.

Capítulo 39

Penelope

Passei toda a noite me revirando na cama. Andando pelo apartamento, pensando, lembrando. Tentando desvendar a epifania fragmentada em minha cabeça. Dando voltas e voltas sem realmente chegar a algum lugar.

Assim, nas primeiras horas do dia, eu estava de pé e pronta. Aparentemente, Juliene e Liam caminhavam para se entender, mas a missão de falar a ele sobre o Benjamin ainda é minha.

Coloquei a roupa mais linda que o Benjamin tinha. Camisa de listras branca e azul marinho, com uma gravata borboleta embutida. O colete, a calça e sapatos, no mesmo tom de azul.

Liam teria alta hoje, toda a família estará reunida na casa dos pais dele. Se quero introduzir Ben à sua família, não existiria momento melhor que esse.

Primeiro eu falaria com Adam. Essa é uma decisão que ele, querendo ou não, o envolve. Então, exatamente no horário marcado, vou até a janela verificar se o táxi chegou. O motorista já aguarda lá fora. Pego a bolsa do bebê e saio.

Não estou nervosa como acreditei. Talvez seja o fato de ter Benjamin comigo que esteja transmitindo toda essa confiança.

Mas quando em frente a casa, pergunto-me se não fui precipitada demais. Talvez eu devesse ter ligado. E se Adam não estiver em casa? Ou se recusar a nos receber?

Respirando fundo, encho-me de determinação. Afasto esses pensamentos para bem longe. É por Benjamin que enfrento tudo, até mesmo o risco de ter o coração despedaçado.

Digito o código de segurança, que eu sabia de cor, e comemoro quando o portão é aberto. Subo pela trilha de pedra. É pelo Ben, afirmo novamente. Toco a companhia e espero. Ajeito o bebê deslizando em um braço, e a bolsa com as coisas dele na outra.

Toco a campainha outra vez e de novo. Benjamin balbucia. Sussurro para ele se acalmar. Então, a porta é finalmente aberta.

Não sei quem está mais chocada. O grandão paralisado à minha frente, olhando de jeito abismado para o bebê, ou se sou eu por vê-lo.

— O Adam está? — pergunto, lembrando do meu motivo de estar ali — Peter?

Ele se afasta para que eu entre, mas não responde à pergunta. Vou para a sala. Vejo as garrafas de cerveja jogadas pelo chão e caixas de pizzas abertas na mesa.

— E esse bebê? — pergunta, ainda me olhando assombrado, atônito, pasmado. Desvio meu olhar. Ficou óbvio que ele também não sabia.

— Benjamin — murmuro, olhando para baixo — Meu filho.

Não é que eu sinta vergonha, apenas não estava preparada para a situação. Minha confiança ameaçava se esvaecer. Se a minha reação era essa, imagina perante todo o clã dos Crighton.

— Esse é o Benjamin? — Peter pergunta, apontando para o bebê.

Assinto com a cabeça e ele se curva, como se tivesse tendo um ataque de asma:

— Porra! Caralho! Que porra!

Benjamin resmunga outra vez, dá sinais de abrir o berreiro. Equilibro a bolsa que começa a ficar pesada e agito-o em meu colo, tudo ao mesmo tempo. Ignoro o palavreado de Peter, visto que foi levado pela surpresa. No entanto, futuramente pedirei que não o faça.

Bem, aqui estou eu, idealizando que Peter e Benjamin terão algum tipo de convivência.

Enquanto divago com um bebê impaciente, Peter caminha

até a mesa, joga a caixas no chão e pega a minha bolsa.

— Acho que ele precisa trocar a fralda — justifico os maus modos de Ben, enquanto caminho até o sofá — Ou talvez seja fome. Um dos dois sempre o deixa meio impaciente.

Estou tagarelando, eu sei. Não consigo agir de outra maneira enquanto ele continua a me olhar. Não é exatamente um olhar de sermão, mas há dezenas de acusações veladas ali. Como um cão farejador.

— O Adam está? — refaço a pergunta e checo que não é preciso trocar a fralda.

— Eu vou chamar — responde ele, os olhos ainda grudados em Ben.

Ele corre em direção às escadas. Volto a embalar a minha criança invocada e impaciente.

Minutos depois, Peter retorna, sozinho. Meu coração falha. Ele não irá nos receber?

— Adam está no banho, descera em breve — ele informa.

Ele caminha até sua jaqueta no sofá e para, brincando com a mão do bebê.

— Estou feliz em ver vocês dois.

Sem dizer mais nada, ele vai embora. Só me resta aguardar.

O soluço sentido de Ben assegura que ele não fará o mesmo.

Capítulo 40

Adam

Acordei com uma batida violenta em minha cabeça. Mal tive a chance de abrir os olhos para saber de onde veio o ataque, quando senti meus pés serem arrastado e me vi estatelado no chão.

— Acorda! — Peter puxa o lençol, jogando-o em cima da poltrona — Você tem visitas.

Levanto meio confuso. Abafo um impropério e vasculho minha mente, procurando me orientar. Flashes do dia anterior saltam diante dos meus olhos. O hospital, Liam, Juliene.

Peter e eu ficamos bebendo e conversando até tarde. Em algum momento da madrugada, eu tinha vindo até o quarto. Tentei levá-lo para o quarto de hóspedes, mas ele tinha

desmaiado no sofá. Acabei deixando-o por lá mesmo e subi.

— Você disse visitas?

— Cara, eu não sei se dou risada ou tenho pena de você — não sei por que, mas o tom de voz lembra o do meu pai dando sermão, quando eu chegava em casa depois de uma grande noite. E por algum motivo, acho que ele não está se referindo à nossa bebedeira de ontem à noite — Tome um banho e desça. Você está com uma cara horrível.

Faço o que ele disse. E é quando ligo o chuveiro que atino, ele não disse quem esperava por mim. Escovo os dentes e resolvo fazer a barba, há dias que a deixo crescer.

Recordo de todas as vezes que Penelope esteve aqui, sentada na pia, eu entre suas pernas, enquanto ela se concentrava em algo que eu geralmente levava entre dez a quinze minutos para fazer, mas com nós dois juntos, estendia para quase uma hora. Era difícil tê-la tão perto e manter minhas mãos longe. Eu a atacava, ela ria; no fim, acabávamos na cama — metade do rosto barbeado e a outra metade em um traçado esquisito.

A recordação faz meu peito doer. Esfrego o local dolorido e afasto a sensação incômoda. Retorno e encontro o quarto vazio. Visto as primeiras peças de roupa que encontro no armário. Calça jeans desbotada e uma camisa preta. Olho no espelho, penteio os cabelos com as mãos mesmo e decido que eu preciso de um corte.

Quando chego ao topo da escada, eu paro, surpreso.

Reconheço os cabelos claros, presos em um coque frouxo, o pescoço delgado e a voz, mesmo que sussurrada, é melodiosa, doce.

Penso em voltar e trocar de roupa. Colocar algo menos informal, algo mais elegante. Sorrio da minha própria estupidez. Não é o que visto que importa a ela.

— Estava com fome, não é? — sorrio com o sorriso em sua voz, desço dois lances de escada — Seu pai é igualzinho a você. Nunca me deixava terminar nada. Sempre fuçando as panelas.

Com quem ela fala? Inclino a cabeça, à procura do telefone.

— É tão parecido com ele, Benjamin.

Benjamin? Estaco a poucos passos dela. Benjamin ao telefone, ou Benjamin está aqui? Obviamente ao telefone. Não vejo ninguém ao seu lado.

O ciúme causado por ele tira meu corpo desse estado petrificado e caminho em direção a ela.

— Penelope! — chamo em um tom possessivo. Vejo-a virar lentamente.

É então que o meu mundo para, e eu sinto como se alguém houvesse me dado um soco potente no estômago.

Meu coração aperta.

Ele falha.

Uma, duas vezes, e volta a acelerar em uma velocidade espantosa.

Olho para o bebê em seu colo, mamando vigorosamente no seio desnudo.

Estou paralisado, fascinado, assustado e confuso. Olho para ela, olho para ele. E volto a focar meu olhar nos olhos cristalinos. Eu tenho centenas de perguntas, mas tudo o que eu consigo fazer é admirar.

Admirar o bebê se alimentando de leite e amor. Mãe e filho em um momento especial e tão íntimo, mas que, de alguma forma, sinto me incluir também.

"Você o ama?"

"Eu amo."

"Mais do que eu?"

"De forma diferente... Não se trata de quem eu amo mais. Se o conhecesse..."

— Deus! — soluço, despedaçado — Meu Deus!

E é aí, olhando para esse anjo, que a compreensão me cerca. Sinto meus joelhos cederem. Por um momento, perco todas as minhas forças e caio.

— Meu? — deixo que o rio de lágrimas siga seu curso em meu rosto — É o meu filho?

— Sim — seus lábios tremem e os olhos úmidos entregam-

se à guerra vencida — É o seu filho. Benjamin.

Meu filho Benjamin. As palavras pulsam em minha cabeça na mesma batida do meu coração. Meu filho, Benjamin.

Rastejo até eles, ansioso, ferido. Não tenho forças para algo tão simples como caminhar. Arrasado e impotente pela força esmagadora em meu peito, apoio minha cabeça em seu colo e choro.

De tristeza. De uma dor que é tão forte que me faz convulsionar. Choro por todos os momentos perdidos, por todos os dias de ausência. E choro porque, mesmo em meio a todos esses sentimentos destruidores, também tenho felicidade.

Ergo meus olhos e encontro os dela emocionados.

Benjamin resmunga, pedindo atenção. Olho para os olhos curiosos e tão familiares para mim. Penelope ajeita-o em seu colo para que eu possa admirá-lo melhor.

Pego sua mão. Dedos tão minúsculos e delicados que agarram os meus, com uma firmeza admirável para alguém tão pequeno.

Incapaz de resistir, acaricio a bochecha rechonchuda com o meu polegar. Ele balbucia alegremente e sorri. Repito, outra vez recebo a mesma reação alegre.

E é através desse sorriso, com borbulhar de saliva e um balbuciar animado, que repentinamente tenho um vislumbre de mim. De quem eu sou. Minha pequena miniatura em seus

braços. Ainda mais lindo do que um dia ousei sonhar.

Seguro a mão delicada entre a minha, completamente idênticas. Observo-o desde os cílios longos aos olhos castanhos, fixos em mim. Os traços do rosto que se misturam levemente aos traços dela, quase imperceptíveis, mas que estão ali também.

— Oi, Benjamin — sussurro com a voz carregada de uma emoção, incapaz de segurar em meu peito — Eu sou o seu pai. Sou o seu pai, meu... filho.

Meu filho, parte de mim. O filho que eu tanto esperei. Que tanto sonhei. Que eu desejei com todas as minhas forças. E por ter desejado tanto, ele se tornou real. A pessoa que agora é a mais importante da minha vida. Que me ensina que é possível amar mais e mais, de uma forma tão intensa que se torna impossível explicar. E assim como foi com a mãe dele, eu havia me apaixonado no primeiro olhar.

— Quer pegá-lo? — ela pergunta, estendendo-o a mim.

Minhas mãos estão trêmulas ao tocá-lo. Tenho o medo brigando com essa imensa vontade de ter meu filho em meus braços pela primeira vez.

— Eu não consigo — respondo receoso — Vou deixá-lo cair.

E meus braços estão vazios, como nunca estiveram antes.

— Não vai, não — vislumbro o sorriso que atrai o meu — Eu te ajudo. Coloca a sua mão aqui e braço dessa forma.

Enquanto ela instrui, vou sentido o corpo miúdo e delicado moldando-se ao meu. Não estive presente quando ele nasceu, mas eu tenho a certeza que minha emoção seria semelhante a essa.

Felicidade explodindo como fogos de artifício em meu peito.

E no momento que eu olho em seus olhos, sei que fizemos a nossa conexão. Um elo que jamais poderá ser quebrado. Por longos minutos, eu mantenho-me aqui, calado, apenas admirando e memorizando cada detalhe dele.

— Por quê? — pergunto, voltando a olhá-la. A acusação doendo em cada palavra que profiro — Por que afastou o meu filho de mim, Penelope? Por que tirou a minha vida?

Capítulo 41

Penelope

Ele não sabia de nada. O olhar magoado e ferido que recebi foi tão verdadeiro e intenso, que não há margem para dúvida. Adam não sabia da existência do Benjamin. Sua reação emocionada ao ver o filho pela primeira vez é tangível. Eu vim armada, munida de acusações e mágoas, mas a mesa havia girado. Não foi ele que nos virou as costas sem olhar para trás, eu que havia impedido que ele tivesse os momentos mais preciosos do nosso filho. Essa realidade dói muito mais do que se Adam tivesse mesmo nos virado as costas.

— Eu não entendo — sento no chão ao seu lado.

Abraço minhas pernas, de repente, eu me sinto sozinha, como nunca senti durante todos aqueles meses longe dele.

— Sabia que estava grávida quando foi embora?

— Sim — olho diretamente em seus olhos — Mas você não queria saber nada sobre nós, nem antes e nem depois.

Sua expressão é mais descrente e horrorizada do que quando viu o Ben em meu colo há alguns minutos.

— Isso não é verdade!

Benjamin resmunga e ele fica em dúvida se o dá a mim ou não. Acaba acomodando-o no peito. Eu tenho a remota desconfiança que, se não houvesse a necessidade de ter que alimentá-lo e cuidar das suas necessidades fisiológicas, Adam jamais devolveria o menino. Como uma criança que se recusa a

emprestar o brinquedo.

— Eu amava você — a voz falha e meu coração se aperta ao ponto de doer — Eu ainda amo. Eu amo tanto que chega a ser algo assustador. Tudo o que mais desejei na vida está aqui, agora. Então por quê? Por que eu perdi os momentos mais preciosos dele?

— Porque eu ouvi sua conversa com o Neil — seco as lágrimas escorrendo em meu rosto — Eu ouvi quando disse que tudo foi um engano. Que não queria filhos comigo ou qualquer pessoa. Que a nossa relação foi um erro. Que...

Soluto e escondo meu rosto contra minhas mãos. Eu tinha enterrado aquelas palavras no lado mais obscuro da minha alma. Revivê-las ainda tem a mesma capacidade de me aniquilar.

— Ouvir você dizer aquilo — afasto minhas mãos e toco o meu ventre — Com nosso filho aqui, crescendo... Você não queria, não queria meu bebê...

Pela primeira vez em muito tempo, estou lavando minha alma. Todas as dores contidas em meu coração, toda a tristeza da minha vida, e que tive que abafar para que Ben pudesse ter uma gestação tranquila, de repente caem sobre mim como uma avalanche. Meu pranto é violento, como um carro sem freio rumo ao desfiladeiro.

— Não faz isso — subitamente, os lábios deles estão nos meus.

Não é um beijo profundo, carregado de paixão; são toques suaves, como a mais fina pena, pelos meus lábios, meu rosto, meus olhos. Apagando não apenas minhas lágrimas, mas todo rastro de dor que senti.

A testa cola na minha. Olhos nos olhos. Eu vejo o amor. Na sua forma mais pura e sincera.

— Eu sempre o vi aqui — toco seus olhos com os meus lábios, como ele havia feito comigo — Seu amor, eu sempre vi aqui. Então eu escrevi a carta, contando tudo. Eu disse que se um dia mudasse de ideia, nós estaríamos esperando, eu esperaria a vida toda.

— Que carta? — ele pergunta, franzindo os olhos — Não li nenhuma carta.

Eu sei que não. Tudo faça mais sentido agora.

— Pedi que Juliene entregasse uma carta que escrevi, assim que fui embora.

— Quando você partiu, eu fiquei meio louco — seus olhos se desviam dos meus, mas eu tenho o vislumbre do sofrimento contido ali — Eu precisava fugir de todas as lembranças. Não adiantou muita coisa. Levamos as pessoas aqui.

Ele toca o peito. Compartilho do que ele está falando. Não são as coisas, lugares que nos fazem lembrar de quem se ama. É o amor que sentimos por ela. Nos acompanha em qualquer lugar que estejamos.

— Juliene deixou com aquela senhora que faz a manutenção da casa. Acreditei que tivesse lido, mas não se importasse.

Ele pragueja baixinho. Benjamin, que agora está dormindo, tremula os olhos, mas volta a dormir.

— Ela me avisou sobre a correspondência. Eu não dei importância — ele fecha os olhos e suspira pesadamente.

É tão irônico e idiota que um detalhe tão insignificante, como uma carta não lida, tivesse ditado nossas vidas.

— Ainda deve estar no escritório — Adam murmura, e noto o tom de desapontamento em sua voz.

Seu olhar volta para o Ben. Seu nariz toca o topo da cabeça do bebê e ele fecha os olhos. Eu também amo o cheiro gostoso que ele tem. Cheiro de amor e carinho.

— Eu fui tão idiota — ele me encara com um olhar pesaroso — Acha que um dia ele vai me perdoar?

Sorrio diante de sua angústia descabida.

— Ele é só um bebê, Adam. Não vai se lembrar disso.

— Mas um dia ele vai nos perguntar como foi o seu nascimento — a tristeza faz um nó gigantesco em minha garganta — Eu não estive lá.

— Você está aqui agora. Isso é o que importa, e Benjamin sempre saberá como nós o amamos e desejamos.

Ele levanta e me ajuda a ficar de pé. Nos abraçamos com

Ben entre nós dois. Eu me sinto como se tivesse retornado de uma longa e exaustiva viagem, e agora estivesse de volta em casa, segura e feliz.

— Adam? Por que disse todas aquelas coisas para o Neil, se não era verdade?

Sua mão desliza por minhas costas, titubeante. Como eu senti falta do seu toque, do calor que passa dele para mim.

— O que eu disse? Na verdade, o que acha que eu disse? Você se lembra?

Eu jamais consegui esquecer, embora poucas vezes tenha permitido que ela emergisse das minhas memórias; foram aquelas palavras que destruíram meus sonhos. Então eu falo, cada palavra que foram como adagas cravando em meu peito, que me destruíram.

— Aquele desgraçado! — ele me afasta — Tenho certeza que foi ele. O maldito Nathan.

Se Benjamin não estivesse com ele, certamente descontaria sua raiva em algum objeto, a fúria em seus olhos me preocupa.

— Vamos colocá-lo na cama. Eu vou mostrar o que exatamente eu disse naquele dia.

Subimos com nossas mãos entrelaçadas. Eu abro a porta, e só nos separamos para que eu arrume a cama para o Ben. Faço um cercado com travesseiros e cobertores, e Adam o coloca na cama. Espero pacientemente ele admirar o bebê como se já não

tivesse feito isso antes. Ele afaga, sussurra palavras doces, beija e se afasta com pesar.

Quando fica em pé, estende as mãos. Eu olho para ela por uns cinco segundos. O som do das nossas mãos unindo-se é quase imperceptível. Deixamos a porta aberta para ouvir quando Ben acordar. Nós descemos, Adam me guia de volta à sala e para o escritório. Nesse momento, eu tenho a certeza que o seguiria para qualquer lugar que fosse.

Adam senta na cadeira em sua mesa e me traz para o seu colo. Não precisamos falar. Eu nem tinha ouvido o que preciso ainda, mas está tudo expresso em seus olhos.

— O Nathan, ele queria ocupar o lugar do Neil — ele alisa meu braço enquanto fala, um gesto que acho que nem ele mesmo percebe que faz — Ele queria tudo o que o Neil tinha.

Eu soube superficialmente sobre a história. Mas conforme ele narra, é difícil poder acreditar que alguém tão perverso como o Nathan pudesse ter existido.

— Então ele me via como algum impedimento ou ameaça — diz ele, aborrecido — Se eu estivesse mal, eu jamais suspeitaria dele, certo? Eu vou pedir que o Peter investigue isso melhor.

— Ele está morto, não está?

Visto que o infeliz tinha vindo das trevas antes, não quero nem imaginar que ele possa voltar novamente.

— Peter se certificou que sim, ou eu mesmo faria isso.

— Adam!

Eu não duvidaria que ele seria capaz disso. Graças a Deus que Nathan está morto.

Ele solta meu braço e procura algo em sua pasta, em cima da mesa. Aguardamos alguns minutos para que o computador inicie. Ele me beija no queixo, eu dou risada. Trocamos o primeiro beijo de verdade. Carregado de amor, paixão, e uma saudade que é quase impossível de controlar.

— Então, minha Charmosa — ele toca meu rosto, afagando-o de leve — Você vai ouvir um pouquinho do amor que eu tenho por você. Porque o que eu sinto jamais será possível colocar em palavras.

Então, agora, aqui, com ele, eu vejo que não tem importância. Nada tem importância além da certeza que ele me ama. Que ele ame o Ben, isso tem importância e significa tudo para mim.

E quando ele inicia a gravação, eu me sinto completamente estúpida por ter caído em um golpe tão baixo.

— *Você está ocupado agora? — ouço a voz do Neil, que agora sabemos ser do Nathan.*

— *Não. Você está bem? — Adam pergunta — Sua voz está diferente.*

— Ah, não é que... andei falando demais, tive uma reunião exaustiva.

— Desacelera, cara — ouço o seu riso — Precisa da minha ajuda?

— Eu só queria conversar um pouco.

— Quer que vá até aí, ou quer passar aqui em casa?

— Não. Eu só queria conversar — Nathan continua — Não vou tomar muito do seu tempo.

— Não estou perdendo meu tempo. Sempre estarei aqui para os amigos.

— Você sabe que a Jenny está grávida. Mas com todas essas coisas que vem acontecendo, é claro que ser pai novamente me assusta, Adam. Mas é emocionante também. Eu sei o que pensa sobre ter filhos, mas isso foi há tanto tempo. Nunca pensou em mudar de ideia?

— Se tivesse me perguntado há algum tempo, minha resposta seria que não haveria a mínima possibilidade. A culpa impedia que pensasse nisso. Eu não sentia que poderia, que eu era digno disso. Hoje sinto que eu posso, como quero também, desejo todas essas possibilidades.

— Um dia você encontrará a pessoa certa, se já não encontrou, não é?

Adam ri.

— *Eu já encontrei a pessoa certa. Meu medo é que eu a tenha perdido.*

— *Espero que não, mas a vida sempre dá uma segunda chance. Veja o meu caso. Pensei que depois de Sophia, não existiria mais ninguém.*

— *Tudo bem. Neil, eu sei que nunca te disse nada oficialmente sobre a Penelope, aconteceram muitas coisas, mas eu a amo. Eu a amo de verdade. Não desejo outras mulheres. Eu preciso dela. Não quero apenas que sejamos amigos, como Liam sugeriu, para que eu fosse com calma. Sei que nesse momento é necessário, eu só não consigo ficar longe dela, e essa situação está me matando.*

Eu sinto a angústia em suas palavras, e isso me baqueia.

— *Magoamos demais um ao outro, eu sei. Claro que tudo foi culpa minha, por não ver o quanto fui idiota. O melhor seria deixá-la ir embora, seguir em frente, mas eu a amo tanto, Neil. Eu vou insistir até o último momento. Teria que ser muito imbecil em desistir de algo tão precioso como o que temos.*

— *Tenho certeza que vocês irão ficar bem. Logo terão uma casa cheia de filhos para brincar com os meus.*

— *Filhos? Não pensei que diria isso, mas sim, quero muitos filhos com ela. Nunca desejei isso com mais ninguém. Com Cecilia, talvez tenha me assustado ou tenha achado que não estivesse pronto, na verdade, acho que não amava a Cecilia de verdade...*

— *E se o acidente não tivesse acontecido? — ele interrompe.*

— *Cecilia e eu ficaríamos presos a uma relação frustrada, sem amor. Eu amaria a criança de qualquer maneira, mesmo se depois descobrisse que era do Liam, mas seríamos infelizes, porque assim que eu colocasse meus olhos em Penelope, eu sei que me apaixonaria.*

Engasgo em minhas lágrimas, porque a partir daí, é operoso demais controlar minha emoção. Ela transborda dos meus olhos e lábios em suspiros mal contidos.

— *É egoísta dizer isso? Não. Com Penelope eu quero tudo... Não sei como explicar sem parecer emocional demais, mas um filho nosso, não há mais nada que eu queira tanto como isso. É...*

— *A coroação de uma relação? Eu sei. Sim, somos tolos apaixonados. Mas preciso e devo alertá-lo sobre trocar fraldas e acordar de madrugada. Não é um mar de rosas.*

— *Tenho duas sobrinhas, esqueceu? E não vai me assustar, não vou mudar de ideia. Mas chega de falar de mim, ligou para falar de você.*

— *Na verdade, estou bem mais calmo. Obrigado por me escutar. Ah, sobre a festa na empresa, você virá, eu suponho.*

— *Claro que irei. Foi nessa festa que conheci a Penelope, talvez eu consiga que ela me acompanhe. Ou, no mínimo, que se recorde como aquele dia foi especial. Bom, para mim foi.*

— *Convide a Hernandez.*

— *Savannah? Por que?*

— *Jenny soube o que houve entre ela e Charles. Sabe como são as mulheres, casamenteiras.*

— *Posso falar com ela. É complicado. Gosto de Savannah, mas ela anda na dela. Bom, depois do que houve na festa, eu entendo.*

— *Preciso ir, Adam. Quero chegar mais cedo em casa hoje. Obrigado por me ouvir.*

— *Eu apenas falei. Até sexta.*

Eu não consigo encará-lo sem me sentir tão cretina. Sem conseguir olhar para mim mesma com muita raiva e decepção. Foram tantas provas que ele me deu que me amava. Ele havia errado muito, mas eu também enxerguei o que eu quis ver.

— Eu me sinto tão burra — um soluço atormentado me impede de continuar — Tão...

Suas mãos seguram meu rosto, obrigando-me a encará-lo.

— Eu nunca abandonaria você, com ou sem o Benjamin — a intensidade em seus olhos e voz me fazem voltar a chorar — Eu só deixei que fosse embora porque acreditei que a fizesse sofrer. E eu preferia sofrer sozinho do que causar sua dor. Então eu aceitei que ficar sozinho fosse meu carma. Mas cada momento,

cada dia, cada lembrança que eu tinha de você, de nós dois, levaria pela vida inteira.

— Eu te amo — declaro repetidas vezes enquanto beijo seus lábios, seu rosto, pescoço, suas mãos — Eu te amo, muito.

Ele afasta minhas mãos e me tira do seu colo. Observo a dificuldade de cada movimento que faz.

— Eu te quero muito — os lábios pressionam os meus — Mas eu quero ler aquela carta. Quebrar a última barreira. Nada mais depois disso irá nos separar de novo. Eu prefiro mil vezes que me odeie ao meu lado, do que me ame longe de mim. Porque não há maneira alguma que nos separemos de novo.

Ele tira o molho de papéis e correspondências da gaveta. Propagandas, catálogos, cupons de ofertas voam para a lixeira, até meu envelope surgir entre elas.

Assim como na gravação que acabei de ouvir, eu também havia desnudado minha alma.

Ele retorna à cadeira. Suas mãos vacilantes fazem o papel tremular. Eu me escoro contra a estante, observando, vendo passar em seu rosto dezenas de emoções.

Capítulo 42

Adam

Começo a ler a carta sem imaginar o quão forte ela me tocaria. O quanto suas palavras impregnariam tão fundo em minha alma. Tantos mal-entendidos seriam evitados se eu não tivesse bancado o tolo preocupado apenas em lamber minhas feridas. Eu teria ido atrás dela imediatamente. Teria visto seu ventre crescer, ouvido as batidas do coração do bebê. Eu estaria lá quando ele desse o primeiro choro.

Adam, meu amor, hoje eu compreendi que, para algumas pessoas, o amor acontece rapidamente, como em um abrir e fechar de olhos; com outras, ele cresce moderadamente, como uma planta regada todos os dias. E há pessoas, no entanto, para quem ele nunca acontece. Eu não sei dizer o exato momento em que constatei quando me apaixonei por você, mas eu lembro de todas as vezes que eu me apaixonei por você.

Na primeira vez que nos beijamos. Havia uma queima de fogos dentro e fora do meu coração. Eu me apaixonei quando andamos de mãos dadas aquele dia no zoológico, e eu senti que a vida poderia ser tão adocicada como o algodão doce em seus

lábios.

Eu me apaixonei quando dançamos ao balanço do mar, no dia em me levou para o jantar no navio.

Eu me apaixonei quando eu tive um príncipe e uma carruagem em meu primeiro baile. Quando eu te vi na chuva com aquelas rosas destruídas, mas também as mais lindas que eu já vi. E quando eu te vi ficar assustado ao me ver saltar de paraquedas.

Eu me apaixonei quando disse a centenas de pessoas que me amava (isso não pode ter mudado).

Mas nem todos esses momentos juntos não superam como meu amor se multiplicou quando ouvi o coração do nosso bebê bater a primeira vez.

Eu sei que não é dessa maneira que eu deveria revelar isso. Mas não encontrei uma forma melhor, ou talvez eu esteja sendo covarde em dizer que não somos mais apenas eu e você, agora somos nós. Sempre foi nós, e será assim sempre.

Não quero que se sinta preso a essa responsabilidade, mas não acho correto que eu continue mantendo essa pequena felicidade apenas comigo.

Perdoe minha fraqueza. Saber que já não me deseja mais é imensamente doloroso, mas ter que olhar em seus olhos e ouvir você dizer que não deseja esse bebê, simplesmente me destruiria.

Eu sei o que é não se sentir amada pelos pais, e eu prometi

ao meu filho, ao nosso filho, que ele sempre teria a certeza do quanto é amado, e eu já o amo tanto! Eu estou indo embora, para me proteger e proteger essa minha pequena parcela de felicidade. E se algum dia, talvez quando deixar de se sentir perdido, e você quiser estar com nós dois, eu... nós estaremos esperando. Eu sempre vou esperar, não importa o quanto eu possa parecer tola. Acho que o amor nos faz ser assim, não é?

Então sim, eu te amo. Mesmo com todos os motivos para não amar, eu amo sincera e profundamente.

Penelope e Bebê.

Deposito a carta na mesa. Com pesar, vejo um trecho ou outro serem borrados com lágrimas que insistentemente saltaram dos meus olhos. Eu poderia lamentar e sofrer eternamente por todo o tempo perdido. Mas desse momento, até o meu último dia de vida, eu quero gastar sendo feliz e tornando as pessoas que eu amo felizes. Então eu compensaria todo esse tempo com meu amor. Tão puro e sincero como o amor que recebo dela.

— Vem cá —pigarreio para diluir o nó em minha garganta
— Vem cá, meu amor.

Estendo meus braços a ela, que corre em direção a mim. Eu

a beijo com amor e reverência.

— Tem uma coisa que eu não entendo — colo nossas testas — Fizemos o Benjamin em Dubai, certo?

Eu não sou um expert em matemática, mas bebês levam nove meses para nascer.

— Foi lá, sim — ela me abraça, apoiando a cabeça em meus ombros — Deve estar se perguntando do tempo. Não foi uma gestação muito fácil. Eu quase perdi o bebê no início da gravidez.

Sinto seu corpo tremer e prendo-a mais forte em meu peito.

— A médica disse que eu teria que fazer uma escolha: o trabalho ou o meu... nosso filho. Bom, você já sabe quem eu escolhi.

— Eu sinto muito — o lamento vem do fundo da minha alma — Sinto por não estar lá.

— Eu não podia ficar sozinha. Bom, meus pais, minha mãe, sugeriu que eu desse o bebê...

— Sua mãe o quê?

Estou próximo à linha do descontrole. Quem aquela mulher pensa que é?

— É mais normal do que você imagina — ela suspira — Já vi isso acontecer muitas vezes, algumas garotas na cidade perdiam o rumo, acabavam optando por adoção, mas eu jamais faria isso.

Mas Penelope poderia estar tão desesperada, sozinha, perdida, que poderia optar por isso, e eu nunca chegaria a conhecer o meu filho. Pensar nisso provoca uma pontada aguda em meu peito, é um pensamento tão assustador que chega a me tirar o ar.

— Não foi pior do que a Aline, que sugeriu que eu tirasse o Benjamin.

— Cadela!

— Calma — ela toca o meu rosto — Nunca me passou essa possibilidade. O Ben foi a minha salvação. Eu soube que eu jamais ficaria sozinha de novo. Graças a você. Por isso eu nunca consegui te odiar, nem sentir raiva. Eu sempre serei grata por esse presente. O presente mais precioso da minha vida.

— Eu só dei a semente, você floresceu o jardim — toco o local onde nosso filho esteve abrigado — Mas se o geramos em Dubai, ele é...

— Prematuro — ela confirma — Eu tive muitas complicações; pressão alta, era uma gestação de alto risco... eu nem sabia se conseguiria até o fim. Com sete meses, a bolsa estourou. Benjamin ficou na UTI até ganhar peso e seus órgãos se desenvolverem completamente.

— Ele está bem?

— Precisa de acompanhamento médico. O fígado não se desenvolveu muito bem, mas ele irá ficar. Eu senti tanto medo de

perdê-lo...

— Eu estou aqui agora. Vamos lutar juntos. Não vou permitir que nada aconteça a ele. Procuraremos os melhores médicos.

Penelope me beija, agradecida. Eu retribuo com a mesma intensidade.

— Por falar em médico — ela se afasta um pouco para me encarar — Liam sai hoje do hospital, não é?

— Sim, mais tarde.

— Foi por isso que eu vim. Para apresentar o Ben aos seus pais. Eu queria te dizer isso antes — ela faz careta, enrugando o nariz, e esse gesto sempre me deixou encantado — Na verdade, eu tinha esperança de que, quando você olhasse para ele, você se apaixonasse.

— Ainda bem que, de nós dois, você sempre foi a mais inteligente — deposito alguns beijos em seus lábios — Meus pais vão me matar.

Capto a preocupação em seus olhos e me apresso em afastá-la.

— Vão amar o Benjamin. Meus pais adoram você, principalmente a minha mãe. Você foi a princesa montada no dragão que salvou o príncipe solitário.

Rimos desse absurdo conto de fadas moderno, mas é assim

que eu vejo tudo. Foi ela que me salvou de mim mesmo.

— Então, podemos ir vê-los hoje? — ela pergunta, preocupada — Não precisa de tempo para digerir tudo?

— Vou ter muito orgulho e alegria em apresentar o meu filho para a minha família. Mas ainda temos algumas horas. Então me diga como foi — peço ansioso — Como você ficou, grávida?

— Eu tenho algumas fotos.

Penelope pega o celular no bolso da calça e vai me mostrando uma a uma. Os primeiros sinais da gravidez. O ventre redondo, mas pequeno para seis meses. Recordo que Katty ficou enorme... bom, eram gêmeos, mas Penelope parecia tão frágil. Tudo o que ela me contou sobre a gravidez, o que enfrentou sozinha, me deixa tão irritado comigo.

— Olha, meus pés ficaram enormes — ela sorri — Meus primos me carregavam no colo o dia todo. Eles exageraram um pouco no quesito preocupação.

Uma pontada de ciúmes acendeu em mim. Não ciúmes do tipo carnal, mas porque eles deram a ela o carinho que eu deveria ter dado. No entanto, de certa forma, sou muito grato a eles por terem cuidado dos dois, por terem dado todo o carinho e amor que ela precisava.

— Eles devem me odiar — lamento.

— Não falei muito sobre você. Charlotte sabia que você era o pai, mas eu nunca quis tocar no assunto de estarmos separados.

Inconscientemente, eu não queria que a minha família odiasse você — ela me encara envergonhada — É bem estúpido dizer isso, mas, lá no fundo, eu tinha esperança de nós dois...

Selo seus lábios com meus dedos.

— É a mesma esperança que eu carregava — acaricio seus lábios — E quer saber de uma coisa? Usei o que aconteceu com o Neil para te trazer de volta. E se nada daquilo tivesse acontecido, cedo ou tarde eu iria atrás de você.

Poderia ter levado um tempo maior do que eu precisaria, mas sendo sincero comigo, seria exatamente isso que eu faria, cedo ou tarde.

— Posso olhar? — toco seu ventre por cima da blusa rendada.

— Não é algo muito agradável de se ver — ela confessa — Tive complicações no parto, e depois não teve uma cicatrização muito boa, mas o Dr. Ritter disse que posso corrigir com outra cirurgia.

— Eu não me importo.

Suspirando, ela levanta o tecido. Não é nada assustador como ele acredita que deve ser. Parece mais um arranhão mais profundo.

— É lindo — aliso a cicatriz de ponta a ponta.

— Lindo? — seus olhos saltam, incrédulos.

— É a marca de uma mulher corajosa, é mais bonita do que qualquer tatuagem por aí — Portanto é linda, sim.

— Certo, Senhor romântico — ela sorri, fugindo do meu colo — Mas ainda vou tirá-la. Vou dar uma olhada no Benjamin.

Saio da cadeira apressadamente e a alcanço antes de chegar à sala. Abraço-a por trás e seguimos assim, juntos.

— Por que o nome Benjamin? — pergunto enquanto subimos a escada.

— Pelo seu significado — ela apoia a cabeça em meu peito — Filho da felicidade. Erámos felizes quando o fizemos.

— Seremos muito felizes — prometo, beijando seu pescoço — Garantirei isso todos os dias.

Assim que chegamos ao quarto, encontramos Benjamin acordado e balbuciando sozinho. Foi só ver a mãe que ele começou a fazer festa. Eu troquei a primeira fralda, memorizando cada detalhe que ela me disse. Outra vez e igualmente maravilhado, observei-a dar de mamar a ele.

Observando os dois, em minha cama, comigo, eu tive a certeza que jamais deixarei que os dois se afastem de novo. Nem mais um dia.

Nós vamos de táxi para a casa dos meus pais. Não quero me separar dos dois, nem mesmo que a distância seja o banco de trás do meu carro. Parece paranoico, exagerado, mas não consigo evitar.

No caminho, faço uma anotação mental de que preciso consultar a Katty, sobre como transformar o quarto de hóspede em um novo quarto para o Benjamin.

Filho da felicidade. Penso outra vez no significado do nome dele. Penelope não poderia ter escolhido um nome mais apropriado. Foi ele que nos uniu e trouxe grande felicidade para mim.

Chegamos à casa dos meus pais.

— O que foi?

Ela está parada nos primeiros degraus da escada, o cenho franzido.

— Acho que estou um pouco nervosa.

Eu estendo a mão livre, já que a outra mantenho Benjamin em meu colo. Aperto seus dedos frios e os entrelaço nos meus, transmitindo-lhe confiança. Ela meneia a cabeça, respira profundamente e toca a campainha.

Levou cerca de cinco minutos para Delia vir atender a porta. Seu olhar embasbacado, ora para mim, ora para o bebê,

concentrado em morder a própria mão, era um prelúdio do que nos esperava lá dentro.

— Delia, lembra da Penelope? — pergunto, puxando-a para junto de mim.

Ela desfaz a expressão de surpresa e encara a mulher ao meu lado.

— Como eu poderia esquecer — ela responde, exibindo um largo sorriso — Como vai, querida?

— Muito bem, Delia, é um prazer rever você.

Ajeito o bebê em meu colo para que ele fique de frente para Delia e de costas para mim. Não resisto e inalo o perfume dos cabelos dele. Deposito um beijo carinhoso antes apresentá-lo a ela.

— E esse é o Benjamin. Nosso filho.

Delia sorri e leva a mão enrugada à boca. Observo a emoção brilhar em seus olhos.

— Ele é muito lindo. É tão parecido com você, Adam — Delia se afasta, abrindo mais a porta — Mas entrem.

— Liam já chegou? — pergunto ao entrar — Meus pais estão em casa?

Estou ansioso para apresentar Ben para todos da minha família.

— Tem quase uma hora que chegaram — seguimos em

direção à escada — Estão no quarto de Liam. Ele está dando trabalho, como sempre. Katty, Frank e as meninas também estão lá.

Ouvimos o murmurinho cada vez mais audível, conforme vamos nos aproximando. Ouço as gêmeas gritando alguma coisa. Katty repreendendo-as. Minha mãe repreendendo a minha irmã, e Liam soltando algo idiota.

— Está pronta?

Ela diz que sim com a cabeça, e então eu abro a porta.

A primeira a nos ver é Juliene. Ela está sentada na cama. Liam está com as mãos em volta dela. A loirinha sorri, feliz, ao nos ver juntos.

Não levou muito tempo para o murmúrio no quarto silenciar. Todos os olhos focados em nós.

— Boa tarde — digo a todos, olhando um a um.

Todos ficam em silêncio, em meio a olhares curiosos, espantados e incrédulos.

— Oh, meu Deus! — Katty foi a primeira a se manifestar, parando à minha frente — Oh, meu Deus, Adam.

Penelope está atrás de mim, recuo dois passos para ficar ao lado dela. Circulo meu braço livre em volta de sua cintura e trago-a para a segurança do meu abraço.

— Mamãe? Pai? Esse é o Benjamin, meu filho.

Minha mãe olha para mim cheia de emoção e começa a chorar, sendo imediatamente amparada pelo meu pai. Katty abraça Penelope. As gêmeas correm para o meu lado, para ver o bebê de perto.

— Puta que pariu! — Liam solta, com um sorriso que mal cabe em seu rosto — Você foi rápido, cara. Deixa eu ver esse garoto de perto.

Levo-o até ele. Ele diz algo a Juliene sobre conversarem depois. Vou em direção a cada um, mostrando o bebê, que está muito à vontade com a algazarra em torno dele. Assim como imaginei, minha família recebeu nosso filho com festa. Não houve perguntas constrangedoras. É claro que todos estão curiosos, e eu vou ter que dar as explicações que eles esperam, mas, no momento, queremos apenas comemorar a volta de Liam para casa e o novo membro em nossa família. Ben seria a criança mais amada e paparicada do mundo.

Enquanto minha mãe, Katty e as meninas ficaram no quarto de Liam com Penelope, admirando o bebê, meu pai discretamente me arrastou até o escritório.

Recusei o charuto e o copo de uísque que ele me ofereceu,

não quero o cheiro impregnado em mim quando pegar Benjamin novamente.

Sentei na cadeira de frente a ele, já imaginando o que tem a dizer. Por alguns minutos, tudo o que meu pai fez foi me olhar, com seus olhos experientes e astutos.

— Então, você é pai — ele soltou uma baforada e olhou para o charuto em seus dedos, girando-o — Como isso aconteceu?

— Quer que eu explique como os bebês nascem? — sorrio, nervoso.

Meu pai é um dos homens mais inteligentes que eu conheço. Foi um dos melhores médicos do país, enquanto estive na ativa. E embora muitas vezes a profissão tenha o obrigado a passar muitas horas fora de casa, ele sempre foi um ótimo pai. Amoroso, mas quando precisava dar um sermão, era o melhor. Não precisava de castigo ou ameaças, seu olhar, quando irritado, era suficiente para nos aterrorizar.

— Sabe que tudo mudou, não é? — ele me encara, sisudo — Aquele menino e a mãe dele são suas responsabilidades. São nossa família.

— Já havia mudado muito antes do Benjamin nascer, pai — tento evitar que minha voz saia muito emocional, mas não funcionou — Eles não são apenas minha responsabilidade. Eles são minha vida.

O olhar agora é de entendimento. Não há nada que meu pai

preze mais do que nossa família.

— Isso é muito bom, meu filho. — ele pigarreia, contendo sua própria emoção — Sua mãe já está apaixonada por ele.

Ele quer dizer que ele está apaixonado pelo Benjamin. Meu pai sempre usa minha mãe para expressar algo emocional em seu lugar.

E nunca senti tanto orgulho de mim como agora, nem quando apareci na maior revista de negócios como futuro prodígio pela primeira vez. Benjamin é a minha maior e melhor obra de arte.

Continuamos a conversar, conto a ele como tudo aconteceu. Sobre mais uma interferência de Nathan em nossas vidas, e como eu fui burro em aceitar que Penelope fosse embora.

— E quando será o casamento?

— Ainda não falamos sobre isso.

Não tivemos tempo de tocar no assunto, mas, sem dúvida alguma, irá acontecer, e logo.

— Vai fazer tudo corretamente, certo?

— Sim, pai — coloco meu braço em volta do ombro dele — Casamento, lua de mel e mais bebês, muitos deles.

— Isso é bom — diz ele, abraçando-me também — Gosto de uma família grande. Estou ficando velho. Preciso curtir os meus netos logo.

Rimos e voltamos para o quarto. Não há nada de velho em meu pai, ainda é um homem vigoroso. E todas as vezes que o peguei furtivamente agarrando minha mãe, dão plena certeza que ele ainda dá muito trabalho a ela.

— Um time de basquete? — pergunto antes de abrir a porta
— É bom o suficiente para você?

— Dá para começar.

No quarto, a cena que ficará em minha memória eternamente: Liam com Juliene na mesma posição de quando chegamos, Penelope com Benjamin em seu colo, minha mãe ao lado dela brincando com ele. As meninas no chão, olhando encantadas para o primo. Katty e Frank do outro lado da cama, abraçados. Toda a minha família, reunida e feliz.

Penelope ergue o olhar, encontrando o meu.

Obrigada — ela balbucia para mim. O sorriso mais lindo do mundo. O sorriso que quero ver todos os dias quando abrir e fechar os meus olhos.

Porra! Eu sou completamente apaixonado por essa mulher.

Eu te amo — sussurro de volta.

Esse sentimento explode dentro de mim, incontrollável, como um vulcão em erupção.

Depois do jantar e dos protestos de todos, nós vamos embora, em direção ao apartamento de Penelope. Juliene nos acompanha, e quer saber todos os detalhes de nossa reconciliação outra vez.

Eu soube, durante o jantar, após quase matar minha mãe de susto, que a suposta gravidez de Juliene foi mais um equívoco meu.

Quando chegamos ao apartamento, encontro um homem no sofá, vendo TV. Ele levanta assim que me nota. É uns três centímetros mais alto que meus dois metros e oitenta e quatro. Um pouco mais robusto também. A roupa de cowboy — jeans, cinto e botas — imediatamente o identifica como um dos irmãos de Juliene. A forma como olha furioso para mim confirmam minhas suspeitas.

— Eu pensei que teria que ir embora sem me despedir do pequeno — ele suaviza o rosto ao sorrir para Penelope com carinho e intimidade.

Faço uma carranca e recebo uma cotovelada.

— Austin, esse é o Adam, o pai do Ben — ela nos apresenta com a voz branda — E esse é o meu primo, Austin.

O homem desvia o olhar doce de Benjamin e me encara duramente.

— Então você é o pai. Vamos conversar lá dentro — ele

indica o quarto com um movimento de cabeça.

Merda. Tudo bem ouvir um sermão do meu pai, afinal, pais são programados para isso, nos colocar na linha, mas não tenho a mínima intenção de me justificar com Austin.

— Ele não sabia de nada — Penelope se apressa para alcançá-lo — Ele não sabia nada sobre o Benjamin, porque eu fui uma tola. Está tudo bem, agora.

Ela sorri. Austin esfrega os cabelos dela como sempre faço com as gêmeas.

— Isso não muda nada, querida. É conversa de homem — seu olhar sério recai sobre mim outra vez — Você vem?

Cerro meus dentes antes de mandá-lo para um lugar não muito agradável. Entrego o bebê para Penelope e recebo um pedido mudo de desculpa.

— Certo... Adam — implicância ou não, ele diz o meu nome como se fosse algo nojento — Senta aí.

Ele indica a poltrona em frente à janela, bate a porta e se escora nela. Sigo para o lugar indicado, não sei se por curiosidade para conhecer o seu papo de homem, ou porque estou achando tudo divertido.

— Você irá se casar com ela.

Não foi uma pergunta. Era uma ordem, simples e clara. Eu tinha que reparar o meu erro, como em um daqueles filmes

antigos de Bang-Bang.

— Está falando sério? — provoco-o um pouco mais.

Penelope não brincou quando disse que são meio protetores. O cara parece querer me matar.

Ele cruza os braços e sorri de uma forma declaradamente ameaçadora, para alguém mais jovem que eu. Deve ter o quê? Uns vinte cinco anos, no máximo.

— Meu irmão Dallas é xerife, sabia? — ele coça o queixo, como se a informação justificasse tudo — O Clyde adora amansar touro bravo. E eu tenho a mão firme.

— Está me ameaçando, Austin?

— Estou dizendo como as coisas serão. Eu quebraria a sua cara nesse momento, mas Penelope parece gostar de você. É a primeira vez que a vejo sorrir de verdade em tanto tempo. Então vai se casar com ela.

— Eu vou — respondo, querendo acabar logo com isso e voltar para perto dos dois na sala — Não porque está impondo, mas porque esse é o meu desejo.

— Ótimo — ele relaxa e torna a abrir a porta — E avisa aquele seu irmão que estamos de olho nele também.

Olho para o teto e agradeço a sorte que tenho por ele ser apenas primo da Penelope. Chego a ter pena do Liam.

Voltamos para a sala, e o alvo dele passa a ser Juliene. O

clima tenso fica mais leve com as respostas impertinentes dela para ele. Ficou claro quem realmente manda, e sinto pena de Liam duplamente agora.

Antes de ir, Austin faz festa com Ben. É verdadeiro o carinho que sente pela criança. Então eu tiro Austin da lista negra e passo para a marrom. Qualquer pessoa que trate meu filho com tanto carinho terá meu respeito.

Cacete!

Estou virando um maldito sentimental.

Uma hora depois, saio do banheiro com um Benjamin embrulhado na toalha de um jeito estranhamente ridículo e com minha camisa encharcada.

— Devia ter aceitado a minha ajuda com o banho — ela ri e entrega outra toalha seca — Dê-me sua camisa, vou colocar na secadora.

Deito o bebê na cama e começo a tirar a camisa. Seus olhos estão sobre mim, atrelados em cada movimento que faço; eles estão ardendo. Quando entrego a peça, vejo o discreto morder de lábios e solto um gemido rouco.

Eufórico, agarro-a e pressiono-a contra a parede. Nos beijamos, sedentos. Minha pele fica em chamas ao sentir suas mãos em meu peito. Aprofundo o beijo, esfrego meu pau excitado contra ela, arrancando grunhidos de nós dois. Deslizo minha mão lentamente para dentro de sua calça jeans, ansioso por tocá-la.

Nesse momento o bebê espirra, nos fazendo saltar para longe.

— Droga! — eu me afasto e Penelope pega a camisa do chão — Desculpe.

Retorno à cama, pegando as coisas do Ben que ela havia deixado ali. Eu quero fazer amor com ela, e não ter uma boa foda. Ainda mais com nosso filho precisando dos nossos cuidados.

— E-eu vou colocar na secadora — ela gagueja, saindo apressadamente.

Ajusto a fralda em Ben, é mais fácil do que a primeira vez que tentei.

— Você irá conhecer muitas mulheres, Benjamin — começo a vesti-lo — Mas vai encontrar uma que irá tirar o seu chão. Quando isso acontecer, não a deixe escapar de você.

Ele me olha fixamente, depois balbucia. Eu acho que ele compreendeu o que eu quis dizer.

Após alguns minutos, Penelope retorna com a camisa seca.

— Agora só temos que fazer sua mala.

— Mala?

— Sim, pode levar o essencial para o Ben e o que você for precisar. Depois pegamos o resto.

Ela me encara, confusa.

— Vamos viajar?

— Vamos para casa — respondo.

— Já estou em casa.

— Refiro-me à minha casa — pego a mala ao lado do guarda-roupa, ignorando a surpresa em seu rosto — Nossa casa, a partir de hoje.

— Mas...

Beijo-a, impedindo de continuar o protesto, até que sua respiração se acalme e a minha acelere.

— Quando eu disse que nós ficaríamos juntos, era juntos sempre. Eu não vou perder mais um dia da vida do meu filho, e nem mais um dia ao seu lado.

A compreensão em seu rosto diz que ela sabe que não é apenas um capricho da minha parte. Preciso tê-los comigo todos os dias, e recuperar o tempo perdido.

— Tudo bem — sua mão toca meu rosto — Nós iremos com você.

É tudo o que eu precisava ouvir no momento.

Ainda desejo ouvir mais uma coisa.

O sim.

Guardamos as coisas do Ben no quarto de hóspedes, e separei partes do closet para que Penelope arrumasse as roupas que havia trazido. Enquanto eu tomava banho, ela improvisou uma cama com duas poltronas com travesseiros para o Benjamin, próxima a nossa. Não quis deixá-lo no outro quarto sozinho, pelo menos até termos um berço e a babá eletrônica.

Lembro de ligar para Katty, para pegar nomes e endereços de lojas especializadas em artigos para bebês. Encerro a ligação e tiro uma foto de Ben dormindo.

Estava prestes a esperar Penelope na cama, quando ouço a porta do banheiro abrir. Meu corpo entra em combustão, assim que meus olhos caem sobre ela, em sua camisola preta e perfeitamente sexy. Os cabelos estão torcidos de um lado do ombro e ela me encara com um misto de desejo e timidez.

Estou vidrado em sua beleza, com uma ânsia enorme causada pelo saudade e desejo em tê-la de novo em minha cama, fazendo-a minha como sempre foi, apesar de tudo o que nos

separou.

— Fica aí — peço quando ela começa a andar em minha direção — Está mais linda do que eu me lembrava.

Ah, maldito morder de lábios que me faz perder a cabeça.

Beijo-a, pegando-a em meu colo. Sem soltar nossos lábios, levo-a até a cama — nossa cama a partir de hoje.

Ela retribui os meus beijos com amor e luxúria. Seus lábios sentindo a mesma saudade dos meus.

Fico em pé por alguns segundos, apenas observando-a. Dos pés delicados, pernas esguias, os seios mais cheios e incrivelmente mais sedutores, até o rosto carregado de desejo, espelhando o meu.

Tiro a calça do pijama, ficando nu diante dela. Meu pau, saltando duro, implorando pelo momento de estar dentro dela. Deito-me ao seu lado, prensando-a mais contra mim. Agarro-lhe os cabelos, puxando para um beijo. Inicia-se lento, provando, testando, saboreando sua boca. Nossas línguas dançando juntas, lentamente e de forma sensual.

— Não sabe quantas vezes desejei isso outra vez — murmuro em seus lábios.

Toco seu pescoço com as mãos inquietas e febris. Afasto a alça fina da camisola e deslizo minha mão por sua pele, encontrando um dos seios perfeitos. Aperto e me deleito com a suavidade preenchendo minha mão.

— Sentir o seu corpo no meu.

Meus lábios se afastam dos seus, e desço em uma trilha de beijos. Encontro os seios entumecidos, tomando um em minha boca. Os gemidos em resposta me fazem perder a cabeça. Pego o outro seio, mesmo sob o tecido da camisola, e devoro-o com fome.

— Adam... — ela geme, agarrando meus cabelos.

Minhas mãos correm na lateral do seu corpo. Empunho a barra da camisola e tiro-a com rapidez, deixando-a apenas com a calcinha rendada. Volto a beijar o seu corpo — pescoço, seios, ventre, um beijo mais carinhoso na cicatriz; a parte interna das coxas, a dobra sensível entre os joelhos. Devoro cada parte delicada do seu corpo.

Beijo seu sexo e deslizo lentamente a calcinha por suas pernas, quando meu real instinto é rasgá-la e tomá-la como meu corpo deseja.

— Senti saudade do seu gosto — afasto-lhe as pernas, colocando-as em meus ombros, tendo uma visão deliciosa de sua intimidade úmida, brilhando para mim — Porra, eu senti muita falta disso.

Mergulho minha língua dentro dela. Os gemidos e o corpo ondulando pelo prazer vão me guiando. Belisco o clitóris e ela salta em minha boca, enlouquecida, despejando seu néctar em minha boca.

Nesse momento, meu desejo é uma fera descontrolada.

Cubro seu corpo com o meu. Introduzo-me para dentro dela, em uma investida única e desenfreada.

— Ah! — cerro meus olhos e paro, esperando-a ajustar-se a mim, e porque meu prazer é absurdamente intenso para que eu possa me mover — Olhe para mim, querida. Olhe para mim.

Nossos olhos se conectam. Volto a me mexer. Uma, duas, três estocadas profundas. Penelope geme alto, enroscando as pernas em minha cintura. É o som mais excitante que já ouvi.

Começo a me mexer mais rápido, mais forte, mais profundo. Os gemidos ensandecidos, proferidos por ela, levam-me ao pico mais alto.

— Adam! — ela grita meu nome, no mesmo momento em que explode em um orgasmo que faz o seu corpo tremer.

Estoco dentro dela mais uma vez, grunhindo seu nome repetidamente, derramando-me dentro dela, no gozo mais potente e incrível da minha vida.

Perco minhas energias e caio sobre ela. Fico entre a realidade e o paraíso por um instante. Rolo na cama e trago-a para o meu peito.

Ficamos assim, ao som de nossas respirações alteradas. Aliso seus cabelos e vou sentindo seu corpo relaxando.

— Eu te amo, Charmosa.

As mãos dela acariciam meu peito; meu coração se punge.

— Também te amo, príncipe.

Sorrio, e antes de deixar o sono me dominar, eu faço um agradecimento silencioso.

Não apenas por ter a minha mulher de volta, mas também pela família maravilhosa que recebi. Eu nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

Capítulo 43

Penelope

Acordo uma sensação gostosa correndo pelo meu corpo. Nunca dormi tão bem, e quando recordo o motivo, meu rosto se

alarga em um enorme sorriso.

Não quero me levantar. Não quero perder esse gostinho de paz e felicidade que há muito tempo não sentia.

Felicidade.

Não consigo expressar como e o quanto estou feliz. Meu mundo havia mudado de cinza e triste para um arco-íris, em menos de vinte e quatro horas. De certa forma, isso me dá medo.

Meu amor por Adam simplesmente se intensificou, de uma forma incrível e assustadora. Eu não ia suportar perdê-lo de novo. Apenas pensar sobre isso faz meu coração doer.

— Porque essa carinha tão angustiada?

Seus dedos tocam a minha testa franzida, desfazendo as rugas formadas ali.

— Pensamentos tolos — seguro sua mão e beijo a palma — Não liga.

Viro de lado e coloco o meu cotovelo na cama, apoiando a cabeça em minha mão, e assim posso observá-lo melhor. Ele está na mesma posição que eu, olhando para mim. Quanto tempo ele esteve me vendo dormir?

— Não são tolos, se te deixam triste — ele insiste, alisando minha bochecha — O que a preocupa tanto?

Fecho os meus olhos. Não quero incomodá-lo com minhas inseguranças, mas sei que ele não vai deixar o assunto morrer.

— Eu o amo tanto — as palavras saem carregadas — E o Benjamin, e tudo o que nós temos agora. Pensar em perder isso... só em pensar, sinto que posso, sei lá, morrer.

Ele segura o meu rosto com tanta possessividade, como se tivesse medo que eu fosse desaparecer em uma nuvem de fumaça.

— Eu nunca mais vou deixar você ir — a intensidade em sua voz deveria ter me assustado, mas ao invés disso, ela me acalma — Nem se eu fizer algo idiota e burro. Nem se me mandar embora quando estiver com raiva. Nem que você implore. Não há nada e ninguém para nos separar de novo.

— A vida, às vezes, pode ser cruel — quero morder minha língua. Por que estou sendo tão pessimista? Já sofremos demais. Não há espaço para mais dor.

— Nem mesmo a vida vai nos separar — ele sorri de um jeito arrogantemente lindo — Vamos morrer velhinhos. Um segurando a mão do outro, ao mesmo tempo. Mas, só depois de conhecermos nosso primeiro bisneto. Então, minha querida, acho bom que me ame por muitos e longos anos. Não sairei da sua vida, nem quando formos para outra vida.

Emocionada, me jogo em seus braços. Logo estamos perdidos em carícias e beijos apaixonados. Fazemos amor, doce e suavemente. Não há a urgência que tivemos durante a noite. Sabemos que o que temos agora é eterno.

Aproveitamos que Benjamin ainda está dormindo e tomamos banho juntos. Não foi uma tarefa fácil, com Adam me provocando e seduzindo o tempo todo. Acabamos fazendo amor debaixo do chuveiro. Nossos corpos se reconhecem de tal forma, que não parece que estivemos afastados.

Ben já está acordado quando saímos, mas meu filho é um anjo. Nunca me dá trabalho, a não ser que esteja com fome. E Adam havia se apoderado da responsabilidade de cuidar dele o máximo que ele podia. E se fosse possível ele mesmo dar de mamar, aposto que faria isso também. Eu sei que ele quer compensar tudo o que perdeu. Toda vez que penso nisso, sinto culpa. E quando recordo do seu passado, de como sofreu pelo bebê de Cecilia, sinto mais culpa ainda.

— Vou preparar nosso café — digo ao fechar a última casa do botão do macacão do Ben — Fica com ele?

Ele pega o bebê dos meus braços e descemos.

— Ah, trouxe os exames dele? Katty vai nos receber às dez.

— Estão na bolsa — respondo — Tem certeza que é necessário?

— Katty é uma excelente pediatra. Quero a opinião dela. Ou uma indicação do melhor especialista.

Concordo com ele. Nem em sonho eu cogitaria discutir. Trata-se do nosso filho, sempre vou querer o melhor para ele. Se Adam acha que consultar a irmã dele também é importante,

iremos.

À mesa, eu não consigo parar de olhar a desenvoltura com que Adam segura Benjamin, toma café e lê o jornal, tudo ao mesmo tempo. Completamente à vontade e natural. Eu poderia ficar o dia inteiro apreciando os dois, e nunca me cansaria.

No caminho para o consultório, paramos em uma loja. Ele compra uma cadeira de bebê para carros e um carrinho de passeio.

Katty nos recepciona com festividade, mas quando analisa todos os exames, seu olhar é mais sério e profissional. Ela me faz muitas perguntas e diz que irá solicitar novos exames.

— Se notarem qualquer alteração nas fezes ou urina, avisem imediatamente — ela termina de vesti-lo e me entrega — É esse pequeno amarelado nos olhos que me preocupa, já deveria ter desaparecido.

Minhas indagações durante a manhã voltam à minha cabeça.

— Tem algo errado com ele? — pergunto, apreensiva.

— Katty, não nos esconda nada — Adam abraça a nós dois, suas mãos estão tremendo.

Ela retorna à sua mesa e sorri gentilmente.

— Eu sou mãe, esqueceram? Não esconderia nada. Mas Benjamin é prematuro, e teve complicações. Vamos esperar os

exames. Ele está tomando a medicação corretamente?

— Está sim.

— Então não há motivos para ficarem assustados, está bem?

Tarde demais para o conselho. Tudo o que eu consigo pensar é na terrível possibilidade que Benjamin possa estar doente.

Saímos da clínica e não tocamos muito no assunto. Katty pediu que não nos tornássemos paranoicos antes da hora. Para que eu não passe nenhum tipo de estresse para ele, tento manter a calma.

— Caramba, eu tinha que ir para a empresa hoje — informo logo que chegamos em casa — Pode avisar ao Neil? Eu quero ficar com Ben, hoje.

Abraço meu bebê mais forte. Sinto meu coração apertado. Talvez seja excesso de cuidados, ou só o medo de que algo ruim possa acontecer, mas quero ficar com ele por enquanto.

— Oficialmente, você não está de volta, então não se preocupe com a empresa — Adam beija o topo da minha cabeça, e já me sinto mais calma — Vou avisar Veronica que ficarei em casa o resto do dia também.

Eu deveria dizer para ele não se preocupar. Que ficaremos bem, mas o desejo ao meu lado, preciso dele comigo.

Passamos a tarde em casa. Pedimos comida chinesa, assistimos um pouco de TV e conversamos um pouco mais sobre minha gravidez. E eu teria achado engraçado todas as vezes que Adam enviou fotos a Katty, a cada troca de fralda do bebê, mas a verdade é que estou tão apreensiva quanto ele.

À noite, dormimos os três juntos na cama. Falando corretamente, eu dormi. Adam cuidou do Benjamin durante a madrugada. É divertido e muito fofo ao mesmo tempo.

Na manhã seguinte, forcei-o a voltar ao trabalho. Prometi que entraria em contato imediatamente, caso precisasse de ajuda.

Duas horas após dele ter saído, recebi a visita de uma mulher chamada Francine, era a decoradora responsável pelo quarto do Ben. Ela era jovem, acho que por volta da minha idade. Um pouco mais baixa que eu, rechonchuda, tinha cabelos pretos, estilo Chanel, e amigáveis olhos azuis.

Conversamos bastante sobre o que eu gostaria para o quarto do bebê. Antes de ir, Francine deixou um catálogo para que eu escolhesse tudo o que eu gostaria e avisou que alguns homens de sua equipe viriam remover os móveis antigos e trocar

os papéis de parede. Escolhi tons entre branco e verde para colocar no lugar.

Estou na sala, olhando o catálogo com artigos de decoração, Ben no sofá tirando um cochilo, quando recebo um beijo na nuca.

Estive tão concentrada no mostruário que não o vi se aproximar.

— Já chegou? — sorrio e inclino a cabeça para receber um beijo.

Adam mostra sua maleta e algumas pastas.

— Trouxe trabalho para casa — ele senta no chão ao meu lado e me coloca em seu colo — Não conseguia trabalhar, pensando em vocês dois.

Sorrio, aconchegando-me mais a ele.

— A decoradora esteve aqui — abro o catálogo — Quer me ajudar a escolher algumas coisas depois?

— Podemos ver agora.

Ele apoia o queixo em minha cabeça e me abraça mais forte.

— E o seu trabalho?

— Não há nada tão urgente. Posso fazer à noite, sem problema.

— E eu posso te ajudar?

— Eu gostaria muito.

Nesse instante, enquanto olhamos as fotos, decido que não quero pensar no futuro e em nada de ruim que possa acontecer. Quero apenas aproveitar ao máximo esses momentos preciosos com Adam e nosso filho. E desejar que eles sejam sempre assim.

Os dias passam rápido. Já faz uma semana que estamos juntos. O quarto do Benjamin está quase pronto, e ficando lindo. Faltam apenas alguns móveis e brinquedos.

— Ele está cada dia mais lindo, Penelope — Lola diz, através da câmera de vídeo.

Uso o computador no escritório de Adam para falar com ela pelo Skype.

— Benjamin está um pouco inquieto hoje.

Peço desculpa por não ser uma conversa longa.

— Ele não dormiu muito bem essa noite.

— Tudo bem. Promete que vem nos visitar em breve?

— Assim que eu puder, Lola. Mande um beijo aos rapazes. Sentimos muita falta deles. Diga ao Austin que o cavalinho ficou lindo no quarto do Ben.

— Eu direi, querida. Fiquem com Deus.

Faço Ben dar adeus a ela com a mãozinha e encerro a ligação. Ele começa a chorar assim que desligo o computador. Ando com ele pelo cômodo, cantarolando todas as canções de ninar que conheço. Não está adiantando muito.

— Que tal a gente dar um passeio? Acho que nós dois precisamos de ar e ver gente.

Temos passado muito tempo em casa. Arrumo as coisas dele na bolsa, ligo para o serviço de táxi e saio. Chegamos ao nosso destino quase uma hora depois.

— Oi, Georgia. A Jenny está em casa? — pergunto à governanta.

— Está no jardim com os bebês. Eu te levo até lá.

Deixo o carrinho na entrada e resolvo levar Benjamin em meu colo. Encontro Jenny e os gêmeos em uma manta perto das roseiras.

— Penelope!

Ela faz menção de se levantar, mas faço um sinal de que vou me juntar a eles.

— Seus filhos são lindos — sento-me ao lado dela.

Um dos bebês está dormindo no Moisés, e o outro brinca com sua mão.

— Obrigada — ela sorri orgulhosa — O seu também é. Esse é o famoso Benjamin. Adam fala nele o tempo todo.

É a minha vez de me abrir como um pavão.

— Veja só, nós os carregamos nove meses, e eles saem a cara dos pais. Ainda não me conformei com isso.

— Bom, seus filhos pelo menos tem seus olhos. O Ben não tem nada de mim.

Rimos juntas.

— Sabe, o Neil me contou sobre o que o Nathan fez a vocês — ela segura minha mão sobre o bebê — Nós sentimos muito. Neil sente muito, Penelope.

Dou de ombros. Isso já não me machuca mais.

— Não tem importância agora. Eu tenho meu filho e o homem que eu amo. No fim, nós vencemos.

— Íamos visitá-los em breve — ela se desculpa — Mas estávamos apenas dando mais um tempinho ao casal, acho que preferiam privacidade.

Meu rosto cora. Ela finge não perceber. Realmente, nós nos fechamos em um casulo.

— Eu queria ter ido te visitar também, quando foi...

— Não se preocupe — Jenny interrompe com a voz afável — Fez muito por Neil e por mim. Sempre serei muito grata.

Esse é um daqueles momentos em que as emoções nos impedem de proferir qualquer palavra. Na realidade, não é preciso. E por alguns minutos, ficamos apenas em silêncio, na

companhia dos bebês.

— Não acha estranho, às vezes? — Jenny pergunta, fazendo-me olhar para ela.

— O quê?

— Passamos por tantas coisas, e olhe agora, já somos mães.

Pondero sobre sua observação. Quando Maxwell me abandonou naquela igreja, quando eu me senti tão humilhada ao ponto de sair da cidade, jamais imaginei que fosse me apaixonar, e que esse amor mudaria completamente o curso da minha vida

— Talvez seja louco o que eu vou dizer — falo em uma voz serena — Pelo meu filho, valeu a pena, tudo. Benjamin foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida.

— Pensei que a melhor fosse o Adam — ela provoca.

— Um não existiria sem o outro.

— Estou feliz que esteja aqui, Penelope. Não apenas na cidade. Mas em nossas vidas — ela sorri — Sempre achei que seríamos amigas um dia.

— Eu também — sorrio de volta — Agora podemos trocar experiências maternas. E engravidar juntas de novo.

Ela arregala os expressivos olhos azuis e balança a cabeça.

— Não. Parei por aqui.

— Eu não acho que o Neil se contentará em parar por aqui.

— Então ele tenha os seus próprios bebês.

— Eu quero outros filhos — confesso — Sou filha única. Quero que o Ben tenha uma família linda, com irmãos que o ame, como o pai dele.

Eu não havia falado com Adam sobre isso ainda. Não com a condição de saúde do Benjamin pairando em nossas cabeças, mas sim, desejo uma família grande.

— E quando será o casamento?

— Casamento? Não conversamos sobre isso ainda — aponto o bebê — Está indo tudo rápido demais. Nós já pulamos essa etapa.

— Ah, claro — ela desvia o olhar e muda de assunto — Certo. Conte-me como foi sua gestação. Meu parto foi cômico. Acredita que o Peter desmaiou?

Dou gargalhadas quando ela me conta em detalhes, tudo aquilo de homem desmaiando ao ver um bebê vir ao mundo. Depois eu conto sobre o meu próprio parto e as complicações que tivemos.

— Um dos motivos de ter vindo hoje é que gostaria que se desculpasse com Neil por mim. Não sei quando voltarei ao trabalho. Claro, se ele ainda quiser.

— Não se preocupe — Jenny acaricia a mão de Benjamin

— Eu tenho certeza que ficará tudo bem.

A tarde passou rápido. Jenny insistiu para que Dylan nos levasse de volta, e avisou que a próxima visita seria dela.

Quando Adam chega, falamos sobre o nosso dia enquanto preparo o jantar. Ele sugeriu contratar uma cozinheira, mas eu gosto dessa dinâmica. Conversamos enquanto cozinho e ele cuida do bebê.

No fim da noite, ao descermos, encontro a sala na penumbra. Não vamos para o sofá como de costume. Adam me puxa para o centro da sala. Pega o controle e uma versão mais romântica da música *Latch* começa a tocar.

Seus braços envolvem minha cintura. Nossos corpos se unem. Ele me leva na batida da música, cantando a letra baixinho em meu ouvido. É quase uma carícia com sua voz rouca e sexy, incendiando cada partícula em meu corpo.

Peça a peça, nossas roupas vão caindo. A música muda para outra mais romântica. Estamos frente a frente, nossos corpos nus, banhados pela luz da lua vinda através da janela.

Nós nos beijamos. Exploramos nossos corpos sem pressa. Sentindo um ao outro. Ele me deita no chão com delicadeza. Seus olhos fixos nos meus, falam mais do que seus lábios poderiam dizer. Abraço-o com meus braços e pernas. E quando ele me toma, eu me dou por completo, recebendo em troca todo amor que ele é capaz de proporcionar.

Meu amor.

As palavras são sussurradas em meu ouvido, enquanto atingimos o ponto mais sublime de prazer.

Eu havia encontrado minha felicidade. E como ele disse, não havia possibilidade de que eu a deixasse ir embora.

Capítulo 44

Adam

Seria uma noite semelhante a muitas que já tivemos, se na verdade eu não ansiasse estar em outro lugar, especificamente com outras pessoas.

Hoje é dia de pôquer com Peter, Richard e Liam, na casa do Neil. Eu poderia ter trazido Penelope e meu filho para passar algumas horas com Jenny e as outras mulheres, mas o motivo de estar aqui em nada tem a ver com o jogo, ou para alguns

momentos de descontração com meus amigos. Aliás, se o motivo de comparecer não fosse tão importante para mim, seria pouco provável minha presença aqui essa noite, com ou sem minha Charmosa e o pequeno Ben.

Eu sei, estou sendo egoísta, paranoico, possessivo, mas gosto desse pequeno mundo em que temos vivido. De todos os momentos especiais e só nossos. Não quero dividi-los com ninguém, como logo irá acontecer — Penelope retornando ao trabalho na DET, Benjamin indo para escolinha e ganhando o mundo.

Sim, eu os prenderia em uma caixa de cristal, onde só eu pudesse tocar e admirar. E eu amo que eles sejam meus, mas odeio que não sejam propriedades minhas, patenteadas e com selo de exclusividade Crighton.

Contudo, compreendi que amar alguém é permitir que outras pessoas também os ame. Não como eu amo, sou arrogante o suficiente para saber que ninguém jamais os amará da mesma forma, com tanta intensidade.

Mas, sou relativamente generoso ao ponto de saber que preciso compartilhar meus grandes tesouros com outras pessoas, como os nossos amigos, por exemplo. E agora, diante deles, chego a sentir certa vergonha por ter pedido, tanto à minha família, e principalmente aos amigos queridos como Neil e Jenny, que não aparecessem em nossa casa nos primeiros dias de paz.

Provavelmente, o motivo que me impulsionou a isso tenha

sido a minha grande propensão a fazer muita merda. Contudo, como as minhas intenções eram as mais puras e nobres possíveis, dou-me o direito de me perdoar.

Voltando ao que mais importa, o motivo de ter aceitado passar algumas horas fora de casa, é que preciso da ajuda de todos eles para algo muito especial — pedir Penelope em casamento.

Eu poderia ir pelo tradicional —jantar à luz de velas, flores e um lindo anel. Seria isso o que ela esperaria de mim. Mas eu quero algo único, algo inesquecível, e que ela guarde para sempre em seu coração. Algo que sirva de inspiração para o Benjamin quando encontrar o seu verdadeiro amor. Algo que fique para sempre marcado em nossa história.

Só que eu não sou o melhor em ideias quando o assunto é o coração. E não quero estragar esse momento bancando o tolo.

— Estou pensando em fazer uma serenata, e gostaria de saber se posso contar com vocês? — inicio timidamente ao pegar minhas cartas — Eu quero que Penelope se case comigo, logo. Nós temos um filho agora. Não é só pelo Benjamin, claro. Eu a amo muito. Sou completamente louco por aquela mulher. Acho que isso já ficou muito claro, também.

Dizer para quatro marmanjos truculentos que você é um babaca apaixonado não é nada fácil, menos ainda se são seus amigos, e, ainda menos, se são os tipos de amigos que adoram colocar você na fogueira do deboche e gozação.

Encaro cada um deles, sentindo um certo nervosismo.

— Ainda pretende sequestrá-la? — Peter termina de distribuir as cartas e me olha.

— Acredito que não seja mais necessário — respondo, calmo.

— Ei, essa ideia é minha — Richard aponta a garrafa de cerveja em minha direção — Use suas próprias ideias, bonitão.

Eu o mandaria para um lugar pouco apropriado, se em algum momento eu não tivesse cogitado usar a ideia dele.

— Sério, vocês são muito complicados. Um foge com a mulher. O outro sequestra a mulher — Liam, com seu típico jeito debochado, vai pontuando e apontando para cada um de nós — O outro foge da mulher... O outro corre atrás da mulher.

De repente, a conversa muda para uma discussão sem sentido — *não se atreva a falar da minha mulher* — com Richard e Neil bem empolgados em defendê-las.

Liam é irritante às vezes. O foco aqui é o *meu* problema.

— Já chega! — bato na mesa, interrompendo-os. São como crianças no playground disputando se o carrinho de polícia é melhor que o de bombeiro — Quero saber se vão me ajudar no que eu pedi.

Richard me encara, o rosto refletindo vergonha.

— Pode contar esse plano de novo? — ele pergunta — Eu

não prestei muita atenção.

Respiro fundo, fuzilando-o com os olhos.

— Vocês sabem que eu fiz muita merda com a Penelope...

— Ah, não — Liam apoia o queixo em sua mão — Eu não sabia disso.

Liam irá me pagar um dia. Recordo do recado de Austin e sinto-me muito melhor. Como dizem? A vingança é um prato que se come frio. Eu vou desfrutar a minha lentamente quando chegar a hora.

— Liam, dá para deixar de ser engraçadinho uma vez na sua vida? — pergunto irritado, tentando fazer com que eles tenham foco.

— É força do hábito — ele movimenta a mão, dizendo que posso continuar.

— Como eu dizia — continuo, esperando não ser interrompido dessa vez — Eu quero compensar todas as merdas que eu fiz. Queria fazer um pedido especial. Peter, você toca violão e você toca gaita, Liam. Richard tem uma voz suportável. Eu canto bem.

Recebo uma chuva de protestos. Idiotas.

— Onde eu entro nessa história? — Neil se inclina sobre a mesa — Não toco e nem canto nada.

— Você faz figuração — Liam provoca, tocando seu rosto —

É tão bonitinho.

Olho para o teto, me amaldiçoando por ter tido a ideia estúpida de incluir esses caras imbecis em algo de suma importância para mim.

— Mas isso é tão brega! — Peter se pronuncia com cara de nojo, porém, vejo um brilho infernal em seus olhos.

— Só que as mulheres gostam — Liam vem em minha defesa — Quanto mais brega, melhor. Eu voto na serenata.

Respiro fundo.

Certo, talvez não tenha sido uma grande ideia, nem a mais original, mas eu nunca me considerei muito bom no quesito romance.

— Tudo bem — jogo as cartas, entregando os pontos — Alguém tem uma ideia melhor que a minha?

Para minha surpresa, Paige tinha, ou melhor, teria.

Quando ela surgiu, com alguma coisa gosmenta e verde em seu rosto, tive uma leve impressão de que iria me meter em uma enrascada. Mas como ela é mulher, e mulheres entendem as outras mulheres, então, acabei aceitando a ajuda, que parecia ser verdadeira. E se no fim algo desse errado, eu ainda teria a justificativa de que confiei em uma mulher maluca.

Acabei não ficando até a última jogada como todos gostariam. No momento que tudo ficou parcialmente resolvido, eu quis voltar imediatamente para casa. Paige ficaria à frente de todos os detalhes, eu só teria que esperar pelo sinal verde, e que o grande dia chegasse logo.

Quando eu entro, a casa está silenciosa. Atravesso a sala na penumbra, subo os lances de escada pulando os degraus, e vou direto para o quarto.

Eu já deveria ter me acostumado à certeza de que Penelope e Benjamin estão permanentes em minha vida. Mas embora a sensação não seja tão forte como nos primeiros dias, o medo de que eu saia de casa e não os encontre mais quando voltar, ainda é muito assustador.

E eu só me acalmo quando os vejo, seguro e felizes. Como nesse momento. Os dois, quietinhos em nossa cama. Benjamin com os olhos atentos às sombras na parede, enquanto devora a sua mão. Penelope está deitada ao lado dele, de costas para mim. Pela respiração suave, suponho que tenha pegado no sono ao tentar colocar o Ben para dormir.

Chego um pouco mais perto, indo para os pés da cama, onde poderei ter uma visão privilegiada dos dois. A imagem imediatamente me encanta. Ela mantém a mão esquerda sobre o

bebê, e a direita, que segura uma camisa minha, está próxima ao seu rosto.

É foda! É lindo. E eu fiquei baqueado.

Completamente bobo, olhando-a assim, linda, transmitindo seu amor de um jeito tão simples, mas que faz meu coração derreter como sorvete em um dia de verão.

Fazendo o mínimo de ruídos possíveis, me aproximo da cama e pego Benjamin em meu colo. Sem poder resistir, deposito um beijo suave nos lábios dela e saio. Vou para o quarto do bebê. Agora ele me encara, boceja uma vez e sacode as mãos inquietas.

— Ei, garotão? Está com sono, não é? — falo com a voz mansa — Enganou a mamãe direitinho.

Caminho até a cadeira de balanço ao lado da janela. Assim que me acomodo com ele, começamos a conversar. Eu falo sobre minha noite na casa do Neil e sobre meus planos para pedir a mãe dele em casamento.

Benjamin boceja uma vez ou outra durante a narrativa. Quando eu finalizo, ele está dormindo profundamente.

Coloco-o no berço, ligo a babá eletrônica, e por alguns minutos, permito-me ficar observando. Meu peito transbordando de amor. Como é possível que alguém tão pequeno seja dono de uma parte tão grande do meu coração?

— Ele dormiu? — ela pergunta, com a voz sonolenta — Não vi você chegar, querido.

Sinto os braços enveredarem por minha cintura e o corpo macio pressionar minhas costas quando ela me abraça. Cerco seus braços e desfruto do efeito que Penelope causa em mim.

Mente, coração, corpo e alma, cada um reagindo de uma forma diferente à mulher magnífica que me faz cativo a ela.

— Cheguei há pouco tempo — minha voz soa rouca, devido à excitação que já começa a me dominar — E ele acabou de dormir.

Seguro seus braços e viro-a de frente para mim. A camisola branca de seda, moldando seu corpo esguio, os cabelos levemente desalinhados e olhar de quem acabou de acordar, são irresistivelmente sexy. Eu ronrono feito um gato e puxo-a, colando nossos corpos.

— Senti saudade — afasto algumas mechas de cabelo e beijo na curva entre o pescoço e o ombro — Senti saudade pra cacete.

— Você se divertiu? — ela fala gemendo, enquanto continuo meu caminho de beijos até chegar em um dos seios, desperto pelo desejo.

Abocanho com vontade; sinto o gosto do leite, no qual eu já havia me acostumado ao sabor, e acho surpreendentemente excitante agora.

— Minha diversão começa agora, meu amor... — murmuro pegando-a em meu colo, calando sua surpresa com um beijo que esperei horas para provar — Com você.

São meus instintos que me guiam até o quarto. Estou totalmente ligado nela. E meus beijos transmitem tudo o que eu preciso dizer e que faltariam em palavras.

Fome e desejo. Como se fossem parte do meu DNA.

Escorrego-a pelo meu corpo. Ouço o prófugo sussurro em protesto, quando me afasto um pouco para admirá-la um pouco mais. Nunca me canso disso. Em como ela é linda, como seu corpo reage a cada toque que dou, levando-me a nada menos do que à loucura.

Seguro a barra da camisola e tiro-a, depois me livro de minha camisa. Ela toca meu peito com suas mãos macias e delicadas, imediatamente sinto minha pele arder. Frenético pela visão do corpo seminu, tiro minha calça e cueca ao mesmo tempo.

Tomo seus seios com minhas mãos e boca mais uma vez, beliscando com meus dentes suavemente, arrancando dela gemidos ansiosos por mais.

Desço pelo seu corpo, deixando vestígios dos meus lábios por onde eles passam, úmidos e quentes. Beijo a lateral da cintura, agarrando a calcinha rendada, que em poucos segundos une-se às outras peças esquecidas no chão.

Acaricio sua perna desde as coxas, joelhos, chegando à panturrilha. Minha boca está seca, meu coração acelerado e meu pau pulsa desesperadamente, cobijando estar dentro dela. Mas eu quero que ela esteja tão louca de desejo como eu estou.

Concentrado nisso, em dar prazer a ela, seguro suas coxas, abrindo-a para mim um pouco mais. Arrisco-me a olhá-la; um grande erro. Seus olhos cerrados e o rosto contorcido de prazer, tiram o que resta da minha sanidade.

Esfrego o indicador em seu clitóris, fazendo-a se curvar. Ela geme e morde os lábios, entregando-se ao prazer despertado ali. Incito-a mais e mais, às vezes colocando um pouco mais de pressão sobre meu dedo, em seu botão sensível. Escorrego meu dedo em sua abertura e deliro ao constatar como está molhada para mim. Empunho um tornozelo e coloco a perna em meu ombro. Meus lábios pretendendo apenas uma coisa: provar do seu sabor, matando a sede que há em mim. E assim o faço. Mergulho minha boca, como se ela fosse meu oásis no deserto, e chupo forte. Do jeito que fantasiei a caminho de casa.

— Oh, senhor! — ela pranteia, agarrando meus cabelos, e eu introduzo minha língua — Ah, Adam!

Continuo nessa aventura vertiginosa, fazendo-a minha com minha boca, penetrando-a com minha língua, estimulando seu clitóris com meus dedos. Puxando seu prazer cada vez mais perto.

Seus gemidos em meus ouvidos fazem meu pau engrossar. E quando ela chega ao clímax, ainda em minha boca, eu desejo mais, muito mais.

— Segura na cama! — ordeno ao girá-la de costas para mim.

Mesmo sentindo-me faminto, encontro um breve momento de delicadeza para depositar alguns beijos em suas costas. A reação de sua pele arrepiada é o que me leva à investida, dura e seca.

— Oh, Deus! — brado desvairado quando vou sendo tragado por ela — Porra!

Sua intimidade me abraça como a mais pura seda. Macia e quente. Inicio com estocadas lentas. Um vai e vem suave, me deliciando, enquanto seu interior parece mais apertado em volta do meu pau, cada vez mais quente.

Estamos literalmente em chamas. O suor fazendo nossa pele brilhar.

O quarto cheira a sexo e amor.

— Mais... — ela soluça, seus movimentos acompanhando os meus — Adam!

Então eu me jogo. Eu mergulho fundo, mais forte, mais rápido, mais duro, mais explosivo. Vejo-a se entregar em um gozo pleno. Duas ou três arremetidas duras e derramo-me dentro dela. Todo o meu ser saindo de órbita.

Desabamos na cama, saciados, felizes, plenos.

— Isso é diversão — brinco, puxando-a sobre meu peito — A melhor diversão da minha vida.

Ela morde meu queixo de um jeito sedutor e doce. A mulher

sabe ser sexy. Acabamos de fazer amor e dou ordens cerebrais ao meu pau para que ele desperte outra vez.

Meu coração ainda bate desenfreado.

— Sabe, estou começando a amar essas noites de pôquer — sua boca desliza pelo meu pescoço, arrancando um grunhido de mim — Se voltar assim sempre, estão todas aprovadas.

— Da próxima vez, eu os carrego junto. Você e o Ben — respondo ao beijar os seus lábios inchados — Ou melhor, faremos aqui em casa. Será mais fácil levá-la para a cama depois.

— Safado! — o leve estalo em meu braço provocam risos em mim.

Eu nunca me senti assim antes. Livre e ao mesmo tempo tão amarrado em alguém. Nunca foi tão especial após o sexo, e nem tão divertido.

A grande diferença é que agora eu estou apaixonado.

— Gostosa! — minha mão estala em sua bunda.

E iniciamos assim, mais uma noite que prometia ser prazerosamente longa.

Eu havia retomado o prazer pelo meu trabalho e pelos desafios que ele traz. E é em meio a um novo e complicado caso que o furacão Paige surge.

— Senhor, desculpe — Veronica parece um pouco chocada com a presença um tanto esfuziante dela — Não deu tempo de...

— Não se preocupe, Veronica — acalmo-a — Paige é sempre bem-vinda.

Com um menear de cabeça, minha secretaria se afasta, fechando a porta. Indico a cadeira para que Paige se acomode e volto ao meu lugar.

— Sabe, fiz uma visita muito interessante à sua “quase noiva” hoje — ela diz, curvando os dedos — Não sabe as coisas interessantes que eu descobri.

Delibero por dez segundos e opto por permanecer neutro, enquanto ela fala.

— Eu já sei como fará o pedido de casamento — continua ela, toda empolgada — A ideia da serenata é boa, fiz apenas pequenas modificações.

— Modificações? — pergunto, sentindo minha pele começar a suar.

— Sim — ela sorri diabolicamente — Você só precisa de um pouquinho de coragem.

E enquanto ela informa tudo o que eu deveria saber, eu

tenho a plena certeza de que eu nunca deveria ter confiado nessa mulher.

Estou fodido!

Capítulo 45

Penelope

Em vez de acordar com um beijo carinhoso e apaixonado, como em todas as manhãs, com um homem lindo ao meu lado levando-me ao paraíso, eu tenho Juliene sacudindo-me na cama de uma forma nada gentil.

— Juliene? — esfrego meus olhos para ter a certeza de que minha prima, em meu quarto, às sete horas da manhã em pleno sábado, não era realmente uma alucinação — O que está fazendo aqui?

Olho para o lado à procura de Adam. A cama está vazia. Se não fossem as lembranças da noite passada e o amarrotado no lençol comprovando que passou a noite comigo, diria que também era fruto da minha cabeça. Ou que provavelmente ainda

esteja sonhando.

— Levanta! — ela puxa as cobertas — Benjamin precisa mamar antes de sairmos.

Ao me sentar, olho para Benjamin em seu colo, arrumado e aparentemente calmo, mesmo com toda essa algazarra que ela faz no quarto.

— Juliene, o que você está fazendo aqui? — pergunto antes dela me entregar o bebê.

Ben procura o meu seio, assim que encontra, começa a sugar com avidez. Tal filho, tal pai. E como sempre acontece nos primeiros minutos, eu me perco vendo-o mamar.

— Você não me disse o que está fazendo aqui — volto a pressioná-la.

— Eu não tenho permissão em dizer — ela desvia o olhar e sai em direção à porta.

Acaricio os cabelos macios de Ben, passando os dedos nas bochechas rosadas e rechonchudas. Ele suspira entre uma sugada e outra, voltando a mamar com vontade em seguida.

Pouco antes dele terminar, Juliene retorna, ainda exibindo seu olhar misterioso.

—Tem meia hora para ficar deliciosamente sexy. Um homem lindo te espera. Prepare-se para o momento mais incrível da sua vida.

Jogando essa bomba em cima de mim, ela sai com Benjamin em seus braços e sorrindo largamente. Levo alguns segundos para conseguir digerir o que ela acabou de dizer.

Putá merda! Ai. Meu. Deus!

Eu sei do que ela está falando. Eu notei que desde que o Adam retornou do jogo, na casa do Neil, que tem andando nervoso, disperso, preocupado com alguma coisa. Mas foi a ligação da joalheria no dia anterior, enquanto ele tomava banho, avisando que o anel que havia encomendado tinha ficado pronto, que me dá essa certeza. Adam fará o pedido — *hoje*.

Não sei se eu consigo caminhar até o banheiro e ficar linda conforme Juliene pediu. Minhas pernas tremem feito gelatina. Todo meu corpo parece estar sendo abalado por um terremoto.

Francamente, não me importo de continuarmos vivendo assim. Um dia de cada vez. E não é um pedaço de papel que determinará o que sentimos um pelo outro. Já estamos casados, em minha concepção.

Claro que vindo de uma família religiosa, eu sei o que deveria ser o certo — casamento no papel e na igreja –, e isso certamente deixaria meus pais mais felizes. Tenho pensado mais neles e no Ben. Em o quanto eles perdem por não conhecer o neto.

Contudo, foram as escolhas deles. E a minha foi decidir que nossa relação é perfeita do jeito que está. Só que Adam, sem

dúvida alguma, pensa diferente. Ele quer mais. E quer saber? Eu também quero mais. Eu quero tudo.

— Para de pensar e anda logo! — ouço o grito de Juliene vindo da escada e corro para o banheiro sorrindo, pulando de felicidade, tentando desvendar o que aquele maluco havia preparado para esse dia.

Eu tomo banho, abusando do hidratante corporal que ele gosta. Por sorte, já havia me depilado. Coloco um vestido vermelho, o mesmo que o tinha deixado louco a primeira vez que trabalhamos juntos, quando Neil sofreu aquele acidente. O vestido, mesmo sendo discreto, lambe todas as curvas do meu corpo. Adam fica louco com esse vestido.

Faço uma maquiagem suave, destaco um pouco mais os meus olhos e coloco um batom vermelho. Penteio os cabelos com fúria, deixando-os escorrerem lisos. Está mais longo do que o habitual. Embora seja difícil mantê-lo assim, com um bebê tão novinho, ele pediu que os deixasse assim. Obviamente que foram minhas segundas e todas as intenções sujas que me fizeram aceitar o pedido. Eu adoro a forma como ele puxa meus cabelos ao fazermos amor. Ou o jeito que ele me olha ao vê-los esparramados sobre os lençóis. Desejo puro.

Calço um par de stiletto, e para finalizar, borrifo meu perfume preferido CK One Shock da Calvin Klen. Quarenta minutos depois, estou pronta.

Encontro Juliene na sala confidenciando algo ao Benjamin.

Assim que me vê, ela assobia e faz sinal para que eu dê uma voltinha.

— Se eu não fosse sua prima — ela levanta para me entregar meu menino e pegar a bolsa dele no sofá — Ah, eu te pegava.

— Juliene!

Não tenho palavras suficientes para dizer o quanto eu amo essa garota.

— Vamos — ela dá uma batidinha em minha bunda — O carro já está esperando lá fora.

O carro nos aguardando é nada menos que uma limusine preta. O chofer mantém a porta aberta até entramos. Ele me dá um sorriso gentil antes de bater a porta.

Durante a maior parte do percurso, tentei de todas as formas arrancar algum detalhe de Juliene. Entretanto, ela se manteve irredutível e não disse nada. Só me restou brincar um pouco com Benjamin, que estava lindo em um conjunto amarelo, e apreciando a vista através da janela.

Nos aproximamos do nosso destino e começo a reconhecer o local. Adam e eu já estivemos aqui. A placa com o nome da Sky Adventure confirma minhas suspeitas. Esse é o hangar onde saltei de paraquedas e quase o fiz ter um ataque de nervos.

— Mas... — viro para Juliene em busca de alguma informação — Juliene?

Ela apenas sorri, saltando do carro assim que ele para.

— Adam te ama muito, Penelope — ela coloca a cabeça para dentro e me olha seriamente — Você tem muita sorte. Aproveite, garota!

Após meditar alguns segundos sobre suas palavras, eu saio para o que ela disse ser o momento mais incrível da minha vida.

A dez metros de nós, há cerca de vinte pessoas de costas. Todos vestidos de preto e branco. Pasma, vejo que tenho uma apresentação Flash Mob ao vivo.

Ouçó as primeiras notas de um violão. As pessoas começam a se virar uma a uma, com uma rosa vermelha nas mãos. Enquanto elas caminham até mim, vou reconhecendo todos os meus amigos entre eles. Estou intrigada, enquanto cada pessoa vem até mim, entregando uma rosa vermelha. Teria perguntado a Juliene o que está acontecendo, se a próxima pessoa se virar não fosse Peter.

Caramba! É ele que está dedilhando as cordas do violão com maestria.

Após algumas notas, eu reconheço *I Won't Give Up*, do Janson Mraz. Essa é uma música que eu amo muito.

Quando eu olho em seus olhos, eu vejo o céu da noite — Peter inicia com o coro, andando até mim. Quem diria que a voz dele seria tão linda? Suave, com um toque levemente rouco e sensual.

Ele para ao meu lado e entrega uma rosa vermelha.

Liam é o próximo. Ele me entrega a flor. Maravilhada, vejo-o deslizar a gaita pelos seus lábios, acompanhando a canção. Ele pisca para mim e se coloca ao lado de Peter.

Olho para Juliene. Ela está concentrada admirando Liam, não posso culpá-la por isso. Volto para os demais à minha frente. Jenny gira com um largo sorriso em seu rosto. Ela caminha até mim, cantando a sua parte da música — *Eu não vou desistir de nós, mesmo que o céu fique fechado. Eu estou te dando todo o meu amor.*

A voz dela é igualmente linda, feito um rouxinol beijando a flor. Jenny me entrega a rosa e se coloca ao lado de Peter. Assim fazem Paige e Neil, e mesmo a voz dele destoando de todas as demais, noto o esforço que faz para não sair do tom. Richard vem ao seu socorro. A voz não é espetacular igual as do Peter e Jenny, mas ele não desafina.

Todos caminharam até mim trazendo o singelo presente, formando um círculo em torno de Ben e eu. Todas essas pessoas fazendo uma corrente em volta de mim. Tenho um lindo buquê se formando em minhas mãos, as rosas mais lindas que eu já vi. As três últimas pessoas viram, e eu posso ver o homem que esteve encoberto por elas. Reconheço-o imediatamente. Ele se destaca em meio a todas as pessoas. Possivelmente porque eu só tenho olhos para ele.

Em sua camisa branca e jeans black que, ah, ajustam-se àquele bumbum perfeito. O traseiro que me fez ter uma vontade

enorme de morder, na primeira vez que o vi nu em minha casa. Então, sorrindo para mim, está ele. O pai do meu filho, meu amor, meu amigo. O homem da minha vida.

O meu Adam.

O sorriso que ele dá, ao me estudar dos pés à cabeça, faz minhas pernas vacilarem, como varas balançando ao vento. E se não fosse o bebê, a quem mantenho carinhosamente aninhado em meu peito, juro, cairia dura no chão.

Hipnotizada, fascinada, enlaçada por esse sorriso devastador.

É então que a música muda. É apenas ele, a voz dele, a presença dele. Somente ele conquistando minha atenção e coração. *All about loving you*, do Bon Jovi, agora interpretada por ele. Uma leitura feita especialmente para mim e que com toda certeza fala com meu coração. Cada trecho da música que ele canta, eu sei que vem da sua alma.

Ele finaliza a última estrofe. Eu desejo que a canção nunca termine, que esse momento nunca acabe. Estou totalmente envolvida, e as lágrimas, essas de emoção e felicidade, caem livremente pelo meu rosto.

Adam se aproxima e me beija. Todas as borboletas do mundo voam em meu estômago.

— Você é maluco? — sussurro em seus lábios.

— Completamente maluco por você — ele me beija.

E me beija com uma delicadeza e ternura que trazem novas lágrimas aos meus olhos.

— Foi tudo muito lindo — sorrio, encantada. Ele me solta, e eu já sinto falta do seu toque — Eu te amo mais e mais.

Tudo foi perfeito: as pessoas envolvidas, as músicas, as rosas, nossos amigos.

— Ainda não acabou — ele me entrega sua rosa — Por que acha que estamos aqui?

— Pela música — arrisco dizer.

— Só fez parte da surpresa — Adam parece nervoso ao olhar para Paige — No céu estará a pergunta.

Ele toca meu peito, onde fica o coração que nesse momento dispara ao começar a compreender onde ele quer chegar.

— E aqui está a resposta.

Pisco meus olhos, incrédula.

— Você vai saltar? — digo alarmada, segurando seu braço — Você não pode saltar!

— Por que não?

Seus olhos perspicazes sondam os meus.

— Você tem medo de altura — sussurro apenas para que ele ouça.

— É, eu tenho medo, muito medo na verdade.

Provavelmente eu terei sempre esse medo — ele respira profundamente — Sabe qual é o maior medo da minha vida?

Sim, eu sei a resposta. É o meu maior temor na vida também.

— Perder você de novo. Não estou apenas me testando, querida. Estou provando o quanto te amo. Isso é por você. Sou capaz de qualquer coisa, até enfrentar os meus maiores temores — sua mão toca o meu rosto feito uma pluma.

— Você não precisa, meu amor — insisto com a voz chorosa — Eu te amo tanto.

Ele sorri, tocando seus lábios nos meus.

— Há uma diferença entre precisar e querer — seus dedos alisam as maçãs do meu rosto, secando o rastro de lágrimas marcado ali — Eu quero. Quero que você olhe para o céu e veja todo o meu amor por vocês.

Ele se afasta. Compreendo um pouco mais o que ele sentiu ao me ver saltar naquele dia. Mesmo que seja tudo muito seguro, previamente coordenado, não dá para evitar aquela pontinha de medo por sua segurança. E antes dele entrar no avião, ele olha para trás. Meu olhar para ele transmite confiança. O dele, para mim, amor.

Oh, meu Deus. Ele vai saltar de paraquedas. Por mim. Para mim. Porque ele me ama.

O avião alça voo. Eu olho para a rosa que ele me deu,

misturadas às outras. Há um bilhete enrolado igual a um pergaminho.

Continue olhando para o céu.

Assim, semelhante a todos presentes e com a respiração suspensa, eu olho para cima. Paige e Jenny se colocam ao meu lado. Sinto o braço de Liam rodear o meu ombro.

Aos poucos eu vejo-o tomando forma no céu, descendo, voando, enchendo-me de orgulho da sua coragem e demonstração dos seus sentimentos por mim. Não há declaração mais linda que essa.

Descubro em seguida, no entanto, que estive redondamente enganada. O paraquedas abre no céu límpido, e meu coração definitivamente para em meu peito.

Em negrito, com corações vermelhos estampados no tecido, está a pergunta que eu esperei receber por tanto tempo.

Case-se comigo.

Não percebi o momento em que alguém pegou o bebê e as rosas. Eu me vi em uma cena de cinema. Correndo até ele, enquanto ele aterrissava. Cheguei a dois metros de distância,

encontrando-o no chão, escondendo o rosto nas mãos, que visivelmente tremem demais. Não foi algo fácil para ele. Isso torna tudo ainda mais especial para mim.

— Ele tentou muitas vezes — o instrutor que saltou com ele passa ao meu lado — Deve significar muito para ele, senhorita.

Balanço a cabeça concordando e caminho até Adam. Só ele me importa nesse momento. Caio de joelhos em frente a ele, seguro suas mãos nas minhas, afastando-as do seu rosto.

— Meu amor.

— Eu consegui? — ele balbucia, duvidando de si mesmo.

Nunca o vi tão frágil e tão forte. É possível amar alguém de uma forma que não cabe no peito? Quando acredito que já não haja espaço em mim para isso? Esse homem incrível cava ainda mais fundo em meu coração.

— Sim — respondo beijando suas mãos. Um leve gosto de poeira vem aos meus lábios, mas eu não me importo — Sim, sim, sim, um milhão de vezes sim.

Adam me olha entre confuso e feliz, ao perceber que me refiro ao lindo pedido de casamento.

— Sim? — sorrindo, ele solta suas mãos das minhas e tira as alças do paraquedas — Sim?

— Sim — respondo apenas.

Ele levanta, me puxa, recebendo-me em seus braços

protetores. Uma mão prende a minha nuca e a outra cola em minha bunda, pressionando-me mais a ele. Então me beija, porém, não é um beijo qualquer.

Senhor! Ele está definitivamente fazendo amor com a minha boca!

Sua língua selvagemmente atrelando a minha, explorando, tirando-me o ar e as forças. A dança sensual que fazemos com esse beijo me deixa mole e tonta. Sou beijada como nunca fui beijada antes, nem mesmo por ele. Agarro seus braços, minhas mãos mal conseguem envolvê-los enquanto busco por apoio.

Os dentes mordem meus lábios, que logo é massageado por sua língua atrevida, e quando suga... Ah, descargas elétricas descem pelo meu corpo, indo direto para o centro entre minhas pernas, provocando um pulsar delicioso.

Solto gemidos abafados pelos grunhidos dele. A mão em minha bunda massageia minha pele sob a roupa, e fico um pouco mais embriagada.

— Hum-hum — um pigarreio nos interrompe — Eu seria o último a interromper um interlúdio tão inspirador, mas acho que tem plateia demais aqui.

Adam une sua testa na minha. Seus olhos são brasas presos aos meus.

— Ela disse sim, Peter — Adam diz a ele, um sorriso vitorioso brinca eu seus lábios.

Ele é lindo e meu. Exatamente, eu sou muito possessiva.

— Com um pedido desses, meu caro, até eu aceito me casar com você.

Encaro-o com um olhar *não toque no meu homem*. Ele gargalha e voltamos para o grupo. Pessoas que eu nunca vi em minha vida vêm nos cumprimentar. Agradeço a cada uma delas.

— Você pensou em tudo isso? — viro para Adam, curiosa.

— A parte da serenata, sim — ele agarra minha cintura e indica Paige com o queixo — Essas pessoas e o salto foram ideias dela.

Agora entendo a sua visita repentina no outro dia e todas as perguntas que fez sobre Adam e eu. Paige insistiu em saber de todos os detalhes, desde a primeira vez que nos vimos, até o nascimento do Ben.

— Caramba, Paige! — chamo a atenção dela — Eu disse a você que ele tinha pavor em saltar.

Na verdade, deixei escapar sem querer.

— Não foi uma ideia incrível? — Ela bate palmas, o gesto empolgado me faz lembrar uma foca desajeitada — Eu tive a minha vingança, e você um lindo pedido de casamento. Deveria ser mais agradecida, Charmosa.

— Eu estou — sorrio para provar que não estou mesmo brava com ela — Foi lindo, obrigada.

Viro para Adam e o beijo.

— Eu te amo.

— Eu te amo mais — ele me abraça.

As pessoas vão se dispersando, e nós dois continuamos em um momento só nosso. Trocando carícias, dessa vez um pouco mais contidas, só que dez vezes mais torturantes.

— Vamos para casa — ele me afasta, seu nariz resvalando no meu de forma carinhosa — Ainda não acabou.

— Tem mais? — pergunto incrédula.

Há mais alguma coisa que esse homem possa fazer para me surpreender?

— Mais — ele me beija — Muito mais — outros beijos — Sempre mais.

Deixo que ele me envolva e direcione até a limusine. Excluindo as pessoas que trabalham no hangar e alguns alunos, todos já foram embora.

— E o Benjamin?

— Liam e Juliene ficarão com ele hoje — assim que entramos, ele me coloca em seu colo — Hoje você é só minha.

Vacilo por alguns segundos. É a primeira vez que ficarei longe do meu bebê. Contudo, sei que ele ficará bem com minha prima e Liam.

— Lembra do nosso primeiro passeio de limusine? — ele acaricia minha perna, subindo um pouco mais o vestido.

— Acha que eu poderia esquecer? — ronrono ao seu toque — Foram esses momentos que me impediram de enlouquecer enquanto estivemos longe.

Sinto-o ficar tenso, e seus olhos escurecem um pouco mais. Giro rapidamente em seu colo, passando minhas pernas em cada lado de sua cintura. O movimento faz o vestido subir até minha bunda, deixando boa parte da minha calcinha à mostra.

— Desculpe — toco seus lábios com os meus — Não quis lembrar coisas tristes, me perdoe.

Adam me beija. Sinto que seja a cura para a sua dor. Vejo os vincos em sua testa diminuírem aos poucos.

— Eu fui um cretino — ele lamenta.

Seguro seu rosto com as duas mãos, obrigando-o a olhar para mim. Tentamos esquecer o passado, levando-se em conta que boa parte dos erros que cometemos foi devido a outra pessoa. Uma pessoa horrível e cruel a qual não devemos direcionar um mísero pensamento.

— É o homem mais maravilhoso do mundo!

Ele sorri, encabulado. E me encanta todas as facetas que ele tem. Ora possessivo e ciumento, ora galanteador, selvagem, ou graciosamente tímido.

— Sabe o que eu mais desejava naquela noite?

Ele acaricia minha bunda e esfrega a pélvis na minha, evidenciando sua ereção.

— Me foder? — arrisco, lembrando da nossa conversa no café. Eu quase joguei o líquido fumegante no rosto dele, tamanha era minha indignação.

Tantas coisas haviam mudado desde então. Eu aprendi que ser fodida, por ele, era uma coisa boa, muito boa. Nossa, eu era ridiculamente puritana e moralista naquela época.

— Eu ainda quero foder você, querida, não lamente — ele sorri nos meus lábios — Contudo, eu desejava algo muito mais especial. Eu queria te amar.

— Queria? — ousadamente, minhas mãos introduzem por dentro da calça dele — Não quer mais?

Eu pego o seu pênis, e ele dá um solavanco que me faz delirar.

— Amar você é tudo o que eu sei fazer, meu amor.

Começo a massagear seu membro, da base até a ponta. O líquido pré-ejaculatório umedecem meus dedos e o acarício ali. Seus dedos cravam em minhas nádegas em reposta, e ele solta um gemido gutural.

— Você quer foder comigo? — seus dedos enroscam em meus cabelos e ele puxa minha cabeça para trás.

Ele mordisca meu pescoço, fazendo com que os gemidos ecoando no carro dessa vez sejam meus.

— Quero foder, meter, trepar — murmuro, sentindo-me devassa — Dê o nome que você quiser.

— Hum, usando minhas palavras contra mim — meus lábios ligeiramente inchados voltam a ser o alvo dele — Gosto quando é safada comigo.

Esfrego minha pelve na dele como ele fez comigo; a sensação é deliciosa.

— E eu gosto de ser safada com você.

Estamos nessa fricção gostosa, um prelúdio do que teremos em breve. Sem parar de nos beijar e acariciar em nenhum momento, ele introduz dois dedos dentro de mim, que me levam ao ponto mais elevado do prazer e me traz de volta.

E quando já não suportamos mais tanta provocação, eu o libero da calça e ele afasta minha calcinha. Os movimentos são sôfregos e desajeitados. Ele ergue-me pelo quadril, e a cada decida lenta pelo seu membro, minha pele fica eriçada.

— Olhando para mim! — ele exige quando fecho os meus olhos — Quero te ver gozar.

Começamos a nos mover devagar, de forma cadenciada, ajustando nossos corpos e desfrutando do prazer que damos ao outro.

Ele coloca um dedo em minha boca, chupo-o como se tivesse mel. Adam leva o dedo ao meu clitóris, lubrificando-o, deixando-o ainda mais sensível ao seu toque. Dominada pelas sensações que ele provoca, meu corpo pede mais. Cavalgo sobre ele em um ritmo mais acelerado.

Fagulhas explodem dentro de mim.

— Oh, porra! — ele geme — É a porra de uma boa foda. Gostosa pra cacete!

Adam coloca a ponta da língua em minha orelha e começo a convulsionar em seus braços. Ele toma minha boca, tragando meus gemidos, agora descontrolados. O prazer é intenso. Meus músculos internos contraem e pulsam em torno dele.

— Eu vou gozar! — não sei se o aviso escapa da minha boca ou está apenas ecoando em minha cabeça.

— Goza comigo! — ele abraça forte a minha cintura, puxando-me para baixo.

Enquanto ele me invade com força, o clímax me arremete de tal forma que sinto-me desintegrar.

— Ah! — Adam atinge o ponto mais sensível do meu prazer, e estrelas explodem em meus olhos.

Ele morde meu ombro. Sinto os jatos quentes de sua ejaculação dentro de mim, e deixo que o orgasmo arrebatador me consuma.

Apoio minha cabeça em seu peito. Adam beija meus cabelos suados, minha respiração está acelerada.

Não quero me mover. Então continuamos assim. O mundo passando lá fora através da janela e a vida acontecendo dentro do carro.

— Não nos protegemos de novo — murmuro, me aninhando em volta do seu pescoço.

— Vamos contar com a sorte, então — diz ele, muito calmo, alisando minhas costas.

Minhas pálpebras estão pesadas e eu vou ficando sonolenta, mas preciso despreocupá-lo um pouco antes.

— Não estou no meu período fértil, de qualquer maneira.

Ele me aperta mais forte.

— Bom, isso é o que eu consideraria um grande azar.

Não sei exatamente como interpretar isso. Ele quer outro bebê? Teria que tirar essa dúvida depois. A letargia que sinto, e a forma como ele me envolve em seus braços, impede que qualquer pensamento coerente se forme.

Esse é o jeito que eu gostaria de ter sido acordada essa manhã. As mãos suaves passeando por minha pele e beijos carinhosos em meu pescoço.

Abro os olhos e sorrio languidamente para ele. Eu poderia ficar aqui para sempre.

— Estamos chegando — diz ele, ajeitando-me melhor em seu colo.

Caramba. Havia dormindo com ele ainda dentro de mim. Por incrível que possa parecer, ele está pronto outra vez. Remexo em seu colo, fazendo um gemido rouco escapar dos lábios dele.

— Droga — ele resmunga.

Chegamos na rua que leva à nossa casa e, contrariados, somos obrigados a nos separar. Apenas deslizar para fora do seu membro é delicioso demais. Penso em voltar, quando o carro para em frente a casa.

Nos arrumamos da melhor forma possível. Penteio os cabelos com os dedos, mas por mais que eu tente, as marcas do que havíamos feito no interior do carro continuam em mim.

Mal saímos e a limusine se afasta, estamos um nos braços do outro de novo, nos beijando como se não houvesse amanhã. Suas mãos deslizam pelo meu corpo, alcançam minha cintura, prendendo-me contra ele. Andamos agarradinhos, ele me guiando de costas até a entrada.

Ouçó uma batida de porta, ignoro e mantenho meus olhos

cerrados, apenas desfrutando do que o beijo desse homem é capaz de provocar em mim. Estou fervendo, praticamente em ebulição.

— Ah, por favor! — a voz de Katty me faz saltar — Façam isso lá dentro.

Se eu fosse dez por cento mais corajosa, diria que nós já fizemos “isso” no carro, que foi ótimo, não, foi perfeito. E que estamos apenas dando continuidade ao nosso dia incrivelmente romântico.

No entanto, a presença dela me leva a outra direção.

— Katty? Aconteceu algum problema?

Imediatamente penso em Benjamin.

— Não. Eu fiquei responsável pela segunda parte da surpresa — ela olha furtivamente para Adam e pisca. Ah, os irmãos Crighton e suas piscadelas — Mas pela forma com que se agarram, acredito que a primeira deu tudo certo?

— Mais do que certo — Adam responde — Ela disse sim.

Ele parece um menino apresentando a primeira namorada.

— Estou tão feliz por vocês dois — ela sorri e nos abraça ao mesmo tempo.

Após a breve festa feita por ela, ficamos sozinhos. Antes de alçarmos a porta, sou erguida no ar.

— Eu faço isso — ele me carrega para dentro.

— Esse é um gesto após a cerimônia de casamento, maluco.

— Eu te carregaria todos os dias — diz ele, subindo a escada. — Da cama para a cozinha e só.

— Eu gosto da ideia.

Envolvo meus braços em seu pescoço e agradeço silenciosamente por ser tão feliz.

— Senhorita, abra a porta, por favor, minhas mãos estão bem ocupadas, não desejam sair de onde estão.

— Não vamos contrariá-las, meu senhor.

Abro a porta e me deparo com uma visão de tirar o fôlego. Apesar da luz apagada, as velas aromáticas espalhas pelo quarto dão toda iluminação que nós precisamos.

Adam me coloca no chão e vai até a cômoda. Eu olho abobalhada para as milhares de pétalas de rosas vermelhas e brancas formando um tapete no chão e cobrindo a cama. Em um canto próximo às janelas, há dezenas de almofadas brancas e vermelhas também, em volta de uma pequena mesa, similar àquelas mesas japonesas. Também há uma garrafa de champanhe descansando no balde de gelo. Um tabuleiro com frutas. E um carrinho com refratários em inox para manter a comida aquecida.

— Por que vermelho e branco? — pergunto curiosa. Não são cores aleatórias, com ele, tudo tem um significado.

— Branco porque significa paz, que a nossa vida seja regada de paz e felicidade — ele caminha até mim com uma caixinha de veludo nas mãos — Vermelho é a paixão e todo amor que tenho por você.

O som de Sam Smith embala o ambiente suavemente. É tudo muito simples, mas a delicadeza de cada detalhe faz o meu coração virar geleia.

Adam se aproxima mais, e um nó vai se formando em minha garganta. Ele se ajoelha à minha frente, abre a caixinha, e o anel mais perfeito do mundo salta aos meus olhos.

Com uma lapidação de diamante quadrado, pedras laterais e cravação com garras. É simplesmente lindo.

— Penelope, ou apenas minha Charmosa. Você é a mãe do meu filho, e não poderia ter escolhido uma mulher mais perfeita para me dar esse presente — seus olhos estão cravados nos meus. Há tanta emoção passando por eles, que sinto os meus lacrimejarem — Quero que seja mais do que a minha esposa. Quero que seja minha amante, amiga, confidente, parceira. Que seja você a me guiar pela mão, por essa estrada que chamamos de vida. Casa comigo?

O pedido, dessa vez vindo dos seus lábios, mexe tanto comigo quanto o que eu tinha visto no céu. Conter a emoção é algo que eu não poderia e nem quero.

— Sim — respondo com a voz embargada — Nada no mundo

me faria mais feliz do que ser a sua esposa.

Ele desliza a joia pelo meu dedo, e ela se encaixa perfeitamente. Ninguém me conhece melhor do que ele.

— Ao te fazer feliz, eu me torno o homem mais feliz também — ele beija o anel em meu dedo — Eu te amo.

É, eu estava errada.

Adam sempre faz e diz coisas que me tiram o chão. Eu sou capaz de amá-lo muito mais. Nem que esse amor tenha que transbordar do meu peito.

Nós vamos em direção à cama. As peças de roupa ficando perdidas pelo caminho. Ele me ama com o seu corpo, eu retribuo com minha alma e coração.

Há uma frase bíblica que eu sempre achei linda e que cabe perfeitamente a nós dois.

Eu sou do meu amado e ele é meu.

Capítulo 46

Adam

Eu te amo, porra!

Reconheço o som da minha própria voz antes de abrir os meus olhos para observá-la sustentando um sorriso bobo.

Penelope está sentada, encostada à cabeceira, o queixo apoiado nos joelhos, vendo e revendo o vídeo do meu salto de paraquedas.

— Quantas vezes você vai olhar para isso, querida? — pergunto, amparando a minha cabeça na mão.

Ela deposita o celular em cima da cama e engatinha até mim. O corpo cobre o meu. Abraço-a, recebendo meu beijo de bom dia.

— Eu verei sempre e sempre — ela responde, mordendo meu queixo — Já disse que você é lindo?

— Muitas vezes, mas eu não me canso de ouvir.

— Depois do dia que vi o Ben pela primeira vez, aquele foi o dia mais perfeito da minha vida.

— O meu também, nessa mesma ordem — beijo-a rapidamente — Embora eu quase tenha fraquejado no último momento, estou orgulhoso por ter conseguido ir até o fim.

Sorrio, esfregando meu rosto no dela.

Lembrar daquele dia ainda me dá calafrios na alma. Quem disse que encarar o medo de frente ajuda a superá-lo, não conheceu alguém como eu. Nunca mais em minha vida voltarei a fazer algo como aquilo. A não ser, claro, que Penelope me dê uma

boa razão para isso.

Até o último momento, eu duvidei que seria capaz de saltar. Eu lembro vividamente das emoções pré-salto que tive.

— *Crighton, você vai?* — *o instrutor havia perguntado pela sétima vez — É agora ou nunca.*

Não se tratava de um receio qualquer. Minha pele suava, minhas pernas tremiam, eu não sabia mais como respirar, e meu coração zunia em meus ouvidos, ensurdecendo-me. Qual era o mais forte em mim? O medo que beirava a uma crise descontrolada de pânico, ou o amor que eu tinha por ela?

Meu amor, claro. Eu morreria por isso. Ainda mais com a mulher da minha vida esperando por mim.

Não. Eu já a havia feito esperar demais.

— *Vamos saltar!*

Essas foram minhas últimas palavras antes de mergulhar naquele infinito.

— *Eu te amo, porra!* — *ecoou da minha garganta minutos depois.*

Quando se ama verdadeiramente alguém, esse amor nos reveste de força e coragem, que você nunca imaginou ser capaz de ter. É isso o que Penelope faz comigo. Eu não tinha me tornado alguém fraco por amar alguém, como julguei antes de conhecê-la. Ela me faz querer lutar todos os dias. Eu tinha lutado por ela

até mesmo quando eu pensei em desistir. Lutado para mantê-la viva dentro de mim.

— Quanto tempo nós temos? — pergunto.

Sem calcinha. Ah, merda. Giro meu corpo, ficando por cima dela. Esfrego o nariz em seu pescoço, sentindo seu cheiro suave e doce. Meu pau começa a engrossar na calça do pijama, e eu me esfrego contra ela, curtindo o efeito que isso provoca.

— Uns quinze minutos — ela ofega, a respiração começando a ficar acelerada.

Movo o meu dedo em sua boceta, testando sua umidade. Amo como ela sempre parece estar pronta para mim.

— Então tem que ser uma rapidinha — agarro a barra da camisola e tiro por sua cabeça.

Com os pés, e enquanto me abraça durante o beijo, ela abaixa a minha calça. Enrosco suas pernas em volta da minha cintura, e com uma estocada, estou dentro dela.

Imergindo mais e mais. Meu quadril golpeando o dela a cada investida dura. É tão bom que eu ficaria assim por horas. Entrando e saindo, sentindo como se meu pau pudesse derreter nesse calor que ela me recebe.

Agarro suas coxas com mais força, impulsionando mais rápido. E quando sinto-a convulsionar, é o momento que sei que posso liberar meu próprio prazer, acompanhando o dela.

Desabo, minha cabeça apoiada em seus seios, ouvindo as batidas descompassadas do seu coração. Ela enrosca os dedos em meus cabelos com carinho.

No entanto, o choro baixinho do bebê através da babá eletrônica me faz sair da cama.

— Deixa que eu cuido dele — deposito um beijo rápido em sua boca — Vá se arrumar.

Coloco o robe e vou para o quarto do Ben. Ando com ele pelo quarto, procurando acalmá-lo de alguma forma, frustrado pelo o que ele precisa e não posso dar.

— Amor?

Viro em direção à voz na porta.

CA. CE. TE!

Diante de mim, a mulher mais sexy do universo. Vestindo saia preta, de cintura alta, camisa de seda vermelha, saltos altos malditamente sexy. Os cabelos estão presos em um coque severo. A imagem de secretária gostosa, da fantasia de todos os homens héteros do mundo. E naquela succulenta boca carnuda, um batom vermelho que faz o meu pau dizer: *me chupa, por favor*.

— Vai trabalhar assim? — pergunto, minha voz tão esganiçada como uma gralha fanha — Desse jeito?

Ela enrugando o nariz, olhando para o próprio corpo. De forma alguma a roupa está indecente, pelo contrário. É a imagem de

uma elegante e eficiente mulher de negócios. Esse é o problema. Eu já tive minha cota canalha. Sei muito bem o que os homens pensam ao se deparar com uma mulher como ela. Nosso maior desejo é saber se, por debaixo dessa roupa profissional, há uma mulher fogosa e quente.

E, porra, eu sei que tem.

— O que tem a minha roupa?

Ela sorri, visivelmente me provocando.

— Nada! — entrego Benjamin a ela, e nem sei porque estou com tanta raiva — Vou tomar banho.

Quando Neil solicitou sua ajuda na DET, concordamos que faria bem para ela voltar ao trabalho, mesmo que por meio período. Juliene ficaria com Benjamin por esse tempo.

O que eu não previ foi que vê-la sair de casa todos os dias, tão linda como está, iria me incomodar tanto. Eu imaginei que essa fase de homem ciumento já havia passado.

Ligo o chuveiro no frio. Não bastasse esse pequeno showzinho ridículo que dei, ainda tinha ficado excitado com ela.

— Porra, você acabou de transar! — repreendo o meu pau como se fosse uma criança levando bronca.

A água fria não ajudou quase nada. Nem no meu tesão, nem na raiva. Vesti a roupa que Penelope havia escolhido para mim. Não é sempre que isso acontecia, mas o gesto de carinho me toca.

Dou risada ao ver a gravata vermelha e preta em cima da cama.

Após vestir o terno, vou para o espelho fazer o nó na gravata, quando a sinto me abraçando por trás.

— Ei, eu só tenho olhos para você — ela beija minhas costas, e eu seguro suas mãos em meu peito.

— Eu sei — murmuro um pouco mais calmo — Também só vejo você. O problema é que outras pessoas também vão olhar.

Certo, eu estou fazendo birra, e isso é completamente ridículo.

— O que você sugere? — ela dá a volta, finalizando o trabalho que comecei com a gravata — Que nos tranquemos em casa e nunca mais vejamos ninguém? Tudo bem para mim.

Dou risada e apoio minhas mãos em sua cintura.

— Não. Acabaria descobrindo os defeitos que me esforço a esconder.

Ela levanta meus braços. Vasculha por minhas roupas, murmurando palavras desconexas.

— O que foi?

— Não encontro os defeitos — ela sorri, tocando minha bunda — Definitivamente, aqui não tem.

— Está me provocando?

Agarro sua bunda como faz comigo e fricciono meu pau no

ventre dela, comprovando toda minha excitação.

— Deixe-me dizer — pressiono mais forte — Água fria não resolve. É mito.

Ela suspira e me afasta. Tenho vontade de rugir de frustração.

— Não temos tempo, querido. Ainda temos que deixar o Ben com a Juliene.

Dito isso, ela se afasta. Eu fico estático no quarto, vendo-a desfilir aquele traseiro maravilhoso aos olhos. E de pau duro.

No caminho, sob o olhar de protesto dela, coloco as músicas infantis mais irritantes no carro.

Alguma coisa tinha que desviar a minha atenção do sexo.

No escritório, as coisas estão agitadas demais, e por algumas horas, minha mente fica distante. Tenho uma audiência no dia seguinte. Tenho plena certeza da vitória, era um caso simples, mas desejo estar preparado para tudo.

— Dr. Crighton — a voz de Veronica soa na linha — O Sr. Stone está aqui.

— Peça que ele entre.

Desde o pedido de casamento que não falo com ele. Peter andou meio distante, aliás, ele anda bem esquisito.

— Peter?

Direciono a cadeira à minha frente para que se sente, mas ele prefere ir até a janela. Antes deposita um envelope em minha mesa.

— Descobri mais algumas coisas sobre o Nathan — diz ele. As mãos fincadas no bolso — Odeio tanto aquele desgraçado. Foi ele que fez todas aquelas coisas contra você. Foi o maldito Nathan. Tem um relatório completo aí. Não foi Celeste, nem o Wade.

Depois da fita na qual Nathan havia claramente distorcido a ligação, nada mais em relação a ele me surpreende mais.

— Como eu posso ter sido tão burro?

Peter me olha pela primeira vez, após ter entrado em minha sala. Vejo tanta raiva brilhando nos olhos dele, que agradeço por ser seu amigo, e não o contrário.

— Embora eu também sinta raiva de mim, não teríamos como desconfiar — ele volta a encarar a cidade através da janela — Ninguém teria imaginado que aquele desgraçado estava vivo, e que muitas vezes se passou por Neil. Ele te atacou porque você logo desconfiaria dele na empresa. Sabia que você era um perigo. Bem, há uma tal de Alysson. Você a conhece?

Vasculho a minha mente buscando esse nome.

— Alysson do quê?

Não tenho uma lista de mulheres tão extensa como Peter, mas eu tive meu momento Don Juan.

— Ainda não descobri, mas eu vou — diz ele enfaticamente — Pelo o que entendi, era a responsável em seduzir você e dar um fim depois. Alguma coisa sobre vingança. Muita coisa foi perdida no incêndio. A Mendes, além de não poder falar, não gosta de tocar no assunto, e não quero forçá-la.

— Ela ainda está com você?

Ele me olha feio. Imediatamente me arrependo de ter perguntado. Sinto que poderia quebrar minha cara.

— Onde acha que ela estaria?

Recebendo proteção policial em algum abrigo? Com o Neil, nas últimas das hipóteses. Ele tem um grande carinho e gratidão pela garota. Não vejo motivo do Peter insistir tanto em ficar com ela. Ainda mais se ela não quer abrir a boca como ele diz.

— Como é esse negócio de estar apaixonado? — Peter pergunta, encarando um quadro na parede.

Não há nada de tão interessante na pintura abstrata para ele simular tanto interesse como agora. O que ele esconde?

— Inicialmente assusta demais — respondo, buscando as palavras certas — Mas depois, quando você aceita e se é

correspondido, não há nada mais perfeito no mundo.

— Só dezenas de pessoas tentando foder vocês dois — diz ele, e tenho um toque na voz de, sei lá... Tristeza?

— Sim, às vezes tem um monte de gente querendo foder com a gente, mas se o amor é forte, ele suporta tudo.

Um ou dois longos minutos correm sem dizermos nada.

— Eu tenho que ir — ele vai em direção à porta — Trarei notícias dessa Alysson o mais rápido que eu puder.

— Peter? Acha que é um risco para minha mulher e meu filho?

Tecnicamente, ainda não somos casados, mas não vejo Penelope de outra forma.

— Eu vou garantir que não.

Ele sai, e eu medito sobre essa possibilidade. Eu mato essa vagabunda com minhas próprias mãos se ela cogitar se aproximar deles dois.

Meia hora depois, ainda me sinto apreensivo. Pensei em Penelope o tempo todo. Vinte minutos depois, ligo para ela.

— Oi, querido.

Há um murmurinho em volta dela, e não gosto disso.

— Já saiu do trabalho?

— Acabei de sair do elevador.

— Então vem para cá.

— Aconteceu alguma coisa?

Tenho que contar a ela sobre o que o Peter falou. Não pretendo esconder nada. Contudo, esse não é um assunto para ser revelado no telefone.

— Estou com saudades — digo em uma voz mansa — Quero beijar essa boca sexy. E esse traseiro gostoso está merecendo umas boas palmadas.

Ouçó sua respiração profunda. Eu mexo com ela tanto quanto ela me abala.

— Estou indo.

— Venha de táxi — ordeno.

Escuto seu riso. Sou mesmo obcecado por sua segurança. Com Alysson ou sem ela, isso nunca irá mudar.

— Está bem, senhor.

Agito-me na cadeira e afrouxo o nó da gravata.

— Continua me provocando.

— Sim, senhor — ouço a risada sexy, e o telefone fica mudo.

Maldita mulher.

Ainda tento controlar meus pensamentos pervertidos quando uma ideia dispara em minha cabeça. Aliso minha mesa, e as imagens que vêm são tão nítidas em minha mente que

poderia tocá-las.

Vou até a mesa de minha secretaria passar novas ordens a ela.

— Veronica, não atendo mais ninguém hoje. Não deixe ninguém entrar na minha sala também. Nem mesmo você. Apenas a Penelope. Diga que entre imediatamente. Quando ela chegar, pode ir embora.

— Sim, senhor — ela me lança um olhar de contentamento.

Volto para minha sala com um sorriso torto no rosto. Desde que vi Penelope linda e absurdamente sexy essa manhã, a ideia não parou de sair da minha cabeça. Nós dois fodendo em cima da mesa do escritório.

Tiro meu terno, ficou quente de repente. Venho fantasiando com isso desde a primeira vez que a vi na sala do Neil, e ela deixou a xícara cair ao me ver.

Deus, venho tento essa fantasia há tanto tempo, que chega ao ponto de enlouquecer.

Sigo para minha mesa, toco a foto no porta-retratos. Nós dois abraçados sorrindo para a câmera. Ao lado, uma foto de Benjamin com ela.

Eu sou um filho da puta sortudo. E não vou permitir que ninguém mais acabe com a nossa paz. Esse é um juramento que faço.

Primeiro eu vejo a maçaneta girar. Toco meu pau, exibindo um sorriso. O show vai começar.

— Puta merda!

Penelope me encara com olhar incrédulo.

— Está atrasada, Srta. Walker — olho para o relógio em meu pulso — Quase dois anos.

Vestindo apenas gravata, com os pés sobre a mesa, eu a recebo, mantendo o mesmo sorriso perverso que eu tinha ao tirar minhas roupas.

— Srta. Walker? — olho-a de cima a baixo, começando pelos saltos, subindo pelo seios volumosos, e parando em sua boca pecaminosa — Onde estão os relatórios que eu pedi a você?

— Relatórios? — ela gagueja.

Toca sua garganta e vejo seus movimentos de pernas.

— Tem sido muito relapsa, senhorita. Acho que não merece a promoção que pensei em te dar.

— Ah, não senhor — ela entra no jogo — O que eu posso fazer para remediar, senhor?

Tiro meus pés de cima da mesa e apoio meus braços no lugar. Dou a ela o meu melhor sorriso cafajeste. O sorriso de *eu vou te foder e você irá me pedir mais*.

— Tira a roupa.

Ela obedece.

Mesmo que não possa me ver por inteiro, volto a me masturbar embaixo da mesa, enquanto a assisto tirar a roupa. Primeiro a camisa, revelando os seios em um sutiã meia taça vermelho.

Paro de me tocar, senão gozaria apenas com a visão.

Ela se desfaz da saia devagar, bem devagar, para a minha tortura. Minha vontade é jogá-la na mesa e foder com força. Mas fantasiei muito esse momento para acabar tão rápido.

— A senhorita não está sendo muito eficiente — minha voz soa rouca.

— Desculpe — ela umedece os lábios — Senhor.

Porra! Que se foda!

Caminho até ela em duas ou três passadas. Bendito sutiã com fecho na frente, rapidamente livro-me dele. Os seios saltam para as minhas mãos. Apodero-me deles como se fossem meu bote salva-vidas.

Ela começa a gemer conforme pressiono e brinco com seus mamilos. Já sem nenhuma resistência ou controle, caio de boca.

Sugando, me esbaldando com a maciez e doçura.

— Adam! — ela choraminga, empunhando meus cabelos.

Agarro seus braços e me afasto.

— Sr. Crighton para você!

Tiro sua calcinha com pressa e aliso sua bunda.

— Lembra do que eu disse ao telefone sobre as palmadas?

Ela balança a cabeça, e vejo o desejo brilhando intensamente em seus olhos quando eles correm pelo meu corpo nu.

Minha doce futura esposa é tão delicada quanto devassa. Isso me deixa ainda mais excitado. Tiro a gravata e coloco no pescoço dela. Segurando o tecido, eu a conduzo até a mesa.

— Segura na borda — ordeno.

Ela obedece sem pestanejar.

— Adoro quando é obediente assim — mordisco suas costas e passo minhas mãos sobre ela — Agora empina esse traseiro para mim.

Aliso carinhosamente antes de dar a primeira palmada. De leve, apenas provocando-a um pouco mais.

— Agora, apoie o corpo na mesa.

Ela obedece e geme ao sentir a madeira fria tocar o seu corpo quente.

— Isso é por usar essa roupa — bato em uma das nádegas, um pouco mais forte dessa vez — Isso por ser tão sexy — bato na outra — E isso é por me provocar.

Ajoelho e beijo a pele vermelha, deslizando minha língua pelo monte arredondado. Toco seu ânus com a ponta da língua e ouço-a chorar de tesão. Escorrego a língua mais para baixo. Introduzo dentro dela e movo-a sem parar.

Instigado por seus gemidos desesperados, afogo-me em sua boceta, tomando todo o mel que ela me dá. E quando eu mesmo já não posso mais suportar, ergo-me e fodo-a. Forte, intenso, firme.

— Ah, querida! — arremeto mais forte, sem controle — Cacete, meu amor.

Não consigo parar, porque é simplesmente fodido. Seu interior me ordenha como um punho cruel. Vejo tudo desfocado à minha frente, tamanho o prazer que eu sinto.

— Oh, meu Deus! — ela berra quando minhas estocadas ficam ainda mais intensas — Adam!

Meu nome é sussurrado a cada batida de orgasmo consumindo-a.

Já não tenho forças, então eu me entrego. Gozando e gozando, acho que nunca irá acabar. Todos os meus ossos deixam de existir. Meu corpo todo é apenas sensações, explodindo em minha cabeça e em cada célula minha.

Sexo com ela nunca é o mesmo. Nunca é igual, e eu jamais me cansaria disso.

Nos completamos. Em todos os sentidos.

Capítulo 47

Penelope

Quando Paige Fisher aparece, você sabe que tem confusão a caminho. E eu sei que entrarei em uma grande encrenca. Principalmente quando ela nos lança aqueles olhos verdes cheios de uma inocência fingida.

— Eu já tenho tudo organizado – ela diz, sentando na minha mesa — Você só tem que levar esse corpinho lindo.

— Por que eu sinto que tem algo a mais aí?

Ela salta da mesa com um olhar ofendido, que em momento algum consegue me convencer. Talvez funcione com Richard, que literalmente beija o chão que ela pisa. Mas eu já tive doses suficientes, para saber que esse súbito jeito meigo e inocente é ensaiado para que ela consiga o que quer: nos ter em suas mãos.

— Queremos entrosar a Fabiana ao nosso grupo — ela muda de assunto e, dessa vez, vejo sinceridade no que ela fala — Eu acho... não, tenho certeza que será uma pessoa permanente em nossas vidas.

Tudo bem, eu posso ser meio lenta quanto à minha vida amorosa, mas acredito que sei aonde Paige quer chegar.

— Peter?

— Você não percebeu? — ela pergunta, revirando os olhos, como se eu perguntasse algo tão óbvio como se as nuvens são brancas.

Adam havia comentado a surpresa em saber que a garota estava na casa dele, apesar de não ter a necessidade. Não sei realmente todos os detalhes, os homens não são tão curiosos como as mulheres. Bom, Adam não é.

— Não o vi desde o pedido de casamento — respondo, sentindo-me em dívida com ele — Aliás, novamente, obrigada.

— Foi um grande prazer, garanto, eu me diverti muito — ela sorri — Então você irá à despedida de solteira da Jenny?

— Promete que não irá me colocar em encrencas?

— Defina “encrencas”?

— Paige! — tento colocar autoridade em minha voz, mas não tem o efeito que eu gostaria, saiu mais como um gemido de misericórdia — Eu acabei de recuperar o homem. Pense no meu filho.

Sua boca apartada e a expressão de choque em seu rosto fazem-me rir. Sim, minha cara, eu também posso mover essas peças no jogo.

— Usando uma criança inocente contra mim? — ela leva a mão ao peito, dando mais efeito à sua encenação dramática — Você é boa.

Nós rimos um pouco. Gosto de estar com ela, gosto de conversar com ela e, principalmente, admiro o jeito livre e despreocupado que leva a vida, e também sua lealdade e carinho com os amigos. Quem mais organizaria uma surpresa tão original e romântica como Paige fez?

Trocamos mais algumas palavras sobre a festa “só para garotas” e, em seguida, anuncio para Neil que Paige está aqui.

Voltar ao trabalho, mesmo que por algumas horas, me deixou feliz, embora a saudade do meu bebê seja enorme. Eu ligo para ele a cada hora, e encho Juliene de perguntas sobre como ele está.

Eu não posso deixar de atender ao pedido de Neil para que

colocasse o escritório em ordem, já que Aline havia deixado tudo de pernas para o ar, e as coisas começam a entrar nos eixos. E com ela de licença médica, as coisas no escritório ficaram ainda piores. Neil está um pouco menos intransigente e mais relaxado com as pessoas, mas a incompetência para algumas coisas óbvias ainda irrita-o profundamente.

Alguns minutos depois, Paige sai sorrindo, balançando o contrato um tanto inusitado, sobre a presença de Jenny na sua própria festa.

— Você sabia, não é? — Neil surge de sua sala e me encara entre divertido e derrotado — Como sabia da outra vez e foi cúmplice dela.

A outra vez, é a festa de despedida de solteiro de Richard, na qual Paige e eu tínhamos invadido, feito a dançarina contratada de refém e causado um tumulto no local.

— Não sei do que o senhor está falando — imito o olhar inocente de Paige.

Não havia colado também. Além disso, desde que voltei para a cidade, paramos de nos tratar formalmente. Então, é óbvio que eu minto descaradamente. O problema é que eu nunca fui boa nisso.

— Mulheres e sua lealdade — diz ele, inconformado — Controle aquela maluca.

Controlar a Paige? Eu?

Dessa vez, sou eu a lançar a ele um olhar de descrença. Controlar a Paige parece ser tão impossível como a paz mundial. E, na realidade, terei uma tarefa mais árdua pela frente: ter que acalmar outra pessoa.

Claro que eu esperei estarmos na cama, fracos após mais um momento sublime de amor.

— Para que uma despedida de solteiro, se Neil e Jenny já são casados?

Como eu previ, não seria uma tarefa muito fácil convencê-lo que somos apenas quatro mulheres tendo seu momento, como eles no pôquer.

— Não é bem pela Jenny — traço a linha dos seus músculos com a ponta dos meus dedos, que ele contrai instantaneamente ao sentir minhas carícias em sua pele.

Eu me pergunto por quanto tempo seremos assim, loucos um pelo outro. São mais de dois anos de um relacionamento complicado, mas essa parte entre nós dois, o sexo, sempre foi perfeito e continua sendo. Cada vez é única e inexplicavelmente especial.

— Queremos que a Mendes se sinta acolhida. Sabe, depois

de tudo o que ela passou com Nathan.

O simples fato de citar o nome dele me causa calafrios. Eu não entendo como Fabiana ainda consegue ficar de pé. Eu não suportaria tanta dor e crueldade como a que ela foi submetida.

— Haverá homens? — ele gira comigo em seus braços, e logo seu corpo cobre o meu.

— Homens?

Paige não foi muito específica sobre o que irá acontecer; de acordo com ela, será memorável. Eu não cogitei a possibilidade de ter homens nessa pequena reunião. Afinal, somos quase todas muito bem casadas.

— Sim, aqueles homens ridículos, malhados e sem roupa — ele força a abertura das minhas pernas com o quadril, e eu as enrosco em sua cintura — Que fazem vocês agirem como loucas.

— Hummm... — gemo quando ele afunda o nariz na curva do meu pescoço e inspira profundamente — Agora eu fiquei um pouco interessada.

A mão em meu seio se torna mais possessiva, mas as carícias que ele faz com ela são incrivelmente torturantes. Um homem dominado pela luxúria e desejo é maravilhoso, mas um homem apaixonado e ciumento por alguém que ele nem sabe que existe, nos arremessa a um nível inimaginável de prazer.

Homens precisam marcar território. Como se eu precisasse disso para me lembrar de como ele é fantástico.

— Futura Sra. Crighton...

Toda minha pele fica eriçada quando ele arremete para dentro de mim. São pequenas ondas elétricas que ganham mais força, conforme seu corpo vai exigindo mais e mais do meu.

— O único homem que deve estar em sua cabeça, todas as horas do dia, inclusive em seus sonhos...— Adam se interrompe para olhar dentro dos meus olhos. Teria batido nele por interromper um momento extasiante como esse, se eu não tivesse mergulhado nas profundezas dos seus olhos cheios de amor — Sou eu.

— E o Ben? — remexo sob ele e provoco-o um pouquinho.

— Ele é a prova de como somos perfeitos juntos.

Somos mais do que isso. Não são apenas nossos corpos se encaixando perfeitamente. São duas almas que se encontraram na vida, formando uma só. É assim que me sinto agora. Partes de mim que completam as dele.

É a primeira vez que deixo Benjamin com alguém que não seja o Adam e a Juliene. Adam ficará com os rapazes na casa do Neil até nossa festinha acabar. Eu sei que os avós paternos do

meu filho terão todo o cuidado possível com ele, mas faz tanto tempo desde que eles estiveram com um bebezinho na casa. Tudo bem, talvez eu apenas esteja sendo um pouquinho superprotetora.

Será que todas as mães são tão paranoicas como eu?

— Eles vão ligar caso...

Meu discurso mãe protetora é interrompido pelos lábios dele colados nos meus. Por um instante, todos os meus receios são perdidos em meio a esse beijo. Não é difícil imaginar que o meu mundo está girando em outra direção.

— Vai ficar tudo bem — Adam encosta sua testa na minha — Benjamin ficará bem.

Eu simplesmente amo quando ele faz isso. As mãos presas em minha nuca, seus dedos fazendo uma leve carícia em minha pele e os olhos fixos nos meus. É o nosso momento mágico.

—Você precisa de uma noite como essa — ele diz, com um sorriso indolente.

Como um sorriso pode ser tão bonito? Como um homem pode ser tão lindo como ele é?

— Passou por tantas coisas. Dá conta de tantas coisas. Precisa de um espaço longe de marido e filho.

Eu disse; Adam não é apenas fisicamente, e de longe, o

homem mais lindo que eu conheço. E falo isso com propriedade, pois estou cercada de homens incríveis. Mas ele é carinhoso, romântico e sedutor na medida certa.

— Tecnicamente, não somos casados ainda.

— Somos casados desde que te dei a chave da minha casa pela primeira vez.

Mas foi há mais de um ano.

— Eu já era sua esposa na época?

Descemos a escada rumo à garagem, abraçados. Há um sorriso tanto em meu rosto como em minha voz.

— Você sempre foi minha.

Contra isso não há argumentos. Eu sempre fui e serei irrevogavelmente dele.

— Só vamos oficializar... — ele abre a porta do carro para que eu entre e se inclina para me beijar — E eu vou garantir que nenhum outro chegue perto de você menos do que cinco metros.

Ciumento? Possessivo?

Sim. E eu adoro.

Tudo o que Adam disse e sente reflete em mim.

No momento em que trocamos as chaves de casa, eu soube que selávamos um compromisso. O ritual cerimonial é apenas a cereja do bolo, que acontecerá após os votos de renovação de Neil

e Jenny.

E só sinto por meus pais estarem longe disso, da minha inegável felicidade. Mas também não quero pensar em nada que me deixe triste essa noite.

Então, quando Adam liga o som do carro, selecionando a minha lista de músicas preferidas, estou gritando as canções a plenos pulmões, vez ou outra arrancando gargalhadas dele.

— Tem certeza que não quer passar a noite com um homem incrivelmente sexy?

Estamos em frente ao apartamento de Paige. A pergunta me faz fraquejar. Entrar e ter uma noite maravilhosa estreitando ainda mais os laços com minhas amigas ou ter uma noite incrível com ele?

Droga! Por que a vida não é mais justa e equilibrada?

— Não faz isso comigo — oscilo para os braços dele — Sabe que é importante. São as primeiras e únicas amigas que tenho.

Juliane sempre foi minha amiga, mas o nosso contato sempre foi a distância. Eu gosto do vínculo que Jenny, Paige, e agora Fabiana, estamos criando. Também é uma parte especial em minha vida. Algo como o que ele tem com os rapazes. Uma amizade única e leal.

— Ei... — ele levanta meu queixo com a ponta dos

dedos — Eu só tinha que tentar. Eu sou egoistamente um cretino apaixonado.

— Sabe que eu te amo, não é? — diminuo os últimos centímetros entre nós dois e envolvo meus braços em seu pescoço.

— Um pouco menos do que eu amo você.

— Isso não é verdade!

Ele me pressiona contra a porta. Eu posso sentir seu melhor amigo me cutucar.

— Quer mesmo discutir quem ama mais aqui? — um pouco mais de pressão no quadril, e eu faço o que ele quiser — Eu posso provar minha tese a noite toda.

Quando ele me pega dessa forma, eu sei que seria capaz de qualquer loucura. Até mesmo arrancar nossas roupas e fazermos amor no corredor.

— Vem comigo!

Apesar de sentir minhas pernas fracas, deixo-o me guiar pelo corredor.

Adam abre uma porta e, em seguida, nos vejo na escada de serviço.

Ouçõ o clique da porta e o som do meu próprio corpo bater contra ela.

— Deus! Eu adoro vestidos — ele murmura em meus

lábios — São sexy e práticos.

Suas mãos se introduzem por debaixo da saia; elas percorrem o caminho entre minhas coxas. Adam fricciona meu clitóris sob a calcinha e vou ao céu em poucos segundos.

Infilto minhas mãos por dentro de suas calças. Seu pênis é como aço revestido em veludo.

— Para!

Ele pega minhas mãos e prende meus pulsos acima da minha cabeça.

— Estou muito perto de gozar, querida — ele desliza as mãos pelos meus braços, rosto, pescoço, e pousam em meus seios — Mantenha suas mãos aí.

As minhas mãos, frustradas e ansiosas por tocá-lo, permanecem no local em que ele as deixou. As mãos dele jogam com crueldade em meus dois pontos de prazer. As descargas elétricas entre meus seios e meu clitóris parecem um casal apaixonado indo em direção ao outro, e quando se encontram, há uma grande explosão em mim.

— Amo quando goza para mim — ele grunhe, pegando minha perna para envolver sua cintura. — Amo mais ainda quando goza comigo.

Ele afasta minha calcinha para o lado, e sem aviso — como se isso tivesse importância — me invade. Eu poderia gozar nesse mesmo momento. E com toda a certeza não vai demorar muito a

acontecer.

Apesar de termos pressa, devido ao lugar em que estamos, seus movimentos são lentos. O que só intensifica o meu prazer, principalmente quando Adam me beija da mesma maneira que fazemos amor.

Abafamos os gemidos que emitimos, gerados por essa insana aventura.

Uma, duas, incontáveis vezes ele me toma, e eu me entrego sendo levada por essa avalanche de prazer, que faz o meu corpo sacudir.

Deixo que ele sustente meu corpo até termos nossas respirações voltando à normalidade.

— Você é maluco.

Começamos a nos ajeitar. Minhas pernas ainda estão como geleias, e minha pele sensível ao toque de uma pena.

— Quero que pense em mim a noite inteira — ele me beija apaixonadamente — E aguarde ansiosamente pelo o que a espera em casa.

Voltamos para o apartamento da Paige. Dessa vez, resolvo tocar a campainha e esperar por ela sozinha. Esse homem ao meu lado é perigo na certa.

Quando a porta é aberta, Paige, em um vestido sem alças e sensual, me analisa com um sorriso travesso.

— Acabou de transar, sua cretina! — ela fecha a porta e eu a encaro, surpresa — Não me olhe assim. Seus cabelos, a roupa desalinhada e esses olhos e boca, são sinais de quem acabou de transar. E foi bom, pelo sorriso que tinha quando eu abri a porta.

Estou chocada com a facilidade e naturalidade que Paige aborda o assunto. Não sou puritana, mas abordar o assunto tão abertamente, e antes de um *Olá, seja bem-vinda*, intimidaria qualquer pessoa.

— Não liga para ela — Jenny me enlaça pela cintura e entrega uma taça de vinho — Paige é absurdamente intrometida.

Paige mostra a língua para ela e caminha até o balcão onde estava sua taça.

— Só faltava você — ela diz, ligando o som — Vamos iniciar nossa festa.

Rapidamente, o som do Marron Five domina o ambiente. Dou uma olhada na sala. É ampla, clara e muito elegante.

Vejo Fabiana em um dos sofás. Ela tem não apenas a taça nas mãos, mas a garrafa inteira.

A noite começa com Paige nos ensinando algumas danças sensuais com a cadeira. Algo que, segundo ela, deixaria os nossos homens loucos de tesão. Apesar de ser bastante sensual, é uma coreografia bonita.

Jenny reproduziu igualmente ao som de Beyoncé, e eu fiz

uma demonstração cômica e um tanto patética.

A Mendes optou por ficar olhando. Mas a cada minuto, ficava mais próxima de nós.

Após as aulas na sala, o alvo foi um mastro de pole dance em seu quarto. Obviamente que eu fiquei chocada e maravilhada em saber que ela tinha um. Eu sei que tanto ela como Jenny trabalharam em um clube, mas jamais poderia imaginar que Paige fosse tão ousada. Agora faz muito sentido que Richard seja tão obcecado por ela. Essa garota é explosiva. E eu me sentindo a rainha do sexo por que Adam e eu transamos na escadaria de serviço.

— Agora chega! – Paige termina com minha festa no pole dance — Vamos descer. O melhor da noite está para começar agora.

Eu nem quis questionar o que seria o melhor da noite. Mas foi algo que me deixou realmente surpresa.

Dois bombeiros, dois mecânicos e três policiais de peito nu, besuntados de óleo, surgiram na sala.

— Oh, meu Deus! — puxo Jenny para um canto mais afastado da sala — Isso dá divórcio antes mesmo de eu me casar. E meu talvez futuro marido é advogado.

— Fica tranquila — Jenny sorri para o moreno vestido de mecânico vindo em nossa direção — Eles são gays.

Como se ser gay adiantasse alguma coisa. Eles poderiam ser

padres, que Adam ficaria furioso da mesma maneira.

— Jenny! — bato os meus pés, como uma criança fazendo birra — Eu vou me meter em encrencas e...

Não pude continuar. O musculoso de olhar safado me tira para dançar.

— Tem um rosto muito lindo para ficar bravo — ele dança comigo de um jeito bem sensual — Hoje é dia de festa.

Talvez seja o álcool correndo aceleradamente em minha corrente sanguínea ou porque ele é muito simpático "e" gay — que, sem ofensas alguma, é um desperdício e tanto para as outras mulheres — logo me vejo dançando e me divertindo bastante, contagiada por minhas amigas.

Eu nunca tive momentos assim. Sair para dançar e beber com as minhas amigas, apenas curtindo a noite, paquerando um ou outro rapaz.

Não que eu tenha vontade de viver tudo isso agora. Mas é divertido ter essa experiência com elas.

É quando, no auge da festa, eu com uma garrafa de champanhe nas mãos, dançando ao som de *I Will Survive*, na voz de Gloria Gaynor, e um policial completamente suado e lindo ao meu lado, vejo nossa farra ser interrompida inesperadamente.

Adam, Neil, Richard e Peter irrompem na sala, sustentando nada menos do que um olhar furioso.

Put a merda! Ferrou!

Capítulo 48

Adam

— É sua vez de dar as cartas — falo a Peter, que está totalmente concentrado no seu relógio de pulso — Peter!

Ele sobressalta e olha para mim.

— O quê?

— Tem que dar as cartas! — jogo o baralho na mesa e levanto — Olha, eu desisto. Não está funcionando para nenhum de nós. Nossos pensamentos estão lá, com elas, vamos admitir.

Eu não me envergonho em ter que falar isso. Ainda mais depois da forma que nos despedimos; ao contrário de me acalmar, só me fez ter mais vontade dela. Nosso rompante no prédio da Paige foi apenas um aperitivo para essa noite.

Então, por que merda estou cercado de três marmanjos que querem minha presença tanto quanto eu desejo a deles?

Além disso, Paige definitivamente não é uma pessoa confiável. Se ela fez com que assinássemos um contrato, é porque certamente ela está aprontando alguma coisa. Eu não vou pagar para ver o que aquela maluca possa estar fazendo.

— Eu tenho que concordar — Neil levanta, pegando o casaco em sua cadeira — Eu não sei vocês, mas vou levar a minha mulher para casa.

No minuto que ele proferiu isso até o seguinte, foi uma correria à procura de chaves, e ver quem alcançava o seu carro primeiro.

Enquanto dirijo, eu penso nas minhas opções. Se a festa fosse mesmo apenas um encontro entre amigas, teria que ter uma desculpa plausível para tirá-la de lá, sem que nenhuma delas tente arrancar minhas bolas.

O melhor seria cada um lidar com sua própria mulher. Em uma guerra, a gente deixa o inimigo mais fraco e depois faz o ataque, surpreendendo-o. E eu posso dizer que as quatro, unidas, podem ser piores do que qualquer general carrasco por aí.

Então, no meio do caminho, envio uma mensagem a eles, pedindo que me encontrem no hall. Richard e eu chegamos no mesmo instante; Neil já está lá, aguardando-nos.

— Isso não vai dar certo, Neil — Richard começa a protestar — Paige vai ficar furiosa.

— Será que poderia, só por um minuto — Neil inicia sem muita paciência — Parar de fazer tudo o que a sua mulher pede?

— Olha só quem fala! — ele o encara com um olhar fulminante — Quem foi que assinou um contrato?

Eu teria interrompido a discussão ridícula se Peter não fizesse isso por mim.

— Vocês dois são patéticos — Peter dispara, com seu habitual olhar de deboche — Têm que mostrar às suas mulheres quem manda.

Não levou um segundo para todos cairmos na risada. Rindo dele, obviamente. A partir do momento em que você entrega seu coração a uma mulher, lá se foi todos os momentos de paz, controle e sanidade.

E se ele está aqui conosco hoje, seu teto de vidro já começa a rachar.

— Por que você não está lá dentro? — Neil pergunta assim que entramos no elevador.

De todos nós, ele é o que mais tem lábias com elas — o sedutor.

— Você acha mesmo que a Paige me deixaria participar de sua festinha particular?

Ele sacode os ombros, derrotado, enquanto eu ainda medito em qual desculpa dar antes de atravessarmos a porta. O que imediatamente perde a importância assim que a vejo. Linda, sorrindo, dançando e feliz como nunca, em cima da mesa. Mas meu encantamento durou exatamente o mesmo tempo que levei para notar todos aqueles homens ridículos em volta delas.

A última vez que eu senti tanta raiva e quis matar alguém, foi quando Evan tentou ser uma ameaça para mim. Eu posso quebrar os ossos de cada um deles, apenas com a fúria saindo dos meus olhos.

— Jennifer, desça daí, já!

Neil é o primeiro a se manifestar. Eu estou dividido entre desferir toda minha ira em cima desses frangotes que se acham homens, ou a afastar desses abutres.

E quando meus olhos cruzam com os delas e me deparo com seu rosto assustado, eu já havia tomado minha decisão.

— *Ferrou!* — leio a palavra deslizando nos lábios dela.

Ferrou? Querida, você não tem ideia da encrenca em que se colocou. Ferrou é um mero eufemismo para o que pretendo fazer.

Enquanto Neil gasta seu tempo tirando satisfação com Paige, eu tenho um único objetivo, o mesmo que me trouxe aqui...

Afasto um dos homens em torno da mesa com um empurrão que o faz cambalear para outro lado. Em vez de assustada como eu gostaria, Penelope exibe um sorriso travesso em seu rosto.

— Chega disso — agarro-a pelas coxas e jogo-a em meus ombros — Vou levar você para casa!

Ignoro os pedidos fracos para que a coloque no chão e siga para os elevadores. Uma senhora me encara com um olhar chocada, e dou a ela o melhor sorriso que tenho.

— É minha esposa — justifico meu comportamento pouco convencional — Estava em uma festa, e passou um pouco do limite.

— Não somos casados ainda — Penelope balança as pernas e tenta descer.

— Fique quieta!

O tapa que dou em sua bunda é audível o suficiente para que a senhora saia resmungando e a atrevida em meu ombro fique em silêncio.

No hall, o porteiro olha de forma esquisita para nós, mas se apressa em abrir a porta.

— Você acabou com a festa — ela lamenta quando começo a prender o cinto de segurança em torno dela — É a primeira vez que me divirto com amigas. Bebendo e dançando.

Seus olhos aéreos e felizes cruzam com os meus. Eu me dou conta de tudo o que ela perdeu em sua juventude. De quantas coisas foi privada ou excluída. Não apenas sair e beber como a maioria dos jovens fazem, mas Penelope foi apenas uma garota solitária, por anos.

— Estava se divertindo, não é? — pergunto, deslizando o polegar em seu rosto ébrio.

Ela segura minha mão e deposita um beijo na palma.

— Não tanto sem você lá.

Amar alguém é ir a todos os extremos por ela. Em um dia comum, jamais essa possibilidade passaria por minha cabeça. Penelope ainda é, para mim, a mesma garota inocente que eu coloquei os olhos a primeira vez. Não importa quantos anos passem, e quantos filhos viermos a ter. Ela sempre será a minha menina doce. E quando eu envio a mensagem ao Peter, a ideia soa ousada até mesmo para os meus padrões.

— Então vamos iniciar a noite, Charmosa — aproximo meu rosto do dela — Prometo que a nossa festa será incrível.

Pressiono meus lábios nos dela. O beijo intenso e apaixonado sela a promessa de dar a ela uma das melhores noites de nossas vidas.

Após quase dois minutos admirando o rosto angelical, banhado pela luz vinda de um dos postes, eu reúno a pouca força

de vontade que tenho para despertá-la. Eu ficaria aqui, contemplando seu rosto perfeito a noite inteira, tranquilamente, mas eu havia feito uma promessa.

— Ei, queria, acorde.

Seus cílios piscam e ela tenta se orientar na penumbra dentro do carro.

— Onde estamos?

— Eu prometi uma noite maravilhosa, não foi? — toco seu rosto com carinho, chegando aos seu lábios.

Entrelaço meus dedos nos dela quando saímos do carro. Em meus olhos, o pedido silencioso para que confiasse em mim. Chegamos a uma casa antiga, que em nada lembra a casa noturna aos arredores de New York, além dos guardas controlando a entrada na porta e uma pequena fila de pessoas esperançosas para entrar em um dos clubes noturnos mais exclusivos da cidade. Passamos direto pelo murmurinho de pessoas. Eu cito um nome e nossa entrada é autorizada.

Lá dentro, o ambiente é relativamente escuro e esfumaçado. Há dois níveis: o superior e o de baixo, onde estamos. Nos lados opostos das paredes há uma fileira de sofás de couro negro, com mesas em frente a eles. No centro, as luzes estroboscópicas dão o efeito lúdico, enquanto as pessoas se agitam na pista de dança, e no fundo dela há um imenso bar movimentado.

Miss Independent, do Ne-yo, agita o local.

— Esse lugar é... — Penelope me encara entre surpresa e receosa.

— Nosso... — rodeio sua cintura, enroscando-a em mim. Meus lábios passeiam por sua nuca e ela geme — Por essa noite. Viva. Sinta. Viva como nunca viveu antes.

Seguimos para a pista. *Mirrors* começa a tocar. Eu canto para ela, explorando cada detalhe dela com as minhas mãos. Dançamos de um jeito lento e sensual. Nossos corpos falando mais do que a mente permite dizer.

Entre uma música e outra, bebemos e rimos muito. Nós nos tocamos, beijamos e chegamos a um ponto em que nossas peles estão em plena ebulição.

Conduzo-a para o andar superior, desgrudando nossos lábios apenas para desviar de uma pessoa ou outra. Já estive aqui algumas vezes com Peter, e sei que lá não seremos incomodados e abertamente observados.

Consigo a última cabine vazia, é mais escuro e intimista em seu interior, o que nos dá certa privacidade, embora a pista fervilhando em frente a nós seja um lembrete de que, a qualquer momento, poderíamos ser flagrados. Mas é isso que torna tudo mais estimulante e erótico.

Sento e coloco-a em meu colo. Enquanto Penelope está aérea e encantadoramente sexy, eu a desejo com uma força

incontrolável. Uma combinação bem explosiva pegando fogo aqui.

Nos beijamos, e a necessidade que temos um do outro é cada vez mais eletrizante.

— Eu te quero — ela me encara, faminta — Muito.

Não é o álcool, não é o local ou o risco que nos envolve. Poderíamos estar na cozinha de casa, ou emaranhados entre os lençóis; o desejo correndo em nossas veias seria o mesmo. Porque é sempre assim quando estamos juntos.

Uma vez que ela procura meu pau latejante e excitado em minha calça, minhas mãos deslizam por suas costas, chegando à sua bunda.

Escorrego minhas mãos em suas coxas, subindo o vestido. Senti sua intimidade úmida, lambuzando meus dedos, pronta para mim, como sempre. Ela me toca, as mãos se movendo para cima e para baixo em meu pau.

Deus, ela sabe me levar à loucura.

Mergulho o indicador e o dedo médio dentro dela, enquanto o polegar incita o clitóris intumescido, fazendo círculos. Seus movimentos em torno da minha mão vão me guiando, enquanto ela busca seu prazer em minha mão.

— Me beija! — imploro, tomando seu seio com a outra mão — Beije-me agora, ou todos terão a certeza do que estamos fazendo.

Ela se inclina. Forço minha língua para dentro da sua boca, nossas línguas enroscam uma na outra. O beijo é feroz e nos arranca gemidos animalescos.

Penelope desabotoa a calça, desce o zíper liberando meu pau. Eu afasto a calcinha molhada. Agarro e levanto seu quadril, resvalando-me para dentro dela. Deixo que ela controle a cadência dos nossos movimentos. O ritmo cada vez mais forte e intenso.

Fecho meus olhos e me deixo levar.

Há tantas pessoas em volta e, ao mesmo tempo, só nós dois.

Vivendo, sentindo, amando.

Mais rápido, mais forte. Como as batidas de um relógio que nunca para.

— Penelope! — eu grunhi, cravando meus dedos em sua pele.

Apenas seu nome é suficiente para tentar expressar o que eu sinto. O som vibrando através da minha garganta, levado por essa força esmagadora dentro de mim. Nada mais importa além de nós dois. Aqui. Agora. Sempre.

Então eu explodo, levando-a comigo.

Acordo, e a primeira coisa que eu sinto é a falta do seu corpo junto ao meu. Ainda com os olhos cerrados, recordo da noite anterior. A cabine não foi o único lugar que fizemos amor. Usamos o banheiro e uma parede mais afastada e escura, próxima à pista. Nem mesmo nos meus melhores dias inconsequentes eu havia ousado tanto com outra mulher.

Definitivamente, Penelope detona minha cabeça e vira meu mundo de ponta-cabeça. Não há limites para nós.

Sorrio quando todas as lembranças me invadem. Meu corpo automaticamente responde. Passo a mão pela cama, em busca dela. Mas não é o vazio ao meu lado que me faz sentar rapidamente, em alerta. São os gemidos vindo do banheiro e o som da descarga.

Corro até ela e encontro-a no chão, ajoelhada sobre o vaso.

— Amor? — ajoelho ao seu lado e afasto o cabelo úmido de suor do seu rosto — Tudo bem?

Antes que possa me responder, ela volta a se inclinar contra o vaso, vomitando de uma forma que realmente me deixa assustado.

— Penelope? — seguro seus cabelos enquanto ela parece sofrer horivelmente com essa tortura.

Por uns cinco minutos, ficamos assim. Quando eu pensava que ficaria boa, ela volta a colocar para fora, seja lá o que for que ainda estivesse dentro dela.

— Chega dessa merda! — pego seu corpo frágil em meu colo e vou em direção à porta — Nós vamos para o hospital.

— Não! — ela protesta com a voz débil — É apenas efeito de tudo o que eu bebi ontem. Estou apenas um pouco fraca e tonta. Eu só quero banho e cama, por favor.

Estou indeciso entre fazer o que me pede e a vontade de procurar um médico e ter a certeza de que ela realmente está bem.

— Por favor.

O novo pedido me vence. Daria algumas horas para ter certeza de que não é apenas o efeito colateral da bebida.

Porra! Exageramos, eu exagerei. E juro a mim mesmo que nunca mais agiremos tão inconsequentemente.

Voltamos para o banheiro. Encho a banheira, mas dispenso as loções aromáticas, já que ela está enjoada. Tiro nossas roupas. Acaricio seu rosto pálido e prometo que cuidarei dela. Recebo um sorriso agradecido em resposta.

Entro primeiro e estico minha mão, pegando a dela, trazendo-a para dentro da banheira. Suas costas tocam meu peito, e eu rodeio meus braços em torno dela. Por um longo tempo ficamos assim. Embalados pelo amor pulsando em nosso peito. Quando a água começa a ficar morna, banho-a e a levo para o quarto. Coloco-a em um robe felpudo. Após secar e escovar seus cabelos, acomodo-a na cama, afofando os travesseiros para

deixá-la mais confortável.

— Está melhor? — pergunto, sentando ao seu lado na cama.

— Muito melhor — ela sorri, agora com um pouco mais de cor em seu rosto.

— Vou preparar seu café — beijo sua testa e levanto — Precisa se alimentar.

Percebo que ainda estou nu e que há gotículas do banho em minha pele. Tinha me preocupado apenas com ela.

— Espera! — Penelope afasta o lençol — Fica comigo, só um pouquinho.

Deito ao seu lado e trago-a para mim. Beijo o topo de sua cabeça e deslizo minha mão em seus braços. Gosto de ficar assim com ela. Apenas curtindo o momento e a paz.

— Ontem à noite... — ela pigarreia e sinto seu corpo enrijecer — As pessoas sempre fazem isso?

Acho normal sua curiosidade sobre a vida noturna, e um tanto encantador também.

— Dançar, beber? — pergunto, tentando manter-me sério — Sexo?

Ela balança a cabeça em afirmativa.

— Nem sempre e nem nessa ordem. Ou tudo de uma vez. É muito relativo. Às vezes só dançamos, bebemos e aproveitamos a noite com os amigos.

— Você parecia conhecer bem o local — há mais que curiosidade em sua voz dessa vez — Já esteve lá antes?

Já fui a lugares bem mais barra pesada do que aquele, onde quase ou tudo era permitido. Obviamente que não a levaria em nenhum desses. Compartilhar ou deixar que outros homens a admirassem, definitivamente, está fora de todos os limites para mim. O que houve no apartamento da Paige, os homens em volta dela, foi suficiente para testar minha sanidade.

— Algumas vezes — paro o movimento da minha mão em sua pele e seguro seu queixo, forçando-a a me encarar — Mas nenhuma delas se compara ou tiveram a mesma importância como ao que tivemos ontem.

O sorriso dessa vez é amplo e genuíno.

— Nós faremos isso outras vezes?

— Você quer? — pergunto, admirado.

Claro que ela sempre me surpreende, mas nunca achei que esse mundo pudesse atraí-la. Eu havia agido por impulso, levado pelo ciúmes e vontade de provar ao mundo que ela me pertencia.

— Na realidade, não — ela inspira fundo e coloca mais força em seu abraço — Quer dizer, eu quero ter outras noites felizes como essa. Outras festas. Nós dois. Mas isso aqui...

Ela olha ao redor do quarto. Leio em seus olhos o que ela queria dizer.

— O Benjamin, a sua família, nossos amigos. O que nós temos é suficiente para mim — ela me encara, duvidosa — É suficiente para você também?

Refletindo seriamente sobre os seis anos antes de encontrá-la, pensando em todas as minhas experiências e tudo que eu vivi antes dela, somando tudo isso, não chegam nem perto da felicidade que eu tenho hoje.

— O que temos, nossa família, não são suficientes para mim — viro-a ficando por cima dela — São necessários. Tão necessário como o ar que eu respiro. É você que me mantém vivo, feliz e realizado.

É esse sorriso franco e cheio de amor que eu preciso todos os dias.

E só quando ela adormece em meus braços é que eu saio da cama. Coloco minhas roupas, preparo o café e deixo um bilhete na bandeja, caso ela acorde antes que eu chegue.

— Como ele se comportou? — pergunto à minha mãe assim que ela me entrega a parte que faltava do meu coração — Foi obediente com a vovó?

Seus braços e pernas agitam no ar. Ele está feliz em me ver, e isso é como um punho socando meu peito.

— Tem mesmo que levá-lo? — minha mãe pergunta, chorosa.

Eu não tenho dúvidas: Benjamin fará o que quiser com ela.

Já faz.

— Não se preocupe — sorrio tocando-a no rosto — Terá toda a lua de mel para ficar com ele.

— Então case-se logo!

Por mim, eu me casaria hoje mesmo. Mas Penelope merece algo especial. Eu sei que as crenças dela são fortes, enraizadas, mesmo que esteja longe. Não posso simplesmente arrastá-la ao juiz de paz mais próximo.

Minha mãe entrega a bolsa com todas as coisas do bebê. Avisa que ainda há um pouco de leite que Penelope havia tirado no dia anterior, no compartimento térmico. Pelo menos o suficiente até que o álcool em sua corrente sanguínea evapore e ela possa voltar a amamentar sem risco para o Ben.

Chegamos em casa e encontro tanto o bilhete como a bandeja intactos. Decido deixar que ela continue dormindo. Vou para o escritório com o bebê. A ideia que germinou em minha cabeça, enquanto dirigia, está cada vez mais persistente em minha mente.

— Ei, garotão — coloco-o em pé em meu colo ao me sentar — Você ajuda o papai?

Recebo um balbuciar abafado por sua mão em sua boca. Mas seus olhos estão sorrindo para mim. Eu sei que estão.

— Certo, a gente consegue — sento-o em meu colo e procuro a câmera com filmadora em uma das gavetas — Seja um bom

menino e encha a mamãe de orgulho.

Coloco o aparelho em uma posição que acredito que pegue nós dois e ligo, apertando o gravar em seguida. Quando a luz vermelha começa a piscar, respiro fundo uma ou duas vezes, antes de começar a falar.

— Sr. e Sra. Walker. Não fomos devidamente apresentados quando eu estive em sua cidade. Sendo sincero, não foi um encontro muito agradável para nenhum de nós. Eu confesso que aprendi a odiá-los muito antes de conhecê-los, e muito mais depois disso.

Essa não é a forma ideal para começar a falar com eles. Talvez até os induza a interromper a gravação quando receberem, mas eu preciso ser totalmente honesto.

— Isso porque eu não conseguia entender e nem aceitar que vocês tratassem a Penelope... A filha de vocês, da forma como sempre trataram. Eu sei que perder um filho é algo muito doloroso. Por muitos anos eu sofri a perda de um bebê que eu nunca pude conhecer. Ele e a mãe dele sofreram um acidente de carro e morreram.

Não preciso entrar no detalhe de que, na verdade, a criança era do meu irmão Liam.

— Então eu me fechei para o mundo, para as pessoas. Eu sentia que a culpa era minha. Sei o que vocês sentiram com o Cory, e isso eu posso entender.

Respiro fundo, enviando o nó de volta para a minha garganta.

— Acreditei, por muitos anos, que não era digno e nem merecia ser feliz. Era como se eu os estivesse traindo, isso era inaceitável para mim — continuo buscando manter minha voz firme — Até eu conhecer a Charmosa. É assim que eu a chamo. Minha Charmosa. A mulher, doce e amorosa, que me apresentou um mundo novo. Que me ensinou a amar e ser amado de volta. Ela me ensinou o poder da palavra perdão. Então eu fui capaz de fazer isso por mim mesmo. E eu pude continuar, seguir em frente.

Sorrio para a câmera, como se eles realmente estivessem ali. Como se Penelope estivesse ao nosso lado. E pensar nela sempre traz um sorriso ao meu rosto.

— Ela cresceu sofrendo e pensando que vocês não a amassem. E por mais que tenham sido frios com ela todo esse tempo, eu me recuso a pensar que seja assim. Porque agora eu sou pai, e não há nada mais importante em minha vida do que o meu filho.

Beijo a cabecinha do bebê, e o perfume infantil me embala.

— Esse é o Benjamin. Meu e da Penelope. Seu neto. Por eu ser muito burro e estúpido, perdi os melhores meses da vida dele. Ela acreditou que eu não a amasse, quando eu amo tanto. De uma forma que vocês nunca serão capazes de entender. Eu a amo tanto que às vezes dói. — nesse momento, deixo de tentar controlar as emoções — Só que, por mais que eu seja presente

na vida dos dois agora, esse buraco em meu peito, pelo o que eu perdi, nunca será preenchido. Mas eu também compreendi que posso e vou dar a eles os melhores momentos das nossas vidas. Ainda posso ouvir a primeira palavra que o Ben aprender. Vou ser o homem mais feliz do mundo quando ele me chamar de papai pela primeira vez. Verei os seus primeiros passos. Eu direi que ficará tudo bem em seu primeiro dia na escola se ele tiver medo do desconhecido. Vamos dar irmãos a ele, e nunca se sentirá sozinho.

Seco meus olhos, um pouco constrangido de desnudar minha alma assim, tão abertamente.

— Eu ainda tenho muitos momentos com ele, e pretendo aproveitar cada um deles. A gente só sabe o que tem a perder quando perde. Eu posso garantir que já perderam muitas coisas. Eu não espero que me aceitem ou gostem de mim. Eu peço que, por um instante, olhem para esse bebê. Ele é lindo. Vejam quanto amor podem dar a vocês. E se perdoem. Eu só quero que meu filho seja amado pelos avós paternos, tios, primos e por vocês também.

Benjamin balbucia e chuta o ar. Meu peito infla de amor. Esse é o meu garoto esperto.

— Eu vou me casar com a sua filha, na igreja, como tudo deve ser, mesmo que tenhamos pulado algumas etapas — declaro, retomando o controle da minha voz — Gostaria que estivessem presente, e isso certamente a fará muito feliz. Vocês

podem fazer parte das nossas vidas ou não. É uma decisão que só cabe a vocês. Mas eu espero que façam a escolha certa.

Pego a mão do bebê, e ele imediatamente segura forte o meu dedo.

— Diga tchau para o vovô e a vovó, querido.

Balanço a mão dele no ar e desligo a câmera em seguida.

Transfiro o vídeo para o computador. Peter saberá o que fazer para que a mensagem chegue até eles.

— Adam?

Sobressalto, encarando-a assim que aperto o enviar.

— O que está fazendo?

Penelope caminha até nós, e eu abaixo a tela do notebook. Não deu para guardar a câmera, também não sei o quanto ela ouviu ou quando chegou.

— Benjamin e eu estávamos fazendo um vídeo — respondo, desejando que ela não tenha presenciado nada — Uma conversa muito importante.

Penelope senta em meu colo e pega a mão livre do bebê.

— E o que era?

— Não seja curiosa — guardo o aparelho de volta na gaveta — É assunto nosso.

Mesmo que ela vasculhe depois, movida pela curiosidade,

transferei o arquivo para o computador. Só tenho que me lembrar de apagar da pasta mais tarde.

— Humm — ela faz bico, se sentindo excluída.

Não quero que ela crie expectativas antes do tempo. Se até após a cerimônia de casamento não tivermos nenhuma notícia deles, então contarei o que fiz. Por enquanto, só posso rezar para que dê certo.

— Ajuda dizer que foi um gesto de amor por você?

Com um sorriso travesso e um olhar apaixonado, seus lábios tocam os meus.

— Eu te amo — ela diz entre meus lábios.

E as palavras, mais uma vez, são tatuadas em meu coração.

Capítulo 49

Penelope

— Acha que isso é mesmo necessário? — pergunto pela décima vez, enquanto esperamos ser atendidos pela médica — Eu só bebi demais.

É o primeiro olhar duro que recebo dele há muito tempo. Aquele olhar de *faça o que estou pedindo e não aceito discussões*. Eu até acho, digamos, “fofo”, toda essa preocupação comigo, mas só foi meu estômago revirado por ter exagerado um pouco.

— Querida, ninguém tem ressaca de quase três dias — Adam segura minha mão, e noto que a dele está fria — Há algo que eu não sei?

Não é apenas um surto momentâneo causado pelo medo e insegurança de que eu possa estar doente. Ele está realmente muito preocupado comigo.

— Adam...

— Srta. Walker — a enfermeira sai da sala à nossa frente e olha para mim — A Dra. Reynolds vai atendê-la agora.

Minha resposta de que não há nada de errado comigo havia ficado no ar com a chegada dela. Faço menção de pegar a bolsa do Ben em uma cadeira, mas Adam é mais rápido. Deixo que ele entre na frente com o bebê, simplesmente para poder apreciar um pouco mais os dois. Quem diria que um homem segurando um bebê de um lado e a bolsa no outro pudesse ser tão sexy? Bom, todas as mulheres que cruzamos no corredor e que não

fizeram o mínimo esforço para disfarçar a cobiça.

E enquanto eu divago com um sorriso bobo e orgulhoso no rosto, a enfermeira me olha, certamente se perguntando se eu era algum tipo de idiota. Recupero-me e passo por ela, sorrindo largamente. Sento na cadeira ao lado de Adam.

A Dra. Reynolds é uma mulher negra, por volta dos quarenta anos. Ela tem um sorriso simpático, que instantaneamente me faz relaxar.

— Seu filho é muito lindo — ela se inclina para brincar com os pés de Ben, e claro, a mulher me ganha completamente — Então? O que está sentindo?

Evito olhar para Adam quando me ajeito melhor na cadeira. Eliminando a improvável ressaca sem fim, só há um motivo para o meu mal-estar.

— Vomitei algumas vezes de manhã... — início, mas sou cortada por Adam.

— Todos os dias — ele me encara sério, como se eu estivesse tentando ocultar algo da médica.

— Três dias, para ser mais exata — corrijo-o e volto a enfrentar a médica.

— Também sente tonturas e quase desmaiou duas vezes — ele acrescenta esses dois detalhes à lista, e vejo a médica conter um sorriso — Não pode ser normal.

Ela pigarreia e torna a manter a postura profissional enquanto anota algo em minha ficha.

— Eu vou pedir um exame de sangue e de urina para começar — ela continua escrevendo, alheia aos olhares descontentes que Adam lhe dá.

A Dra. Reynolds entrega a guia médica e agradeço, pronta a me levantar, quando Adam se manifesta novamente.

— Só isso? — ele a encara como se falasse com uma residente de medicina, e não uma profissional formada e experiente — Não vai pedir um check-up?

O sorriso é substituído por um olhar *eu já estou acostumada a isso*, que logo depois é substituído por um olhar firme.

— Por enquanto sim, Sr. Crighton. Com o resultado desses exames, direi se pedirei outros. Não tem por que se preocupar.

Ela nos conduz até a porta. De lá, pede que a enfermeira me conduza até a sala de exames. E se não fosse Benjamin começar a reclamar, acho que a Dra. Reynolds saberia o quanto um Crighton pode ser insistente.

— Ele é bem protetor, não é? — a enfermeira indica a cadeira e o suporte para que eu coloque o braço.

Eu me inclino para ler o seu nome no crachá antes de responder.

— Você nem imagina o quanto, Sra. Bickel.

Assim como ela não pode imaginar tudo o que passamos, o que ele passou para agir assim. Eu nem posso me sentir brava, porque se fosse o contrário, eu estaria enlouquecendo com a possibilidade de que ele ficasse doente

— Pode me chamar de Cassy.

Depois de colher um tubo de amostra de sangue e conversamos um pouco sobre filhos, ela me entrega o recipiente para o exame de urina e um copo d'água, caso eu precise. Quase quinze minutos depois, eu retorno e entrego o pote a ela.

— Ficarão prontos após uma hora — Cassy informa enquanto voltamos para a sala de espera — Há um café bem aconchegante do outro lado da rua, caso queiram ficar e esperar.

Não tenho dúvidas que Adam ficaria esperando até o dia seguinte se fosse necessário. Então acabamos optando pela cafeteria em frente ao hospital. O local é bem charmoso, com poltronas duplas verdes e brancas e mesas quadradas entre elas.

Pedimos bolinhos e café, algo que eu me arrependo assim que a garçonete coloca a xícara em frente a mim. Deveria ter optado por chá, mas as lembranças do que os chás que Aline me oferecia ainda me causam trauma.

— Ei, não precisa ficar tão apreensivo — afasto a xícara para o lado, tentando combater a nova onda de náuseas — Eu não estou doente.

— Não é o que me pareceu — Adam procura minha mão por

cima da mesa — Estão escondendo alguma coisa? Para me poupar?

Olho para Benjamin dormindo em seu colo e depois para ele novamente. O que eu tinha para dizer, e em alguns minutos provavelmente seria confirmado pela médica, o deixaria maluco. Eu estou.

— Desconfiei quando acordei aquele dia vomitando. Na verdade, alguns dias antes disso. Eu achei absurdo, quer dizer, eu ainda estou amamentando. Mas também não nos preocupamos... — paro para respirar e percebo que parecia uma maluca ao falar — Então acho que não é tão impossível assim.

A expressão no rosto dele é de como se eu tivesse acabado de explicar uma nova teoria de física quântica. Adam está lindo e completamente perdido com a quantidade de informações que joguei sobre ele.

— Se não está doente, o que você tem?

Rio jogando a cabeça para trás. Homens são tão lentos para essas coisas. Eu não queria jogar qualquer tipo de ilusão em cima dele, sem ter a confirmação médica. Mas eu já passei por isso uma vez, conheço todos os sinais.

— Grávida — respondo simplesmente, após me recuperar do surto de risos — Apenas grávida.

Ainda bem que estamos sentados. Ainda bem que ele segura o bebê. Ainda bem que o lugar está praticamente vazio a essa

hora da manhã. Pois o grito que ele deu não apenas fez o Benjamin começar a chorar, como todos os rostos virarem em nossa direção.

— Tudo bem, querido — Adam levanta, beija a cabeça do pequeno desesperado e começa a andar com ele, tentando acalmá-lo — Papai não queria assustar você. Desculpe-me, me desculpe...

Quando os gritos de Benjamin passam a ser apenas suaves suspiros, ele começa a retornar à nossa mesa. Não sem antes parar em todas as mesas pelo caminho e dar a novidade às pessoas como se fossem nossos velhos amigos.

— Ela está grávida — ele repete para uma universitária solitária uma mesa à frente da nossa — Eu vou ter outro filho.

— Parabéns! — ela sorri e volta a enfiar a cara nos livros.

Aos poucos, o pequeno burburinho volta ao normal. As pessoas voltam para suas vidas e conversas.

— Grávida! — com cuidado para não deixar Ben irritadiço, ele se curva para mim, e eu ergo o rosto para que me beije.

Sinto minhas lágrimas umedecerem meu rosto. Talvez seja cedo, talvez seja estúpido, talvez não estejamos prontos para mais essa aventura. Mas eu me sinto imensamente feliz.

— Eu te amo muito — ele murmura, colando a testa na minha — Obrigado.

Vejo as lágrimas de emoção deslizando por seu rosto. Meu peito automaticamente infla de um amor imensurável e impossível de caber em meu peito; ele transborda.

E quase meia hora depois, nossa felicidade é coroada pela confirmação da médica. Eu estou grávida. De novo, mas dessa vez, há uma larga diferença.

Eu não estarei mais sozinha.

Dizer que estar grávida não deveria ser um afrodisíaco para um homem, mas Adam definitivamente não é qualquer homem.

E assim que colocamos Benjamin em seu berço, e eu liguei a babá eletrônica, mal tive tempo de fechar a porta. Imediatamente sou pressionada contra a parede no corredor. Um arrancando a roupa do outro, desenfreadamente e com pressa, enquanto nossas bocas se devoram.

— Droga! — ele me vira contra a parede, vencendo finalmente a briga contra o fecho do meu sutiã — Muito melhor agora.

A única peça em meu corpo é a calcinha rendada, que na empolgação ele rasga, deixando-me nua. Meus seios preenchem

suas mãos, e ele fricciona a ponta do nariz em minha nuca, ombros, e desliza pela linha em minha coluna. As mãos escorregam pela lateral do meu corpo, passando lentamente, deixando um rastro de fogo por onde passa, e quando chegam às minhas nádegas e pousam em minhas coxas, separando-as, estou em chamas.

Sua boca me prova, lambidas longas e delicadas, que fazem meu corpo se contorcer. Instintivamente, separo ainda mais minhas pernas, dando mais acesso a ele, sendo gratificada por sua língua habilidosa.

— Ah... — meu gemido convulsionado é reprimido por sua boca quando ele se ergue e toma a minha.

Imediatamente minhas pernas rodeiam sua cintura, e em uma investida dura e firme, estou sendo preenchida por ele.

De repente, ele para. A força esculpida em seu rosto para manter o controle aumenta a minha necessidade por mais.

— Machuquei você? — a pergunta é mais sussurrada do que propriamente dita — O bebê...

— Não! — pressiono meu calcanhar em sua bunda e pressiono-o ainda mais contra mim — Eu só estou grávida. Não sou um cristal prestes a partir.

Ele volta a se movimentar, com cuidado, ainda com receio de que possa, de alguma forma, machucar o bebê. Mas quando nossa paixão vai se tornando mais forte e intensa, seus quadris

aceleram. Dos meus lábios saem soluços carregados de prazer. Dos dele, urros ferozes levados pela plenitude do que compartilhamos. Mais do que sexo; amor.

Nós chegamos juntos a mais um orgasmo poderoso e arrebatador.

Estamos em nossa cama, um de frente para o outro. Não sei há quanto tempo estamos assim, apenas falando com os olhos.

— Eu vou poder acompanhar tudo dessa vez — diz ele, orgulhoso — Cada detalhe. O primeiro ultrassom, ver sua barriga crescer, assistir ao parto.

Ele fala com uma empolgação que faz meu coração suspirar em meu peito.

— Deus, outro filho! — apoio minha palma da mão na dele — Isso é loucura, não é?

Adam me abraça e sinto seu peito tremer. Ele está rindo.

— Eu estava me perguntando quanto tempo isso demoraria a acontecer — ele se inclina para me encarar — Está brava comigo?

— Brava? — viro de lado, e ficamos frente a frente de novo.

— É o seu corpo — ele toca meu ventre de um jeito muito delicado — A decisão também tinha que ter sido sua. Mas eu desejei tanto que...

Coloco meu dedo em seus lábios, impedindo-o de continuar.

— E foi uma decisão minha. Eu teria evitado se eu quisesse — pouso minha mão em cima da dele — É assustador, eu confesso. Ainda mais depois de tudo o que passei na gravidez do Ben.

Ele deita e me puxa para cima dele. Coloca a mexa caindo em meu rosto atrás da minha orelha e me olha seriamente.

— Eu vou cuidar de você, amor — eu sinto em seus olhos como se ele fosse capaz de ler a minha alma. Talvez ele seja — Nunca mais se sentirá sozinha. Eu prometo.

Não é a gravidez que me deixa emotiva. É o amor que vejo brilhar em seus olhos. Eu nunca mais me sentirei sozinha no mundo. Agora, eu tenho uma família.

A minha família.

Contar para os pais dele e ao restante da família, parecia mais fácil quando conversamos e eu imaginei. A realidade agora é bem diferente. Com toda certeza, achariam que erámos, no mínimo, loucos. O que não está muito longe de sermos.

— O que você está pensando? — Adam pergunta, após acomodar Benjamin no carrinho e me abraçar.

— O que acha de voltarmos para casa e fazermos amor?

Aliso a camisa dele e dou meu melhor olhar sedutor.

— Eu li que mulheres ficam obcecadas por sexo na gravidez — ele morde meus lábios — Por favor, diga que isso é verdade.

— Vamos para casa e eu posso provar a teoria.

Finalizo com uma lambida nos lábios, que sei, ele é incapaz de resistir.

Adam grunhi com minha provocação. E quando ele me beija, todos os meus temores desaparecem.

— Não há nada que eu queira mais. Sabe que não podemos. Além disso, não tem por que ficar apreensiva. Todos irão se encantar com a notícia. E... eu juro te recompensar depois.

Opto por me acalmar. Adam tem razão. Sua família sempre me recebeu de braços abertos. Benjamin é amado e paparicado por todos. Com toda certeza, sendo cedo ou não, amarão esse novo bebê.

— Promessas — me afasto, lamentando — Promessas.

Delia nos recebe com a mesma cortesia e amabilidade de sempre, mas assim que seus olhos pousam no Ben, somos esquecidos.

Juliene e Katty estão na cozinha, ajudando Lindsay a finalizar os últimos detalhes do jantar. Frank, Liam e meu sogro estão próximos à lareira, discutindo sobre algum campeonato estadual. Enquanto Adam se une a eles, eu vou para a cozinha oferecer ajuda.

Quase não há o que fazer, então Katty e eu colocamos a louça na mesa. Eu me sinto como em uma cena romântica de um filme. Todos felizes curtindo o jantar em família.

Antes de sentarmos à mesa, Delia me informa que Benjamin está tranquilamente dormindo, e que ela ficará no quarto com ele, portanto, eu poderia apreciar o jantar tranquilamente.

A noite transcorreu bem. Estávamos em meio à sobremesa, provocando Liam sobre seu casamento com Juliene, já que ele era o mais velho e estava ficando para trás. Lindsay reafirmou que deseja outro neto logo. Essa foi a deixa para Adam se manifestar.

— Eu peço a atenção de todos por um momento — ele fica de pé e me estende a mão, colocando-me ao lado dele — Eu quero agradecer por todos terem vindo hoje.

Ele sorri, entrelaçando nossos dedos. Dou um sorriso iluminado de volta.

— Penelope e eu temos uma notícia para dar essa noite — ele olha em direção aos pais, e eu prefiro continuar focada nele — Nós vamos ter um bebê.

Quando crio coragem para olhar em volta, noto que o silêncio é mais de surpresa do que constrangedor. Juliene abre e fecha a boca diversas vezes. Katty e Frank estão sorrindo. Lindsay parece que vai chorar, e Roger está boquiaberto e com os olhos esbugalhados.

— Vocês já têm um bebê — Liam é o primeiro a falar — Vocês são o quê? Coelhos?

Claro que o Liam não iria deixar essa passar. Não seria o Liam se fizesse isso.

— Ê, vamos ter outro filho — Adam infla o peito e me abraça — Significa que você está muito, muito atrasado, Liam.

Todos riem, em seguida, recebemos muitos abraços e um festival de mãos fazendo carinho em minha barriga.

— Acho que agora é a hora da minha recompensa — sussurro no ouvido dele quando a última pessoa vai em direção à sala — E estou sem calcinha.

Dito isso, caminho rebolando o traseiro o máximo que posso. Mal chego ao corredor e sinto os seus braços me rodearem.

— Isso eu tenho que comprovar — Adam segura a barra do vestido e levanta o tecido, deixando a parte de trás à mostra — Porra! Planejou isso quando saímos de casa, não foi? Por isso que

voltou ao quarto?

— Claro que não — minha voz sai abafada. Primeiro porque o risco de alguém voltar e nos pegar assim é alto demais; depois porque suas carícias em minha bunda são gostosas demais — A calcinha marcava o vestido.

Minto sem nenhum pinga de culpa. A ideia me soou ousada no início, mas sua reação agora confirma que valeu a pena.

— Mentirosa!

Ele me arrasta até uma porta, e em seguida, estamos em uma espécie de armário escuro. Mal cabe nós dois, e é quase impossível se movimentar.

— Não estou enxergando nada — eu rio e ouço o barulho dos movimentos em sua calça.

— Não é para você ver — ele levanta o vestido e separa um pouco mais minhas pernas — É para você sentir.

Ah, eu senti. Seu membro duro, forte e pulsante invadindo-me completamente.

Contraio o interior da vagina, e isso faz a sensação de prazer, tanto para mim como para ele, ficar mais intensa. Os últimos artigos que li sobre técnicas para aumentar o prazer sexual havia acertado grandemente dessa vez.

— Oh, cacete! — ele urra, tomando meus seios por cima da roupa. É gostoso e frustrante ao mesmo tempo; queria ter nossas

peles uma contra a outra. Seu sussurro atormentado me leva ao meu próprio desespero por mais — Eu não vou durar muito tempo assim, amor.

Coloco mais energia em meus movimentos e na técnica que aprendi. Eu quero que ele perca o controle. Fico fora de mim quando isso acontece. Quando seu desejo por mim é tão incontrolável quanto o que sinto por ele.

— Porra! Porra! — Adam toca meu clitóris, fazendo círculos em volta dele — É bom demais. Querida, não pare...

Não pararia nem se pudesse. As sensações são explosivas e intensas demais, além de fora do meu controle. Estou desfragmentando em um orgasmo violento que me faz gritar, e só não seria ouvida por toda casa, porque imediatamente sua mão tenta abafar qualquer som que eu pudesse emitir.

Ele chega ao auge um pouco depois, mordendo meu ombro para reprimir os gemidos vibrando em sua garganta.

Precisamos de alguns minutos para nos recuperar. Eu gostaria de continuar nossa aventura romântica, mas já havíamos ido longe demais.

Mesmo com cada parte de nós gritando sexo, seguimos para a sala os mais recompostos possíveis. Obviamente, quando nos juntamos aos demais, todos notaram que nós fugimos. Todos sabiam o que estávamos fazendo, e todos educadamente ignoraram o fato, deixando-nos à vontade para apreciar o resto

da noite.

Acabamos por pernoitar aqui. Os olhares e sinais que discretamente passamos um ao outro, enquanto conversávamos com as outras pessoas, foram excitantes demais para ter que esperar a longa viagem de volta para casa.

Capítulo 50

Adam

Chegou o dia da renovação dos votos de Neil e Jenny. Estou feliz por meus amigos encontrarem a paz e a felicidade que eles merecem. E também porque o dia do meu casamento com minha Charmosa está se aproximando, e espero que seja tão bonito quanto o deles será.

— Olha o que eu trouxe.

Encontro Penelope saindo do banheiro com Ben enrolado na toalha.

— Pensei que Jenny não quisesse presentes? — ela pergunta ao olhar o embrulho em minhas mãos.

— É para o Ben — diminuo a distância que nos separa e começo a desfazer o embrulho — Pedi que fizessem igual ao meu.

Eu tiro de dentro da embalagem um terno esportivo branco, uma réplica perfeita do que eu usaria essa tarde.

— Oh, é tão lindo — ela me beija e fazemos um sanduíche com o bebê — Obrigada. Eu terei dois homens lindos hoje.

— E eu, a mulher mais linda — não demora muito para Benjamin começar a protestar — Eu vou me arrumar e volto para ficar com ele.

A cerimônia se realizará em uma praia particular, então Neil havia pedido que todos fossem de branco. Eu tomo um banho rápido e me visto para que Penelope tenha mais tempo de cuidar de si mesma. Mulheres demoram o dobro do tempo para ficarem prontas, mas, no fim, cada minuto de espera valeria a pena.

E realmente valeu. Em seu vestido sem alças, colado ao corpo dos seios às coxas, quase me faz esquecer que estávamos a caminho de algo muito importante para os nossos amigos.

— Adam?

Desvio meu olhar da delícia que são os seis fartos para

voltar a encará-la.

— Então? — eu não havia notado que me chamava há algum tempo — Como eu estou? É mais simples, mas também é bem mais prático para amamentar o bebê.

— Linda — admiro-a, agora sem qualquer tipo de pudor. Livre e descaradamente. Meus olhos vão fazendo festa por cada curva do corpo perfeito — Mas não é necessário esforço algum. Já é linda naturalmente.

E como recompensa ao que eu não considero um elogio, mas a simples expressão da verdade, eu ganho o primeiro melhor beijo do dia.

Logo que chegamos, Benjamin foi a alegria de todos, principalmente de Paige, que ficou duplamente feliz quando revelamos sobre a gravidez de Penelope.

Enquanto as duas passeiam olhando a decoração, trocando ideias sobre o nosso casamento em três semanas, Richard e eu ficamos em um dos bancos em frente ao altar. Ao contrário de

alguns presentes, que tinham a atenção focada no lindo mar à nossa frente, nós só tínhamos olhos para elas.

— E como é ser pai? — Richard me tira dos meus devaneios, e viro para encará-lo — E será pai de novo. Suponho que seja algo incrível.

Sorrio diante da comparação que ele faz.

— Incrível não chega nem perto — volto a olhar para os dois amores da minha vida — É como se você pegasse a melhor parte de você, juntasse com a melhor parte da pessoa que ama e desse uma alma a isso.

— Filosófico — Richard bate em meu ombro — Quem diria que "*o senhor tão cheio de si e não pertença a ninguém*", estaria completamente apaixonado.

— Muito apaixonado, "*senhor o amor não me interessa tanto.*"

O que eu mais amo nesses caras é que nós podemos ser nós mesmos, sem nos preocupar com o que o outro possa pensar; não há julgamentos, mesmo quando erámos lobos solitários e perdidos. Tanto faz se somos homens sérios de negócios, os imbecis jogando pôquer, os idiotas que tiram sarro abertamente um do outro ou os tolos apaixonados que nos tornamos.

Temos uma amizade honesta e sólida. Eu sei que posso contar com qualquer um deles, em qualquer momento.

— Caralho! — Richard levanta com um olhar embasbacado

— Eu não acredito nisso!

Meus olhos seguem em direção para onde ele está olhando. Eu não poderia ter uma reação diferente ao ver Peter e a Mendes chegando juntos. Não apenas juntos, mas sorrindo e de mãos dadas.

Hã? Mãos dadas? Como um casal?

Peter para em uma das mesas. Diz algo no ouvido dela e coloca uma flor branca atrás de sua orelha.

— A gente não vai falar nada — digo a Richard, após me recuperar do choque — Onde está o Liam?

O único que não deixaria Peter ter um dia tranquilo ao lado da jovem seria Liam.

— Deve estar chegando.

— Você cuida dele.

— Mas o irmão é seu.

— E eu tenho esposa e filhos — murmuro meio mal-humorado — Você só tem a malu... Sua doce esposa.

Sorrio como o Sticth, exibindo todos os meus dentes alinhados.

— Richard, olha para ele — insisto, apontando em direção ao casal descontraído do outro lado — Alguma vez já o viu assim?

Claro que nós já o vimos em ação. No modo caçador, mas

eram apenas aventuras, mulheres e mulheres que ele mal recorda o nome. Só que, dessa vez, ele parece diferente. Mesmo que talvez ainda nem tenha se dado conta do que a garota faz com ele. E o lance de estar com ela, apenas para protegê-la, só convence a ele mesmo.

Algo que eu entendo. Peter nunca foi do tipo que se abre com ninguém. Ele nunca parece precisar de ajuda. Acho que nem mesmo com Neil, com quem a amizade é mais antiga, ele deve abrir sua alma. Mas ele sempre esteve aqui por todos nós. E eu devo muito da minha felicidade a ele.

— Eu posso dar um jeito em Liam — ele diz, derrotado, ao apontar para as duas mulheres com um carrinho de bebê se aproximando de nós — Mas quem vai dar um jeito na Paige?

Porra! Liam é fichinha se comparado a Paige. Ela iria transformar o Peter em nada mais que um garotinho assustado.

— Ei, vocês dois? — ela se aproxima com um dedo em riste — Nem pensar em gracinhas com ele. Tivemos muito trabalho em convencê-la a vir. E Peter está feliz.

Paige aponta em direção ao casal, que nesse momento caminha até onde estamos.

— Mantenham o lado idiota de vocês bem escondido hoje.

Mulheres são realmente uma caixinha de surpresas.

— O que eu ganho por deixar o meu lado ogro para mais tarde? — Richard pergunta, enlaçando-a pela cintura.

Algo que ela sussurrou em seu ouvido, que o faz gargalhar.

— Paige, eu me casaria com você de novo umas dez vezes se fosse preciso.

Enquanto o casal tem o seu momento felicidade, eu puxo minha mulher e meu filho para os meus braços.

— E eu ganho alguma coisa por não ser um ogro?

Penelope revira os olhos, mas seu sorriso ilumina mais do que o seu rosto.

— Você só pensa em sexo? — ela pergunta com um sorriso levado.

— Não quando estou fazendo sexo — dou a mesma resposta de sempre, de quando ela me acusou de ser obcecado por isso.

No entanto, não é a quantidade de sexo que eu tenho. Mas com quem eu tenho. Eu jamais me cansaria ou a desejaria menos. É como se eu tivesse trocado todos os picolés de limão por uma incrível e deliciosa banana split.

— Mesmo quando eu estiver enorme e meus seios explodindo de leite?

Bem diferente de sua intenção, que seria me desestimular, a visão dela com a barriga enorme e com seios fartos, faz minha cabeça ir para um caminho bem perigoso.

— Eu não vejo a hora de isso acontecer.

Seguro sua cintura e puxo-a para mim. Não demorou muito

para o resto do mundo desaparecer. Estamos em um momento só nosso, entregues a um beijo apaixonado e cheio de todas as intenções.

Foi uma cerimônia linda, com belas declarações do sacerdote e dos noivos. Eles passaram pelo tapete juntos, um momento que, sem dúvida, emocionou a todos.

Liam não agiu como palhaço em relação ao Peter, então pudemos apreciar a celebração com calma. Acho que ele também entendeu que, nesse momento, deveríamos deixar nosso amigo em paz. Eu desejo que ele tenha sorte, que tenha feito a escolha certa e que juntos sejam muito felizes.

Na hora do baile, e quando a dança foi aberta pelos noivos, convidei Penelope para darmos uma volta pela praia. Sentamos na areia, com Benjamin descansando tranquilamente em meu colo.

— Durante a cerimônia, quando o sacerdote falou sobre amor, verdade e justiça — eu seguro a mão dela e entrelaço nossos dedos — Eu vi que temos sempre que ser honestos um com o outro, mesmo tendo boas intenções para não falar algumas coisas. Eu já perdi muito tempo com você por meias verdades ou

por omitir algumas coisas.

A expressão em seu rosto é de confusão. Talvez um pouquinho de medo do que eu possa revelar. Mas eu não posso continuar mentindo.

— Eu fiz uma coisa — inspiro fundo — Benjamin e eu fizemos...

— Tem a ver com aquele dia no escritório?

Há muito tempo que não estive tão nervoso e receoso com a reação dela. Não quero estragar a confiança que temos construído.

— Eu gravei um vídeo e enviei aos seus pais — revelo de uma vez.

Como dizem, não se faz uma omelete sem quebrar os ovos.

— Disse a eles tudo o que pensava. O que eles estão perdendo em não conhecer o neto. O quanto eu a amo. Que vamos nos casar em breve. E que seriam bem-vindos às nossas vidas se eles quisessem.

O soluço, seguido do pranto mal contido, faz o meu coração se apertar. Mas por que eu não mantive a droga da minha língua dentro da boca? Se ser honesto significa ter que vê-la chorar dessa forma, eu iria para o inferno como o maior mentiroso do mundo.

— Desculpe — apoio sua cabeça em meu ombro e beijo seus

cabelos — Eu não queria fazê-la sofrer.

Minhas palavras apenas aumentam sua crise de choro, então, por um momento, deixaria que ela liberasse toda essa opressão em seu peito. Eu encontraria uma forma de conseguir seu perdão depois.

Após um tempo, que foi longo demais para mim, ela ergue a cabeça e me encara.

— Fez isso por mim? — a pergunta é um pouco mais do que um sussurrar — Por quê?

Não há tom de acusação ou reprimenda, apenas uma grande e incompreensível surpresa.

— Porque eu te amo. Porque tudo o que eu quero é que você seja feliz, realizada e completa. Porque mesmo achando seus pais uns imbecis, eu sei que você os ama.

— Mas eles nunca foram gentis — dessa vez há revolta em sua voz — E legais com vocês. Nunca se interessaram... nem por mim.

— Não me importo que não gostem de mim — seguro seu rosto e seco as lágrimas que deslizam nele — Mas eu me importo como tratam você e o Ben. A felicidade de vocês é a minha.

— Ah, Adam — ela beija minha mão — Minha felicidade é você. Sempre foi você e sempre será.

Meu rosto é o alvo de sua boca. Devo ficar todo marcado de

batom, mas quem se importa?

E quando nos unimos aos demais, para colocar as velas acesas no mar, eu entendi que ser honesto nem sempre é algo fácil, mas é libertador. E o único caminho para a felicidade.

E essa tão sonhada e merecida felicidade veio a ser ameaçada um dia depois. Eu sinto como se tivesse levado uma rasteira da vida, na qual eu nem sei como me levantar do chão.

— Como ele está? — pergunto a Penelope, assim que nos abraçamos.

Quando eu recebi sua ligação desesperada, dizendo que estava a caminho do hospital com Benjamin, meu mundo simplesmente ruiu. Eu sabia que não deveria ter ido trabalhar hoje, sabendo que ele não estava muito bem. Eu nem consegui me concentrar em nada.

— Eu não consegui baixar a febre. Fiz tudo o que me disseram, mas eu não consegui.

— Onde está a Katty?

— Está lá dentro com ele — ela soluça, agarrando-se a mim — Não me dizem nada. O que há de errado com meu bebê?

Saber que Katty está com nosso filho, cuidando de tudo, é um alívio, mas não elimina o medo castigando minha alma. Mas mesmo que por dentro eu esteja sendo destruído, sei que preciso manter a calma por Penelope. Não posso fraquejar, não a tendo tão frágil e desolada em meus braços.

— Vai ficar tudo bem — afasto-a um pouquinho de mim para que ela possa ver essa certeza em meus olhos — Nada irá acontecer. Ele vai ficar bom, e logo iremos para casa.

Ela torna a soluçar, e eu mantenho-a firme junto a mim, buscando todas as formas de consolo.

— Você promete? — ela pranteia baixinho — Promete que eu vou ter meu bebê de volta?

— Nem que eu tenha que dar a minha vida por isso.

O que eu não sabia, era que essa possibilidade era mais real e estava mais perto do que eu imaginava.

Quase duas horas depois, Katty e o médico de plantão solicitaram nossa presença na sala dele.

— O que meu filho tem? — Penelope pergunta, antes mesmo de nos acomodarmos nas cadeiras que eles indicaram.

Continuo em pé e tenho-a firmemente ao meu lado. Sinto que poderia desfalecer a qualquer minuto. Estando grávida, minhas preocupações se triplicam.

— Amor, senta — ordeno com carinho na voz — Pensa nesse

bebê também.

Toco o ventre dela, e acho que, com isso, consigo convencê-la.

Katty manipula a pasta em cima da mesa, mas sua boca trêmula e mãos inquietas dizem a mim que o que tem a dizer não é algo bom. Ela é muito profissional, e se está afetada, é porque tem notícias muito ruins.

Eu sento na cadeira ao lado de Penelope. Eu não conseguiria continuar em pé, mesmo que eu quisesse.

— O que o seu filho tem se chama atresia biliar — o médico inicia as explicações — É uma doença que causa a obstrução dos canais biliares, impedindo que o fígado se comunique com o restante do organismo. No estágio do Benjamin, não é mais indicado a cirurgia, o transplante de fígado é a única saída. Sem esse procedimento, a taxa de mortalidade é de 100% antes mesmo dele completar um ano.

É como se alguém rasgasse meu peito, arrancasse meu coração e o esmagasse diante dos meus olhos. A única vez que me senti tão devastado foi quando acreditei que tinha perdido a Penelope. Acho que nem assim minha dor foi tão visceral.

— As filas de transplantes também são longas — Katty informa; ela mal consegue esconder a tristeza em seu coração.

— Está dizendo que meu filho vai morrer? — Penelope levanta, exaltada — Isso não vai acontecer. Não pode dizer isso!

Ela se abraça, e eu preciso encontrar força dentro de mim por nós dois. Envolver-a com meu corpo. Seu choro molhando minha camisa, e minhas lágrimas umedecendo os cabelos dela.

— Katty? — chamo por ela.

É mais do que uma pergunta desesperada por repostas; é um pedido desesperado por ajuda.

— Há uma alternativa — ela inicia, e estamos totalmente concentrados no que ela tem a dizer — Podemos realizar um transplante de intravivos, com o doador ainda em vida. Os pais são os mais indicados a isso. No seu caso, Penelope, não é possível por estar grávida e...

— Eu vou fazer! — digo a ela — Eu farei o transplante.

Katty sorri ao segurar minha mão. Penelope se joga em meus braços. E tudo o que eu consigo pensar é que não há dúvida.

— Não é tão simples assim — ela inicia com a voz calma — Mesmo sendo o pai, precisamos fazer exames de compatibilidade e saber se não existe nenhuma doença que o impeça a isso, como hepatite, por exemplo.

— Façam todos os testes que precisam. Estou disposto a tudo. Só salvem o nosso pequeno.

Eu faria qualquer coisa por aquele bebê. Se fosse preciso dar o meu coração, assim eu faria.

Ouvimos atentamente sobre os riscos pré e pós-operatórios, tanto para Benjamin, como para o doador. Quais as chances de o procedimento ser bem-sucedido, e o quanto antes a cirurgia acontecesse, maiores seriam as chances para o organismo dele se adaptar ao novo órgão.

Nossos amigos vieram assim que souberam da notícia. Meus pais e Liam passaram todas as informações, enquanto fiquei focado em Penelope e qualquer notícia que pudesse surgir.

Passamos a noite no hospital com Ben. Algumas vezes, durante a madrugada, eu conseguia fazer com que ela se afastasse da cama para descansar um pouco. Desconfio que só tenha conseguido por causa do bebê em seu ventre. Muitas vezes, a vi dividida entre os dois.

— Toma pelo menos o suco, Penelope.

Pego o copo na bandeja e coloco na mão dela.

— Eu não tenho fome — a voz sai trêmula, e a pontada aguda em meu peito se intensifica.

Eu já havia feito todos os exames, e agora só tinha que esperar. E mesmo assim, nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. Como assistir às duas pessoas que você mais ama no mundo sofrerem?

— Você precisa comer alguma coisa, por favor.

— Sabe o que pensei agora? — ela fala em meio ao choro,

enquanto desliza o copo entre suas mãos — Eu ia escolher o vestido de noiva hoje. — ela olha para mim, parecendo perdida — Que tipo de mãe eu sou, Adam? O que me importa a porcaria de um vestido? Quando meu filho, ele está mor...

Sua voz morre em meio ao desespero que essa realidade nos causa.

— Não faço isso — eu a abraço — Não se julgue assim.

Eu simplesmente bloqueei a possibilidade de que pudéssemos perder o Ben. Porque foi a única forma que encontrei de ficar de pé, anestesiando essa dor, que esmaga meu peito sem a mínima piedade.

— Vai dar tudo certo — beijo os cabelos dela — Vai ficar tudo bem. Ainda teremos um casamento lindo.

Olho para o pequeno dormindo tranquilamente na cama. Os fios ligado ao seu pulso e nariz o faziam parecer tão frágil e indefeso.

Então compreendo o que ela quis dizer. Isso não é justo. Estávamos felizes, temos mais um bebê chegando. A vida não pode nos castigar dessa maneira.

Não consigo sequer imaginar passar por isso de novo. Dessa vez, a dor nem se compara. Aquele bebê eu nem tinha conhecido. Eu não o tinha segurado em meus braços. Eu não vi o seu rosto, nem o seu sorriso. Eu nunca soube o cheiro que ele tinha, e nem como era tê-lo quentinho aconchegado em meu peito.

— Eu quero ter fé — o corpo delicado é a única coisa a aquecer o meu corpo frio — Mas dói tanto. Eu tenho tanto medo, Adam.

— Lembra quando eu disse que daria a minha vida por vocês? — embalo-a, como fazia com Benjamin à noite para ele dormir — Então, apenas se mantenha firme. Eu cuido do resto.

Uma batida na porta me faz virar. Liam é o primeiro a surgir com Neil, Richard, Peter. Atrás deles, Austin, Dallas, Clyde e um senhor muito parecido com eles, que eu creio ser o pai deles.

— Acho melhor a gente conversar lá fora — Liam aponta para a cama onde Benjamin está.

— Eu vou ficar aqui — Penelope diz, indo em direção à cama.

— Vai ficar bem?

Ela balança a cabeça, afirmando que sim. Mas nós só ficaríamos realmente bem com nosso filho em casa.

— Adam, eu sei que está sendo difícil — Liam segura meu rosto, assim que fecho a porta atrás de mim — Mas todos nós estamos com você. Todos nós fizemos o exame. Eu sei que você mesmo quer fazer a cirurgia, mas se não for possível, o Benjamin terá outras chances.

Toda a minha força, cada energia que armazenei para me manter firme, ruíram assim que eu ouvi sua declaração. Não é apenas meus amigos e familiares me dando apoio em um

momento crítico em minha vida. Literalmente, eles estavam colocando suas vidas em risco para salvar o meu filho.

Minhas pernas perdem a força, e suas figuras são apenas um borrão diante dos meus olhos.

— Eu também fiz o exame.

Foi necessário que eu secasse meus olhos e olhasse atentamente para frente, para ter certeza de que aquela voz era mesmo a de James Walker, o pai da Penelope.

— Sr. Walker?

Mesmo vendo-o perfeitamente diante de mim, é quase impossível poder acreditar que ele esteja mesmo aqui, como irá, se necessário, ser o doador para o neto.

— Pode me chamar de James, meu filho.

Não importa quanta raiva eu já senti dele. De quantas vezes eu amaldiçoei por cada lágrima causada à filha dele. Quando senti seus braços em volta de mim, minha única reação foi abraçá-lo de volta.

Talvez esse seja o sinal que precisávamos, de que não importa o quanto o mundo à nossa volta esteja triste e negro. Há sempre uma luz e esperança.

O reencontro entre pai e filha foi tão emocionante como eu imaginei. Também não houve cobranças e nem ressentimentos. Nossa única preocupação é com Benjamin. O passado e todas as

feridas acumuladas, por tanto tempo, deixaram de ter significância.

— Eu vim assim que Juliene avisou, filha, mas quero que saiba que estávamos cuidando de tudo para vir ao seu casamento — ele soa como se estivesse decepcionado com ele mesmo — Queríamos ficar uns dias na cidade. Ficar com o nosso neto, se vocês deixassem. E sua mãe chegará amanhã.

Olhando atentamente para ele agora, eu posso notar não apenas as mudanças de comportamento, mas as físicas também. James está bem mais magro do que quando o conheci, e parece mais velho e cansado também. Não sei se foi o vídeo que enviei que o convenceu a comparecer ao casamento, mas tenho a plena certeza que, cedo ou tarde, ele teria nos procurado.

O mudou esse comportamento distante. Talvez seja a falta dela, que finalmente eles foram capazes de admitir.

— Não importa quando viriam — Penelope envolve minha cintura, e pela primeira vez, em horas, a vejo sorrir — O importante é que está aqui. Aliás, todos vocês. Obrigada pelo o que fazem pelo nosso filho.

Eu vejo que, na verdade, somos afortunados. Estamos rodeados de todos os tipos de amor. Amor entre pais e filhos. Amor entre amigos. Amor entre um homem e uma mulher.

Simplesmente amor. Nada no mundo pode ser mais poderoso que isso.

Capítulo 51

Penelope

A vida pode ser muito cruel às vezes. Colocando e tirando a

felicidade de nossas mãos como um elástico invisível, esperando o momento certo de arrebentar.

Mas uma coisa que a vida não pode tirar de você, ou até mesmo mudar, é o amor. Hoje eu tive muitas provas de como o amor é poderoso. Nossos amigos deram a maior prova de todas: colocaram suas próprias vidas em risco para que Ben tivesse uma chance de sobreviver.

O amor trouxe meus pais de volta. E, sinceramente, nada em nosso passado tem importância agora. Eu posso passar a vida lamentando pela relação pouco afetiva que tivemos, julgando-os, culpando-os ou posso apenas seguir em frente e tentar construir uma história diferente.

E é isso que eu decidi fazer, antes mesmo de Adam e eu entrarmos no consultório médico.

— Já temos o resultado dos seus exames, Sr. Crichton — o médico loiro e jovem, que só agora eu dou a devida atenção, coloca uma pasta em cima da mesa em frente a nós.

Ele dá a volta na mesa e ocupa sua cadeira. O rosto está impassível, o que eu confesso que me deixa muito nervosa. Queria que Katty estivesse aqui; ela me deixa mais calma.

— Você é compatível, e não há nada que o impeça a realizar o transplante — ele diz, agora com um meio sorriso ao ver a pasta intocada.

Estávamos nervosos demais para tentar decifrar termos

médicos que certamente conteriam ali.

— Isso quer dizer que eu posso ser o doador para o meu filho? — a emoção em sua voz equipara-se à minha — Eu posso salvar a vida dele? Benjamin vai viver.

— Entenda, Sr. Crighton — ele fala com Adam, mas olha para mim — Toda cirurgia é um risco. Mas não fazer o transplante não é uma opção para o bebê. Faremos todo o possível para que seja um sucesso, mais um pouco de fé e, sim, seu bebê ficará bem.

E é nesse pequeno vislumbre de esperança e felicidade que eu vejo o elástico da vida ondulando. Por um lado, é a única chance que Benjamin tem; do outro, eu poderia perder um ou os dois. Qualquer uma dessas possibilidades me deixaria louca.

— Olha para mim — ele segura o meu rosto. Mal consigo vê-lo atrás da cortina de lágrimas em meus olhos — Tudo vai ocorrer bem. Nós ficaremos bem, e logo vamos levar nosso garotinho para casa. Acredite em mim.

Acreditar e ter fé é tudo o que eu tenho agora. Com toda certeza, eu me colocaria no lugar dele se não houvesse riscos com essa nova vida dentro de mim.

— Eu acredito — jogo-me em seus braços e aperto-o forte. Adam é o único capaz de proporcionar toda a força que eu preciso — Eu sei que vai conseguir.

Penso em como eu estaria se isso tivesse acontecido comigo

na fazenda. Sem ele comigo, me abraçando como agora. Eu não suportaria.

— Eu te amo — aliso seu rosto, apagando com minhas mãos os rastros de dor que estiveram ali — Eu te amo. Eu te amo muito. Vamos conseguir. Nós vamos levar nosso menino para casa, meu amor.

E quando nos beijamos, é apenas nossas almas consolando a outra. Tenho uma certeza inexplicável que tudo acabará bem. Nesse momento, eu me sinto em paz.

— Podemos marcar a cirurgia para amanhã — o médico informa quando voltamos nossa atenção para ele — Benjamin já está estável, e quando antes fizermos o procedimento, maiores serão as chances de uma excelente recuperação.

Ele nos explica quanto tempo será a cirurgia. Fala sobre a equipe médica durante o processo e os riscos durante e após o transplante. Um pouco mais calmos e confiantes que dará tudo certo, voltamos para comunicar a todos, que praticamente fizeram festa no corredor diante da notícia.

Liam e Katty cuidaram de todas as documentações necessárias. Juliene providenciou tudo o que precisaríamos antes da cirurgia, como roupas e objetos de higiene. Sempre tínhamos alguém cuidando da gente, enquanto estávamos ao lado de Ben. Não desgrudamos um único momento do nosso pequeno príncipe até o último minuto para a cirurgia.

— Promete que ficará bem — Adam beija minha mão — Vai comer, descansar e cuidar dessa pequena.

Estamos em frente à porta que leva ao centro cirúrgico; após ela, eu terei que ficar de fora esperando. Benjamin já foi levado, e com ele foi parte do meu coração. A outra parte está indo com Adam.

— Acha que é uma menina? — pergunto sorrindo.

Quero que meu sorriso esteja junto com ele o tempo todo.

— Para equilibrar as coisas.

Ergo a mão dele e deposito alguns beijos na palma. Faço esforço para não chorar. Preciso que ele me veja forte.

— Eu te amo — sussurro para ele — Volta para mim, tá bom?

— Sempre. Eu te amo, minha Charmosa.

Abraço a mim mesma quando o levam para longe de mim.

— Crianças são tão fortes, Penelope — Jenny se aproxima de mim e segura minhas mãos, transmitindo confiança — Tudo dará certo. Aqui há uma capela. Vamos rezar juntas?

— Sim.

De todos os presentes, acho que ela é a única que realmente entende o que vai em meu coração. Não faz muito tempo que arrancaram seus gêmeos dos seus braços. Ela conhece a dor de perder um filho tanto quanto eu.

E ao dobrar os meus joelhos diante do pequeno altar, não tenho amarguras e questionamentos a Deus. Eu acredito que tudo tenha um motivo na vida, mesmo que às vezes não conseguimos entender. Eu dei a vida ao Ben, trazendo-o ao mundo. Adam agora é o responsável para que nosso menino continue entre nós. Nosso filho vai renascer através dele.

De hora em hora, alguma enfermeira vinha trazendo alguma notícia sobre a cirurgia. Todas as vezes as informações eram positivas e reconfortantes. Tudo estava indo bem. Katty foi a primeira a retornar do setor cirúrgico, pouco mais de dez horas após Adam e Ben serem encaminhados para realizar o transplante. O grande sorriso em seu rosto é a resposta que eu precisava para finalmente ficar em paz.

— A cirurgia acabou — ela me abraça — O transplante foi bem-sucedido e ambos estão bem.

Depois de horas angustiantes, andando pelos corredores, vendo pessoas chegarem e saírem, falarem comigo, me dando conforto. Enfim, posso dizer que meu pranto agora é de alívio e felicidade.

— Obrigada, Katty.

Eu sei que, mesmo sendo médica, ter ficado tantas horas assistindo uma cirurgia deve ter sido cansativo para ela.

— Nosso menino vai voltar para casa, que é o lugar dele — Juliene me abraça quando Katty me solta.

Havíamos vencido mais uma batalha.

— Quando eu poderei vê-los, Katty?

— Os dois seguirão para o pós-operatório. Poderá vê-los em uma hora mais ou menos, mas rapidamente. Sugiro que depois disso vá para casa...

Ela toca meu ombro quando vê que estou prestes a protestar.

— Não há nada para fazer aqui, Penelope. Eles dormirão até amanhã, devido aos remédios. Em outras circunstâncias, eu não me oporia que ficasse — Katty toca o meu ventre — Tem mais alguém aqui que também requer cuidados. Os dias seguintes serão longos e exaustivos.

— Ela tem razão, filha — meu pai se coloca ao meu lado, segurando meu braço.

Pelo visto, todos irão me obrigar ao que é certo. Até mesmo a minha consciência, embora meu coração queira dizer que devo ficar.

Além disso, com certeza é isso que Adam espera que eu faça. Que cuide do nosso bebê em meu ventre.

— Então eu vou para casa depois de vê-los — digo a Katty
— Você me avisa se algo acontecer?

— Claro, pode ir tranquila. Minha mãe pediu que fosse para lá...

— Não será necessário, senhora — papai a impede de continuar — Cuidaremos da nossa filha.

Meu pai sendo protetor e carinhoso. Realmente as coisas estão mudando.

— De qualquer forma, agradeça a Lindsay por mim.

Ao me encaminhar para ir ao quarto ver Benjamin e Adam, noto meu pai ao telefone. Acredito que esteja falando com minha mãe. Eu a vi rapidamente essa manhã antes da cirurgia iniciar. Eu e os meus pais ainda não tivemos aquela conversa. Enquanto meu pai faz visivelmente todos os esforços para se aproximar de mim, minha mãe está mais receosa. Teríamos tempo para trabalharmos isso.

O primeiro que eu vejo é meu anjinho ligado ao oxigênio, bolsa de sangue e ao soro onde recebe a medicação.

Tudo o que eu queria era poder colocá-lo em meus braços. Dizer o quanto eu já sinto orgulho por ser um menino tão forte e guerreiro.

Mas só me é permitido segurar a sua mão pequenina e delicada, onde eu tento passar mais do que o calor das minhas mãos, mas também o meu amor ele.

Esse pequeno momento é precioso para mim, mesmo esse sendo o último lugar que eu gostaria de estar. A minha fé se renova.

No quarto de Adam, não é muito diferente. Mas é a mão dele transmitindo força e coragem para mim. Confiança e a certeza de que, no fim, tudo ficará bem.

Curvo meu corpo até alcançar seu ouvido.

— Eu te amo — sussurro através da máscara em meu rosto.

Vislumbro seus cílios tremerem. Podem me dizer o contrário, mas tenho plena certeza de que ele me ouviu.

É mais fácil voltar para casa depois disso.

No táxi a caminho de casa, apesar de meu pai e eu nos mantermos em silêncio, ele segurou minha mão o tempo todo.

Eu sinto que eu tenho de volta aquele pai dos meus primeiros anos de infância. O que me levava em seus jogos de beisebol e me carregava nos ombros.

Logo que entramos, o cheiro de comida nos recepciona. Vejo minha mãe vir da cozinha, vestindo um avental e uma faca na

mão.

— Achei que estariam cansados e principalmente com fome — ela parece apreensiva, como se estivesse se desculpando — Espero que não se importe de ter usado a sua cozinha.

— Não me importo — sorrio para amenizar o clima tenso — O cheiro está muito bom.

— Eu fiz aquela pasta que você gosta — mamãe sorri de volta para mim — Vá tomar um banho e desça.

É difícil reestabelecer os laços com minha mãe depois do que ela me disse sobre o Ben. Ainda dói um pouco lembrar que ela tinha sugerido que eu desse o bebê. Mas ela é minha mãe. Eu a amo, apesar de tudo o que houve, e desejo muito que lembranças mais amorosas e doces como essa possam sobrepujar as memórias tristes.

Eu subo as escadas. Passo no quarto do Benjamin primeiro. Ver o berço vazio causa uma físgada em meu peito impossível de evitar.

Pego um dos seus ursinhos preferidos e aperto contra o nariz, inalando o perfume gostoso de bebê. Não vou chorar. Não vou me permitir isso. Logo ele estará em casa e voltaremos a ser uma família unida e feliz.

Quando eu mergulho na banheira, percebo o quanto estou cansada. Gostaria de poder fechar os olhos e me deixar levar pela letargia. Mas meus pais estão lá embaixo. Não seria delicado

deixá-los esperando.

Quase meia hora depois, eu desço. Um moletom e uma das camisetas do meu amor será meu pijama para essa noite.

Minha mãe já havia posto a mesa, e papai já estava sentado, esperando.

Sento do outro lado em frente a ele e minha mãe ao seu lado.

Começamos a nos servir. Eu me preparo psicologicamente para um enjoo que espantosamente não vem. Tem acontecido apenas de manhã, e nada comparado aos que tive com Benjamin. Eu me sentia fraca o tempo todo. Ouvi dizer que uma gravidez nunca é igual a outra. Talvez mamãe possa me dizer, já que passou pela experiência duas vezes.

Decido que puxarei o assunto após o jantar.

A refeição seguiu tranquila. Eu contei sobre o momento que vi Adam e Ben. Eles me disseram como foi a viagem e que foi Juliene a dar a chave da casa para eles. Mantivemos a conversa leve para não comprometer o jantar.

Quando terminamos, ajudei minha mãe na cozinha. E garanti que estava tudo bem, que não precisavam ir para um hotel. Podiam ficar no quarto de hóspede.

Subimos e indiquei onde estava a roupa de cama. Antes de eu sair, meu pai deu uma batidinha no colchão, pedindo que sentasse ao lado dele.

Eu sei que a hora da conversa havia chegado.

— Eu não sei como dizer o que preciso, então vou começar do início.

Balanço a cabeça e permaneço quieta, ouvindo-o. Vislumbro com o canto dos olhos minha mãe próxima à janela.

— Quando sua mãe ficou grávida de você, não éramos nem casados. Isso só aconteceu depois que o Cory nasceu. Eu vi que eu precisava ter um pouco mais de juízo na vida. Lembra como eu era, não é?

Sim. É como se eu tivesse conhecido dois homens diferentes em um único corpo. Um alegre e festeiro e um amargo e distante que ele havia se tornado.

— Eu me divertia muito com meus amigos, bebia demais, e sua mãe e eu acabávamos brigando muito. Aquele dia, aquela reunião em casa, era minha despedida. Eu queria mudar. Ser um pai melhor para você e o Cory.

Ele esfrega o rosto, e percebo o quanto é difícil para ele se abrir assim.

— Para um pai perder um filho é algo terrível. Passou por esse medo esses dias — ele me encara e enxergo o grande sofrimento em sua alma — Ser causador da morte desse filho é uma dor que nunca tem fim...

— Mas a culpa não foi sua — apresso-me a dizer — Foi um acidente. Assim como eu não tenho culpa por não ter gritado a

tempo. Eu só era uma criança assustada.

— Eu estava alcoolizado, filha. Fui eu que não vi vocês ali, e por sorte não tirei sua vida também. Nunca consegui me perdoar por isso.

Na vida, vemos as coisas pelo nosso ponto de vista e esquecemos que há o do outro também.

— Quando o médico deu a certeza de que Cory estava morto, senti que iria enlouquecer. Voltei a beber como nunca. Até minha irmã intervir e me levar para o Alasca. Eu conheci um Deus que poderia me perdoar, mesmo com tudo o que eu fiz, como ter tirado a vida de um inocente, se eu me arrependesse e mudasse. E eu queria muito mudar. Eu precisava de perdão. Mas o que eu fiz foi confundir as coisas; eu só via regras e doutrinas. Apenas o que era certo. Esqueci do amor e da graça. Tornei-me cada vez mais firme e rigoroso.

Foi uma grande mudança que eu não entendi e que eu tive que me adaptar.

— Não queria errar com você em exatamente nada. Então era mais rigoroso ainda. Não é desculpa, hoje eu vejo isso.

Ele levanta a mão em um pedido de desculpa.

— Comecei a me envolver mais e mais com a igreja. Mudávamos de cidade em cidade, e para onde íamos, via os jovens se perdendo. Quando chegamos em Edgardtown, nada foi diferente. Então acreditei que pudesse mudar os jovens.

Ele sorri, como se risse do próprio idealismo.

— Quando os pais do Maxwell sugeriram que ficassem noivos e que essa aliança seria boa para todos na cidade, pensei que daria certo. Ele precisava de alguém como você ao lado dele. Foi o que acreditei no início.

— Não amava o Max, pai — penso em como eu seria infeliz com ele, e agradeço por ele ter feito o que fez — Teria sido um erro.

— Sei disso agora. Quando ele te abandonou, senti que você tinha traído toda a nossa fé depositada em você. Percebi como tinha crescido e ficado linda. Mas acreditei que manteria sua integridade pura. Veja, eu só conseguia ver o certo e o errado. E quando os encontrei naquela noite, e Maxwell fugiu depois, quando vi todas aquelas pessoas cochichando e rindo de você, senti que falhei. E minha maior falha foi não ter ficado ao seu lado. Eu me arrependo muito.

Eu sofri com a reação deles a tudo o que aconteceu. Como se a culpa tivesse sido minha, mas, no entanto, se fosse diferente, eu não teria vindo para New York. Não teria conhecido o Adam e não seria tão feliz como sou hoje. Mesmo tendo enfrentado tantos obstáculos para ficarmos juntos.

— Você começou a querer ser ouvida, e eu me recusar a admitir o quanto estive errado. Eu era um surdo me recusando a ouvir. Queria salvar outros jovens, outras pessoas, e era a minha garotinha pedindo ajuda.

Ele sorri para ele mesmo. O sorriso apenas fica em seus lábios.

— Quando o Adam entrou na igreja me enfrentando, dizendo que eu a estava enterrando viva e o quanto ele te amava, eu comecei a perceber que ele tinha razão — diz ele com a voz branda — Eu matei o Cory e estava matando você. Mas, mesmo assim, me recusava a admitir. Deixei que fosse embora, com a certeza que cedo ou tarde iria se arrepender. Isso nunca aconteceu. Você é muito forte. Corajosa, e mesmo que não pudesse admitir, sentia orgulho de você.

— Sentia?

Sempre acreditei que fosse uma vergonha para eles. Alguém que eles mal pudessem olhar.

— Eu sentia, filha! — ele enfatiza — Ao mesmo tempo sentia desprezo por mim. Tudo o que eu pregava e acreditava estava distorcido no homem perfeito que queria ser e exigia dos outros.

Por nunca tivemos essa conversa antes? Por que não fui tão forte como ele diz que eu era e não exigi que fôssemos tão francos como agora?

— Não acho que eu tenha sido tão forte, pai — seco as lágrimas que tentei conter e que agora descem livremente pelos meus olhos — Eu apenas fugi.

— Não, você enfrentou a vida — ele toca meu rosto — Quando disse que estava grávida, eu tive que sair da mesa. Não

porque estivesse bravo com você, mas porque tinha crescido. Senti que tinha perdido a minha garotinha...

Ele olha para minha mãe antes de continuar. Ela está olhando para as próprias mãos ou para o chão, não sei dizer.

— Eu soube o que a sua mãe disse. Ela interpretou minha reação erroneamente. Depois você foi embora daquela forma. Sabia que era demais para você perdoar. Mesmo assim eu tentei, semanas depois. Juliene disse que você tinha ido embora e, bom, ela nunca gostou muito de mim. Pode imaginar o que me disse.

Juliene nunca me contou sobre isso. Talvez tenha tentando evitar mais aborrecimentos para mim. E realmente ela nunca foi uma fã dos meus pais. Contudo, ela se redimiou ao avisá-los sobre o Ben.

— Às vezes ligava para o Raul e perguntava como você estava. Sabia que sua saúde era delicada. Preferi ficar distante, acompanhando.

— Devia ter ido, pai — digo a ele com a voz embargada pela emoção — Não sabe como eu me sentia sozinha. Eu precisava dos meus pais comigo.

Não é uma queixa ou acusação. É a constatação de um fato. Teria sido muito mais fácil saber que meu pai ainda me amava.

— Desculpe, filha — ele lamenta — Acreditei que eu não tinha o direito. Não merecia isso.

Tanto tempo perdido por orgulho, medo e

desentendimentos.

— Quando o Adam enviou aquele vídeo, tomei a decisão que já vinha pensando há muito tempo: conquistar seu perdão e amor de volta. Sei que é uma pessoa boa. Melhor do que eu. E o bebê é tão lindo. Apaixonei-me por ele assim que o vi. Só me lembro de ter chorado tanto quando Cory morreu. Não hesitei um único momento em vir me candidatar ao transplante. Acreditei que seria minha chance de me redimir — ele sorri, de verdade dessa vez — Mas aquele garoto não ia deixar, não é? Até tentei convencê-lo a fazer no lugar dele, horas antes da cirurgia. Quase fui expulso a pontapés. Não há dúvidas do quanto Adam ama vocês dois.

Adam não me contou isso. Deve ter sido quando fui consultar Katty sobre a cirurgia.

— Acha que podemos recomeçar? Eu posso voltar a ser o seu pai?

— Sempre foi o meu pai — toco o peito dele — Talvez estivesse aqui perdido. Estou feliz que ele tenha voltado.

Quando nos abraçamos, eu me sinto como aquela garotinha em seu colo de novo. Nós refazemos a nossa conexão. O melhor de tudo é saber que o Benjamin terá mais uma pessoa que o ama.

— Bom... Humm — ele pigarreia ao me soltar — Vou tomar um banho. Acho que vocês duas precisam conversar também.

Ele indica minha mãe e desaparece porta adentro. Um

silêncio longo e constrangedor se instala entre nós.

— Mãe? — resolvo iniciar a conversa — Quer me dizer algo?

Ao invés de falar, ela cai em um choro compulsivo. Não consigo assisti-la chorar assim, então caminho até ela e a abraço.

— Tudo bem, mamãe. Não tem que dizer nada. Vamos recomeçar como o papai disse.

Ela me afasta com delicadeza, mas me olha firme.

— Não. Eu preciso dizer — sua voz é quase um balbuciar — Eu me sinto muito arrependida. Seu pai tinha todos aqueles motivos para ser como era. E eu nem mesmo posso usar essa muleta. Fui uma péssima mãe, antes mesmo de Cory morrer. Meu mundo era o seu pai; fazê-lo crescer.

Não acredito bem nisso. Aquela tragédia mudou todos nós.

— Eu sempre fui muito influenciável e perdida na vida. Acreditei amar um homem rico e importante, que na verdade só me usou e casou com outra da classe dele. Eu estava grávida, conheci o seu pai...

— Oh, meu Deus, eu não sou filha...

— Calma! Não é isso. Perdi aquele bebê. Mas seu pai teria ficado comigo mesmo se eu não tivesse perdido — ela sorri, nostálgica — Cuidou de mim. Ele não era ninguém. Apenas um homem simples, mas que me amava. Eu me apaixonei perdidamente, meses depois que você nasceu, depois veio o Cory.

Mas o casamento nem sempre é um mar de rosas. E eu queria mais, exigia mais do seu pai. Talvez se eu não tivesse pressionado tanto, Cory hoje...

— Todos nós nos culpamos pela morte do Cory — interrompo-a — Mas ninguém teve culpa.

— Hoje eu sei disso. Não foi fácil, no entanto. Você ainda era uma criança quando tudo aconteceu, tentei poupá-la como eu pude. Eu só tinha medo de que em algum momento, eu fosse perder o seu pai também. Tinha medo que ele bebesse e fosse dirigir, que pegasse uma arma e atirasse contra ele mesmo, ou exagerasse e entrasse em coma. Eu o amava muito. Então, quando ele mudou, aceitei como ficou depois. Nunca contestei nada, pois tinha medo de que voltasse ao que era. Presa a tudo isso, acabei esquecendo você, filha. Que também precisava de mim.

Lembro que nessa época, foi o tempo em que mais fiquei com Lola. Pensei que meus pais estavam tão tristes comigo que nem conseguiam me olhar nos olhos.

— Você sempre foi tão obediente e amorosa — ela alisa meu cabelo — Continuou sendo, mas agora percebo que não era feliz. Ficou retraída, e acreditei que fosse devido à morte de Cory, mas não, sufocamos você. Concentrei-me tanto no seu pai e a deixei de lado.

Não sei o que dizer; além de que, estou mergulhada nesse mar de confissões, sentimentos reprimidos e arrependimentos.

— Eu percebia como as garotas na igreja desdenhavam você — ela confessa — No fundo era pura inveja. Como o seu pai disse, ficou uma jovem linda. Poderia escolher o rapaz que quisesse. Ao mesmo tempo era tão inocente disso. Então, quando ficou noiva do Maxwell, eu me senti vingada, duplamente. Não era um sentimento nada cristão, não é verdade? Mas estávamos de alguma forma dando o troco e calando a boca de todos.

— Não, realmente não era um sentimento cristão — concordo sobre essa parte — Mas acho que agora consigo meio que entender.

— Vingança é algo perigoso. Queria provar a mim mesma, àquele ex-namorado e para toda cidade que tínhamos valor. Então Max foi um covarde. Viramos comentários de toda a cidade, e sua reputação estava manchada. Foi pior do que aconteceu comigo.

Eu sei como as pessoas podem ser mesquinhas e cruéis. Senti na pele isso.

— Quando o Adam fez aquela declaração, e Harriet toda venenosa veio dizer que ele era rico e importante, vi que tinha superado isso. Que iria calar a boca de todos que falavam de você pelas costas. E vi como ele te amava. E como seu pai sentia sua falta. *Eu* sentia sua falta.

Ela volta a soluçar.

— Sempre falava com ele sobre vocês. Pesquisei sobre a

família dele e reforçava em cima do seu pai. Sabia que ele estava cedendo. Por isso a convidei para o natal. Quando chegou sozinha e ainda por cima grávida, fiquei em choque. James ficou muito irritado com o que eu disse a você. Ficamos semanas sem nos falarmos. Eu vi nele algo que eu nunca vi: desprezo.

— Mãe, eu...

— Deixa eu terminar. Sugeri que desse o bebê porque achei mesmo que tivesse errado e fosse de algum sem vergonha que a enganou. Achei que você podia recomeçar.

— Entendo tudo, mamãe — tento controlar o peso da acusação em minha voz, mas é muito difícil — Menos ter sugerido dar o meu filho. Com ou sem o Adam, foi a melhor coisa que me aconteceu. Mesmo se ele tivesse sido filho de um relacionamento com um homem casado como você pensou. Era meu filho.

Ela balança a cabeça, aceitando tudo o que joga em cima dela.

— Como eu disse, não tenho desculpas ou justificativa para isso. Se serve de alguma coisa, me arrependi no momento em que disse e me jogou a verdade na cara. Mas saiu tão brava e magoada que não consegui me explicar depois. Também não tinha como explicar meu comportamento vergonhoso. Você estava certa. Estava mais preocupada com o que as pessoas iam dizer do que com sua felicidade. Só posso dizer que lamento e espero que um dia consiga me perdoar.

Eu consigo perdoar, desde que ela seja sincera.

— Está aqui porque me ama ou porque vou me casar com um homem rico e influente?

Golpe baixo, mas preciso ter certeza.

— Eu te amo, filha — ela torna a chorar — Provavelmente de um jeito meio torto, mas amo. Não quero ficar longe de você e do Benjamin, mas vou entender se for isso que quer.

Lembro do que o Adam me disse uma vez, e vou repetir a ela.

— O amor tem um lado feio também — abraço-a forte — Cabe a nós o tornar melhor.

Todas as cartas foram colocadas na mesa. É hora de deixar o passado, finalmente, para trás.

Já faz três dias que venho seguindo a rotina casa e hospital e vice-versa. Não que eu reclame. Adam e Benjamin estão bem, e a recuperação de ambos é excelente. Em dois dias, meu amor poderá voltar para casa comigo. E Ben dentro de dez dias.

Minhas preocupações agora voltaram a ser meu novo filhote

e o casamento.

— O que foi? — Adam pergunta ao observar meu semblante sério — O que a preocupa?

— Não é nada. Meus pais vão embora hoje, pois querem ficar mais tempo após o nosso casamento. E eu penso em bobagens.

Ele me puxa para mais perto dele na cama. Que nenhuma enfermeira entrasse e nos visse assim ou levaríamos outra bronca. Culpa dele, claro. Eu sou apenas uma mulher grávida e indefesa que não é capaz de resistir ao homem mais sexy do mundo.

— Me diz o que é? — insiste ele — Preciso pensar em outras coisas.

Conheço essa voz rouca. Ele está excitado e frustrado por ter nossa vida sexual reprimida. Quando chegarmos em casa, darei uma bela surpresa a ele.

— Estava pensando em nossa casa. Quando o bebê nascer, precisaremos de mais espaço.

— Vamos procurar outra casa antes disso.

— Mas eu gosto daquela casa — digo pesarosa — Somos tão felizes lá. Não podemos fazer uma reforma ou algo preciso? Ainda temos tanto espaço.

— É o que você quer? — ele aperta meus dedos entre os

dele — Então vamos derrubá-la e construir outra se for preciso. Falarei com o Richard depois.

Eu continuo empolgada, dizendo a ele tudo o que gostaria de fazer. Inclusive acrescentar uma casa na árvore como a que ele, Liam e Katty tiveram.

Voltamos a fazer planos. A sonhar com o futuro. Sabendo que podemos enfrentar juntos qualquer problema que surgir.

O que não demorou muito a acontecer, com a visita do Peter.

— Tenho uma notícia não muito agradável para dar — inicia ele olhado para mim — Por que não se senta, Penelope?

Nem cogito a possibilidade de protestar. Foram dias tão difíceis e exaustivos. E tenho uma grande desconfiança de que ele está prestes a soltar uma bomba.

— Eu já sei quem era Allyson — dessa vez ele encara Adam na cama — Na realidade, quem é Allyson.

Adam havia me falado sobre a pessoa que tinha sido cúmplice de Nathan contra nós, com o intuito de nos separar e dar um fim a ele. Havíamos tentado não pensar que ainda há esse perigo rondando nossas vidas. Mas ele existe.

— Quem? — pergunto ao Peter — Quem é essa Allyson?

A pergunta certa deveria ser: o que ela quer e por que nos odeia tanto?

Capítulo 52

Adam

Esse era o pior momento para que eu tivesse alguma informação sobre Allyson. Não quando estou preso a essa cama de hospital, impedido de defender minha família.

Arriscando-me ou não, eu teria que encontrar um jeito de mantê-los seguros de qualquer ameaça que ela pudesse causar.

— E quem ela é, afinal?

— Allyson Hale — ele entrega um envelope — Conhecida por todos como Aline Furlan.

— Aline? — Penelope se levanta, o rosto pálido, quase translúcido de surpresa — A Aline, a mesma Aline da DET?

Não acho que Peter deveria ter revelado isso a ela, não agora. Será que ele não pensou que seria um choque para Penelope saber a verdade dessa maneira?

Mesmo que eu tenha jurado nunca mais mentir ou esconder nada dela, as circunstâncias são diferentes; ela está grávida e frágil. Penelope já vem passando por muitas coisas nessa última semana, não precisa mais de toda essa merda sendo despejada em sua cabeça.

— Fica calma — tento me movimentar na cama, ir até ela, mas sou impedido por suas mãos, que logo estão em meu ombro, empurrando-me de volta com delicadeza — Você tem que ficar calma. Peter vai resolver isso.

Ainda estou tentando digerir o que ele disse. Aline foi cúmplice de Nathan, que tinha um plano mórbido contra mim. Até aí, não me importava com o que possam ter arquitetado, mas quando isso começa a envolver a mulher que eu amo e meu filho, tudo muda. Qualquer coisa que me aconteça os atingirá automaticamente, seja físico ou emocional, e não posso permitir que nenhum dos dois volte a sofrer por minha causa.

— O nome Steve Hale é familiar para você? — pergunta Peter.

— Sim. Neil pediu que eu ajudasse um amigo há uns três anos... — Busco em minha memória os acontecimentos daquela data — Foi algo bem atípico. Neil e eu havíamos nos encontrado à noite em seu escritório, o prédio já estava quase vazio; tirando os vigias, acho que não havia mais ninguém. O que eu achei estranho na época, tanto pelas circunstâncias como pelo comportamento dele.

Começo a entender as coisas claramente agora.

— Era o filho da puta do Nathan! Ele me disse que precisava de ajuda com o pai de uma amante do Neil. Foi o que eu tentei fazer. Mas o cara estava sujo até o pescoço — encaro Peter firmemente — Eu não aceito que meus clientes mintam

para mim. Antes mesmo de pensar em abandonar o caso, Neil pediu que eu fizesse isso, não queria que minha carreira fosse manchada dessa forma. Fiquei aliviado na época, não queria deixá-lo na mão se o caso com a garota fosse sério. Era o Nathan mexendo suas peças de novo. Eu abandonei o caso duas semanas depois, indiquei outro advogado, e só soube depois, por uma nota no jornal, que Hale se suicidou posteriormente.

— Conhecendo o histórico do Nathan, começo a duvidar que tenha sido suicídio mesmo — diz Peter — Além disso, o dinheiro que Hale desviou foi parar em uma conta ilícita em seu nome, depois desviado para outra conta que não consegui localizar ainda. Aline... Allyson acreditou que você roubou o pai dela, por isso ele se matou. A mãe dela teve uma morte acidental por remédio dias antes do banco tomar a casa delas. E o resto você pode imaginar...

— Ela queria vingança — Penelope conclui por mim, horrorizada com o que acabamos de saber — O objetivo era fazer o Adam se apaixonar por ela, depois matá-lo. Agora faz sentido ela nunca ter gostado de mim de verdade. O alvo dela sempre foi você, Adam. Passou a ser venenosa quando soube de nós dois.

— Eu nunca me interessei por ela. Nunca me senti atraído.

— Nunca pensei que eu diria isso, mas é a primeira vez que me arrependo de ter fodido com uma mulher — ele cruza os braços — Chegou a me fazer muitas perguntas sobre você, mas só achei que era coisa de mulher, afinal, eu não era o tipo que se

casa. A filha da puta me usou?

Se a situação envolvendo Allyson/Aline, não fosse tão preocupante, seria cômico ele ficar ofendido com isso; logo o homem que transou com um número espantoso de mulheres nessa cidade. Porém uma coisa era certa: a mulher é completamente maluca, e esteve rondando-nos o tempo todo.

— Como você conseguiu chegar até ela?

— Lembra quando pediu para vigiar a Grace? Resolvi investigar. Eu tinha algumas fotos das duas juntas. Não desconfiei na época, achei que fossem apenas amigas. Quando Fabiana viu as fotos há alguns dias, sua reação foi a pior possível. Ela reconheceu a Allyson do cativado onde esteve presa.

— Aline será presa agora? — Penelope pergunta — Só temos que denunciá-la à polícia.

— Em breve — Peter desvia o olhar dela e o crava em mim — É agora que você entra. Preciso da sua ajuda. Quero garantir que Aline pague por tudo o que fez a você. De concreto contra ela, só sabemos que ela trocou de identidade.

— O que você quer que eu faça?

Eu irei às últimas consequências para tirar essa miserável das nossas vidas.

— Instalei algumas câmeras e escutas na casa dela. Tenho uma equipe vigiando-a vinte e quatro horas por dia. Alysson continua tão fanática em seu plano de vingança quanto antes.

Acho que, na verdade, depois da morte do Nathan, perdeu ainda mais a sanidade. Ela vai tentar atacar aqui no hospital, envenenar você. Eu preciso que ela confesse tudo antes de denunciá-la.

— Não! — Penelope se coloca entre nós dois — Ele não tem condições de enfrentá-la assim. Não vou deixar que o coloque em risco.

— Amor, é preciso — busco sua mão trêmula — Peter sabe o que está fazendo. Não quero você e o Ben à mercê dessa maluca. Farei tudo o que for preciso.

— E se não der certo? — o desespero em sua voz me faz querer desistir apenas para deixá-la mais calma — Eu não vou suportar...

— Ouça, querida — Peter a puxa para ele, tocando seu rosto — Já conversei com a equipe médica sobre os riscos. Tem um policial disfarçado no quarto do Benjamin e dois policiais lá fora para garantir que Adam ficará bem. Eu só preciso instalar a câmera e os microfones aqui. Não vou deixar nada acontecer a ele. Confie em mim.

— Meu amor — trago sua atenção para mim — Confie em nós dois. Precisamos que confie.

Estamos em uma posição onde não há escolhas. Se Alysson conseguir fugir, seria uma ameaça pairando em nossas cabeças eternamente. Não podemos seguir vivendo com medo. Nem dela,

nem de ninguém.

— Pensa no Benjamin e no bebê.

Eu joguei pesado, mas tenho que convencê-la que essa é a nossa única saída.

— Eu quero estar por perto — vejo em seu rosto que não é fácil para ela aceitar o plano. O pavor de que algo me aconteça é visível em seu olhar — E se isso for longe demais, devem parar.

— Tudo bem. Vou providenciar isso — Peter se afasta. Seu lado predador começa a falar por ele — Por enquanto, vou explicar como faremos para atraí-la...

Tentar controlar a fera que há dentro de mim, sedenta pelo sangue de Allyson, à espera de que ela cruze a porta, não seria algo muito fácil, mas eu me obrigo a ficar calmo; é preciso. Mesmo com minha vontade de esganá-la com minhas próprias mãos.

— Vai dar tudo certo — digo a Penelope.

Ela caminha de um lado ao outro do quarto, abraçada a si mesma, tentando encontrar força e coragem em seu interior.

Sendo eu que deveria proporcionar isso a ela, mas mal sou capaz de me controlar.

— Allyson já está no prédio — Peter retorna, fechando a porta atrás dele — Em alguns minutos, ela estará aqui.

Quando ele toca instintivamente no coldre do revólver em sua cintura, começo a questionar o envolvimento de Penelope.

— Precisa mesmo da arma? — questiono, apreensivo — Estamos no hospital. Ela está grávida, talvez seja melhor que fosse...

— É apenas uma garantia — ele me interrompe — Não vou colocar ninguém em risco.

— E eu não vou sair daqui! — Penelope é categórica — Não com essa louca à solta.

Só me resta desejar que tudo saia como ensaiamos. Que essa loucura termine logo e que Peter tenha estado certo e realmente saiba o que está fazendo.

— Dois dos meus homens estão no quarto ao lado com os equipamentos, acompanhado tudo — ele coloca a mão no ouvido enquanto explica — Eu tenho um ponto e serei avisado imediatamente. Os policiais estão lá fora. Você só tem que fazer com que ela fale. Ficaremos lá dentro.

Ele conduz Penelope até o banheiro anexo no quarto, mas antes que ele feche a porta, ela corre até mim.

— Promete que terá cuidado? — ela pergunta, segurando meu rosto.

Não há o rio de lágrimas ou desespero que achei que haveria. Minha garota é forte, valente, e sinto um orgulho gigantesco por ela.

— Eu prometo — seus lábios colam nos meus por alguns segundos — Você jura que não fará nada estúpido?

— Eu te amo — ela sussurra e se afasta, ignorando minha pergunta.

Bloqueio todos os medos e preocupações em relação a ela. Peter cuidará dela e não permitirá que faça nada que a coloque em perigo. Ele sabe que eu seria capaz de matá-lo se isso acontecesse.

Ciente do tempo que corre e de que a qualquer momento Allyson estaria aqui, assumo meu posto como doente e indefeso. Deito, fecho meus olhos e espero.

Os segundos se arrastam, tornam-se minutos. O tic tac do relógio imaginário em minha cabeça tem a companhia das batidas descompassadas do meu coração, zunindo em meus ouvidos. Nem que se eu tivesse corrido uma maratona, meu corpo carregaria tanta adrenalina.

Então, ouço o leve rangido da porta, seguido do som de passos, o mesmo barulho da bandeja que algumas enfermeiras carregam. Sei que ela está aqui, sinto sua presença no quarto.

— Que bom que alguém veio — murmuro, mantendo meus olhos fechados — Eu não me sinto bem, enfermeira. Poderia chamar minha mulher?

Ouçó a respiração pesada. Havia conseguido atingi-la onde mais a feria. Penelope continua sendo minha. Nada do que fizeram ou o que Allyson pretenda fazer conseguirá separar nós dois de novo.

— Não, eu não posso! — a acidez em sua voz é suficiente para me fazer abrir os olhos.

— Aline? — simulo surpresa quando, na verdade, desejo avançar em sua jugular, cravar a seringa na bandeja em cima da cama bem fundo na garganta dela — O que você faz aqui? Vestida assim?

Ela está vestida com um dos uniformes de enfermeira do hospital. Os cabelos loiros escondidos e uma peruca preta. Não há fingimentos ou a surpresa fingida em seu rosto. Apenas um olhar alienado, carregado de ódio, e uma seringa envenenada em sua mão.

— Eu deveria ter feito isso quando teve aquele acidente de carro há um ano — ouçó a voz dela ficando cada vez mais próxima — Nathan não deixou. Não tinha chegado a hora de você morrer. Foi o que ele disse. Vejo que esteve errado, e agora é ele que está morto.

Ranjo meus dentes e cravo meus dedos nos lençóis. Ouvi-la

falar sobre Nathan, que seja apenas citar o nome dele, faz o meu lado animalesco ficar à borda.

Mantenha a calma e pense no que Peter falou, ordeno a mim mentalmente. O objetivo é fazê-la falar. E já que havia começado a falar, era acionar o gatilho.

— Do que está falando, Aline? —movo-me na cama, mas paro, fingindo sentir dor — Nathan mereceu cada bala que ele levou. Eu teria grande prazer em atirar nele se tivesse chegado a tempo.

— Você merecia morrer! — ela berra, cuspidando as palavras — Não ele. Nós só queríamos justiça.

Olho rapidamente para a porta do banheiro, o suficiente para que Allyson não note e eu ter a certeza que Penelope não sairia lá de dentro.

— Aline...

— Allyson! — ela aponta a seringa em minha direção — Allyson Hale. Lembra algo a você? O homem que você enganou e roubou sem o menor remorso? A família que você destruiu?

Como eu nunca tinha notado aquele olhar antes? Essa fúria e desejo de vingança tão claros como agora. Talvez porque antes ela não estivesse tão desesperada e Nathan soubesse guiá-la perfeitamente. Todos fomos marionetes nas mãos dele.

— Sinto muito pelo seu pai, mas não tive qualquer envolvimento com o que ele fez antes ou depois de ser preso...

— Mentira!

Suas mãos desequilibradas estão bem próximas do meu rosto, bastaria que me virasse apenas alguns centímetros para que a ponta da agulha perfure minha pele.

— Meu pai confiou em você. O enganou, forjou um crime que ele não cometeu para ficar com o dinheiro. Eu perdi os meus pais, minha casa, tudo, por sua ganância — ela se afasta um pouco e solto a respiração que havia prendido por puro instinto — Você e o Durant são gananciosos, inescrupulosos, capazes de tudo. Não importa quem seja atingido.

Não sei quais as mentiras e as provas que Nathan havia tecido para ela. Mas ele tinha sido eficiente em sua lavagem cerebral. Allyson pode estar bastante desequilibrada, mas acredita fielmente em tudo o que ele inventou.

— Olha, a gente pode dar um jeito, Allyson. Tudo o que o Nathan fez foi contar mentiras...

— Ele salvou a minha vida quando você tirou tudo — sua voz é quase chorosa — Às vezes era mais duro comigo, mas agora eu entendo. Tínhamos que ter cuidado. Ele sabia com quem estávamos lidando. Eu o amava e agora ele está morto.

É muito mais repugnante do que eu poderia imaginar. Como alguém poderia amar alguém tão cruel e desprezível como ele?

— Ele me amava também. Eu sei que me amava. Até isso tiraram de mim — ela funga, secando o nariz com as costas das

mãos — Eu falhei antes ao tentar atrair você. Mas a culpa foi daquela vagabunda da Penelope! Se não tivesse cruzado meu caminho, eu teria feito o que era esperado e nada disso teria acontecido.

— Não toque no nome dela! — urro pouco me importando no que minha reação poderia causar — Não sonhe em chegar perto dela ou mato você.

— Não pode fazer nada estando morto — o riso descontrolado e diabólico ecoa no quarto. Podia jurar que até as paredes tremeram — Nem agora e nem antes quando tentei envenenar Penelope para que perdesse o bebê. Mas tenho que admitir, seu sangue é tão ruim quanto você.

— Envenenou meu filho? — levanto da cama, palavra a palavra saindo como puro ácido de minha boca.

Uma pequena vertigem me atinge. Sinto como se me rasgassem outra vez no local da cirurgia.

— Se tivesse tido mais um pouquinho de tempo, ele nem teria nascido — ela sorri em meio às palavras — Mas ainda tenho tempo de consertar o meu erro. Crianças são tão indefesas em hospitais.

O problema de se lidar com um louco é que ele não mede nenhuma consequência. Allyson havia aprendido com um grande mestre a ser desumana.

— Maldita! — apoio na cama e tento reunir toda força

necessária para enfrentá-la — Eu vou acabar com você.

Tudo havia sido culpa dela: a gravidez de risco que Penelope enfrentou, a saúde comprometida do Benjamin e a necessidade do transplante para que ele ficasse vivo.

— Sabe o que eu tenho aqui? Acônito. Causa asfixia, que provoca uma arritmia cardíaca, levando à sufocação — ela se afasta, mostrando a seringa como se fosse seu novo brinquedinho — É altamente tóxico tocar as folhas da planta, sem o uso de luvas já é incrivelmente letal.

Sim, eu queria arrancar a seringa e cravar na cabeça dela. Vê-la morrer exatamente da forma que me relatou, lenta e dolorosamente. Mas morrer seria muito pouco. Nathan morreu da pior forma possível, e mesmo assim, achei que não foi castigo suficiente.

— Farei o que eu deveria ter feito há muito tempo. Ninguém vai me ligar ao ocorrido. Eu posso voltar a ser Allyson a qualquer momento.

— Há tantas pessoas que devem odiar você tanto quanto eu — ela continua, dando mais alguns passos — E até conseguirem, se conseguirem identificar o veneno em seu organismo, já estarei muito longe.

Retrocedo dois passos em direção a parede, para longe dela, e sua seringa apontada para mim ao mesmo tempo que vejo a porta do banheiro sendo escancarada.

— Isso é o que você pensa, Allyson. Afaste-se dele!

Peter aponta o revólver para ela, mas estou mais preocupado com Penelope atrás dele. O quanto ela tinha escutado? Ao julgar pelo olhar colérico brilhando nos olhos dela, tenho certeza que ouviu tudo.

As marcas vermelhas em sua pele me dizem que Peter teve trabalho para mantê-la lá dentro. Mesmo meu lado protetor rugindo dentro de mim por ele ter sido grotesco, tenho que agradecer por ele a manter em segurança. Estamos lidando com uma louca capaz de tudo. E ela tinha uma arma, mais letal que uma bala de revólver.

— O que você faz aqui? — ela nos encara, em choque — O que ele faz aqui? Desgraçados! Era uma armadilha.

Peter avança; ela se afasta para mais perto de mim. Eu posso tentar desarmá-la, mas os riscos são altos. Um de nós dois pode sair contaminado.

— Solta a seringa, Allyson — Peter continua andando milimetricamente em direção a ela — Não tem como escapar dessa. Não piore as coisas.

— É tudo culpa dela! — Allyson grita, agitando a seringa no ar — Você, sua maldita, arruinou todos os meus planos. A culpa é sua. Vai vê-lo morrer bem na sua frente.

— Não faça isso, Aline — Penelope chora, vindo para o outro lado da cama — Pode me levar se você quiser. Estou grávida de

novo. Quer uma vingança melhor do que essa? Adam nunca mais vai nos ver.

— Não! — o grito ecoa da minha garganta.

Onde estão as merdas dos policiais que Peter disse que estaria lá fora? De forma alguma eu deixaria que Allyson se aproximasse dela, além do que está. Eu não havia blefado quando disse que a mataria.

— Pensa bem — Penelope continua completamente calma — Precisa de um refém para sair daqui. Há dezenas de policiais lá fora te esperando. Sou sua única escapatória.

— Penelope, para! — encaro-a desesperado — Não faça isso, meu amor.

Todas as vezes que achei que a perdi, como o dia que ela foi atropelada e os meses em que ficamos longe, nem se comparam com o horror desse momento.

— Ela pode ter razão — o sorriso vazio torna aos lábios dela — Fazer você sofrer talvez seja melhor do que o ver morto. Era o que o Nathan sempre dizia. Mas ainda quero que pague com a sua vida. Uma vida pela outra.

Allyson torna a me ter como alvo. Eu encaro Peter em busca de ajuda no mesmo instante em que seus lábios gesticulam, mandando-me saltar. Tudo aconteceu muito rápido, mas, para mim, parece ter durado horas. Atravessei a cama segundos antes de Allyson cravar a seringa no colchão.

Ouvi o som do tiro. Os gritos de Penelope no momento que se juntou a mim no chão. E apesar da dor dilacerante em meu abdômen, puxei-a para meus braços.

— *Você atirou em mim!*

Allyson rasteja até a parede próxima à porta, repetindo a acusação sem cessar. A mão deformada pela bala está pressionada em seu peito. Ela chora e geme de dor, como uma cobra que foi espezinhada. Peter havia sido certo ao acertar o tiro em seu punho; o estrago dificilmente seria remediado.

Ainda assim, acho muito pouco para o que ela fez e pretendia fazer. Sem remorso algum, eu teria o prazer de vê-la esvair-se em sangue diante de mim.

— Allyson Hale, está presa por tentativa de assassinato...

Os dois policiais à paisana finalmente aparecem. Eles leem todas as acusações feitas contra ela, enquanto a levantam do chão.

— Espera! — Penelope se desvencilha dos meus braços e fica em pé.

Levanto também, apoiando-me contra a cama, e vejo-a caminhar até onde eles estão. O som do primeiro tapa que ela desfere em Allyson ricocheteia pelo quarto. Seguindo de outro e mais outro. Os policiais a encaram, surpresos. Peter cruza os braços, sorrindo, e eu estou apreensivo de que ela venha a se machucar.

— Isso é por tentar nos separar! — ela puxa os cabelos de Allyson, que havia tentado abaixar a cabeça para se proteger — Isso é pelo meu filho!

É mesmo como uma leoa protegendo o filhote. Penelope bate com força e com vontade. Toda a raiva armazenada dentro dela sendo desferida em Allyson, que pouco consegue fazer para se defender. O rosto rapidamente ganha as marcas de uma mãe enfurecida.

— Peter, já chega! — digo a ele, pedindo que a afaste dali — Ela pode se machucar.

Ele desfaz o sorriso e caminha até as duas, afastando Penelope, que tenta atingir Allyson mais uma vez. A outra recua para perto dos policiais, bastante assustada.

— Eu estava gostando da cena — Peter a traz de volta para mim.

— É, mas é a Hale que quero ver presa — murmuro invocado — Não minha mulher.

Ele entende o recado e vai atrás dos policiais que acabaram de sair com a acusada. Peter daria um jeito para que nada manchasse Penelope. Ele sempre dá.

— Ei — afasto um pouco a pequena chorando, que fora novamente depositada em meus braços — Está tudo bem. Tudo acabou agora.

Estico a mão até o botão de emergência ao lado da cama e

desejo que uma das enfermeiras não demore a chegar. Após o calor do momento, eu noto que ela está em choque. Isso não é bom para o bebê.

— Eu tive tanto medo — ela pranteia, abraçando-me mais forte — Graças a Deus você está bem.

— Acabou — guio-a até a poltrona, fazendo-a sentar — Ninguém mais vai nos machucar.

Queria poder colocá-la em meu colo. Niná-la como fazia com Ben quando ele acordava de madrugada, até assegurar que ela se sentisse bem e segura de novo.

— Desculpe a demora, Sr. Crighton — a jovem enfermeira surge na porta — Há uma certa confusão lá fora. Está sentindo alguma coisa?

Eu posso dizer que minhas vísceras estão saltando para fora do meu corpo, diante da dor dilacerante que eu sinto. Devo ter estourado alguns pontos quando pulei da cama para o outro lado. Mas minha preocupação maior é com Penelope e o bebê.

— Ela não está muito bem. Pode chamar o doutor?

Eu me afasto para que ela possa cuidar de Penelope. Não é a mão vermelha e dolorida que me preocupa, mas o seu lado emocional.

— Meu Deus! — Penelope me encara angustiada — Está sangrando, Adam.

— Não se preocupe — tento enxergá-la através do borrão em meus olhos — Estou bem...

Tudo ficou escuro em seguida.

Capítulo 53

Penelope

Mesmo com todas as enfermeiras e o próprio médico tendo me garantido que Adam está bem, só desgrudei da cabeceira de sua cama por dois momentos: quando Adam foi atendido para refazerem os pontos que havia estourado e quando transferido de quarto. Nas duas vezes estive com Ben. Essas últimas horas foram tensas e assustadoras, nada me faria ficar longe deles.

Eu ainda sinto faíscas de adrenalina correndo pelo meu

corpo. Não acredito que fui capaz de avançar sobre Aline, na verdade Allyson, daquela maneira. Mas quando eu a ouvi do banheiro relatando orgulhosamente tudo o que tinha feito contra nós, perdi completamente a cabeça. Teria saído desnorteada e rasgado o rosto dela com minhas unhas, se Peter não tivesse silenciado meus lábios e segurado-me firmemente contra ele.

Quando lembro que quase perdi meu bebê, que Benjamin está neste hospital e que por culpa daquela bruxa as duas pessoas mais importantes da minha vida tinham passado por um risco enorme ao fazerem o transplante, sinto algo muito próximo ao ódio.

Tudo isso poderia ter sido evitado, se a maldita mulher não tivesse cruzado nossas vidas. Eu nunca conseguiria perdoar o que ela fez. Foi cruel, covarde e desumano. Ela é um monstro odioso e sem coração. Eu quis matá-la. Não me importou que já estivesse ferida, e que provavelmente ficará deformada, ainda assim, o castigo seria muito pouco. Queria que ela derramasse todas as lágrimas que verti ao ver meu bebê sofrer e por tudo o que Adam perdeu da vida dele.

Certamente, não é bom que eu nutra em mim sentimentos tão ruins. Mas é recente demais para que eu possa esquecer. Eu sei que o tempo curará todas as feridas abertas. O amor, o carinho e apoio de todos que amo, farão desses momentos apenas uma amarga lembrança, como um pesadelo ruim. E isso é tudo o que importa no momento: ser feliz com aqueles que eu amo. É

nisso que eu tenho que me dedicar agora.

— Oi, leoazinha — Adam pisca os cílios algumas vezes, até seus olhos conseguirem focar em mim — Me lembre de nunca a deixar zangada.

— É só não mexerem com quem eu amo — defendo-me — Como você se sente, querido?

Levo a mão dele, que o tempo todo estivera presa em minhas mãos, até os meus lábios. Meu coração finalmente se acalmou ao vê-lo abrir os olhos, e eu mergulho na profundidade do seu olhar.

— Com você ao meu lado, muito bem — seu polegar alisa minha bochecha, e só agora percebo meu rosto úmido — Você foi muito corajosa, mas nunca mais faça isso de novo. Nunca mais se coloque em risco, nem mesmo por um blefe.

Acho melhor não dizer a ele que não tinha blefado. Estive mesmo disposta a afastar Allyson de perto dele, mesmo que minha vida corresse risco. Claro que eu pensei nessa nova vida crescendo dentro de mim quando fiz a proposta. De alguma forma, eu encontraria um jeito de escapar e manter nosso filho em segurança.

— Eu prometo — estou sendo sincera. Até porque, espero nunca mais precisar de um ato como esse.

Nada mais de desentendimentos, pessoas ruins querendo o nosso mal, intrigas e conspirações. O último inimigo havia caído.

— Prometo que serei totalmente e completamente obediente,

meu senhor — meu olhar malicioso diz exatamente o contrário.

Ele ri. O som mais perfeito e encantador do mundo.

— E o quanto obediente você pretende ser? — ele afasta o lençol, me convidado para deitar ao seu lado.

Olho para a porta ligeiramente. A próxima ronda médica seria em uma hora, mais ou menos. E nós já levamos broncas o suficiente, devido aos comportamentos atrevidos e nada discretos que ele tem.

— Prometo não te agarrar, não te abraçar e não fazer nada inapropriado até chegarmos em casa.

Deito de lado, buscando colocar o máximo de distância entre nós dois.

— E se eu mandar fazer exatamente o contrário? — ele arqueia as sobrancelhas, fazendo careta. Era para ser sexy, mas é extremamente cômico.

— Comporte-se, senhor Crichton, está todo remendado, caso não se lembre —digo a ele, sorrindo — E eu prometi obediência, não falei que era com você.

Adam me puxa para mais perto, até nossos rostos praticamente se tocarem. Seu hálito morno tocando minha boca, fazendo-me desejar serem seus lábios ali. A mão cravada em minha cintura torna meus pensamentos nada menos que indecorosos.

— Ordens nem sempre foram feitas para serem cumpridas...

Ele me beija. Suave e carinhosamente. Ficamos assim, perdidos no tempo e espaço. Algo que sempre sentimos quando nós estamos juntos.

Com meus garotos de volta a casa, seguros e recuperando-se bem, eu pude relaxar e baixar a guarda. Benjamin havia se adaptado bem ao transplante, não houve, até o momento, nenhum indício ou ameaça de rejeição ao fígado transplantado. A cada dia ele está mais lindo e forte, espantosamente mais parecido com o pai. Com seis meses, a primeira palavra dele foi *papa*. E eu posso dizer que há, nessa casa, uma pessoa insuportavelmente orgulhosa dele. Não que eu tenha ciúmes, afinal, eu só passei dias, horas e semanas treinando-o para que falasse mamãe, mas não; Benjamin simplesmente gritou *papa* a plenos pulmões ao ver Adam chegar com um enorme urso marrom. Homens são criaturas visuais e interesseiras. Corruptíveis. Pois eles que se fortalecessem; minha garotinha e eu faremos da vida dos dois um verdadeiro martírio.

— Não vá me trair também, Amy — acaricio a pequena ondinha em meu ventre — Mamãe precisa de ajuda.

Estou com quatorze semanas de gestação, e estamos esperando a chegada de uma menina. Nossa pequena Amy — significa amada. Adam que escolheu o nome, antes mesmo da primeira ultrassonografia. Não haveria nome mais apropriado que esse. Já amamos muito, e esperamos ansiosamente para pegá-la nos braços e conhecer o seu rostinho.

Seria parecida comigo ou seria parecida com ele, como o Benjamin? Adam afirma que será parecida comigo.

— *Uma menina, com a minha cara, sofreria bullying na escola.*

Ele havia brincado em uma das várias noites que passamos imaginando como Amy seria. Obviamente, uma versão feminina dele deixaria muitos corações masculinos arrasados pelo caminho.

— Ei, Cinderela, acorda! — Juliene estala os dedos em frente ao meu rosto — Acha que o vestido ficou bom?

Olho para o espelho à minha frente, analisando o vestido de noiva em meu corpo. Diferente do vestido que a Sra. Wade tinha escolhido para mim, esse é mais curvilíneo e discreto e a calda abre a partir dos joelhos.

— Por que estou provando o vestido agora, se vou ter que ajustá-lo quando a bebê nascer?

Adiamos nosso casamento por causa do transplante; depois para acompanharmos com calma a recuperação do nosso filho, e

acabei por optar em realizar a cerimônia quando Amy nascer. Sinceramente, é apenas um ritual que Adam faz mais questão do que eu.

— Estamos apenas experimentando — ela me ajuda a descer depois que a costureira faz os retoques finais — Ainda temos o ensaio fotográfico para fazer. Sabe que eu quero que saia tudo perfeito.

Juliene anda tão obcecada com os preparativos nos dois últimos dias, que até parece que o casamento seria dela. Bem, até agora foi divertido ter algumas horas no Spa, recebendo massagem, fazendo limpeza de pele e cabelo. Mas o dia começa a ficar cansativo. Apesar dessa gravidez ser muito mais tranquila, dos enjoos matinais praticamente terem desaparecido e não me sentir como se fosse morrer antes mesmo de levantar da cama, tenho andado muito mais preguiçosa e sonolenta.

— Quero ir para casa — imploro a ela — Temos, no mínimo, sete meses para pensarmos em tudo.

— Não seja estraga-prazeres. Hoje é sábado, e me prometeu um dia só de garotas.

Eu realmente havia prometido ter um dia agradável com ela. Já nem me lembro quanto tempo não temos momentos assim, só nós duas.

— Tudo bem, vamos lá tirar as fotos — gemo, vencida — E eu que pensei que seria só compras no shopping e cinema...

Quando ela me disse *um pequeno ensaio fotográfico*, imaginei que seria ali mesmo no spa, e não que eu seria conduzida para sei lá onde, muito menos que um helicóptero estaria nos esperando.

— O que está acontecendo, Jenny? — pergunto à sorridente mulher próxima à porta.

— É o meu presente de casamento — ela grita, me arrastando para dentro do helicóptero, que começa a ronronar, pronto a alçar voo.

Vestida de noiva, com duas malucas ao meu lado, já começo a achar toda essa situação muito estranha.

— Para onde estamos indo?

— Campo!

— Praia!

As duas respondem ao mesmo tempo e desviam o olhar para longe de mim. Nitidamente elas escondem algo. E analisando toda a situação, não é preciso ser um grande gênio para eu desconfiar do que seja, embora eu tenha demorado um pouco para juntar todas as peças.

— Ok. Podem ir falando — peço através do microfone anexo

ao headset em nossas cabeças — O que Adam aprontou dessa vez?

— Não podemos dizer — Jenny faz um sinal, selando a boca, e Juliene finge olhar através da janela — Estamos proibidas.

Eu poderia chorar, espernear e implorar — delas eu não receberia nenhuma informação. Essas pequenas traidoras estão totalmente fechadas com Adam para me enlouquecer.

— Isso é sequestro! — digo a elas, agora com um gigantesco sorriso no rosto — Repito: sequestro! Sabem disso.

— Não. É um casamento — Juliene tapa os lábios, assim que se denuncia — Ai, merda.

Um casamento.

O meu casamento.

Quando Adam deixaria de me surpreender?

— E onde está o buquê?

As duas entreolham-se, rindo.

— Paige.

Tudo faz sentido agora. Não haveria pessoa melhor para ajudá-lo nessa loucura que Paige. Comparando com o pedido de casamento, com certeza não seria uma singela cerimônia em uma capelinha qualquer da cidade. Paige deve ter idealizado algo grande. Eu tenho as melhores amigas que alguém almejaria ter.

— Eu amo vocês — estendo as mãos a elas — Obrigada, por tudo.

Do helicóptero, para a limusine branca. Estarrecida, vou reconhecendo a cidade por onde circulamos. Edgartown, onde passei boa parte da minha vida, deixei para trás recordações dolorosas e havia fugido em busca de paz e felicidade.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto quando o carro estaciona em frente à igreja.

A mesma igreja que Maxwell havia me abandonado, fazendo de mim a chacota de todos. Eu havia sido humilhada publicamente, e ainda machuca saber o quanto as pessoas podem ser mesquinhas e más.

— Começando uma nova história — diz Jenny, antes de sair do carro, seguida por Juliene.

Meu coração é um solo de bateria. Lembranças do passado e presente misturam-se em minha cabeça. Não posso casar aqui. Enfrentar todas essas pessoas novamente.

— Eu não posso! — encolho-me no carro e fecho meus olhos, tentando controlar minha respiração acelerada — Não posso fazer isso...

Sinto o banco afundar ao meu lado. Certamente é Jenny tentando me convencer a sair e enfrentar todo mundo. Não sei se consigo ser tão corajosa como esperam.

— Você pode, querida — minha mão é acolhida por outras,

e ao abrir os olhos, deparo-me com meu pai — Lembra da última vez que estivemos aqui?

Como poderia esquecer? Foi a partir daquele momento que minha vida tomou outro rumo.

Penso no que teria acontecido se tivesse ficado em Edgartown. Teria a mesma vida pacata e vazia? Mas eu teria sido feliz? Teria me descoberto como pessoa e a mulher que sou hoje? Ou continuaria a ser a garota que dizia sim a todos, bem diferente da que agora sabe dizer o que quer? E, acima de tudo, teria me apaixonado da mesma maneira que me apaixonei por Adam?

Então tudo isso não faz sentido. Eu imaginei um casamento simples, com família e amigos. No jardim de casa, talvez. Não com centenas de pessoas que realmente não me conhecem.

— Eu era um homem diferente — meu pai continua, o carinho em minha mão tem o objetivo de me acalmar, e confesso que vai surtindo efeito — Você era apenas uma menina assustada. Desculpe por fazer daquele dia ainda mais difícil.

— Pai... — decidimos riscar o passado, deixando mágoas e acusações onde deveriam estar: enterradas.

— Se tornou uma linda mulher. Já é uma mãe incrível, e tenho certeza que será uma esposa maravilhosa — diz ele, sua voz carregada de emoção traz as minhas emoções à tona — Aquele homem te ama, minha filha. Ele faria qualquer coisa por você. Eu não poderia ter desejado um homem melhor para cuidar

do meu bem mais precioso. Então você consegue, sim. Nós mudamos. Você mudou. Nos tornamos pessoas melhores. É hora de toda essa cidade ver isso. Como é forte e feliz. E o quanto eu me sinto orgulhoso de quem você se tornou.

— Ah, pai! — abraço-o forte — Eu te amo, papai.

Dizem que o casamento é uma despedida entre pais e filhos; para mim, é como se fosse nosso reencontro. Há alguns meses, eu nem sonhava sequer vê-lo de novo. Hoje terei meus pais em meu casamento, como também tive com ele uma das conversas mais importantes de nossas vidas.

— Você me conduz?

— Claro que sim — seu sorriso brioso dizendo muito mais que suas palavras.

Quando desço do carro, Paige me entrega o buquê — lírios brancos, lindos. Ela ajeita a cauda do vestido e a tiara em minha cabeça. Pergunto se a maquiagem não havia borrado, e ela me diz que continuo linda.

— Vamos? — meu pai se coloca ao meu lado, dando seu braço como apoio.

Ele me guia da escada até a entrada de porta dupla. A marcha nupcial começa a tocar. Lauren e Lily, em seus vestidos branco com fitas prateadas na cintura, sorriem para mim e assumem seu posto, jogando as pétalas de rosa no cesto pelo tapete vermelho.

Da porta, noto a igreja lotada. Todos olham em minha direção. Reconheço alguns rostos e outros me parecem novos. No altar, todos os nossos amigos e minha família.

Todas as pessoas que eu esperava ver, menos Adam.

O pânico querendo tomar meu coração não é pelo medo de que ele tivesse feito o mesmo que Max. Mas sim, de que algo ruim tivesse acontecido para retardar esse momento.

— James? — a voz de Adam ecoa atrás de nós — Deixa comigo. Eu assumo daqui.

Viro rapidamente e me deparo com ele. O sorriso mais lindo que já presenciei em alguém. Benjamin é uma cópia dele em seus braços.

Meu amor e a minha vida — juntos. Ninguém mais no mundo é capaz de me fazer tão feliz quanto eles. Ninguém jamais os amaria tanto quanto eu.

— Não deveria me espantar com isso — meu pai coça a cabeça e caminha pela nave em direção ao altar.

Encaro Adam, obrigando minhas lágrimas a ficarem onde estão. Não quero perder um detalhe do seu rosto lindo e olhos que transbordam amor.

— Nós entraremos juntos. Como o Neil e Jenny fizeram — ele estende a mão para mim — Não apenas hoje, nessa igreja, mas pela vida inteira. Caminharemos sempre lado a lado.

Já não consigo mais controlar as lágrimas deslizando pelos meus olhos. Chorando e sorrindo, caminho com eles. Adam, Benjamin e Amy em meu ventre. Se eu sou forte, é porque são eles que me fazem mais forte. Se eu sou feliz, é porque são eles a razão para levantar e sorrir todos os dias. E se havia alguém aqui, hoje, em dúvida, agora terá a certeza de como somos felizes.

No entanto, para cada rosto que eu olhava, eu só via sorrisos sinceros. Assim como foram os nossos votos. Prometemos amar, respeitar e cuidar um do outro até nosso último suspiro de vida. Não houve poemas ou palavras ensaiadas. Dissemos o que nossos corações queriam dizer. Haverá dias ruins e complicados, assim é a vida, mas temos a plena certeza de que o nosso amor é mais forte que tudo.

A festa foi organizada no salão da igreja. A decoração é elegante e simples. Lírios com fitas douradas estão por todos os lados. Todos se sentem à vontade — comem, dançam, bebem e riem muito.

Com Juliene e Liam de babás, temos a noite toda para nós. Adam e eu já estamos, sei lá, dançando a vigésima música. Estou embriagada, mesmo sem ter ingerido uma única gota de álcool;

flutuando pelo salão, totalmente entregue aos braços dele.

— Será que eu posso? — afasto a cabeça do peito de Adam e encaro Max, parado em frente a nós dois, sua mão estendida em minha direção, solicitando uma dança.

Olho rapidamente para Adam, tentando pensar em alguma forma de mantê-lo calmo. Mas, para minha surpresa, ele sorri de forma serena.

— Lily me cobrou uma dança — ele me entrega a Max e vai em direção à menina correndo entre as mesas.

Entre atônita e confusa, deixo Max me conduzir pela dança. Definidamente, ele é a última pessoa que esperaria ver em nossa festa de casamento.

— Eu não sou um fantasma — ele ri ao analisar meu rosto franzido — E nem o monstro do armário, também.

O que ele faz aqui e porque Adam não surtou com a presença dele em nossa festa?

— Respondendo todas as perguntas aqui — ele toca a pequena ruga em minha testa, e eu a desfaço — Eu praticamente implorei ao seu marido que permitisse que a visse por alguns minutos.

Olha para Adam e Lily. Mesmo conversando e dançando com a garotinha, seus olhos estão pregados em mim. Ele sorri, eu sorrio de volta. Meu coração suspira apenas em olhar para ele.

— Eu já fiz muitas coisas erradas em minha vida, Penelope. Deixá-la aquele dia na igreja, no entanto, foi o ato mais digno que fiz — diz Max, tendo a minha atenção de volta para ele — Eu nunca teria esse brilho em seus olhos, sempre que olha para ele. Mas eu me arrependo por ter mentido e usado da sua boa-fé. De ter magoado você em algum momento e permitir que outras pessoas a magoassem. Eu não fui um homem bom, mas eu quero aprender a ser.

A diferença de estar no caminho errado e ser uma pessoa ruim é essa. Pessoas más como Nathan e Allyson não sentem remorso.

— Algumas pessoas são ruins porque se perdem na vida — digo a ele. Acredito sinceramente nessas palavras — As boas encontram o caminho de casa.

— Talvez um dia os meus pecados possam ser perdoados e eu seja digno do amor de uma mulher tão boa como você — ele interrompe a dança, segurando meu queixo — Quem sabe eu veja esse mesmo brilho nos olhos de alguém, por mim.

Eu desejo que ele seja feliz. Que faça alguma mulher por aí, precisando de amor, feliz.

— Wade, eu disse só uma dança — não vi quando Adam se aproximou, mas agora ele mantém firmemente a mão em minha cintura — Não me faça me arrepender.

— Eu acho que foi meia dança, mas não quero irritar você.

Sei muito bem o que acontece, já basta o grandão ali de cara feia — ele aponta Peter e seu olhar mortal para ele — E... Crighton. Seja feliz. Ela já é.

Outra música inicia, mas ao invés de dançarmos como imaginei, Adam nos conduz até uma cadeira em um canto mais isolado do salão.

— Está feliz, princesa? — pergunta, sentando-me em seu colo.

Charmosa, princesa, minha querida, meu amor. Amo todas as formas que ele me chama. Ele é o meu príncipe, tenho o meu lindo baile e, o melhor de tudo, não acaba à meia-noite. Meu conto de fadas está apenas começando.

— Nunca fui tão feliz, príncipe — respondo, colando meus lábios nos seus.

Lauren e Lily haviam iniciado essa brincadeira de príncipe e princesa; ninguém nunca esteve tão certo em relação a nós dois.

— Sra. Crighton — ele ergue minha mão e beija a aliança — Minha?

— Sempre sua — pego a mão dele, retribuindo o gesto carinhoso — Sr. Crighton. Meu?

— Sempre e eternamente seu.

Selamos a promessa com um beijo capaz de fazer todo o resto desaparecer. Estamos em uma esfera só nossa. Em uma

bolha reluzente chamada *amor*.

Capítulo 54

Penelope

Dubai...

Beijos deliciosos e suaves em minha pele quente. É assim que eu acordo após meu pequeno cochilo no fim de tarde. Adoro o jeito que ele me desperta, causando faíscas em todo o meu corpo. Eu fico ligada em apenas alguns minutos.

— Pensei que fosse dormir por cem anos, Bela — Adam me tira da espreguiçadeira, ocupando meu lugar, depois me coloca em seu colo, afundando o rosto em meu pescoço — Pensei que não acordaria mais. Estava bonitinha dormindo, mas eu me cansei de apenas olhar. Ainda dei uma volta na praia, mergulhei para me distrair, mas o que eu queria mesmo estava bem aqui, dormindo como um anjo.

— O quê? — afasto-me um pouco dele para olhar em seus olhos — Meu marido andando sozinho por aí?

Há um grande tom de brincadeira em minha voz, mas uma pontada de ciúmes também. Ainda me lembro da primeira vez que estivemos em Dubai. A forma que as mulheres olhavam para ele, praticamente se atirando sempre que Adam se afastava para pegar uma bebida ou por qualquer outro motivo. Agora não é diferente, na realidade, não seria diferente em qualquer lugar do mundo, esteja ele em trajes de praia ou lindamente vestido em um terno elegante. Mesmo com a aliança extravagante em seu dedo dizendo: *Mantenha distância!*

Eu tinha optado por uma mais discreta, mas meu doce e ciumento marido quis algo gritante aos olhos.

– *Para que todos vejam que já tem dono* — fora o que ele dissera quando questionei. Apesar das palavras soarem possessivas, sentia o mesmo que ele. Adam era meu. Como eu o pertencia também.

— Por vinte minutos — ele se queixa — Foi tudo o que consegui suportar longe de você.

Foi uma semana de lua de mel fantástica. Dias ensolarados, caminhadas pela praia, mergulho com os tubarões – mesmo contra a vontade dele –, jantares românticos e noites de tirar literalmente meu fôlego.

A única coisa a eclipsar nossos dias perfeitos foi a saudade

do Benjamin. Assim como prometeram, meus pais estão em New York passando esses dias com ele.

Sempre que podemos, eles fazem chamadas de vídeo no Skype. Ver o meu bebê tão lindo e tão longe me fazia chorar e pedir ao Adam para encurtarmos a viagem. Claro que ele cedia. Mas sempre que ele colocava as malas na cama, eu percebia como estava sendo ridícula.

— É uma pena termos que ir embora — ronrono quando ele vence a luta com o nó do biquíni e libera meus seios para o toque de sua boca.

— Há dois dias queria ir embora — as mãos tomam lugar dos lábios para que ele possa falar — Mas se quer ficar mais, eu dou um jeito.

Eu poderia ficar aqui com ele por toda a vida. Mas é só uma parte lúdica do que temos. Minha verdadeira felicidade está lá, em New York, com nosso filho e nossos amigos.

Esses momentos, nesse paraíso, guardarei em minha memória eternamente.

— Talvez um dia possamos voltar.

— Sempre que quiser. E sempre que quisermos fazer bebês — o riso em sua voz causa cócegas em minha pele.

Havíamos conversado algumas vezes em qual parte do complexo nós tínhamos produzido Ben. Eu tenho certeza que foi na jacuzzi. Ele acredita que foi na varanda. E de acordo com os

dias intensos que temos vivido, certamente voltaria grávida, se já não estivesse.

— Eu já disse que a amo hoje?

— Só umas centenas de vezes.

Ele me livra da parte de baixo do biquíni e, após, me estimula um pouco, o suficiente para eu não sentir desconforto ao deslizá-lo para dentro de mim. O que, eu confesso, é muito bom.

— Então preciso corrigir isso — ele murmura em meu ouvido enquanto movimento-me sobre ele — Tenho que dizer milhares de vezes. Eu te amo... Eu te amo... Eu te amo.

A declaração continua sendo sussurrada em meus ouvidos, até sermos arrebatados por um orgasmo intenso.

New York...

Está sendo difícil manter minhas mãos e pensamentos longe de Adam, sem camisa, vestindo apenas a calça do pijama. Ainda mais quando não faz uma hora que tínhamos acabado de

fazer amor. Teríamos continuado em nosso interlúdio amoroso, se Ben não tivesse acordado exigindo nossa atenção.

Então, a opção para o final da manhã de domingo era pai e filho brincando no chão. E eu esparramada no sofá da sala, admirando e alisando meu ventre redondo. Às vezes, eu sussurro algo carinhoso para a bebê enquanto Adam brinca com Benjamin no chão. Todo o dia é uma experiência nova para gente. Ben nos ensina muito, e vivenciarmos juntos a espera dessa criança é algo incomparável.

— Adam — sussurro bem baixinho, temendo que minha afobação faça com ela fique quieta — Adam!

Ele me encara. Acho que o olhar espantado em meu rosto deu uma ideia completamente errônea. Quando levanta seu rosto, está tão branco como cera.

— Fica aqui, querido — ele coloca Benjamin no cercadinho e vem para perto de mim no sofá — Fica calma e não tenha medo. Eu estou aqui.

Sinto o beijo apressado em minha testa. E antes que eu possa protestar sobre o que ele está fazendo, vejo-o subir a escada correndo. Cinco minutos depois, ele retorna com a camiseta do avesso, sapatos sem meias e a calça vestida de forma estranha.

— Onde eu coloquei as malditas chaves? — ele anda em volta da sala, procurando-as desesperadamente.

— Amor, o que você está fazendo?

Ele para, esfrega a sobrancelha do jeito que faz sempre que está nervoso e me olha em pânico.

— Eu chamo um táxi — Adam ajoelha ao meu lado — A gente vai para o hospital e tudo vai ficar bem, tá bom?

— Por que precisamos de um táxi, ou melhor, ir ao hospital?

Ele alisa meu rosto de uma forma tão gentil que me faz ter vontade de chorar. A gravidez só me deixa mais emocional.

— Não precisa ter medo — ele me abraça — Seja o que estiver sentindo, não tem que esconder nem me poupar de nada. Estamos juntos nisso.

— A única coisa que estava sentindo era a bebê chutar — eu fungo para evitar o choro.

Eu já tinha sentido os movimentos da Amy muitas vezes. Ela era bem mais ativa que o Ben, no entanto, os movimentos não eram tão perceptíveis a ele. Hoje eu vi nitidamente as ondas formando em minha barriga.

— Ela está mexendo?

— Estava — respondo decepcionada.

— Ah, que merda! — ele diz para si mesmo.

Ele abraça meu ventre e começa a falar com ela. Estou presa nesse encantamento.

— O papai te ama muito... — ele continua a dizer, beijando e fazendo carinho como se ela estivesse mesmo entre nós, em nossos braços.

Mulheres são naturalmente sentimentais; as grávidas levam isso a um patamar inalcançável. Eu, então, sou um poço de emoções e lágrimas transbordando pelos meus olhos. Não sei se é o meu estado emocional que a faz ficar agitada ou se é o carinho paternal dele, mas de repente, tenho uma dançarina completamente ativa dentro de mim.

— Sentiu isso? — pressiono a mão dele na lateral da minha barriga.

A pequena ondinha se movimenta, deixa-o estático por alguns segundos.

— Nunca viu isso com as gêmeas? — pergunto, porque ele parece encantado com algo sobrenatural.

Vejo uma leve sombra passando em seu olhar.

— Era diferente — ele soa culpado — Eu quis ficar o máximo possível longe delas.

Amor é algo que não se explica. Mesmo ele tendo se mantido afastado delas por um longo tempo, Adam é o tio preferido de Lauren e Lily.

— Eu senti — seus olhos é pura emoção e felicidade — Senti, sim. O Benjamin era assim?

Já esperava por essa pergunta. Todas as vezes que algo relacionado a Amy acontecia, ele me perguntava se com Ben foi da mesma maneira. Eu curti cada momento da gravidez do nosso filho, mas passei tanto tempo preocupada em mantê-lo seguro e vivo que, de certa forma, jogava uma sombra em minha felicidade. Além disso, eu estava sozinha, com medo e magoada.

— Ela é bem mais agitada que ele — sorrio para o ventre em festa. — Benjamin sempre foi mais tranquilo, mesmo quando em meu ventre. Talvez seja de sua própria natureza. Ou o fato do que Allyson fez...

Sempre que penso nessa mulher, eu me altero. As lembranças de tudo o que fez ainda me remoem. Mas eu jurei que não a deixaria nos prejudicar mais do que já o fez. Ficar furiosa não faria bem à nossa filha. Então, decido ignorá-la, esquecer que um dia ela existiu em nossas vidas.

— Allyson está presa e pagando pelo o que fez, bem longe de nós — ele me beija.

É o suficiente para afastar todos os fantasmas da minha cabeça e aquietar meu coração. Voltamos para o que é mais importante: a nossa família. Ele pega o Ben no cercado, e se juntam a mim no sofá. Os dois com as mãos em mim, encantados com a festa que nossa menina faz em minha barriga.

Foi um longo caminho até aqui, mas conseguimos. Somos felizes. Não há mais nada que eu almeje no mundo.

Capítulo 55

Adam

O casamento do Liam com Juliene foi memorável, assim como eles. Se os opostos se atraem, os similares são perfeitos, pelo menos no caso deles.

Estou feliz por ele encontrar a felicidade tão merecida. Saber que o filho de Cecilia era mesmo dele, no fundo o abalou, mesmo que tenha negado. Eu faria qualquer coisa para que a dor continuasse a ser minha. Mas era preciso que ele vivesse sua própria história. No fim, ele encontrou seu caminho e terminou tudo bem.

— Querido, eu tenho que ir ao toalete — Penelope me chama.

Desvio o olhar do casal de noivos dançando e procuro

alguém que possa ficar com Ben. Faltando apenas alguns dias para Amy nascer, me preocupou que ela tivesse um dia exaustivo como hoje. Mas claro que ela não ficaria sentada, como praticamente implorei. Tinha que participar de cada detalhe na organização da cerimônia até o baile, mesmo tendo uma equipe cuidando de todos os detalhes.

— Eu levo você.

— Só que eu vou andando — ela suspira e revira os olhos para mim.

Apesar de encantador, me deixa relativamente irritado que Penelope se preocupe tão pouco consigo mesma. Sei que estou sendo superprotetor, mas ao se tratar dela e de sua segurança e bem-estar, levo isso com a mesma seriedade que Peter conduz o trabalho dele.

Peço que Stephanie fique com Benjamin, o que ela adora, e ajudo minha adorável e teimosa esposa a levantar da mesa.

— Não deveríamos ter vindo — digo quando ela para, massageando a lombar.

— É o casamento do Liam, seu irmão — voltamos a caminhar — E da minha prima. Lembra?

— Mas você está grávida — insisto como se isso justificasse tudo.

— Sim — ela sorri e aponta a barriga — Apesar de ser visível, disse isso a todo mundo essa noite. Por favor, Adam, não

podíamos faltar ao casamento deles.

— Liam iria entender.

Meu irmão nunca colocaria a chegada desse bebê em risco. Ele sabe como a chegada dela é importante para nós. Mas mesmo eu sendo absurdamente protetor, Penelope está certa. É um dia importante para o Liam. Então, só me resta ficar atento a cada movimento dela. Mesmo que isso a enlouqueça, como me disse o dia inteiro.

— Não pode entrar — ela solta minha mão assim que chegamos à porta — É um toalete feminino.

— Nunca foi um problema para nós dois.

Lembro da nossa pequena aventura quando a levei à boate e durante a nossa lua de mel. Nenhum lugar era impedimento para frear o desejo correndo em nossas veias.

— Mas eu não era uma baleia gigante prestes a dar à luz — ela se queixa — Meus pais, os seus pais e a família toda não estavam lá. Além disso, só quero fazer xixi. Preciso guardar minhas energias para depois. Minha mãe disse que fica de babá. Prepare-se, meu marido. Vou te surpreender.

Mesmo com a gravidez avançando, nosso apetite sexual não diminuiu. Pelo contrário; cada dia a acho linda. Evito sexo selvagem, o que nem sempre a agrada ou é possível quando ela me provoca, levando-me ao limite. Tenho tentado ser mais delicado, buscando posições que não sejam tão desconfortáveis a

ela. Mas esse olhar malicioso em direção a mim promete uma noite inesquecível.

— Tudo bem, mas eu fico aqui na porta.

Foi o que fiz. Não arredaria o pé dali até que ela estivesse ao meu lado de volta à festa. Eu seria como um cão de guarda para qualquer coisa que viesse a precisar de mim.

O que não demorou muito tempo. Alguns minutos depois, ouço-a gritar por mim.

— Vai nascer — ela diz, assim que estouro porta adentro — Ela vai nascer.

Encolhida em um dos bancos do banheiro, com um sorriso resplandecente e um olhar tranquilo, está minha esposa prestes a dar à luz. E ela me diz isso como se estivesse informando que iria ao salão de beleza fazer as unhas.

— Aqui? — olho-a aturdido — Na festa?

Ela respira fundo e inicia a respiração que aprendemos nas aulas de pré-natal.

— Aqui e agora. Chama a Katty.

Minhas pernas estão tão trêmulas que nem sei como consegui alcançá-la.

— Vamos para o hospital.

— Não dá tempo, querido — murmura ela, tornando a gemer — A bolsa já rompeu. Vai nascer agora.

Pânico é um eufemismo para o que estou sentindo. Estou literalmente louco e apavorado.

Encontrar Katty na festa não foi nada difícil quando se carregada uma grávida no colo e tem um olhar capaz de fulminar as pessoas pelo caminho. Excluindo Peter, obviamente. Esse ficou pálido e fugiu de nós dois, logo que nos viu.

Minha irmã nos levou imediatamente para uma saleta reservada a Juliene, para que trocasse de roupa antes de partir em lua de mel.

— Quanto tempo tem sentido as contrações? — Katty pergunta ao começar a examiná-la.

Não sei se é hábito dela levar uma maleta em seu carro ou todos os médicos fazem isso, mas estou agradecido que ela tenha uma no carro. E foi Liam a trazer tudo o que supostamente ela precisaria. Ainda tenho convicção de que temos que ir para o hospital.

— Desde de manhã — Penelope diz em meio à respiração.

— Porra! — olho para ela sem conseguir acreditar no que ela diz — E não me disse nada

— Desculpe — o arrependimento em sua voz e o olhar triste para mim me fazem recuar — Não quis preocupar você. E só achei que era um desconforto. Com o Ben, a bolsa estourou e fui direto para o hospital.

Tudo bem. Não é o momento de jogar mais pressão sobre ela

e começar a agir como um idiota.

— Não queria perder seu casamento, Liam.

— Não se preocupe — Liam beija a testa dela — É o melhor presente que poderia me dar hoje. Vamos trazer essa bonequinha para a nossa festa.

Deus! Minha filha vai nascer. De repente, meu coração parece querer saltar pela minha boca, tamanha é a minha apreensão e ansiedade.

— Não é melhor levá-la até o hospital, Katty?

— Não dará tempo — ela alerta — Já está com dez centímetros de dilatação. É nascer aqui ou no carro.

Estou preso entre a cruz e a espada. Claro que desejo que minha filha chegue ao mundo como havíamos planejado: no quarto do hospital esperando por ela. Mas a vida às vezes segue rumos diferentes. Então, entre tê-la aqui aos cuidados de Katty, Liam e minha mãe que acabou de se juntar a nós e correr o risco de que algo desse errado no caminho, prefiro a tranquilidade e segurança que minha família tem a oferecer. Todos são médicos conceituados e sabem o que estão fazendo.

— Certo. Faça o que tem que fazer — digo a ela e pego as mãos trêmulas de Penelope nas minhas — Vai dar tudo certo, querida. Vamos trazer nossa princesinha ao mundo.

O sorriso corajoso e repleto de confiança em mim dão toda força que eu preciso para ficar firme e apoiá-la. Antes de assumir

minha posição atrás dela, beijo-a rapidamente nos lábios.

— Isso, querida — Katty, minha mãe e Liam vão encorajando-a a cada nova contração. — Já estamos vendo-a. Você consegue.

Eu a sustento em meu peito, absorvendo suas unhas em minha pele, e rezo para que tudo acabe logo e bem.

Quase uma hora depois, Penelope solta o último gemido. Eu vejo o bebê deslizar para as mãos de Katty, e o som do choro da minha filha ecoa vibrante. O som mais lindo do mundo, e que eu jamais iria esquecer.

Hipnotizado, vejo Liam tirar o terno. Katty envolve a pequena Amy e a deposita no peito da mãe.

— Minha filha linda — ela pranteia, ajeitando melhor a criança em seu colo — Nossa filhinha, Adam.

Enxugo meus olhos. Não quero perder um único detalhe. Beijo a cabeça de Penelope e apoio meu queixo levemente para olhar nossa filha. Ainda é cedo dizer, mas assim como imaginei, ela é a cópia perfeita da mãe. Olhos claros, rosto oval e delicado. A boca em forma de coração já suga avidamente o seio da mãe. Só posso amá-la ainda mais, se isso é possível.

— Minha Charmosinha — sussurro entre risos e lágrimas — Eu te amo tanto. Queríamos tanto vê-la, filha.

Os próximos minutos são nossos, introduzindo Amy em nossa bolha de amor; certificando o quanto ela é especial para a

gente.

— A ambulância já chegou — Juliene aparece na porta — Posso vê-la antes de irem?

Nós a chamamos com as mãos. Estamos emocionados demais para que qualquer palavra saia de nossas bocas. Estou completamente embasbacado e apaixonado por nossa filha.

— Ela é linda, Penelope — Juliene acaricia os dedos da bebê.

Alguns minutos depois, um socorrista aparece com a cadeira de rodas. Eu mesmo decido conduzi-las para fora. Quando chegamos à porta, encontramos Jenny, Paige e Fabiana esperando por sua vez de ver a bebê. Como era o esperado, elas fazem algazarra em volta de Amy.

Nossa filha é mesmo linda, e todos se encantam com ela.

Quando cruzamos o salão de baile, há uma chuva de aplausos e assobios. Inicialmente temo que assuste a menina, o que espantosamente não acontece.

— Deixa eu pegá-la só um minuto antes de irem — Liam interrompe nosso caminho e pega Amy em seu colo.

Ele caminha até o palco, levando a neném com ele.

— Meus amigos, esse foi um dia maravilhoso para mim — ele estende a mão a Juliene — Eu me casei com a garota mais fantástica do mundo, e agora nossa família acaba de receber um

novo membro.

Penelope apoia a cabeça em minha cintura, e eu abraço seu ombro. Não tento segurar minhas lágrimas. Hoje é permitido que eu tenha e expresse todas as minhas emoções.

— Deem boas-vindas a Amy — Liam a ergue como se fosse um troféu — A nova Crighton.

Foi exagerado, emocional e talvez um pouco piegas, mas quem se importa? Minha filha tinha vindo com todas as honras do mundo. Mais uma princesinha para o meu reinado.

Sou o homem mais completo e realizado do mundo.

Algumas horas depois, após já ter falado com o médico e ele ter garantido que Amy está perfeitamente bem, apesar de ter vindo alguns dias antes do previsto, e antes de voltar para o quarto e ficar com elas, ligo para Stephanie e peço para falar com Ben. Ele ainda é apenas um bebê, mas não quero que se sinta excluído. Desejo dar aos dois, e quantos mais filhos que tivermos, o mesmo carinho e atenção que meus pais deram a mim e meus irmãos. Nunca houve competição entre a gente.

— Você é completamente maluco — diz ela quando eu entro no quarto florido — Por que tudo isso?

Dúzias de rosas enfeitam o ambiente. Eu mesmo havia encomendado na floricultura na esquina do hospital. Sinceramente ainda acho pouco. Elas merecem todo um jardim.

— Por você? — ajoelho entre a cama onde ela está e o berço

de Amy — Sempre.

— Eu disse que te daria uma noite inesquecível — diz ela sorrindo.

Pode alguém ser mais linda?

— A melhor noite de toda a minha vida. Obrigada por me fazer tão feliz. Amo você.

— Também te amo. Cada dia mais.

Ela oferece os lábios para que os beije, o que faço sem titubear.

Nos separamos apenas para admirarmos nossa obra-prima um pouco mais. Não cabe em mim tanta felicidade, então ela transborda pelos meus olhos.

Capítulo 56

Penelope

Um ano depois

Quando saio do consultório médico, vou até o shopping mais próximo em busca do presente perfeito. Assim que eu encontro, vou direto para a Crighton Advogados. Amber, a nova secretária, apressa-se em me receber. Veronica tinha sido substituída e indicada a um colega de faculdade de Adam, que abriu um escritório na cidade.

Honestamente, eu não vi necessidade disso, mas de acordo com Adam, ele não queria mais nada que nos ligasse ao passado doloroso. Sendo Veronica irmã da Grace, era meio difícil.

— Boa tarde, Sra. Crigton — diz Amber com um enorme sorriso — O Dr. Crighton está com um cliente, mas já irei anunciá-la.

Mesmo Amber tendo mais ou menos a minha idade e ser bonita, gostei dela à primeira vista. Ela tem um noivo, e vão se casar no fim do ano. Ele é estudante de advocacia e faz estágio com Savannah. É notável o quanto são apaixonados.

— Não é necessário, Amber — sorrio de volta para ela — Eu posso esperar.

Ela faz menção de guardar minha sacola de compra, mas eu

me nego. Continuamos a conversar enquanto eu espero.

Quando o cliente sai, aparentemente feliz, Adam vem ao meu encontro. Ele me beija e conduz para dentro de sua sala.

— É sempre bom quando me surpreende assim — ele me senta em seu colo, abraçando minha cintura — Onde estão as crianças?

— Estão com a Meg na casa dos seus pais — ronrono quando ele passa o nariz em meu pescoço. Vou abusar da sua mãe essa noite.

Agora eu trabalho em casa como consultora da DET. E até havia conseguido mais dois clientes. Então tive que encontrar uma babá. Meg é uma senhora encantadora e apaixonada pelas crianças.

— Humm... — ele desliza a língua sobre meus lábios. O pequeno gesto já me deixa acesa — Minha esposa planeja coisas sujas. O que eu fiz para ter tanta sorte?

— Você só é o homem mais lindo e maravilhoso do mundo — beijo-o e beijo repetidas vezes — E gostoso.

Ele ri. O sorriso rouco ricocheteia em meu corpo. Como sou apaixonada por ele. É um amor sem limites.

— Quero comer você — diz ele, rude e seco — Aqui, nessa mesa.

Fizemos isso tantas vezes que já nem é mais um choque

para mim.

— Posso te contar uma coisa antes? — tento resistir às suas mãos sobre mim, livrando-me do meu vestido — Na verdade, dar.

— Você vai me dar — ele me levanta e desliza minha calcinha até o joelho — Vai dar bem gostoso.

Cretino safado. Quem resiste a um bom cretino como ele? Eu nem quero.

Quando seus dedos estão em minha vagina, fazendo-me subir às alturas, esqueço até o meu nome. A sacola vai ao chão em um baque surdo.

Seus dedos entrando e saindo de dentro de mim e o outro estimulando meu clitóris, me fazem implorar por mais.

— Quero você — exijo puxando a gravata — Por favor!

Adam grunhe e me vira de bruços contra a mesa ao me ouvir suplicar. Coloquei mais entonação em minha voz, porque sei que isso o deixa louco. E eu fico insana quando ele perde o controle.

Cada arremetida faz meus seios deslizarem sobre a mesa. A sensação de tê-lo dentro de mim é tão boa que, em segundos, estou literalmente revirando meus olhos, lambendo e mordendo meus lábios, entregue a essa doce tortura.

— Goza, querida — ele sussurra em meu ouvido. Seus quadris se movendo contra mim de forma esplêndida. O que achei impossível, ele faz com maestria; meu prazer se intensifica

— Não vou conseguir aguentar muito tempo. É gostosa demais.

E quando ele toca meu clitóris, beliscando-o levemente, estrelas surgem em meus olhos.

— Porra! — meu grito chicoteia na sala.

Sim, eu havia aprendido a adquirir uma boca suja. *Me diz com quem andas e te direi quem és.*

Suados, quase satisfeitos, nós nos acalmamos no braço do outro. Olho nossa imagem através da janela de vidro. Adam, sentado em sua cadeira como um rei; eu sentada sobre ele, meus braços em volta do seu pescoço, e sua cabeça em meu ombro. É a imagem mais linda e erótico que eu já vi.

— Eu te amo — ele diz — Quantas vezes será necessário eu dizer isso para tentar chegar perto do que eu realmente sinto?

— A eternidade inteira? — pergunto. Sinto o mesmo que ele. Sempre seria pouco dizer isso.

— É pouco ainda — ele me abraça mais forte — O que você queria me dizer antes de me atacar?

Bato em seu peito, entrando na brincadeira.

— Ei, eu sou a única completamente nua aqui. Então acho que *eu* fui atacada.

— Eu estava trabalhando como um bom chefe de família. Você chegou com a história de que queria dar.

Não consigo segurar a gargalhada. Esse é um Adam bem

diferente do que eu conheci. Se o amor transforma as pessoas, ele é uma prova viva.

— Então, o que a minha ocupada esposa tinha de importante para falar?

— Eu disse dar. Pode pegar a sacola no chão.

Ele se inclina, levando-me com ele. Quando nos ergue, aproveita para abocanhar o meu seio. Um gemido rouco escapa dos meus lábios.

— Abra a sacola e deixa de ser pervertido.

Ele faz o que peço, e tira da sacola um lindo coelho branco de pelúcia. O bichinho tem óculos e uma gravata vermelha.

— É para Amy? — ele pergunta confuso.

— É seu — pego sua mão em minha cintura e conduzo-a até meu ventre — Lembra quando Liam disse que parecíamos coelhos?

Ele sorri. O sorriso vai alargando ainda mais conforme vai assimilando o que eu quero dizer.

— Outro bebê?

Balanço a cabeça em resposta à sua pergunta. Outro bebê, mais um bebê. E nossa família está ficando tão grande quanto o nosso amor.

Epílogo

Adam

Alguns anos depois...

— Eu tenho certeza que o caso de amanhã é ganho — Savannah me diz — As provas que conseguimos são incontestáveis.

— Creio que sim, mas é melhor estarmos preparados.

Despeço-me dela no térreo. Enquanto espero que tragam meu carro, eu ando pela calçada. Ao invés do caso do dia seguinte, penso em minha família. Minha encantadora esposa Penelope. Benjamin, tão parecido comigo fisicamente, mas, ao mesmo tempo, possui sua própria personalidade. Ele é mais sério e concentrado. Será médico como o tio dele e os avós.

Minha doce e alegre Amy. Cópia fiel da Penelope. Cheia de vida e ainda mais doce que a mãe. Eu peço que o mundo nunca

tire a inocência e a bondade dela. Enquanto eu viver, jamais permitirei isso.

Logo vem Joy e Victoria, as gêmeas espevitadas. A casa nunca é a mesma com elas, sempre aprontando as loucuras mais inacreditáveis do mundo.

Por fim, o pequeno Cory. A única vez que realmente havíamos tido um pouco de cuidado em não termos mais filhos, ele tinha surgido, pegando a todos de surpresa.

Já não temos tanta energia como antes. Mas Cory é um anjo que ilumina a vida de todos.

Olho para o céu e agradeço novamente a Deus a família que tenho e a paz que encontrei com a mulher que eu amo.

Volto a olhar para a rua, e uma imagem me faz paralisar.

Um dia, você estará na rua. Uma jovem passará por você. Ela será tão parecida com a mãe que vai desejar que tenha sido sua...

As palavras de Liam vêm à minha cabeça como se ele sussurrasse em meu ouvido.

— Pai!

Amy corre os metros finais até mim e me abraça. Lágrimas densas imediatamente vêm aos meus olhos. Como esquecer aquele dia no hospital, quando eu havia acreditado que perdi tudo?

— Amy... — balanço-a contra mim — Eu te amo tanto, filha.

— Eu também te amo, pai — ela se afasta e seca meus olhos — Por que está chorando, pai?

Um dia, eu contaria a ela a parte amarga da nossa história. Por enquanto, nos seus doces sonhos românticos, tudo o que precisa saber é o conto de fadas entre mim e a mãe dela.

— Por que eu estou feliz em te ver — respondo segurando sua mão enquanto vamos em direção ao meu carro, que tinha chegado — E o que faz aqui sozinha?

— Eu estava com Benjamin e Alicia no shopping. Bom, um amigo dela apareceu, e o Benjamin ficou cheio de ciúmes. Eu pedi que me deixassem aqui perto e ele foi levá-la para casa.

O que acontece com Benjamin e Alicia é uma incógnita para mim. Penelope diz que estão apaixonados, embora eles afirmem que são apenas amigos. Seria como eles dizem: nojento. Eram como irmão, afirmavam.

Mas eu nunca vi Ben ser tão apegado a outra garota, e com Alicia não era diferente. Ela afasta todas as meninas dele; nenhuma era boa para ser sua namorada.

Richard até já teve aquele conversa de pai comigo.

— Você, que é mais esperta — digo a Amy quando chegamos ao carro — O que *tá rolando* entre eles?

— O que *tá rolando*? — ela ri da minha tentativa ridícula de ser descolado com ela — Eles se gostam, mas nenhum vai admitir.

Então eu vou ter que ter a conversa com Ben antes de Richard. O cara é simplesmente terrorista quando o assunto é a filha. Acho bom que o meu filho decida logo o que quer.

— Senhor, pode me dar algum dinheiro?

Meus pensamentos são interrompidos quando uma andarilha para entre nós. Ela fede como se há semanas não tomasse banho. As roupas rasgadas e encardidas dão um ar muito mais esquisito. O rosto sujo esconde boa parte de sua imagem, mas eu jamais esqueceria aqueles olhos. E a mão deformada confirma ser a mesma pessoa.

Quando Allyson foi solta, há alguns anos, fiquei seriamente preocupado com a minha família. Peter a vigiou por meses. Ela acabou nas ruas, se prostituindo. Mas já não era tão jovem e bonita, além da deformidade na mão; era mais vítima de homens inescrupulosos do que alguém capaz de ganhar a vida com isso. Acabou parando nas ruas mendigando comida. Já a tinha visto pelos arredores, bêbada ou dormindo. Não posso dizer que tenho pena, mas esse é um fim triste para qualquer pessoa.

— Aqui, senhora — Amy pega todas as notas e moedas que havia em sua bolsa — Tenha um bom dia.

Entramos no carro. Vejo minha filha lançar um ou dois olhares para trás, onde a maltrapilha segue tropeçando.

— Ninguém merece um fim assim, papai — ela suspira.

— Ninguém merece — toco sua mão antes de dar marcha

no carro — Mas algumas pessoas procuram.

Eu ligo o rádio para distraí-la. Começamos a cantar. Logo o encontro com aquela mulher é esquecido.

Eu fico orgulhoso de minha filha ser alguém melhor do que eu.

— Vai me deixar estagiar no seu escritório? – ela pergunta quando chegamos em casa.

— Vai mesmo ser advogada como eu?

Pareço um pavão, como Penelope diz, sempre que Amy toca no assunto.

— Como você, não — ela brinca — Melhor que você.

— Está certo. Conversamos na segunda.

Ela me dá um beijo estalado e sobe a escada em direção ao quarto. Sei que ficará lá grudada no celular e no fone de ouvido até o jantar. Ao passar pela sala, em direção à cozinha, encontro Cory jogando videogame na sala.

— Pai? — ele salta ao me ver e me abraça pela cintura — Podemos andar de skate mais tarde?

— Claro que sim. Apreendi umas manobras novas no X-box.

Claro que é mentira. Mal consigo me equilibrar decentemente no skate.

— Legal — ele pula e volta a dar toda sua atenção à TV.

Sei que as gêmeas estão no colégio, envolvidas com alguma atividade na escola, por isso chegariam mais tarde. Então, os ruídos vindos da cozinha só podem ser de uma pessoa. Vou direto para lá. Penelope está retirando algo do forno. O bumbum delicioso empinado para mim.

Espero ela colocar a travessa na pia e pressiono meu pau contra ela.

— Mulher, não me provoca assim.

Ela dá um grito assustado e logo vira para me receber com um beijo.

Assim que nos afastamos para recuperar o fôlego, pego alguns minutos para admirá-la.

A maturidade só a deixou mais atraente. Prova disso são os olhares interessados que alguns amigos de Ben dão a ela quando acham que eu não estou vendo. Agora ela é uma mulher, e que mulher! Ao invés de meu ciúme ter diminuído, ele havia resistido bravamente ao tempo.

Controlado e sabe quando agir, afinal, não sou idiota de colocar nossa relação em risco por coisas idiotas. Então eu me cuido e dou conta do recado todas as vezes. Deixar juvenzinhos cheios de testosterona no chinelo não é algo fácil. Não por ela. Mesmo se nunca mais em nossas vidas fizéssemos sexo, nos afastaria. Mas eu sou homem. Tenho orgulho e a obrigação de deixar minha mulher satisfeita dentro e fora da cama, assim

como ela faz comigo.

— Vamos para o quarto — puxou-a para fora da cozinha.

— Tenho que terminar o jantar — ela diz com pouca convicção.

— Eu te ajudo — pego-a no colo e carrego-a por todo corredor.

Cory nos dá aquele olhar que os filhos lançam aos pais quando estão namorando, e em seguida seu jogo volta a ser mais interessante.

Em nosso quarto, não transamos alucinados como meus instintos desejam. Eu faço amor com ela. Lento e carinhosamente. Trocamos e renovamos nosso amor.

Havia muita atração quando nos conhecemos. Foi mais adiante, transformou-se em um amor puro, forte e sincero.

Não. Foi muito mais longe que isso. O que sentimos um pelo outro vai muito *além do amor*.

Fim.

Louco Por Você Livro 7

Prólogo

Liam

Acordo desnortado e sentido como se minha cabeça fosse explodir. Recuso-me a abrir os olhos, mas a fresta de luz atravessando o vão entre as cortinas da janela em meu quarto vem direto em meus olhos.

Eu gemo e viro para o outro lado. Mas o martelar em minha cabeça é tão forte que dificilmente conseguiria dormir outra vez.

Raramente eu bebo. Um estudante de Medicina não tem tempo para esses luxos. O curso é cansativo e requer muito empenho e dedicação. Eu só me permito relaxar nas férias.

O que não vem sendo algo fácil também. Minha vida tem sido uma grande merda. Culpa disso é Cecília, noiva do meu irmão.

Crescemos praticamente juntos. O quarteto feliz: Adam, Katty, Cecilia e eu.

Nunca a tinha visto além de uma irmã para mim. Achei que Adam a visse da mesma forma. Foi um choque voltar para casa no semestre passado e descobrir que haviam oficializado a relação. Adam não a ama, disso tenho certeza. Não dessa forma. Acho que ele só está acostumado a brincadeira que nossos pais faziam quando éramos jovens, de casar os dois. Na verdade, é a mãe dela a impulsionar essa ideia absurda. Nunca vi mal nisso, até agora.

E eu deixaria tudo quieto, se há dois dias Cecilia não tivesse me procurado chorando e confessado que na verdade me ama. Que o noivado com Adam foi apenas uma tentativa de chamar minha atenção.

É claro que a merda toda fodeu comigo. Até retribui seu beijo para ver se sentia alguma coisa. Não aconteceu. Até hoje só

consigo vê-la como a garotinha de tranças que eu provocava e puxava o cabelo. Definitivamente, não rola. Eu até deixaria toda essa confusão de lado, se Adam não estivesse envolvido. Iludido ou não pelo o que acredita sentir por ela, são os sentimentos do meu irmão envolvido. Não posso traí-lo dessa maneira. Ele tem o direito de escolher se quer ou não ignorar tudo isso e continuar com ela.

Abro os olhos. Não tenho mais como prolongar o assunto. Falaria com ele hoje. No entanto, ao levantar da cama, a última pessoa que imaginei ter em minha cama me deixa em choque.

— Porra! — salto da cama ao me deparar com a imagem à minha frente.

Cecilia nua, emaranhada em meus lençóis.

— Bom dia, querido — ela se espreguiça e me encara com um sorriso lânguido.

— Que merda você está fazendo aqui, Cecilia?

Não há a confusão em seu rosto como vibra em meu cérebro; parece que ele está prestes a detonar uma bomba relógio em minha cabeça.

Ao invés disso, Cecilia exhibe um olhar vitorioso e satisfeito.

— Eu sabia que a minha primeira vez... — murmura ela — Corrigindo, a nossa primeira vez, seria incrível.

Curvo meu corpo, apoiando as mãos nos joelhos, enquanto

faço um exercício de respiração. Sinto que vou vomitar.

— Que merda eu fiz?

Repito a pergunta sem parar.

Que merda eu fiz?!